

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO



EDITORA
NOVA
FRONTIERA

STEFAN
ZWEIG
24 HORAS
DA VIDA DE
UMA MULHER
E OUTRAS
NOVELAS







COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO

**STEFAN
ZWEIG**
24 HORAS
DA VIDA DE
UMA MULHER
E OUTRAS
NOVELAS

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO
ODILON GALLOTTI
SYLVIO ARAÚJO DE MOURA

PREFÁCIO
ALBERTO DINES



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020

Rio de Janeiro – RJ – Brasil Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem de capa: Retrato de Adele Bloch-Bauer (1907), técnica mista. Neue Galerie, Nova York.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Z96v Zweig, Stefan, 1881-1942

2. ed. 24 horas da vida de uma mulher e outras novelas / Stefan Zweig ; tradução Odilon Gallotti ,
Sylvio Aranha de Moura. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.

(Clássicos de ouro)

ISBN 9788520942772

1. Novela austríaca. I. Gallotti, Odilon. II. Moura, Sylvio Aranha de. III. Título. IV.
Série.

18-47971

CDD: 833
CDU: 821.112.2-3

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Prefácio](#)

[Novelas da adolescência](#)

[História narrada ao crepúsculo](#)

[A governanta](#)

[Segredo ardente](#)

[Pequena novela de verão](#)

[Novelas de sofrimento](#)

[Amok](#)

[Carta de uma desconhecida](#)

[A ruazinha ao luar](#)

[24 horas da vida de uma mulher](#)

[Confusão de sentimentos](#)

[Colofão](#)

PREFÁCIO

Balzac organizou seus romances num vasto painel ao qual intitolou *Comédia humana*, e Stefan Zweig (seu admirador e biógrafo) pretendia montar suas novelas como elos de uma cadeia. Daí o título original desta coletânea, *Die Kette, A corrente*, nome que serviu para a versão brasileira da Editora Guanabara (depois Delta).

Neste volume estão reunidas as mais famosas obras de ficção de Zweig, as que o converteram no mais celebrado escritor dos anos 1920 e 1930, campeão das traduções. *Amok*, *Carta de uma desconhecida*, *24 horas da vida de uma mulher* e *Confusão de sentimentos*, junto com as biografias de *Maria Antonieta*, *Maria Stuart* e *Fouché*, são os títulos mais lembrados da vasta obra do escritor austríaco até hoje, e não apenas pelas tiragens, mas porque foram adaptadas para o cinema americano e europeu.

Amok, primeiro sucesso popular de Zweig, vendeu 150 mil exemplares em língua alemã num par de anos, e *Confusão de sentimentos* (1926), em apenas três meses, foi avidamente comprada por trinta mil admiradores. Com a ferramenta psicanalítica — oriunda da amizade e um curto relacionamento terapêutico com Sigmund Freud —, Zweig conseguiu desvendar, para um público que começava a vislumbrar as complexidades da alma humana, o abismo das paixões, do desvario e da febre. Se nas biografias preferia os derrotados — figuras dúbias e controversas cuja entrada na História creditava a essa ambiguidade dramática —, na ficção Zweig fixou-se nas tramas armadas pelo delírio, o inconsciente assumindo as rédeas do arbítrio individual. A loucura pelo jogo, o amor ensandecido e a submissão apaixonada são os ingredientes das três principais novelas que Zweig, numa arquitetura simples, porém servida por uma prosa eletrizante, converte em obras-primas do gênero.

Stefan Zweig nasceu em Viena em 1881, filho de uma abastada família judaica. Aos vinte anos revela-se como poeta e, antes de completar os estudos universitários, chama a atenção como tradutor e biógrafo. A Primeira Guerra

Mundial forneceu a oportunidade para que sua sensibilidade fosse enriquecida pela noção do valor moral da obra de arte: engaja-se no grupo de pacifistas (Romain Rolland, Hermann Hesse, James Joyce e outros) refugiados na Suíça e, terminado o conflito, procura novo abrigo, dessa vez nas montanhas de Salzburgo, Áustria, onde, nos 15 anos seguintes, assiste às convulsões que culminaram com a ascensão de Hitler. Datam desse período suas obras mais importantes, inclusive a maioria das novelas deste volume. Em 1936, já com residência fixa em Londres, Stefan Zweig veio ao Brasil para uma rápida visita de dez dias. Encanta-se de tal forma com nosso país e nossa gente que promete voltar para escrever um livro. Em 1940, acompanhado da sua segunda mulher, Lotte, vem cumprir a promessa e começa a colher dados para *Brasil, país do futuro*, lançado simultaneamente em seis idiomas em 1941. Stefan volta ao Brasil no exato instante em que sua elegia era lançada. Algumas vozes criticaram-no asperamente por não ter analisado com mais profundidade a situação política (vivíamos sob o tacão do Estado Novo); outras, por ter ignorado nossos avanços materiais. Desgostoso, Zweig aluga um chalé em Petrópolis para aguardar o fim da guerra. O desespero fabricado pela solidão e a angústia com o irresistível avanço nazifascista o derrubaram. A 22 de fevereiro de 1942, cinco dias depois do Carnaval, Stefan Zweig e a mulher suicidaram-se. O humanista não aguentou o espetáculo de insanidade que a barbárie hitlerista havia desencadeado. No repertório de suas paixões não fora incluído o radicalismo político.

Alberto Dines

NOVELAS DA ADOLESCÊNCIA

A Ellen Key, como cordial recordação dos luminosos dias outonais de Bagni di Luca.

*Oh! infância, estreito cárcere, quantas vezes
Junto às tuas grades estive em pranto,
Quando fora, com asas áureas e azuis,
Em voo passava o pássaro, o incógnito!*

*Oh! noites de sofreguidão, nas quais a mão
No ferrolho se feria — já eu sentia no sangue,
Veementes, fremirem desejos prematuros —
Até que afinal o rompi e encontrei a liberdade!*

*Mal olhei em derredor e já me havia escapado.
O mundo era meu! Numa centena de ardentes frêmitos
Dissipou-se o dilatado sentimento.*

*Contudo a lembrança muita vez me causa mágoa:
Ó doce angústia das primeiras perplexidades!
Quem me dera regressar ao lar! Como eu era puro e despreocupado!*

HISTÓRIA NARRADA AO CREPÚSCULO

Terá o vento tornado a trazer chuva sobre a cidade, pois repentinamente nossa sala ficou tão escura? Não. O ar está com uma claridade argêntea e calma, como raramente nesses dias estivais, mas ficou tarde e não notamos. Somente as lucarnas ainda sorriem num leve brilho e o firmamento sobre a cumeeira está velado por uma fumaça cor de ouro. Dentro de uma hora será noite. Dentro de uma hora maravilhosa, pois nada é mais belo do que esta cor que pouco a pouco esmaece e se vai degradando, e depois, no interior das casas, as trevas se vão elevando do chão até que por fim os fluxos negros silenciosamente se reúnem nas paredes e nos arrastam em sua obscuridade. Se ali estamos sentados, uns em frente dos outros, e mutuamente nos olhamos, sem dizermos palavra, temos nessa hora a impressão de que os semelhantes que nos são familiares na sombra se tornam mais velhos, mais estranhos e mais afastados, como se nunca nos tivéssemos conhecido assim e nos olhássemos separados por grande distância e um período de muitos anos. Mas diga que não quer agora a mudez, pois nessas condições ouve-se com demasiada angústia o relógio decompor o tempo numa centena de pequenos fragmentos e no silêncio a respiração se torna ruidosa como a de um enfermo. Tenho de contar-lhe alguma coisa. Faço-o com muito gosto. Sem dúvida, não sobre minha pessoa, pois nossa vida nestas cidades intermináveis é pobre de fatos impressionantes ou parece-nos sê-lo, porque ainda não sabemos o que deles realmente nos toca. Todavia quero narrar-lhe uma história apropriada para esta hora, que só gosta verdadeiramente do silêncio, e desejo que ela possua algo dessa luz quente, branda e indecisa que se vê diante de nossas janelas.

Não sei como esta história me surgiu. Recordo-me apenas de que à tarde, ainda cedo, estive aqui sentado longo tempo, dei-me à leitura de um livro e depois o deixei cair, entregando-me a fantasias, talvez também a um ligeiro sono. De repente, vi aqui vultos que deslizavam pelas paredes e cujas palavras pude ouvir e cujas vidas pude ver. Mas, quando quis acompanhar com o olhar os vultos que desapareciam, estava de novo acordado e só. O livro jazia a meus pés. Levantei-o e indaguei-lhe sobre os vultos, mas nele já não encontrei a história; era como

se esta tivesse caído das páginas nas minhas mãos, ou lera-a numa daquelas nuvens multicores que chegaram hoje de terras longínquas à nossa cidade e levaram a chuva que tão longo tempo nos importunou. Ou eu a ouvira naquela cantiga velha e simples que um realejo rangera melancolicamente sob minha janela, ou ela me fora narrada por alguém, há anos. Não sei. Tais histórias chegam frequentemente a mim e deixo que seus fatos, divertindo-me, corram através de meus dedos, sem segurá-los, do mesmo modo que de passagem acariciamos espigas e flores de altos caules sem as colhermos. Estas histórias, somente na minha fantasia transformo-as num quadro repentino e colorido, num fio mais suave, porém não as apreendo. Já que queres que lhe conte uma história, vou fazê-lo agora, porque o crepúsculo nos provoca o desejo de vermos luzir diante de nossos olhos, que nele se tornam pobres, coisas variadas e movimentadas.

Como devo começar? Sinto que tenho de tirar das trevas uma figura e um vulto, pois é assim que em mim começam essas fantasias extravagantes. Já agora me recordo. Vejo um menino esbelto, que desce a escada de largos degraus de um castelo. É noite e uma noite de luar baço, porém abranjo, como por meio de um espelho iluminado, todos os contornos do seu corpo flexível e vejo, com nitidez, seus traços fisionômicos. É extraordinariamente belo. Penteados como os de uma criança, seus cabelos pretos caem sobre a fronte muito alta e as mãos que ele na escuridão estende para diante, a fim de sentir o do calor do ar aquecido pelo sol, são muito delicadas e nobres. Seu passo é lento. Meditativo, desce ao grande jardim sussurrante, cheio de árvores copadas e percorrido por uma única rua larga e calçada, que lembra uma passadeira branca.

Não sei quando tudo isso ocorreu, se ontem ou há cinquenta anos, e nem onde; mas creio que deve ter sido na Inglaterra ou na Escócia, pois só lá conheço castelos tão altos e construídos de lajes tão grandes, e que, vistos de longe, ameaçam como cidadelas arrogantes, e, quando vistos de perto, parecem curvar-se benevolentes para os jardins claros e floridos. Sim, agora tenho toda a certeza, foi na Escócia, pois só lá as noites de verão são tão claras que o firmamento tem um brilho lactescente como o de uma opala, e os campos não ficam escuros, de modo que de tudo parece desprender do seu interior uma claridade suave, e as sombras pousam sobre as superfícies claras como aves gigantescas. Oh! sim, agora estou inteiramente seguro, foi na Escócia e, se fizesse um esforço, acharia o nome desse castelo condal, bem como o do menino, pois agora rapidamente se desprende a crosta obscura do sonho e sinto tudo tão nítido, como se não fosse uma reminiscência, mas sim um fato a que estou assistindo. É verão, o menino

está hospedado em casa de sua irmã casada e, de acordo com o costume afável das famílias fidalgas inglesas, não se acha só; à noite reúne-se um bom número de companheiros de caçada, suas esposas e algumas jovens, criaturas belas e de porte esbelto, cuja alegria e mocidade, com riso e todavia sem barulho, ecoam nos velhos muros. De dia, os cavalos correm de um lado para o outro; veem-se cães com coleiras; além, singram o rio dois ou três botes; uma atividade que não é trabalho empresta ao dia um ritmo agradavelmente ligeiro. Mas agora é noite, o grupo deixou a mesa e dissolve-se. Os cavalheiros estão sentados na sala, fumam e jogam. Até meia-noite, das janelas iluminadas projetam-se no parque cones brancos de luz com contornos tremulantes; por vezes também chega até este uma risada franca e alegre. As senhoras, em sua maioria, já se acham recolhidas a seus quartos, uma ou duas talvez ainda estejam conversando no vestíbulo. E assim, à noite, o menino está inteiramente só. Junto dos cavalheiros ainda não pode permanecer, ou isso só é permitido por um momento, e outrossim receia a proximidade das senhoras, pois muitas vezes, quando abre a porta, estas prontamente abaixam a voz e ele percebe que conversam sobre coisas que ele não deve ouvir. Além disso, não gosta de sua companhia, pois elas o interrogam como a uma criança e ouvem com desatenção suas respostas; apenas se servem dele para mil pequenos obséquios e depois lhe agradecem, chamando-lhe um menino gentil. Por isso quis deitar-se e já havia muito subira a escada curva, mas o quarto estava demasiado quente, cheio de ar abafadiço, estagnado. Havia se esquecido de fechar as janelas de dia e o sol espalhara-se pelo aposento, aquecera a mesa e a cama, batera em cheio nas paredes e seu bafo sufocante ainda se irradiava, tremulante e agitado, dos cantos e das cortinas. Além disso, ainda era bastante cedo, e lá fora, como uma vela branca, luzia a noite estival, muito tranquila, calma, serena. O menino tornou então a descer a escada alta do castelo e dirigiu-se para o jardim, por cima de cuja abóbada escura o firmamento, com um brilho baço, jazia como uma auréola. Do jardim, um odor exalado por muitas flores invisíveis ia ao seu encontro e o atraía. O menino sentiu-se diferente. Na confusão dos seus 15 anos, não saberia dizer qual era a diferença, mas seus lábios tremiam, como se tivesse de dizer alguma coisa à noite ou erguer as mãos ou cerrar os olhos por longo tempo, como se houvesse entre ele e esta tranquila noite estival qualquer coisa de secreto e íntimo que requeria uma conversa ou um sinal de saudação. O menino deixa a alameda larga e descoberta e lentamente entra numa das estreitas aleias laterais, onde, no alto, as árvores pareciam abraçar-se por suas copas, que recebiam irradiações argêntas; mas embaixo havia a escuridão pesada da noite. O silêncio era

absoluto. Ao passeante, que estava inteiramente entregue a uma doce e incompreensível melancolia, apenas chegavam aquele ruído indescritível de quietude num jardim, aquela agitação crepitante como se caísse na relva uma chuva leve ou as hastes das plantas roçassem umas nas outras, produzindo um leve sussurro. Às vezes ele toca de leve numa árvore ou para a fim de escutar um ruído fugaz; o chapéu comprime-lhe a fronte e por isso tira-o, para sentir nas têmporas descobertas, onde o sangue zune, o sopro do vento modorrento. De repente, quando penetra mais na escuridão, sucede algo inaudito. Atrás dele o cascalho crepita levemente. Quando se volta assustado, avista somente um vulto alto e branco, que se dirige até ele e já está junto de sua pessoa, e com espanto sente-se cingido com força, mas sem qualquer violência, por uma mulher. Um corpo quente e macio une-se ao seu, uma mão roça rapidamente seus cabelos, causando-lhe um arrepio, e inclina-lhe a cabeça para trás: ele, atordoad, sente um fruto estranho e aberto junto à sua boca, lábios trêmulos que se colam aos seus e os sugam. Esse rosto está tão próximo que ele não lhe pode ver os traços. Também não se atreve a olhá-lo, pois tal qual uma dor, um calafrio percorre seu corpo, de modo que ele se vê obrigado a cerrar os olhos, e, como uma presa, abandonar-se passivamente a esses lábios ardentes. Indecisos, incertos como uma interrogação, seus braços cingem essa figura estranha e ele, rapidamente inebriado, aperta contra si o corpo desconhecido. Avidamente suas mãos deslizam ao longo de suas linhas suaves, param e prosseguem trêmulas, tornam-se mais febris e mais exaltadas. Um corpo agradavelmente pesado, que exerce cada vez maior pressão sobre o seu e já está muito inclinado, repousa agora todo o seu peso sobre o peito dele, que vai cedendo. O menino sente que está caindo e, sob essa pressão sufocante, seus joelhos já se dobram. Não pensa em coisa alguma, não cogita saber como esta mulher veio ter com ele nem qual é o nome dela; não faz senão, de olhos fechados, sorver desses lábios estranhos, perfumados e úmidos, a concupiscência até ficar inebriado, abúlico e cair num maravilhoso enlevo. A sua impressão é a de que repentinamente tivessem caído estrelas, tal é a cintilação diante dos seus olhos, e tudo em que ele toca treme e queima como chamas. Não sabe quanto tempo tudo isso dura, se faz horas ou segundos que está maciamente abraçado: na sensação violenta da luta voluptuosa, sente tudo inflamar-se e dirigir-se titubeante para um admirável aturdimento.

Em seguida, rompe-se subitamente, num arranco, a cadeia ardente. De improviso, quase agastado o braço cessa de comprimir o seu peito, o vulto

estranho se levanta e célere uma faixa branca de luz passa pelas árvores e desaparece antes que ele possa elevar as mãos para agarrá-la.

Quem foi? Quanto tempo durou isto? Opresso, aturdido, ergue-se, apoiando-se numa árvore. Entre as têmporas febris lentamente lhe retorna o pensamento calmo: sua vida parece-lhe ter recuado repentinamente mil horas. Teria subitamente se tornado realidade o que confusamente sonhara sobre as mulheres e a paixão? Ou fora apenas um sonho? Apalpa-se, passa a mão no cabelo. As têmporas latejantes estão úmidas e frias do orvalho da relva, sobre a qual eles haviam caído. Agora tudo passa como um relâmpago diante dos seus olhos, sente de novo arderem os lábios, respira o estranho perfume crepitante de volúpia que se exala de suas roupas, procura recordar-se de cada uma das suas palavras. Mas nenhuma lhe vem à mente. Com espanto, lembra-se então repentinamente de que ela nada disse, nem sequer pronunciou o seu nome. Recorda-se de que dela só conhece os suspiros transbordantes, a ameaça, os soluços, o odor dos cabelos desgrehados, a pressão quente dos seus seios, o esmalte de sua cutis. Sabe que sua figura, seu hálito, todo o seu afeto palpitante lhe pertenceram, mas não imagina quem seja essa mulher que o surpreendeu nas trevas com seu amor. Sabe que agora tem de, balbuciando, procurar um nome para designar sua surpresa, sua felicidade.

O que de inaudito ele há pouco experimentou com uma mulher parece-lhe sem valor algum e inteiramente nulo em comparação com o mistério cintilante, cujos olhos sedutores o fitam da escuridão. Quem era essa mulher? Rapidamente imagina todas as possibilidades, reúne diante do seu olhar as figuras de todas as mulheres que vivem no castelo, evoca todos os momentos em que houve alguma coisa de extraordinário, exuma todas as conversas tidas com elas, todos os sorrisos das cinco ou seis mulheres, as únicas que podem estar implicadas neste enigma. Teria sido a jovem condessa E., que frequentemente trata com muita aspereza seu marido, que já está envelhecendo, ou a jovem esposa de seu tio, que possui olhos tão singularmente ternos e apesar disso irisados, ou, possibilidade que lhe causou espanto, uma das três irmãs, suas primas, que pelos seus modos altivos, orgulhosos e secos muito se parecem entre si? Não, pois todas elas são criaturas por demais frias e circunspectas. Como um repudiado, um doente, nos últimos anos, desde que chamas ocultas nele se agitaram e, bruxuleando, caíram nos seus olhos, muitas vezes pensara na inveja que tinha de todos aqueles que estavam ou pareciam estar tão calmos, tão livres de arrebatamentos e tão sem apetites. Tivera medo de sua paixão nascente, como duma enfermidade. E agora...? Quem, quem entre todas essas mulheres saberia iludir assim?

Paulatinamente, a pergunta obstinada faz desaparecer do seu sangue a embriaguez. Já é tarde, as luzes na sala de jogos estão apagadas, no castelo só ele ainda está acordado, ele e talvez aquela outra pessoa, desconhecida. Aos poucos, a fadiga o vai dominando. Por que ainda está pensando nisso? Um olhar, uma piscadela, um aperto de mão mais íntimo no dia seguinte revelar-lhe-ão tudo. Pensativo, sobe a escada, pensativo como a desceu, mas extremamente mudado. Seu sangue ainda está levemente alvoroçado e o quarto aquecido parece-lhe agora mais claro e mais fresco.

Quando desperta na manhã seguinte, lá embaixo os cavalos já pateiam e escarvam. Ele ouve risadas e entre elas escuta o seu nome. Salta apressadamente do leito — o café da manhã está perdido —, veste-se com rapidez febril e vai precipitadamente para o andar de baixo, onde o recebem com alegria. “Dorminhoco”, diz-lhe rindo a condessa, e o riso brilha nos olhos claros desta. Um olhar curioso fixa-se no semblante dela. Não, não podia ter sido ela, seu riso é demasiadamente despreocupado. “Um sonho agradável?”, pergunta em tom zombeteiro a jovem esposa. Mas seu corpo delicado parece ao menino demasiadamente delgado. Célere, sua indagação voa de semblante em semblante, mas em nenhum encontra uma resposta sorridente.

Saem a passear a cavalo. O menino presta atenção a cada uma das vozes, a cada uma das linhas, das ondulações dos corpos femininos em movimento. Observa-lhes todas as inflexões e repara na maneira como as senhoras erguem os braços. Ao meio-dia, à mesa, durante a conversa, inclina-se para elas a fim de sentir-lhes o calor dos lábios ou o odor dos cabelos, mas nada, absolutamente nada, lhe fornece um sinal, uma leve pista na qual se possam lançar seus pensamentos exaltados. O dia parece não querer terminar. Quando começa a ler um livro, as linhas ultrapassam a margem e prolongam-se. Prolongam-se até o jardim, onde é outra vez noite, a admirável noite, e ele sente-se de novo enlaçado pelos braços da desconhecida. Deixa cair das mãos trêmulas o livro e dirige-se para o lago. Subitamente, para espanto seu, vê-se no local em que se dera a cena da véspera. À noite, durante o jantar, está febricitante, as mãos tremem, não ficam sossegadas, como se fossem perseguidas, os olhos timidamente se escondem sob as pálpebras. Quando, enfim, os presentes se levantam da mesa, sente-se feliz e voa da sala para o parque. Percorre num e noutro sentido cem vezes, mil vezes, o caminho branco que, como uma neblina lactescente, parece fugir sob seus pés. A sala já estará iluminada? Sim, está iluminada e no primeiro pavimento luzem algumas janelas. As senhoras retiram-se. Agora, se ela quiser vir, aparecerá dentro de alguns minutos. Mas estes lhe parecem não ter fim, tal a

sua impaciência. De novo anda num e noutro sentido, como se o movessem cordões invisíveis.

De súbito, o vulto branco desce a escada rapidamente, demasiado rapidamente para que ele o possa reconhecer. O vulto parece uma faixa de luar ou um véu perdido e flutuante entre as árvores, impelido por forte vendaval. Agora está em seus braços, que, cobiçosos, se cerram como garras em torno desse corpo fogoso que palpita com o calor produzido pela corrida apressada. Como na véspera, outra vez, durante um instante apenas, quando esta onda quente inopinadamente bate contra seu peito e ele crê desmaiar sob a ação de sua doce pancada, só quer entregar-se de corpo e alma à volúpia desconhecida. Mas então prontamente se extingue a embriaguez e ele refreia o seu ardor. Não, não deve perder-se nesta maravilhosa volúpia, não deve entregar-se a esses lábios antes de saber que nome possui o corpo que se prende tão estreitamente ao seu, a ponto de dar-lhe a impressão de que esse coração estranho e ruidoso pulsa no seu próprio peito! Ele inclina a cabeça para trás a fim de fugir ao beijo dessa mulher e ao mesmo tempo lhe ver o semblante, mas as sombras descem e à dúbia claridade misturam-se com o cabelo escuro. As frondes das árvores são demasiado densas, e demasiado baça está a luz da lua no céu nublado. Somente vê reluzirem os olhos quais pedras candentes, profundamente embutidas em mármore de tênue brilho.

Quer ouvir uma palavra, apenas uma partícula desprendida de sua voz. “Quem és, diz-me, quem és?”, falou ele. Porém esta boca macia e úmida possui somente beijos, e não palavras. Quer então arrancar-lhe violentamente o braço, crava-lhe profundamente as unhas na carne, mas sente apenas o suspiro partido de um peito tenso, o hálito ardente e o calor dos lábios obstinadamente mudos, que só às vezes gemem baixo, e ele não sabe se de dor ou de volúpia. O fato de não possuir força para vencer essa vontade obstinada, de esta mulher agarrá-lo no escuro, sem dizer quem é, de ter poder ilimitado sobre o corpo apetitoso e ignorar-lhe o nome desvaira-o. É tomado de raiva e procura desvencilhar-se dela, porém esta, percebendo a fadiga dos seus braços e sua inquietação, meiga e sedutoramente acaricia-lhe com mão nervosa o cabelo. Nesse momento, ele sente junto à fronte alguma coisa que tine levemente, um objeto de metal, uma medalha, uma moeda que pende do seu bracelete. Vem-lhe subitamente uma ideia. Como na mais brutal paixão, aperta a mão dela contra si e ao mesmo tempo comprime fortemente a moeda contra seu próprio braço seminu até que a superfície desta se grave em sua pele. Está agora em posse de um sinal seguro, e então, sentindo arder-lhe o corpo, entrega-se todo à paixão que antes refreara.

Preme-se com vigor contra o corpo dela, sorve a volúpia de seus lábios e cai nessa misteriosa chama de concupiscência de um enlace mudo.

Quando ela, tal qual na véspera, subitamente se levanta e foge, ele não procura detê-la, pois a curiosidade de ver o sinal ferve-lhe o sangue. Corre para o quarto, aumenta a chama da lâmpada e, sôfrego, curva-se sobre a marca deixada pela moeda em seu braço.

Esta já não está bastante nítida, já não se percebe todo o seu contorno, mas um dos ângulos ainda se acha claramente gravado e perfeitamente reconhecível. A moeda deve ser de ângulos vivos, octogonal e de tamanho médio, mais ou menos o de um pêni, porém deve ser mais plástica do que este, pois a depressão deixada na pele por uma elevação da moeda ainda está profunda. A marca queima como fogo, enquanto ele a contempla tão sofregamente, e de repente causa-lhe dor como uma ferida, e só quando mergulha a mão em água fria desaparece a ardência dolorosa. A medalha é octogonal: agora o menino está inteiramente seguro. O triunfo brilha no seu olhar. No dia seguinte saberá tudo.

No outro dia é um dos primeiros à mesa do almoço. Ali só estão três senhoras: uma solteirona, a irmã dele e a condessa. Todas estão alegres, conversam sem lhe dar atenção. Tanto melhor poderá observá-las. Célere, seu olhar inspeciona o pulso delgado da condessa: esta não traz o bracelete. Só então pode falar calmamente com ela, mas seu olhar nervoso se dirige continuamente para a porta. Entram agora juntas as três irmãs, suas primas. Torna-se de novo inquieto. Vê-lhes indistintamente as pulseiras sob as mangas, porém elas sentam-se demasiado depressa, justamente em frente a ele. Kitty, a de cabelo castanho, Margot, a loura, e Isabel, cujo cabelo é tão claro que no escuro brilha como prata e ao sol fulge como ouro. Todas as três, como sempre, mostram-se frias, calmas e esquivas, empertigadas na dignidade que o menino tanto odeia nelas porque não são muito mais velhas do que ele e há poucos anos eram suas colegas de brincadeiras. A jovem esposa do tio ainda não chegara. O coração do menino torna-se cada vez mais agitado. Mas seu olhar está curioso e passeia furtivamente pela beira da mesa, sobre cuja alvura as mãos das mulheres repousam ou se deslocam lentamente, como navios numa enseada resplandecente. Ele só vê as moças e estas de repente lhe parecem criaturas verdadeiras, figuras num palco, cada uma delas com vida e alma próprias. Por que o sangue lhe lateja assim nas têmporas? Nota com espanto que todas as três primas trazem pulseiras, e a ideia de que pode ser uma destas três mulheres tão altivas, na aparência tão irrepreensíveis, e que ele, mesmo nos anos de infância, sempre conhecera persistentemente retraídas, confunde-o. Qual delas será? Kitty,

que ele menos conhece, porque é a mais velha, a intratável Margot ou a pequena Isabel? Não ousa desejar nenhuma delas. No seu íntimo não quer que seja nenhuma das três, nem ao menos desejaria sabê-lo. Mas agora a curiosidade o arrasta.

“Poderia servir-me mais uma xícara de café, Kitty?” Sua voz soa como se ele tivesse areia na garganta. Passa-lhe a xícara e ela tem de erguer o braço e estendê-lo por cima da mesa até ele. Então vê uma medalha pendente do bracelete e fica com a mão parada um instante, porém não, é uma pedra verde, redonda, que lembra ligeiramente a porcelana. Como um beijo, seu olhar de agradecimento acaricia o cabelo castanho de Kitty.

Durante um instante toma fôlego. “Poderia passar-me um tablete de açúcar, Margot?” Uma mão delgada surge do outro lado da mesa, estende-se, reflete-se sobre um açucareiro e passa-o ao menino. E então — sua mão oscila levemente — ele vê na altura em que o pulso se esconde sob a manga, pendente de uma argola finamente traçada, uma antiga moeda de prata, octogonal, das dimensões dum pêni, sem dúvida uma joia de família. Mas octogonal, com os ângulos vivos, que ontem causaram ardor em sua carne. Sua mão não adquire maior firmeza, por duas vezes a pinça não consegue retirar um tablete. Só depois adiciona um no café que esquece de tomar. Margot! Este nome estua-lhe nos lábios numa exclamação de enorme surpresa, porém o menino cerra os dentes. Ouve então Margot falar — e a sua voz lhe parece estranha, como se alguém falasse do alto duma tribuna — calma e refletidamente, gracejando ligeiramente e com respiração tão tranquila que ele quase fica horrorizado diante do terrível fingimento da vida dela. Será esta, realmente, a mesma mulher cujos gemidos ele na véspera abafou, cujos lábios úmidos sorveu, que de noite se lançou sobre ele como um animal de rapina? Não cessa de olhar para esses lábios. Sim, a obstinação, a reserva podiam se ocultar nesses lábios incisivos, mas que lhe revelavam o ardor? Lança um olhar mais penetrante para o seu rosto como se pela primeira vez o visse, e pela primeira vez percebe com júbilo, fremente de felicidade e quase em pranto, como Margot é bela nesse orgulho, como é sedutora em seu segredo. O olhar do menino copia voluptuosamente a linha curva de suas sobrancelhas, que de repente se eleva em ângulo agudo, penetra fundo na cornalina fria de seus olhos pardo-esverdeados, beija a cútis pálida e levemente transparente de seu rosto, torna mais proeminentes e macios para o beijo os lábios agora muito tensos, vagueia em volta do cabelo louro e, numa descida rápida, abrange sensualmente todo o corpo. Até este momento nunca a

conhecera. Ao levantar-se da mesa, tremem-lhe os joelhos. Está inebriado pelo seu semblante como por um vinho forte.

Lá embaixo sua irmã o chama. Os cavalos estão prontos para o passeio matinal, agitam-se nervosos e impacientes, mordem os bridões. Rapidamente, uns após outros, ganham as selas e partem todos numa cavalcada garrida pela larga alameda do jardim. A princípio em trote lento, cuja consonância indolente tão pouco se quadra com o ritmo acelerado do sangue do menino. Mas, transposto o portão, soltam as rédeas e lançam-se à direita e à esquerda da estrada, nos prados, que ainda apresentam um pouco de neblina da manhã. Deve ter caído orvalho durante a noite, pois sob o véu de neblina brilham centelhas inquietas e a atmosfera está como que agradavelmente refrescada por uma cachoeira próxima. O grupo logo se dissolve, a corrente rompe-se em fragmentos coloridos, alguns cavaleiros já desapareceram na floresta e entre as colinas.

Entre os que vão na dianteira está Margot. Ela gosta do abalo violento, da impetuosidade do vento, que lhe puxa os cabelos, da sensação indescritível do zunido causado pelo avanço em largo galope. Atrás de Margot segue o menino. Este vê o seu corpo altaneiro que, com os movimentos intensos, descreve uma linha elegante; vê às vezes seu semblante tomado de um leve rubor e o brilho dos seus olhos, e agora ele a reconhece. Desesperado, sente amor repentino, desejo. Assalta-o uma ânsia ardente de agarrá-la agora, arrancá-la da montaria, prendê-la em seus braços, sorver de novo aqueles lábios indômitos e amparar no seu peito as pancadas vibrantes daquele coração alvoroçado. Dá uma chicotada no seu cavalo e este, relinchando, anda mais depressa.

O menino está agora ao lado da jovem, seu joelho quase roça o dela, os estribos tocam-se de leve. Agora tem de falar-lhe, não pode deixar de fazê-lo. “Margot”, balbucia. Ela volta a cabeça, e suas sobranceiras cerradas elevam-se. “Que é, Bob?”, pergunta, calmamente. Seus olhos estão muito calmos e brilhantes. Um calafrio percorre o menino da cabeça aos pés. Que quis dizer? Já não o sabe. Em resposta, balbucia uma palavra qualquer. “Estás cansado?”, pergunta ela, com certo ar de escárnio, no modo de pensar dele. “Não, mas os outros estão muito para trás”, diz ele com esforço. Sente que está na iminência de cometer um desatino, de estender subitamente os braços para ela ou desatar a chorar ou espancá-la com o chicote, o qual, como que eletrizado, treme em suas mãos. De supetão, refreia o cavalo, que empina. Ela continua a correr altiva, orgulhosa e inacessível.

Dentro de pouco, os outros o alcançam. À sua direita e à sua esquerda ouve falarem com animação, mas as palavras e as risadas passam por ele como o ruído das patas dos cavalos. Atormenta-o o fato de não haver tido coragem de falar a ela de seu amor e obrigá-la a uma confissão; a ânsia de subjugar-la torna-se cada vez mais violenta e, como um céu rubro, cai diante de seus olhos sobre a paisagem. Por que não zombar dela do mesmo modo que ela, com sua obstinação, zombou dele? Inconscientemente ele faz o cavalo correr e só então, na disparada, se sente mais aliviado. Os outros lhe dizem que é hora de voltar. O sol já está acima da colina e quase a pino. Dos campos chega um perfume suave e vaporoso, as cores tornaram-se muito vivas e, como ouro derretido, causam dor nos olhos. Sobre a paisagem corre um calor abafadiço, os cavalos suados já troteiam mais preguiçosamente, exalam um vapor quente e ofegam. Aos poucos a caravana se reúne, a alegria diminui, a conversa torna-se ainda mais rara.

Também Margot reapareceu. Seu cavalo está coberto de espuma, flocos brancos tremem em seu vestido e o coque ameaça desmanchar-se, tão frouxos estão os grampos. O menino olha como que encantado para o coque louro, e o pensamento de que, dum momento para outro, este poderia desmanchar-se, ficando as tranças soltas ao vento, deixa-o frenético. Já no extremo da estrada aparecem o portão do jardim e, além dele, a rua larga que conduz ao castelo. O menino passa cautelosamente ao lado dos outros e é o primeiro a chegar. Apeia-se, entrega a rédea ao criado, que acorre pressuroso, e espera por eles. Entre os últimos que chegam, acha-se Margot. Vem a trote lento, traz o corpo molemente reclinado para trás, exausta como após uma volúpia. E sente que assim deveria estar ela, depois de satisfeita sua sensualidade. Assim deveria estar na véspera e na antevéspera à noite. Esta lembrança torna-o outra vez impetuoso. Dirige-se para a jovem. Ofegante, ajuda-a a apear-se.

Ao segurar o estribo, sua mão cinge febril o tornozelo delicado. “Margot”, suspirando, murmura baixo. Ela nem sequer responde com um olhar e, ao apear-se calmamente, segura a mão que lhe é estendida.

“Margot, como você é admirável”, balbucia o menino mais uma vez. Ela lança-lhe um olhar penetrante e franze o cenho. “Creio que está embriagado, Bob! Que está dizendo?” Irado com a dissimulação, cego de paixão, ele aperta a mão que ainda não soltara fortemente contra si, como se quisesse cravá-la no seu peito. Margot, rubra de cólera, dá-lhe tão violento empurrão que ele vacila, e apressadamente ela se afasta.

Tão rápida, instantaneamente se passou tudo isso que ninguém o percebeu, e a ele mesmo parece que foi apenas um sonho angustiante. Está tão pálido, tão

inquieto durante o resto do dia que a loura condessa, passando por ele, afaga-lhe a cabeça e pergunta se está sentindo alguma coisa. O menino está tão zangado que enxota com um pontapé o seu cão, e mostra-se tão desajeitado no jogo que as jovens se riem dele. A ideia de que nessa noite ela não o procurará envenenar-lhe o sangue, causa-lhe irritação e mau humor. Estão todos reunidos no jardim tomando chá, e Margot está em frente a ele, porém não o olha. Os olhos do menino, como que atraídos por um ímã, se dirigem constantemente para os dela, mas estes se mostram frios e tranquilos como uma rocha, não dão resposta. Exaspera-se por estar ela se divertindo desse modo. Quando Margot se volta de repente para o outro lado, ele cerra o punho e sente que poderia calmamente atirá-la ao chão.

“O que você tem, Bob? Está tão pálido”, diz, de repente, uma voz. É a pequena Isabel, a irmã de Margot. Nos olhos da interlocutora brilha uma luz ardente e suave que ele, porém, não nota. Sente de algum modo que já percebem o que se passa com ele e replica furioso: “Deixe-me em paz com suas malditas apreensões!” No mesmo instante arrepende-se, pois Isabel empalidece, afasta-se e diz com voz lacrimosa: “Mas você está agindo de forma estranha.” Todos olham aborrecidos e quase com ameaça para ele, que percebe sua incorreção. Mas, antes que possa desculpar-se, ouve-se uma voz rija, incisiva como o gume de uma faca. É a voz de Margot, que está do outro lado da mesa: “Acho Bob, para sua idade, muito inconveniente. É um erro tratá-lo como um cavalheiro ou simplesmente como um adulto.”

Margot é quem diz isso; Margot que, ainda na noite anterior, lhe oferecera os lábios. Ele sente tudo girar ao seu redor e vê uma névoa diante dos olhos. A cólera apodera-se dele. “Justo você já deveria saber disso!”, retruca com uma entonação perversa e levanta-se. Com o movimento repentino, a cadeira tomba de costas, porém ele não se volta para trás.

Contudo, por muito insensato que lhe pareça, à noite encontra-se outra vez no jardim e pede a Deus que ela apareça ali. Quem sabe? Talvez sua atitude não passasse de disfarce e teimosia. Não, não queria mais interrogá-la e torturá-la. Oh! se ela viesse, oh! se lhe fosse dado sentir de novo em sua boca a avidez fogueira desses lábios macios e úmidos que selam todas as perguntas! O tempo parece ter parado. Como um animal indolente e inerte, a noite repousa diante do castelo; os minutos parecem horas. O leve zumbido na relva em torno dá-lhe a impressão de vozes zombeteiras; os galhos e ramos parecem-lhe mãos escarninhas, que de leve se movem e brincam com as próprias sombras e com o tênue brilho da luz. Todos os ruídos são confusos e estranhos, incomodam mais

do que o silêncio. Em certo momento é um cão que ladra ao longe, depois é uma estrela cadente que cruza o firmamento e cai num lugar qualquer atrás do castelo. A noite parece ficar cada vez mais clara, as sombras das árvores sobre o caminho são cada vez mais escuras e os ruídos cada vez mais confusos. Então nuvens cobrem de novo o firmamento, cocasionando uma escuridão franca, melancólica. Esta solidão cai penosamente sobre aquele coração febril.

O menino anda para lá e para cá. Cada vez mais depressa e com passos mais fortes. Às vezes, com raiva, bate numa árvore ou esmaga-lhe a casca entre os dedos com tanta violência que estes sangram. Não, ela não virá, ele já o sabia, porém não quer acreditar; então ela nunca mais virá, nunca mais. É o momento mais amargo de sua vida. Ele é tão infantil em sua paixão que se atira com violência sobre o musgo úmido, crava os dedos no solo, lágrimas lhe escorrem pela face e, exasperado, soluça, chora como jamais chorou quando criança e nunca mais poderá chorar.

De repente, um crepitar leve no meio do arvoredor vem tirá-lo do desespero. Quando se põe de pé e estende as mãos, às cegas e às apalpadelas, recebe de novo em seus braços aquele corpo com o qual sonhara ardentemente. Esse embate repentino e quente contra seu peito é admirável. Um soluço parte de sua garganta, todo seu ser está entregue a um espasmo imenso e ele aperta contra si com tanto vigor esse corpo esbelto e arredondado que daqueles lábios estranhos e mudos irrompe um gemido. Quando a sente gemer sob sua força, tem pela primeira vez consciência de que a domina e não é, como na véspera e na antevéspera, a presa do seu capricho. Sente vontade de torturá-la para vingar-se da tortura que sofrera durante tantas horas, de puni-la pela sua obstinação, pelas palavras de desprezo proferidas à tarde diante de outras pessoas, pela sua vida fingida. O ódio está tão inseparavelmente misturado com seu ardente amor que este enlaçamento é mais uma luta do que uma ternura. Agarra-a pelos pulsos finos, de modo que todo o seu corpo arquejante, fremente, se contorce, e a atrai de novo tão impetuosamente para si que ela não se pode mover e apenas solta constantes gemidos abafados, que ele não sabe se são de gozo ou de dor. Todavia não consegue arrancar dela palavra alguma. Quando comprime os lábios dela com os seus e ao mesmo tempo os suga para reprimir também esse gemido abafado, sente neles uma umidade quente, sangue, sangue coagulado, tal foi a força com que os dentes dela lhe morderam os lábios. E assim a tortura até que de repente ele sente suas forças fugirem e a onda quente da volúpia se levantar, e então, peito colado a peito, ambos ofegam. Chamas precipitaram-se sobre a noite, estrelas parecem tremeluzir diante dos olhos do adolescente, tudo se

perturba, os pensamentos cruzam-se sem ordem e todas as coisas só possuem um nome: Margot. Em voz baixa, do mais profundo da alma e no mais ardente transporte, solta afinal o nome que é ao mesmo tempo júbilo e desespero, desejo ardente e ódio, raiva e amor, um grito que em si encerra o tormento de três dias: Margot, Margot, e nessas duas últimas sílabas soa para ele a música do universo.

Parece-lhe que um raio percorre seu corpo. De repente cessa a impetuosidade do enlace. Um empurrão rude e rápido, um soluço, um pranto, e já de novo há fogo nos movimentos, mas apenas para libertar-se como que de um contato odioso. Procura detê-la, porém ela luta com ele, que percebe, à aproximação do rosto, lágrimas de raiva sobre as faces e o corpo esbelto recurvado para trás. De chofre ela o repele com um empurrão áspero e foge. O brilho do seu vestido aparece entre as árvores e logo some nas trevas.

E ele ali se acha de novo só, sobressaltado e confuso como da primeira vez, quando o calor e a paixão subitamente fugiram dos seus braços. As estrelas apresentam um brilho úmido diante dos olhos do adolescente, e o sangue estua-lhe na fronte. Que lhe aconteceu? Ao longo do renque de árvores que vão se tornando mais espaçadas, às apalpadelas, afunda-se mais no jardim, em direção ao local onde ele sabe que jorra a pequena fonte, e deixa a água desta correr sobre as mãos, água branca, argêntea, que lhe murmura e tem um brilho maravilhoso ao reflexo da lua, a qual de novo vai lentamente emergindo das nuvens. Agora que seu olhar se torna mais claro, dele se apodera prodigiosamente, como se fosse soprada das árvores pelo vento morno, uma profunda tristeza. Essa, com calor de lágrimas, brota de seu peito e ele agora sente, com maior intensidade e nitidez do que nos instantes em que os dois se achavam convulsamente enlaçados, a grandeza do amor que nutre por Margot. Tudo que havia nele até este momento desapareceu: a embriaguez, o frêmito, o espasmo de posse e a raiva por causa do segredo guardado. O amor prende-o melancólica, doce e inteiramente, um amor já quase sem desejo, contudo excessivamente poderoso.

Por que a torturou tanto? Pois não lhe deu ela muitíssimo nessas três noites, sua vida não passou, subitamente, de um crepúsculo turvo para uma luz cintilante e perigosa, desde que ela lhe ensinou a ternura e os frêmitos indomáveis do amor? E em lágrimas e irada ela se afastara dele! Surge nele uma vontade irresistível de reconciliação, de uma palavra suave, serena, um certo anseio de segurá-la calmamente e sem desejo pelo braço e dizer-lhe quanto lhe é grato. Sim, quer ir humildemente ter com ela e dizer-lhe com que pureza a ama e

que nunca mais quer pronunciar o seu nome, nunca mais quer fazer uma pergunta proibida.

A água murmura e ele é obrigado a pensar nas lágrimas de Margot. Talvez esteja agora inteiramente só no seu quarto, continua ele a refletir, ouvindo a noite cochichante que escuta a todos e a ninguém consola.

Estar perto e ao mesmo tempo estar longe dela, sem vislumbrar os seus cabelos, sem ouvir uma palavra sua meio perdida na atmosfera, e, apesar disso, estarem os dois presos um ao outro, alma com alma, torna-se para ele um tormento insuportável. O desejo de estar próximo dela, ainda que fosse como um cão deitado diante de sua porta ou como um mendigo sob sua janela, torna-se irresistível.

Ao esgueirar-se tímido da escuridão das árvores, vê pela janela que no quarto de Margot, no primeiro andar, a luz ainda está acesa. É uma luz fraca, sem brilho, amarela, que mal clareia as folhas do frondoso bordo, que com os seus ramos chega até à janela e nesta bate como mãos e que avança e de novo recua ao vento, como um espião sombrio e gigantesco diante da pequena vidraça. A ideia de que Margot ainda esteja acordada, talvez ainda chorando ou pensando nele, perturba o menino a tal ponto que este tem de apoiar-se numa árvore para não cambalear. Fascinado, fixa o olhar na janela. As cortinas brancas, brincando irrequietamente sob a ação da corrente de ar, avançam no escuro, ora parecem de ouro na irradiação da luz da lâmpada, ora de prata, quando, voando, atingem o feixe de luar que se infiltra e brilha entre as folhas redondas. A vidraça, aberta para o lado de dentro, espelha esse perpassar de sombra e luz como tecido frouxo de reflexos luminosos. Mas ao menino apaixonado, que agora, com olhar ardente, do escuro fita para cima, parece que estão desenhadas no vidro brilhante ruínas escuras que descrevem o seu passado. Do correr das sombras, do brilho prateado que, como uma fumaça tênue, passa sobre a superfície polida, das percepções fugazes, sua fantasia faz figuras que se agitam. Ele vê Margot, altiva e bela, com os cabelos soltos — oh! os cabelos louros e revoltos —, vê-a na inquietude de seu sangue andar de um lado para outro do quarto, vê-a a arder no calor de sua paixão, soluçando de raiva. Vê agora, através das altas paredes, como se estas fossem de vidro, os menores movimentos da jovem: erguer as mãos, cair sobre uma cadeira e, muda e desesperada, fitar o firmamento estrelado. Quando, por um instante, a vidraça se ilumina, ele crê reconhecer o semblante dela, ansiosamente inclinado a fim de olhar para o jardim que dormia, a fim de vê-lo. Então, seu sentimento ardente, imperioso, apesar de contido, vence-o, e ele grita para cima: “Margot!... Margot!”

Não deslizou rapidamente pela vidraça algo branco, como se fosse um véu? Acredita tê-la visto nitidamente. Escuta. Mas não percebe movimento algum. Atrás dele aumenta a exalação leve das árvores adormecidas, e a crepitação na relva produzida pelo vento indolente ora se torna mais distante, ora mais próxima, como uma onda quente que, murmurando, passa levemente. A noite respira calmamente e a janela está muda, como uma moldura de prata em volta de um quadro escuro. Será que ela não o ouviu? Ou não quererá mais ouvi-lo?

Este brilho tremulante em torno da janela deixa-o inteiramente confuso. O coração do menino lança com violência o seu desejo contra a casca da árvore, que parece tremer diante de tão veemente paixão. Ele sabe apenas que precisa vê-la, agora, falar-lhe, mesmo que tenha de gritar seu nome de tal modo que as pessoas apareçam ou despertem. Sente agora que algo tem de acontecer, o maior absurdo parece-lhe possível, assim como no sonho todas as coisas são fáceis e capazes de serem conseguidas. Quando seu olhar mais uma vez se eleva para a janela, vê de repente a árvore estender seu galho como um guia e sua mão agarra com mais força o tronco. Subitamente, tudo se lhe torna claro: ele tem que subir na árvore — o tronco é, com efeito, grosso, mas é macio e suave ao tato — e do alto, a um palmo de distância de sua janela, chamá-la, conversar com ela e não descer enquanto ela não o perdoar. O jovem não perde nem um segundo em reflexão, só vê a janela a atraí-lo e a brilhar levemente, e sente a seu lado a árvore, forte e pronta para suportá-lo. Alguns movimentos rápidos, agora mais um impulso, e suas mãos já estão presas a um galho e elevam energicamente o corpo. E agora ele está pendurado no alto, quase junto à copa que se agita. Este ciciar ondulante estende-se até as últimas folhas, e o galho que avança em direção à janela curva-se mais como se quisesse advertir a moça do que ali se passa, e que ela está longe de imaginar.

O menino já está vendo o teto branco do quarto e, no meio deste, o círculo luminoso da lâmpada, que fulge como ouro. Tremendo ligeiramente de emoção, sabe que logo a verá chorando ou soluçando ou na nudez sensual do seu corpo. Os braços relaxam-se, mas ele recupera sua energia. Escorrega lentamente para a extremidade do galho que está voltado para a janela, os joelhos sangram um pouco, uma das mãos está ferida, porém ele continua a avançar e já está quase na claridade da janela. Alguns ramos impedem ainda a vista final, tão desejada, mas quando levanta a mão para afastá-los e já o raio de luz incide sobre ele, quando se curva para a frente e treme, seu corpo vacila, perde o equilíbrio e cai ao solo. Dá-se na relva um baque surdo como o produzido pela queda de um fruto pesado. No primeiro andar, um vulto chega à janela e, inquieto, olha para fora,

mas a escuridão está imóvel e tranquila, como um lago que acolheu nas suas águas uma pessoa que submergiu. Pouco depois se apaga a luz no quarto, e o jardim, sob um luar incerto como um espectro, vela sobre as sombras mudas.

Passados alguns minutos, o menino desperta do seu torpor. Dirige um olhar rápido de estranheza para cima, onde o pálido firmamento, com algumas estrelas errantes, olha friamente para ele. Sente então no pé direito uma terrível e súbita dor lancinante, que quase o faz gritar quando tenta realizar o primeiro leve movimento. Imediatamente, sabe o que lhe aconteceu. E sabe também que não pode permanecer deitado ali sob a janela de Margot, nem pedir socorro, chamar por alguém ou fazer barulho. De sua fronte goteja sangue; deve ter caído contra uma pedra ou um pedaço de madeira. Com a mão, limpa o sangue, a fim de que este não lhe escorra para os olhos. Inteiramente encurvado para o lado esquerdo, tenta, cravando as mãos profundamente no solo, arrastar-se devagar. Toda vez que algo encosta na perna fraturada, ele sente uma dor tão aguda que teme desmaiar. Todavia continua a arrastar-se lentamente. Gasta quase meia hora para chegar à escada e já sente seus braços sem forças. Em sua fronte mistura-se com o sangue, que cai em gotas viscosas, um suor frio. A última coisa, a mais difícil, está ainda por vencer: a escada, que ele sobe muito lentamente, entre as mais cruciantes dores.

Quando chega ao topo e segura tremendo o corrimão, está com a respiração ofegante. Arrasta-se ainda mais um pouco, até a porta da sala de jogos, onde ouve vozes e vê a luz acesa. Puxa o trinco e subitamente, como que arremessado, precipita-se pela porta que se abre para dentro da sala.

Seu aspecto deve ser terrível quando ele entra, com o rosto ensanguentado sujo de terra, e cai imediatamente no chão como um fardo, pois os cavalheiros levantam-se rapidamente, as cadeiras vão umas de encontro às outras, e todos se apressam em socorrê-lo. Com cuidado é transportado para o sofá. Ainda consegue balbuciar algumas palavras; diz que caiu da escada quando se dirigia para o parque; em seguida faixas negras caem subitamente diante dos seus olhos, tremem e o envolvem inteiramente; ele perde os sentidos e não sabe de mais nada.

Sela-se um cavalo e vai-se buscar um médico na localidade mais próxima. O castelo, alvoroçado, agita-se como um fantasma; nos corredores aparecem luzes tremulantes como pirilampos, vozes cochicham e das portas perguntam o que aconteceu, os criados acorrem, assustados e sonolentos, e finalmente o menino é levado desacordado para o seu quarto.

O médico verifica uma fratura na perna e tranquiliza todos, dizendo que não há perigo algum e que o menino apenas teria de permanecer muito tempo imóvel. Quando se leva isto a seu conhecimento, ele sorri ligeiramente. Não lhe é difícil, pois é agradável ficar assim deitado, sozinho, durante muito tempo, sem ruído e sem pessoas, num quarto claro, alto, de encontro ao qual sussurram os cimos das árvores, quando se quer sonhar com uma mulher que se ama. É agradável na quietude pensar em tudo, sonhar com ela, não ser perturbado por todas as ocupações e todos os deveres, ficar intimamente a sós com essas ternas imagens oníricas, que se aproximam do leito quando por um instante se fecham as pálpebras. O amor talvez não possua momentos de mais bela tranquilidade do que os desses pálidos sonhos crepusculares.

Nos primeiros dias a dor ainda é intensa. Todavia a ela se associa um prazer especial. A ideia de a estar sofrendo por causa de Margot, da sua amada, dá ao menino uma ideia muito romântica e quase exagerada de sua pessoa. Gostaria, pensa ele, de ter no rosto um ferimento rubro como sangue, de modo que constantemente o pudesse trazer descoberto como um cavaleiro trazia as cores de sua dama, ou seria agradável nunca mais despertar, mas sim ficar caído por terra, esfaqueado diante de sua janela. E continua a sonhar que ela desperta pela manhã, porque ouve de sua janela a algazarra; que, curiosa, olha para baixo, e o vê esfaqueado e morto por sua causa. E vê como ela cai por terra com um grito, ouve esse grito retumbante, vê depois seu desespero, seu pesar, vê-a durante uma longa vida, completamente conturbada, andar de luto, triste e grave, mostrando uma leve contração nos lábios quando lhe perguntam o motivo de sua dor.

Assim, ele sonha dias a fio, a princípio apenas de olhos fechados, depois também com olhos abertos, já acostumado com a evocação agradável da figura querida. Nenhuma hora se passa sem que ele veja sua figura deslizar como uma sombra clara pelas paredes, sem ouvir sua voz no gotejar da água das folhas e no crepitar da areia ao calor intenso do sol. Longas horas conversa, assim, com Margot, ou sonha estar com ela em viagens e passeios maravilhosos. Por vezes, porém, acorda perturbado por essas fantasias. Ela realmente viveria em luto por ele? Recordar-se-ia dele?

Ela, às vezes, vai visitar o doente. Não raro, quando em pensamento conversa com ela e lhe parece que a sua figura está diante dele, abre-se a porta e ela entra, alta e bonita, mas é bem diferente da criatura que aparece no sonho, pois não é meiga e não se inclina emocionada para beijar a sua fronte, como aquela Margot ideal, mas senta-se apenas junto da sua espreguiçadeira, pergunta-lhe como está, se sente dores e conta-lhe várias coisas. Ele sempre se acha tão agradavelmente

tímido e confuso com sua presença que não ousa olhar para ela; frequentemente cerra as pálpebras para melhor ouvir sua voz e para receber mais profundamente no seu íntimo o som de suas palavras, essa verdadeira música que depois, ainda por algumas horas, paira vibrante em torno dele. Responde-lhe com hesitação, pois gosta muito de permanecer silencioso quando só ouve a respiração de sua amada, e assim sente no seu íntimo que está a sós com ela no universo. Quando ela se levanta e se dirige para a porta, ele, apesar da dor, endireita-se penosamente na cadeira, a fim de gravar em si todas as linhas de sua figura em movimento, a fim de ainda uma vez vê-la antes que a mesma caia de novo na realidade incerta de seus sonhos.

Quase diariamente Margot vai visitá-lo. Porém Kitty também não vai, e Isabel, a pequena Isabel, que sempre o olha tão espantada e lhe pergunta, com sua voz suave e cheia de receio, se ele não está melhor? Não o visitam diariamente sua irmã e as outras senhoras e não são todas, na verdade, igualmente afetuosas com ele? Não permanecem também junto dele e não lhe contam histórias variadas? Até mesmo demoram-se, pois com sua presença afugentam-lhe a fantasia, tiram-no da sua quietude meditativa com conversas indiferentes e frases tolas. Ele gostaria que nem todas elas lhe aparecessem, apenas Margot o visitasse, sozinha, apenas durante uma hora, apenas durante alguns minutos, e depois ficasse outra vez a sós, a fim de sonhar tranquilamente com ela, sem ser importunado, ligeiramente alegre, como que transportado por nuvens suaves, inteiramente ensimesmado e tomado pelas imagens consoladoras do seu amor.

Por isso, às vezes, quando ouve alguém mover o trinco, cerra as pálpebras e finge que está dormindo. Os visitantes então se retiram silenciosamente; ele ouve o ruído do trinco que se fecha e sabe que pode se lançar de novo à torrente tépida de seus sonhos, ser arrastado suavemente por eles para os mais atraentes e longínquos lugares.

Certa vez lhe sucedeu o seguinte: Margot estivera, embora por pouco tempo, junto dele, porém lhe trouxera no cabelo todo o perfume do jardim, a emanção inebriante do jasmim em flor e o calor dos raios do sol de agosto. Sabia então que nesse dia não devia esperá-la mais. Uma tarde longa e clara haveria de ser essa, radiosa de fantasias, pois ninguém mais o perturbaria, porque todos saíram a passear a cavalo. E quando a porta de novo subitamente se abre, ele cerra os olhos e finge dormir. Mas a mulher que entra — ele o ouve nitidamente — não se retira, mas fecha a porta sem fazer ruído para não despertá-lo. Cuidadosamente, quase sem tocar o chão, dele se aproxima. Ele escuta um roçar

de vestido e a ouve sentar-se junto ao leito. Através das pálpebras cerradas, ele, vermelho como púrpura, percebe que o olhar dela está em seu rosto.

O coração começa a bater-lhe desordenadamente. Será Margot? Não há dúvida. Ele o sente, mas é mais doce, mais veemente, emocionante, um encanto mais íntimo, mais voluptuoso não abrir agora os olhos e apenas sentir que ela está junto dele. Que fará ela? Os segundos parecem não ter fim. Ela somente olha sem cessar para ele e escuta seu sono. Esta consciência incômoda e, apesar disso, inebriante de estar abandonado, indefeso e cego, à contemplação por parte da jovem, de saber que se agora abrisse os olhos, estes imediatamente, como um manto, envolveriam em sua ternura o rosto assustado de Margot, eletriza todo o seu corpo. Mas ele não se move, contém a respiração e espera, espera.

Nada acontece. Parece-lhe apenas que ela se inclina mais para ele, que está sentindo mais próximo do seu rosto aquele suave perfume, aquele suave e úmido perfume de lilás, que já conhece dos seus lábios; em seguida — como uma onda quente, o seu sangue espalha-se por todo o corpo —, ela põe a mão sobre o leito e a passeia levemente por cima da coberta, ao longo do seu braço. Ele sente estes atritos como um fluxo magnético e o sangue afluí-lhe cada vez mais impetuosamente. Maravilhosa é a sensação dessa suave ternura, que inebria e ao mesmo tempo agrilha.

Lenta quase ritmicamente essa mão continua a acariciar-lhe o braço. Entreabre então furtivamente os olhos. A princípio só percebe uma claridade vermelho-púrpura, uma nuvem de luz agitada, em seguida percebe a coberta de malhas escuras, que está estendida sobre o seu corpo, e depois a mão acariciadora como se ela viesse de longe; entrevê apenas uma claridade branda, estreita, que avança como uma nuvem clara e de novo recua. Pouco a pouco vai abrindo mais os olhos. Agora a reconhece nitidamente, os dedos são brancos e brilham como porcelana; vê como eles, suavemente curvados, roçam num e noutro sentido, brincando, e, apesar disso, cheios de vida. Como tentáculos, aproximam-se e de novo se retiram, e ele sente nesse momento a mão como alguma coisa sua, verdadeira e viva, como um gato que se prende ao vestido, como uma gatinha branca que, com garras retraídas, ronronando, se aproxima afetuosamente de alguém, e ele não se espanta quando, subitamente, os olhos dela começam a brilhar. E realmente: não reluz, neste roçar de um corpo branco, um olhar brilhante? Não, é apenas um objeto de metal, um fulgor de ouro. Mas agora, quando a mão se afasta, ele percebe nitidamente: é a medalha que pende do bracelete, a medalha misteriosa, reveladora, octogonal e do tamanho de um pêni. É a mão de Margot que acaricia seu braço, e nasce-lhe o desejo de levar esta mão

suave, branca, sem anéis e nua, a seus lábios e beijá-la. Mas então sente o hálito dela, sente o rosto de Margot bem perto do seu e já não pode manter as pálpebras abaixadas; ditoso, radiante, lança o olhar para cima, para o semblante que está próximo e que então, assustado, se eleva e se afasta.

Quando as sombras do semblante que estava abaixado desaparecem e a claridade atinge os traços alterados pela emoção, o menino reconhece — é como se um raio lhe percorresse o corpo — Isabel, a irmã de Margot, a jovem e singular Isabel. Estaria sonhando? Não, ele fita o semblante que agora rapidamente se ruborizou e que, amedrontado, desvia o olhar: é Isabel. Imediatamente ele pressente o terrível engano, seu olhar dirige-se curioso para o pulso dela e, com efeito, ali está a medalha.

Diante dos seus olhos começaram a passar nuvens. Sentiu a mesmíssima coisa que sentiu naquela noite quando um desmaio o abateu, porém cerra os dentes, não quer perder os sentidos. Com a velocidade de um raio, tudo passa, condensando naquele segundo a surpresa, a altivez de Margot, o sorriso de Isabel, este estranho olhar que o atingiu como uma mão secreta — não, não é possível haver engano.

Surge nele apenas uma pequena esperança. Olha para a medalha; talvez Margot a tivesse dado a Isabel nesse dia, no dia anterior ou naquela ocasião. Mas Isabel já lhe dirige a palavra. Este reflexionar ardoroso deve ter alterado seus traços fisionômicos, pois a jovem lhe pergunta sem medo: “Está sentindo dores, Bob?”

“Como as vozes das duas são parecidas!”, pensa ele e responde maquinalmente: “Sim, sim... isto é, não... estou me sentindo bem!”

Faz-se novamente silêncio. Como uma onda quente, retorna sempre o mesmo pensamento: talvez Margot tenha dado a medalha de presente a ela. Sabe que isto não pode ser verdade, porém não pode deixar de perguntar-lhe:

— Que medalha é essa que tens aí?

— Ah, uma moeda qualquer de uma república americana, não sei qual. Tio Robert trouxe-a para nós.

— Para nós?

Ele suspende a respiração. Agora ela terá que dizer.

— Para Margot e para mim; Kitty não a quis. Não sei por quê.

Ele sente que os olhos se tornam úmidos. Cuidadosamente volta a cabeça para o outro lado, a fim de que Isabel não veja as lágrimas, que já devem estar muito próximas das pálpebras, que ele não consegue reprimir e que agora rolam devagar, bem devagar, pelas faces. Ele quereria dizer alguma coisa, mas tem medo de sua voz, de que esta, sob a pressão crescente do soluçar, possa falhar.

Ambos estão calados. Isabel levanta-se: “Já vou embora, Bob. Desejo melhoras!” Ele cerra os olhos e a porta fecha-se devagar.

Como um bando de pombos que foi espantado, seus pensamentos esvoaçam. Agora compreende o enorme equívoco. Sente vergonha e desgosto de sua tolice e ao mesmo tempo uma grande mágoa. Sabe que para ele Margot está perdida para sempre, mas sente que continua a amá-la do mesmo modo, agora talvez ainda com aquela ânsia desesperada de alguma coisa que é inacessível. E Isabel — zangado, repele a sua imagem, pois toda a devoção e a chama agora abafada da paixão dela não lhe podem valer tanto quanto um sorriso de Margot ou a mão desta, se ela uma vez ao menos o quisesse tocar apenas de leve. Se Isabel naquela ocasião tivesse se revelado, tê-la-ia amado, pois naquelas horas era ainda infantil na sua paixão; mas agora, em seus numerosos sonhos o nome de Margot se gravara demasiado profundamente nele para que pudesse apagá-lo de sua vida.

Sente que vão se fazendo trevas diante dos seus olhos e que o cismar incessante pouco a pouco se confunde com lágrimas. Em vão se esforça por encontrar, como em todos aqueles dias da doença, naquelas longas horas de solidão, diante dos seus olhos a imagem de Margot. Sempre, tal qual uma sombra, se ajunta a de Isabel com seu olhar muito lânguido, e então tudo se torna confuso e ele é obrigado a torturantemente evocar tudo como se passou. É tomado de vergonha quando pensa que esteve diante da janela de Margot e a chamou, e de compaixão da serena e loura Isabel, para a qual nunca tivera uma palavra ou um olhar em todos aqueles dias em que sua gratidão se devia ter irradiado como fogo.

Na manhã seguinte, Margot aproxima-se por um instante do seu leito. Ele estremece à sua proximidade e não ousa fixar os seus olhos nos dela.

Que lhe diz a prima? Ele quase não a ouve, pois o intenso zumbido em seus ouvidos é mais forte do que a voz dela. Só quando esta vai se retirando, ele de novo envolve avidamente num olhar toda a sua pessoa. Sente que nunca a amou mais do que nesse momento.

À tarde visita-o Isabel. Esta mostra uma suave intimidade com suas mãos, que por vezes roçam nas dele, e sua voz é muito baixa, um pouco velada. Com certo receio, fala de coisas indiferentes, como se temesse trair-se falando de si mesma ou dele. Ele não sabe bem o que sente em relação a ela. Às vezes parece-lhe compaixão, outras vezes sente gratidão pelo seu amor, mas nada lhe poderia dizer.

Receando iludi-la, quase não ousa olhar para ela. Daí em diante esta o visita diariamente e demora mais tempo. É como se naquela hora em que o segredo entre os dois se desvendou também tivesse desaparecido a insegurança. Contudo, nunca se atrevem a falar sobre aquelas horas passadas nas trevas do jardim.

Certa vez Isabel está sentada junto de sua espreguiçadeira. Lá fora brilha o sol, um reflexo verde dos cimos das árvores agitadas pelo vento tremula nas paredes. Em tais momentos o cabelo dela parece ígneo como nuvens douradas, sua pele, pálida e transparente, e todo seu ser, resplandecente e vaporoso. Do seu travesseiro, onde jaz uma sombra, vê o rosto dela sorrir de perto e, apesar disso, vê-o muito longe, porque este resplandece à luz que não chega até ele.

Nesse instante esquece-se de tudo que se passou. E quando ela se inclina para ele, parecendo os seus olhos se tornarem mais profundos e correrem como espirais escuras e para dentro, quando ela se curva para diante, seu braço cinge-lhe o tronco, aproxima dele a sua cabeça e beija-lhe a boca pequena e úmida. Isabel treme muito, porém não resiste; ao contrário, com leve tristeza passa a mão na cabeça dele e diz, suspirando, com meiga emoção na voz: “Você só ama Margot.” Ele sente profundamente, no seu âmago, o tom que revela resignação, esse leve desespero em que não há resistência. No íntimo de sua alma sabe que esse é o nome que tanto o faz vibrar. Mas não ousa mentir nesse momento, nada diz. Ela beija-lhe levemente mais uma vez os lábios, quase irmãmente, e sai sem proferir uma palavra.

É a única vez que falam disso. Mais uns dias e o convalescente é levado ao jardim, onde já as primeiras folhas amarelecidas carregadas pelo vento correm pelo caminho, e o anoitecer mais cedo traz logo a melancolia do outono. Decorridos alguns dias, ele já anda com dificuldade sem auxílio de outra pessoa, e pela última vez nesse ano, sob a folhagem variegada das árvores, que agora, sob a ação do vento, falam mais alto e mais displicentes que outrora, naquelas três noites cálidas de verão, melancolicamente o menino se dirige para aquele local. Tem a impressão de que há ali um muro invisível e escuro, além do qual está a sua infância, já inteiramente confusa no crepúsculo, e na sua frente uma paisagem, estranha e lúgubre.

À noite despediu-se, lançou um olhar profundo para o semblante de Margot, como se devesse sorvê-lo para sua vida; pôs, inquieto, sua mão na de Isabel, que a apertou com ardor e veemência, quase que não viu Kitty, os amigos e sua irmã, tão cheia estava sua alma do sentimento de que amava uma e era amado por outra. Estava muito pálido e havia no seu semblante um traço qualquer de

aspereza que lhe tirara a aparência de um menino. Pela primeira vez parecia um homem.

Contudo, quando o carro se pôs em movimento e ele viu Margot voltar-se indiferente para subir a escada e um brilho úmido subitamente passar sobre os olhos de Isabel, que segurou-se no corrimão, a plenitude da nova vida caiu tão pesadamente sobre ele que de repente desatou a chorar como uma criança.

O castelo ia ficando cada vez mais distante, o jardim sombrio parecia tornar-se cada vez menor no meio da poeira levantada pelo carro, a paisagem ficava cada vez mais longínqua e, finalmente, tudo aquilo que ele vivera estava invisível atrás dele e era apenas uma lembrança torturante. Com duas horas de viagem chegou à estação mais próxima e na manhã seguinte estava em Londres.

Mais alguns anos e já não era um menino. Mas aquele primeiro fato de sua vida tornara-se demasiado vivo para ser esquecido. Margot e Isabel casaram-se; ele nunca mais quis vê-las, pois as recordações daquelas horas lhe sobreviviam, às vezes, com tal impetuosidade que toda sua vida posterior lhe parecia apenas um sonho e uma visão diante da realidade dessa lembrança. Ele tornou-se uma daquelas criaturas que não podem mais travar relações com o amor e com as mulheres, pois a ele, que num instante de sua vida reunira tão completamente ambos os sentimentos, o de amar e de ser amado, nenhum desejo mais impelia a procurar o que já tão cedo havia caído nas suas inseguras mãos infantis, que tímidas não ofereceram resistência. Percorreu muitos países, é um desses ingleses corretos e serenos que muitos têm por insensíveis, porque são calados e porque seu olhar passa friamente pelos semblantes e sorrisos das mulheres. Quem imagina que eles trazem consigo imagens às quais está constantemente preso o seu olhar e tão intimamente unidas ao seu sangue que este, em intenção a elas, arde sempre como uma lâmpada eterna diante da imagem de Nossa Senhora?

Agora sei também como esta história chegou ao meu conhecimento. Dentro do livro que estive lendo hoje de tarde havia um cartão que me escrevera um amigo do Canadá. É um jovem inglês que conheci numa viagem, com quem frequentemente conversei em longas noites e em cujas conversas surgia por vezes misteriosamente, como estátuas distantes, a lembrança das duas mulheres que estavam permanentemente ligadas a um instante de sua existência. Faz tempo, muito tempo que conversara com ele, e certamente já havia esquecido as palestras de outrora. Mas hoje, quando, recebido o cartão, ressurgiu essa recordação, mesclada na fantasia com vários fatos de minha vida, pareceu-me

que eu lera a história no livro que me tombou das mãos ou que eu a achara num sonho.

Mas como o quarto está escuro e como você está distante de mim neste profundo crepúsculo! Percebo apenas um vislumbre e não sei se sorri ou se está triste. Se sorri, será porque invento estranhos acontecimentos para pessoas que conheci furtivamente, porque fantasio para elas destinos inteiros e depois as faço retornar calmamente à sua vida e ao seu mundo? Ou está triste por causa desse menino que passou pelo amor e depois desapareceu para sempre do jardim desse doce sonho? Olha, eu não queria que esta história fosse triste e sombria, queria apenas falar de um menino que foi de repente assaltado pelo amor, pelo seu e pelo de uma mulher. Mas estas histórias que se contam ao anoitecer penetram todas na estrada suave da melancolia. O crepúsculo as cobre com o seu véu, a tristeza que repousa na noite forma uma abóbada de estrelas por cima delas, as trevas ressumbram no seu sangue e todas as palavras claras e variadas que as apresentam possuem então um som tão cheio e tão grave como se proviessem da nossa própria vida.

A GOVERNANTA

As crianças estão sós no seu quarto. A luz está apagada. Entre as duas está escuro, apenas das camas parte uma leve claridade. Ambas respiram silenciosamente, poder-se-ia acreditar que dormem.

— Você! — diz uma voz. É a menina de 12 anos, que fala baixinho quase com medo.

— Que é? — pergunta da outra cama a irmã. Esta tem apenas um ano a mais do que a outra.

— Ainda está acordada. Que bom. Eu... queria contar uma coisa...

A outra não responde. Há apenas um ruído na cama. A irmã já se sentou e, esperando, olha em direção ao outro leito, seus olhos cintilam.

— Sabe... queria dizer... Mas diga primeiro, você nos últimos dias não notou nada de estranho em nossa governanta?

A outra hesita e reflete.

— Sim — responde. — Mas não sei bem o que é. Ela já não é tão severa. Há dois dias não faço as lições e ela não me disse nada, e, além disso, está assim não sei como. Creio que não se importa mais conosco, senta-se sempre longe de nós e não brinca como antes.

— Creio que está muito triste e não quer demonstrar. Também já não toca piano.

Faz-se de novo silêncio.

A mais velha lembra:

— Você queria contar uma coisa.

— Sim, mas você não deve contá-la a ninguém, absolutamente a ninguém, nem à mamãe e nem à sua amiga.

— Não, não! — Ela já está impaciente. — Que é, então?

— Bem... há pouco, quando nos deitamos, lembrei-me de repente de que não dera boa-noite à governanta. Já tinha tirado os sapatos, mas fui até o quarto dela, sabe, bem devagar para fazer-lhe uma surpresa. Com todo cuidado abri a porta. A princípio julguei que ela não estivesse no quarto. Ele estava iluminado, mas não a vi. Então, subitamente, tomando um grande susto, ouço alguém chorar e

vejo que ela está vestida, deitada na cama e com a cabeça enterrada no travesseiro. Soluçava tanto que eu estranhei. Porém ela não me notou e bem devagar fechei outra vez a porta. Eu tremia tanto que tive de ficar parada um instante. Ouvi mais uma vez nitidamente, através da porta, esse soluçar e desci rapidamente a escada.

Ambas se calam, depois uma delas diz bem baixinho:

— Pobre governanta!

Estas palavras vibram no quarto como um som perdido e obscuro e de novo reina silêncio.

— Eu queria saber por que ela chora — diz a mais moça. — Ela não brigou com ninguém nos últimos dias, a mamãe também a deixou em paz com os seus eternos tormentos e nós certamente não fizemos nada a ela. Por que então chorava assim?

— Eu já imagino — diz a mais velha.

— Por quê, por quê?

A mais velha hesita. Afinal diz:

— Creio que ela está apaixonada.

A mais moça exclama apenas:

— Apaixonada? Apaixonada por quem?

— Não notou? É pelo Oto!

— Não!

— E ele não está apaixonado por ela? Por que então ele, que já mora e estuda há três anos na nossa casa e nunca nos acompanhou, há alguns meses o faz diariamente? Ele fazia agrados a mim ou a você antes de a governanta vir aqui para casa? Agora anda o dia inteiro perto de nós. Sempre o encontramos casualmente, no Jardim Popular ou no Parque da Cidade ou no Prater, aonde sempre íamos com a governanta. Isso nunca te chamou a atenção?

Com grande espanto, a pequena gagueja:

— Sim... sim, naturalmente eu notei. Apenas sempre pensei que fosse...

Sua voz muda de timbre e a menina cala-se.

— A princípio também julguei que fosse isto, nós somos sempre tão tolas. Porém já notei que somos apenas um pretexto.

Ambas estão atormentadas. A conversa parece terminada. Estão entregues aos pensamentos ou já aos sonhos.

A pequena repete então no escuro:

— Mas por que, então, ela chora? Ele gosta dela. E sempre pensei que deve ser agradável estar apaixonada.

— Não sei — disse a mais velha, pensativa. — Também julguei que fosse muito agradável.

E mais uma vez, em voz baixa e em tom de lástima partem de lábios já sonolentos as palavras: “pobre governanta”. Reina de novo silêncio no quarto.

*

Na manhã seguinte não falam mais disso; contudo, cada uma percebe na outra que seus pensamentos giram em torno do mesmo ponto. Passam uma pela outra sem se falarem, evitam-se, mas, sem querer, seus olhares se encontram quando contemplam de soslaio a governanta. À mesa, observam Oto, o primo, que há alguns anos vive na mesma casa, como se fosse um estranho. Não conversam com ele, mas com olhares furtivos procuram ver se troca sinais com a governanta. Ambas mostram-se inquietas. Nesse dia não brincam, mas no seu nervosismo fazem uma série de coisas inúteis e indiferentes para descobrir o segredo. De noite, uma delas pergunta calmamente, como se isso fosse indiferente: “Notou alguma coisa?” “Não”, responde a irmã e afasta-se. Ambas, de certo modo, receiam conversar. E assim continuam por alguns dias essa observação muda e esse farejar das duas crianças ao seu redor, o que inquieta e inconscientemente faz com que se sintam próximas de um segredo cintilante.

Por fim, decorridos alguns dias, uma delas percebe como, à mesa, a governanta faz sinal para Oto com os olhos. Este responde com uma inclinação da cabeça. A menina treme de emoção e por baixo da mesa toca de leve na mão da irmã mais velha. Quando esta se volta, a primeira lança-lhe um olhar significativo. A outra compreende imediatamente o sinal e também fica inquieta. Mal se levantam da mesa, a governanta diz às duas: “Meninas, vão para seu quarto e distraiam-se sozinhas um instante. Estou com dor de cabeça e vou repousar meia hora.”

As meninas olham para o chão. Com cuidado, tocam uma na mão da outra, como para se chamarem mutuamente a atenção. Mal a governanta se retira, exclama a menor: — Presta atenção, agora o Oto vai para o quarto dela.

— Naturalmente! Por isso ela nos mandou para o quarto!

— Temos que escutar da porta!

— Mas e se vier alguém?

— Quem?

A irmã menor assusta-se.

— Sim, então...

— Sabe de uma coisa? Eu fico escutando à porta e você fica no corredor e faz um sinal quando alguém se aproximar. Assim estamos garantidas.

— Mas depois você não me conta nada...

A pequena faz uma cara de aborrecimento.

— Conto tudo.

— Tudo mesmo?

— Sim, dou a minha palavra. E você tossirá quando ouvir alguém aproximar-se.

Tremendo de emoção, esperam no corredor. Os corações palpitam violentamente. O que irá acontecer? Elas se aconchegam.

Um passo. Afastam-se e vão para o escuro. Exatamente: é Oto. Este põe a mão no trinco. A porta fecha-se. A mais velha segue-o rápida como uma flecha, coloca-se à porta e escuta. A mais moça olha avidamente para lá. A curiosidade a tortura e a arranca do lugar marcado. A pequena aproxima-se da porta, mas a irmã zangada a repele. E por isso ela de novo espera no corredor, dois, três minutos, que parecem uma eternidade. Arde de impaciência; anda de um lado para outro como sobre um chão em brasas. Quase que chora de irritação e de raiva pelo fato de a irmã ouvir tudo e ela nada. Fecha-se do outro lado do corredor a porta do terceiro quarto.

A pequena tosse. E ambas penetram rapidamente no seu quarto. Aí permanecem um instante, esbaforidas e com o coração a palpar. Exclama então com curiosidade a mais moça: — Bem... conta-me.

A mais velha adota uma fisionomia pensativa e, inteiramente entregue a reflexões, diz afinal como que para si mesma: — Não compreendo.

— O quê?

— É muito curioso.

— O quê... o quê? — A mais moça só com dificuldade pode pronunciar as palavras. A irmã procura lembrar-se. A pequena chegou perto dela, a fim de não perder palavra alguma.

— Foi muito curioso... Inteiramente diferente do que eu imaginara. Creio que, quando ele entrou no quarto, quis abraçá-la, ou beijá-la, pois lhe disse: “Deixa disso, tenho que te falar de assunto sério.” Nada vi, a chave estava por dentro, mas ouvi tudo perfeitamente. “Que aconteceu?”, perguntou Oto. Eu nunca o ouvi falar assim. Ele, em geral, gosta de falar muito alto e com arrogância, porém isto ele disse tão timidamente que logo percebi que temia qualquer coisa. Também ela devia ter percebido que ele estava mentindo, pois apenas lhe disse em voz baixa: “Você já sabe.” “Não, não sei de nada.” “Verdade?”, disse ela muito triste,

horrivelmente triste, “e por que de repente foge de mim? Há oito dias que não me diz uma palavra, sempre que pode, evita-me, já não anda com as meninas, não vai mais ao parque. Tornei-me de repente tão estranha para você! Oh! já sabe, porque de um momento para outro se afastou de mim.” Ele calou-se e depois disse: “Estou às vésperas do exame, tenho muito que estudar e não me sobra tempo para mais nada. Não posso fazer outra coisa.” Ela começou a chorar, mas com muita brandura e bondade, disse-lhe: “Oto, por que você mente? Fale a verdade. Não mereço isto. Nada exigi. Mas precisamos conversar sobre isso. Você sabe o que tenho a dizer, eu percebo nos teus olhos.” “Que é, pois?” balbucia ele, mas baixo, muito baixo. Ela disse então...

A menina subitamente começa a tremer e tal é sua emoção que não pode continuar a falar. A outra chega para mais perto dela e pergunta: — O quê... Que foi?

— Então ela disse: “Tenho um filho teu.”

A pequena exclama:

— Um filho! Um filho! Isso é impossível!

— Porém ela disse!

— Deve ter ouvido mal.

— Não, não! E ele repetiu exatamente como você, ele se espantou e disse: “Um filho!” Ela ficou longo tempo calada, depois disse: “Como vai ser agora?”

— E então...

— Então você tossiu e eu tive que fugir.

A mais moça, toda perturbada, fica com o olhar pasmado.

— Um filho! É impossível. Onde estará o filho?

— Não sei. Isso é o que não compreendo.

— Talvez em sua casa, onde... antes de ter vindo para cá. Naturalmente mamãe não permitiu, por nossa causa, que ela o trouxesse consigo. Por isso é que está tão triste.

— Mas não pode ser; naquele tempo ela ainda não conhecia Oto.

Ambas calam-se de novo e, atrapalhadas, dão tratos à imaginação, sem chegarem a um resultado.

— Um filho, isso é inteiramente impossível! Como é que ela pode ter um filho? Não é casada e só pessoas casadas têm filhos, isto eu sei.

— Não seja tão boba.

— Porém, não com o Oto.

— Mas como assim?

Olham-se perplexas.

— Pobre governanta! — exclama uma delas, muito triste.

Estas palavras repetem-se sempre e terminam num suspiro de compaixão, e de permeio está sempre a curiosidade.

— Será uma menina ou um menino?

— Quem poderá saber!

— O que pensa?... se lhe perguntasse... com muito jeito...

— Está louca!

— Por quê?... ela é tão boa para nós.

— Que ideia a sua! Tais coisas não nos dizem. Ocultam tudo. Quando entramos na sala, interrompem a conversa e falam de futilidades conosco, como se fôssemos crianças, e eu já tenho 13 anos. Para que quer interrogá-la? Só nos dizem mentiras.

— Mas eu gostaria de saber.

— E acha que eu não?

— Sabe... o que menos entendo é que Oto nada soubesse. Sabe-se que se tem um filho assim como se sabe que se tem pais.

— Apenas finge que ignora, o maroto. Ele sempre finge.

— Porém não numa coisa destas. Somente... somente... quando nos quer enganar.

Nesse momento, chega a governanta. Imediatamente se calam e fingem estar estudando. Mas olham-na de soslaio. Seus olhos estão vermelhos, sua voz está mais grave e mais vibrante do que habitualmente. As meninas ficam bem quietas; de repente, olham-na com certo receio e profundo respeito.

Não podem deixar de pensar que ela tem um filho e que por isso está tão triste. E pouco a pouco também se entristecem.

Na manhã seguinte, à mesa, uma surpresa as espera... Oto vai-se embora. Explicou ao tio que agora estava muito perto dos exames, tinha que estudar intensamente e ali era perturbado demais. Ia alugar um quarto em qualquer canto por um ou dois meses, até que terminassem os exames. Ao ouvirem isso, as duas meninas são tomadas de grande emoção. Entreveem qualquer nexos entre isso e a conversa da véspera; percebem, com seu instinto aguçado, uma fuga.

Quando Oto vai lhes dizer adeus, mostram-se grosseiras e voltam-lhe as costas. Todavia, espreitam como ele se porta diante da governanta. Os lábios desta tremem. Ela, porém, calmamente, sem proferir uma palavra, estende-lhe a mão.

As meninas mudaram completamente nos últimos dias. Abandonaram os seus brinquedos e não riem, seus olhos já não têm o brilho alegre, despreocupado. Há nelas uma inquietude e incerteza, uma grande desconfiança de todas as pessoas

que as cercam. Não acreditam mais no que lhes dizem, farejam mentira e intenção de enganá-las em cada palavra. Olham e espiam o dia inteiro, espreitam todo movimento, não lhes escapa nenhuma contração fisionômica, nenhuma entonação na conversa. Como sombras, acompanham tudo, escutam às portas, a fim de colherem alguma coisa. Há nelas um esforço apaixonado para sacudir de seus ombros a rede obscura desses segredos ou para lançar, através de uma malha, ao menos um olhar para o mundo real. A fé infantil, esta cegueira alegre e despreocupada, já desapareceu delas. Pelo estado de tensão em que se acham as coisas, pressentem alguma nova crise e receiam perdê-la. Desde que souberam que em torno delas reina a mentira, tornaram-se tenazes e vigilantes, e até mesmo astutas e falazes. Junto dos pais, dissimulam-se numa atitude infantil fingida e mostram uma grande vivacidade. Todo seu ser desdobra-se numa inquietação nervosa; seus olhos, que antes tinham brilho fraco, parecem possuir agora mais fulgor e maior poder de penetração. Sentem-se tão sós em sua constante espreita e espionagem que se tornam mais íntimas na sua amizade recíproca. Por vezes, abraçam-se de repente com ardor, movidas pelo sentimento de sua ignorância e cedendo de maneira exagerada à necessidade de ternura que subitamente surge, ou desfazem-se em lágrimas. Sem causa aparente, sua vida, de um momento para outro, tornou-se uma crise.

Entre as muitas coisas que as afligem e para as quais só agora despertaram, uma é a que mais sentem. Muito silenciosamente, sem palavras, comprometeram-se a dar, tanto quanto possível, muita alegria à governanta que está triste. Fazem as lições com aplicação e cuidado, auxiliam-se mutuamente, mostram-se sossegadas, não dão motivo algum de queixa, vão ao encontro de todos os desejos. Todavia a governanta não o percebe, e isto lhes causa grande pesar. Esta, nos últimos tempos, mudou completamente. Às vezes, quando uma das meninas lhe dirige a palavra, estremece toda, como se despertasse assustada.

Seu olhar volta então sempre de muito longe, parecendo procurar alguma coisa. Permanece petrificada no mesmo lugar horas a fio, olhando a esmo, pensativa. Então as meninas se esgueiram nas pontas dos pés a fim de não perturbá-la, sentem vaga e misteriosamente que ela está pensando no filho que se acha em lugar distante. E cada vez mais, das profundezas de sua feminilidade que agora vai despertando, amam a governanta que se tornou tão meiga e tão terna. Seu andar cheio de vida e altaneiro é agora circunspecto, seus movimentos são mais discretos. Nisso tudo, as meninas percebem a existência de uma tristeza secreta. Nunca a viram chorar, mas suas pálpebras muitas vezes estão vermelhas. Notam que ela lhes quer ocultar o seu sofrimento e estão desesperadas por não

poderem ajudá-la. Certa vez, quando a governanta se volta para a janela e passa o lenço nos olhos, a irmã menor subitamente se anima, pega-lhe de leve a mão e diz: “Você anda tão triste nos últimos tempos. Não é verdade que nós não temos culpa disto?”

A governanta olha comovida para a menina e passa-lhe a mão pelo cabelo macio. “Não, menina, não”, responde. “Vocês certamente que não.” E beija-lhe meigamente a testa.

*

Espreitando e observando, não perdendo de vista nada do que se passa ao alcance dos seus olhos, uma delas, estes últimos dias, entrando de repente na sala, apanhou algumas palavras. Foi apenas uma frase, pois os pais imediatamente interromperam a conversa, mas toda palavra desperta nelas agora mil suspeitas. “Também já notei alguma coisa”, disse a mãe. “Vou obrigá-la a dizer o que é.” A princípio, a menina julgou que isto se referia a si mesma, e quase que correu medrosa para junto da irmã, em busca de conselho e de auxílio. Mas ao meio-dia, à mesa, notam como os olhares dos pais se fixam de modo indagador no rosto desatento e pensativo da governanta e depois se encontram.

Após a refeição, a mãe diz à governanta: “Vá ao meu quarto, tenho que lhe falar.” A governanta faz uma leve inclinação com a cabeça. As meninas tremem intensamente, percebem que agora algo vai acontecer.

Logo que a governanta entra no quarto, elas vão atrás. O colar-se às portas, o esgaravatar os recantos, o escutar e o espiar tornaram-se para elas coisa natural. Não veem mais o que há de odioso e de atrevido nisso, só têm uma ideia, a de apossarem-se de todos os segredos que lhes encobrem.

Escutam, mas ouvem apenas um leve cochicho. O corpo treme-lhes nervosamente. Receiam que tudo lhes possa escapar.

Ouve-se uma voz mais forte dentro do quarto, é a de sua mãe. Zangada e aborrecida, diz: “A senhora pensava que todos são cegos, que tal coisa não se nota? Imagino como a senhora, com tais pensamentos e tal moral, tem cumprido os seus deveres. E a uma pessoa destas confiei a educação de minhas filhas, da qual sabe Deus como a senhora se descuidou...”

Parece que a governanta replica. Mas fala demasiadamente baixo, de modo que as meninas não podem entender o que diz.

— Desculpas, desculpas! Toda pessoa leviana arranja sua desculpa. Entrega-se ao primeiro que encontra e em nada pensa. Deus depois ajudará. E uma tal

pessoa quer ser preceptora, quer educar meninas. Isto é um atrevimento. Julga que em tal estado eu a conservarei por mais tempo em minha casa?

As crianças escutam do lado de fora. Calafrios percorrem-lhes os corpos. Elas não compreendem tudo isso, mas lhes é terrível ouvir a voz de sua mãe tão zangada e como única resposta o soluçar baixo da governanta. Dos olhos desta brotam lágrimas. Mas a mãe parece exaltar-se ainda mais.

— A única coisa que a senhora sabe fazer é chorar agora. Isto não me comove. Não tenho compaixão de tais pessoas. Não me importa o que vai lhe acontecer. Bem sabe a quem tem de dirigir-se. Não a interrogo a respeito disso. Somente sei que não tolero, por nem mais um dia, em minha casa, quem tão vilmente se descuidou dos seus deveres.

A resposta limita-se apenas a soluços, e estes soluços desesperados e fortes, como uma febre, fazem as meninas tremerem. Nunca ouviram ninguém chorar assim, e sentem vagamente que quem chora assim não pode deixar de ter razão. A mãe agora está calada e espera. De repente diz asperamente: — Bem, só quis lhe dizer isto. Arrume hoje mesmo o que é seu e amanhã cedo venha receber o seu ordenado. Passe bem!

As meninas fogem da porta e metem-se em seu quarto. Que foi isto? Foi como se um raio tivesse caído diante delas. Estão pálidas e horripiladas. Pela primeira vez experimentaram um sentimento de revolta contra os pais.

— Falar-lhe assim foi uma baixeza de mamãe — disse a mais velha, mordendo os lábios.

A pequena recua de espanto diante dessas palavras atrevidas e gagueja em tom de censura: — Mas nós não sabemos o que ela fez.

— Certamente nada de mal. A governanta não pode ter feito mal algum. Mamãe não a conhece.

— E então ela chorou! Fiquei com medo.

— Sim, foi terrível. Mas também como a mamãe gritou com ela! Isto foi uma baixeza. Eu digo, isto foi uma baixeza.

Ela bate o pé, seus olhos lacrimejam. Neste momento entra a governanta; parece muito fatigada.

— Meninas, tenho o que fazer hoje de tarde. Vocês vão ficar sós, posso confiar nas duas? De noite cuidarei de vocês.

Ela se afasta sem notar o estado de excitação das crianças.

— Viu como os seus olhos estavam vermelhos de chorar? Não compreendo como mamãe pôde tratá-la assim.

— Pobre governanta!

Isto é dito num tom compassivo e lacrimoso.

As meninas estão perturbadas. Neste momento, entra a mãe e pergunta-lhes se querem dar um passeio de carro com ela. As meninas afastam-se, têm medo da mãe. O fato de não lhes dizer nada sobre a despedida da governanta causa-lhes indignação. Preferem ficar sós. Como duas andorinhas presas numa gaiola, dirigem-se de um lado para o outro. Deliberam se devem ou não ir ter com a governanta e interrogá-la, conversar com ela sobre tudo, dizer-lhe que não deve ir embora e que a mãe não tem razão. Porém temem afligi-la. E, além disso, sentem vergonha; tudo o que sabem escutam e colhem clandestinamente. Têm que fingir-se de tolas, como eram até uma ou duas semanas atrás. Assim, ficam a sós durante uma tarde interminavelmente longa, parafusando, chorando e sempre tendo nos ouvidos a voz horrível, a cólera perversa e desapiedada de sua mãe e o soluço desesperado da governanta.

À noite, a governanta entra por um instante no quarto. Dá-lhes boa-noite. As meninas tremem quando a veem sair; desejariam dizer-lhe ainda alguma coisa. Mas subitamente, ela volta como que atraída por esse desejo mudo. Alguma coisa úmida e turva brilha nos seus olhos. Abraça as meninas, que começam a soluçar fortemente. Beija-as mais uma vez e sai apressadamente. As crianças estão debulhadas em lágrimas. Sentem que isso foi uma despedida.

— Não a veremos mais — diz uma delas, chorando.

— Presta atenção; vai ver que amanhã, quando voltarmos da escola, ela já terá ido embora.

— Talvez mais tarde possamos visitá-la. Então certamente nos mostrará o filho.

— Sim, ela é tão boa!

— Pobre governanta!

Estas palavras são um gemido a respeito da própria sorte das duas meninas.

— Pode imaginar o que será de nós sem ela?

— Jamais poderei suportar outra governanta.

— Eu também não.

— Nenhuma será tão boa para nós. Além disso...

Não ousa dizê-lo, mas um sentimento inconsciente de feminilidade tornou a governanta digna de profundo respeito para elas desde que souberam que esta tem um filho. Ambas pensam constantemente nisso e agora já não mais com aquela curiosidade infantil, mas com a mais profunda emoção e compaixão.

— Ouça! — diz uma delas. — Sabe de uma coisa? Gostaria de dar uma alegria à governanta antes de sua partida, a fim de que ela saiba que nós a estimamos e

não somos como mamãe. Quer?

— Ainda pergunta!

— Lembrei-me que ela gosta tanto de rosas brancas. Amanhã cedo, antes de irmos para a escola, poderíamos comprar algumas e pô-las no seu quarto.

— Mas quando?

— Ao meio-dia.

— A essa hora certamente ela já terá partido. Sabe, é melhor que eu vá comprá-las bem cedo e as traga, sem que ninguém perceba, e depois as colocamos no seu quarto.

— Sim, e levantamo-nos bem cedo.

Reúnem todas as suas economias. Desde que pensaram num meio de demonstrar à governanta sua amizade muda e muito delicada, estão mais alegres.

*

Levantaram-se muito cedo. Quando, segurando com mãos ligeiramente trêmulas as lindas rosas, batem à porta do quarto da governanta, ninguém responde. Julgam que ela está dormindo e entram cautelosamente no quarto, mas este está vazio e a cama, feita. Tudo ali está espalhado, em desordem.

Sobre o pano escuro da mesa há algumas cartas. As duas meninas assustam-se. O que aconteceu?

— Vou procurar mamãe — diz resolutamente a mais velha. Altiua, com o olhar triste, sem medo algum, planta-se diante de sua mãe e pergunta: — Onde está a nossa governanta?

— Deve estar no quarto — responde a mãe muito admirada.

— O quarto está vazio e a cama está feita. Ela já deve ter partido ontem à noite. Por que não nos disseram?

A mãe não percebe o tom irritado e provocador. Empalidece e vai ter com o marido, que em seguida entra apressado no quarto da governanta.

Demora-se ali muito tempo. A criança observa a mãe, que parece muito exaltada, e tem um olhar constantemente zangado, com o qual o da filha não ousa encontrar-se diretamente.

Volta o pai; está com o semblante inteiramente pálido e tem uma carta na mão. Entra sombrio no quarto e ali fala com a esposa em voz baixa. As crianças acham-se do lado de fora e já não se atrevem a escutar. Temem a cólera do pai, que está como nunca o viram.

A mãe, quando sai do quarto, traz os olhos vermelhos de chorar e tem o olhar perturbado.

As meninas inconscientemente, impelidas pelo medo, vão ao encontro dela e querem outra vez interrogá-la. Porém esta diz secamente: — Tratem de ir para a escola, já é tarde.

E as crianças têm de partir. Como mergulhadas em sonho, lá ficam quatro, cinco horas no meio das outras e não ouvem palavra alguma. Voltam precipitadamente para casa. Nesta, tudo se acha como de costume, mas um pensamento horrível parece dominar as pessoas. Ninguém fala, mas todos, mesmo os criados, têm o olhar muito estranho.

A mãe vai ao encontro das meninas. Parece ter se preparado para lhes dizer alguma coisa. Começa: — Meninas, a governanta de vocês não voltará, ela está...

Porém não ousa terminar. Tão faiscante, tão ameaçadoramente estão os olhos das meninas cravados nos seus que não se atreve a dizer-lhes uma mentira. Retira-se e refugia-se no seu quarto.

À tarde, Oto aparece subitamente. Fora chamado; havia ali uma carta para ele. Também está pálido. Perturbado, vagueia dum lado para outro. Ninguém fala com ele. Vê as duas meninas encolhidas num canto e quer cumprimentá-las.

— Não me toque — diz uma delas, estremecendo, e a outra cospe diante dele.

Embaraçado e confuso, ele erra ainda por algum tempo pela casa e depois desaparece.

Ninguém fala com as meninas. Elas mesmas não trocam palavras. Pálidas e perturbadas, sem sossego, como animais numa jaula, perambulam pelos quartos, encontram-se, tornam a encontrar-se muitas vezes, com os olhos vermelhos de tanto chorar, trocam olhares entre si e não dizem palavra alguma.

Já sabem de tudo. Sabem que lhes mentiram, que todas as pessoas podem ser más e vis. Já não amam mais os pais e não acreditam mais neles. Sabem que não devem confiar em ninguém; agora sobre os seus ombros delgados se amontoará todo o peso da horrenda vida. Da despreocupação alegre de sua infância, precipitaram-se como que num abismo. Ainda não podem apreender o que de horrível se passou em torno delas, mas seus pensamentos engasgam-se e ameaçam sufocá-las com isso. Nas suas faces há um calor febril, e elas têm um olhar mau e irritado em sua solidão. Ninguém, nem mesmo os pais, se atreve a falar com elas, tão terrível é o olhar que dirigem para todos; sua incessante perambulação reflete o estado de excitação em que se acham. Há entre ambas uma tremenda comunhão de sentimento, sem que elas se falem. O silêncio, o

impenetrável silêncio sem perguntas, a dor maliciosamente enclausurada, sem gritos e sem lágrimas, deixam-nas estranhas e ameaçadoras. Ninguém se aproxima delas, o acesso às suas almas está interrompido, talvez por anos. São inimigos todos os que as cercam, sentem-no, e inimigos que não podem mais perdoar, pois desde a véspera já não são mais crianças.

Nessa tarde, sua idade aumenta em muitos anos. Somente quando chega a noite e estão a sós na escuridão do seu quarto o medo infantil desperta nelas, o medo da solidão, das figuras dos mortos, e depois um medo agourento e indeterminado. No estado de agitação em que se acha o lar, haviam esquecido de aquecer o quarto. Tremendo de frio, deitam-se as duas numa cama, abraçam-se fortemente com os delgados braços infantis e apertam, um de encontro ao outro, os corpos ainda não desabrochados, como à procura de socorro diante do seu medo.

Ainda não se atrevem a conversar. Mas finalmente a mais moça rompe em lágrimas e a mais velha soluça fortemente. Intimamente abraçadas, choram, banham o rosto com lágrimas quentes, que rolam a princípio devagar e depois mais depressa; peito a peito, recebem uma o soluço da outra e, estremecendo, o devolvem. As duas constituem uma única dor, formam nas trevas um único corpo em pranto. Mas não é mais por causa da governanta que choram, nem por causa dos pais que agora para elas estão perdidos, mas é um horror repentino que as sacode, um medo de tudo aquilo que agora lhes virá deste mundo desconhecido, ao qual hoje lançaram o primeiro olhar espantado. Temem a vida em que agora penetram, a vida que, tenebrosa e ameaçadora, está diante delas como uma floresta escura que têm de atravessar. Seu sentimento de medo confuso se torna cada vez mais crepuscular, quase onírico, e seu soluçar cada vez mais baixo. Suas respirações confundem-se suavemente, como antes suas lágrimas. E assim afinal adormecem.

SEGREDO ARDENTE

O PARCEIRO

A locomotiva deu um apito rouco: havia atingido o Semmering. Os vagões escuros descansaram um minuto à luz branca da montanha, despejaram algumas pessoas, receberam outras, vozes irritadas dirigiram-se para um e para outro lado; depois a máquina rouca apitou de novo e, resfolegando, levou na descida a fileira de vagões para o interior do túnel. Sem acidentes, de novo se estendia a paisagem de fundos claros e varridos pelo vento úmido.

Um dos passageiros, um jovem que impressionava agradavelmente pelo seu bom traje e por uma elasticidade natural do andar, tomou rapidamente, antes dos outros, uma charrete para o hotel. Os cavalos percorriam vagarosamente o caminho íngreme. A atmosfera era primaveril. No firmamento corriam aquelas nuvens brancas, inquietas, que somente maio e junho possuem, aquelas companheiras brancas, ainda mesmo novas e adejantes, que, baixando, correm sobre a estrada azul, para subitamente se esconderem atrás dos altos montes, se abraçam e fogem, ora se amarrotam como lenços, ora se dividem em faixas e afinal travessamente põem gorros brancos nos montes. Havia também agitação no alto, com o vento, que sacudia tão violentamente as árvores delgadas, ainda úmidas das chuvas, que estas estalavam levemente nas suas juntas e esparziam milhares de gotas, que pareciam centelhas. Por vezes parecia também provir das montanhas um odor fresco de neve, sentia-se então no ar alguma coisa que era ao mesmo tempo doce e acre. Tudo na atmosfera e no solo era movimento e impaciência febril. Ligeiramente ofegantes, corriam agora os cavalos no caminho em declive. Já de bem longe se ouvia o ruído das suas sinetas.

Chegando ao hotel, o jovem dirigiu-se imediatamente para a lista dos hóspedes existentes, que percorreu, logo desiludindo-se. “Para quê, afinal, estou aqui?”, começou inquieto a perguntar a si mesmo. “Estar sozinho aqui na montanha, sem companhia, é mais enfadonho do que o escritório. Evidentemente vim ou cedo ou tarde demais. Nunca tenho sorte com minhas férias. No meio de toda essa gente não encontro sequer um nome conhecido. Se ao menos houvesse aqui

algumas mulheres, qualquer pequeno flerte, em último caso, mesmo inocente, para não passar esta semana tão desconsolado.”

O jovem, um barão da nobreza austríaca de empregados públicos, que não tem boa fama, era funcionário administrativo, e sem necessidade alguma tinha tomado estas curtas férias; de fato, apenas porque todos os seus colegas haviam gozado férias de uma semana de primavera e não estava disposto a abrir mão das suas em favor do serviço. Era, apesar de lhe faltar capacidade de reflexão, uma natureza absolutamente sociável, como tal estimado, bem-visto em todas as rodas e perfeitamente consciente de sua inadaptabilidade à solidão. Nele não havia tendência de ficar a sós consigo mesmo, e evitava, tanto quanto podia, esses encontros, porque não queria conhecimento íntimo com sua própria pessoa. Sabia que precisava da superfície de atrito das criaturas humanas para que se manifestassem todos os talentos, o calor e a jovialidade do seu coração, e que ele no isolamento era frio e inútil a si mesmo, era como um fósforo dentro da caixa.

Mal-humorado, andava no hotel vazio de um lado para outro, folheando indeciso os jornais. Foi à sala de música e tocou ao piano uma valsa, cujo ritmo, porém, não lhe acudiu bem aos dedos. Por fim, sentou-se aborrecido e pôs-se a observar como lá fora as trevas se instauravam lentamente, como a neblina, sob a forma de vapor, se desprendia acinzentada dos pinheiros. Assim passou uma hora, inútil e nervosamente. Depois foi para a sala de refeições.

Ali, apenas algumas mesas estavam ocupadas, e ele as percorreu com um olhar apressado. Em vão! Não havia conhecidos seus, apenas um treinador, cujo cumprimento retribuiu displicentemente, e uma cara conhecida de Ringstrasse e nada mais. Nenhuma mulher, nada que promettesse uma aventura ainda que passageira. Seu mau humor cresceu. O barão era uma daquelas criaturas jovens cujo belo semblante tem muita sorte e nas quais constantemente tudo está pronto para um novo encontro, um novo sucesso; que estão sempre dispostas a lançar-se no incógnito de uma aventura; às quais nada surpreende porque, à espreita, tudo calcularam; e que não se descuidam de nada que é erótico, porque o seu primeiro olhar para a mulher logo se dirige, indagador, à sensualidade, não distinguindo se se trata da esposa do seu amigo ou da arrumadeira que lhe abre a porta.

Se, com certo desprezo, denominamos tais homens caçadores de mulheres, fazemo-lo sem saber quanta verdade especulativa está condensada nessa denominação, pois, de fato, todos os instintos passionais da caça, o rastejo, a animação e a crueldade de espírito se manifestam na atitude vigilante sem tréguas destes homens. Eles estão sempre à espreita, sempre prontos e decididos a perseguir encarniçadamente o rastro de uma aventura até a beira do abismo.

Estão sempre cheios de paixão, não da do indivíduo que ama, mas sim da do jogador, da paixão fria, calculista e perigosa. Há, entre eles, indivíduos perseverantes, para os quais, por muito tempo depois da mocidade, toda a sua vida se torna, por meio desta expectativa, uma eterna aventura; para os quais cada dia se decompõe numa centena de pequenos fatos de natureza sensual: um olhar passageiro, um sorriso rápido, um roçar de joelhos, quando sentados *vis-à-vis*, e o ano, por sua vez, em centenas de tais dias; para os quais os fatos sensuais constituem a fonte da vida, fonte esta que perenemente emana, alimenta e dá alento.

Aqui não havia parceiros para um jogo, e isto o barão percebeu imediatamente. E nenhuma irritação é mais incômoda do que a do jogador que, consciente de sua superioridade, está sentado à mesa com as cartas na mão e em vão espera um parceiro. O barão pediu um jornal. Displacientemente deixou os olhos percorrerem as linhas, mas seus pensamentos estavam paralisados, e, como ébrios, aos tropeços seguiam as palavras.

Ouviu então atrás de si o roçar de um vestido e uma voz um pouco zangada e com tom de afetação dizer: “*Mais tais-toi donc, Edgar!*”

Junto à sua mesa crepitou um vestido de seda e por ali passou uma figura alta e sensual de mulher, e atrás dela um menino pequeno, pálido, trajando roupa de veludo preto, que curioso o olhou de relance. Ambos sentaram-se, um em frente ao outro, à mesa reservada. O menino esforçava-se visivelmente para manter uma postura que parecia estar em contradição com o desassossego de seus olhos negros. A senhora — e somente para ela se voltava a atenção do barão — revelava muito trato e vestia-se com visível elegância; era, além disso, um tipo de que ele gostava muito, uma daquelas judias ligeiramente sensuais, já quase madura, sem dúvida também passional, mas esperta para ocultar seu temperamento por trás de uma melancolia cheia de distinção. A princípio ele não ousou dirigir os olhos para os dela e apenas contemplou a linha elegantemente curva de suas sobrancelhas nitidamente arredondadas por cima de um nariz delicado, que revelava a sua raça, mas que, por sua forma nobre, tornava o perfil afilado e interessante. Os cabelos, como tudo que era feminino neste corpo bem desenvolvido, eram de uma notável exuberância, e sua beleza, numa consciência segura de si, parecia ter se tornado saturada e presumida de muitas admirações. Dava as ordens ao garçom em voz muito baixa, repreendia o menino que, divertindo-se, fazia tinir o garfo, agia em tudo isso com aparente indiferença aos olhares do barão; que cuidadosamente se iam insinuando e que ela parecia não

perceber, quando, na realidade, era só a viva atenção desse homem que a obrigava a esse cuidado forçado.

O aspecto sombrio do semblante do barão prontamente desapareceu, os nervos foram-se excitando, desfizeram as rugas, deram liberdade aos músculos, de modo que sua figura adquiriu vivacidade e os olhos se tornaram brilhantes. Ele era semelhante às mulheres que necessitam da presença de um homem para poderem buscar em si toda a sua força. Só um estímulo sensual transformava a sua energia numa perfeita força. O caçador farejava aqui uma presa. Seus olhos, com provocação, procuravam encontrar o olhar dela, o qual por vezes cruzava com o dele, mas nunca oferecia uma resposta franca. Ele acreditava também perceber, às vezes, em torno da sua boca, um movimento como o de um sorriso incipiente, mas tudo isso era incerto, e precisamente esta incerteza o excitava. As únicas coisas que lhe pareciam promissoras eram este constante relancear de olhos, porque exprimiam ao mesmo tempo resistência e timidez, e o modo como conversava com o menino, que visivelmente atendia à presença de um espectador. Justamente aquela insistência em aparentar calma já indicava, ele o sentia, uma primeira perturbação. Também ele não estava calmo; a partida havia começado. Prolongou o seu jantar durante quase meia hora e quase sem cessar teve o olhar fixado nesta mulher, até gravar todas as linhas de seu semblante, até tocar mentalmente em todas as partes do seu corpo.

Lá fora caíam pesadamente as trevas, as florestas gemiam com medo infantil quando as grandes nuvens de chuvas estendiam para elas suas mãos cinzentas, as sombras penetravam cada vez mais escuras na sala, onde cada vez mais as pessoas pareciam aproximadas entre si pelo silêncio. O barão notou que a conversa da mãe com o filho, sob ameaça deste silêncio, se tornava cada vez mais artificial: percebeu que em breve iria terminar. Resolveu então fazer uma experiência. Foi o primeiro a levantar-se, devagar, com um longo olhar para a paisagem, e passou de relance por ela, dirigindo-se para a porta. Ali chegando, olhou rapidamente para trás, como se tivesse esquecido alguma coisa, e surpreendeu-a acompanhando-o com vivo olhar.

Isto foi um estímulo para ele. Esperou-a no *hall*. Ela chegou logo depois, levando o menino pela mão; de passagem, folheou algumas revistas, mostrando a este algumas figuras. Mas quando o barão, como que por acaso, se aproximou da mesa, aparentando procurar uma revista, porém, na realidade, para penetrar mais profundamente no brilho úmido dos seus olhos, talvez mesmo para iniciar uma conversa, ela se voltou para o outro lado, tocou de leve no filho e disse: “*Viens, Edgar! Au lit!*”, e passou calmamente a seu lado. Um pouco desiludido,

o barão seguiu-a com o olhar. Ele contava realmente travar conhecimento com ela ainda nessa noite, e esse modo inopinado o desiludiu. Mas, afinal, nessa resistência havia estímulo, e justamente a incerteza ateou seu desejo. Em todo caso, ele tinha o seu parceiro e podia começar o jogo.

AMIZADE RÁPIDA

Quando, na manhã seguinte, o barão entrou no *hall*, viu ali o filho da bela desconhecida em animada conversa com dois ascensoristas, aos quais mostrava gravuras dum livro de Karl May. A mãe não se achava presente, evidentemente ainda estava fazendo sua toalete. Só então o barão observou o menino. Era um pequeno tímido, mal desenvolvido e nervoso, de uns 12 anos de idade, de movimentos desordenados e olhos pretos e inquietos. Como acontece muito frequentemente em crianças de sua idade, dava a impressão de espanto, como se subitamente houvesse sido arrancado do sono e colocado num ambiente estranho. Seu rosto não era feio, mas estava ainda indeciso, parecia que só então é que ia começar a luta entre a virilidade e a infância: tudo no seu semblante ainda estava como que apenas amassado e por adquirir forma, nada se pronunciava em linhas puras, mas somente se encontrava misturado pálido e tumultuariamente. Além disso, ele se achava justamente naquela idade desfavorável em que os meninos não se adaptam às suas vestes, em que as mangas e as calças bambolem em torno das delgadas juntas e em que ainda nenhuma vaidade os faz prestar atenção à sua aparência.

O menino, vagando à toa, dava uma impressão muito lamentável. Com efeito, atrapalhava a todos. Ora era afastado pelo porteiro, a quem parecia importunar com toda sorte de perguntas, ora estorvava a passagem na entrada; evidentemente lhe faltavam relações amistosas. Por isso, em sua necessidade infantil de tagarelar, procurava aproximar-se dos empregados do hotel, que, quando dispunham de tempo, lhe respondiam, mas que interrompiam a conversa quando um adulto aparecia ou tinham que fazer qualquer coisa importante. O barão observava sorridente e com interesse o infeliz menino que para tudo olhava com curiosidade e de quem todos afavelmente se esquivavam. Uma vez ele apanhou com firmeza um destes olhares curiosos, mas os olhos pretos logo se desviaram com medo assim que ele os surpreendeu nessa busca, e se esconderam sob as pálpebras descidas. Isto divertiu o barão. O pequeno começou a interessá-lo, e ele perguntou a si mesmo se esse menino, que evidentemente só era tão esquivo devido ao medo, não poderia servir como o mais rápido intermediário

para uma aproximação. Em todo caso, ia fazer uma tentativa nesse sentido. Sem chamar a atenção, seguiu o menino, que se dirigiu para a porta e, em sua necessidade infantil de ternura, acariciava as narinas rosadas de um cavalo branco, até que também o cocheiro um pouco asperamente o repeliu. Realmente o menino não tinha sorte. Aborrecido, enfastiado, andava de novo de um lado para outro, com o seu olhar vago e um pouco triste. Nesta ocasião o barão dirigiu-lhe a palavra:

— Então, jovem, gosta daqui? — perguntou de repente, procurando dar maior jovialidade possível às suas palavras.

O menino ficou vermelho como uma brasa e estremeceu. Atemorizado, retirou, como que com medo, a mão, voltando-se embaraçado para um e outro lado. Era a primeira vez que um senhor desconhecido entabulava conversa com ele.

— Gosto, obrigado — pôde ainda gaguejar. A última palavra já foi mais engolida do que pronunciada.

— Isso me admira — disse o barão, rindo. — É um lugar insípido, sobretudo para um jovem como você. Que faz o dia inteiro?

O menino continuava embaraçado demais para responder rapidamente. Seria mesmo possível que este senhor elegante e desconhecido procurasse conversa com ele, a quem mais ninguém dava importância? Esse pensamento causou-lhe receio e ao mesmo tempo orgulho. Com dificuldade recuperou o ânimo.

— Leio, e, além disso, passeamos juntos. Às vezes damos um passeio de carro, mamãe e eu. Estou aqui em convalescença, estive doente. Por isso tenho também que ficar muito tempo sentado ao sol, segundo o médico.

As últimas palavras já foram proferidas com bastante segurança. As crianças sempre se orgulham de uma doença porque sabem que o perigo as torna duplamente importantes para seus pais.

— Sim, o sol faz bem aos jovens senhores como você. Ele o queimará bem. Mas não deveria ficar sentado o dia inteiro; um menino como você deveria correr de um lado para outro e fazer também um pouco de travessuras. Parece-me que você é bem-comportado demais, dá a impressão de um homem caseiro com seu livro grande debaixo do braço. Como eu era levado em sua idade! Toda noite chegava em casa com as calças rasgadas. Não seja bem-comportado demais!

Sem querer, o menino teve de sorrir e isto tirou-lhe o medo. Quisera ter respondido alguma coisa, mas tudo isto lhe parecia demasiado atrevimento e presunção diante desse amável senhor desconhecido que lhe falava tão amistosamente. Nunca fora intrometido e sempre se embaraçava facilmente; por

isso agora a felicidade e a vergonha o colocavam no maior enleio. Gostaria muito de continuar a conversa, mas nada lhe ocorria à mente. Por sorte passou por ali nesse momento o grande são-bernardo amarelo pertencente ao hotel; farejou-os e deixou que o acariciassem.

— Gosta de cães? — perguntou o barão.

— Oh! Muito. Vovó tem um em sua vila em Baden, e, quando estamos lá, ele fica o dia todo perto de mim. Mas isto é só no verão, quando vamos lá de visita.

— Em casa, na nossa propriedade, temos, creio, duas dúzias de cães. Se você se portar bem, dou-lhe um de presente. Um cão castanho, de orelhas brancas, bem novo. Quer?

O menino enrubesceu de contentamento.

— Oh! Sim!

Isso lhe saiu com entusiasmo e desejo. Mas logo em seguida veio tímida e como que assustada a objeção:

— Mas mamãe não permitirá. Ela diz que não tolera cães em casa. Dão muito trabalho.

O barão sorriu. Enfim, a conversa se detinha na mãe do menino.

— Sua mamãe é tão severa?

O menino refletiu, olhou um instante para ele como que perguntando se podia confiar nesse senhor estranho. A resposta foi cautelosa:

— Não, ela não é rigorosa. Agora, porque estou doente, me permite tudo. Talvez até me permita ter um cão.

— Falarei com ela.

— Sim, por favor — respondeu o menino, com júbilo. — Mamãe certamente permitirá. E como é ele? Tem manchas brancas, não é? E sabe buscar as coisas?

— Sim, sabe fazer tudo.

O barão teve que sorrir diante do brilho que tão rapidamente provocara nos olhos do menino. Logo desaparecera o acanhamento do começo, e a impetuosidade refreada pelo medo transbordou. Numa transformação rápida como um relâmpago, o menino, anteriormente esquivo e tímido, tornara-se um pequeno desembaraçado. Involuntariamente, o barão pensou: se a mãe por trás do seu medo também fosse tão ardente! Então o menino o assaltou com uma série de perguntas:

— Como se chama o cão?

— Karo.

— Karo! — exclamou o pequeno.

Ele não podia deixar de rir e exultar a cada palavra, completamente inebriado com o fato inesperado de alguém o acolher com amabilidade. O próprio barão ficou surpreso com seu êxito rápido e resolveu não desperdiçar a oportunidade. Convidou o menino para dar um ligeiro passeio, e o pobre pequeno, há semanas sedento de uma camaradagem, ficou encantado com tal proposta. Sem pensar, foi respondendo a todas as perguntas curtas, como que casuais, do seu novo amigo, que ia manhosamente arrancando-lhe informações. Em pouco tempo o barão ficou conhecendo tudo sobre a família. Em primeiro lugar, que Edgar era filho único de um advogado de Viena, provavelmente pertencente à rica burguesia judia. Por meio de hábeis indagações, sem demora soube que a mãe do menino não estava absolutamente encantada com a permanência em Semmering e lastimava a falta de companhia agradável. Da maneira evasiva pela qual Edgar respondeu à pergunta — se a mamãe gostava muito do pai —, acreditou poder depreender que as coisas não corriam muito bem.

Quase que se envergonhou da facilidade que encontrara em arrancar do menino ingênuo todos esses pequenos segredos de família, pois Edgar, todo vaidoso de que qualquer coisa que tinha a contar pudesse interessar a um adulto, depositou sua confiança no novo amigo. Durante o passeio, o barão cingiu com o braço os ombros do menino, e o coração infantil deste palpitou de orgulho por ser visto publicamente em tal intimidade com um adulto, e pouco a pouco esqueceu sua própria infância, tagarelando francamente e sem constrangimento, como se estivesse diante de um indivíduo da sua idade. Edgar era, como revelava sua conversa, muito inteligente, um pouco precoce, como a maior parte das crianças enfermiças, que estiveram muito tempo em companhia de adultos, e de uma sentimentalidade singularmente exagerada no sentido de afeição ou de hostilidade. Em relação a coisa alguma parecia ter uma atitude calma; de tudo e de todos falava com entusiasmo ou com ódio. Este era tão violento, e Edgar contraía suas feições de maneira tão desagradável, que o seu semblante se tornava quase mau e feio. Algo rude e intempestivo, talvez condicionado pela doença que recentemente sofrera, dava à sua linguagem um fogo fanático, e parecia que sua falta de jeito não era senão medo, recalcado com dificuldade, de sua sentimentalidade.

Com facilidade o barão conquistou-lhe a confiança. Bastou meia hora para ter em suas mãos esse coração ardente que pulsava agitado. É muitíssimo fácil enganar crianças, essas criaturas ingênuas, cuja amizade tão raramente é procurada. Foi suficiente que ele se transportasse para o passado e a conversa infantil se lhe tornou tão natural, tão espontânea que também o menino o sentiu

igual a si e, após alguns minutos, perdeu toda a ideia da distância que os separava. O pequeno sentiu-se muito feliz por ter subitamente encontrado nesse lugar solitário um amigo, e que amigo! Os meninos de Viena, com suas vozes finas e sua conversa inexperiente, foram todos esquecidos, suas figuras como que apagadas de sua memória por este novo acontecimento. Toda sua afeição exaltada era agora para este seu novo e grande amigo, e ele se encheu de orgulho quando, ao despedir-se, este o convidou a voltar na manhã seguinte e fraternalmente lhe acenou de longe. Esse momento foi talvez o mais belo de sua vida.

É tão fácil iludir as crianças! O barão imitou o sorriso do menino. Já havia conseguido o intermediário. Sabia que ele agora iria torturar a mãe até cansá-la com seus relatos, iria repetir todas as palavras, e, agora, lembrou-se com prazer de que habilmente havia entremeado na conversa alguns galanteios dirigidos a ela, de que havia falado da “linda mamãe” de Edgar. Era para ele coisa resolvida que não deixaria em paz o comunicativo menino antes que este o aproximasse de sua mãe. Ele mesmo não precisava dar passo algum para diminuir a distância entre ele e a bela desconhecida; já poderia entregar-se às suas fantasias tranquilamente e contemplar a paisagem, pois sabia que duas ardentes mãos infantis construiriam a ponte que o levaria ao coração dela.

TERCETO

Como se viu uma hora depois, o plano foi excelente e teve bom êxito até nas menores particularidades. Quando o jovem barão entrou de propósito um pouco atrasado na sala de refeição, Edgar saltou da cadeira, cumprimentou-o amavelmente com um sorriso alegre e acenou para ele. Ao mesmo tempo tocou no braço de sua mãe e, apressada e nervosamente, falou a esta com gestos acentuados na direção do barão. Ela, constrangida e ruborizada, repreendeu o filho por sua conduta, demasiadamente desenvolta; contudo, não pôde deixar de lançar um olhar para o barão, a fim de fazer a vontade do menino, e ele imediatamente aproveitou tal ensejo para um cumprimento respeitoso.

O conhecimento estava travado. Ela teve de retribuí-lo, mas daí em diante conservou a cabeça baixa e durante todo o jantar evitou cuidadosamente tornar a olhar naquela direção. Outro foi o proceder de Edgar, que incessantemente olhava para lá, e uma vez tentou mesmo falar ao barão, inconveniência que logo foi energicamente repreendida pela mãe. Depois de jantarem, esta lhe disse que deveria ir dormir, e estabeleceu-se entre ele e ela um cochicho apressado, cujo

resultado final foi ser-lhe permitido, em vista de seus pedidos insistentes, ir à outra mesa e cumprimentar o seu amigo. O barão dirigiu-lhe algumas palavras cordiais, que fizeram de novo brilhar os olhos do menino, e tagarelou com ele alguns minutos. Subitamente, porém, com um movimento hábil, levantando-se, voltou-se para a outra mesa, felicitou a vizinha, que se mostrou um pouco embaraçada pelo filho inteligente, esperto, e gabou a excelente manhã que passara com ele. Edgar estava presente, rubro de alegria e orgulho — e indagou da saúde dele, tão minuciosamente que a mãe foi obrigada a responder. Assim, sem poder parar, entabularam uma longa conversa, que o pequeno escutou feliz e com uma espécie de profundo respeito. O barão apresentou-se e julgou notar que seu nome bem-sonante causara certa impressão nessa mulher vaidosa. Em todo caso, ela foi de extrema amabilidade para com ele, contudo não se comprometeu, e até mesmo despediu-se cedo, por causa do menino, como acrescentou, desculpando-se.

Este protestou energicamente, dizendo que não estava cansado e seria capaz de passar a noite acordado. Mas a mãe já havia estendido a mão ao barão, que a beijou respeitosamente.

Nessa noite Edgar dormiu mal. Havia nele um tumulto de felicidade e de desespero infantil, pois nesse dia acontecera algo de novo em sua vida: pela primeira vez tomara parte nos acontecimentos de adultos. Já em semissonho, esqueceu sua infância e de repente teve a impressão de ser adulto. Educado sozinho, e tendo estado doente muitas vezes, tivera até então poucos amigos. Para toda sua necessidade de ternura, não tivera senão os pais, que pouco se importavam com ele, e os criados. E a força de um amor é sempre erroneamente medida quando é avaliada apenas segundo o seu motivo e não segundo a tensão que o precede, aquele espaço vazio e escuro de desilusão e isolamento, e que existe antes de todos os grandes fatos do coração.

Um sentimento muito forte, virgem, estivera aqui à espera e lançou-se de braços abertos ao primeiro que pareceu merecê-lo. Edgar jazia no escuro, feliz e confuso: quis rir e teve que chorar, pois gostava desse homem como jamais gostara de um amigo, do pai, da mãe e mesmo de Deus. Toda a paixão imatura de seus anos anteriores abraçou a figura desse homem cujo nome algumas horas atrás ele ainda não sabia.

Mas era inteligente o bastante para não atormentar-se com o inesperado e a singularidade dessa amizade nova. O que o embaraçou muito foi o sentimento de seu pouco valor, de sua nulidade. Torturava-se com estas ideias: “Serei digno dele, eu, um menino de 12 anos, que tem ainda pela sua frente a escola, que de

noite é mandado para a cama diante de todas as outras pessoas? Que posso ser para ele, que lhe posso oferecer?” Justamente o revelar de seu sentimento o fazia infeliz. Habitualmente, quando fazia amizade com um camarada, a primeira coisa que fazia era repartir com este as duas preciosidades de sua escrivaninha: selos postais e pedras, mas esses objetos, que ainda na véspera eram para ele de grande importância e raro encanto, lhe pareceram, de um momento para outro, sem valor, fúteis e desprezíveis.

Como poderia oferecer tais coisas a esse novo amigo, a quem nem sequer se atrevia a tratar por você? Onde encontraria um meio, uma possibilidade de revelar seus sentimentos? Cada vez mais sentia a tortura de ser pequeno, uma meia-coisa, uma coisa imatura, um menino de 12 anos, e nunca maldissera com tanta veemência o ser criança, nunca desejara tão intimamente crescer e ser outro, como ele se concebia em sua fantasia, grande e forte, um homem, um adulto como os outros.

Com estes pensamentos tumultuosos, rapidamente se formaram os primeiros sonhos coloridos desse novo mundo, de ser homem. Edgar, finalmente, adormeceu com um sorriso, mas a lembrança do compromisso na manhã seguinte minou o seu sono. Já às sete horas despertou, sobressaltado, com receio de chegar muito tarde. Vestiu-se às pressas, foi ao quarto de sua mãe saudá-la, a qual ficou surpresa, pois de costume só com dificuldade conseguia tirá-lo da cama, e, antes que ela tivesse tempo de fazer algumas perguntas, desceu precipitadamente. Até nove horas andou impaciente de um lado para outro, esquecendo-se de seu desjejum, preocupado unicamente em não fazer o amigo esperar muito tempo.

Afinal, às nove e meia, lenta e despreocupadamente, chegou o barão. Como era natural, há muito que já esquecera o compromisso, mas agora, como o pequeno se dirigiu sôfrego para ele, teve de sorrir de tamanha afeição e mostrou-se pronto a cumprir sua promessa. Cingiu com o braço os ombros do menino e andou com este de um lado para outro, recusando-se com ternura, porém com energia, a iniciar já o passeio. Parecia que estava esperando alguma coisa, pelo menos seu olhar nervoso em direção às portas indicava isto. De repente, se pôs de pé e se empertigou. A mãe de Edgar entrara e, retribuindo o cumprimento, aproximou-se afavelmente dos dois. Quando soube do passeio que pretendiam fazer, e que Edgar lhe havia ocultado por ser algo demasiadamente precioso, sorriu, concordando. Prontamente resolveu aceitar o convite que o barão lhe fez de acompanhá-los.

Edgar imediatamente se aborreceu e mordeu os lábios. Como lhe desagradou o fato de, nesse momento, ela passar por ali! Esse passeio era só para ele, e o fato de ter apresentado o seu amigo à mãe não passara de uma amabilidade sua, mas com isso não pretendeu reparti-lo. Já se fazia sentir no menino alguma coisa parecida com ciúme quando percebeu a afabilidade do barão com sua mãe.

Os três foram então passear juntos.

No menino o sentimento perigoso de sua súbita importância foi entretido também pelo evidente interesse que ambos lhe dedicavam. Edgar foi o objeto quase exclusivo da conversa: a mãe falou com receio um pouco fingido sobre a palidez e nervosidade do filho, ao passo que o barão, sorrindo, as contestou e louvou as belas maneiras do seu amigo, como ele o denominava. Edgar ainda não tivera em sua vida uma hora tão bela. Teve prerrogativas que jamais lhe haviam sido concedidas. Pôde intrometer-se na conversa, sem que imediatamente o mandassem calar-se, e até mesmo manifestou toda espécie de desejos ousados que anteriormente teriam sido mal recebidos. E não foi de admirar que nele crescesse exuberantemente o sentimento ilusório de que já era um adulto. Em sua fantasia a infância já havia ficado para trás, como uma roupa abandonada por já ser pequena.

Ao meio-dia, o barão, atendendo ao convite da mãe de Edgar, que cada vez mais se mostrava amável, já estava à mesa dela. O *vis-à-vis* fora substituído por um lado a lado, o conhecimento transformara-se numa amizade. O terceto estava sendo executado e as três vozes, a da mulher, a do homem e a do menino, achavam-se em perfeita consonância.

O ASSALTO

Ao caçador impaciente pareceu haver chegado o momento de aproximar-se sorrateiramente de sua presa. O caráter familiar, o terceto, desagradava-lhe. Era muito bonito conservarem-se os três assim juntos, mas, afinal de contas, sua intenção não era conversar. E sabia que isso de sociedade com o disfarce de sua concupiscência sempre retarda o erótico entre o homem e a mulher, tira a chama às palavras e o fogo ao assalto. A senhora, durante a conversação, jamais deveria esquecer a verdadeira intenção dele, a qual este sabia que ela já compreendera. Sobre isso não tinha dúvida.

Havia muitas probabilidades de que seus esforços junto desta mulher não fossem vãos. Ela se achava naqueles anos decisivos em que a mulher começa a arrepender-se de ter permanecido fiel a seu esposo, a quem propriamente nunca

amou, e nos quais o ocaso purpúreo do sol de sua beleza lhe consente ainda uma última escolha urgente entre a maternidade e a feminilidade. A vida que já há muito tempo parecia uma questão resolvida neste momento torna-se de novo uma interrogação: pela última vez a agulha magnética da vontade oscila entre a esperança de uma vida erótica e a resignação definitiva. A mulher tem então diante de si uma grave decisão a tomar: viver o seu destino ou o de seus filhos, ser mulher ou ser mãe.

O barão, perspicaz nessas questões, acreditou perceber nela justamente esta vacilação entre a chama da vida e o sacrifício. Ela, na conversa, esquecia-se constantemente de referir-se ao esposo, que, evidentemente, parecia satisfazer apenas suas necessidades exteriores, porém não seu esnobismo estimulado pela vida fidalga que levava e que intimamente sabia, na verdade, muito pouco de seu filho. Uma sombra de enfado, disfarçada nos seus olhos escuros de melancolia, jazia sobre sua vida e obscurecia sua sensualidade. O barão resolveu avançar com rapidez, mas ao mesmo tempo evitar toda aparência de pressa. Ao contrário, do mesmo modo que o pescador puxa o anzol para atrair o peixe, queria, por seu lado, opor a essa nova amizade uma aparente indiferença, queria fazer-se conquistar, quando, na realidade, era ele quem estava conquistando. Deliberou exagerar uma certa altivez, mostrar bem a diferença de posição social que existia entre ambos. Encantava-o a ideia de poder conquistar esse corpo belo e sensual apenas por meio de acentuação de sua altivez, de uma aparência exterior, de um nome aristocrático e de maneiras frias.

A partida animada já começava a excitá-lo, e por isto impôs-se cautela. Passou a tarde no quarto com a agradável ideia de ser procurado e de a sua falta ser sentida. Mas tal ausência não foi muito notada pela mãe, a quem tinha em vista, mas constituiu para o pobre menino um tormento. Edgar, durante toda a tarde, sentiu-se imensamente abandonado e, sem saber o que fazer, com a terna fidelidade própria dos meninos, esperou longas horas pelo amigo. Seria para ele como que um descaso com a amizade ir-se embora ou fazer qualquer coisa sozinho. Rodou à toa pelos corredores, e, quanto mais as horas se passavam, tanto mais seu coração se enchia de infelicidade. Na inquietude de sua fantasia, imaginou um desastre ou uma ofensa inconscientemente cometida por ele; estava na iminência de chorar de impaciência e de medo.

Quando o barão, à noite, apareceu para o jantar, foi recebido com alegria. Edgar, sem importar-se com a advertência de sua mãe e o espanto das outras pessoas, correu ao encontro dele e cingiu-lhe impetuosamente o peito com seus bracinhos delgados: “Onde esteve o senhor? Onde esteve o senhor?”

perguntava. “Procuramo-lo por toda parte.” A mãe ruborizou-se diante desta inclusão desagradável da sua pessoa e disse bastante asperamente: “*Sois sage, Edgar. Assieds-toi!*” Ela sempre falava em francês com ele, não obstante não ser muito familiarizada com essa língua, que em explicações detalhadas rapidamente a deixava em dificuldades. Edgar obedeceu, porém não deixou de fazer perguntas ao barão. “Mas não se esqueça que o barão pode fazer o que bem entender. Talvez nossa companhia o enfade.” Desta vez ela também se incluiu, e o barão sentiu com alegria que essa admoestação solicitava um galanteio.

Nele despertou o caçador. Estava inebriado e excitado por ter encontrado tão depressa a verdadeira pista e sentir a caça a curta distância de seu projétil. Os seus olhos brilhavam, e sangue corria-lhe com facilidade nas veias, a palavra brotava-lhe dos lábios e ele mesmo não sabia como. O barão estava, como todo homem de temperamento fortemente erótico, duas vezes melhor, duas vezes ele mesmo, tal qual muitos atores que só se entusiasmam quando sentem os espectadores, a massa que se acha diante deles, inteiramente empolgados. Fora sempre um bom narrador, dotado de imagens claras, mas nesse dia, pois tornara, ao longo da conversa, alguns copos de champanhe que mandara servir em honra da nova amizade, excedeu-se a si próprio. Falou de caçadas na Índia, a que assistira como hóspede de um amigo inglês da alta aristocracia, escolhendo inteligentemente esse assunto de um lado por ser indiferente e de outro por sentir que essa mulher excitava-se por tudo que era exótico e inacessível a ela. Mas quem ficou fascinado por essas maravilhas foi o pequeno Edgar, cujos olhos estavam brilhando com entusiasmo. Esqueceu-se de comer, de beber e não tirava os olhos dos lábios do barão. Nunca esperava ver em pessoa um homem que já assistira a essas coisas extraordinárias, sobre as quais lera nos seus livros, as caçadas de tigres, os homens de cor castanha, os hindus e o carro de Jagannath, com a roda terrível, que sob seus raios sepultava milhares de pessoas.

Até então nunca julgara que realmente existissem tais homens, como também não acreditava nos países das fábulas, e este momento fez explodir nele, pela primeira vez, uma grande emoção. Seus olhos não podiam desviar-se do amigo, e, com a respiração opressa, fitava aquelas mãos que estavam ali tão perto de sua pessoa e que haviam matado um tigre. Mal se atrevia a fazer algumas perguntas, e nessas ocasiões a sua voz tinha um timbre de exaltação febril. Sua fantasia representava-lhe sempre a imagem relativa às narrativas: viu o amigo montado num elefante com xabraque púrpura, homens escuros à direita e à esquerda, com ricos turbantes, e depois, de repente, o tigre que, com seus dentes à mostra, avançava da jângal e cravava as garras na tromba do elefante. Em seguida, o

barão contou coisas ainda mais interessantes; falou do ardil empregado para apanharem-se elefantes, atraindo para os cercados, por meio de animais velhos e já mansos, os animais novos, bravios e atrevidos. Os olhos do menino faiscavam. Nesse momento, disse-lhe de repente a mãe, olhando para o relógio: “*Neuf heures! Au lit!*” Ao menino, pareceu que diante dele havia caído, rápida como um raio, uma faca.

Edgar empalideceu de espanto. Para todas as crianças, a ordem de ir para a cama é terrível, porque é para elas a mais notória humilhação diante dos adultos, o reconhecimento, o estigma de dormir. Mas como foi terrível tal ultraje nesse momento tão interessante, porque o faria deixar de ouvir coisas inauditas.

— Mamãe, só mais uma coisa, a dos elefantes, deixe-me ouvir apenas isso.

Quis insistir, mas lembrou-se logo da sua nova dignidade de adulto. Ousou fazer apenas uma tentativa. Mas a mãe, nesse dia, estava muito severa.

— Não, já é tarde. Sobe! *Sois sage, Edgar*. Repetirei com exatidão todas as histórias narradas pelo sr. barão.

Edgar hesitou. De costume a mãe o acompanhava quando ele ia deitar-se. Todavia, não quis insistir diante do amigo. Seu orgulho infantil queria, nessa lastimável retirada, salvar ainda uma aparência, a de que a fazia de boa vontade.

— Mas, mamãe, você me conta tudo, tudo dos elefantes e tudo mais?

— Sim, meu filho.

— E sem demora? Ainda hoje?

— Sim, sim, mas agora vai dormir, vai!

Edgar admirou-se de ter conseguido estender a mão ao barão e à mãe sem enrubescer, apesar de já notar que o soluço estava na garganta. O barão afavelmente afagou a cabeça do menino, o que provocou ainda um sorriso no seu semblante contraído. Mas então teve que dirigir-se depressa para a porta, senão teriam visto que grossas lágrimas lhe corriam pelas faces.

OS ELEFANTES

A mãe demorou-se ainda à mesa com o barão, porém não conversaram mais sobre elefantes e caça. Um leve langor, um embaraço rapidamente apareceu em sua conversa desde que o pequeno se retirara. Por fim passaram para o *hall* e sentaram-se a um canto. O barão estava mais fascinante do que nunca, ela, por sua vez, levemente excitada por algumas taças de champanhe, e assim a conversa tomou logo um caráter grave. Não se podia verdadeiramente dizer que o barão fosse bonito, ele só era jovem e tinha aparência muito viril com seu rosto

moreno, enérgico, e com o cabelo à escovinha, e encantava pelos movimentos vivos e quase descomedidos. Ela gostou de vê-lo de perto e já não temeu seu olhar. Pouco a pouco se insinuou nas palavras dele uma ousadia que a embaraçou um pouco, alguma coisa que foi como que agarrar seu corpo, um apalpar e de novo deixar de fazê-lo, um desejo incompreensível que lhe fez subir o sangue ao rosto. Mas então ele de novo riu leve, espontânea e infantilmente e isto deu a todos os pequenos desejos a franca aparência de gracejo infantil. Às vezes ela tinha a impressão de que devia repeli-lo asperamente com uma palavra, mas, sendo por natureza garrida, essas pequeninas provocações somente a faziam esperar ainda outras. Arrastada por esse jogo ousado, ela por fim tentou imitá-lo. Deu aos olhos dele pequenas esperanças esvoaçantes, entregando-se-lhe pelas palavras e pelos movimentos, permitindo já que ele se fosse chegando para perto dela, permitindo a proximidade daquela voz, cujo hálito ela, às vezes, sentia quente e palpitante nos seus ombros. Como todos os jogadores, esqueceram-se das horas e perderam-se tão inteiramente na palestra ardente que só despertaram quando o *hall*, à meia-noite, começou a escurecer.

Ela, obedecendo ao primeiro espanto, levantou-se imediatamente e de pronto sentiu quão longe ousara avançar. Brincar com o fogo não lhe era, aliás, coisa estranha, mas agora seu instinto excitado sentiu como essa brincadeira estava perto de tornar-se coisa séria. Com horror, percebeu que já não se sentia inteiramente segura, que qualquer coisa nela já começava a lhe correr pelo corpo e lhe causava angústia.

Na cabeça girava-lhe tudo num torvelinho de medo, champanhe e palavras ardentes; um medo tolo, absurdo, assaltava-a, aquele temor que já algumas vezes em sua vida conhecera em momentos perigosos mas nunca tão estonteante e violento. “Boa noite, boa noite. Até amanhã cedo”, disse ela apressadamente e quis fugir. Fugir não tanto dele como do perigo desse momento e de uma nova e estranha falta de confiança em si própria. Mas o barão, com uma suave violência, agarrou a mão que ela lhe estendera para despedir-se e beijou-a não uma só vez com cortesia, mas sim cinco, seis vezes, indo das pontas dos dedos delicados até os pulsos, e, tremendo, ela sentiu então, com ligeiro calafrio, cócegas no dorso da mão, provocadas pelo bigode áspero. Uma sensação de calor e opressão espalhou-se com o sangue dela por todo o corpo; surgiu um vivo temor que lhe martelou ameaçadoramente as fontes; sua cabeça ardeu em chamas; o medo, o medo absurdo palpitou por todo o seu corpo e ela retirou rapidamente a mão.

— Não vá embora — cochichou o barão. Porém ela retirou-se depressa, com uma falta de jeito própria da precipitação e que tornou manifestos o seu medo e embaraço. Ela se achava agora no estado de excitação que o barão queria provocar, sentia que tudo em si estava confuso. O medo cruel a impelia, pois esse homem poderia segui-la e agarrá-la, mas ao mesmo tempo, ainda na fuga, sentiu um pesar por ele não fazê-lo. Nesse momento poderia ter acontecido o que ela, há anos, inconscientemente ansiava, para dele fugir, sempre no último instante, o grande e perigoso flerte, não só o pequeno, o provocante. Mas o barão era demasiadamente altivo para correr atrás de um instante favorável. Estava seguro demais do seu triunfo para querer apossar-se à força dessa mulher num momento de fraqueza e de embriaguez; ao contrário, só a luta e a capitulação em estado de completa consciência atraíam o jogador correto. Ela não lhe podia escapar. Percebeu que o veneno quente já estava atuando no sangue da mulher.

Ela parou no alto da escada e apertou o peito ofegante com a mão. Teve de repousar um instante. Seus nervos estavam extenuados. Do seu peito partiu um suspiro, metade de alívio por haver escapado a um perigo, metade de pesar; mas tudo isso era confuso e continuava a confundir-se no seu sangue, produzindo um leve estado de atordoamento. De olhos semicerrados, como uma ébria, às apalpadelas, dirigiu-se para a porta do seu quarto e criou ânimo quando sentiu o trinco em sua mão. Só agora se sentia segura! Abriu devagar a porta e imediatamente recuou espantada. No escuro, alguma coisa tocava-lhe nas costas. Seus nervos excitados vibraram intensamente e ela já queria gritar por socorro, quando ouviu estas palavras, vindas do interior, em voz baixa e inteiramente sonolenta:

— É você, mamãe?

— Mas, meu Deus, que faz aí? — exclamou e precipitou-se para o divã, onde Edgar, que acabara de acordar, jazia encolhido. A sua primeira ideia foi de que o menino estivesse doente ou necessitando de algum auxílio.

Mas Edgar disse, ainda todo sonolento e num tom de leve queixa:

— Esperei tanto tempo por você, e depois adormeci.

— Mas por que esperou?

— Por causa dos elefantes.

— Quais elefantes?

Só agora ela compreendeu. Prometera ao filho contar-lhe, ainda naquela noite, tudo da caça e das aventuras. E por isso o menino ficara no quarto dela, esperara com toda a confiança que ela viesse e adormecera. O ato extravagante do filho a

indignou ou, melhor, ela sentiu raiva de si mesma, ouviu uma leve voz do seu sentimento de culpa e de sua vergonha, que quis abafar:

— Vá imediatamente para a cama, menino atrevido! — exclamou ela.

Edgar ficou surpreso. Por que estava tão zangada com ele, que nada fizera? Mas a surpresa do filho aumentou nela o estado de excitação: “Vai já para o seu quarto!”, gritou furiosa, pois sentia que estava cometendo uma injustiça com ele. Edgar retirou-se sem dizer palavra. Estava verdadeiramente muito cansado e sentia apenas vagamente, através da névoa pesada de sono, que a mãe não tinha cumprido a promessa e que de algum modo as pessoas eram más com ele. Mas não se revoltou. Nele, tudo se achava embotado pela fadiga e, além disso, estava muito aborrecido por haver pegado no sono no quarto de sua mãe em vez de esperar acordado. “Tal qual uma criancinha”, disse indignado a si mesmo, antes de tornar a adormecer, pois desde a véspera odiava sua própria infância.

ESCARAMUÇA

O barão dormira mal. É sempre perigoso ir dormir após uma aventura interrompida. Uma noite agitada, perturbada por sonhos importunos, fez com que ele se arrependesse logo de ter deixado escapar de suas mãos aquele momento da véspera. Quando, de manhã, ainda cheio de sono e mau humor, apareceu no *hall*, o menino, saindo de um recanto, correu para ele, abraçou-o com entusiasmo e começou a importuná-lo com mil perguntas. Sentiu-se feliz de possuir de novo para si, por um momento, o seu grande amigo, e não precisar reparti-lo com a mãe. Disse-lhe que devia contar as coisas só a ele e não mais à sua mãe, pois esta, apesar de sua promessa, nada lhe repetira de todas aquelas histórias maravilhosas. Ele importunou o amigo, que acordara displicente, que mal podia ocultar seu mau humor, com uma série de perguntas pueris. A estas, feliz por estar de novo a sós com quem longamente procurara e esperara desde manhã cedo, juntou demonstrações impetuosas de sua amizade.

O barão respondeu com mau humor. Essa eterna espreita por parte do pequeno, a frivolidade de suas perguntas, bem como a sua paixão indesejada, começavam a enfadá-lo. Estava cansado de, entra dia sai dia, andar acompanhado de um pequeno de 12 anos, falando futilidades com ele. Agora só lhe interessava malhar o ferro enquanto quente e apanhar a mãe a sós, o que se tornou um problema por causa da presença indesejada do menino. Um primeiro mal-estar diante dessa afeição incautamente despertada apoderou-se do barão, pois não via

por enquanto possibilidade alguma de desvencilhar-se desse amigo demasiadamente apegado.

Contudo, tinha que tentar. Até as dez, hora para a qual havia combinado com a mãe um passeio, deixou o menino tagarelar à vontade, sem dar-lhe atenção; de vez em quando dizia alguma coisa para não ofendê-lo e folheava ao mesmo tempo um jornal. Finalmente, quando já eram quase dez horas, como que se lembrando subitamente de alguma coisa, pediu a Edgar que fosse apenas um instantezinho ao outro hotel ali perto indagar se o conde Grundheim, seu primo, já chegara.

O menino ingênuo, feliz por afinal poder prestar um serviço ao seu amigo e orgulhoso da sua dignidade de mensageiro, partiu imediatamente e correu tanto no trajeto que os transeuntes o olhavam admirados. Ele fazia questão de mostrar como era ligeiro quando lhe confiavam recados. Lá lhe disseram que o conde ainda não chegara, nem mesmo dera aviso algum. Numa corrida, o menino levou a resposta. Mas já não encontrou o barão no *hall*. Em vão bateu na porta do quarto deste. Inquieto, percorreu todas as salas do hotel, a sala de música e o café; agitado correu para sua mãe, a fim de colher informações, e também ela não estava. O porteiro, a quem, inteiramente desesperado, por fim se dirigiu, disse-lhe que ambos haviam saído juntos poucos minutos antes, o que lhe causou surpresa.

Edgar esperou pacientemente. Sua ingenuidade não permitiu que suspeitasse de algo errado. Eles não podiam demorar senão alguns momentos, estava certo disso, pois o barão tinha necessidade de receber o recado. Mas as horas iam passando e o menino começou a ficar inquieto. Desde o dia em que esse homem estranho e sedutor penetrara em sua vida inocente, ficara em estado de tensão, agitado e embaraçado. Num organismo tão delicado como o das crianças, toda paixão deixa as suas impressões como em cera mole. O tremor nervoso das pálpebras reapareceu e o menino parecia mais pálido. Edgar esperou, continuou a esperar, a princípio paciente, depois violentamente excitado e por fim já quase chorando. Todavia, ainda não estava desconfiado. Sua confiança cega nesse admirável amigo supôs um equívoco, e um medo íntimo o atormentou: talvez tivesse compreendido mal a ordem.

Mas como lhe causou estranheza o fato de os dois, quando finalmente voltaram, continuarem a conversar alegremente e não se mostrarem surpresos. Pareceu-lhe que nem sequer haviam sentido falta dele: “Edi, fomos ao teu encontro, esperávamos te encontrar no caminho”, disse o barão, sem indagar do resultado da incumbência que dera ao pequeno. E quando este, todo assustado,

começou a dizer que em vão poderiam tê-lo procurado, que tinha ido diretamente pela rua principal e queria saber em que direção haviam seguido, a mãe interrompeu prontamente suas palavras: “Está bem, está bem. As crianças não devem falar muito.”

Edgar ficou vermelho de raiva. Era a segunda vez que ela fazia a vil tentativa de diminuí-lo diante do seu amigo. Por que fazia sempre isso, por que procurava sempre apresentá-lo como criança, o que, estava convencido, não era mais? Evidentemente ela tinha inveja de sua amizade e planejava atrair para si o amigo. Sim, certamente fora também ela quem de propósito conduzira o barão por um caminho errado. Mas ele não se deixaria maltratar por ela, havia de ver.

Edgar resolveu nesse dia não trocar, à mesa, nenhuma palavra com ela, mas só com o amigo.

Mas isso foi difícil. O que menos esperava aconteceu; não perceberam a sua resistência. Pareceu até que não o viam, ele que na véspera dera o ensejo para que os dois estivessem juntos. Ambos conversaram por cima dele, gracejaram e riram, como se ele tivesse desaparecido debaixo da mesa. Sentiu o sangue subir-lhe à face e um nó na garganta que o sufocava. Horrorizado compreendeu sua terrível impotência. Ser obrigado, pois, a calmamente estar ali, ver a mãe roubar-lhe o amigo, o único homem que ele amava, e não poder se defender, senão pelo silêncio! Pareceu-lhe que devia levantar-se e subitamente dar um murro na mesa, apenas para que notassem sua presença. Mas conteve-se, largou o garfo e a faca e não comeu mais. Mas também esse jejum obstinado não foi percebido. Somente ao ser servido o último prato a mãe notou e perguntou-lhe se não se sentia bem. Desgostoso, pensou consigo: ela só quer saber de uma coisa, se estou doente, fora disso, tudo lhe é indiferente. Respondeu, em poucas palavras, que não tinha apetite e com isto ela se contentou. Ninguém, absolutamente ninguém dava atenção a ele. O barão parecia tê-lo esquecido; nem ao menos uma vez lhe dirigiu a palavra. Cada vez mais seus olhos ficavam marejados, e teve que recorrer ao stratagem infantil de passar o guardanapo no rosto antes que alguém pudesse ver que pelas suas faces escorriam lágrimas. Sentiu alívio quando a refeição terminou.

Durante o jantar, a mãe propusera darem um passeio juntos, de carro, até Maria Schutz. Edgar ouvira a proposta e mordeu os lábios. Ela não queria mais deixá-lo a sós um minuto sequer com o amigo. Seu ódio cresceu violentamente quando, ao deixarem a mesa, a mãe disse:

— Edgar, você vai acabar esquecendo tudo o que estudou na escola; deveria ficar em casa e recordá-lo um pouco!

O menino zangou-se de novo. Ela queria sempre humilhá-lo diante do seu amigo, sempre lembrar publicamente que ele era uma criança, que devia ir à escola e que, se o consentiam entre os adultos, era apenas uma tolerância. Dessa vez a intenção era evidente demais. Não respondeu, mas virou rapidamente as costas.

— Ah! sente-se outra vez ofendido — disse ela sorrindo, e depois dirigiu-se ao barão: — Seria alguma coisa de mais que ele estudasse durante uma hora?

O menino sentiu uma aflição quando ouviu o barão, que se dizia seu amigo, que o chamara de homem caseiro, dizer:

— Ora essa, uma ou duas horas de estudo realmente não lhe poderiam fazer mal.

Seria isso um colúio? Ambos, de fato, teriam se aliado contra ele? No olhar do menino notava-se a cólera. “Papai proibiu que eu estudasse aqui, papai quer que eu convalesça!”, exclamou todo orgulhoso de sua doença, agarrando-se, desesperado, à palavra, à autoridade de seu pai. Lançou isto como uma ameaça. E o mais curioso foi que estas palavras pareceram provocar em ambos um mal-estar. A mãe desviou o olhar e tamborilou nervosamente com os dedos na mesa. Um silêncio penoso fez-se entre eles. “Faça o que bem entender, Edi”, disse por fim o barão com um sorriso forçado. “Não tenho que fazer exames: já há muito que fui reprovado em todos.”

Mas Edgar não sorriu com o gracejo e dirigiu ao barão um olhar indagador, penetrante, como se quisesse chegar até à alma. Que se passou? Alguma coisa mudara entre eles, e o menino não sabia qual o motivo desta transformação. Agitado, deixou os olhos vagarem a esmo. No seu coração batia apressadamente um pequeno martelo: era a primeira suspeita.

SEGREDO ARDENTE

“Que os transformou assim?”, pensou o menino, que no carro estava sentado de frente para os dois. “Por que já não são como antes comigo? Por que mamãe sempre evita o meu olhar quando a encaro? Por que ele procura sempre pilheriar diante de mim? Já não falam comigo como ontem ou anteontem, parece-me quase que suas aparências são outras. Mamãe tem hoje os lábios tão vermelhos, deve tê-los pintado. Nunca os vi assim. E ele constantemente franze a testa como se estivesse ofendido. Nada lhes fiz, não lhes disse palavra alguma que pudesse desgostá-los. Não, não posso ser a causa disso, pois eles mesmos entre si estão mudados. Aparentam ter feito alguma coisa que não ousam dizer. Não

conversam mais como ontem, também não riem, estão ocultando algo. Há entre ambos qualquer segredo que não me querem revelar. Um segredo que tenho de descobrir, custe o que custar. Já sei, deve ser o mesmo diante do qual sempre me cerram a porta, do qual se trata nos livros e nas óperas, quando os homens e as mulheres, de braços estendidos, cantam uns para outros, se abraçam e se repelem. Deve ser mais ou menos o mesmo que se passou com minha professora de francês, que se portou tão mal com papai e que foi despedida. Todas essas coisas estão relacionadas, sinto-o, mas só não sei como. Oh! saber, finalmente saber esse segredo, apanhá-lo, essa chave que abre todas as portas, não ser mais criança, diante de quem tudo se oculta e se dissimula, não se deixar enganar e iludir! Agora ou nunca! Hei de arrancar-lhes esse terrível segredo.”

Em sua fronte formou-se uma ruga; o menino franzino de 12 anos tinha quase aparência dum velho quando tão seriamente fazia essas cogitações, sem dirigir um olhar sequer para a paisagem que se estendia com cores admiráveis em torno deles, os montes com o verde puro de suas florestas, e os vales que ainda tinham o suave esplendor da primavera retardada. Ele não tirava os olhos dos dois, que de frente para ele ocupavam o assento dianteiro do carro, como se pudesse com esses olhares vivos, como armado de um gancho, arrancar o segredo das profundezas cintilantes dos olhos de ambos. Nada aguça mais a inteligência do que uma suspeita apaixonada; nada desenvolve mais todas as possibilidades de um intelecto imaturo do que uma trilha que está no escuro. Às vezes é apenas uma porta delgada que separa as crianças do mundo que nós qualificamos de real, e um casual sopro de vento lhes abre esta porta.

Edgar, de um momento para o outro, sentiu-se como nunca pertíssimo e muito ao alcance do desconhecido, do grande segredo; percebeu-o muito perto de si, é verdade que ainda encoberto e indecifrado, mas próximo, bem próximo. Isto o excitou e deu-lhe essa severidade súbita e solene, pois inconscientemente percebeu que havia chegado ao termo de sua infância. As duas pessoas que estavam em frente dele sentiam em si uma resistência vaga, sem perceber que esta provinha do menino. Sentiam-se embaraçadas e inibidas pela presença de uma terceira pessoa no carro. Os dois olhos que não se desviavam deles incomodavam-nos. Mal se atreviam a conversar e a olhar-se. Não eram mais capazes de manter uma conversa leve e social como antes, esta já se achava muito dominada pelo tom das intimidades ardentes, das palavras perigosas, nas quais a impudicícia lisonjeira treme aos contatos íntimos. Sua conversa esbarra sempre em omissões e reticências. Parava, queria continuar, mas sempre tornava a tropeçar no silêncio obstinado do menino.

Sobretudo para a mãe este silêncio teimoso era incômodo. Ela cautelosamente olhava de soslaio para o filho e espantou-se quando subitamente, na maneira como o menino mordia os lábios, reconheceu uma semelhança deste com o marido quando estava irritado ou agastado. A ideia de lhe haver sido evocada a lembrança de seu marido, justamente no momento em que queria fazer uma aventura às escondidas, foi-lhe desagradável. O menino, pouco mais de um palmo diante dela, com seus olhos escuros ativos e como à espreita atrás da fronte pálida, parecia-lhe um espectro, uma sentinela da consciência, duplamente insuportável ali no espaço restrito do carro. Então, Edgar, subitamente, elevou o olhar um instante. A mãe e o filho baixaram imediatamente os olhos, perceberam pela primeira vez na vida que estavam se espiando. Até então tinham confiado cegamente um no outro, mas agora havia alguma coisa entre ambos, de um momento para outro, entre os dois, a situação havia mudado. Pela primeira vez em suas vidas começavam a se observar mutuamente, a separar seus destinos, em ambos já havia um ódio oculto recíproco, que ainda era novo demais para que ousassem reconhecê-lo.

Os três sentiram um alívio quando os cavalos pararam diante do hotel. O passeio malograra, todos o sentiram, mas ninguém ousou dizê-lo. Edgar foi o primeiro a apear. A mãe, alegando dor de cabeça, desculpou-se, e subiu às pressas para seu quarto. Estava fatigada e queria ficar a sós. Edgar e o barão ficaram para trás. Este pagou ao cocheiro, olhou o relógio e dirigiu-se para o *hall*, sem dar atenção ao outro. Passou por ele com seu dorso delgado, esbelto, com aquele leve andar balanceante e rítmico que tanto encantava ao menino e que este, na véspera, procurara imitar. Passou simplesmente por ele. Evidentemente esquecera o menino e o deixara junto ao cocheiro, junto dos cavalos, como se não estivesse com ele.

Edgar ficou fora de si quando viu o barão passar assim por ele, o barão a quem, apesar de tudo, continuava a amar idolatradamente. Do seu coração irrompeu o desespero quando o viu passar assim, sem o roçar com a capa e sem dizer-lhe uma palavra, quando não tinha consciência de culpa alguma. A compostura mantida penosamente desapareceu, o peso, artificialmente aumentado, da dignidade escorregou dos ombros demasiadamente estreitos. Ele se tornou novamente uma criança pequena e humilde como na véspera. Isso continuou a impeli-lo contra sua vontade. Com passos rápidos e trêmulos, foi atrás do barão, colocou-se diante dele justamente quando ia subir a escada, e disse, atormentado, quase em pranto:

— Que lhe fiz para que o senhor não me dê mais atenção? Por que o senhor agora se mostra sempre assim comigo? E mamãe também! Por que sempre querem me afastar? Eu lhes sou importuno? Ou lhes fiz alguma coisa?

O barão espantou-se. Nessa voz havia alguma coisa que o confundia e o enternecia. Compadeceu-se do menino ingênuo.

— Edi, você é um tolo! Eu apenas estava hoje de mau humor, e você é um bom menino, de quem realmente gosto.

Ao mesmo tempo sacudiu-lhe fortemente a cabeça, mas mantendo o rosto meio desviado para o lado, para não ser obrigado a ver esses olhos infantis, grandes, úmidos e suplicantes. A comédia que estava representando começou a se tornar penosa. Já se sentia envergonhado de ter brincado tão atrevidamente com a amizade desse menino, e essa voz fina, entrecortada por soluços, causou-lhe pena.

— Vai agora, Edi, hoje de noite estaremos de novo em harmonia, você vai ver, disse com meiguice.

— O senhor não deixará que mamãe me mande imediatamente para o quarto, não é?

— Não, não, Edi, não deixarei — disse o barão, sorrindo. — Mas agora sobe, tenho que me vestir para o jantar.

Edgar retirou-se, sentindo-se feliz naquele momento. Mas pouco depois o martelo do seu coração começou a trabalhar de novo. Desde a véspera sua idade aumentara em alguns anos; uma hóspede estranha, a desconfiança, abrigara-se no seu peito infantil.

Ele esperou. Deu-se a prova decisiva. Estavam juntos à mesa. Deram nove horas, a mãe não o mandou dormir. Ele tornou-se inquieto. Por que justamente hoje o deixara demorar tanto, ela que habitualmente era tão pontual? Seria porque o barão tinha revelado a ela seu desejo e a sua conversa com ele? Arrependeu-se vivamente de ter corrido atrás do barão com o coração cheio de confiança. Às dez horas, subitamente a mãe levantou-se e despediu-se do barão. E, coisa estranha, também este não pareceu absolutamente admirar-se dessa retirada prematura, e não procurou, como de hábito, detê-la por mais tempo. Cada vez com mais força batia o martelo no peito do menino.

Agora teve a prova segura. Também ele fez que não suspeitava de coisa alguma e, sem se queixar, seguiu a mãe até a porta. Aí chegando ergueu subitamente os olhos e, de fato, surpreendeu nesse instante um olhar sorridente que, passando sobre sua cabeça, se dirigia dela para o barão, um olhar de conluio, de qualquer segredo. O barão o havia traído. Separaram-se cedo, porque

tinham de afastar dele hoje a desconfiança, para que amanhã ele não os estorvasse.

— Patife! — murmurou ele.

— Que dizes? — perguntou a mãe.

— Nada! — respondeu entre dentes. Também ele tinha agora o seu segredo. Era o ódio, o ódio sem limites contra os dois.

SILÊNCIO

As dúvidas de Edgar haviam passado. Enfim estava de posse de um sentimento perfeito e nítido: ódio e franca hostilidade. Agora, como estava certo de que os estorvava, ficar junto deles se tornou para o menino um prazer cruelmente complicado. Em pensamento, deleitou-se com perturbá-los, com, finalmente, arremeter contra eles com toda a força acumulada de sua hostilidade. O primeiro a quem arreganhou os dentes foi ao barão, quando este de manhã chegou ao *hall* e, passando pelo menino, o saudou cordialmente com um “bom dia, Edi”. Edgar, que, sem erguer os olhos, continuou sentado, respondeu-lhe resmungando um “bom dia” seco.

— A mamãe já desceu?

Edgar, sem levantar os olhos do jornal, disse:

— Não sei.

O barão ficou surpreso. Mas o que era isso agora?

— Dormiu mal, Edi? — Como sempre, um gracejo teve que vir em socorro. Mas Edgar lançou-lhe de novo, com desprezo, um “não” e engolfou-se de novo na leitura do jornal. — Menino tolo — murmurou o barão encolhendo os ombros e foi adiante. A inimizade estava declarada.

Com sua mãe, Edgar mostrou-se frio e cortês. Repeliu calmamente uma tentativa inábil de mandá-lo à quadra de tênis. Seu sorriso, que mal aflorou os lábios, ligeiramente repassado de amargor, mostrou que não se deixava mais iludir. “Prefiro ir passear contigo, mamãe”, disse com fingida afabilidade, e encarou-a. A resposta evidentemente não lhe agradou. Ela hesitou e pareceu procurar alguma coisa. “Espere aqui por mim”, disse, finalmente, e foi fazer o desjejum.

Edgar ficou esperando. Mas sua desconfiança estava em atividade. Um instinto sem sossego procurava agora em cada palavra da mãe e do barão uma intenção hostil oculta. A desconfiança dava agora por vezes notável clarividência às suas resoluções. E em vez de esperar no *hall*, como lhe fora ordenado, preferiu

postar-se na rua, onde podia guardar não só a saída principal, mas todas as portas. Qualquer coisa nele pressentiu que queriam enganá-lo. Mas eles não escapariam mais. Na rua, de acordo com o que aprendera em seus livros sobre índios, escondeu-se atrás de um monte de lenha. Riu-se de contentamento quando, cerca de meia hora depois, viu, de fato, sua mãe, com um lindo ramalhete de rosas na mão e acompanhada pelo barão, o traidor, sair pela porta lateral.

Pareciam muito alegres. Já sentiam alívio por terem escapado dele, por estarem a sós para o seu segredo! Sua conversa era acompanhada de sorrisos e dispunham-se a tomar o caminho que descia para a floresta.

Chegara o momento. Edgar, como se o acaso o houvesse levado ali, saiu descansadamente de trás do monte de lenha. Inteiramente sereno, dirigiu-se para eles, deu tempo, muito tempo, para deleitar-se fartamente com a surpresa que lhes causou. Ambos ficaram perplexos e trocaram um olhar estranho. Lentamente, com naturalidade encenada, o menino se aproximou, não tirando deles o seu olhar de pouco caso. “Oh! está aí, Edi, já te procuramos lá dentro”, disse por fim a mãe. “Com que descaro mente”, pensou ele, mas os lábios não se moveram, conservaram por trás dos dentes o segredo do ódio.

Todos três não sabiam o que fazer. Um esperava pelos outros. “Vamos, pois”, disse com resignação a mãe agastada, e desfolhou uma das lindas rosas. Ela tinha de novo nas asas do nariz aquele tremor que revelava a raiva. Edgar não se moveu, como se não fosse com ele, olhou a esmo, esperou que os dois se pusessem a andar e então se dispôs a segui-los. O barão fez ainda uma tentativa: “Hoje há partidas de tênis, já assistiu a alguma?” Edgar apenas olhou para ele com ar de desprezo. Nada lhe disse, somente fez com os lábios um movimento como se quisesse assobiar. Era a sua resposta. Seu ódio arreganhou os dentes.

Sua presença importuna atormentou os dois como um pesadelo. Assim andam com punhos cerrados os prisioneiros diante do guarda. O menino verdadeiramente nada fazia e, com seus olhares de espreita, umedecidos por lágrimas de raiva, e seu humor irritado, que repelia toda tentativa de aproximação, foi se tornando, de minuto a minuto, mais insuportável. “Vai na frente”, diz de repente, furiosa, a mãe, perturbada pela espreita incessante do filho. “Não fique dançando nos meus calcanhares, isso me enerva!” Edgar obedeceu. Mas, quando eles ficavam para trás, constantemente ele voltava-se, parava e esperava-os, cercando-os mefistofelicamente com seu olhar e enleando-os nesta rede ígnea de ódio na qual os dois se sentiam irremediavelmente presos.

Seu silêncio perverso como um ácido corroeu-lhes o bom humor, seu olhar amargou-lhes a conversa, afugentando-a dos lábios. O barão não ousou mais proferir uma única palavra de rogo, sentiu com raiva esta mulher escorregar-lhe das mãos e a paixão desta, tão dificilmente despertada, arrefecer sob a ação do medo desse menino importuno e enfadonho. Tentavam sempre conversar, mas sua conversa não ia adiante. Por fim, todos três caminhavam em silêncio, ouvindo o sussurro das árvores, cujas ramagens roçavam umas às outras, e os seus próprios passos aborrecidos. O menino matara a conversa dos dois.

Reinava entre todos três a hostilidade. O menino traído sentiu com prazer que a fúria dos dois se dirigia inerte contra a sua existência desprezada. Com olhar pestanejante e zombeteiro, de vez em quando percorria o semblante agastado do barão. Viu como este, entre dentes, murmurava impropérios e tinha de conter-se para não lançá-los contra ele; notou também, com prazer diabólico, a raiva crescente da mãe e percebeu que ambos só desejavam uma oportunidade para atirarem-se contra ele, afastá-lo ou torná-lo inócuo. Mas ele não dava ocasião, seu ódio fora calculado durante longas horas e não enfraquecia.

— Vamos voltar — disse subitamente a mãe.

Ela sentiu que não podia conter-se por mais tempo, que tinha de fazer alguma coisa, no mínimo sair gritando sob esse tormento.

— Que pena! — disse Edgar calmamente. — Está tão bom.

Ambos perceberam que o menino zombava deles, mas não se atreveram a dizer coisa alguma: esse tirano havia em dois dias aprendido de maneira demasiadamente admirável a dominá-los. A ironia afiada não se traía por contração alguma do rosto. Sem falar, percorreram de volta o longo caminho. Quando a mãe e o filho se acharam a sós no quarto, a irritação dela manifestou-se de novo: atirou com raiva a sombrinha e as luvas. Edgar notou imediatamente que os nervos da mãe estavam irritados e necessitavam de uma descarga, mas ele desejava uma explosão e, de propósito, permaneceu no quarto para provocá-la. Ela andou de um lado para outro, sentou-se, tamborilou com os dedos na mesa, depois levantou-se. “Como você está desganhado, como anda sujo! É uma vergonha. Na sua idade não se envergonha de andar assim?” Sem replicar uma palavra, o menino foi pentear-se. Esse silêncio, esse silêncio obstinado e frio, acompanhado de um tremor de desdém nos lábios, a enraiveceu. Preferia tê-lo espancado. “Vá para o seu quarto”, gritou ela. Não podia suportar mais a presença do filho. Edgar sorriu e retirou-se.

Como ambos agora tremiam diante dele, como tinham medo, o barão e ela, de cada momento em que ele estava junto deles, do golpe desapiedadamente rijo

dos seus olhos! Quanto maior era o mal-estar que eles sentiam, tanto maior bem-estar iluminava o seu olhar e tanto mais provocante se tornava sua alegria. O barão ainda conseguiu conter seu ódio, porque esperava sempre poder pregar uma peça no menino e só pensava no seu objetivo. Porém a mãe perdia constantemente o domínio de si. Para ela era um alívio poder gritar com ele. “Não brinque com o garfo”, disse à mesa. “É um garoto sem educação, ainda não merece estar sentado entre adultos.”

Edgar, tendo a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, não fazia senão sorrir sempre. Sabia que esses gritos indicavam desespero e sentia orgulho por ver que ela assim se traía. Tinha agora o olhar inteiramente calmo, como o de um médico. Se fosse em outro tempo, talvez se mostrasse mau, para aborrecê-la, mas no ódio aprende-se muita coisa, e rapidamente. Permanecia calado, sempre calado, até que ela, sob a pressão de seu silêncio, começou a gritar.

A mãe não podia suportar mais tal silêncio. Quando se levantaram da mesa e Edgar quis segui-los com esse afinco natural, ela explodiu de novo. Esqueceu toda conveniência e vomitou a verdade. Torturada pela presença insidiosa do filho, estava enfurecida como um cavalo atormentado pelas moscas. “Por que corre sempre atrás de mim como uma criança de três anos? Não quero você sempre junto a mim. O lugar das crianças não é entre os adultos. Tome nota disso. Ocupe-se ao menos uma hora consigo mesmo. Leia alguma coisa ou faça o que bem entender. Deixe-me em paz! Você me enerva andando constantemente à minha roda, com o seu mau humor.”

Enfim arrancara dela a confissão. Edgar sorria enquanto o barão e ela pareciam embaraçados. Ela voltou-se e quis retirar-se, furiosa consigo mesma por haver confessado ao filho seu mal-estar. Mas Edgar disse calmamente apenas o seguinte:

— Papai não quer que eu ande aqui sozinho. Papai fez-me prometer que não seria descuidado e que ficaria junto de você.

Acentuou a palavra “papai”, porque já notara que esta exercia sobre os dois um efeito inibidor. Também seu pai devia, portanto, de qualquer modo, estar envolvido nesse segredo ardente. O pai deveria possuir sobre os dois qualquer poder oculto, que ele ignorava qual fosse, pois a menção do seu nome parecia despertar neles medo e mal-estar. Dessa vez também nada lhe replicaram. Depuseram as armas.

A mãe retirou-se e com ela o barão. Atrás deles seguiu Edgar, porém não humilde como servo, ao contrário, firme, rigoroso e inexorável como um guarda. Ele invisivelmente fazia ruído com a cadeia em que os dois davam puxões e que

não conseguiam romper. O ódio havia dado à sua força infantil uma têmpera de aço; ele, o ignorante, era mais forte do que os dois, que tinham as mãos presas pelo segredo.

OS MENTIROÇOS

Mas não havia tempo a perder. O barão deveria demorar-se aí só mais alguns dias, estes precisavam ser aproveitados. Perceberam que resistir à obstinação do menino irritado era inútil, e por isso lançaram mão do último e do mais ignominioso recurso, a fuga, a fim de escaparem por uma ou duas horas à sua tirania.

— Vai ao correio registrar estas cartas — disse a mãe a Edgar. Ambos achavam-se no *hall*; o barão estava do lado de fora, falando com o cocheiro de uma charrete.

Edgar recebeu com desconfiança as duas cartas. Lembrara-se de que antes era sempre um criado que fazia esses pequenos serviços para sua mãe. Será que por fim estavam armando, de comum acordo, alguma coisa contra ele?

Hesitou.

— Onde me esperas?

— Aqui.

— Com certeza?

— Sim.

— Mas não vá embora! Espera-me aqui no *hall*, até que eu volte? — Com o sentimento de sua superioridade, já falava à sua mãe de modo imperioso. Desde a antevéspera muita coisa mudara.

Partiu em seguida com as duas cartas. À porta encontrou-se com o barão. Dirigiu-lhe a palavra; já havia dois dias que não lhe falava.

— Vou apenas levar estas duas cartas ao correio. Mamãe fica esperando por mim. Por favor não saiam antes.

O barão retirou-se rapidamente.

— Sim, sim, esperaremos.

Edgar encaminhou-se a toda pressa para o correio. Teve que esperar. Um senhor que estava na frente dele fez uma dúzia de perguntas ao funcionário postal. Por fim o menino pôde desobrigar-se da sua incumbência e imediatamente voltou às pressas com os recibos. Chegou exatamente no momento em que a mãe e o barão iam partindo na charrete. Ficou estatelado de raiva. Por um triz que não apanhou uma pedra para atirar neles. Haviam-lhe,

pois, escapado, mas com uma mentira vil e infame! De que sua mãe mentia estava seguro desde a véspera, mas o fato de poder ela ser tão descarada a ponto de faltar a uma promessa formal destruíra-lhe o resto de confiança. Não compreendeu mais a vida desde que viu que, atrás do que supunha existir, a realidade era apenas bolhas coloridas que se enchiam e, rompendo-se, se reduziam a nada. Mas que terrível segredo deveria ser esse que levava pessoas adultas a tanto, a enganarem a ele, a um menino, a fugirem como criminosos? Nos livros que lera, os homens assassinavam e enganavam para adquirir dinheiro, poder ou reinos. Mas qual era aqui a causa, o que pretendiam os dois, por que se escondiam dele, o que procuravam ocultar sob uma série de mentiras? Deu tratos à sua mente. Sentia obscuramente que esse segredo era o fecho da infância, que conquistá-lo significava ser adulto, enfim, um homem. Todavia, como descobri-lo? Já não podia mais pensar com clareza. A raiva por lhe terem escapado incendiou-lhe e toldou-lhe a visão clara.

Correu para a floresta; só poderia encontrar salvação na obscuridade onde ninguém o via, e ali rompeu numa torrente de lágrimas. “Mentirosos cães, impostores, patifes!” Teve de vociferar estas palavras para não ficar sufocado. A raiva, a impaciência, a indignação, a curiosidade, o desamparo e a traição dos últimos dias, tudo isso, que estava reprimido na luta infantil, no devaneio de ser adulto, nesse momento arrombou-lhe o peito e transformou-se em lágrimas. Foi o último pranto de sua infância, o último pranto violento, pela última vez ele se entregou feminilmente ao prazer das lágrimas. Nessa hora de fúria desconcertante, com seu pranto, expeliu de si tudo, confiança, amor, fé, respeito — toda a sua infância.

O menino que então voltou para o hotel era outro. Estava calmo e agiu com reflexão. Primeiramente foi ao seu quarto, lavou cuidadosamente o rosto e os olhos, a fim de não dar aos dois o prazer de verem vestígios de suas lágrimas. Em seguida preparou o ajuste de contas e esperou com toda a calma.

No *hall* havia muita gente quando o carro que conduzia os dois fugitivos chegou. Alguns cavalheiros jogavam xadrez, outros liam jornais, as senhoras conversavam. No meio deles estava o menino, imóvel, um pouco pálido e com olhar tremulante. Quando a mãe e o barão entraram, um pouco constrangidos por verem-no tão repentinamente, e já iam balbuciar a desculpa preparada quando ele avançou para ambos, firme e calmo, e, em tom de provocação, disse:

— Sr. barão, desejava dizer-lhe algumas palavras.

O barão foi tomado de um mal-estar e sentiu-se surpreso.

— Sim, sim, mais tarde.

Mas Edgar elevou a voz e falou clara e incisivamente, de modo que todos os presentes pudessem ouvir:

— Mas é agora que quero falar com o senhor. O senhor portou-se infamemente, enganando-me. O senhor sabia que a mamãe esperava por mim e...

— Edgar! — exclamou a mãe, que via todos os olhares dirigidos para ela, e avançou para ele.

Mas o menino, percebendo que esta queria abafar-lhe as palavras, gritou então violentamente:

— Digo-lhe de novo diante de toda a gente. O senhor mentiu infamemente e isto é vil, é miserável.

O barão empalideceu, os presentes ficaram surpresos, sorrindo alguns.

A mãe agarrou o menino, que tremia de emoção, e gaguejou com voz rouca:

— Vá imediatamente para seu quarto ou dou-lhe uma surra aqui na presença de todos.

Mas Edgar já estava outra vez calmo. Sentiu pesar de ter sido tão impetuoso. Estava descontente consigo mesmo, pois verdadeiramente queria desafiar com calma o barão, mas a raiva foi mais forte do que a vontade. Calmamente, sem pressa, dirigiu-se para a escada.

— Queira desculpar, sr. barão, o atrevimento dele. O senhor sabe que ele é um menino nervoso — balbuciou ainda ela, confusa pelos olhares um pouco maliciosos das pessoas que a fitavam. Ela não temia mais nada no mundo do que o escândalo, e sabia que agora tinha de salvar as aparências. Em vez de recorrer imediatamente à fuga, foi antes ao porteiro perguntar por cartas e outras coisas sem importância, e dirigiu-se para o quarto como se nada tivesse acontecido. Mas atrás dela ouviu-se uma série de cochichos e de risos reprimidos.

No caminho, retardou os passos. Em face de situações difíceis, ela sempre se sentia desamparada e teve medo dessa discussão. Não podia negar que era culpada e, além disso, temia o olhar do filho, esse olhar novo, estranho, tão singular, que a paralisava e a tornava insegura. Receosa, cogitou agir com brandura, pois sabia que, numa luta, esse menino irritado era mais forte.

Devagar abriu a porta. O menino estava ali quieto. Os olhos que elevou para ela não foram absolutamente de medo, nem sequer revelaram curiosidade. Parecia estar muito seguro.

— Edgar — disse ela da maneira mais maternal possível —, que ideia foi essa a sua? Envergonhei-me por você. Como ainda criança pode ser tão atrevido com um adulto? Vá imediatamente pedir desculpas ao sr. barão.

Edgar olhou para fora pela janela e disse um “não”, como se este fosse dirigido às árvores.

A segurança do menino começou a causar estranheza a ela:

— Edgar, o que está se passando? Você está inteiramente mudado. Não te conheço mais. Era um menino sensato, bem-comportado, com quem se podia falar, e de um momento para outro passou a se portar como se o diabo estivesse no seu corpo. Que tem contra o barão? Gostava tanto dele. Ele era tão amável contigo!

— Sim, porque ele te queria conhecer.

Ela sentiu-se perturbada.

— Tolice! Que ideia essa! Como pode pensar tal coisa?

Então o menino se exaltou.

— Ele é um mentiroso, um falso. O que ele faz é cálculo e baixeza. Quis conhecê-la, por isso foi amável comigo e me prometeu um cão. Não sei o que te prometeu e por que é amável contigo, mas também de ti ele quer obter alguma coisa, mamãe, tenho absoluta certeza. Se não fosse isso, não se mostraria tão cortês e amável. É um indivíduo ruim. Mente, repara como o olhar dele é sempre falso. Oh! eu o odeio, esse infame mentiroso, esse miserável!...

— Mas, Edgar, como pode dizer tal coisa? — Ela estava embaraçada e não sabia o que responder. Nela se agitou um sentimento que deu razão ao filho.

— Sim, é um infame, não há quem me convença do contrário. Você mesma deve ver isso. Por que ele me teme? Por que se esconde de mim? Porque sabe que eu descubro seus intuitos, que o conheço, esse infame!

— Como pode dizer tal coisa! Como pode dizer tal coisa! — O cérebro dela estava insensível, só os lábios exangues gaguejavam repetidamente esta frase. Ela começou de repente a ter um medo terrível e verdadeiramente não sabia se era do barão ou do menino.

Edgar notou que sua advertência causara forte impressão. E isso o impeliu a atrair para si a mãe, a ter um aliado no ódio, na hostilidade contra o barão. Aproximou-se com ternura da mãe, abraçou-a e sua voz se tornou comovida e acariciadora.

— Mamãe — disse ele —, você mesma deve haver notado que ele não tem boas intenções. Ele a transformou inteiramente. Você é que está mudada, e não eu. Ele atçou-a contra mim apenas para tê-la. Quer certamente enganá-la. Não sei o que prometeu. Sei apenas que não cumprirá. Você deveria se precaver contra ele. Quem engana um também engana o outro. É um indivíduo perverso, em quem não se pode confiar.

Essa voz terna e quase lacrimosa pareceu a ela provir do próprio coração. Nela surgira, desde a véspera, um mal-estar que lhe dizia o mesmo, cada vez mais insistentemente. Todavia teve vergonha de dar razão ao próprio filho, e livrou-se, como muitas outras pessoas o fazem, do embaraço, de um sentimento que a dominava, recorrendo à rudeza. Empertigou-se:

— Crianças não compreendem tais coisas. Você não tem que meter o bedelho em tais coisas. Tem que se portar decentemente. E é só isso.

O semblante de Edgar gelou-se de novo.

— Faça o que bem entender — disse ele secamente. — Eu a adverti.

— Não quer pedir desculpas?

— Não.

Eles estavam em franca oposição. Ela sentiu que lhe faltava a autoridade.

— Fará as suas refeições aqui no quarto, sozinho. E não se sentará à nossa mesa enquanto não pedir desculpas. Hei de fazer com que você tenha modos. Não sairá do quarto senão quando eu permitir. Compreendeu?

Edgar sorriu. Esse sorriso malicioso já parecia fazer parte dos seus lábios. No íntimo, estava zangado consigo mesmo. Que insensatez de sua parte fora não haver dominado o próprio coração e ter ainda querido advertir essa mentirosa!

A mãe retirou-se sem tornar a olhar para ele. Temia seus olhares incisivos.

O menino tornara-se incômodo a ela desde que ele abrisse os olhos e lhe dissesse justamente o que ela não queria saber nem ouvir. Era horrível para ela ver uma voz íntima, sua consciência, separada dela própria, disfarçada em criança, apresentar-se como seu próprio filho, adverti-la e desprezá-la. Até então esse menino estivera à margem de sua vida, fora um ornamento, um brinquedo, qualquer coisa de querido e íntimo, às vezes talvez um peso, mas sempre algo que corresse na mesma torrente de sua vida e com ritmo igual. Pela primeira vez esse menino, nesse dia, se rebelou e resistiu contra a vontade dela. Alguma coisa semelhante a ódio mesclava-se agora constantemente com a lembrança do filho.

Mas quando, um pouco fatigada, descia a escada, ouviu uma voz infantil, vinda do próprio peito: “Você deveria precaver-se contra ele.” Não conseguia fazer calar essa advertência. Ao passar por um espelho, indagativa, olhou-o profundamente, cada vez mais profundamente, até que os lábios, num leve sorriso, se abriram e se arredondaram, como para proferir uma palavra perigosa. A voz do íntimo continuava a fazer-se ouvir. Porém ela alçou os ombros como se sacudisse de si todas essas dificuldades invisíveis, lançou um olhar inteligente para o espelho, apanhou o vestido, e, com o gesto decisivo do jogador que atira sobre a mesa a última moeda, desceu a escada.

RASTRO AO LUAR

O criado que levava a refeição a Edgar em sua prisão trancou a porta. O menino enfureceu-se; a sua prisão, como se ele fosse um animal bravo, evidentemente se dera por ordem de sua mãe.

“Que estará acontecendo lá embaixo, enquanto eu estou aqui preso? Que estarão agora combinando os dois? O segredo por fim estará se realizando, e serei obrigado a ignorá-lo? Oh! esse segredo que farejo sempre quando estou entre adultos, diante do qual de noite fecham a porta, que os faz conversar em voz baixa quando eu apareço inesperadamente, esse grande segredo que há dias está próximo de mim, muito perto de minhas mãos e que ainda não posso apanhar! O que não tenho feito para conhecê-lo! Roubei livros da estante de papai e os li; neles encontravam-se todas essas coisas curiosas, mas não pude compreendê-las. Deve haver qualquer selo que é preciso retirar primeiro para encontrar o segredo, talvez em mim ou nos outros. Interroguei a criada, pedi que me explicasse essas passagens dos livros, porém ela riu-se de mim. É horrível ser criança, estar cheio de curiosidade e não poder perguntar a ninguém, ser sempre ridículo diante desses adultos, como se fôssemos alguma coisa tola e inútil. Mas hei de descobri-lo, sinto que em breve o conhecerei. Uma parte já está em minhas mãos e não desistirei enquanto não possuí-lo todo!”

Escutava para saber se alguém se aproximava. Um vento leve soprava contra as árvores e quebrava o espelho do luar, entre a ramagem, em centenas de pequenos fragmentos.

“O que os dois pretendem fazer não pode ser coisa boa, senão não teriam procurado tão miseráveis mentiras para me afastar. Certamente agora estão rindo de mim, os malditos, por se verem finalmente livres da minha pessoa, mas eu rirei por último. Que tolíce a minha deixar-me prender, dar-lhes um momento de folga, em vez de colar-me a eles e espreitar cada um dos seus movimentos! Sei que os adultos são sempre incautos e eles também hão de se trair. Creem que nós sempre somos pequeninos e que de noite sempre dormimos; esquecem-se de que podemos fingir estar dormindo e espiar, que podemos nos fazer de tolos e ser muito inteligentes. Há pouco tempo, quando minha tia teve um filho, todos sabiam muito antes que isso ia acontecer e fingiram-se admirados diante de mim como se tivessem tido uma surpresa. Mas eu também sabia, pois os ouvi falar semanas antes à noite, quando acreditavam que eu estava dormindo. Desta vez também hei de surpreendê-los, infames! Oh! se pudesse espiar pela porta, observá-los agora às escondidas, quando se julgam seguros! E se eu tocasse

talvez agora a campainha? Viria a criada, abriria a porta e perguntaria o que eu queria. Ou se eu fizesse barulho, quebrasse a louça? Então também abririam a porta e, nesse momento, poderia escapar e ir espiá-los. Porém não, não quero fazer isso. Ninguém deverá conhecer o modo infame como eles me tratam. Sou demasiadamente ativo para proceder desse modo. Amanhã eu me desferrarei deles.”

Edgar ouviu uma risada de mulher lá embaixo e espantou-se; poderia ser de sua mãe. Esta tinha motivo de rir, de zombar dele, do pequeno, do abandonado, que era trancado a chave quando era incômodo, que era atirado a um canto como uma trouxa de roupa suja. Cuidadosamente chegou à janela para escutar. Não era sua mãe, mas sim meninas estranhas, joviais, que pilheriavam com um rapaz. Nessa ocasião, percebeu quão pequena era a distância entre a sua janela e o solo. E mal o percebeu, já lhe veio a ideia de pulá-la, nesse momento, quando eles se julgavam inteiramente seguros, e de ir espiá-los. Alegrou-se muito com a sua resolução. Era como se tivesse nas mãos o grande, o faiscante segredo de sua infância. Para fora, para fora!, era a ordem que o dominava. Perigo não havia. Não passava ninguém por ali. Saltou a janela. O cascalho crepitou ligeiramente, o que ninguém percebeu.

Nos dois últimos dias surpreender e espreitar tornaram-se o prazer de sua vida. E quando, pisando de mansinho, dava volta ao hotel evitando cuidadosamente o reflexo intenso das luzes, sentiu um grande prazer misturado com um leve arrepio de medo. Aproximando a face cuidadosamente da vidraça, primeiramente revistou a sala de refeições. O lugar que eles costumavam ocupar estava vazio. Continuou a espiar de janela em janela. Não ousou entrar no hotel, pois receou encontrá-los inesperadamente nos corredores. Não os achou em parte alguma. Já ia desesperando, quando viu assomarem ao lado exterior da porta duas sombras. Recuou, agachou-se no escuro e viu sua mãe sair com o seu agora inevitável acompanhante. Chegara mesmo no momento propício. Que falavam? Não pôde ouvir. Falavam baixo e o sussurro do vento nas árvores era muito forte. Escutou nitidamente uma risada, era de sua mãe. Foi uma risada que ele não conhecia nela, uma risada singularmente aguda, como produzida por cócegas, nervosa, que lhe causou estranheza e o assustou. Ela ria. Portanto, o que se escondia a ele não podia ser nada de perigoso, nada de muito grande e violento. Edgar ficou um tanto desiludido.

Mas por que os dois saíam do hotel? Aonde iam a sós de noite? Nas alturas, os ventos deviam estar voando com asas gigantescas, pois o firmamento, há um instante límpido e iluminado pela lua, tornou-se escuro. Panos negros, lançados

por mãos invisíveis, por vezes envolviam a lua e a noite então se tornava tão impenetrável que mal se podia ver o caminho, e logo depois ficava clara, quando a lua se descobria. Essa brincadeira entre a luz e a sombra era misteriosa e provocante como a de uma mulher que alternadamente se desnuda e se vela. Precisamente num momento em que a paisagem de novo desnudou seu corpo luzidio, Edgar viu duas silhuetas ambulantes, ou melhor, uma, pois elas avançavam tão aconchegadas como se um medo interior as reunisse. Mas aonde iriam agora os dois? Os pinheiros gemiam, reinava uma atividade lúgubre na floresta, como se as fúrias andassem ali dentro. “Eu os seguirei”, pensou Edgar. “Nessa agitação do vento e da floresta, não podem perceber os meus passos.”

Enquanto eles, embaixo, iam pelo caminho largo e claro, ele, em cima, avançava sem fazer ruído de árvore em árvore, de sombra em sombra. Seguia-os tenaz e inexoravelmente, bendizendo o vento que não os deixava ouvir os seus passos e maldizendo-o, porque não permitia que as suas palavras chegassem até ele. Se pudesse ouvir a conversa dos dois, estaria certo de apanhar o segredo.

Os dois caminhavam sem nada desconfiar. Sentiam-se ditosamente sós nessa noite imensa e confusa, e abandonavam-se à sua crescente emoção. Nenhum pressentimento os advertia que lá de cima, na obscuridade produzida pela abundante ramagem, cada um dos seus passos era seguido e que dois olhos os cercavam com violento ódio e intensa curiosidade.

De repente pararam. Também Edgar parou imediatamente e colou-se a uma árvore. Foi tomado de um enorme medo. Como havia de ser se os dois agora voltassem e chegassem antes dele ao hotel, se não pudesse alcançar o seu quarto e a mãe o encontrasse vazio? Então tudo estaria perdido, então saberiam que ele ocultamente os espiara e não poderia mais esperar arrancar-lhes o segredo. Mas os dois estavam hesitantes; evidentemente havia entre eles uma divergência de opinião. Felizmente havia no momento a claridade do luar e o menino pôde ver tudo com nitidez. O barão apontou para um caminho lateral, escuro e estreito, que descia para o vale onde a claridade do luar não chegava com tanta abundância, mas apenas se coava em gotas e raros raios através das árvores.

“Por que ele quer descer por ali?”, perguntou o pequeno a si mesmo. A mãe pareceu dizer “não”; o barão, porém, falou-lhe. Pela sua gesticulação Edgar pôde perceber a sua insistência. O menino foi assaltado de medo. Que pretenderia esse homem fazer com sua mãe? Por que esse canalha queria levá-la para um lugar escuro? Lembrou-se dos seus livros, que eram para ele o mundo, e estes lhe evocaram imediatamente ideias vívidas de assassinato e rapto, de crimes tenebrosos. Não havia dúvida, ele queria assassiná-la e por isso a afastara e a

atraíra para ali... Deveria gritar por socorro? Assassino! O silvo já estava prestes a sair da garganta, mas os lábios estavam ressequidos e não davam som. Enorme era a sua emoção, ele mal podia ficar de pé. Cheio de medo, procurou segurar-se, e então sob suas mãos estalou um galho.

Os dois voltaram-se assustados e olharam para a escuridão. Edgar ficou quieto, encostado em uma árvore, com os braços encolhidos e o pequeno corpo bem agachado na sombra. Reinou um silêncio sepulcral. Contudo, os dois pareciam assustados. Ouviu a mãe: “Vamos voltar?” O tom de sua voz era de medo. O barão, evidentemente também inquieto, concordou. Ambos regressaram com passo lento e muito aconchegados. A timidez deles foi a sorte de Edgar. Engatinhando, bem baixo, entre as árvores, avançou, ferindo as mãos, até a orla da floresta; dali em diante correu até ao hotel com tamanha pressa que o fôlego lhe faltou. Ali, em alguns passos, galgou a escada e chegou à porta do seu quarto. Felizmente a chave estava do lado de fora; ele deu-lhe uma volta, entrou no quarto e imediatamente atirou-se na cama. Teve que descansar alguns minutos, pois o coração batia-lhe violentamente como um badalo de sino.

Em seguida deixou a cama, encostou-se à janela e esperou que eles chegassem. A demora foi grande. Deveriam ter andado muito devagar. Espiava cautelosamente pela janela. Eles vinham chegando a passo lento, o luar iluminava-lhes as vestes. Nessa luz esverdeada pareciam fantasmas. De novo o menino foi assaltado pelo doce horror de que aquilo pudesse ser realmente um assassinato e de que impedira o fato horrível com sua presença! Viu nitidamente os semblantes que tinham a cor do giz. No de sua mãe havia uma expressão de êxtase que nunca vira nela; o barão, ao contrário, tinha a fisionomia grave e aborrecida. Certamente porque seu plano falhara.

Já estavam bem perto. Só muito próximo do hotel foi que as duas figuras se separaram. Olharam para cima? Não, ninguém olhou para cima. “Esqueceste de mim”, pensou o menino com uma forte raiva, com um triunfo íntimo, “porém eu não me esqueci de você. Pensa que estou dormindo ou que não estou no mundo, mas há de ver o seu engano. Vigiarei todos os seus passos até que tenha arrancado do patife o segredo, o terrível segredo que não me deixa dormir. Darei cabo de sua aliança. Não estou dormindo!”

Lentamente chegaram os dois à porta. Quando entraram, um atrás do outro, as duas silhuetas enlaçaram-se de novo, e, por um instante, sua sombra desapareceu como uma faixa negra na porta iluminada. O pátio ao luar de novo estava luzente diante da casa, como uma vasta superfície coberta de neve.

A AGRESSÃO

Edgar retirou-se ofegante da janela. Tremia de medo. Jamais em sua vida estivera tão perto do misterioso. O mundo da agitação, das aventuras interessantes, aquele mundo de assassinatos e de embustes do qual falavam seus livros na sua opinião sempre estivera onde estavam as fábulas, imediatamente por trás dos sonhos, no irreal e no inatingível. Mas nessa ocasião, de repente ele pareceu ter caído dentro deste mundo atroz, e todo seu ser foi febrilmente sacudido por encontro tão inesperado. Quem era esse homem, o ser misterioso, que subitamente aparecera em sua vida tranquila? Seria realmente um assassino, pois procurava sempre os lugares escuros e queria arrastar sua mãe para onde havia escuridão? Parecia que estava iminente algo terrível. Não sabia o que fazer. Estava resolvido a, no dia seguinte, escrever ou telegrafar ao pai. Mas não poderia esse algo terrível dar-se ainda nesta noite? Sua mãe ainda não se achava no quarto, estava ainda com esse homem odiado e desconhecido.

Entre a porta interna e a externa, que era uma porta falsa facilmente móvel, havia um espaço estreito, que não era maior do que o interior dum guarda-roupa. O menino meteu-se neste pequeno espaço para observar os passos dos dois no corredor, pois resolvera não deixá-los um só instante. Era meia-noite e o corredor estava vazio, fracamente iluminado por uma única luz.

Finalmente — os minutos foram para ele terrivelmente longos — ouviu passos cautelosos que subiam a escada. Ele escutou atentamente. Não era um andar rápido, como de alguém que vai diretamente para seu quarto, mas eram passos arrastados, hesitantes, muito lentos, como os de quem ascende um caminho imensamente difícil e íngreme. Era um andar entremeado constantemente de cochichos e de paradas. Edgar tremia de emoção. Eram afinal os dois, ele continuava junto dela! O cochicho estava demasiadamente distante, mas os passos, ainda que lentos, iam se aproximando. De repente, ouviu a voz odiada do barão, que bem baixo disse alguma coisa que o menino não pôde entender, e logo em seguida a de sua mãe, numa recusa rápida: “Não, hoje não! Não!”

Edgar tremia: os dois se aproximavam e ele havia de ouvir tudo. Cada passo que davam na sua direção, por mais leve que fosse, causava-lhe uma dor no peito. E a voz, como lhe parecia odiosa, essa voz que insistia avidamente, essa voz asquerosa do homem que ele odiava! “Não seja cruel. A senhora estava tão linda esta noite.” E outra vez: “Não, não devo, não posso, largue-me!”

Havia tanto pavor na voz de sua mãe que o menino se assustou. O que queria ainda dela? Por que ela tem medo? Ambos aproximavam-se cada vez mais e já

deviam estar diante da porta do quarto do menino. Por trás deles, muito perto, está o pequeno; trêmulo e invisível, a um palmo de distância, protegido apenas por uma delgada divisória. As vozes estão agora muito próximas dele.

— Venha, Matilde, venha! — E ouviu de novo sua mãe gemer, agora mais baixinho, numa resistência que se ia paralisando.

Mas que foi isto? Seguiram adiante, no escuro; sua mãe, em vez de entrar no quarto, continuou pelo corredor! Para onde ele a arrasta? Por que ela não fala mais? Tê-la-ia amordaçado, apertar-lhe-ia a garganta?

Estes pensamentos deixam-no furioso. Com mãos trêmulas abre um palmo de porta. Vê os dois no corredor escuro. O barão tem o braço em volta dos quadris de sua mãe e a vai levando devagar, parece que ela já está cedendo. Ele para em frente ao seu quarto. “Ele quer arrastá-la, quer praticar agora a coisa terrível”, diz consigo o menino espantado.

Com um movimento rápido, fecha a porta e sai em direção aos dois. Sua mãe solta um grito quando vê precipitar-se subitamente do escuro alguma coisa para ela. Parece ter desmaiado e com dificuldade é amparada pelo barão. Este, porém, sente nesse instante no seu rosto um pequeno e fraco punho, que lhe bate secamente os lábios de encontro aos dentes, alguma coisa que, como um gato, arranha o seu corpo. Solta a companheira, que foge rapidamente, e às cegas dá socos sem ainda saber contra quem se defende.

O menino sabe que é o mais fraco, mas não cede. Enfim, enfim chega o momento, há tanto tempo desejado, de externar impetuosamente o amor traído, o ódio acumulado. Num estado de irritação febril e desvairada, com seus punhos pequenos dá socos a torto e a direito. O barão já o reconheceu, está cheio de ódio contra este espião oculto, que lhe tornou amargos os últimos dias e lhe estragou o jogo, e responde energicamente com murros, onde quer que acerte. Mudos e encarniçados, lutam durante um minuto. Pouco a pouco o barão adquire consciência do ridículo de sua luta com um menino. Mas o menino, sentindo os seus músculos se enfraquecerem e sabendo que dentro de um instante será o vencido, o espancado, furioso mete os dentes nessa mão forte e firme que quer agarrá-lo pela nuca. Involuntariamente o barão dá um grito surdo e larga o menino, que aproveita o instante para fugir para o quarto e corre o ferrolho.

Essa luta da meia-noite durou apenas um minuto. Ninguém a ouviu. Tudo está quieto, todos parecem imersos no sono. O barão limpa com um lenço a mão que sangra e espia inquieto o escuro. Ninguém escutara. Só em cima brilha — parece-lhe com ar de mofa — uma única luz inquieta.

TEMPESTADE

“Fora isso um sonho, um sonho mau, terrível?”, pergunta Edgar a si mesmo na manhã seguinte, quando, de cabelos desgrenhados, desperta numa confusão de medo. A cabeça estava atormentada por um fragor surdo, as articulações por uma sensação de rijeza, e quando olhou para o corpo notou com espanto que estava ainda com as vestes do dia anterior. Saltou do leito, foi cambaleando até o espelho e recuou de horror quando viu seu semblante pálido, desfigurado e um galo na testa. Com dificuldade reuniu suas ideias e lembrou-se, então, ansioso, de tudo, da luta noturna no corredor, de sua retirada precipitada para o quarto e de que então, tremendo febrilmente, se jogara no leito vestido e pronto para fugir. Devia ter adormecido, ter caído neste sono profundo e pesado, em cujos sonhos tudo aquilo se repetiu, mas de modo diferente e ainda mais terrível, com um cheiro de sangue fresco.

Embaixo, passos faziam crepitar o cascalho, vozes subiam como pássaros invisíveis até o quarto onde o sol penetrava profundamente. Já devia ser tarde, mas o relógio, que consultou espantado, marcava meia-noite, pois o menino em seu estado de excitação esquecera de dar-lhe corda na véspera. Esta incerteza, esta desorientação no tempo, reforçada pela sensação de desconhecimento do que verdadeiramente se passara, perturbou-o. Fez rapidamente a toalete e desceu, tendo no coração inquietude e um leve sentimento de culpa.

Sua mãe estava sozinha à mesa habitual da sala de almoço. Edgar sentiu um alívio por não estar presente seu inimigo, por não ter de ver o rosto odiado, no qual na véspera, encolerizado, dera murros. Contudo, quando chegou à mesa, sentiu-se inseguro. “Bom dia!”, exclamou.

A mãe não respondeu. Nem sequer levantou os olhos, mas com o olhar fixo ao longe pôs-se a contemplar a paisagem. Estava muito pálida, com leves olheiras e com aquele tremor nervoso nas asas do nariz, que era tão indicativo de seu estado de excitação. Edgar mordeu os lábios. Esse silêncio confundiu-o. Ignorava se na véspera havia ferido gravemente o barão e se ela sabia desse conflito noturno. Esta incerteza torturava-o. Mas a fisionomia da mãe conservava-se tão rígida que ele não tentou levantar o olhar para ela, por temer que os seus olhos de repente se erguessem e se cravassem nele. Ficou bem quieto. Não ousando sequer fazer ruído, levantou cautelosamente a xícara e a colocou de novo sobre a mesa, olhando furtivamente para os dedos da mãe, que muito nervosamente brincavam com a colher e em seu encurvamento pareciam trair o ódio oculto. Permaneceu assim sentado um quarto de hora, com esse

sentimento angustiante de antecipação de alguma coisa que não se realizara. Nenhuma palavra, absolutamente nenhuma, o libertava. Quando sua mãe se levantou, sem ainda ter notado sua presença, ele não soube o que fazer: se continuava sentado à mesa ou se a seguia. Mas por fim levantou-se, seguiu humildemente a mãe, que propositadamente relanceou os olhos para ele, e sentiu durante todo o tempo como era ridículo andar atrás dela. Foi encurtando os passos, a fim de ficar cada vez mais para trás, e ela, sem prestar atenção a ele, entrou no quarto. Quando Edgar finalmente chegou à porta, encontrou-a fechada.

Que acontecera? Ele já não se reconhecia. A consciência segura da véspera abandonara-o. Teria procedido mal, com aquela agressão da noite anterior? Estariam preparando para ele um castigo ou uma nova humilhação? Sentia que estava para acontecer alguma coisa, que algo de terrível sucederia em breve. Entre eles havia o calor abafadiço de uma tempestade que estava se formando, a tensão elétrica entre dois polos carregados, que tinha de terminar num raio. O menino arrastou consigo, dum lado para outro, durante quatro horas de solidão, o peso desse pressentimento, até que seu dorso frágil cedeu sob o peso invisível, e ao meio-dia ele, já inteiramente humilde, foi para a mesa.

— Boa tarde! — exclamou. Tinha que romper esse silêncio terrivelmente ameaçador que pairava sobre ele como uma nuvem negra.

Ainda desta vez, a mãe não respondeu e também não olhou para ele. Com um novo espanto, Edgar sentiu-se então em face de uma cólera refletida e acumulada como nunca encontrara em sua vida. Até então suas rixas haviam sido sempre apenas explosões de raiva, mais dos nervos do que do sentimento, que rapidamente se desfaziam num sorriso de calma. Percebeu que dessa vez, porém, ele tinha revolvido, das últimas profundezas do seu ser, um sentimento veemente e espantou-se diante dessa violência incautamente evocada. Mas conseguiu comer. Sentiu em sua garganta alguma coisa seca que ameaçava sufocá-lo. Sua mãe parecia não perceber nada disso. Somente ao levantarem-se da mesa, ela voltou-se como que por acaso e disse:

— Suba, Edgar, tenho que falar contigo.

Estas palavras não tiveram tom de ameaça, mas foram de uma frieza tão glacial que Edgar as ouviu horrorizado, como se lhe tivessem passado subitamente em torno do pescoço uma corrente de ferro. Sua obstinação estava esmagada. Silencioso como um cão que acaba de apanhar, seguiu-a para o quarto.

Ela prolongou-lhe a tortura permanecendo calada por alguns minutos, durante os quais ele ouviu o tique-taque do relógio, o riso de uma criança fora do hotel e as pancadas do seu coração. Também na mãe devia existir uma grande

insegurança, pois não olhava para o filho e tinha as costas voltadas para ele enquanto lhe dirigia a palavra.

— Não quero mais falar sobre sua conduta de ontem. O que se passou é inaudito e envergonho-me quando penso nisso. Você mesmo é o responsável pelas consequências. Agora só quero te dizer que essa foi a última vez que permiti sua permanência desacompanhado entre adultos. Acabei de escrever a seu pai para que lhe seja dado um preceptor ou que você seja enviado para um pensionato a fim de tomar modos. Não me aborrecerei mais contigo.

Edgar estava cabisbaixo. Percebeu que isso era apenas uma introdução, uma ameaça e, inquieto, esperou pelo principal.

— Você pedirá imediatamente desculpas ao barão.

Edgar estremeceu; ela, porém, não se deixou interromper:

— O barão partiu hoje, e você lhe escreverá uma carta que vou ditar.

Edgar estremeceu de novo, porém a mãe estava firme em sua resolução.

— Nenhum protesto. Aí tem papel e tinta; sente-se.

Edgar olhou para cima. Os olhos dela revelavam uma resolução inabalável. Jamais vira sua mãe assim tão áspera e tão impassível. Foi tomado de medo. Sentou-se, pegou a caneta e abaixou a cabeça sobre a mesa.

— Em cima a data. Escreveu? Agora uma linha em branco. Assim! “Meu prezado sr. Barão!” Ponto de exclamação. Outra linha em branco. “Acabo de saber com pesar”, escreveu?, “com pesar, que o senhor já deixou Semmering”. Semmering com dois m, “e por isso tenho de realizar por carta o que tencionava fazer pessoalmente, a saber”, um pouco mais depressa, não há necessidade de letra bonita!, “pedir ao senhor desculpas pela minha conduta de ontem. Como mamãe lhe deve ter dito, ainda me acho em convalescença de uma grave doença e estou muito irritável. Muitas vezes vejo com exagero certas coisas e um momento depois me arrependo...”

O dorso encurvado sobre a mesa endireitou-se rapidamente. Edgar voltou-se para ela; sua teimosia despertara novamente:

— Isso não escrevo, isso não é verdade!

— Edgar! — Sua voz tinha um tom ameaçador.

— Não é verdade, nada fiz de que tenha de me arrepender. Não pratiquei mal algum pelo qual tenha que pedir desculpas. Fui apenas em seu auxílio, quando você pediu.

Os lábios dela tornaram-se exangues, as asas do nariz dilataram-se.

— Eu pedi socorro? Você está doido!

Edgar encolerizou-se. Num salto levantou-se:

— Sim, pediu socorro lá no corredor, ontem de noite, quando ele a agarrou. “Deixe-me em paz, deixe-me em paz”, você disse tão alto que eu ouvi de dentro do quarto.

— Mentira, eu não estava com o barão no corredor, ele acompanhou-me somente até a escada...

Diante dessa mentira atrevida, o coração de Edgar sofreu um grande abalo. Não pôde falar. Fitou-a com um olhar imóvel.

— Você... não estava... no corredor? E ele... não te agarrou? Não a abraçou com violência?

Ela riu. Foi um riso frio e seco.

— Você sonhou!

Isso foi demais para o menino. Já sabia que os adultos mentem, que têm apenas saídas ousadas, mentiras que passam por malhas estreitas e ambiguidades astutas, mas essa negação atrevida e feia, cara a cara, deixou-o furioso.

— E estas contusões, também foram sonho?

— Sabe Deus com quem você andou se batendo! Mas não tenho necessidade de discutir. Você tem que obedecer e está terminado. Sente-se e escreva!

Ela estava muito pálida e procurou com as últimas forças manter sua severidade.

Mas Edgar destruiu então de qualquer modo alguma coisa, uma última chama de confiança. Não lhe importava que se pudesse espezinhar tão facilmente a verdade como se faz com um fósforo aceso. Havia nele uma frieza glacial, tudo o que dizia era mordaz, malicioso e inconveniente:

— Então eu sonhei? O que se passou no corredor e a contusão? E que vocês dois ontem passearam ao luar e que ele quis levá-la pelo caminho que desce para o vale, isso também? Crê que me deixei prender no quarto como uma criancinha? Não, não sou tão tolo como julga. Eu sei o que valho.

O menino encarou a mãe com atrevimento e a presença dele, a alguns dedos de distância, a face de seu próprio filho desfigurada pelo ódio aniquilou suas últimas forças.

Sua cólera irrompeu violenta.

— Adiante, escreva! Ou...

— Ou o quê?... — A voz do pequeno se tornava provocante e atrevida.

— Ou espanco você, como se espanca uma criança.

Edgar, com ar de mofa, deu um passo à frente e não fez mais do que rir. A mãe deu-lhe uma bofetada. Edgar gritou. Como um indivíduo que está se afogando e que agita as mãos em torno de si, o menino, com um bramido surdo nos ouvidos

e um fulgor vermelho diante dos olhos, respondeu com murros dados às cegas. Sentiu que batera em alguma coisa mole, depois contra o rosto, ouviu um grito...

Esse grito fê-lo cair em si. De repente, viu a si mesmo e teve consciência da monstruosidade: agredira sua própria mãe. Foi tomado de medo, vergonha e desespero, da necessidade imperiosa de ausentar-se, sumir-se pela terra adentro, ir-se embora, não permanecer mais sob esse olhar. Precipitou-se para a porta, desceu rapidamente a escada, foi para a rua, continuou, continuou a andar, como se uma matilha de cães furiosos o perseguisse.

PRIMEIRO CONTATO COM A REALIDADE

Mais adiante parou finalmente no caminho. Teve de apoiar-se numa árvore, tal era o tremor causado em seus membros pelo medo e pela excitação, tão ofegante era a sua respiração. O horror da própria ação perseguiu-o, agarrou-o pela garganta e sacudiu-o como faria uma febre. Que deveria fazer agora? Fugir para onde? Pois já aqui dentro da floresta, a um quarto de hora de distância do lugar em que estava hospedado, apoderou-se dele a sensação de desamparo. Desde que se achou só e sem auxílio, tudo lhe pareceu diferente, mais hostil, mais odioso... As árvores, que ainda na véspera haviam sussurrado fraternalmente em torno dele, aglomeravam-se, de um momento para outro, lugubrememente, como uma ameaça. E quanto mais estranho e desconhecido não deveria ser tudo aquilo que estava pela sua frente? Esse isolamento em face do mundo, grande e desconhecido, deixou o menino aturdido.

Não, não podia suportar; só, ainda não podia suportá-lo. Mas fugir para junto de quem? Tinha medo do pai; este era facilmente irritável, inacessível, e mandá-lo-ia imediatamente de volta. Mas ele não queria regressar, preferia ir para a estranheza perigosa do desconhecido. Parecia-lhe que não poderia mais ver o semblante de sua mãe sem pensar que o havia esmurrado. Lembrou-se então da avó, a velhinha boa e afável que havia sido carinhosa com ele desde a infância e fora sempre sua protetora quando em casa era ameaçado de um castigo, de uma injustiça. Queria esconder-se na casa dela, em Baden, até que tivesse passado a primeira cólera, queria de lá escrever uma carta aos pais e pedir desculpas. Nesse último quarto de hora já estava tão humilhado apenas pela ideia de estar sozinho com suas mãos inexperientes no mundo, que maldizia seu orgulho, esse orgulho tolo que um estranho com uma mentira lhe havia lançado no sangue. Não queria ser senão o menino de outrora, dócil, paciente e sem arrogância cujo exagero ridículo já estava sentindo.

Mas, como ir para Baden? Como vencer a distância de várias horas? Apressadamente pegou a sua bolsinha de couro, que sempre trazia consigo. Graças a Deus dentro dela luzia ainda a moeda de ouro nova, de vinte coroas, que ganhara por ocasião de seu aniversário. Nunca pudera decidir-se a gastá-la. Mas quase diariamente via se ela ainda estava na bolsa, deleitava-se olhando-a, sentia-se rico com ela e então, sempre numa ternura de gratidão, polia a moeda com seu lenço até que esta brilhasse como um pequeno sol. Mas essa quantia seria suficiente? Essa ideia, de súbito, assaltou-o. Tantas vezes em sua vida viajara de trem, sem nem sequer refletir que isso era pago, nem mesmo quanto isto poderia custar, se uma ou cem coroas. Pela primeira vez sentiu que na vida havia coisas nas quais nunca pensara, que todas aquelas muitas coisas que o cercavam, que tivera entre os seus dedos e com as quais brincara, possuíam de algum modo um valor próprio, uma importância especial. Ele, que ainda uma hora antes se julgava onisciente, sentia agora que passara ao lado de mil segredos e questões sem lhes dar atenção. Envergonhou-se de sua pobre sabedoria, de haver tropeçado já no primeiro degrau à entrada da vida. Tornou-se cada vez mais desanimado, seus passos incertos em direção à estação tornaram-se cada vez mais curtos.

Quantas vezes sonhara com essa fuga e pensara em arremessar-se na vida, em tornar-se imperador ou rei, soldado ou poeta, e agora olhava tímido para a pequena casa clara e somente queria saber se as vinte coroas seriam suficientes para levarem-no até a casa da avó. Os trilhos brilhavam por uma grande extensão, a estação estava vazia. Com timidez, Edgar aproximou-se da bilheteria e perguntou baixinho, para que mais ninguém pudesse ouvi-lo, quanto custava uma passagem para Baden. Um semblante admirado olhou-o pelo guichê, dois olhos sorriam por trás dos óculos para o menino tímido.

— Uma passagem inteira?

— Sim — disse Edgar. Mas sem altivez alguma, antes com medo de que o preço fosse além de suas economias.

— Seis coroas!

— Por favor!

Aliviado, entregou a moeda brilhante e muito querida, recebeu o troco e sentiu-se de novo indizivelmente rico por ter na mão o pedacinho de papelão de cor castanha que lhe garantia a liberdade e no bolso o tinido abafado de moedas de prata.

Viu, no quadro de horários, que o trem devia chegar daí a vinte minutos. Edgar meteu-se num canto. Havia na plataforma algumas pessoas ociosas e

despreocupadas. Mas ao menino, em sua inquietação, parecia que todos olhavam para ele; admiravam-se de que um menino já viajasse assim só; parecia-lhe que a fuga e o crime estavam afixados na sua frente. Sentiu alívio quando, finalmente, ao longe, o trem deu o primeiro apito e se aproximou. Era o trem que deveria levá-lo para o mundo. Só ao embarcar notou que sua passagem era de terceira classe. Até então só viajara em primeira classe e sentiu que aqui alguma coisa estava mudada, que havia diferenças que lhe tinham escapado. Tinha então como vizinhos outra gente, diversa da com que até aí viajara. Alguns trabalhadores italianos, de mãos ásperas, de vozes rudes, munidos de enxadas e pás, estavam sentados justamente em frente a ele e exibiam olhos vagos e desconsolados. Sem dúvida deveriam ter trabalhado muito na estrada, pois alguns deles estavam cansados e dormiam de boca aberta no trem em movimento, apoiados na madeira dura e suja. Haviam trabalhado para ganhar dinheiro, pensou Edgar, mas não fazia ideia de quanto poderia ter sido; ele sentiu de novo que dinheiro é uma coisa que nem sempre se possui e que se deve de algum modo ganhar.

Pela primeira vez teve consciência de que estava naturalmente habituado a uma atmosfera de bem-estar e de que à direita e à esquerda de sua vida se abriam abismos profundos e escuros que seu olhar nunca percebera. De um momento para outro notou que existiam vocações e destinos, que em torno de sua vida se reuniam segredos fáceis de serem percebidos, aos quais, porém, não dava atenção. Essa hora ensinou muita coisa a Edgar; desde que se achou só, começou a ver, deste compartimento estreito com janelas para o mundo exterior, muita coisa. Em meio a seu medo obscuro lentamente começou a desabrochar algo que ainda não era felicidade, mas já era uma admiração em face da multiplicidade de aspectos da vida. Ele fugira por medo e por covardia, isso sentia a cada instante, mas pela primeira vez havia agido por si, vivera alguma coisa real da qual até então passara ao largo. Pela primeira vez mesmo talvez se tornara também um segredo para a mãe e para o pai, como para ele fora até então o mundo. Com outros olhos, olhava pela janela e para ele era como se pela primeira vez visse tudo que é real, como se dos objetos caísse um véu, e estes então lhe mostrassem tudo, o íntimo de sua intenção, o nervo oculto de sua atividade.

As casas passavam céleres, como arrastadas pelo vento, e ele era obrigado a pensar nos homens que as habitavam, perguntar a si mesmo se eram ricos ou pobres, felizes ou infelizes, se também tinham como ele o desejo de tudo saber e se ali também havia crianças que até então só tinham brincado com coisas como ele. Os guarda-linhas, que com bandeiras flutuantes estavam na estrada, pela primeira vez não lhe pareceram bonecos e brinquedos sem vida, coisas aí

colocadas pelo acaso indiferente, mas compreendeu que isso era o destino deles, a sua luta pela vida. As rodas giravam cada vez mais rápido. Já a estrada serpenteante fazia o trem ir descendo para o vale, os montes tornavam-se mais e mais suaves e cada vez mais afastados, depois já fora atingida a planície. O menino olhou ainda uma vez para trás, os montes já haviam se tornado azuis e pareciam sombras, estavam distantes e eram incalculáveis, e teve a impressão de que lá onde lentamente eles desapareciam no firmamento nebuloso se escondia a sua própria infância.

OBSCURIDADE PERTURBADORA

Mas em Baden, quando o trem parou e Edgar se viu sozinho na plataforma, onde as luzes estavam acesas e os sinais verdes e vermelhos brilhavam longe, associou-se inesperadamente a esta visão variada um medo súbito da noite iminente. De dia, o menino ainda se sentia seguro, pois em torno havia pessoas, podia descansar, sentar-se num banco ou olhar as vitrines das lojas. Mas como haveria de ser quando as criaturas humanas de novo se metessem em suas casas, cada uma com um leito, com quem conversar e depois uma noite tranquila, enquanto ele era obrigado a vagar sozinho sob seu sentimento de culpa numa solidão estranha? Oh! ter quanto antes um teto sob o qual pudesse abrigar-se, não continuar nem por mais um instante sob um céu descoberto e estranho, isso era o seu único desejo claro.

Apressadamente, sem olhar para a direita nem para a esquerda, seguiu pelo caminho que lhe era conhecido até chegar diante da vila onde morava sua avó. Era magnificamente situada numa rua larga, mas não estava exposta aos olhares dos transeuntes, e sim escondida atrás de trepadeiras e ervas de um jardim bem cuidado; era um fulgor por trás duma nuvem de verdura, uma casa branca patriarcalmente agradável. Edgar espiou por entre as grades, como se fosse um estranho. Dentro da casa reinava completo silêncio, as janelas estavam fechadas; sem dúvida os seus habitantes, com visitas, achavam-se nos fundos, no jardim. Já estava com a mão na aldraba quando sucedeu uma coisa curiosa: de um momento para outro aquilo que, durante duas horas, imaginara ser tão fácil, tão natural, pareceu-lhe impossível. Como deveria entrar, como cumprimentar, como suportar as perguntas e como respondê-las? Como aturar aquele primeiro olhar quando tivesse de dizer que às escondidas fugira de sua mãe? Como explicar a monstruosidade de sua ação, que ele mesmo já não compreendia? Ouviu então

que uma das portas da casa girara sobre os gonzos. Assaltou-o repentinamente um medo tolo de que alguém pudesse aparecer e correu, sem saber para onde.

Parou diante do parque da estação de águas, porque viu que ali havia escuridão, e pensou que nesse lugar não houvesse pessoa alguma. Talvez pudesse sentar-se ali e finalmente refletir com calma, repousar e ter uma ideia clara sobre seu destino. Entrou com timidez. Na parte da frente havia alguns lampiões acesos cuja luz dava às folhas, ainda novas, um brilho aquoso, fantástico, de um verde transparente; mais atrás porém, onde tinha de descer o outeiro, tudo jazia como uma única massa informe, negra e em fermentação, na obscuridade confusa de uma noite precoce de primavera. Edgar, tímido, passou lentamente pelas poucas pessoas que ali estavam sentadas à luz dos lampiões, conversando ou lendo; ele queria ficar a sós. Mas também nas trevas dos caminhos não iluminados não havia silêncio. Tudo aí estava cheio de murmúrios e conversas em voz baixa como o sopro do vento que passava entre as folhas flexíveis; era o ruído de passos distantes, era o cochicho das vozes abafadas, eram sons de volúpia, de suspiros e de gemidos ansiosos que partiam ao mesmo tempo de seres humanos, de animais e da natureza imersa num sono inquieto. Era uma inquietação lúgubre, uma inquietude oculta e alarmantemente enigmática que ali existia, era uma agitação invisível na floresta e que talvez se relacionasse com a primavera, porém, que causou medo ao menino, que se achava sem saber o que fazer.

Encolheu-se todo sobre um banco nessa obscuridade abismal e tentou então deliberar o que deveria dizer em casa. Mas os pensamentos lhe fugiam antes que pudesse retê-los, e contra sua vontade era obrigado a só escutar constantemente os sons abafados, as vozes místicas da obscuridade. Como eram terríveis as trevas, como eram perturbadoras e, apesar disso, como eram misteriosamente belas! Seriam animais ou seres humanos ou apenas a mão fantasmagórica do vento o que mesclava todos esses murmúrios e crepitações, esses sussurros e essas carícias? Ele escutou. Era o vento que, inquieto, passava vagaroso entre os ramos das árvores, mas ele então viu nitidamente que eram também seres humanos, pares enlaçados, que subiam da cidade iluminada e animavam as trevas com sua presença enigmática. Que pretendiam eles? O menino não ouvia voz alguma, somente os passos faziam crepitar o cascalho e aqui e acolá via na claridade seus vultos passarem fugazes como sombras, mas sempre enlaçados, formando um só vulto, como há dias vira sua mãe com o barão. Este mistério, o grande, cintilante e fatídico mistério também existia ali. Ouviu passos cada vez mais próximos e depois também risadas surdas. Assaltou-o o medo de que as

pessoas que se aproximavam pudessem encontrá-lo ali e por isso penetrou ainda mais na obscuridade. Um par que, através das impenetráveis trevas, vinha subindo o caminho às apalpadelas não o viu, passou enlaçado por ele. Edgar já se sentia aliviado quando de repente o par parou muito perto do seu banco. As duas pessoas colaram os rostos um no outro. Edgar nada pôde ver nitidamente; ouviu apenas escapar da boca da mulher um suspiro, o homem proferir palavras ardentes, desvairadas, e um certo pressentimento grave impregnou seu medo de um frêmito voluptuoso. Permaneceram assim durante um minuto; depois o cascalho crepitou de novo sob seus passos quando seguiram adiante e em breve se perderam nas trevas.

Edgar estremeceu. O sangue voltou-lhe às artérias, mais quente do que antes. E de repente o menino se sentiu insuportavelmente isolado nessa obscuridade perturbadora, tomado pela necessidade imperiosíssima de uma voz amiga qualquer, de um abraço, de um quarto iluminado, de pessoas que ele amava. Pareceu-lhe que toda a obscuridade confusa dessa noite tumultuária penetrara nele e lhe fizera explodir o peito.

Levantou-se. Seu desejo era só ir para um lar, estar em um lar qualquer, num quarto iluminado, em contato com seres humanos. Que poderia, pois, acontecer? Se batessem nele ou ralhassem com ele, que importava? Nada mais temia desde que sentira essa escuridão e o medo da solidão.

Esse desejo impeliu-o a prosseguir, sem que ele se desse conta do que fazia, e de repente se achou diante da vila e com a mão outra vez na aldraba. Viu como agora as janelas luziam entre as folhagens, viu em pensamento, por trás de cada um dos vidros, o espaço que lhe era conhecido e as criaturas que o ocupavam. Já essa proximidade, já esse primeiro sentimento tranquilizador de estar perto de pessoas das quais se sabia querido fizeram-no feliz. Se ainda hesitava em ir para junto delas era apenas para antegozar mais intimamente esse sentimento.

Então atrás dele alguém gritou com grande espanto:

— Oh! aí está o Edgar!

A criada de sua avó tinha-o visto, dirigiu-se pressurosa para ele e pegou-o pela mão. A porta foi aberta, um cão aos latidos pulou sobre ele, vieram do interior da casa pessoas com luzes, ele ouviu vozes de júbilo e espanto, um tumulto alegre de gritos e passos que se aproximavam, vultos que então reconheceu: na frente sua avó, de braços abertos, e atrás desta sua mãe, com olhos vermelhos de tanto chorar; trêmulo e tímido, viu-se ele no meio de ardente explosão de abundantes afetos, sem saber o que devia fazer, o que devia dizer e sem noção ainda nítida do que estava sentindo, se medo ou felicidade.

O SONHO FATAL

As coisas haviam se passado assim: ali há muito que andavam à sua procura e o esperavam. A mãe, apesar de sua cólera, assustada com a fuga do menino fizera procurá-lo em Semmering. Já se achavam todos em terrível alvoroço e cheios de suposições horrorosas quando um senhor lhes levou a nova de que vira o menino, por volta das três horas, junto ao guichê da estação da estrada de ferro. Ali sem demora souberam que Edgar comprara uma passagem para Baden e a mãe imediatamente partiu atrás dele. Telegramas espalhando inquietude seguiram para Baden e para seu pai em Viena, e há duas horas estavam todos em movimento à procura do fugitivo.

Agarram-no, mas sem violência. Num triunfo que procuravam ocultar, foi levado para a sala, porém como ele estranhou não sentir todas as censuras ásperas que lhe dirigiam, porque viu nos olhos dos que o repreendiam a alegria e o amor! E até mesmo essa aparência, esse aborrecimento simulado durou apenas um instante. Em seguida a avó, em lágrimas, tornou a abraçá-lo, ninguém falou mais de sua falta e ele sentiu-se cercado de um desvelo extraordinário. A criada tirou-lhe o casaco e trouxe outro mais quente, a avó perguntou-lhe se não estava com fome e se queria qualquer coisa. Interrogavam-no e torturavam-no com carinhoso desvelo e, quando viram seu embaraço, não mais lhe fizeram perguntas. Tornou a experimentar com prazer a sensação que há pouco detestava, mas tinha necessidade de ser inteiramente uma criança e envergonhou-se da pretensão que tivera nos últimos dias, de querer prescindir de tudo isso, de querer trocá-lo pelo prazer enganador de um isolamento de sua pessoa.

Soou o telefone. O menino ouviu a voz de sua mãe, escutou algumas palavras: “Edgar... voltou... chegou aqui... no último trem.” Admirou-se de que ela não o tivesse tratado asperamente, e de que só o tivesse envolvido com um olhar singularmente retraído. Cada vez maior era o seu arrependimento, e ele preferiu nesse momento libertar-se de todos os cuidados de sua avó e de sua tia e ir, com toda modéstia, pedir à mãe perdão, dizer-lhe inteiramente a sós que queria de novo ser criança e obedecer-lhe. Mas, quando se levantou devagar, a avó disse com leve espanto:

— Aonde vai?

Ficou envergonhado. Já se atemorizavam quando ele se mexia. Assustara a todos; agora receavam que ele quisesse fugir outra vez. Como poderiam compreender que ninguém mais do que ele próprio lamentava essa fuga?

A mesa foi posta, e deram-lhe uma ceia preparada às pressas. A avó ficou sentada a seu lado e não desviava dele o olhar. Ela, a tia e a criada encerraram-no num círculo de tranquilidade, e ele sentia-se admiravelmente acalmado por esse calor. Apenas o fato de sua mãe não entrar na sala perturbava-o. Pudessem ela adivinhar quão humilde estava seu filho, certamente viria para junto dele.

Ouviu-se então o som de um carro que parou diante da casa. Os presentes assustaram-se tanto que Edgar também ficou inquieto. A avó saiu para ver o que era, vozes altas cruzavam no escuro num e noutro sentido, e de repente o menino soube que seu pai chegara. Edgar, com timidez, percebeu que estava a sós na sala e mesmo essa pequena solidão perturbou-o. Seu pai era rigoroso, e a única pessoa que ele realmente temia. O adolescente escutou: seu pai parecia exaltado, falava alto e zangado. De permeio, ouviu as vozes apaziguadoras de sua avó e de sua mãe, sem dúvida estas queriam abrandar a cólera do pai. Mas a voz deste continuava forte, forte como os passos que então se aproximaram mais e mais, já estavam na sala contígua, perto da porta, que então se abriu.

Seu pai era muito alto. Edgar sentiu-se muitíssimo pequeno diante dele quando este entrou nervoso e parecendo realmente encolerizado. “Que ideia foi a sua de fugir, rapaz? Como pôde dar tamanho susto à sua mãe?”

Sua voz era de raiva, e as mãos faziam movimentos desregrados. Atrás dele entrou a mãe com passo lento. O semblante desta mostrava-se sombrio. Edgar não respondeu. Pensou que deveria se justificar. Mas como haveria de contar que tinha sido iludido e espancado? O pai não compreenderia. “Então, não sabe falar? Que aconteceu? Pode dizer tranquilamente. Alguma coisa não o agradou. Deve-se ter um motivo, quando se foge! Fizeram-lhe algum mal?” Edgar hesitou. A recordação do que se passara enraiveceu-o outra vez e já queria contar tudo. Viu então — e seu coração parou nesse momento — que sua mãe, por trás do pai, fazia um movimento estranho que a princípio ele não compreendeu. Porém ela olhava para ele, e seus olhos eram uma súplica. E de leve, bem de leve, levou o dedo à boca e fez um sinal de silêncio.

O menino sentiu então subitamente que todo seu corpo era percorrido por algo quente, por uma felicidade imensa. Compreendeu que a mãe entregava o segredo à sua guarda, que em seus lábios de menino repousava sua sorte. Encheu-se de um orgulho enorme e exultante pelo fato de ela confiar nele, sobreveio-lhe imediatamente um espírito de sacrifício, uma vontade de alimentar sua própria culpa para mostrar o quanto já era homem. Encorajou-se e disse: “Não, não houve motivo. Mamãe foi muito boa comigo, mas eu fui malcriado, portei-me mal... e então... então fugi, porque tive medo.”

O pai olhou estupefato para ele. Esperava tudo, menos essa confissão. Sua raiva estava desarmada. “Ora esta! Se seu procedimento lhe causa pesar, está tudo bem. Nesse caso, não quero mais falar disso. Creio que da próxima vez você refletirá! Que tal coisa não ocorra mais!”

Permaneceu parado e olhou para o filho. Sua voz tornou-se então mais branda.

— Como está pálido! Mas parece-me que já está mais alto. Espero que não faça mais tais criancices: você não é mais nenhum menino e já poderia ter juízo!

Durante todo esse tempo Edgar somente olhou para sua mãe. Parecia-lhe que nos olhos desta brilhava alguma coisa. Ou era apenas o reflexo da chama da luz? Não, seus olhos tinham um brilho úmido e claro, e em torno de sua boca havia um sorriso de agradecimento para ele. Mandaram-no então para a cama, mas não ficou triste por deixarem-no sozinho. Tinha tanta coisa em que meditar, tanta coisa diferente, obsedante! Toda a dor dos últimos dias extinguiu-se com o sentimento poderoso do primeiro contato com a realidade; sentiu-se feliz devido a um misterioso pressentimento de acontecimentos futuros.

As árvores, no escuro, sussurravam no meio da noite, mas ele já não tinha medo. Perdera toda impaciência em face da vida desde que soubera quão rica era esta. Tinha a impressão de nesse dia tê-la visto pela primeira vez, não mais encoberta por milhares de mentiras da infância, e sim em toda a sua agradável e perigosa beleza. Nunca pensara que os dias pudessem ser tão cheios de múltiplas transições de dor e de prazer, e a ideia de que tinha pela frente muitos desses dias e de que uma vida inteira o esperava para desvendar-lhe o seu segredo fê-lo feliz. Um primeiro pressentimento da multiplicidade da vida havia se apoderado dele, pela primeira vez acreditou ter compreendido a natureza das criaturas humanas, que estas necessitam umas das outras, mesmo quando parecem hostis entre si, e que é muito agradável ser amado por elas. Já era incapaz de pensar com ódio em qualquer coisa ou em qualquer pessoa, nada lastimava, e mesmo para o barão, o sedutor, seu mais figadal inimigo, achou um novo sentimento de gratidão, porque este lhe abrira a porta para esse mundo dos primeiros sentimentos.

Era muito doce e agradável pensar em tudo isso no escuro, já ligeiramente confuso com imagens dos sonhos e já quase em sono. Pareceu-lhe que subitamente a porta se movera, e lentamente alguém entrou. Ele não acreditou em si próprio e já estava muito dominado pelo sono para abrir os olhos. Sentiu então que um rosto macio, quente e suave respirava sobre ele e roçava o seu, e sabia que era o de sua mãe, que o estava beijando e acariciando-lhe o cabelo. Sentiu os beijos e as lágrimas e retribuiu com ternura as carícias, vendo nisso a reconciliação e o reconhecimento por seu silêncio. Só mais tarde, muitos anos

depois, reconheceu nessas lágrimas mudas um voto de mulher que estava envelhecendo, de que daí em diante só pertencia a seu filho, uma renúncia à aventura, uma despedida de todas as suas cobiças. Ele não sabia que ela também lhe era grata por tê-la salvo de uma aventura infrutífera, e lhe transmitia então com esse abraço o ônus agri-doce do amor para sua vida futura, como uma herança.

Tudo isso o menino de então não compreendeu, mas sentiu muita felicidade por ser assim amado e que por esse amor estava envolvido no grande segredo do mundo. Quando ela retirou a mão, os seus lábios se afastaram dos dele e o vulto ligeiro saiu, restou ainda um calor, um hálito sobre seus lábios, e sobreveio-lhe o grato desejo de sentir ainda muitas vezes tais lábios macios e de ser abraçado com tanta ternura, mas esse pressentimento do segredo tão almejado já estava envolto na sombra do sono. Ainda uma vez todas as imagens das últimas horas passaram coloridas por ele, ainda uma vez abriu tentadoramente o livro de sua adolescência. Depois o menino adormeceu e se iniciou o mais profundo sono de sua vida.

PEQUENA NOVELA DE VERÃO

Passei o mês de agosto do último verão em Cadenabbia, uma daquelas localidades situadas nas margens do lago de Como e que se escondem com tanto encanto entre as vilas brancas e a floresta escura.

Calma e pacata, mesmo nos dias mais animados da primavera, quando os viajantes de Bellagio e Menaggio excursionam pela estreita praia, a cidadezinha estava nessas semanas cálidas numa solidão perfumada e faiscante ao sol. O hotel estava quase inteiramente vazio; alguns hóspedes esparsos, cada qual despertando a atenção dos outros pelo fato de ter escolhido para estação de veraneio uma localidade tão perdida; admiravam-se cada manhã de ainda encontrarem os outros ali. O que me causou maior admiração foi um cavalheiro idoso, muito distinto e culto, na aparência um tipo intermediário entre um correto estadista inglês e um andarilho parisiense, que sem recorrer a nenhum esporte aquático, pensativo, passava os dias vendo a fumaça dos cigarros dissipando-se em espirais na atmosfera ou folheando de vez em quando um livro.

A solidão fastidiosa de dois dias de chuva e sua acolhida franca deram rapidamente ao nosso trato uma cordialidade que fez desaparecer quase por completo a diferença de idade que havia entre nós. Livônio de nascimento, educado na França e depois na Inglaterra, sem nunca ter tido profissão, sem residência fixa há anos, ele era um indivíduo sem domicílio à maneira nobre daqueles que, quais vikings e piratas da beleza, numa passagem rápida coligiram as coisas preciosas de todas as cidades. Interessava-se como diletante por todas as artes, mas maior do que o amor a elas era seu desprezo elegante de servir-lhes: agradecia-lhes muitíssimas belas horas sem lhes ter dedicado um único esforço criador. Levava uma daquelas existências que parecem supérfluas porque não se prendem a nenhuma comunidade, porque toda a riqueza, que mil diferentes acontecimentos preciosos de sua vida nelas se armazenaram, desaparece com o seu último suspiro e não passa a herdeiros.

Falei-lhe sobre isso uma tarde quando, após o jantar, estávamos sentados diante do hotel, e apreciávamos como o lago claro escurecia lentamente diante

dos nossos olhos.

Ele sorriu e disse:

— Talvez o senhor não deixe de ter razão. Com efeito, não acredito em recordações: o fato que se vive desaparece como o instante que nos abandona. E a ficção: isto também não desaparece vinte, cinquenta, cem anos mais tarde? Mas vou contar-lhe algo que eu creio seria uma bonita novela. Venha! Andando fala-se melhor de tais coisas.

Assim íamos percorrendo o maravilhoso caminho que margeia o lago, sombreado pelos ciprestes eternos e pelas castanheiras frondosas entre cujas ramagens o lago reluzia inquieto. Do outro lado estava Bellagio, uma nuvem branca, suavemente matizada pelas cores cambiantes provenientes do sol já encoberto, e no alto, bem no alto, por cima da colina escura, brilhava, cercada de raios diamantinos, a coroa cintilante dos muros da vila Serbelloni. O calor estava um pouco abafadiço, porém não pesado, e, como um braço meigo de mulher, apoiava-se com ternura nas sombras e enchia a atmosfera do perfume de flores invisíveis.

Ele começou a falar:

— O começo será uma confissão. Até agora não lhe disse que no ano passado estive aqui, em Cadenabbia, pela mesma época e no mesmo hotel. Isso pode causar-lhe admiração, tanto mais que lhe disse que em minha vida sempre tenho evitado repetições. Mas ouça! Havia, naturalmente, a mesma solidão como desta vez. Achava-se aqui o mesmo cavalheiro de Milão que pesca o dia inteiro para soltar de noite os peixes e na manhã seguinte apanhá-los outra vez. Estavam também duas inglesas velhas, cuja existência, ligeiramente vegetativa, mal se notava; além disso, um belo jovem com uma jovem encantadora e pálida que até hoje não creio que fosse sua esposa, porque os dois pareciam querer-se muito cordialmente. Finalmente havia uma família alemã, que tinha o tipo mais característico dos alemães do Norte. Uma senhora idosa, loura, ossuda e áspera, de movimentos angulosos e feios, olhos rigorosos e uma boca afiada, que parecia talhada a faca. Com ela uma outra senhora, evidentemente sua irmã, pois tinha os mesmos traços que a outra, apenas atenuados, um pouco mais brandos. Ambas estavam sempre juntas, porém nunca conversando, e, sim, sempre inclinadas sobre o bordado, em que pareciam tecer todo seu apoucamento mental, quais parcas inexoráveis de um mundo de enfado e acanhamento de espírito. E com elas uma menina de seus dezesseis anos, filha de uma delas, de qual não sei, pois ao franco inacabamento de seus traços já se mesclava um leve arredondamento mulheril dos membros. Ela não era propriamente bonita, era

demasiado esbelta, impúbere, além disso vestia-se simples e desajeitadamente, mas havia alguma coisa de tocante em sua ânsia e indecisão. Seus olhos eram grandes e cheios de luz sombria; sempre fugiam embaraçados, fazendo esvoaçar seu brilho em luzes coruscantes. Também ela aparecia sempre com um trabalho, mas suas mãos muitas vezes tornavam-se vagarosas, os dedos adormeciam e então ela permanecia quieta, olhar sonhador, imóvel, dirigido apenas para os lados. Não sei o que naquele olhar me atraiu tão singularmente. Teria sido o pensamento trivial e, apesar disso, tão inevitável que ocorre a alguém quando vê a mãe já fanada com a filha em flor, a sombra do vulto, a ideia de que escondidas esperam em cada face a ruga, em cada riso a fadiga, e em cada sonho a desilusão, a sua vez? Ou foi esta ânsia intensa sem objetivo e que justamente estava despertando e que em tudo nela se revelava, aquele instante único e maravilhoso na vida das meninas, no qual elas dirigem cobiçosamente o olhar para tudo, porque ainda não possuem aquilo a que depois se agarram e em que ficam presas como algas em madeira flutuante? Era para mim imensamente empolgante observá-la, o seu olhar sonhador e úmido, a maneira ruidosa e exagerada como acariciava os cães e os gatos, a agitação que a fazia começar diversas coisas e não terminá-las. E além disso a ardente precipitação com que de noite percorria os poucos miseráveis volumes da biblioteca do hotel ou folheava os dois tomos de poesias, lidos e relidos, que consigo trouxera, os seus Goethe e Baumbach... Mas por que o senhor sorri?

Tive de desculpar-me:

— É apenas a associação, Goethe e Baumbach.

— Ah, sim! Naturalmente, é cômico. Mas também não é. Creia-me, para as meninas nessa idade tanto se lhes dá lerem boas ou más poesias, verdadeiras ou falsas. Para elas os versos são apenas copos que servem para matar a sede, e elas não dão atenção ao vinho, pois já estão embriagadas antes de beberem. E assim era essa menina, tão transbordante de ânsia que esta lhe brilhava até nos olhos e a fazia tamborilar com os dedos na mesa e dava a seu andar uma maneira especial, desajeitada e ao mesmo tempo precipitada, entre o voo e o medo. Via-se que ela tinha sede de conversar com alguém, de desfazer-se dum pouco daquilo que a enchia, mas não havia ninguém, apenas a solidão, apenas à sua direita e à sua esquerda o movimento das agulhas, os olhares frios, circunspectos das duas senhoras. Sobreveio-me imensa compaixão. Contudo, não podia aproximar-me dela, pois em primeiro lugar um homem adiantado em idade nada vale, para uma menina, nessa ocasião, e em segundo minha aversão a travar conhecimentos com famílias, e sobretudo conhecimentos com senhoras

burguesas um pouco idosas, excluía todas as possibilidades. Tentei então uma coisa curiosa. Pensei: ela é uma menina nova, inexperiente, que certamente está pela primeira vez na Itália, a qual, graças ao inglês Shakespeare, que nunca esteve aqui, é considerada na Alemanha o país do amor romântico, dos Romeus, das aventuras secretas, dos leques esquecidos, dos punhais relampejantes, das máscaras, das *dueñas* e das amorosas. Certamente ela sonhava com aventuras. E quem não conhece sonhos de meninas, essas nuvens brancas, flutuantes, que, sem destino, pairam no azul, e assim como as nuvens ao anoitecer sempre ardem com cores mais vivas, a princípio rosa e depois vermelho rutilante? Aqui a esta menina nada parecerá improvável e impossível. Por isso decidi-me a inventar para ela um namorado misterioso.

“Na mesma noite, escrevi uma longa carta de ternura humilde e respeitosa, cheia de indícios, de natureza diferente e sem assinatura. Uma carta que nada pedia, nada prometia, ao mesmo tempo exaltada e discreta, em suma uma romântica carta de amor, como que extraída de uma poesia. Visto que ela, impelida pela sua impaciência, era todos os dias a primeira que aparecia para o almoço, meti a carta entre as dobras do seu guardanapo. Chegou a hora da refeição. Observei do jardim, vi sua incrível surpresa, seu súbito espanto, a chama vermelha que apareceu nas faces pálidas e rapidamente correu até a base do pescoço. Vi-a olhar perplexa ao redor, esconder com um movimento furtivo a carta. Depois observei como estava nervosa à mesa; mal tocou no almoço e saiu logo a toda pressa para um canto dos corredores sombrios e desertos, a fim de decifrar a carta misteriosa... O senhor queria dizer-me alguma coisa?”

Eu, involuntariamente, fizera um movimento, cuja razão tive que dar.

— Acho isso muito ousado. O senhor não pensou na possibilidade de ela investigar ou, o que era mais simples, de perguntar ao garçom como aquela carta fora parar no guardanapo? Ou de mostrá-la à sua mãe?

— Naturalmente, pensei nisso. Mas se o senhor visse a jovem, essa criatura tímida, espantada e encantadora que sempre olhara medrosamente em torno de si quando falava um pouco mais alto, não faria essa ponderação. Há meninas cujo pudor é tão grande que o senhor pode atrever-se a tomar as maiores liberdades com elas porque são muito irresolutas e preferem suportar a pior coisa a se confiarem com uma palavra a outras pessoas. Sorridente, acompanhei-a com o olhar e alegrei-me por ver como minha brincadeira havia sido bem-sucedida. A jovem já vinha de volta, e causou-me grande surpresa: já era outra menina, o seu andar já era outro. Avançava inquieta e embaraçada, uma onda ardente havia inundado seu semblante e uma doce perturbação a tornava desajeitada. E assim

passou o dia todo. Seu olhar dirigia-se para cada uma das janelas, como se pudesse ali apanhar o segredo. Cercava todos os transeuntes e uma vez caiu sobre mim, que me desviei cautelosamente dela, a fim de não me trair por um pestanejar; mas nesse instante, rápido como um relâmpago, senti a interrogação ardente, diante da qual quase me espantei, e senti tempos depois que nenhum prazer é mais perigoso, sedutor e perverso do que fazer saltar aquela primeira centelha nos olhos de uma jovem. Eu a vi depois com olhos sonolentos sentada entre as duas senhoras e observei como, às vezes, levava apressadamente a mão à parte de seu vestido na qual eu tinha certeza de que ela escondera a carta. A brincadeira estava me atraindo. Nessa noite escrevi-lhe uma segunda carta e o mesmo fiz nos dias seguintes. Tornou-se um especial encanto personificar em minhas cartas os sentimentos de um jovem apaixonado, inventar a exaltação de uma paixão que apenas era imaginada. Isso se tornou um divertimento interessante, tal qual o dos caçadores, quando põem armadilhas ou atraem a caça para a boca da sua espingarda.

“Tão indescritível, quase espantoso, foi para mim o meu próprio êxito que pensei em interromper a brincadeira, se minha atenção não estivesse tão ardentemente presa a ela. Uma leveza, um suave enleio como o da dança fez-se ver no andar da jovem, uma certa beleza própria e ardente brotou de seus traços; seu sono deveria ser uma constante espera pela carta do dia seguinte, pois de manhã ela estava sempre com olheiras e com o olhar irrequieto e errante. Começou a prestar atenção à sua toalete, trazia flores no cabelo, uma admirável ternura para com todas as coisas abrandava suas mãos, no seu olhar havia uma constante interrogação, pois sentia nas mil pequenas coisas que eu revelava nas cartas que o autor devia estar próximo dela, devia ser um Ariel, que enchia os ares com música, pairando perto, espreitando a mais íntima atividade e, apesar disso, invisível por sua própria vontade. Ela tornou-se tão alegre que mesmo às duas senhoras obtusas não escapou a transformação, pois estas, às vezes, com meiguice e curiosidade, fixavam o seu olhar na figura apressada e nas faces que desabrochavam, para depois se fitarem com sorrisos furtivos. A voz da menina tornou-se sonora, mais alta, clara e ousada, e na sua garganta havia muitas vezes um movimento tremulante, como se subitamente um canto, em exultantes trinados, quisesse se manifestar, como se fosse... O senhor está de novo sorrindo.”

— Não, não, por favor, continue a narração. Apenas estou pensando que o senhor narra muito bem. Perdoe-me, o senhor tem talento e contaria isto tão bem como um dos nossos escritores.

— Com isso, cortês e cautelosamente, quer dizer-me que eu narro como os seus romancistas alemães, portanto com elevação, extensa, sentimental e enfadonhamente. Bem, vou ser mais breve! A marionete dançava, e eu com a mão cuidadosa puxava os cordões. Para desviar de mim qualquer suspeita, pois, às vezes, eu sentia como ela queria, indagando, fixar seu olhar no meu, dera a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aqui num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da barca que se aproximava, escapar, sob pretexto, da vigilância materna, correr e, de um ângulo das docas, com respiração suspensa, passar em revista os que chegavam. Certa vez, numa tarde sombria, em que não achei melhor passatempo do que observar a menina, deu-se um fato muito curioso. Entre os passageiros havia um belo jovem, vestido com aquela elegância extravagante da mocidade italiana, que, quando percorria com os olhos o local, deu em cheio com o olhar da jovem, o qual com impaciência procurava alguma coisa. Ela, após um sorriso leve, enrubescou de vergonha. O jovem parou um instante, prestou atenção — o que é facilmente compreensível quando alguém recebe um olhar tão ardente, cheio de mil coisas que não foram ditas —, sorriu e procurou segui-la. Ela fugiu, parou convencida de que essa pessoa era a que procurava há muito tempo, continuou a andar e de novo olhou para trás; deu-se aquele eterno jogo entre o querer e o temor, entre o desejo e a vergonha, no qual, contudo, sempre a doce fraqueza é a parte mais forte. Ele, visivelmente animado, ainda que surpreso, seguiu e já estava perto dela, e eu senti espantado como tudo se deveria confundir para dar um caos aflitivo. Nesse momento vinham chegando as duas senhoras. A menina, como uma ave assustada, correu para elas, o jovem cuidadosamente se afastou, mas, no voltar as costas, os olhares dos dois ainda se encontraram uma vez e ardentemente se absorveram um no outro.

“Esse fato advertiu-me a dar um fim a essa brincadeira, mas a sedução era demasiadamente forte e resolvi tomar este caso como auxiliar espontâneo e escrevi a ela nessa noite uma carta extraordinariamente longa, que deveria confirmar sua suspeita. Senti encanto em agir agora com dois personagens.

“Na manhã seguinte, a confusão que se pintava nos seus traços fisionômicos espantou-me. O belo desassossego cedera a um nervosismo que eu não compreendia; seus olhos estavam úmidos e vermelhos como os de quem chorou; ela parecia possuída por uma profundíssima dor. Todo seu silêncio parecia querer desabafar-se num grito brutal, em torno de sua fronte havia obscuridade, nos seus olhares um desespero amargo e sombrio, ao passo que eu esperava

desta vez uma alegria franca. Fiquei com medo. Pela primeira vez se intrometia alguma coisa de estranho, a marionete não obedecia e dançava de modo diferente do que eu desejara. Procurei todas as explicações possíveis e não encontrei nenhuma. A minha brincadeira começou a causar-me medo e não voltei antes do anoitecer para o hotel, a fim de fugir à acusação do seu olhar. Quando regressei, compreendi tudo. Ela tivera de partir sem lhe poder dizer uma palavra, e não pôde revelar aos seus o quanto seu coração estava preso a um único dia, a uma hora; ela fora arrastada do seu doce sonho para uma insípida cidadezinha qualquer. Isso eu esquecera. Sinto ainda agora aquele último olhar como acusação, aquela terrível violência de cólera, tortura, desespero e amaríssima dor que eu, sabe Deus até onde, arremessara dentro de sua vida.”

Ele permaneceu calado. Conosco avançava a noite, e da lua encoberta pelas nuvens emanava uma luz de um brilho particular. Revérberos e estrelas pareciam suspensos entre as árvores e a superfície pálida do lago. Em silêncio continuamos a andar. Finalmente o meu companheiro interrompeu o silêncio e disse:

— Esta foi a história. Não daria uma novela?

— Não sei. Em todo caso é uma história que quero conservar com as outras, e pela qual lhe devo ser grato. Mas uma novela? Talvez uma bela introdução que me poderia seduzir, pois essas criaturas apenas se roçam, umas às outras, não se possuem inteiramente, são início de destino, porém não são destinos. Dever-se-ia compô-la até o fim.

— Compreendo o que o senhor tem em mente. A vida da jovem, o regresso para a cidadezinha, a terrível tragédia da vida cotidiana...

— Não exatamente. A jovem não continua a interessar-me. As meninas são sempre sem interesse, por mais dignas de nota que se acreditem, porque os seus acontecimentos completos são somente negativos e por isso demasiado semelhantes. A menina neste caso desposa, quando chega a sua vez, o burguês honesto da sua terra e esse fato fica sendo a folha verdejante de suas recordações. A menina não continua a interessar-me.

— Isto é curioso. Não sei o que o senhor pode achar no jovem. Tais olhares, esse fogo passageiro, todo homem capta em sua juventude; a maior parte nem os percebe e a outra esquece-se depressa. É necessário que envelheçamos para sabermos que precisamente isto é talvez o que de mais nobre e de mais profundo se recebe, e é a prerrogativa mais sagrada da juventude.

— Também não é o jovem que desperta o meu interesse...

— Porém?

— Eu recomendaria o cavalheiro que está envelhecendo, o autor das cartas, eu escreveria sua história até o fim. Creio que em idade alguma uma pessoa escreve impunemente cartas ardentes, introduz-se em fantasia nos sentimentos de um amor. Eu procuraria apresentar como a brincadeira se transforma em coisa séria, como ele acredita dominar a brincadeira, quando esta já o dominou. A beleza nascente da menina, que ele julga ver apenas como observador, encanta-o e empolga-o mais profundamente. E o instante em que, de repente, tudo lhe escapa, produz-lhe uma violenta saudade da brincadeira e do brinquedo.

“A mim me encantaria aquela mudança no amor que deve tornar muito semelhante a paixão do velho à do menino, porque ambos não se sentem com valor bem completo. Eu lhe daria o medo e a expectativa. Eu o faria tornar-se errante, persegui-la para vê-la, para facilitar o acaso que então é sempre cruel. Eu imaginaria a novela neste sentido e ela então seria...”

— Mentirosa, falsa, impossível!

Espantei-me. A voz saíra-lhe áspera, roucamente trêmula e quase ameaçadora naquelas palavras. Nunca vira no meu companheiro tal excitação. Com a rapidez de um raio adivinhei o que eu irrefletidamente tinha tocado. E, quando ele tão precipitadamente parou, vi com tristeza brilharem seus cabelos brancos.

Quis mudar rapidamente de rumo. Mas então ele começou a falar de novo, agora todo cordial, sombrio e suave, com sua voz pausada e grave, que apresentava um belo timbre de leve melancolia:

— O senhor talvez tenha razão. É muito mais interessante: “*L’amour coûte cher aux vieillards*”, assim, creio eu, intitulou Balzac uma das suas comoventes histórias, e muitas ainda se poderiam escrever com esse título. Mas as pessoas velhas, que disso sabem o que há de mais íntimo, somente narram os seus êxitos, e não suas fraquezas. Temem ser ridículas em coisas que de algum modo somente são o movimento pendular do que é eterno. Crê o senhor que foi apenas um acaso o fato de terem se perdido precisamente aqueles capítulos das memórias de Casanova em que se trata da sua velhice, em que se inverteram os papéis e ele, em vez de enganar, passou a ser enganado? Talvez apenas a mão se tornou demasiadamente pesada e o coração muito apertado.

Ele estendeu-me a mão. A sua voz estava outra vez inteiramente serena, calma e impassível:

— Boa noite! Vejo que é perigoso narrar histórias a moços em noite de verão. Isto gera facilmente pensamentos insensatos e toda sorte de sonhos inúteis. Boa noite!

E ele, com seus passos elásticos, mas já retardados pelos anos, voltou para o escuro. Era tarde. Mas a fadiga, que de costume, devido ao calor das noites amolecedoras, me acometia cedo, nesse dia estava dispersada pela excitação que fervia no sangue. Novelas de sofrimento quando se experimenta por um instante o que é de outrem. Por isso segui ao longo do caminho calmo e escuro até a Villa Carlotta, onde desce uma escada de mármore para o lago, e sentei-me nos degraus quentes. A noite estava maravilhosa. As luzes de Bellagio, que antes brilhavam quase como vaga-lumes entre as árvores, pareciam então imensamente distantes sobre a água e pouco a pouco iam desaparecendo, uma após outra, na intensa obscuridade. O lago, luzidio como uma pedra preciosa negra e, apesar disso, com o brilho confuso nas suas arestas, jazia silencioso. Como mãos brancas em teclas, as ondas chapinhantes em leve turbilhão tocavam os degraus num e noutro sentido. A pálida vastidão do céu parecia infinitamente alta, e nela havia a cintilação de milhares de estrelas. Ali se achavam inteiramente quietas em refulgente silêncio; só às vezes uma delas, de repente, se separava do cortejo diamantino e se precipitava na noite de verão sem saber para onde ia, se nas trevas, nos vales, nas gargantas, nos montes ou nas águas distantes, arremessada por uma força cega, tal qual uma vida na profundidade abrupta dos destinos desconhecidos.

NOVELAS DE SOFRIMENTO

*Abre-te mundo imenso de Paixões:
— Ó vós! visões sonhadas e vividas
Os vossos aos meus lábios ajuntai,
Sorvei meu hálito e bebei meu sangue!*

*Surgi da meia-luz de vossas trevas.
Não temais a tortura que vos cerca.
Quem ama o amor, adora-lhe a tormenta.
O que vos turba é o que a mim vos une.*

*A Paixão só, que sua tumba encontra,
Consente que se inflame sua essência.
Só quem se perde, a si pode volver.*

*Inflamai-vos! Somente em combustão
Conhecereis o mundo no seu imo
Pois no mistério é que começa a Vida.*

AMOK

No mês de março de 1912, aconteceu no porto de Nápoles, durante o descarregamento de um grande transatlântico, um estranho acidente sobre o qual os jornais deram informações abundantes e fantasiosas. Embora passageiro do *Oceania*, o navio em questão, não me foi possível, bem como aos outros passageiros, ser testemunha desse acontecimento singular, porque aconteceu à noite, enquanto se tomava carvão e retirava a carga, e, para fugir ao barulho, fôramos todos passar o tempo nos cafés ou nos teatros. Entretanto, a meu ver, certas hipóteses, que naquela época eu não tornei públicas, contêm a explicação verdadeira dessa cena comovente. E agora o passar dos anos me autoriza, sem dúvida, a tirar partido de uma conversa confidencial, que precedeu este curioso episódio.

*

Quando, na agência marítima de Calcutá, quis tirar uma passagem no *Oceania* para voltar à Europa, o empregado mostrou-se cheio de pesar — ele não sabia se seria possível assegurar-me uma cabine, porque na época em que estávamos, às vésperas da estação das chuvas, o navio deveria ficar completamente cheio desde a partida da Austrália, e o encarregado devia esperar, para atender-me, um despacho de Cingapura, que o instruiria sobre o assunto.

No dia seguinte, deu-me a agradável notícia de que podia reservar-me um lugar; e na verdade não era senão uma cabine pouco confortável, sobre a coberta e a meio do navio. Como estava impaciente por voltar, não hesitei muito tempo, e fiquei com o tal camarote.

O empregado não me enganara. O navio estava sobrecarregado e a cabine era má: um estreito quadrilátero, ao lado das máquinas e iluminado unicamente pela luz deficiente de um postigo redondo.

O ar, pesado e estagnado, cheirava a óleo e a mofo. Não se podia escapar um instante do zumbido do ventilador elétrico que, como um morcego de aço enlouquecido, volteava sobre a nossa cabeça. Embaixo, a máquina cansava-se e gemia, como um carregador de carvão que sobe incessantemente, arquejante, a

mesma escada; e em cima ouvia-se continuamente o andar dos que passeavam no convés. Assim, mal pus minha mala nesta espécie de túmulo, repartido em compartimentos escuros, com emanções fétidas, corri para o refúgio do tombadilho. E, saindo de sua profundidade, aspirei, satisfeito, o vento de terra, doce e morno, que soprava sobre as ondas.

Mas no tombadilho também não havia senão aperto e algazarra: uma balbúrdia, uma mistura de pessoas que, na agitação nervosa de enfermos condenados à inanição, subiam, desciam e papagueavam sem cessar. A zombaria chilreante das mulheres, a circulação incessante no estreito corredor do convés, tudo isso me causava mal-estar.

Eu percorrera um mundo novo para mim e guardava no espírito uma multidão de imagens que, umas sobre as outras, se comprimiam num furioso afogadilho.

No momento, queria refletir sobre o que havia visto, esclarecer, recompor, a fim de dar uma forma ao tumultuoso universo que se precipitara nos meus olhos, mas aqui, neste bulevar invadido por uma multidão, não havia um minuto de repouso e de tranquilidade. Se eu lia um livro, as linhas do texto desapareciam no caos movediço que a passagem desta turba tagarela projetava. É impossível alguém ter um momento de paz consigo neste corredor de navio, rua sem sombra por onde transbordava a circulação.

Durante três dias tentei achar um pouco de solidão, e contemplava com resignação os homens e o mar. Mas o mar continuava semelhante a ele mesmo, azul e vazio, salvo ao pôr do sol, que acendia rapidamente sobre as águas um fogo de artifício multicolor. Quanto aos homens, eu conhecia a todos, perfeitamente, ao fim de três dias. Cada rosto se tornara familiar a mim até à saciedade; o riso estridente das mulheres não mais me interessava, nem a controvérsia turbulenta de dois oficiais holandeses que eram meus vizinhos. Não me restava senão esconder-me bem longe, mas minha cabine era muito abrasante e carregada de vapores; e no salão jovens ingleses tocavam sem interrupção, muito mal, valsas sem harmonia ao piano. Restava-me enfim inverter destemidamente a ordem das coisas, e desci para minha cabine logo depois do meio-dia, depois de me embriagar com alguns copos de cerveja, a fim de poder dormir enquanto os outros jantavam e dançavam.

Quando acordei já era noite, e tudo estava úmido no pequeno esquife da minha cabine.

Como eu havia desligado o ventilador, o ar gorduroso e úmido queimava as minhas têmporas. Meus sentidos estavam como que adormecidos: precisei de vários minutos para reconhecer o momento e o lugar em que me achava. Era,

seguramente, mais de meia-noite, pois eu não escutava nem a música, nem o deslizar contínuo dos passos. Só a máquina, o coração estafado do Leviatã, impulsionava sempre, ofegante, a carcaça do navio para o invisível, onde ele penetrava roçando as ondas.

Subi às apalpadelas para o convés. Estava deserto. Levantei os olhos para a torre fumegante da chaminé e para os mastros erguidos como fantasmas, e uma claridade magnífica encheu-me o olhar. O firmamento brilhava. Ao redor das estrelas, que o enchiam de cintilações brancas, havia alguma obscuridade, mas, apesar disso, o céu faiscava. Dir-se-ia que um reposteiro de veludo estava colado lá, diante de uma formidável luz, e as estrelas não eram senão fendas e claraboias através das quais passava a luz dessa indescritível claridade. Jamais vira o céu, como nessa noite, de um azul de aço tão metálico e tão brilhante, radioso e espraído, inundado de luz, de uma luz que caía da lua e das estrelas e parecia possuir, de algum modo, um fogo misterioso. Como uma laca branca, todas as linhas do navio brilhavam cruamente ao luar sobre o veludo sombrio do mar. Os cordames, as vergas, todos os apetrechos, todos os contornos desapareciam neste esplendor flutuante: as luzes dos mastros, e, mais alto ainda, o ilustre redondo da vigia pareciam suspensos no vácuo, como pálidas estrelas terrestres entre as radiosas estrelas do céu.

Precisamente por cima de minha cabeça a constelação mágica do Cruzeiro do Sul estava fixada no infinito como resplandecentes cravos de diamantes, e parecia que se deslocava, embora fosse o navio que dava esta ilusão de movimento e que, balançando docemente o peito anelante, como um gigantesco nadador, trilhava seu caminho ao sabor dos negros vagalhões. Eu estava em pé e olhava para cima — parecia-me que estava em um banho quente de chuveiro, com a diferença de que aqui era a luz que se derramava branca e morna sobre as minhas mãos, que me envolvia docemente as espáduas e a cabeça, e que, de certa maneira, parecia querer penetrar em meu ser, porque todo o cansaço se havia afastado rapidamente de mim. Eu respirava, liberto, serenamente. E, com uma volúpia nova, saboreava sobre os meus lábios, como um verdadeiro néctar, o ar suave, clarificado e ligeiramente embriagador que trazia em si o cheiro das frutas e o perfume das ilhas longínquas. Então, pela primeira vez desde que estava a bordo, o santo desejo do sonho apoderou-se de mim, assim como este outro desejo, mais sensual, que me fazia querer abandonar meu corpo, como uma mulher, a esta moleza que me vinha de todas as partes. Desejei estirar-me, o olhar voltado para os brancos hieróglifos, mas as espreguiçadeiras, as cadeiras

de convés, haviam sido retiradas, e em parte alguma, sobre o tombadilho deserto, havia um só lugar onde se entregar a uma calma meditação.

Foi assim que, irresoluto, me aproximei pouco a pouco da proa do navio, cego pela luz que parecia diluir as coisas, com uma vivacidade sempre maior, para penetrar em mim. Esta luz das estrelas, de um alvor brunido e de um brilho deslumbrante, me fazia quase mal, mas eu desejava esconder-me em alguma parte na sombra, estender-me em uma esteira, não sentir em mim, mas simplesmente sobre mim, esta irradiação das coisas — como quando se olha uma paisagem do interior de um quarto imerso na escuridão. Enfim, tropeçando nas cordagens e passando além do parapeito de ferro, atingi a borda e vi a proa do navio avançar na sombra e a claridade líquida da lua brotar, espumante, dos dois lados da quilha. Esta charrua marinha aparecia e desaparecia de novo, nesta gleba de ondas negras; e neste jogo coruscante eu sentia toda a dor do elemento vencido, e toda a alegria da força terrestre. Nessa contemplação tinha perdido a noção do tempo: havia uma hora que estava assim encostado à amurada ou só alguns minutos? Ao léu do balanço, o gigantesco berço que era o navio me balançava e me levava para além do tempo, e eu não sentia senão uma coisa — uma lassitude que era como uma volúpia. Eu queria dormir, sonhar, e no entanto não me afastar desta magia, e não voltar à minha cabine-esquife. Involuntariamente meu pé encontrou junto a mim um maço de cordas. Sentei-me nele, os olhos fechados mas não cheios de sombra, porque sobre eles e sobre mim brilhava o clarão prateado. Embaixo, sentia a água murmurar docemente, e acima de mim, como uma ressonância imperceptível, o branco escoadouro deste mundo. Pouco a pouco, este murmúrio se insinuou em minhas veias e perdi a noção da existência. Não sabia mais se este ofegar era o meu ou se eram os batimentos do coração do navio. E eu estava enlevado e desaparecido no murmúrio contínuo do mundo noturno.

*

Uma ligeira tosse seca muito perto de mim sobressaltou-me. Saí, assustado, do delírio que quase me enlouquecera. Meus olhos, cegos pela claridade branca que incidia sobre as minhas pálpebras, há muito tempo fechadas, pestanejaram tentando ver: tudo em minha frente, na sombra da amurada, brilhava como o reflexo de um par de óculos, e eis que saltou um denso e redondo lampejo que vinha do fogo de um cachimbo.

Desde quando me sentara, olhando somente o esporão escumoso do navio abaixo de mim, ou melhor, acima de mim, o Cruzeiro do Sul, não percebera a presença desse vizinho que, imóvel, poderia ali passar todo o tempo. Involuntariamente, de espírito ainda estonteado, eu lhe disse: “Desculpe.” “Não há de quê”, respondeu uma voz saída das trevas.

Eu não saberia dizer quão estranha e sinistra era essa proximidade, muda, na obscuridade, de nossas duas pessoas quase tocando-se, sem que nos pudéssemos ver. Não obstante, tinha a impressão de que este homem me olhava fixamente, da mesma maneira que eu tinha os olhos fixados nele. Mas a luz que estava sobre nós — esta onda de luz de resplandecente alvura — era tão forte que nenhum dos dois podia perceber de seu vizinho senão uma silhueta na sombra.

Parecia-me somente escutar a respiração do homem e o soprar das baforadas do seu cachimbo.

O silêncio era insuportável. Desejava ir embora, mas esta maneira de agir parecia-me abrupta, inopinada. Embaraçado, pedi um cigarro. O fósforo riscou, e durante um segundo uma claridade palpitou no estreito espaço. E percebi então, por detrás dos vidros dos óculos, um rosto que não vira antes a bordo, nem durante as refeições, nem durante os passeios, e, seja porque a rápida chama me houvesse feito mal aos olhos, seja porque houvesse tido uma alucinação, este rosto me pareceu horivelmente perturbado, lúgubre e semelhante ao de um gnomo. Mas, antes que eu discernisse os detalhes, a obscuridade absorveu de novo os traços sobre os quais esta claridade passara, e não vi mais senão uma sombria silhueta diluída na escuridão e algumas vezes, destacando-se no vácuo, o vermelho anel do cachimbo. Nós continuávamos silenciosos, e este silêncio era pesado e deprimente como o ar dos trópicos.

Por fim não pude mais ficar. Levantei-me e disse polidamente: “Boa noite.” “Boa noite”, respondeu da sombra uma voz enrouquecida, dura e difícil.

Andei penosamente, tropeçando em aparelhos e pranchas. Atrás de mim ressoou um passo rápido e incerto. Era o vizinho de há pouco. Involuntariamente, parei. Ele não se aproximou muito de mim, e na obscuridade percebi em sua marcha uma espécie de angústia e prostração. “Desculpe-me”, disse ele com voz precipitada, “se lhe faço um pedido. Eu... eu...”, balbuciou e foi obrigado a interromper-se, tão embaraçado estava. “Eu... eu tenho razões... pessoais... inteiramente pessoais de me isolar aqui... Um desgosto... Eu evito... não, não... Eu queria somente pedir... Me prestaria um grande favor se não dissesse a ninguém a bordo que me viu aqui... Há razões pessoais que me impedem, no momento, de frequentar a sociedade... Sim... no momento...

atualmente... seria desagradável para mim que o senhor dissesse que uma pessoa, aqui, à noite... que eu...”

Faltou-lhe de novo a palavra. Pus fim à sua perturbação, apressando-me em assegurar-lhe que satisfaria seu desejo. Apertamo-nos as mãos. Depois entrei para a minha cabine e dormi um sono pesado, estranhamente agitado e cheio de visões confusas.

*

Cumpri a minha promessa e não falei a ninguém sobre o meu singular encontro, embora tenha sido grande a tentação, pois no curso de uma travessia a menor coisa é um grande acontecimento — uma vela no horizonte, um flerte recentemente descoberto, uma fútil galanteria. Ao mesmo tempo, atormentava-me a curiosidade de conhecer melhor este homem pouco banal! Esmiucei a lista de passageiros para descobrir nela um nome que pudesse ser o seu, revi todas as pessoas para ver se tinham semelhança com ele. Fiquei o dia todo presa de um nervosismo impaciente e tinha pressa que a tarde acabasse para ver se o encontrava novamente. Os enigmas psicológicos têm sobre mim uma espécie de inquietante poder: anseio de todo o meu ser descobrir a relação das coisas, e os indivíduos singulares podem, somente por sua presença, desencadear em mim uma paixão de saber, que não é menos viva que a paixão carnal em uma mulher. O dia foi para mim muito longo, vazio. Deitei-me cedo; eu sabia que acordaria à meia-noite, que essa aventura me arrancaria do sono.

E, com efeito, levantei-me à mesma hora da véspera. No mostrador fosforescente do meu relógio os dois ponteiros se superpunham, formando um único traço luminoso. Saí precipitadamente da minha cabine sufocante para encontrar uma noite mais sufocante ainda.

As estrelas brilhavam como na véspera e espalhavam uma luz difusa sobre o navio oscilante. Muito alto, no céu, flamejava o Cruzeiro do Sul. Tudo era como na véspera, pois nos trópicos os dias e as noites têm aspectos mais regularmente opostos que em nosso hemisfério. O balançar ondeante e melancólico da noite anterior havia passado. Alguma coisa me seduzia, me perturbava, e eu não sabia para onde estava atraído: era para os esteios negros do parapeito, a fim de saber se o homem misterioso ainda estava lá, imóvel, sentado. Em cima, retinia a sineta do navio, e eu me deixei arrastar. Passo a passo, dividido entre a aversão e o desejo, abandonei-me ao meu caminho. E não havia chegado ainda à proa

quando vi de repente aparecer aí alguma coisa que parecia um olho vermelho. Era o cachimbo. “Ele” estava lá, portanto.

Contra a minha vontade, tive um movimento de desagrado, e parei. Um instante mais, e ia retirar-me. Eis que na sombra alguma coisa se agitou, se levantou, deu dois passos, e ouvi no mesmo instante a sua voz perto de mim, cheia de delicadeza e de langor.

— Perdoe-me — disse ele. — Quer, parece-me, ir para o seu lugar e tenho a impressão de que, quando me percebeu, o senhor teve um momento de dúvida. Peço que se sente, tranquilamente, pois eu me vou.

Pedi-lhe com interesse que ficasse: eu não havia recuado senão para não o incomodar.

— Não me incomodo — disse ele com certo pesar. — Pelo contrário, por mim, eu me sinto feliz de não estar sozinho. Não pronuncio uma palavra há dois dias. Para dizer a verdade, há dois anos... e isto é uma coisa tão dolorosa de guardar na alma, precisamente talvez porque isso sufoca... Eu não pude mais ficar na cabine, nesse... esquite... Eu não pude mais e eu não posso mais suportar os homens, porque eles riem durante o dia todo... Eu não posso mais suportar isso... Eu os ouço até em minha cabine, e tapo os meus ouvidos. É verdade que eles não sabem... Depois, que é que isto interessa aos estranhos?

Parou de novo e logo apressadamente ajuntou:

— Mas não quero incomodá-lo... perdoe minha tagarelice.

Inclinou-se e ameaçou retirar-se. Mas eu lhe repliquei solícito:

— Não me importuna. Eu também estou feliz de trocar, aqui, algumas palavras em paz... Aceita um cigarro?

Dei-lhe o fogo. De novo o seu rosto se destacou, vacilante, sobre a amurada negra do navio, mas agora estava inteiramente voltado para mim: por trás dos óculos, seus olhos examinavam avidamente meu rosto, como animados pela violência de um delírio. Um *frisson* percorreu o meu corpo. Compreendi que o homem queria falar, que tinha necessidade de falar. E sabia que devia me calar para ajudá-lo.

Havia no tombadilho uma outra cadeira, que ele me ofereceu. Sentamo-nos. Acendemos os cigarros. Vi, pelo fogo do seu, que dançava na sombra, que sua mão tremia. Mas eu me calei. Ele também não falava. Então, inesperadamente, perguntou em voz baixa:

— Está muito cansado?

— Não, absolutamente.

A voz que vinha da obscuridade hesitou de novo.

— Eu desejava perguntar uma coisa... Isto é, queria contar uma coisa. Eu sei, bem sei que é absurdo de minha parte dirigir-me assim à primeira pessoa que encontro, mas... estou... estou em um estado psíquico terrível... cheguei a um ponto em que é absolutamente necessário que fale a alguém, senão estarei perdido... Compreenderá quando... sim... quando eu tiver contado... Sei que não poderá me ajudar, mas este silêncio me torna doente... e um doente é sempre ridículo para os outros...

Eu o interrompi e lhe pedi para não se atormentar. Se me quisesse contar... Eu não podia, naturalmente, prometer-lhe nada, mas era um dever, pelo menos, mostrar alguma boa vontade. Quando se encontra alguém em aflição, a gente é, naturalmente, levado a lhe prestar algum serviço...

— O dever... de mostrar alguma boa vontade... o dever de ajudar... Acredita, também, que se tem algum dever... que se tem o dever de oferecer boa vontade.

Três vezes repetiu a frase. Esta maneira inexplicável e obtusa de repetir as coisas me fez tremer. Seria este homem um louco ou estaria bêbado? E como se esta suposição houvesse passado a meus lábios, como se ele a tivesse escutado, disse imediatamente, com voz muito diferente:

— O senhor talvez me tome por bêbado ou louco. Não, eu não sou, ou não sou ainda. Apenas a palavra que pronunciou me comoveu extraordinariamente!... Sim, porque é isto o que me atormenta: eu queria saber se se tem algum dever... o dever...

Ele balbuciava ainda. Depois calou-se. Em seguida recomeçou a falar:

— Tende em conta que sou um médico. E, para um médico, há muitas vezes tais casos, casos tão terríveis... sim, digamos, casos extremos, nos quais não se sabe se se tem o dever... Com efeito, não existe senão um único dever: o que se tem para com o próximo. Mas há ainda um dever para consigo mesmo, um dever para com o Estado e um dever para com a Ciência... Deve-se ser caridoso, certamente; é precisamente a obrigação do médico... Mas estas máximas não são senão teoria... Até que ponto deve-se ser caridoso?... O senhor é um forasteiro, eu lhe sou estranho, e peço que não conte que me viu... Muito bem! O senhor se cala: cumpriu este dever... Peço-lhe que converse comigo, porque morro de silêncio... Está disposto a ouvir-me... Bem... Mas isto é uma coisa fácil... Ora, se eu lhe pedisse para me agarrar e me lançar fora do navio... Neste caso, certamente, tem fim a complacência, a obrigação. Há, positivamente, um limite em tudo... lá onde sua própria existência, sua responsabilidade entram em jogo... É necessário que haja um limite... O dever é forçosamente limitado. Será que, talvez, este dever, para um médico, não tenha um limite? Que ele deva ser o

salvador, a providência universal, unicamente porque possui um diploma com palavras latinas? Que verdadeiramente sacrifique sua vida e se transforme em sangue quando uma mulher... quando um homem vem pedir-lhe que seja nobre, caridoso e bom? Sim, o dever, o dever termina em alguma parte... lá onde não se tem mais o dever de satisfazê-lo, precisamente aí...

Interrompeu a fala e levantou-se rapidamente.

— Perdoe-me... estou exaltado... mas não estou bêbado... não estou ainda... É uma coisa que me dá frequentemente agora, confesso sem rodeios, neste diabólico retiro... Saiba que há sete anos vivo quase exclusivamente entre os indígenas e os animais... e a gente desaprende a falar pausadamente. E quando se começa a extravasar, há um excesso de palavras... Mas, espere... sim, eu sei agora... eu queria pedir, eu queria expor um caso que se trata de saber se se tem o dever de prestar serviço... de prestar serviço com uma candura verdadeiramente evangélica, se... De resto, creio que a exposição não dura muito tempo. Não está realmente cansado?

— Não, absolutamente.

— Eu... eu agradeço... Quer beber?

Ele havia tateado na sombra. Ouvi um ruído de vidros, um choque de garrafas, de duas, três, diversas garrafas que estavam colocadas perto dele. Ofereceu-me um copo de uísque, que toquei levemente com os lábios, enquanto ele bebia o seu de um trago. Durante um instante fez-se silêncio entre nós. Nesse momento, soou o sino de bordo: era meia-noite e meia.

*

— Pois bem, eu queria contar o seguinte caso. Imagine um médico em uma... cidadezinha... ou, melhor, no interior... um médico que...

Tornou a parar. Depois aproximou rapidamente sua cadeira da minha.

— Não, não é bem isto. É preciso que eu conte tudo, diretamente, desde o começo... Uma coisa parecida, uma coisa semelhante não pode ser apresentada como um exemplo, como uma teoria... é preciso que conte o meu próprio caso. Não há nisso nenhuma vergonha, nenhuma dissimulação. Diante de mim também as pessoas se põem nuas e me mostram suas sarnas, sua urina, suas fezes... Quando se procura um socorro não se deve usar de subterfúgios, deve-se dizer tudo... Não é o caso de um médico imaginário que eu vou contar. Eu me dispo de tudo e digo... eu... Eu desaprendi a me envergonhar nessa solidão, nesse país maldito que atormenta a alma e chupa a medula dos rins.

Eu fiz, sem dúvida, um movimento, porque ele se interrompeu.

— Ah! o senhor protesta... eu compreendo. O senhor traz no íntimo a enorme admiração das Índias dos templos e das palmeiras, todo o romantismo de uma viagem de dois meses. Sim, eles são encantadores, os trópicos, quando os vemos da estrada de ferro, de automóvel ou de riquixá; e eu, eu não tive uma impressão diferente quando, pela primeira vez, vim aqui, há sete anos. Que sonhos não tive então? Queria aprender as línguas e ler os livros sagrados no texto original; queria estudar a alma dos indígenas, sim, é assim que se diz na gíria europeia... enfim, tornar-me um missionário da humanidade e da civilização... Todos os que aqui vêm têm o mesmo desejo. Mas, nessa terra sufocante, lá longe, lá onde a vista do viajante não alcança, a força falta depressa; a febre, tome-se tanta quinina quanto se possa, apanhamo-la sempre, a febre devora o corpo; qualquer um se torna indolente e preguiçoso, um verdadeiro molusco. Um europeu é, de qualquer maneira, arrancado de seu ser quando, vindo das grandes cidades, chega a uma destas malditas estações perdidas nos charcos. Cedo ou tarde, cada um recebe o golpe fatal; uns bebem, outros fumam ópio, outros não pensam senão em martirizar e tornam-se brutos; cada qual contrai a sua loucura. Tem-se a nostalgia da Europa, sonha-se andar de novo, um dia, em uma rua, entre homens brancos. Durante anos fica-se nesse sonho e depois, quando chega a época em que se tem direito a umas férias, a gente está por demais indolente para empreender a viagem. Sabe-se que na Europa se está esquecido, como um marisco no oceano, um marisco que todo mundo trata com desprezo! É assim que a gente fica e se embrutece e se deprava nessas florestas quentes e úmidas. Maldito o dia em que vim para este antro sórdido...

“Além do mais não o fiz inteiramente por minha vontade. Eu fiz meus estudos na Alemanha, doutor em medicina, bom médico mesmo, com clínica em Leipzig, e nessa época, em não sei que número do *Medizinische Blätter*, havia-se feito grande celeuma em torno de uma nova injeção que eu fora o primeiro a aplicar.

“Então, surgiu uma história de mulher: uma pessoa que eu conhecera no hospital enlouqueceu seu amante a tal ponto que ele lhe deu um tiro de revólver; e em seguida fui tão louco quanto ele. Ela se mostrava orgulhosa e fria, de tal maneira que me fazia furioso. Eu sempre fora um joguete de mulheres imperiosas e insolentes, mas esta me dobrava tanto que meus ossos estalavam. Eu só fazia o que ela queria. Eu...

“Mas, por que não confessar, agora que já se passaram oito anos? Para ela, eu roubei dinheiro da caixa do hospital e, quando a coisa foi descoberta, o diabo se

soltou! Um tio meu cobriu o desfalque, mas a minha carreira estava perdida. Soube nessa ocasião que o governo holandês recrutava médicos para as colônias e que pagava adiantamentos! Sabia que a cruz funerária era três vezes maior do que entre nós, nessas plantações que são o reino da febre. Mas, quando se é jovem, crê-se que a febre e a morte não se abatem senão sobre os outros. Enfim, não tinha mais discernimento. Fui a Roterdã e fiz um contrato por dez anos, recebi um belo pacote de notas, metade das quais enviei ao meu tio.

“A outra metade foi a presa de uma dessas mulheres que se encontram nos arredores do porto, e que habilmente obteve pouco a pouco tudo o que eu tinha simplesmente porque se parecia com aquela outra mulher infernal. Em seguida, sem dinheiro, sem relógio, sem ilusões, virei as costas à Europa, e não experimentei a menor tristeza quando saímos do porto.

“Sentei-me sobre a coberta do navio, como o senhor está neste momento, como todos os outros, e avistei um dia o Cruzeiro do Sul e as palmeiras, e meu coração se alegrou. Ah! as florestas, o sossego, o recolhimento, tudo isto enchia os meus olhos.

“Oh! não era a solidão que ia me faltar. Não me enviaram à Batávia ou para Scerabaia, cidades onde se encontram seres humanos, clubes, um jogo de golfe, livros e jornais, mas — não importa o nome — para um dos distritos que ficam a dois dias de viagem da cidade mais próxima. Alguns funcionários aborrecidos e esgotados e duas meias tribos formavam toda a minha sociedade. Fora disso, não havia ao redor de mim senão a floresta, plantações, o bosque e o pântano.

“Afinal, isto ainda era suportável. Eu me dediquei a estudos de toda sorte. Um dia, como o vice-presidente, no curso de sua viagem de inspeção, havia virado o automóvel e quebrado uma perna, fiz sozinho uma operação, que foi muito comentada. Eu colecionava venenos e armas indígenas; ocupava-me de cem pequenas coisas, a fim de conservar o espírito.

“Mas isto não durou senão enquanto se agitou em mim a energia trazida da Europa; depois disso, definhei. Os raros europeus que via me inspiravam nojo. Rompi todas as relações com eles e comecei a beber e a ensimesmar-me em meus sonhos solitários.

“Eu só tinha que esperar dois anos; depois estaria livre e teria uma pensão. Poderia voltar para a Europa e começar uma nova vida. Para dizer a verdade, não fazia senão esperar: esperava, tranquilamente deitado. E assim é que eu esperava se *ela*... se isto não acontecesse...”

A voz que falava na obscuridade calou-se. O cachimbo apagara-se. Fez-se tamanho silêncio que de novo escutei a água abrindo-se espumante contra a

quilha e os flancos do navio, assim como o batimento do coração, surdo e longínquo, da máquina. Eu acenderia contente um cigarro, mas temia a luz viva do fósforo e o reflexo que ela projetaria sobre o rosto do desconhecido, que ainda se conservava calado. Eu não sabia se ele cismava ou se dormia, tão absoluto era o silêncio.

Eis que o sino de bordo fez um som rude e forte; era uma hora. Ele levantou-se rapidamente, ouvi de novo os vidros tilintarem. Era manifesto que a sua mão procurava, tateando, uísque. Ouvi o ligeiro *gluglu* do líquido. Em seguida, repentinamente, a voz recomeçou, mas agora com mais força e paixão:

— Pois... preste atenção... sim, estou aqui. Eu estava lá no meu antro maldito, estava lá como a aranha em sua teia, imóvel há alguns meses. Foi precisamente depois da estação das chuvas. Durante semanas e semanas a água cantou sobre o meu telhado. Ninguém havia vindo; nenhum europeu; eu passava os dias sentado em casa, com minhas mulheres amarelas e meu bom uísque. Estava então absolutamente liquidado; tinha no coração a mortal nostalgia da Europa. Quando lia um romance em que se tratava de ruas claras e mulheres brancas, meus dedos punham-se a tremer. Não posso descrever exatamente este estado; é uma espécie de doença dos trópicos, uma nostalgia furiosa e ao mesmo tempo debilitante. Assim é que um dia eu estava debruçado sobre um atlas (e é tudo o de que me lembro), e rememorava viagens. Eis que precipitadamente batem à porta; meu empregado estava do lado de fora, assim como uma das mulheres; ambos tinham os olhos arregalados de surpresa. Eles fazem grandes gestos: uma mulher chegara, uma senhora, uma mulher branca.

“Levanto-me, com presteza. Eu não ouvira chegar nem carro, nem automóvel. Uma mulher branca aqui neste deserto!

“Ia já descer a escada, mas recuei. Uma olhadela ao espelho, e às pressas ponho um pouco de ordem em minha roupa. Estou nervoso, inquieto, como atormentado por um pressentimento desagradável, porque não conheço ninguém no mundo que me procure por amizade. Enfim, desço.

“No vestíbulo, a senhora que espera se precipita para mim. Um véu de automobilista esconde-lhe o rosto. Quero saudá-la, mas ela não me dá tempo, interrompendo-me a palavra.

“— Bom dia, doutor — disseme ela em inglês corrente (que era mesmo um pouco mais desembaraçado e como que decorado). — Perdoai-me se causo surpresa. Estávamos precisamente na estação, nosso carro parou lá. — (Por que, pois, não veio ela de auto até aqui? Tal é o pensamento que, como um clarão, me atravessa o espírito.) — Então me lembrei que o senhor morava aqui. Eu já ouvi

falar do senhor; fez um verdadeiro milagre com o vice-presidente: sua perna ficou em perfeito estado: ele joga golfe como antes. Ah! sim, todos ainda falam nisso entre nós; e daríamos o nosso porco cirurgião e ainda os outros dois de quebra, se viesse morar conosco. Com efeito, por que nunca nos vimos lá? O senhor vive perfeitamente como um iogue...

“E ela continuava a papaguear sobre as coisas com uma volubilidade sempre maior, sem me deixar dizer uma palavra. Havia nesta verborreia tal nervosismo e inquietação que eu me sentia perturbado. Por que fala tanto?, pensei comigo. Por que não se apresenta? Por que não levanta o véu? Estará com febre? Estará doente? Estará louca? Meu nervosismo aumentava sempre, porque sentia o ridículo de estar assim de pé diante dela, inundado pelo fluxo de suas palavras. Por fim parou um pouco e pude pedir-lhe que subisse. Ela faz sinal ao seu pajem para ficar e me precede na escada.

“— Como é agradável, aqui — disse ela, olhando o meu quarto. — Oh! que belos livros! Eu os queria ler todos.

“Vai até a estante e passa em revista os títulos dos livros. Pela primeira vez depois que chegou, cala-se um minuto.

“— Posso lhe oferecer um pouco de chá? — perguntei.

“— Não, obrigada, doutor — respondeu, sem se voltar e continuando a ler os títulos dos livros. — Não tenho tempo... fazemos apenas uma pequena excursão. Ah! tem também Flaubert! Gosto tanto de ler... Admirável, absolutamente admirável, a *Education sentimentale*. Vejo que lê também francês... Sim, os alemães aprendem tudo na escola... É positivamente maravilhoso conhecer tantos idiomas... O vice-presidente não jura senão pelo senhor; diz sempre que é o único bisturi ao qual se entregaria... — (E mesmo dizendo isto, não se voltou para mim.) — Hoje me veio a ideia de consultá-lo... E porque passávamos precisamente diante de sua casa, pensei... Mas tem, talvez, muito que fazer. Será melhor que eu volte outra vez.

“Anda, abre o seu jogo, pensei logo; mas não deixei transparecer nada e lhe declarei que seria sempre para mim uma honra estar a seu serviço, agora ou quando lhe aprouvesse.

“— Não é nada de importância — disse-me meio voltada, folheando um livro que apanhara na estante. — Nada de importante... bagatela... coisas de mulher... Vertigens, fraqueza. Esta manhã, quando fazíamos uma curva, caí de repente, perdi a consciência... O pajem teve de erguer-me e ir procurar água... Talvez o chofer fosse muito depressa... Não será isto, doutor?

“— Eu não o posso julgar ainda. Tem tido frequentemente vertigens semelhantes?

“— Não, isto é... sim, ultimamente sim, nestes últimos tempos... isto é... vertigens e náuseas.

“Ei-la de novo plantada diante da estante devolvendo um livro, tomando um outro e folheando-o. Coisa bizarra. Por que ela folheia sempre assim... com tanto nervosismo? Por que não levanta o véu que lhe encobre os olhos? Intencionalmente eu não lhe digo nada. Agrada-me deixá-la em expectativa. Por fim, recomeça a falar, a tagarelar, fria e verbosa ao mesmo tempo:

“— Não é, doutor? Não há nada de grave?... Nada de tropical!... nada de perigoso...

“— Seria preciso de antemão que eu visse se tem febre. Posso examinar vosso pulso?

“E dirigi-me para ela... ela porém afastou-se ligeiramente.

“— Não, não, eu não estou com febre... absolutamente, absolutamente eu não estou com febre... Eu mesma tenho tomado a minha temperatura todos os dias desde... desde que me apareceram... Nenhuma febre, sempre impecavelmente 36,4 no termômetro. Meu estômago também está perfeito.

“Hesito um instante. Sinto surgir em mim uma suspeita; sinto que esta mulher quer pedir-me alguma coisa. Ninguém vem a um deserto para falar sobre Flaubert. Deixo-a esperar um minuto, e mais outro.

“— Perdoe-me — disse-lhe então sem cerimônia — fazer-lhe claramente algumas perguntas?

“— Certamente, doutor, o senhor é médico — respondeu-me.

“E, voltando-me as costas, pôs-se a mexer nos livros.

“— Já teve filhos?

“— Sim, um filho.

“— E teve... antes, quero dizer, então... padeceu de distúrbios iguais?

“— Sim.

“Sua voz é agora diferente. Nítida, segura.

“— E seria possível que... desculpe-me a pergunta... estivesse presentemente na mesma situação?

“— Sim.

“Esta palavra caiu de seus lábios incisiva e cortante como um cutelo. Nem um só traço se move em seu rosto, que ela desvia de mim.

“— Pode se aproximar, para fazer um exame geral... Posso pedir... a gentileza de passar à outra sala, ao lado?

“Abruptamente ela se voltou para mim. Senti através do véu um olhar frio e decidido encarar-me com franqueza.

“— Não... isto é inútil... estou perfeitamente certa de meu estado.

*

“Pois bem, o senhor me ouviu; avalie agora por um instante a minha situação: uma mulher chega em casa de um indivíduo que definha em seu isolamento; é a primeira mulher branca que penetra desde muitos anos em sua casa... E sinto, nesse local, um verdadeiro perigo. Fisicamente, pressinto isso... Sentime tomado de medo diante da resolução implacável desta mulher que, surgindo a princípio com tagarelices, brande agora sua exigência, repentinamente, como um cutelo nu. Pois o que ela queria de mim, eu sabia muito bem; eu adivinhara. Não era a primeira vez que mulheres me pediam um serviço igual; apresentavam-se porém de outra maneira: envergonhadas ou suplicantes, com choros e repreensões. Mas aqui, neste caso, havia uma... sim, uma resolução viril, uma resolução de ferro... Desde o primeiro momento eu sentira que esta mulher era mais forte que eu... que ela me podia impor, a seu sabor, a sua vontade... mas... mas... havia também má vontade em mim... era como um homem que se defende ou que está irritado, porque... já o disse... desde o primeiro instante, sim, antes mesmo de tê-la visto, eu presumi nesta mulher uma inimiga.

“E eu me calei: calei-me por teimosia e irritação. Sentia que ela me olhava por trás do véu, que me olhava com olhos provocantes e imperiosos, e que desejava obrigar-me a falar. Mas não cedi facilmente. Pus-me a falar, mas... evasivamente... sim, contra a minha vontade, imitei sua elocução verbosa e indiferente. Fiz como se não a compreendesse, porque — não sei se pode me entender — queria forçá-la a exprimir-se claramente; não desejava adiantar nada, mas... ser rogado... precisamente isto, ser rogado por ela, que se apresentava com tanta arrogância... e também porque sabia que com as mulheres não cedo jamais, senão quando em presença dessa orgulhosa frieza.

“Comecei então a dizer-lhe, com muitas palavras inúteis, que não era absolutamente grave, que tais fraquezas faziam parte do curso regular das coisas e que eram quase a garantia de uma saúde normal. Citei casos tirados dos jornais de clínica... Falava, falava com indolência e volubilidade, considerando sempre o fato como uma banalidade e... aguardava que ela me interrompesse, pois eu sabia que ela não suportaria essa minha maneira de tratar.

“Ela me cortou vivamente a palavra fazendo um gesto com a mão, como para dar fim a estas palavras tranquilizadoras.”

A voz do narrador hesita um instante. Novamente o copo brilha na obscuridade.

— Não é isto o que me inquieta, doutor. Na época em que tive o meu bebê, meu estado de saúde era melhor... mas agora não estou mais *all right*... tenho uma afecção cardíaca.

“— Ah! perturbações cardíacas — repeti eu, com um tom de inquietação. — É preciso que eu veja isto imediatamente.

“E fiz um movimento como se quisesse levantar-me e ir buscar o estetoscópio; ela porém interveio com presteza — sua voz agora era mais precisa e nítida, como em um posto de comando:

“— Eu sofro do coração, doutor, peço que creia no que digo. Não desejaria perder tempo com exames. O senhor podia, parece-me, ter mais confiança em mim. De minha parte, pelo menos, tenho demonstrado minha confiança.

“Era a luta, o desafio declarado. Aceitei-o.

“— A confiança requer franqueza, uma franqueza sem reservas. Fale claramente, eu sou médico. E antes de tudo, tire o véu, sente-se, deixe os livros e a perissologia. Não se vem velada à casa do médico.

“Ela me olhou ativa e diretamente nos olhos. Teve um instante de hesitação, depois sentou-se e tirou o véu. Vi um rosto impenetrável, duro, contraído, de uma beleza sem alma, um rosto de olhos cinzentos, como os dos ingleses, nos quais tudo parece calmo e atrás dos quais, no entanto, podem-se adivinhar todas as paixões. Essa boca, fina e crispada, nada deixava transparecer de seus segredos quando não queria. Durante um minuto nós nos olhamos. Ela lançava sobre mim um olhar tão autoritário e interrogador e com uma crueldade tão severa e tão glacial que não pude suportá-lo, e, contra minha vontade, desviei os olhos.

“Ela bateu com o dedo sobre a mesa, demonstrando estar nervosa.

“Depois, disse com grande rapidez:

“— Doutor, sabe o que quero ou não?

“— Creio que sei, mas seria melhor que não houvesse dúvidas. Quer pôr termo a esse estado... Quer que eu a livre dessas vertigens, dessas náuseas... suprimindo a causa. Não é isso?

“— Sim.

“A palavra caiu como uma lâmina de guilhotina.

“— Sabe também que tais tentativas são perigosas... para as duas partes?

“— Sim.

“— Sabe que a lei as proíbe?

“— Há casos em que isto não é proibido, em que, pelo contrário, chega a ser ordenado.

“— Mas estes casos comportam uma indicação médica.

“— O senhor conseguirá esta indicação. É médico.

“Pronunciando estas palavras seus olhos me fixaram nitidamente — duros. Era uma ordem. E eu, fraco que estava, tremi de admiração diante da força demoníaca de sua vontade. Mas não me curvei, não queria mostrar que já estava vencido. Não tão depressa, criemos dificuldades, forcemo-la a suplicar — tal era a vontade que se formulava em mim com uma espécie de volúpia.

“— Isto não depende sempre do desejo do médico. Mas estou disposto, com um de meus colegas de hospital...

“— Eu não quero o seu colega. Foi ao senhor que vim procurar.

“— Posso saber por que, precisamente, me escolheu?

“Ela me olhou friamente.

“— Não tenho embaraço algum em dizer. É porque o senhor vive isolado, porque não me conhece, porque é bom médico e porque — era a primeira vez que ela titubeava —, porque não vai ficar muito tempo neste país. Sobretudo porque pode voltar com uma importante soma.

“Estas palavras gelaram-me. Fiquei estupefato ante esta frieza mercantil, esta precisão de cálculo. Até então os seus lábios não se tinham aberto para deixar sair uma súplica. Ao contrário, e desde longo tempo, tudo era pesado, ela me havia espreitado no começo, para em seguida me tomar de assalto... Eu me sentia aprisionado por uma diabólica vontade, mas me defendia com todo o exaspero. Uma vez ainda, eu, constrangido, tornei-me positivo e quase irônico.

“— E esta soma importante... é posta à minha disposição?

“— Sim, pelo seu trabalho e sua partida imediata.

“— Sabe que assim eu perco a minha pensão?

“— Eu o indenizarei.

“— É muito clara... Mas eu queria maior precisão. Que soma previu como honorários?

“— Doze mil florins, pagos por cheque, em Amsterdã.

“Tremi... tremi de cólera e de admiração. Ela havia calculado tudo, a soma e o modo de pagamento, que devia obrigar-me a partir. Ela me havia avaliado e comprado, sem conhecer-me ela havia disposto de mim à sua vontade. Tive ganas de esbofeteá-la... mas eu me levantei tremendo — ela também estava de

pé — eu a olhava dentro dos olhos, sentime de repente invadido — pelo aspecto desta boca fechada, rebelde às súplicas, e desta fronte altaneira que não se queria curvar... — invadido por uma... uma espécie de desejo violento. Ela deve ter percebido, porque franziu o cenho, como quando a gente quer descartar de algum importuno. Entre nós, intempestivo, desencadeou-se o ódio. Eu sabia que ela me abominava porque precisava de mim, e eu a detestava porque ela não se rebaixava a implorar. Durante este rápido momento, este único segundo, nós nos exprimíramos pela primeira vez com inteira franqueza. Depois, inesperadamente, como um réptil, um pensamento insinuou-se em mim, e eu lhe disse...

“Mas, preste atenção, compreenderia mal o que eu fiz... o que eu digo... Devo explicar, antes de tudo, como... como me veio esta ideia insensata...”

*

De novo o copo tilintou ligeiramente na obscuridade; e a voz tornou-se mais animada.

“Não é que queira me desculpar, justificar ou inocentar... mas sem isto não compreenderia... Eu não sei se fui o que se pode chamar de um homem de bem, mas... mas creio que fui humanitário. Naquela vida de miséria que se levava lá, a única alegria que se tinha era, graças ao punhado de ciência que se havia armazenado no cérebro, poder salvar a vida de uma pessoa... uma espécie de alegria divina... Realmente, as mais belas horas eram as em que um indivíduo de raça amarela, branco e azul de medo, o pé inchado por uma picada de serpente, vinha a mim, uivando de dor, e manifestava gratidão ao ouvir-me dizer que não seria preciso lhe cortar a perna, e que eu conseguiria salvá-lo. Andei muitos quilômetros para ver mulheres atacadas de febre... Então, também fiz o que me acabava de pedir esta estrangeira, assim como quando eu estava na Europa, na clínica da faculdade. Mas lá, sentia-se ao menos que alguém tinha necessidade de nós, lá se sabia que se salvava alguém da morte ou do desespero... E, precisamente para poder ajudar os outros, é necessário ter este sentimento, sentir que alguém merece um auxílio nosso...

“Mas esta mulher — não sei se poderei descrever isto — irritou-me, inquietou-me desde o momento que chegou em minha casa como uma simples visita; incitou-me, por seu orgulho, a fazer-lhe oposição; excitou-me — como posso dizer? — excitou-me a resistir com tudo o que existia em mim de recalcado, dissimulado e mau. Estava indignado por ver que ela, fingindo-se uma *lady*,

negociava, com sangue-frio insolente, uma demanda de vida ou morte... Depois... depois... Enfim, ninguém fica grávida jogando golfe. Eu sabia... isto é, eu era forçado, no momento, a lembrar-me que, dois ou três meses antes, ela estivera entre os braços de um homem, agitando-se em um leito bestialmente nua, e talvez ganindo de prazer, os corpos entrelaçados, colados como dois lábios. Eis o pensamento escaldante que se apoderou de mim enquanto ela me olhava tão arrogantemente, com uma frialdade tão altiva como a de um oficial inglês... e então o meu ser não teve senão um desejo... Fiquei obsedado pela ideia de humilhá-la... A partir desse momento, eu via-lhe através do vestido o corpo nu... a partir desse instante, eu não tive senão um pensamento: possuí-la, premir seus duros lábios, sentir esta alma orgulhosa, glacial, vencida pela volúpia, assim como a sentira vencida por outro, por este que eu não conhecia. Era isto... era isto o que eu queria explicar... Foi a única vez que, apesar da minha decadência, procurei abusar de minha situação de médico... não foi por lascívia, por luxúria, por sexualidade, não, positivamente não... eu o confirmaria se o fosse... era somente o desejo de subjugar este orgulho... como homem... Eu já lhe disse, parece-me, que as mulheres orgulhosas e frias em aparência têm sempre exercido seu domínio sobre mim, mas àquela altura eu vivia ali há sete anos sem haver possuído durante esse tempo uma mulher branca, e não conhecia mais resistência... porque as mulheres daqui, estes animaizinhos graciosos e gorjeantes, tremem de respeito quando um branco, um senhor as pega... elas se mostram humildes, são acolhedoras, sempre prontas a servir com um doce risinho semelhante a um cacarejo... e é precisamente essa submissão, essa servilidade que nos estraga o prazer. Compreende, agora, que efeito desordenado isto produziu em mim quando, de repente, eu vi chegar uma mulher cheia de orgulho e altivez, dissimulada até as pontas das unhas, e ao mesmo tempo vibrante de mistério e carregada de uma recente paixão?... Quando semelhante mulher entra no cubículo de tal homem, de uma besta humana tão isolada, tão esfomeada, tão afastada do mundo... Isto... isto, eu não quis dizer senão para que pudesse compreender o resto... o que se passou em seguida. Então... tomado por não sei que mau desejo, aprisionado pelo pensamento de vê-la nua, sensual e se entregando ao amor, consegui dominar-me e fingir-me indiferente:

“— Doze mil florins?... — disse eu, friamente. — Não, por isso não o farei.

“Ela me olhou um pouco empalidecida. Adivinhara que a ganância do dinheiro não influenciava nesta questão. Apesar disso, acrescentou:

“— Que exige, então?

“Deixei de lado o tom de frialdade, e lhe disse:

“— Decidamos. Eu não sou comerciante... tampouco sou o boticário de *Romeu e Julieta*, que vende seu veneno por um ouro infame. Sou justamente o contrário de um comerciante... e não é dessa maneira que verá seu desejo realizado.

“— Não aceita, então?

“— Não por dinheiro.

“Um momento de silêncio absoluto reinou entre nós. Silêncio tão completo que, pela primeira vez, eu a ouvi respirar.

“— Que pode desejar mais?

“Nesse instante, falei sem constrangimento:

“— Desejo primeiramente que... que se dirija a mim não como a um comerciante, mas como a um homem. Que, se tem necessidade de minha assistência, não ponha... não ponha logo, na frente, seu repugnante dinheiro, mas peça a mim, homem que sou, que lhe ajude, que lhe ajude também como um ser humano... Não sou somente médico, não tenho somente horas de visitas... há também para mim outras horas... talvez você tenha chegado em uma dessas horas...

“Durante um instante ela se calou. Depois, curvou ligeiramente o lábio e disse muito depressa:

“— Então, se eu lhe pedisse... você o faria?

“— Ainda quer fazer um negócio: não deseja pedir senão depois de ter minha promessa. É necessário que primeiro implore, eu responderei depois.

“Ela levantou a cabeça como um cavalo fogoso e lançou-me um olhar colérico.

“— Não, eu não vos implorarei. Prefiro morrer!

“Então a cólera me invadiu, uma cólera rubra, uma cólera insensata.

“— Pois bem! Já que não implora, sou eu quem vou exigir. Creio que não preciso ser mais claro. Sabe o que desejo.

“Durante um momento ela me olhou fixamente. Em seguida — oh! eu não posso, eu não posso dizer o quanto foi atroz — em seguida tornou a sua fisionomia menos severa, e depois... desatou a rir... ela ria de mim com uma expressão de indescritível desprezo, com um desprezo, que, por assim dizer, me fulminou... cegando-me... E foi com uma explosão tão estúpida, tão violenta, desencadeada por uma força monstruosa — esse desdenhoso riso — que eu... que eu poderia ter-me arrojado ao chão e lhe beijado os pés. Esse estado não durou em mim senão um segundo... foi como um relâmpago, e eu tinha o fogo em todo o meu corpo... Ela já se virara e dirigia-se rapidamente para a porta.

“Inconscientemente quis correr atrás dela... para desculpar-me... para suplicar... minha força não estava de todo esgotada... Ela, porém, virou-se ainda uma vez e

me disse, ou melhor, ordenou-me:

“— Não queira seguir-me ou se ocupar de mim... Vai se arrepender.

“E bateu a porta.”

*

Houve de novo hesitação... Fez-se de novo silêncio... De novo não se escutava mais que o eterno sussurro do mar, como se fosse o luar que deslizasse sobre as ondas. Por fim, a voz recomeçou:

“A porta bateu violentamente... mas eu, eu fiquei parado, imóvel... Sua ordem me havia hipnotizado... eu a ouvi descer a escada, fechar a porta... eu ouvia tudo, e toda a minha vontade concentrava-se nela... a fim de... eu não sei o que, a fim de lembrá-la, de bater nela ou de estrangulá-la... mas, seja como for, meu espírito corria até ela... corria atrás dela... e no entanto eu nada podia... meus membros estavam como paralisados por uma descarga elétrica... eu havia sido ferido, ferido até a medula, pelo imperioso raio desse olhar... Sei que isso não são coisas para explicar ou para contar... isso pode parecer ridículo, mas o fato é que fiquei ali imóvel... foram precisos talvez cinco, talvez dez minutos para que eu pudesse mover-me do lugar em que estava...

“Mas, apenas pude mexer o pé, enchi-me de ardor e rapidez. Num fechar de olhos desci as escadas... Ela não podia senão ter seguido a estrada que leva à residência administrativa... Corri para a cocheira, a fim de pegar a minha bicicleta, mas vi que havia esquecido a chave; então arrebentei o tabique, cujos bambus voaram em pedaços... Saltei sobre a bicicleta, e lancei-me em sua pista... era necessário que eu a alcançasse antes que ela atingisse o seu automóvel... para falar-lhe.

“A poeira da estrada eleva-se ao meu redor... é só agora que noto quanto tempo devo ter ficado imóvel... Longe, à saída da floresta, muito perto da estação, eu a entrevi, apressada, com um passo teso e direito, acompanhada do pajem... Ela também me viu, sem dúvida, pois noto que ela fala ao sujeito, que fica para trás enquanto ela segue só. Que deseja fazer?... Por que prefere seguir só? Queria falar-me sem que ele ouça? Com um cego furor pedalo com toda a força... De repente, uma coisa se antepõe à minha bicicleta... o pajem... Mal tive tempo de desviar-me, e caí por terra.

“Levanto-me proferindo insultos... Contra meu desejo, levanto o punho para castigar o idiota, mas ele fugiu. Endireito minha bicicleta para montar de novo...

mas o patife corre para minha frente, toma a estrada e vocifera em um inglês miserável: *'You remain here.'*

“O senhor viveu nos trópicos... Não sabe que insolência é um amarelo, um infame moço de recados, atropelar a bicicleta de um branco, de um ‘senhor’, e ordenar, ao ‘senhor’, ficar onde está. Como resposta dou-lhe um soco nas ventas... Ele cambaleia, mas segura solidamente minha bicicleta. Seus olhos, seus olhos estreitos e lacrimosos estão muito abertos, em uma angústia de escravo... mas não larga a minha máquina, segura-a com firmeza diabólica... *'You remain here'*, balbucia ainda uma vez. Por sorte eu não tinha um revólver, do contrário eu o mataria naquele instante. ‘Para longe daqui, canalha’, limitei-me a dizer-lhe. Ele me olha cheio de humildade, mas não solta a bicicleta. Dou-lhe uma pancada na cabeça, ele ainda não a larga. Então a raiva me empolga... eu não vejo que ela já está longe, que já partiu, talvez... e eu arremesso ao amarelo, sob o queixo, um soco de boxeador profissional, de tal modo que ele cai de quatro. Agora a minha bicicleta está livre... Mas, tão logo a monto, não pode andar... No meio da luta, o guidão entortou. Minhas mãos febris procuram endireitá-lo... Não consigo... Largo então a bicicleta na estrada, ao lado do poltrão que se levanta sangrando e se afasta. Depois... Não, o senhor não pode avaliar o quanto isto é ridículo, lá, aos olhos de todos, quando um europeu... Mas eu não sabia mais o que fazia... eu não tinha mais senão um pensamento: segui-la e alcançá-la. Comecei a correr, a correr como um louco, ao longo da estrada, passando diante das choupanas onde a canalha amarela se comprimia, admirada ante tal espetáculo — ver um branco, ver o doutor correndo...

“Cheguei à residência administrativa ensopado de suor... Minha primeira pergunta foi: ‘Onde está o automóvel?’ Ele acabara de partir... as pessoas olhavam-me com estupefação. Eu devia parecer-lhes que perdera a razão, pois viam-me chegar suado e sujo, vociferando a minha pergunta antes mesmo de entrar... Longe, na estrada, eu vi a branca fumaça do carro... Ela triunfara. Fora bem-sucedida, como em tudo que é baseado na inflexível firmeza dos cálculos.

“Mas não adianta esconder-se nada. Nos trópicos, nada fica em segredo entre os europeus... tudo se sabe uns dos outros: tudo é novidade... Não foi sem razão que seu motorista ficou durante uma hora no bangalô do governador... Ao fim de alguns minutos, já sei de tudo... sei quem ela é... que mora na capital, a oito horas de estrada de ferro dali... Que é a mulher de um grande comerciante, imensamente rica, muito distinta, uma inglesa... Sei que o marido está há cinco meses na América e que deve voltar logo para levá-la para a Europa...

“Eu sei — e este conhecimento me queima as veias como um veneno — que ela está grávida de dois ou três meses no máximo...

*

“Até aqui eu o tenho feito compreender tudo... talvez ingenuamente, porque até aquele momento eu mesmo ainda me compreendia... e, como médico, pudera fazer um diagnóstico de meu próprio estado. Mas a partir desse momento, fiquei como atacado pela febre... perdi todo o controle sobre mim... ou melhor, sabia que tudo o que fazia era insensato, mas não tinha controle algum sobre minhas ações... Não compreendia mais a mim mesmo... Tinha apenas uma ideia fixa: atingir meu objetivo... Aliás, ouça... talvez, apesar de tudo, eu ainda possa fazê-lo compreender... Sabe o que é *amok*?

— *Amok*... creio que me lembro... é uma espécie de embriaguez entre os malaio.

— É mais que a embriaguez... é a loucura, uma espécie de raiva humana, literalmente falando... uma crise de monomania sanguinária e insensata, à qual nenhuma intoxicação alcoólica pode comparar-se. Eu próprio, durante a minha estada lá, estudei alguns casos, quando se trata dos outros a gente é sempre perspicaz e muito positivo, mas sem descobrir o aterrador segredo de sua origem... A sua causa é, sem dúvida, devida ao clima, a essa atmosfera densa e sufocante que oprime os nervos como uma borrasca, até que estouram... Portanto o *amok*... sim, o *amok*, eis o que ele é: um malaio, embora seja um cidadão cheio de doçura, vai tomar a sua beberagem... lá, apaticamente sentado, indiferente e sem energia... assim como eu estava sentado em meu quarto... e de repente ele salta, agarra o punhal e precipita-se na rua... corre para a frente, sempre para a frente, sem saber para onde... O que passa pelo seu caminho, homem ou animal, ele abate com o seu *kris*, e o cheiro do sangue o torna mais violento... Enquanto corre, a baba lhe vem aos lábios... grita como um possesso... mas corre, corre sempre, sem nada ver do que está à sua direita ou à sua esquerda, correndo sempre e soltando o seu grito agudo e tendo à mão, nesta carreira medonha, seu *kris* ensanguentado... As pessoas das aldeias sabem que nenhuma força no mundo pode deter aquele que se tornou presa dessa crise de loucura sanguinária... e quando elas o veem vir, vociferam, o mais forte que podem, a sinistra advertência: “*Amok! Amok!*”, e todos fogem... Mas ele, sem ouvir, segue em sua carreira... Corre sem nada ver e continua a matar tudo o que encontra... até que alguém o mata como a um cão danado, ou cai desfalecido e espumando...

“Um dia presenciei uma cena dessas, da janela do meu bangalô. Era apavorante... e porque não me via, eu ainda hoje não sei... porque foi assim, exatamente assim, com esse olhar terrível dirigido sempre para a frente, sem ver nada nem à direita nem à esquerda, sob o império desta loucura, que me precipitei... atrás dessa mulher... Não sei mais o que fiz, tudo se desenrolou tão furiosamente, com uma rapidez tão insensata... Dez minutos depois — não, cinco... não, dois... eu sabia tudo a respeito dela: seu nome, sua residência, sua posição, e eu voltara para casa em grande velocidade numa bicicleta que tomei emprestada apressadamente. Metia um terno na maleta, algum dinheiro e saía em uma caleça para a estação da estrada de ferro... saía sem anunciar minha partida ao chefe do distrito... sem fazer substituir-me, deixando tudo abandonado e a minha casa aberta a toda a gente... Os domésticos me cercavam, as mulheres, admiradas, interrogavam-me, eu não respondia, eu não me voltava... Fui até a estação e embarquei para a cidade no primeiro trem... Enfim, uma hora depois da entrada desta mulher em minha casa, eu abandonava o meu passado e me precipitava no vácuo, como um *amok*...

“Eu corria para a frente, a cabeça contra a parede da cabine... Às seis horas da tarde eu chegava... às seis e dez eu me achava em sua casa e me fazia anunciar... Era, o senhor compreende, o ato mais estúpido que eu podia cometer. Mas o *amok*, turvos os olhos, não vê onde se precipita... Ao fim de alguns minutos, o empregado voltou... e, com um tom polido e frio, declarou que Madame não estava bem e que não podia receber-me...

“Saí aturdido... Durante uma hora, eu rondei a sua casa, na absurda esperança de que ela talvez viesse procurar-me... Depois tomei um quarto no Hotel du Rivage e pedi duas garrafas de uísque... Elas e uma dose dupla de veronal vieram ajudar-me... E eu dormi enfim um sono perturbado e agitado, única pausa nesta carreira entre a vida e a morte.”

*

O sino de bordo bateu. Duas pancadas duras, cheias, cuja vibração se prolongou ressoando no cone de ar sonoro e quase imóvel, depois refluíu sob a quilha para vir juntar-se ao frêmito incessante e ligeiro que acompanhava o discurso apaixonado do homem assentado nas trevas diante de mim. Ele devia ter se assustado, pois calou-se. Novamente eu ouvi a mão procurar, Tateando, a garrafa, e de novo, um ligeiro *gluglu*. Em seguida, como que serenado, recomeçou com voz mais firme:

— Mal posso falar das horas que se seguiram. Nesse dia, creio que estava com febre, em todo caso eu me achava em um estado de superexcitação próximo à loucura, eu era um *amok*, como dizia. Mas não esqueça que eu chegara terça-feira à tarde, e no sábado (eu soubera do fato nessa ocasião) seu marido deveria desembarcar do transatlântico vindo de Yokohama. Não me restavam, pois, senão três dias, três desgraçados dias, para tomar uma decisão e para socorrê-la. Compreendi bem isto: eu sabia que a minha ajuda imediata lhe era necessária, e não podia lhe dirigir a palavra. E a necessidade de reparar a minha ridícula conduta, minha loucura furiosa, vinha aumentar meu nervosismo. Eu sabia quão precioso era cada momento, não ignorava que isto era para ela uma questão de vida ou morte, e eu não tinha possibilidade alguma de aproximar-me ou de sussurrar-lhe uma palavra, de fazer-lhe um sinal, precisamente porque minha conduta desastrada e insensata a havia amedrontado. Era... sim, considere... era como se o senhor se precipitasse atrás de alguém para preveni-lo contra um assassino e esse alguém, tomando-o pelo criminoso, corresse para a sua desgraça... Ela não via em mim senão um louco furioso perseguindo-a, com o desejo de humilhá-la, mas eu... este era o absurdo atroz do fato... eu não pensava mais nisso... eu só queria ajudá-la, servi-la... Para ir em seu socorro eu cometeria qualquer crime, mataria fosse quem fosse... Ela, porém, não compreendia... Pela manhã, mal acordei, fui à sua casa correndo. O pajem estava na porta, aquele em quem tinha dado um soco na cara. Quando de longe me viu, deve ter me reconhecido, pois entrou rapidamente. Talvez fosse para anunciar secretamente a minha chegada... talvez... Ah! esta incerteza, como ela me faz sofrer ainda hoje... talvez estivesse tudo preparado para receber-me... mas nesse momento em que eu vi o pajem, senti um resto de vergonha e não ousei visitar novamente... Meus joelhos tremiam... Somente por isso voltei... Voltei enquanto ela talvez me esperasse, tão atormentada quanto eu.

“E eu não sabia mais o que fazer nessa cidade estranha, cujo solo me queimava os pés como o fogo... De repente, tive uma ideia, chamei um carro e fui à casa do vice-presidente, o mesmo de que eu tratara no meu posto. Fiz-me anunciar... A minha aparência devia ter alguma coisa de extraordinário, porque ele me olhou com um ar de espanto, e em sua polidez transparecia uma certa inquietação... Talvez houvesse reconhecido em mim um *amok*... Disse-lhe, abruptamente, que lhe vinha pedir para nomear-me para a cidade, que me era impossível viver mais tempo naquele meu posto... que minha mudança era urgentemente necessária... Ele me olhou... da mesma maneira que um médico estudando um doente.

“— É um esgotamento nervoso — disse —, compreendo-o muito bem. Vamos providenciar; mas espere... digamos, quatro semanas... é preciso primeiro que se ache um substituto.

“— Eu não posso esperar nem mesmo um dia — respondi.

“De novo seu olhar assustado pesou sobre mim.

“— É impossível, doutor, deixar a estação sem médico. Mas eu prometo que a partir de hoje vou tomar todas as providências.

“Fiquei imóvel, os dentes cerrados: pela primeira vez eu tinha claramente a consciência de ser um homem vencido, um escravo. E já adquirira uma postura de desafio, mas ele, com habilidade e cortesia, disse:

“— O senhor está privado de relações com os seus semelhantes, e isto degenera em doença. Nós todos vivemos admirados de não vir nunca à cidade, e de nunca tirar férias. Precisa de convívio social, de distração. Venha, esta noite há uma reunião na casa do governador, lá encontrará todos os membros da colônia; muitos deles desejam travar conhecimento com o senhor já há muito tempo; todos perguntam pelo senhor e desejam vê-lo aqui.

“Estas últimas palavras abriram-me um novo horizonte. Alguém perguntara por mim. Seria ela? Tornei-me então outro homem. Com a maior delicadeza agradei o convite e assegurei-lhe que não faltaria à hora exata. E efetivamente, cheguei mesmo antes da hora.

“Devo dizer que a minha impaciência me fez chegar antes de todos na grande sala do palácio governamental? Durante quinze minutos, fiquei lá silencioso, cercado de servidores amarelos que iam e vinham rapidamente, balançando-se sobre os seus pés nus e — como me parecia em minha perturbação — escarnecendo de mim pelas costas. Eu era o único europeu no meio de todos aqueles discretos preparativos, tão só comigo que eu ouvia o tique-taque do meu relógio no bolso do colete. Por fim, alguns funcionários do governo e suas famílias chegaram; depois veio também o governador, que me entreteve em uma longa conversação, ao longo da qual respondi com facilidade e conveniência, penso eu, até que... até que, presa repetidamente de um nervosismo misterioso, perdi todo o controle sobre mim e comecei a gaguejar. Embora tivesse as costas viradas para a porta da sala, senti perfeitamente que ela devia ter entrado, que ela devia estar presente. Não poderia dizer como esta certeza súbita apoderou-se confusamente de mim, mas enquanto eu falava com o governador, e o som de suas palavras zunia em meus ouvidos, eu adivinhava sua presença em algum lugar atrás de mim. Felizmente meu interlocutor terminou a conversa, sem o que teria mesmo, creio, me voltado estupidamente, tanto meus nervos estavam

tomados por essa misteriosa atração, tão ardente era o meu desejo de vê-la por fim.

“E efetivamente, apenas voltei a cabeça, percebi-a no local exato onde, inconscientemente, eu a pressentira. Ela trajava um vestido de baile amarelo, que dava a suas espáduas finas e de uma linha pura uma tonalidade mate de marfim, e falava no meio de um grupo. Sorria, e no entanto parecia-me que os seus traços tinham alguma coisa de estudados. Aproximei-me — ela não podia me ver ou não queria me ver — e notei o sorriso amável e bonito que agitava seus lábios delgados com um ligeiro sobressalto. Esse sorriso me embebedou de novo porque... porque, eu o sabia, não era senão mentira — arte ou ciência —, perfeição na dissimulação. Pensei: hoje é quarta-feira, e sábado o seu marido chega com o navio... Como ela pode sorrir assim, tão... tão senhora de si, tão tranquilamente, e brincar tão inconscientemente com seu leque, em vez de rasgá-lo em uma crisão de angústia! Eu, o estranho, tremia há dois dias à ideia desse retorno; eu, o estranho, vivia a sua inquietante aflição, sentia seu terror até o paroxismo... e ela ia ao baile e sorria, sorria...

“Atrás de nós a música começava a se fazer ouvir. Começou o baile. Um velho oficial convidou-a a dançar; ela deixou, desculpando-se, o círculo dos que conversavam e, pelo braço de seu cavalheiro, dirigiu-se para o lado em que eu estava a fim de ir para a sala vizinha. Quando me avistou, sua fisionomia contraiu-se violentamente — durante um só segundo. Depois, inclinando polidamente a cabeça, como se faz quando se encontra uma pessoa que se conheceu casualmente (e antes mesmo que eu me decidisse a cumprimentá-la ou a não cumprimentá-la), ela me disse: ‘Boa noite, doutor!’, e passou. Ninguém pôde adivinhar o que havia de encoberto neste olhar verde-cinza, e eu mesmo o ignorava. Por que me saudava?... Por que, subitamente, me reconhecera?... Meio de defesa ou de aproximação, ou simplesmente surpresa? Não posso descrever em que estado de excitação eu me achava, tudo em mim era confuso, comprimido, prestes a explodir, e vendo-a valsar tranquilamente, nos braços do oficial, tendo na frente a demonstração de uma negligência descuidada, enquanto eu sabia, enquanto ela... ela, tal como eu, não pensava senão *naquilo... naquilo...* — que somente nós dois, nesse lugar, tínhamos um terrível segredo... Vendo-a valsar... em alguns segundos, minha angústia, meu desejo, minha admiração tornaram minha paixão mais forte que nunca. Ignoro se alguém me observou, mas, certamente, por meu procedimento — era-me impossível desviar os olhos dela. Era preciso... sim, era forçoso que eu a visse. Reuni todas as minhas forças, tirei, de longe, a máscara severa de seu rosto para ver se não lhe chegaria a fazer

cair uma outra máscara... A fixidez de meu olhar lhe causou sem dúvida uma sensação desagradável. Quando ela passou de novo perto de mim, com o seu par, olhou-me rapidamente de uma maneira decidida e autoritária, como a ordenar que fosse embora; e nos seus traços, que se tornaram severos, apareceu de novo aquele vinco de insolente cólera que eu já conhecia.

“Mas... mas... já lhe disse... eu estava atacado de *amok* e corria sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Eu a compreendi logo — este olhar dizia: — Não se faça notar, contenha-se! Eu sabia que ela... como direi?... que ela demandava de mim, nesse lugar público, uma conduta discreta... Tinha o pressentimento que se nesse momento eu fosse para casa, no dia seguinte eu poderia certamente ser recebido por ela... Só que, agora, ela não queria ser exposta a familiaridades estranhas de minha parte, pois ela receava — e com razão — que minha inépcia viesse a provocar uma cena... Reparei... eu sabia tudo, tudo... eu compreendia o comando dos seus olhos cinzentos, mas... mas em mim uma força que eu não podia dominar impelia-me a falar com ela. E avancei titubeante para o grupo em que ela ia conversar, reuni-me ao círculo — ainda que somente algumas pessoas presentes fossem minhas conhecidas — somente para ouvir a sua voz; entretanto, qual um cão chicoteado, eu baixava medrosamente a cabeça ante o seu olhar cada vez que me fitava tão friamente, como se eu fosse o reposteiro em que me encostara ou a brisa que ligeiramente o agitava. Mas eu não saía do lugar, ansioso por uma palavra dela, esperando dela um sinal de entendimento; eu estava lá, olhos parados entre os conversadores, como um bloco de mármore. Minha atitude, sem dúvida, a surpreendia, sim, porque ninguém me dirigia a palavra, e minha presença ridícula devia fazê-la sofrer.

“Eu sabia quanto tempo eu ficaria assim... uma eternidade talvez... Eu não podia desarraigar-me dessa hipnotização de minha vontade. A obstinação de minha raiva paralisava-me... Ela, porém, não pôde suportar por mais tempo a situação. Repentinamente, voltou-se para o círculo com a sua deliciosa vivacidade e disse: ‘Estou um pouco cansada... Quero deitar-me mais cedo hoje... Boa noite’, e passou por mim, dirigindo-me com a cabeça uma saudação de fria polidez... Vi ainda a ruga em sua fronte, e depois nada além de seu dorso, seu dorso nu, fresco e branco. Decorreu um segundo antes que eu me desse conta de que ela partia... de que eu não a veria mais, de que eu não poderia ainda tentar salvá-la... Por um instante fiquei imóvel antes de julgar o fato... Então... Então...

“Mas, espere... espere... há algo sem o que não compreenderá toda a estupidez, todo o absurdo de meu ato... É preciso que, antes de tudo, eu descreva

exatamente o ambiente... Estávamos na grande sala do palácio governamental, amplamente iluminada e quase vazia, uma sala imensa... Os pares haviam voltado a dançar. Os homens jogavam... somente alguns grupos se entretinham pelos cantos... a sala estava pois vazia... cada movimento chamava a atenção, tornava-se notório... Era essa grande sala vazia que ela atravessava com um passo displicente e gracioso, as espáduas levantadas, distribuindo aqui e acolá um cumprimento, numa elegância indescritível... com essa calma magnífica e com a desconcertante superioridade que me encantava tanto nela. Eu... eu não deixara ainda o meu lugar, já disse — estava paralisado antes de ver que ela partia... Quando o compreendi, ela se achava já do outro lado da sala, justamente diante da porta... Então... oh! eu choro ainda hoje ao pensar nisto... uma força empurrou-me de repente e eu corri — eu não andava, corria — corri atrás dela, atravessando a sala que ressoava ao barulho de minhas grossas botinas... Eu ouvia meus passos; eu via todos os olhares admirados se dirigirem para mim... Eu deveria ter morrido de vergonha... Eu corria sempre, embora tendo consciência de minha loucura... mas eu não podia mais voltar... Alcancei-a já na porta... Ela se voltou... Seus olhos cinzentos me penetravam como uma lâmina de aço... suas narinas estremeciam de cólera... Ia pôr-me a gaguejar... Então... nesse momento... ela explodiu de repente num riso... um riso sonoro, natural, sincero, e, distintamente... tão distintamente que todos puderam escutar, disse: ‘Ah! doutor, somente agora o senhor acha o que é indicado para o meu filho... Esses homens de ciência!’...” Algumas pessoas que se achavam por perto riram naturalmente... eu compreendi... A maestria com que ela havia afastado o perigo me fazia entontecer... remexi em minha carteira e rasguei de um caderninho de notas uma folha em branco, que ela pegou negligentemente... não sem um calmo sorriso de agradecimento antes de partir... E eu me senti aliviado... vi o meu ato de loucura reparado, a situação salva, graças ao seu extraordinário sangue-frio... mas eu compreendi igualmente que tudo estava perdido para mim... minha louca imprudência custara-me a antipatia dessa mulher, uma aversão mais forte que a morte... agora, eu poderia bater à sua porta cem vezes, ela me enxotaria como a um cão.

“Eu cambaleava na sala... Notei que todos tinham os olhos fixos em mim... eu devia parecer estranho... Fui ao *buffet*, bebi dois, três, quatro copos de conhaque, um atrás do outro... o que me impediu de desfalecer... meus nervos não aguentavam mais, estavam como que rompidos. Depois eu escapuli por uma porta oculta, como um criminoso... Por nada no mundo tornaria a atravessar aquela sala onde o eco de seu riso sonoro estava ainda presente... fugi... Em

algumas tavernas eu me pus a beber... a beber como alguém que busca o esquecimento na embriaguez... O riso, o riso estridente e mau estava em meus ouvidos... esse maldito riso, eu não conseguia extingui-lo... E fiquei vagando nas ruas do porto. Havia deixado o meu revólver em casa, do contrário eu teria me suicidado. Não tinha outra ideia, e voltei ao hotel... pensando no compartimento à esquerda de minha mala onde se encontrava a arma... somente com essa ideia.

“Por que não me matei? Juro, não foi por covardia... isso teria sido para mim uma redenção... mas, como explicar isto?... eu sentia que tinha ainda um dever a cumprir... sim, esse dever de assistência, esse execrando dever... O pensamento de que ela podia ter necessidade de mim tornava-me louco... Amanheci a sexta-feira sem ter dormido, e no sábado, como eu dizia... no sábado chegava o navio e eu sabia que essa mulher insolente e orgulhosa preferiria morrer a ter o marido e o mundo conhecedores da sua falta... Ah! como eu sofri pensando no tempo precioso desperdiçado sem reflexão, em minha precipitação louca que fizera escapar toda a ajuda oportuna... Horas inteiras, sim, durante horas, eu juro, andei de um lado para outro do meu quarto, martirizando o cérebro, procurando um modo de aproximar-me dela, reparar as minhas faltas, socorrê-la... pois, eu tinha certeza, ela não me deixaria entrar em sua casa. Seu riso atormentador abalava ainda meus nervos, e eu via ainda a agitação colérica de suas narinas... Horas inteiras, percorri a largos passos os três metros do meu estreito quarto... e o dia clareava, já era manhã...

“De súbito, eu me sentei à mesa, apanhei um bloco de papel de carta e me pus a escrever... a escrever-lhe uma carta queixosa como as lamentações de um cão, na qual eu lhe implorava perdão, dizia-lhe ser um louco, um criminoso... e lhe suplicava que tivesse confiança em mim... Fazia-lhe a promessa de desaparecer logo depois da cidade, da colônia e, se ela quisesse, do mundo... Era preciso que me concedesse seu perdão e sua confiança, que se deixasse assistir, agora, enquanto era tempo, magnífica a ocasião... Escrevi assim vinte páginas febris... Aquela deve ter sido uma carta louca, incrível, delirante, porque, quando me levantei da mesa, estava ensopado de suor, tudo rodava em torno de mim, e fui obrigado a beber um copo de água... Depois, quis reler a carta, mas nas primeiras palavras comecei a tremer... dobrei a carta tremendo e peguei um envelope... Nesse instante um arrepio percorreu-me repentinamente todos os membros. A verdadeira palavra, a palavra decisiva viera-me como uma inspiração. Peguei de novo a pena e escrevi na última página: ‘Aguardo seu perdão aqui, no Hotel du Rivage. Se às sete horas eu não tiver tido uma resposta, meterei uma bala na cabeça.’

“Selei a carta, chamei um criado e a entreguei com a ordem de levá-la imediatamente. Enfim, dissera tudo o que era necessário — tudo.”

*

Ao nosso lado houve um ruído de vidros, e depois um *gluglu*. Num movimento de nervosismo ele havia derramado a garrafa de uísque — percebi sua mão tatear o chão procurando-a, depois levantá-la em um gesto violento e jogá-la fora, pois estava vazia. Sua voz silenciou por alguns minutos. Depois, sob o império da febre, recomeçou mais agitado, mais arrebatado do que antes:

“Eu não creio mais em Deus... segundo a minha opinião, não há nem céu, nem inferno... e se existe um inferno, duvido que possa ser mais terrível que as horas vividas por mim desde o meio-dia até a tarde daquele dia... Imagine um pequeno quarto, abrasado de sol, cada vez mais ardente no sufocante calor do meio-dia... um quarto estreito, com um leito, uma cadeira e uma mesa. Sobre esta mesa somente um relógio e um revólver; à frente, um homem, um homem que não fazia senão olhar a mesa e o ponteiro do relógio... um homem que não come, não bebe, não fuma, não se move... que sempre... compreenda... continuamente, três horas a fio... tem os olhos fixos no círculo branco do mostrador e no pequeno ponteiro que roda ao som do tique-taque... Foi assim que passei esse dia. Que eu esperei, esperei... mas esperei como... como um *amok*, sem refletir, como um animal, com esta obstinação frenética, esta obsessão diante de mim.

“Não descreverei essas horas... é impossível descrevê-las... eu mesmo não compreendo mais como se pode viver iguais momentos sem... sem se ficar louco... Pois às duas horas e vinte... exatamente às duas horas e vinte... eu tinha os olhos no relógio... bateram nervosamente... Eu me lanço... como um tigre sobre a sua presa. De um salto atravesso o quarto e chego à porta, que abro abruptamente. Um pequeno chinês está timidamente do lado de fora, com um pedaço de papel dobrado na mão; tomei-o avidamente. No mesmo instante o menino recuou e desapareceu.

“Desdobrei o bilhete com presteza, quero lê-lo... impossível... tudo vacila, tudo está rubro aos meus olhos... Imagine meu sofrimento, eu tenho, enfim, a palavra que espero dela... e agora tudo treme e dança diante de minhas pupilas... Mergulho a cabeça na água... e a minha vista torna-se mais clara... Retomo o bilhete e leio.

“— Muito tarde! Mas aguarde em casa, talvez eu ainda o chame.”

“Não havia assinatura naquela folha amarrotada, proveniente de um velho caderno qualquer... com rápidos traços garatujados a lápis e uma caligrafia comum mas segura... Não sei por que senti tanta emoção à vista desse bilhete... Havia nele qualquer coisa de misterioso e horrível, parecia ter sido escrito durante uma fuga, em pé, no rebordo de uma janela ou em viagem... Alguma coisa de indescritível, de angústia, de precipitação, de assombro emanando desse papel gelava-me a alma... e no entanto... e no entanto eu era feliz, ela me havia escrito, não me era preciso morrer ainda... eu a poderia salvar... talvez... oh! se eu pudesse... E eu me perdia completamente em conjecturas e esperanças... Cem vezes, mil vezes, reli o bilhete e levei-o aos lábios... examinei-o, procurando uma palavra esquecida, escapada... Cada vez o meu sonho tornava-se mais profundo, mais embaraçado, tomava a forma fantástica do sono de olhos abertos... espécie de paralisia, alguma coisa de letárgico e no entanto agitado, entre o sono e a vigília, que talvez haja durado longos minutos, talvez horas inteiras...

“Subitamente tive um momento de pavor... Teriam batido? Prendi a respiração... um minuto, dois minutos de silêncio absoluto... Depois, de novo muito docemente, como o tasquinhar de um ratinho, um golpezinho ligeiro mais vivo... Lanço-me para a porta, ainda atordoado, e violentamente a abro... Fora eu vejo um pajem, o seu pajem, aquele cuja cara havia socado... seu rosto pardo havia tomado uma cor acinzentada, e seus olhos turvos anunciavam uma desgraça. Imediatamente eu conjecturei o horrível drama...

“— Que se passou? — gaguejei penosamente.

“— *Come quickly* — falou... E nada mais disse... Desci aos saltos a escada, ele atrás de mim... Uma pequena carruagem, um *sado* nos esperava. Tomamo-lo... ‘Que aconteceu?’, perguntei-lhe... Ele me olhou tremendo e sem nada dizer, os lábios cerrados... Interroguei-o ainda uma vez — nada de resposta... Eu lhe teria metido de novo a mão na cara, mas... sua fidelidade de cãozinho com ela me comoveu... e não lhe perguntei mais nada... A carruagenzinha avançava com tal velocidade através do rebuliço das ruas que as pessoas se afastavam gritando injúrias. Passou como um raio do quarteirão europeu ao bairro do porto na cidade baixa e mais longe, muito mais longe, entrou no caos ruidosíssimo do quarteirão chinês... Por fim, entramos numa ruazinha afastada... O *sado* parou diante de uma casa baixa... Uma casa suja e encarquilhada sobre si mesma; um antro iluminado por uma lamparina formava o cômodo principal... um desses antros onde se escondem as casas de ópio ou os bordéis, um ninho de ladrões ou um covil de compradores de furtos... O pajem bateu fortemente à porta... uma

voz cochichou perguntas pela fresta... Minha paciência se esgotara; saltei do assento e empurrei violentamente a porta entreaberta. Uma velha chinesa afastou-se, dando um pequeno grito... o pajem seguiu-me, conduzindo-me através do corredor... abriu uma outra porta... uma porta dando para um compartimento escuro cheirando a álcool e a sangue coagulado...

“Ouviam-se gemidos... e eu avancei tateando...”

De novo calou-se. E o que se ouviu em seguida bem parecia mais soluços que palavras.

*

“Avancei tateando... e lá, sobre uma esteira suja... lá, deitada, torcendo-se em dores, uma espécie de forma humana lamuriante... Ela estava estendida lá... Eu não podia ver-lhe o rosto na obscuridade... Meus olhos não haviam se acostumado ainda àquela escuridão... Não fiz senão tatear... e encontrei sua mão... quente... escaldante... da febre, uma forte febre... e tremi. Imediatamente compreendi tudo... ela viera antes de mim... deixara-se mutilar por uma chinesa imunda qualquer, simplesmente porque aqui contava com mais discrição... deixara-se assassinar por uma feiticeira do inferno em vez de confiar-se a mim... porque eu não havia cedido ao seu orgulho, eu não a tinha ajudado imediatamente... porque ela me temia mais que à morte...

“Pedi luz aos gritos. O pajem precipitou-se: a abominável chinesa trouxe, com as mãos tremendo, uma lamparina fumegante de petróleo... Precisei conter-me para não saltar à garganta dessa miserável... Puseram a lâmpada em cima da mesa. Uma luz amarelo-clara caiu sobre o corpo martirizado... De repente... de repente, toda a perturbação, toda a cólera, toda aquela impura borra de paixão acumulada, tudo isso havia desaparecido... eu não era mais que um médico, um homem de devotamento, de pensamento, de ciência... eu renunciara a mim mesmo... e lutava com toda a lucidez dos meus sentidos e do meu espírito contra o ‘inevitável’...

“O corpo nu que em meus sonhos eu desejara não seria mais para mim... como exprimir isso?... só matéria e organismo... Aquilo não era mais a mulher que eu tinha diante de mim: era a vida que se defendia contra a morte, um ser humano retorcendo-se entre tormentos mortais... Seu sangue, seu sangue quente e precioso, inundava-me as mãos, mas isto não despertava em mim nem desejo nem terror... Eu não era senão o médico, não via senão o sofrimento...

“Eu vi logo que tudo estava perdido se um milagre não acontecesse... a mão inexperta e criminosa a ferira de morte, e ela estava meio exangue... E eu nada tinha nessa infecta caverna com que estancar o sangue, nem mesmo água limpa... tudo o que eu tocava estava imundo...”

“— É necessário irmos imediatamente ao hospital — murmurei. Mas apenas eu dissera estas palavras o corpo torturado se voltou convulsivamente: ‘Não... não... antes morrer... Ninguém deverá saber disto... Ninguém... Levem-me para casa... para minha casa...’”

“Compreendi... ela não lutava mais para conservar a vida, mas para guardar o segredo, salvar sua honra... E eu obedeci... O pajem trouxe uma liteira onde nós a deitamos... e de tal maneira... como um cadáver, já sem força e delirante... Nós a transportamos noite adentro... para a sua casa... afastamos a criadagem curiosa e aterrorizada... Como ladrões, nós a levamos para os seus aposentos e fechamos as portas... E depois... e depois começou a luta, a longa luta contra a morte...”

*

De súbito, a mão dele apertou-me convulsivamente o braço, a tal ponto que eu quase gritei de medo e de dor. Na obscuridade, o rosto do homem se aproximara do meu, cheio de esgares: vi surgirem subitamente seus dentes brancos, vi os vidros de seus óculos brilharem como dois enormes olhos de gato no pálido reflexo lunar. E agora ele não falava, rugia quase sob o domínio da cólera:

“Sabe, forasteiro, você que está sentado bem tranquilamente em sua cadeira, você que atravessa o mundo passeando, sabe como é a morte de um homem? Já assistiu tal fato? Já viu como o corpo se retorce, as unhas arroxeadas procuram agarrar o vácuo, como cada membro se contrai, cada dedo se obstina contra o inevitável fim, já ouviu o estertor sinistro, já viu nos olhos exorbitados esse pavor que palavra alguma pode descrever? Já presenciou isso, você, ocioso, você, peregrinador do universo, você que fala de assistência como um dever? Eu tenho visto a morte muitas vezes como médico, eu a tenho visto como... como um caso clínico, um acidente... eu a tenho, por assim dizer, estudado — mas como homem eu não a vi senão uma vez, eu não experimentei e não sofri os seus horrores senão durante aquela noite... durante aquela terrível noite em que eu torturava o cérebro para descobrir, achar, inventar qualquer coisa que pudesse fazer parar o sangue que corria, corria, corria; contra a morte que se aproximava cada vez mais e que me era impossível afugentar do leito. Compreende o que é ser médico? Saber tudo de todas as doenças — ter o dever de ajudar, como você

disse tão bem — e no entanto ser impotente à cabeceira de uma moribunda, sabendo e nada podendo... sabendo uma coisa, esta coisa terrível: não poder prestar nenhum socorro, mesmo que fosse possível arrancar todas as veias do organismo... ver fugir de um corpo amado todo o seu pobre sangue, ver esse corpo entregue ao martírio do sofrimento, sentir um pulso precipitado e que ao mesmo tempo se extingue... fugir sob os dedos?... Ser médico, e nada, nada poder, nada, nada... Estar lá sentado e balbuciar uma prece qualquer como uma velha beata na igreja, e cerrar os punhos a um miserável Deus, do qual não se está certo da existência... Compreende isto? Eu... há uma coisa somente que eu não compreendo, é como... como a gente ainda acorda no dia seguinte pela manhã, como a gente se levanta, escova os dentes, põe uma gravata... como ainda é possível viver quando se tenha vivido o que eu vivi; quando se viu, como eu, a respiração do primeiro ser humano, pelo qual se luta e combate, e que se quer manter com todas as forças da alma... ver esse pulso deslizar entre os dedos... cada vez mais depressa, de minuto a minuto, enquanto no cérebro delirante não se acha nada para manter vivo o ser que nos é caro...

“E vindo diabolicamente redobrar meus tormentos, isto ainda... enquanto eu estava à cabeceira — eu lhe tinha aplicado uma injeção de morfina para acalmá-lo os sofrimentos e a via repousar com as faces em fogo, em fogo e pálidas — sim... enquanto eu estava sentado, sentia atrás de mim dois olhos que não cessavam de me encarar com uma fixidez horrível... O pajem estava acorado no chão e murmurava uma prece qualquer... Quando os meus olhos encontravam os seus... não, é impossível descrever isto... alguma coisa de muito reconhecido se mostrava em seus olhos de cãozinho, e ele levantava as mãos para mim, como para me implorar que a salvasse... para mim, vede bem, levantava as mãos para mim, como se eu fosse um Deus, para mim, pobre incapaz, que sabia estar tudo perdido... e que tinha consciência de ser tão útil ali como uma formiga andando no chão. Ah! como esse olhar me torturava, essa esperança animal em minha ciência... Eu deveria ter insultado, espezinhado o infeliz, tamanho mal ele me fazia... E no entanto, eu sentia como estávamos ligados por nosso amor por ela... pelo segredo... Ele estava atrás de mim, imóvel e encolhido, como um animal à espreita... Apenas eu pedia alguma coisa, ele dava um salto e me trazia tremendo... presa de impaciência, como se essa coisa pudesse trazer um auxílio verdadeiro... a salvação... Eu o sabia, ele daria todo o seu sangue para socorrê-la... tal era essa mulher, tal era seu império sobre os homens... e eu... eu não tinha o poder de salvar um dedal de sangue... Oh! esta noite, esta noite horrível, esta noite sem fim entre a vida e a morte!

“Pela madrugada ela acordou ainda uma vez... abriu os olhos... eles nada mais tinham de altivos nem de glaciais então... via-se brilhar neles a febre quando, ligeiramente molhados e como que sumidos, vagavam através do quarto... Depois, ela me olhou: parecia pensar, querer recordar os meus traços... e de súbito... eu o vi... ela se lembrou... porque o terror, a resistência... alguma coisa de hostil, de terrível ensombrou-lhe o rosto, ela agitou os braços como se quisesse fugir... para longe, longe de mim... Eu via, ela pensava naquilo, na hora em que eu a perseguira. Mas a reflexão veio em seguida... Ela me olhou mais calma, respirando com dificuldade... Senti que desejava falar, dizer alguma coisa... de novo as suas mãos começaram a se enrijar, queria levantar-se, mas estava muito fraca... Eu a acalmei, inclinei-me sobre ela... Então seu olhar martirizado fixou-me longamente... seus lábios murmuraram ligeiramente... sua voz era apenas um som que se extinguia quando ela disse:

“— Ninguém o saberá?... Ninguém?...

“— Ninguém — disse eu com a maior força de convicção —, eu prometo.

“Mas seu olhar continuava inquieto... E com os lábios febris ela chegou ainda a pronunciar indistintamente estas palavras:

“— Jure... ninguém saberá... Jure.

“Eu levantei a mão como quando fazemos um juramento. Ela me envolveu em um olhar... inexprimível... era um olhar terno, caloroso, agradecido, verdadeiramente agradecido. Ela desejava ainda ajuntar alguma coisa, mas isso lhe foi impossível. Por muito tempo ficou estendida, os olhos fechados, completamente esgotada pelo esforço que fizera.

“Depois começou a horrível, a atrocíssima desgraça... Uma hora inteira, uma hora medonha, lutou ainda: só pela manhã morreu...”

*

Ele parou de falar. E eu não me apercebi disso senão quando o sino fez ouvir no silêncio um, dois, três fortes golpes: três horas. A lua tornara-se mais pálida, mas já uma outra luz amarela tremulava incerta no ar e de quando em quando o vento soprava ligeiro como uma brisa. Uma meia hora, uma hora mais e era dia: a clara luz havia vencido o cinzento alvorecer. Eu via os traços de meu companheiro mais distintamente agora que as sombras eram menos espessas e menos negras sobre nós.

Ele havia tirado o boné e, sob o seu crânio nu, o rosto atormentado parecia mais pavoroso ainda. Mas já os brilhantes óculos se viravam de novo para mim,

o corpo se encolhida, e a voz recomeçava, irônica e cortante:

— Para ela tudo se acabara... mas não para mim. Eu estava só com o cadáver, e mais: só em uma casa estranha, só em uma cidade que não guarda segredos, e eu... eu tinha um segredo a guardar... Sim, repare bem na situação: uma mulher pertencendo à alta sociedade da colônia, em perfeita saúde, que ainda na antevéspera à tarde havia dançado no baile do governador, era encontrada, subitamente, morta em seu leito... Perto dela está um médico forasteiro que seu empregado supostamente foi chamar... Ninguém na casa o viu entrar, não se sabe de onde ele veio... ela foi trazida à noite em uma padiola, depois de fecharem-se as portas... e pela manhã ela estava morta. Somente nesse momento a criadagem foi chamada, e de repente a casa se encheu de gritos. Em um piscar de olhos os vizinhos souberam, a cidade inteira tomou conhecimento da *novidade*... e não há senão uma pessoa com a obrigação de explicar tudo... eu, forasteiro, médico em um posto distante... Encantadora situação, não é? Eu sabia o perigo que me ameaçava... Felizmente tinha o pajem comigo, esse bravo rapaz que compreendia cada um dos meus olhares — ele também, esse homem de cor, tão estúpido como um animal, sabia que era preciso ainda fazer face a uma outra luta. A ele, somente a ele, eu dissera: “A senhora quer que ninguém saiba o que se passou.” Seus olhos fixaram os meus, seus úmidos olhos de canicho: “Yes, sir”, respondeu sem mais uma palavra. Em seguida fez desaparecer do assoalho os sinais de sangue, pôs tudo em ordem da melhor maneira que pôde, e foi justamente a sua decisão que me fez tomar a minha.

“Jamais, em minha vida, concentrei em mim uma energia semelhante, jamais a terei de novo. Quando se perdeu tudo, luta-se como um desesperado para salvar os supremos restos, que neste caso era o seu testamento — o segredo. Recebi as pessoas com absoluto sangue-frio, contei-lhes, a todos, a mesma história inventada: como o pajem, que fora por ordem dela chamar o médico, me havia encontrado, por acaso, no caminho. Mas enquanto eu falava afetando calma, esperava... aguardava, sem cessar, aquele de quem tudo dependia... o médico que devia vir verificar o óbito, sem o que nós não podíamos sepultar a morta e o seu segredo... Era sexta-feira... não esqueça, e no sábado o marido chegava.

“Enfim, às nove horas, eu ouvi anunciar o médico do registro civil. Eu o mandara chamar — ele era meu superior hierárquico e ao mesmo tempo meu concorrente, era o tal doutor do qual ela me falara de maneira tão depreciativa e que, evidentemente, já tivera conhecimento da minha solicitação de mudança. Ao primeiro olhar, eu percebi, reconheci nele um inimigo. Mas precisamente isto fez aumentar as minhas forças.

“Quando chegamos à antecâmara, ele inquiriu:

“— Quando madame... — ele pronunciou o seu nome — morreu?

“— Às seis horas da manhã.

“— Quando mandou chamá-lo?

“— Às 23 horas.

“— Sabia que eu era o seu médico?

“— Sim, mas o tempourgia... e além disso ela me mandara chamar expressamente. Proibira chamar um outro médico.

“Ele me olhou fixamente: em seu rosto pálido e um pouco inchado passou um rubor; vi que estava irritado. Era justamente do que eu precisava — toda minha energia se multiplicava em face de uma rápida decisão — e eu estava certo de que os meus nervos não resistiriam muito tempo. Ele ia responder com hostilidade, e no entanto disse negligentemente:

“— Se pensa poder dispensar-me, é, nesse caso, meu dever legal verificar o óbito... e saber como ele sobreveio.

“Eu não respondi e o deixei avançar. Então recuei, fechei a porta e pus a chave sobre a mesa. A surpresa o fez franzir o cenho.

“— Que significa isto?

“Pus-me tranquilamente em sua frente:

“— Não se trata aqui de determinar a *causa mortis*, mas... de achar uma outra. Esta mulher mandou chamar-me para que eu lhe prestasse assistência, após uma intervenção desastrosa. Eu não podia mais salvá-la, mas prometi salvar-lhe a honra, e o farei. E peço que me auxilie.

“Ele arregalava os olhos de espanto:

“— Não deseja, por acaso — gaguejou em seguida —, que eu, médico da administração, oculte um crime?

“— Sim, é o que quero, e o que sou obrigado a querer.

“— Para esconder seu crime, eu deveria...

“— Já disse que não toquei nesta mulher, sem o que... eu não estaria aqui diante de vós... pois já teria há muito tempo acabado comigo. Ela expiou a sua falta se assim quiser chamar a este fato. O mundo não tem necessidade de saber nada do que aconteceu. E eu não toleraria que a honra dessa mulher fosse inutilmente enxovalhada.

“Meu tom decidido não fazia senão excitá-lo.

“— Não tolerará?... Ah! tornou-se agora meu superior... ou pelo menos acredita... Experimente, pois, dar-me ordens... Sim, logo que cheguei, pareceu-me que havia, por baixo de tudo isso, alguma coisa de sujo para que você tivesse

saído de seu buraco... Belo trabalho de estreia... bela prova de habilidade... Mas agora farei o meu inquérito eu mesmo, e pode contar que um relatório assinado com o meu nome será exato. Jamais subscreverei uma mentira.

“Eu estava perfeitamente calmo.

“— Sim, nesta circunstância vai fazê-lo. Pois não deixará este quarto antes que o faça.

“Levei a mão ao bolso — estava sem o meu revólver. Ele estremeceu. Avancei um passo em sua direção e encarei-o.

“— Escute, vou dizer algumas palavras... Minha vida não vale nada para mim... a de um outro menos ainda, no ponto em que cheguei... Uma única coisa me interessa: cumprir a promessa que fiz, de que a causa desta morte ficará em segredo... Ouça: dou a minha palavra de honra que se fizer uma certidão dizendo que esta mulher morreu subitamente, deixarei imediatamente a cidade e as Índias no correr de uma semana... que, se quiser, pegarei o meu revólver e me matarei logo depois do enterro, levando comigo a certeza de que ninguém... compreenda: *ninguém* poderá mais investigar. Isso será suficiente, penso. É necessário que isso o satisfaça.

“Minha voz devia ter alguma coisa de ameaçadora, de terrível, porque ao mesmo tempo que eu avançava involuntariamente para ele, ele recuava abruptamente, como tocado do pavor que faz fugirem as pessoas diante do *amok*, quando ele corre brandindo furiosamente seu *kris*. E imediatamente tornou-se outro homem... abatido, paralisado, por assim dizer... Sua intransigência desaparecera.

“Em uma derradeira e fraca atitude de resistência, murmurou:

“— Será a primeira vez em minha vida que assinarei uma certidão falsa... enfim, acharemos um meio... sabe-se bem o que é isso... Mas eu não podia, contudo, compreender no primeiro momento.

“— Certamente que não poderia — repeti, como para lhe dar mais segurança. (Depressa! Depressa! fazia o violento tique-taque das minhas têmporas.) — Mas, agora, sabendo que não faria senão ofender um vivo e cometer um desacato à consideração de uma morta, certamente não hesitará.

“Ele fez um sinal de aquiescência. Aproximamo-nos da mesa. Ao fim de alguns minutos a certidão estava pronta (aquela que foi logo publicada no jornal e segundo a qual o óbito fora devido a uma síncope cardíaca). Depois se levantou e me olhou:

“— Parte esta semana mesmo, não é?

“— Tem a minha palavra.

“Ele me olhou de novo. Notei que queria se fazer firme e positivo.

“— Eu me ocupo imediatamente do enterro — disse ele para esconder seu embaraço.

“Mas que haveria em mim de tão... medonhamente inquietante? De repente ele me estendeu a mão, ostentando uma súbita cordialidade:

“— Tome — disseme ele.

“Eu não compreendi o que ele queria dizer. Estaria eu doente? Estaria louco? Eu o acompanhei até a saída, abri a porta — mas tive também o ânimo de fechá-la atrás dele.

“Depois as minhas têmporas se puseram a latejar com violência, tudo vacilou e rodou em minha frente, e eu desmoronei bem diante do leito dela... como... como um *amok* se abate, no fim de sua carreira, desfalecido, esgotado.”

*

Sua voz parou mais uma vez. Estremeci; seria este arrepio produzido pelo vento da manhã, soprando ligeiramente sobre o navio? Mas o rosto martirizado, iluminado pela meia-luz do alvorecer, de novo se contraiu:

— Quanto tempo fiquei ali assim, estendido no tapete? Não sei. Depois, senti que alguém me tocava. Levantei-me rapidamente. Diante de mim estava o pajem, tímido e devotado como sempre. Seus olhos inquietos fixavam os meus.

“— Alguém quer entrar... quer vê-la — disse.

“— Ninguém pode entrar.

“— Sim... mas...

“Lia-se o terror em seu olhar. Ele queria falar e no entanto não ousava. O fidelíssimo animal sofria.

“— Que há?

“Ele me olhava tremendo como se tivesse medo de ser agredido... Não pronunciou nenhum nome... Mas como em um ser inferior pode-se, de uma vez, manifestar tanta consciência, como em alguns segundos um sentimento de inexprimível ternura pode animar seres absolutamente atrasados?... Tímido e muito triste, murmurou:

“— É ele.

“Sobressaltei-me; compreendi imediatamente e fui logo totalmente possuído pelo desejo e impaciência de conhecer esse homem. Porque, veja que coisa estranha... no meio de todos esses tormentos, nessa febre de desejos e de angústia, nessa insensata porfia... eu havia esquecido completamente... que havia

em jogo um outro homem... aquele que ela amara, e a quem dera apaixonadamente o que recusara a mim... Vinte e quatro horas, 12 horas antes, eu o abominava, eu o teria despedaçado. Agora... eu não posso dizer quanta vontade eu tinha de vê-lo... de estimá-lo, porque ela o havia amado.

“De um salto, eu estava ao pé da porta. Encontrei um oficial muito jovem e louro, perturbado, franzino e pálido... Tinha o ar de uma criança... Era de uma mocidade tão comovente... que nesse momento senti uma indescritível emoção vendo-o esforçar-se para ser um homem, tomar uma atitude... esconder sua perturbação. Notei também que sua mão tremia quando a levou ao quepe... De boa vontade o teria beijado... porque ele era exatamente como eu intimamente desejava que fosse aquele que havia possuído essa mulher... Não havia sido a um sedutor, a um indivíduo orgulhoso... não, mas a um adolescente, a um ser terno e puro que ela se tinha dado. O moço continuava diante de mim completamente intimidado. Meu olhar curioso, meu cordial acolhimento aumentava ainda mais a sua confusão, fazendo tremer seu pequeno e ligeiro bigode... Este adolescente, este jovem oficial devia estar se martirizando para não desatar em soluços.

“— Perdoe-me — disse ele por fim —, desejava ver madame... pela última vez.

“Inconscientemente, sem querer, passei o meu braço pelo ombro desse estranho e guiei-o como se guia um doente. Ele me olhou admirado, e nos seus olhos li um sentimento de ternura e de reconhecimento infinitos... e neste segundo nós compreendemos a afinidade que existia entre nós. Dirigimo-nos para a morta... Ela repousava muito branca no seu branco esquife; senti que minha presença lhe era um sofrimento... recuei para deixá-lo sozinho... Ele aproximou-se lentamente, com um passo tão vacilante, tão penoso... Eu via o desconcerto, o dilaceramento interior de que estava tomado... ele avançava como... como alguém que caminha face a uma borrasca... E de repente caiu de joelhos diante do leito... exatamente como eu me havia abatido...

“Avancei imediatamente, levantei-o e sentei-o em uma cadeira. Ele não se pôde mais dominar, e a sua grande dor explodiu em soluços. Eu não pude dizer nada; não fiz senão passar inconscientemente os dedos pela sua loura e doce cabeleira de criança... Ele pegou a minha mão... com absoluta delicadeza, como para disfarçar a sua inquietação... e imediatamente eu senti o seu olhar sobre mim...

“— Diga-me a verdade, doutor — gaguejou ele: — ela se suicidou?

“— Não — disse eu.

“— Então alguém é... eu imagino... alguém é culpado de sua morte?

“— Não — disse de novo, ainda que sentisse em mim a necessidade de gritar-lhe: ‘Eu!... eu!... eu... e tu... nós dois!... e a obstinação dela, sua funesta teimosia.’ Mas me contive e repeti mais uma vez:

“— Não, a culpabilidade de ninguém está em jogo... Foi o seu destino!

“— Eu não posso crer nisto — gemeu ele —, não posso acreditar. Anteontem ainda ela estava no baile, sorria-me, fazia-me sinais enquanto dançava. Como é possível, como pôde isto acontecer?

“Contei-lhe uma larga mentira... Mesmo a ele eu não traí o segredo. Nos dias que se seguiram, nós nos encontramos como dois irmãos, com as fisionomias de algum modo iluminadas pelo sentimento que nos unia... e que nós nos declaramos; mas sentíamos reciprocamente que toda nossa vida estava ligada à dessa mulher... Mais de uma vez as palavras me vieram à boca, tal era o meu grande desejo de tudo lhe dizer; entretanto, mordida meus lábios — jamais ele soube que ela trouxera em seu seio uma criança da qual ele era o pai... e que a criança, seu próprio filho, ela desejara matar e levava consigo para o abismo. E, no entanto, nós não falávamos senão sobre ela durante os dias que passei escondido em sua casa... porque — esquecime de dizer — procuravam-me... Quando o marido chegou, o esquite já estava fechado... ele não deu nenhum crédito à certidão... As pessoas sussurravam toda sorte de intrigas... e ele me procurava... Mas eu não poderia suportar ver esse homem, que eu sabia que a havia feito sofrer... Escondi-me... Durante quatro dias não saí, nem um nem outro deixou a casa... A fim de que eu pudesse fugir, ele me havia dado, sob um falso nome, um lugar a bordo do navio... Como um ladrão, escapuli à noite para o navio, para que ninguém me reconhecesse. Minha casa e meu trabalho de sete anos, todos os meus pertences ficaram ao alcance de quem os quisesse... Os chefes do governo já me haviam riscado do quadro da administração, por ter deixado o meu posto sem pedir licença... Mas eu não podia viver nessa casa, nessa cidade, nesse meio onde tudo me fazia lembrar... Como um ladrão, fugi em plena noite, não para lhe escapar, mas... para esquecer.

“Mas quando cheguei a bordo... à noite... à meia-noite... meu amigo oficial me acompanhava... e a essa hora... nessa hora... eles estavam içando com o guindaste alguma coisa... retangular e negra... seu esquite... compreenda... seu esquite... Ela me perseguia até aqui, como eu a perseguira... e eu devia assistir a esta cena aparentando uma atitude desprendida, pois estava lá o marido... Ele acompanhava o caixão até a Inglaterra, pensei... talvez ele deseje lá... fazer a autópsia do corpo... Ele tinha se apropriado dela... no momento ela lhe pertencia de novo... ela não era mais para nós... para nós dois... mas eu fiquei lá o tempo

todo. Até o último momento a seguirei... É preciso que ele de nada desconfie. Saberei defender o segredo dela contra toda tentativa... contra esse canalha do qual ela fugira para refugiar-se na morte... Ele não saberá nada, nada... seu segredo somente a mim pertence, a mim só.

“Sabe... sabe agora por que não posso ver os homens... não posso ouvir seus risos... quando eles flertam ou se reúnem aos pares... Lá embaixo, entre as mercadorias, entre os fardos de chá e de cocos, encontra-se o seu esquite... É impossível chegar até ela, o caixão está fechado... mas eu sei, todos os meus sentidos gritam, e eu não a esqueço um segundo sequer... mesmo quando o piano toca e eu os ouço dançar o tango... É estúpido! O mar rola, rola as suas vagas sobre milhões de mortos, sob cada centímetro de terra que se pise apodrece um cadáver... No entanto eu não posso, é impossível suportar os bailes de máscaras e o som impudico das gargalhadas... Esta morta, eu a vejo e sei o que ela deseja de mim... eu sei... restame um dever a cumprir... eu não cheguei ainda ao fim... seu segredo não está ainda a salvo... ela ainda não me libertou...”

*

Ouvimos um ruído no meio do navio, passos arrastados e crepitantes: os marinheiros começavam a lavar o convés. Ele sobressaltou-se como quem é encontrado em falta: sobre os seus traços enrijecidos lia-se agora a angústia. Levantou-se e murmurou:

— Vou-me embora... vou-me embora...

Dava pena ver esse olhar desolado, esses olhos inchados e avermelhados pela bebida e pelas lágrimas. Eu sentia em seu ar humilhado a vergonha, a infinita vergonha de haver contado a mim durante a noite o segredo que trazia consigo. Involuntariamente lhe disse:

— Se me permite, irei vê-lo esta tarde em sua cabine...

Ele me olhou — um ricto de escárnio, duro, cínico, contraiu-lhe os lábios — depois disse com algo de diabólico na voz, que tropeçava e deformava cada palavra:

— Ah! vosso célebre dever de ajudar... ah!... Com esta máxima chegou a me fazer tagarelar... Mas não, senhor, eu agradeço. Não acredite que meu sofrimento tenha diminuído agora que o pus a nu e abri as minhas entranhas. Minha vida está desperdiçada... ninguém pode consertá-la... Servi inutilmente o “generoso” governo holandês... perdi a minha pensão, volto para a Europa, pobre como um cão... Um cão ganindo junto a um esquite... Um *amok* não se lança impunemente

em sua carreira louca: por fim alguém o abate, e eu logo chegarei ao fim... Não, senhor, agradeço a sua amabilidade... Eu tenho companheiros em minha cabine... algumas boas garrafas de uísque, que muitas vezes me consolam, e também o meu amigo de outrora, do qual infelizmente não me tenho lembrado há tempos, meu bravo revólver... cujo auxílio afinal é mais eficaz que todas as conversas... Eu peço, não se preocupe... O único direito que resta a um homem é o de estourar quando quiser... e não o de sofrer o desprazer de uma assistência estranha.

E olhou-me ainda uma vez com ironia... com um ar provocante mesmo; mas eu fiz que não percebi. Aquilo não era senão um disfarce por trás do qual se escondia o seu opróbrio sem limites. Depois, abaixou a cabeça, deu-me as costas, sem despedir-se, e, com um passo difícil, singularmente incerto, tomou a direção das cabines, atravessando o convés. Eu não o vi mais. Em vão o procurei à tarde e à noite seguinte em seu lugar habitual. Ele continuou desaparecido, e eu teria podido crer que se tratara de um sonho ou de uma aparição fantástica se um outro passageiro, trazendo um crepe no braço, não me houvesse chamado a atenção, um forte comerciante holandês, cuja esposa, disseram-me, morrera de uma moléstia tropical. Eu o via ir e vir, afastado dos demais, grave e aflito, e a ideia que eu tinha sobre suas preocupações mais íntimas me fazia acreditar em tudo. Quando ele passava, eu me desviava para não me trair com um olhar, pois sabia, mais do que ele próprio, a causa de sua tortura.

*

E aquele estranho acontecimento que se passou no porto de Nápoles, penso que tem sua explicação na confiança daquele desconhecido. A maior parte dos passageiros havia deixado o navio, eu mesmo fora à ópera e em seguida a um dos cafés iluminados da via Roma. Quando voltávamos ao navio em um botezinho, fui surpreendido ao ver algumas barcas iluminadas por tochas e lâmpadas de acetileno volteando em torno do navio como a procurar alguma coisa; enquanto em cima, nas trevas do tombadilho, carabineiros iam e vinham misteriosamente. Perguntei a um marinheiro o que acontecera. Ele deu a entender que recebera ordem de nada dizer, e mesmo no dia seguinte, quando o navio voltara à sua calma natural, e, sem lembrança do menor incidente, dirigia-se para Gênova, nada se pôde saber. Somente depois é que me foi dado ler nos jornais italianos a descrição de um romanesco acontecimento no porto de Nápoles. Devia-se, diziam os jornais, baldear à noite, do vapor, em uma canoa, o

esquife de uma grande dama das colônias neerlandesas, e aguardara-se o término de todo o movimento do navio para evitar aos passageiros esse espetáculo. Quando, em presença do marido, o ataúde deslizava ao longo de uma escada de corda, um pesado corpo caiu subitamente do alto do navio ao mar, arrastando em sua queda carregadores e marido. Um jornal afirmava que um louco havia se precipitado sobre a escada do alto do parapeito. Um outro dizia que a corda, não suportando a carga, por demais pesada, se partira; de qualquer maneira, a companhia de navegação parecia haver adotado medidas para obscurecer os fatos. Com o auxílio das canoas, e não sem dificuldades, havia-se conseguido retirar da água, sãos e salvos, os carregadores e o viúvo; mas o esquife envolvido em chumbo, tendo ido imediatamente para o fundo, não pôde ser resgatado.

A simultânea aparição, nos jornais, de uma outra breve notícia anunciando que se havia achado no porto o cadáver de um homem de cerca de quarenta anos não chamou a atenção do público. Não lhe veio à ideia que isto pudesse ter uma relação com a romanesca história do esquife. Quanto a mim, mal li aquelas linhas, tive a impressão de ver por trás do meu jornal a máscara pálida e os luminosos óculos de um fantasma.

CARTA DE UMA DESCONHECIDA

R..., o romancista em voga, voltara a Viena muito cedo, depois de uma excursão de três dias na montanha. Comprou um jornal na estação; seus olhos caíram sobre a data e ele se lembrou imediatamente que era o seu aniversário. Quarenta anos, pensou, e isto não lhe causou nem prazer nem pena. Folheou apressadamente as páginas do jornal, tomou um táxi e entrou em casa.

Seu criado, depois de lhe ter contado tudo o que se passara na sua ausência, as duas visitas que tivera e as chamadas pelo telefone, trouxe-lhe a correspondência em uma bandeja. O romancista olhou as cartas com indolência e rasgou alguns envelopes cujos remetentes o interessavam. Logo pôs de lado uma carta cuja caligrafia era desconhecida e que lhe pareceu demasiadamente volumosa. O chá havia sido servido. Acomodou-se, confortavelmente, em sua poltrona; percorreu ainda uma vez o jornal e alguns impressos, acendeu um cigarro e pegou a carta que pusera de lado.

Eram quase duas dúzias de páginas nervosamente escritas em letra feminina. Mais um manuscrito do que uma carta. Involuntariamente apalpou mais uma vez o envelope para ver se não havia nele algum cartão com dedicatória. Mas o invólucro estava vazio, e, como as próprias folhas, não tinha nem o endereço nem a assinatura do remetente. “É estranho”, disse, e retomou as folhas. Como epígrafe ou como título, o cabeçalho da primeira página trazia estas palavras: “A ti, que nunca me conhecestes.” Ele parou admirado. Tratar-se-ia dele? Tratar-se-ia de um ente imaginário? Despertada a sua curiosidade, começou a ler.

*

“Meu filho morreu ontem. Três dias e três noites lutei com a morte para salvar esta pequena e frágil existência. Durante quarenta horas, fiquei sentada à sua cabeceira, enquanto a gripe atormentava seu pobre corpo ardendo em febre. Eu lhe refrescava a fronte em fogo, e segurava noite e dia suas pequeninas mãos febris. No terceiro dia eu estava já sem forças. Meus olhos não podiam mais; fechavam-se sozinhos, contra a minha vontade. Assim foi que fiquei três ou quatro horas adormecida em minha cadeira, e durante esse tempo a morte levou

o meu filho. Neste momento, o meu pobre e querido filho está em seu estreito leito de criança, como no momento de sua morte; somente lhe fecharam os olhos, seus olhos pensativos e inteligentes; juntaram-lhe as mãos sobre a camisa branca, e quatro círios começaram a queimar nos quatro cantos do seu leito.

“Não ousou olhá-lo e não ousou tocá-lo, porque quando a luz vacila, as sombras dançam-lhe sobre o rosto e sobre a boca fechada e me parece que os seus traços se animam, e eu poderia crer que ele não está morto, que vai acordar e com sua clara voz dizer-me algumas palavras de ternura infantil. Mas sei bem que está morto, e não quero mais olhá-lo, para não ter mais uma esperança e para não ser mais uma vez ainda desiludida. Bem sei, bem sei, meu filho morreu ontem. Agora eu só tenho a ti no mundo, somente a ti que nada sabes a meu respeito, e que a estas horas talvez te entreténs sem de nada suspeitar, ou te divertes com os homens e as coisas. Eu não tenho senão a ti que não me conheces e a quem sempre amei.

“Apanhei uma quinta vela e a pus aqui em cima da mesa, sobre a qual te escrevo. Não posso ficar só com o meu filho morto, sem gritar com toda a minha alma. E a quem poderia dirigir-me, nesta hora terrível, senão a ti, a ti que tens sido tudo para mim e que o és ainda?

“Não sei se me exprimo claramente: será que não me compreendes? Minha cabeça está tão pesada; minhas têmporas latejam e zunem; sinto um grande mal-estar. Creio que estou com febre, talvez com a gripe, que agora anda de porta em porta, e isto seria melhor, porque assim eu partiria com o meu filho, e não seria obrigada a matar-me. Frequentemente um véu escuro passa diante de meus olhos. Talvez não seja mesmo capaz de acabar esta carta; mas quero reunir todas as minhas forças para falar-te uma vez, só esta única vez, ó meu bem-amado, tu que jamais me conheceste.

“É somente a ti que quero me dirigir. É a ti que pela primeira vez eu direi tudo. Tu conhecerás toda a minha vida, que tem sido sempre tua e da qual jamais soubeste alguma coisa. Mas não conhecerás o meu segredo senão quando eu estiver morta, quando não me puderes mais responder, quando isto, que agora fez passar sobre meus ombros tanto gelo e tanto fogo, me haja definitivamente arrebatado. Se eu sobreviver, rasgarei esta carta e continuarei a ficar calada, como sempre estive. Se ela te chegar às mãos, concluirás que é uma defunta que te conta a sua vida, que foi tua da primeira à sua última hora de consciência. Não tenhas medo de minhas palavras: uma morta não reclama nada. Não reclama nem amor, nem compaixão, nem consolação. A única coisa que te peço é que creias em tudo o que te vai revelar a minha dor, que se refugia em ti. Crê em

tudo o que te digo, é a única prece que te faço — ninguém mente na hora da morte de seu único filho.

“Eu quero te revelar toda a minha vida, esta vida que verdadeiramente só começou no dia em que te conheci. Até então ela era unicamente uma coisa turva e confusa, à qual a minha lembrança não voltaria. Era como um porão onde a poeira e as teias de aranha transformam os objetos e os seres humanos em vagos contornos. Quando te conheci tinha 13 anos e habitava a casa que habitas ainda, esta casa onde tens agora entre as mãos esta carta, meu derradeiro sopro de vida. Eu morava no mesmo andar, precisamente em frente à porta do teu apartamento. Não te lembras certamente mais de nós, da pobre viúva de um funcionário público (ela estava sempre de luto) e da criança magra que eu era então. Nós vivíamos absolutamente isoladas e como que perdidas em nossa mediocridade de gente pobre. Tu não soubeste talvez o nosso nome, porque não tínhamos nenhuma placa na porta e ninguém nos procurava. É que isto já vai muito longe — 15 ou 16 anos! Certamente não te lembras mais, meu bem-amado, mas eu, oh! eu me lembro ardentemente de todos os detalhes! Sei ainda, como se fosse ontem, o dia e mesmo a hora em que ouvi falar de ti pela primeira vez, onde pela primeira vez te vi. E como poderia ser de outra maneira desde que tu ficaste sendo para mim o próprio universo? Permite, meu bem-amado, que eu te conte tudo, desde o começo. Tenha bondade, eu te suplico, não te enfades por ouvir falar de mim durante quinze minutos, nem por te dizer que durante toda a minha vida não me cansei de te amar.

“Antes de tua chegada ao nosso prédio, habitavam seu apartamento indivíduos malévolos, abomináveis, querelantes. Pobres como eles eram, o que mais detestavam eram os seus vizinhos pobres — nós. Nós, porque não queríamos ter nada de comum com sua grosseria de pobres sem dignidade. O homem era um bêbado e batia na mulher. Muitas vezes nós éramos acordadas à noite pelo barulho das cadeiras jogadas violentamente ao chão e dos pratos quebrados. Uma vez a mulher, ferida e sangrando, os cabelos em desordem, correu pela escada. O bêbado a insultou até que seus vizinhos ameaçaram chamar a polícia. Minha mãe havia desde o começo evitado toda e qualquer relação com eles e me proibira de falar com os seus filhos, que se vingavam de mim a todo momento. Quando estava na rua eles me diziam palavras obscenas, e um dia me atacaram com bolas de neve tão grandes que fiquei com o rosto ensanguentado. Todo o prédio odiava unanimemente esses indivíduos, e quando um dia lhes aconteceu um fato desagradável — creio que o homem foi preso como ladrão — e eles tiveram que desocupar o apartamento, nós todos respiramos aliviados. Durante

alguns dias a tabuleta de locação ficou dependurada na porta da casa; depois ela foi retirada e soubemos pelo porteiro que um escritor, um senhor solteiro e tranquilo, havia alugado o apartamento. Foi então que ouvi o teu nome pela primeira vez.

“No fim de alguns dias vieram pintores, decoradores, estucadores e tapeceiros, para porem em condições o apartamento deixado pelos sórdidos inquilinos, e não se ouviam senão marteladas. Mas minha mãe não estava absolutamente aborrecida por isso, dizia que enfim as cenas de família e algazarra haviam terminado de vez. Tu mesmo, eu não vi durante todo o tempo da mudança: todos os trabalhos eram supervisionados pelo teu empregado, esse doméstico tão bem-posto, pequeno, sério e grisalho, que dirigia tudo altivamente, com maneiras graves e seguras. Ele inspirava respeito a todos nós, principalmente porque em nosso prédio afastado um doméstico de finas maneiras, conhecedor da alta sociedade, era um grande acontecimento, e depois porque ele era estranhamente polido com cada um, sem, no entanto, familiarizar-se com a criadagem e tratá-la como camarada. Desde o primeiro dia, cumprimentou respeitosamente minha mãe como a uma dama, e mesmo comigo, que era apenas uma garota, mostrava-se sempre afável e muito educado. Quando pronunciava o teu nome, era sempre com uma certa reverência, uma particular consideração: nota-se logo que ele te era afeiçoado muito mais do que os empregados o são aos seus patrões. Ah! como eu o estimei por isso, ao bom velho João, ainda que o invejasse por estar sempre perto de ti e servir-te!

“Conto-te tudo isso, meu bem-amado, todas estas pequenas coisas, quase ridículas, para que compreendas como desde o começo tu pudeste adquirir uma tal autoridade sobre a criança fraca e tímida que eu era. Antes mesmo que houveses entrado em minha vida, havia já em torno de ti um resplendor, uma auréola de riqueza, de singularidade e de mistério — todos, nesse pequeno edifício afastado (os homens que vivem uma vida humilde são sempre curiosos por todas as novidades que lhes passam à porta), esperavam impacientes a tua chegada. E essa curiosidade que tu me inspiravas muito se exaltou em mim quando, uma tarde, voltando da escola, vi diante de nossa casa o caminhão de mudança. A maior parte dos móveis, os mais pesados, já tinham sido levados para o apartamento, e no momento carregavam os mais leves. Eu fiquei à porta, em pé, para poder admirar tudo, pois todo o teu mobiliário era para mim tão estranho como jamais vira um outro semelhante. Havia nele ídolos hindus, esculturas italianas, grandes quadros resplandecentes, e depois os livros tão numerosos e belos como jamais eu imaginara. Iam-se amontoando sobre a

soleira da porta, e daí o doméstico os retirava um a um e os desempoeirava cuidadosamente, enquanto a pilha crescia sempre. O criado não repousava, mas ele não me animava, e por isso eu não ousei tocar em nenhum, ainda que quisesse apalpar o couro delicado de muitos deles. Eu não pude senão olhar os títulos, de lado e medrosamente. Havia entre eles livros franceses e ingleses, muitos outros em línguas desconhecidas para mim. Creio que os teria contemplado durante horas, mas minha mãe me chamou.

“Toda a noite fui forçada a pensar em ti e, no entanto, não havia te visto ainda. Eu não possuía mais de uma dúzia de livros baratos, de péssima encadernação, e muito gastos, que amava acima de todas as coisas e relia sem cessar. Desde então fiquei obcecada pela ideia deste homem que possuía e que havia lido esta multidão de livros tão belos, que conhecia todos esses idiomas, e era rico e tão ilustrado. Uma espécie de respeito sobrenatural casava-se em mim ao fato de possuíres tantos livros. Eu procurava representar a mim mesma como seria o teu rosto. Via-te como um homem idoso, de óculos e com uma longa barba branca, semelhante ao nosso professor de geografia, mas muito mais amável, muito mais belo e mais doce. Não sei por que eu estava então já certa disso: tu deverias ser belo, mesmo sendo um homem velho. Essa noite, sem conhecer-te ainda, sonhei contigo pela primeira vez.

“No dia seguinte, tomaste posse do apartamento, mas, embora te espreitasse, não te pude ver, e a minha curiosidade aumentou. Enfim, no terceiro dia eu te vi, e quão profunda foi a minha surpresa ao verificar que eras tão diferente do que imaginara, sem nenhuma semelhança à imagem do Padre-Eterno, como eu puerilmente figurara! Eu havia sonhado com um bom velhinho de óculos, e eis que eras tu, tu, perfeitamente como o és ainda hoje, tu, o imutável, sobre quem os anos passam sem envelhecer! Vestias um encantador traje esporte, marrom claro, e subias a escada correndo, com a tua incomparável agilidade de menino, galgando sempre dois degraus de cada vez. Trazias o chapéu na mão e foi assim que, com um deslumbramento indescritível, contemplei o teu rosto cheio de vida e de beleza, e os teus cabelos de adolescente: delirei de surpresa por ver como eras jovem, bonito, ágil, delicado e elegante. E, o que não é de admirar: desde este primeiro momento experimentei nitidamente o que todo mundo, como eu, experimenta a teu respeito, e que se sente de uma maneira única e com uma espécie de surpresa: há em ti dois homens, um moço ardente, alegre, dado aos esportes e às aventuras e, ao mesmo tempo, na tua arte, uma personalidade de obstinada sisudez, fiel ao dever, infinitamente educada e ilustrada. Senti inconscientemente isto que todo mundo adivinha assim que te conhece: que

levas uma dupla vida, na qual uma das faces está francamente virada para o mundo enquanto a outra face, mergulhada na sombra, não é conhecida senão por ti. Esta profunda dualidade, segredo de tua existência, esta criança de 13 anos, que eu era então, magicamente fascinada por ti, sentira ao primeiro olhar.

“Compreendes já, meu bem-amado, que maravilha, que sedutor enigma tu eras para mim — para mim, uma criança! Um ser que todos veneravam porque escrevia livros esplêndidos, porque era célebre no mundo inteiro — descobri-lo repentinamente nos traços de um jovem de 25 anos, elegante e de uma alegria de criança! Devo dizer-te ainda que, a partir desse dia, em nossa casa, em todo o meu pobre mundo, só me interessou a tua pessoa. Com toda a obstinação e toda a pertinaz tenacidade de uma mocinha de 13 anos, eu tinha exclusivamente uma preocupação: orbitar tua vida e tua existência! Observava-te, observava teus hábitos, observava as pessoas que vinham à tua casa, e tudo isto, em lugar de diminuir a curiosidade que me inspiravas, não fazia senão aumentá-la, porque o duplo caráter do teu ser exprimia-se perfeitamente na diversidade dessas visitas. Vinham homens jovens, teus camaradas, com os quais tu rias e eras por demais alegre, vinham estudantes pobres e também mulheres. Uma vez o próprio diretor da Ópera — o grande maestro que eu nunca havia visto senão de longe e cuja visão me enchia de respeito — e pequenas garotas da escola de comércio, enfim, muitas mulheres. Isto não significava nada para mim, mesmo quando uma manhã, indo para a escola, vi sair do teu apartamento uma senhora com o rosto coberto — eu tinha apenas 13 anos. E a apaixonada curiosidade com que te espionava, eu não sabia, tão tolinha eu era, que já era o amor.

“Mas ainda hoje sei exatamente, meu bem-amado, o dia e a hora em que me prendi a ti, inteiramente, para sempre. Eu havia feito um passeio com uma colega de escola, e nós conversávamos na porta de casa. Um automóvel chegou a toda a velocidade, parou, e tu, com o teu caminhar impaciente e elástico, que ainda hoje me agrada, saltaste e te dirigiste à porta. Não sei que força inconsciente me impulsionou a ir abri-la; tu me sorriste com um sorriso que não posso qualificar senão de terno, e me disseste com uma voz delicada e quase familiar: ‘Muito obrigado, senhorita.’

“Só isso, meu bem-amado. Mas depois desse momento, depois que senti sobre mim esse olhar doce e terno, dediquei-me inteiramente a ti. Percebi mais tarde — em verdade, eu percebi imediatamente — que esse olhar radioso, esse olhar que cria magnetismo a teu redor, esse olhar que ao mesmo tempo nos envolve e nos desnuda, esse olhar de sedutor nato, tu o dás a toda mulher que passa perto de ti, a toda empregada de armazém que te vende qualquer coisa, a toda servente

que te abre a porta. Dei-me conta de que em ti esse olhar nada tem de consciente, que não existe nele vontade nem afeição, mas que tua ternura pelas mulheres, absolutamente inconsciente, dá um ar doce e quente ao teu olhar quando ele se volta para elas. Mas eu, criança de 13 anos, não suspeitei desse traço do teu caráter, e fiquei como que imersa em um rio de fogo. Acreditei que essa ternura não era senão para mim, para mim só, e esse único fato foi suficiente para fazer uma mulher da criança que eu era, e esta mulher foi tua para sempre.

“— Quem é? — perguntou minha amiga. Não lhe pude responder logo. Foi-me impossível pronunciar o teu nome. Desde esse primeiro e único momento, ele se tornou segredo.

“— Ora! um senhor que mora aqui — balbuciei desconcertada.

“— Por que ficaste tão vermelha quando ele te olhou? — insistiu minha amiga, com malícia. E, precisamente porque notei que a sua chacota visava o meu segredo, o sangue subiu-me às faces com mais calor ainda. A tortura que sofria tornou-me grosseira:

“— Sua estúpida! — vociferei, com vontade de estrangulá-la. Ela se pôs a rir mais fortemente e de uma maneira mais ridícula. Senti as lágrimas virem-me aos olhos, deixei-a e voltei correndo para casa.

“Foi desde esse momento que te amei. Sei que as mulheres têm-te dito isto muitas vezes, a ti, *enfant gâté*. Mas, crê-me, ninguém há te amado tão fortemente quanto este ser que eu era então e que te ama ainda. Nada sobre a terra se assemelha ao despercebido amor de uma criança obscurecida, a esse amor tão desinteressado, tão humilde, tão submisso, tão cuidadoso e tão apaixonado que jamais poderá ser igualado ao amor feito de desejo e, apesar de tudo, exigente, de uma mulher. Só as crianças solitárias podem guardar para si a sua paixão: as outras dispersam seu sentimento nas tagarelices e o embotam nas confidências. Elas ouviram muito falar do amor, acharam-no nos livros e sabem que ele é uma lei comum. Brincam com ele como um brinquedo e fazem ostentação disso, como um menino do seu primeiro cigarro. Mas eu, eu não tinha ninguém para confidenciar, não tinha ninguém para instruir-me e advertir-me. Era inexperiente e ignorante: precipitei-me em meu destino como em um abismo.

“Tudo o que aparecia e desabrochava em meu ser não refletia senão a ti, não sabia mais o que sonhar de ti, e desejava tomar-te por confidente. Meu pai estava morto há muito tempo. Minha mãe era-me indiferente, em sua eterna tristeza, seu abatimento e suas aflições de viúva que só tem para viver a sua pensão. As meninas da escola, já meio pervertidas, repugnavam-me porque troçavam com o que, para mim, era a suprema paixão. Todo o meu ser, concentrado em si mesmo

e sempre fervendo de um amor inquieto, estava voltado para esse sentimento. Tu eras para mim — como direi? Toda comparação seria fraca — tu eras, precisamente, tudo para mim, toda a minha vida. Nada existia para mim senão o que se relacionava contigo, nada na minha existência tinha um sentido senão quando ligado a ti. Modificaste inteiramente toda a minha vida. Até então indiferente e medíocre na escola, eu me tornei, de um momento para outro, a primeira da classe. Lia centenas de livros, e até muito tarde da noite, porque sabia que amavas os livros, e comecei de repente, para grande admiração de minha mãe, a praticar o piano com uma perseverança quase inconcebível, porque pensava que tu amavas a música. Reformei os meus vestidos e procurava enfeitar-me unicamente para ter um aspecto agradável aos teus olhos. E a ideia de que a minha velha blusa do colégio (que fora um vestido caseiro de minha mãe) tinha do lado esquerdo um remendo era-me absolutamente odiosa. Se por azar tu chegasses a ver essa blusa e me desprezasses!... Por isso é que eu trazia sempre o meu lenço por cima da blusa quando subia as escadas correndo, trêmula de medo. Esse temor era absolutamente insensato, porque nunca, jamais, tu reparaste em mim!

“Eu, no entanto, a bem dizer, passava os meus dias a espiar-te. Havia em nossa porta uma pequena vigia de cobre amarelo, pelo buraco da qual podia-se ver o que se passava no corredor até a tua porta. Esta vigia — não, não sorrias, meu bem-amado, ainda hoje eu não me envergonho dessas horas! —, esta vigia era para mim o olho com que eu explorava o universo. Lá, durante meses e anos, no vestíbulo glacial, temendo, a todo instante, a desconfiança de minha mãe, eu ficava sentada com um livro na mão, passando as tardes inteiras a espiar-te, tensa como uma corda de violino e igualmente vibrante, quando a tua presença a tocava. Eu me ocupava inteiramente de ti, sempre em expectativa e em movimento; mas tu podias também ignorar a tensão da corda do relógio que trazes no bolso e que conta e mede paciente e obscuramente as tuas horas, e acompanha os teus passos com um pulsar de coração imperceptível, e dirigir-lhe um único olhar entre milhões de tique-taques. Eu sabia tudo a teu respeito, conhecia cada um dos teus hábitos, conhecia as tuas gravatas, todos os teus ternos, conhecia e distinguia facilmente todas as pessoas que te visitavam e dividia-as em duas categorias: as que me eram simpáticas e as que me eram antipáticas. Dos meus 13 aos 16 anos, não se passou uma só hora que eu não pensasse em ti. Ah! que loucuras eu não cometia então! Eu beijava a maçaneta da porta que a tua mão pegava, roubava uma ponta de cigarro que jogavas fora antes de entrar; ela era sagrada para mim, porque os teus lábios a haviam tocado.

Cem vezes, durante a tarde, não importa sob que pretexto, eu descia à rua para ver em qual dos teus aposentos havia luz e, assim, sentir de uma maneira mais concreta a tua presença. E durante as semanas em que viajavas — meu coração sempre parava de temor quando via o bravo João descer com a tua mala de viagem —, durante essas semanas a minha vida era um vácuo. Eu ia e vinha de mau humor, cheia de perversidade e de tédio, precisando disfarçar para que minha mãe não notasse o meu desespero e meus olhos úmidos de lágrimas.

“Sei que te conto exaltações grotescas e loucuras pueris. Eu devia ter vergonha, mas não tenho, porque jamais o meu amor por ti foi mais puro e mais apaixonado do que nesses excessos infantis. Horas inteiras, dias inteiros eu te poderia contar como vivi então contigo (contigo que conhecias apenas o meu rosto), porque quando te encontrava na escada e não havia um meio de evitar-te, temendo o teu olhar brilhante, eu passava correndo diante de ti, cabeça baixa, como alguém que se vai lançar na água, tudo isso para esconder o rubor das minhas faces. Durante horas, durante dias poderia reviver-te esses anos, há tanto tempo esquecidos por ti; poderia repassar todo o calendário de tua vida; mas não desejo aborrecer-te, e nem te atormentar. Quero simplesmente revelar-te ainda o mais belo acontecimento de minha infância, e peço-te que não zombes de sua insignificância, pois para mim, que era uma criança, ele foi grandioso. Devia ser um domingo, estavas viajando, e teu empregado carregava para dentro do teu apartamento os pesados tapetes que acabara de bater. Ele tinha dificuldade em carregá-los, o bom velhinho, e num auge de audácia dirigi-me a ele e perguntei se poderia ajudá-lo. Ele ficou surpreso, mas aceitou, e foi assim que vi — ah, com que respeitosa e pia devoção! —, foi assim que vi o interior do teu apartamento, teu universo, a mesa à qual te sentavas para escrever e sobre a qual havia algumas flores num jarro de cristal azul, teus móveis, teus quadros, teus livros. Isso foi somente uma furtiva olhadela na tua vida, pois o fiel João ter-me-ia certamente impedido de olhar de mais perto. Porém aquela pequena visão me foi suficiente para absorver todo o ambiente e fornecer-me motivos bastantes para sonhar infinitamente contigo em minhas vigílias e nos meus sonos.

“Esse rápido minuto foi o mais feliz da minha infância. Quis contá-lo para que tu, que não me conheces, comeces enfim a compreender como uma vida se prendeu a ti até o seu término.

“Quis contar-te com esta outra, esta hora terrível, que infelizmente foi tão próxima da primeira. Havia — eu já te disse — esquecido tudo por ti; não me ocupava de minha mãe e não fazia caso de ninguém. Não me importava com um senhor idoso, comerciante em Innsbruck, que era parente distante de minha mãe

e vinha sempre vê-la, demorando-se muito. Pelo contrário, isto era para mim um prazer, pois ele levava a mamãe muitas vezes ao teatro, e dessa maneira eu podia ficar só, pensar em ti e espiar-te, que era o meu maior, o meu único contentamento. Ora, um dia minha mãe chamou-me ao seu quarto, com uma certa gravidade, dizendo que precisava falar-me seriamente. Fiquei pálida e meu coração pôs-se de repente a bater muito forte: suspeitaria ela de alguma coisa, teria ela adivinhado? Meu primeiro pensamento foste tu, tu, o traço de união que me prendia ao mundo. Mas minha mãe estava ela própria embarçada; beijou-me, o que não fazia nunca, ternamente, uma, duas vezes. Puxou-me para perto dela no sofá e começou a relatar, hesitante e com um ar tímido, que seu parente que era viúvo lhe havia feito um pedido de casamento e que ela estava decidida, principalmente por minha causa, a aceitar. O sangue subiu-me ao coração com mais violência: um só pensamento respondeu no meu foro interior, pensamento fixo em ti.

“— Mas, assim mesmo, nós ficaremos aqui? — consegui balbuciar.

“— Não, nós iremos para Innsbruck. Fernando tem lá uma bela propriedade.

“Não ouvi mais nada, minha vista escureceu. Soube depois que eu desmaiara. Escutei minha mãe contando ao seu futuro esposo, que ficara esperando atrás da porta, que eu recuara subitamente, estendendo as mãos, e caíra em seguida como um bloco de chumbo. O que se passou nos dias seguintes, e como eu, uma frágil criança, me opus à vontade preponderante, não posso te descrever: só em pensar nisso minha mão treme ainda ao escrever-te. Como eu não podia revelar o meu verdadeiro segredo, minha resistência parecia teimosia, maldade ou desafio. Ninguém me disse mais nada, tudo se fez sem o meu conhecimento. Aproveitaram as horas em que estava na escola para cuidarem da mudança; quando voltava para casa sempre alguma coisa havia sido vendida ou transportada. Vi, assim, o apartamento esvaziar-se peça a peça, e minha vida ao mesmo tempo. Enfim, um dia, voltando para almoçar, verifiquei que os carregadores haviam vindo e retirado tudo. Nos quartos vazios achavam-se as malas prontas para partir, assim como duas camas de campanha, uma para a minha mãe e outra para mim. Nós dormiríamos aí ainda uma noite, a última, e no dia seguinte partiríamos para Innsbruck.

“No decorrer dessa última noite senti, com uma firme resolução, que não podia viver fora de tua vizinhança. Não vi outra salvação senão tu. Jamais poderei dizer como essa ideia me veio e como fui capaz de pensar com nitidez naquelas horas de desespero; mas abruptamente — minha mãe havia saído — levantei-me e, assim como estava, em traje escolar, fui ao teu encontro. Não, a palavra ‘ir’

não é adequada: era, antes, uma força magnética que me impulsionava para a tua porta, com as pernas enrijecidas e trêmulas. Acabo de dizer-te, eu não sabia claramente o que desejava: cair aos teus pés e pedir-te para me tomares como tua escrava. E eu temo que estejas rindo deste inocente fanatismo de uma menina de 15 anos, mas, meu bem-amado, tu não sorririas se soubesses em que estado me achava então, no corredor glacial, enrijecida pelo medo e no entanto levada adiante por uma força incompreensível, e como eu arranquei, por dizer assim, de meu corpo o meu braço, de tal sorte que ele se ergueu — e foi uma luta que durou uma atroz eternidade — e pôs o dedo no botão da tua porta. Ainda hoje eu trago nos ouvidos o ruído da campainha e o silêncio que se seguiu. O meu coração parara, e meu sangue não circulava mais enquanto eu te esperava.

“Mas não vieste. Não veio ninguém. Tu saíras sem dúvida naquela tarde, e João fora dar algum passeio. E assim, voltei titubeante — com o som da tua campainha tinindo em meus ouvidos — para o nosso apartamento desarrumado e vazio, e lancei-me esgotada sobre um cobertor, tão fatigada desses quatro passos como se houvesse andado durante horas através da neve espessa. Mas sob esse esgotamento ardia ainda a resolução sempre vivaz de ver-te e de falar-te antes de partir. Não havia nisso, eu te juro, nenhum pensamento sensual. Eu era ainda ignorante, precisamente porque não pensava em nada, senão em ti próprio — eu simplesmente desejava ver-te, ver-te ainda uma vez, abraçar-me a ti. Toda a noite, toda esta longa e terrível noite, meu bem-amado, eu te esperei. Assim que minha mãe se deitou e adormeceu, fugi para o vestíbulo, a fim de ver-te entrar. Toda a noite eu esperei, e era uma fria noite de janeiro. Estava fatigada, e não havia uma cadeira para eu me sentar. Então eu me deitei sobre o assoalho frio por onde passava a corrente de ar vinda da porta. Fiquei estendida, o corpo moído, não tendo sobre mim senão meu fino vestido, pois me esquecera do agasalho; além disso, o conforto de um cobertor poderia fazer-me adormecer e eu não ouviria os teus passos. Que dor eu experimentava naquele desconforto! Eu esfregava convulsivamente os meus pés um no outro; meus braços tremiam e eu me via obrigada a levantar-me sem cessar, tamanho era o frio nessa cruel escuridão. Mas eu te esperava, eu te esperava, eu te esperava, como quem espera o seu destino.

“Por fim — eram talvez duas ou três horas da manhã —, escutei, lá embaixo, a porta da rua abrir-se e depois uns passos que subiam a escada. O frio deixara-me repentinamente — um vivo calor apoderou-se de mim; e abri docemente a porta para precipitar-me e lançar-me aos teus pés... Ah! eu não sei verdadeiramente o que, louca criança, eu faria então. Os passos aproximaram-se, a luz de uma vela

vacilou na escada. Eu segurava tremendo o trinco da porta. Serias mesmo tu que chegavas?

“Sim, eras tu, bem-amado, mas não estavas só. Ouvi um riso ligeiro e alegre, o frufu de um vestido e a tua voz que falava baixo. Entravas com uma mulher...

“Como pude sobreviver a essa noite eu não sei. No dia seguinte pela manhã levaram-me para Innsbruck. Eu não tinha mais forças para resistir.

*

“Meu filho morreu — de hoje em diante, estarei de novo sozinha, se de fato puder viver ainda. Amanhã virão homens desconhecidos, embrutecidos, vestidos de preto e trazendo um esquite; nele meterão o meu pobre, o meu único filho. Talvez venham também alguns amigos com lindas coroas; mas de que servem as flores? Eles me consolarão, dirão palavras, mas de que servem as palavras? Sei que estou sozinha de novo. E nada é mais doloroso do que estar só entre os homens. Eu não me dera conta de mim naqueles vinte e quatro meses intermináveis que passei em Innsbruck, o tempo entre os meus 16 e 18 anos, época que vivi como uma cativa, uma estranha no seio da minha família. Meu padrasto, homem muito calmo e pouco falante, era bom para mim. Como para reparar uma injustiça involuntária, minha mãe mostrava-se dócil a todos os meus desejos. Diversos rapazes propuseram-me casamento, mas eu recusava a todos com uma apaixonada obstinação. Não queria viver feliz e contente longe de ti, e me refugiava em um mundo sombrio e feito de solidão e de tormentos, que eu mesma me impunha. Os novos e lindos vestidos que compravam para mim, eu não os vestia. Recusava-me a ir aos concertos e teatros e a tomar parte em excursões. Raramente saía de casa e — acreditas, meu bem-amado que nessa cidade em que morei dois anos conhecia apenas umas dez ruas? Eu estava de luto e queria conservar-me enlutada. E sofria a cada privação, somando-a à dor de não te ver. Depois eu não me quis mais deixar distrair desta paixão, quis somente viver em ti. Ficava sentada em minha cama. Durante horas, durante dias eu não fazia senão pensar em ti, sem cessar, rememorando continuamente as cem pequeninas saudades que tinha de ti, cada encontro e cada espera — e sempre reproduzindo esses pequenos episódios, como em um teatro. E porque evoquei assim incontáveis vezes cada um dos momentos do meu passado é que toda a minha infância ficou tão manifesta. Acreditarás que a cada minuto desses anos retive em mim tanto calor e emoção como se fora ontem que tivesse feito ferver o meu sangue?

“Era em ti somente que eu vivia então. Comprava todos os teus livros; quando o teu nome aparecia nos jornais, era para mim um dia de festa. Acreditarás que eu sei de cor cada linha de teus livros, tantas vezes eu os tenho lido e relido? Se durante o meu sono eu despertasse com alguém pronunciando diante de mim uma linha destacada de um dos teus livros, eu poderia ainda hoje, depois de 13 anos, continuá-la como em um sonho; pois cada palavra tua era para mim um evangelho e uma prece. O mundo inteiro não existia para mim senão porque tu existias também. Não lia nos jornais de Viena as notícias de concertos e teatros senão com o interesse de saber quais dentre eles poderiam interessar-te, e quando chegava a noite, eu te acompanhava de longe, dizendo para mim mesma: agora entra na sala, agora se senta. Mil vezes eu meditei sobre isso, porque uma vez te vi em um concerto.

“Mas para que contar tudo isso, esse veemente fanatismo desencadeando-se contra mim mesma, esse fanatismo tão tragicamente desesperado de uma criança abandonada? Por que contar a quem nunca o conheceu nem nunca dele suspeitou? Seria eu ainda uma criança? Atingira meus 17, completara meus 18 anos, e os rapazes começaram a cortejar-me na rua; mas eles não faziam senão me irritar. Porque o amor ou mesmo um simples namoro, puramente imaginário, com qualquer outro que não fosses tu era para mim uma coisa inconcebível, que eu não podia admitir, pois mesmo em pensamento seria um crime. Minha paixão por ti permaneceu a mesma, somente ia se transformando com o meu corpo: à medida que os meus seios cresciam, ela se tornava mais ardente, mais concreta, mais feminina. E o ato que a criança cometera, em sua confusa e ignorante vontade, tocando inconscientemente a campainha da tua porta, era agora o meu único pensamento: dar-me a ti, abandonar-me a ti.

“As pessoas que conviviam comigo pensavam que eu era medrosa e me chamavam de tímida (eu nunca mencionara o meu segredo). Mas em mim se formava uma vontade de ferro. Todo o meu pensamento e todos os meus esforços tinham um único ideal: voltar para Viena, voltar para junto de ti. E eu consegui impor minha vontade, por mais insensata e incompreensível que ela pudesse parecer aos outros. Meu padrasto era rico; ele me considerava sua própria filha. Com uma descortês teimosia eu, porém, persistia em querer ganhar minha vida por mim mesma. E consegui voltar enfim para Viena, para a casa de um parente, como empregada de uma grande casa de confecções.

“Seria interessante dizer-te para onde fui então, quando, numa tarde brumosa de outono — enfim, enfim —, cheguei a Viena. Eu deixei a minha mala na estação, precipitei-me em um bonde — com que lentidão ele me parecia andar!

Cada parada exasperava-me! — e corri para diante de tua casa. Tuas janelas estavam iluminadas; meu coração batia violentamente. Foi então que eu encontrei vida nesta cidade, pois até esse momento todo o alvoroço fora para mim indiferente, inexpressivo. E somente nesse instante recomecei a viver, sentindo-me perto de ti — meu eterno sonho. Eu não suspeitava estar tão longe do teu pensamento quando havia entre nós vales, montanhas e rios, como nessa hora em que só existia, entre ti e meu olhar ardente, o vidro iluminado da tua janela. Eu olhava para cima, para onde havia luz, para os teus aposentos, para onde tu estavas, tu, meu universo. Durante dois anos sonhara com esse momento; agora me era dado vivê-lo. E toda a noite, numa nublada noite de outono, uma longa e doce noite, fiquei diante de tuas janelas, até que a luz se apagou. Não foi senão depois que fui procurar a minha casa.

“Toda noite eu vinha para diante de tua casa. Até às seis horas eu trabalhava na loja: era um trabalho duro e absorvente, mas eu o amava, porque esta agitação impedia-me de sofrer a minha dor com tanta crueldade. E diretamente, logo que a porta de ferro era abaixada, corria para o meu posto querido. Ver-te uma só vez, encontrar-te uma só vez, era o meu único desejo, poder de novo beijar teu rosto de longe com meu olhar. No fim de uma semana, eu te encontrei num momento em que não esperava — enquanto observava as tuas janelas lá no alto, tu vinhas em direção a mim atravessando a rua. De repente, eu me transformei na criança de 13 anos que havia sido. O sangue afluíu-me às faces. Involuntariamente, apesar do meu mais íntimo desejo de ver os teus olhos, abaixei a cabeça e passei diante de ti correndo como um animal acuado.

“Em seguida, tive vergonha dessa fuga de colegial assustada, pois nesse momento o meu desejo estava bem determinado: desejava encontrar-te, procurava-te, queria que me conhecesses depois de tantos anos de obscuridade, desejava ser apreciada por ti, queria ser amada por ti.

“Durante muito tempo não me notaste, embora em nenhuma tarde, mesmo com a neve e com o vento brutal e incisivo, eu faltasse ao meu posto. Muitas vezes, durante horas, em vão; muitas vezes tu saías de tua casa acompanhado por pessoas que te vinham visitar. Duas vezes eu te vi também com mulheres, e desde então compreendi que tinha crescido; senti o caráter novo e diferente de meu sentimento por ti pelo violento choque do meu coração, que me dilacerou a alma, quando vi uma mulher estranha caminhar tão naturalmente ao teu lado, de braços dados contigo. Não fiquei surpresa, pois conhecia, desde os meus dias de menina, as tuas eternas visitantes. Mas agora acontecia, de repente, como uma dor física, e alguma coisa me invadia, feita por sua vez de hostilidade e de

inveja, em presença dessa tua intimidade pública e carnal com uma outra mulher. Puerilmente altiva como era, e como talvez me conservo ainda, eu faltei no dia seguinte — mas como foi atroz para mim essa tarde de orgulho e de revolta passada sem ver tua casa! No outro dia, eu voltei humildemente ao meu posto; eu te esperava sempre, como durante todo o meu destino, esperei diante da tua vida, fechada para mim.

“Enfim, uma tarde tu me notaste. Eu te vira vir de longe e concentrei toda a minha vontade para não me afastar do teu caminho. Quis o acaso que um caminhão que era descarregado obstruísse a rua e fosses obrigado a passar muito perto de mim. Involuntariamente, teu olhar distraído pousou sobre mim, para logo, encontrando a atenção do meu — ah! como a lembrança faz-me ainda tremer! —, transformar-se nesse olhar que tens para todas as mulheres, esse olhar terno, acariciante e ao mesmo tempo penetrante até à carne, esse olhar largo e dominador que fez da criança que eu era uma mulher amorosa. Durante um ou dois segundos esse olhar fascinou o meu, que não queria nem podia afastar-se do teu domínio — depois passaste. Meu coração batia: contra o meu desejo fui obrigada a moderar os meus passos, e quando me virei com uma invencível curiosidade, vi que havias parado e me olhavas por trás. E pela maneira que me observavas, com uma curiosidade interessada, compreendi logo que não me havias reconhecido.

“Tu não me reconheceste nem então, nem nunca: jamais me reconheceste. Como poderia eu, meu bem-amado, descrever-te a desilusão que experimentei nesse momento? Essa foi a primeira vez que sofri esta dor cruel de não ser reconhecida por ti, esta crudelíssima dor que me tem acompanhado durante toda a vida, e com a qual eu morro: permanecer desconhecida, continuar ainda e sempre desconhecida por ti. Como poderia descrever-te essa desilusão? Pois, é bom que saibas, durante esses dois anos de Innsbruck, onde eu pensava constantemente em ti e onde não fazia senão sonhar no que seria o nosso primeiro encontro quando eu voltasse a Viena, eu imaginara, segundo o estado de meu humor, as possibilidades, as mais desastrosas ao lado das mais agradáveis. Eu havia, se o posso dizer assim, sonhado de antemão com todas as eventualidades. Imaginara, nos meus momentos de pessimismo, que tu me repelirias, que me desdenharias, porque eu era muito insignificante, muito feia, muito impertinente. Todas as possíveis formas do teu desfavor, de tua frialdade, de tua indiferença, eu havia representado em apaixonadas visões, mas nas minhas mais negras horas, na consciência mais profunda da minha nulidade, eu não pensara nesta eventualidade, a mais horrorosa de todas — que não houveras

prestado nunca a menor atenção à minha existência. Hoje compreendo-o bem — ah! ensinaste-me a compreender bem as coisas! —, o rosto de uma moça, de uma mulher, é forçosamente para um homem um objeto extremamente variável. A maioria das vezes esse rosto não é mais do que um espelho onde se reflete ora uma paixão, ora uma ciancice, ora uma franqueza, e modifica-se tão facilmente (como uma imagem em um espelho). Um homem pode facilmente esquecer sua individualidade, tanto mais que a idade e as modas o vão modificando. As resignadas, eis as únicas que sabem a ciência da vida. Mas eu, a moça que era então, não podia compreender que me houvesse esquecido. Não sei como, à força de me ocupar de ti tão desmesurada e incessantemente, uma ideia quimérica se formara em mim — parecia-me que, necessariamente, tu pensavas em mim e tu me esperavas. Como teria continuado a respirar, se tivesse tido a certeza de que eu não era nada para o meu bem-amado, que jamais uma leve saudade de mim roçou docemente o teu espírito? Essa dolorosa realidade diante do teu olhar, que me mostrou que nada em ti me reconhecia, que nenhuma recordação ligava a tua vida à minha vida, isso foi para mim a primeira queda, o primeiro pressentimento do meu destino.

“Tu não me reconheceste, e quando, dois dias mais tarde, em um novo encontro, teu olhar me envolveu com certa familiaridade, tu não me reconheceste ainda como aquela que te amara e a quem tu havias feito o coração despertar para a vida, mas simplesmente como a bonita moça de 18 anos que dias antes, no mesmo lugar, havia cruzado o teu caminho. Olhaste-me com uma amável surpresa. Um ligeiro sorriso brincou em volta de tua boca. De novo passaste perto de mim e diminuíste a marcha. Eu me pus a tremer, eu fremia de muda alegria... Tu ias dirigir-me a palavra! Senti pela primeira vez que existia para o meu amado. E eu também diminuí o passo e esperei. De repente, sem virar-me, notei que estavas atrás de mim. Sabia que pela primeira vez ia ouvir a tua voz. A espera era em mim como uma paralisia e eu temia ser obrigada a parar, tão forte me batia o coração. Estavas a meu lado. Tu me falavas com tua maneira docemente jovial, como se nós fôssemos amigos há muito tempo. Ah! Não tinhas a menor recordação da pessoa que eu era. Jamais tiveras o menor conhecimento da minha existência! Falaste-me com um tão encantador desembaraço que não te pude responder. Nós caminhávamos juntos ao longo da rua. Depois me perguntaste se queria jantar contigo. Aceitei. Poderia ousar recusá-lo?

“Jantamos juntos em um pequeno restaurante. Sabes onde? Certamente não. Se o soubesses não terias visto nessa noite senão uma aventura semelhante a tantas

outras, porque o que era eu para ti? Uma mulher entre cem, uma aventura em uma cadeia de aventuras desenrolando eternamente os seus elos. E, pois, que lembrança poderias guardar de mim? Eu falava pouco porque para mim era uma infinita felicidade ter-te perto de mim e ouvir a tua voz. Não queria desperdiçar um só instante de tua fala com uma pergunta ou uma tola palavra. Jamais a minha gratidão esqueceu essa hora. Respondeste bem ao que minha veneração apaixonada esperava de ti, foste terno, doce e diplomata, sem nenhuma indiscrição, evitando essas acariciantes ternuras que os outros tanto se permitem. Desde o primeiro momento tua atitude foi tão amiga e tão segura, parecia merecer tanta confiança, que me terias conquistado inteiramente, mesmo que eu já não fosse tua de toda a minha vontade e com todo o meu ser. Ah! não sabes que ato admirável realizaste nessa noite.

“Era tarde, nós saímos. À porta do restaurante tu quiseste saber se eu estava apressada ou se dispunha de tempo. Como poderia esconder que eu estava à tua disposição? Respondi que não tinha pressa. Tu me perguntaste, demonstrando uma ligeira hesitação, se não gostaria de ir um momento até tua casa para conversar. ‘Com prazer’, disse eu de todo coração, achando isto muito natural. Notei logo que a presteza com que aceitei te chocou, que te causara pena ou alegria, qual das duas eu não discernia — mas, em todo caso, ficaste visivelmente surpreso. Hoje eu compreendo a tua admiração; já sei que é costume entre as mulheres, mesmo quando elas têm um grande desejo de se abandonarem, não confessarem sua inclinação, simularem medo ou indignação, fazendo com que se lhes façam rogos e promessas e se lhes digam mentiras. Sei que só as profissionais do amor, as prostitutas, respondem a tais convites com um consentimento tão decidido e tão alegre — ou as inocentes, as adolescentes absolutamente ingênuas. Mas, em mim — como o poderias adivinhar? —, aquilo não era senão a vontade declarada, o desejo recalcado durante milhares de dias, manifestando-se de chofre. Tu estavas profundamente comovido. Eu começava a interessar-te. Sentira que andando, enquanto conversávamos, tu me examinavas de soslaio com uma espécie de encantamento. Teu sentimento, esse sentimento tão psicológico, tão humano, deixava transparecer uma coisa extraordinária. E tornou misteriosa a gentil e indulgente moça. O teu desejo de desvendar esses mistérios era nítido pela forma envolvente e sutil de tuas perguntas. Eu porém preferia passar por louca a revelá-lo.

“Subimos aos teus aposentos. Perdoa-me, meu bem-amado, se te digo que não podes julgar o que foi para mim subir essa escada. Que enlevo, que perturbação eu experimentava, que felicidade louca, torturante, quase mortal eu sentia. Apenas agora posso pensar nisso sem lágrimas, mesmo porque eu não as tenho mais. Quero porém que saibas que cada objeto estava impregnado de minha paixão e representava um símbolo de minha infância e do meu desejo há tanto tempo despertado: a porta diante da qual te esperei mil vezes, a escada de onde te espreitava e adivinhava os teus passos, e onde te vira pela primeira vez, o tapete diante da porta, sobre o qual me ajoelhei, o ranger da chave que sempre me deixara sobressaltada no meu local de espreita. Toda a minha infância e toda a minha paixão tinham aqui o seu ninho, nesses poucos metros. Lá se achava toda a minha vida. E eis que uma espécie de tempestade se abateu sobre mim, agora que tudo, tudo se realizava, e contigo: eu e tu! Eu entrava em tua casa — em nossa casa. Imagina que até a tua porta — as minhas palavras certamente não o exprimem bem, mas não o posso dizer de outra maneira —, tudo, ao longo de minha existência não fora senão uma triste realidade, eu não vira diante de mim senão o meu terno mundo cotidiano, e eis que se abria para mim o país encantado com que sonham as crianças, o reino de Aladim. Imagina que mil vezes os meus olhos haviam fixado ardentemente essa porta, que eu transpunha agora irresoluta, e tu sentirás — somente o sentirás, meu bem-amado, porque jamais tu o saberás perfeitamente! — quantas horas de minha vida se concentravam nesse vertiginoso minuto.

“Fiquei em tua casa a noite inteira. Tu não percebeste que antes de ti nunca um outro homem me tocara, nem mesmo que ninguém tinha roçado ou visto o meu corpo. Como o poderias supor, meu bem-amado, desde que eu não te ofereci nenhuma resistência, reprimindo o pudor, unicamente para que não adivinhasse o segredo de meu amor, que te horrorizaria decerto — porque o amor para ti não é mais do que uma coisa passageira, que reveste a forma de um divertimento, e que não tem importância. Tu receias intrometer-te nos destinos alheios. Queres gozar sem limites todos os prazeres do mundo, mas sem sacrifícios. Meu bem-amado, se te digo agora que era virgem quando me entreguei a ti, suplico-te, não duvides de minhas palavras! Não te acuso — não me forçaste, não me enganaste, não me seduziste. Fui eu mesma que fui ao teu encontro, levada pelo meu próprio desejo, que me lancei nos teus braços, que me precipitei no meu destino. Jamais, jamais te acusarei. Pelo contrário: sempre te agradecerei, pois essa noite foi para mim rica e deslumbrante de volúpia, transbordante de felicidade! Quando abria os olhos na escuridão e te sentia ao meu lado, eu me admirava que

as estrelas não estivessem sobre a minha cabeça, tão perto me parecia estar o céu! Não! Não, meu bem-amado, eu nunca me arrependerei do que fiz. Eu me recordo ainda: enquanto dormias, ouvia o arfar de tua respiração, tocava em teu corpo e me sentia tão ligada a ti que chorava de contentamento.

“Pela manhã, saí muito cedo, apressadamente. Não desejava faltar ao trabalho, e queria também sair antes que chegasse o empregado. Era necessário que ele não me visse. Quando eu já estava vestida e em pé diante de ti, tu me tomaste em teus braços e me olhaste longamente. Seria uma longínqua e obscura recordação que despertava em ti, ou simplesmente eu te parecia bonita e feliz como eu o estava efetivamente? Deste-me um beijo na boca. Eu me desvencilhei docemente para ir-me embora. Então tu perguntaste: ‘Não desejas levar algumas flores?’ E eu disse que sim. Retiraste quatro rosas brancas do vaso de cristal azul, sobre a mesa de escrever (ah! desse jarro que eu conhecia tão bem desde o único e fugitivo olhar que dera a teu apartamento quando era criança), e deste-mas. E eu as beijei durante dias inteiros.

“Antes de nos separarmos, marcamos um encontro para uma outra noite. Voltei, e isto foi maravilhoso! Tu me convidaste ainda para uma terceira noite. Depois tu me disseste que ias ser obrigado a viajar. Oh! como eu detestava essas viagens desde a minha infância! E tu me prometeste que, assim que voltasses, me avisarias. Dei-te um endereço para a posta-restante, pois não queria dizer o meu nome. Guardei o meu segredo. De novo tu me deste algumas rosas no momento da despedida. Rosas em vez de um adeus!

“Todos os dias, durante meses, eu ia ao correio. Mas para que te dizer os infernais tormentos da espera e do desespero? Eu não te acuso, eu te amo como tu és, ardente e descuidado, devotado e infiel. Amo-te assim, mesmo assim, como sempre tu foste e o és ainda. Tu voltaras há longo tempo — tuas janelas iluminadas o diziam —, e não me escrevias. Não tenho uma linha tua, neste momento, na minha derradeira hora, nem uma linha tua, a quem dei a minha vida. Esperei, esperei como uma louca. Mas não me chamaste, não me escreveste uma linha... nem uma palavra sequer!...

“Meu filho morreu ontem. Ele era também teu filho. Era também teu filho, ó meu bem-amado — filho de uma dessas três noites, eu te juro, e ninguém mente na hora da morte. Era o nosso filho, eu te juro, pois homem algum tocou em meu corpo desde o momento em que me dei a ti até àquele em que sofri as dores do parto. Teu contato tornara meu corpo sagrado aos meus olhos: como poderia dividi-lo entre ti, que havias sido tudo para mim, e os outros, que me eram indiferentes? Era nosso filho, meu bem-amado, produto do meu amor consciente

e da minha ternura pródiga e quase automática — nosso filho, nosso único filho. Mas tu quererás saber agora — talvez horrorizado, talvez admirado —, tu o quererás saber, ó meu bem-amado, por que todos esses longos anos eu te escondi a existência dessa criança, e por que somente agora falo dele, quando já está morto, dormindo para sempre, já prestes a partir, para nunca mais voltar, nunca mais! Como poderia ter te contado isso? Jamais tu acreditarias em mim, uma estranha, tão solícita em te ceder essas três noites; em mim, que me entregara sem hesitação, com ardor mesmo! Jamais acreditarias que essa mulher anônima, furtivamente encontrada, seria fiel a ti, ó infiel! Jamais reconheceria sem desconfiança esse menino como teu filho. Jamais tu poderias, mesmo acreditando em minhas palavras, afastar a suspeita de que eu te atribuíra a paternidade dessa criança porque tu eras rico. Duvidarias de mim e entre nós haveria uma sombra, a confusa e duvidosa sombra da desconfiança. Eu não queria isso. Além do mais, eu te conhecia. Eu te conhecia tanto como tu próprio te conheces. Sabia como te seria penoso, a ti que, no amor, amas somente a volubilidade, a leviandade, a conquista, tornares-te pai, teres de repente a responsabilidade de um destino. Tu, que não podes respirar senão em liberdade, sofrerias por te veres ligado a mim, de certa maneira. Tu me terias odiado — sim, eu sei, contra a tua vontade — por causa desse compromisso. Eu teria sido odiosa, talvez somente pelo rápido intervalo de alguns minutos; mas no meu orgulho eu queria que tu pensasses em mim toda a tua vida sem a menor sombra de aborrecimento. Eu preferi todas as responsabilidades a ser pesada para ti. Quis ser entre todas as mulheres a única em quem pudesses pensar com amor e gratidão. Mas a verdade é que nunca pensaste em mim. Tu me esqueceste!

“Não te acuso, meu bem-amado, não. Não te acuso. Perdoa-me se acaso deixei transparecer aqui qualquer amargor. Perdoa-me. Mas meu filho, o nosso filho, não está ele deitado sob as vacilantes chamas dos círios? Eu levantei meu punho contra Deus, e chamei-o criminoso. O desespero e a dor reinam em meu seio. Perdoa-me este queixume. Perdoa-me! Eu sei que no íntimo de teu coração és bom e caritativo. Que concedes a tua assistência a quem a solicita — que a concedes mesmo aos que te são inteiramente estranhos. A tua bondade porém é bizarra; é uma bondade aberta a todos. Cada um pode meter nela as mãos e enchê-las. A tua bondade é grande, infinitamente grande, mas, desculpa-me, ela é negligente. Ela quer ser assediada, violentada. Teu auxílio tu o dás quando te fazem apelos, quando te dirigem um pedido. Teu apoio, tu o concedes por pudor, por fraqueza, e não por prazer. Permite que te diga francamente: a tua simpatia é

menos pelo necessitado que pelo venturoso. E aos homens como tu, mesmo aos melhores entre eles, faz-se mal em lhes dirigir um pedido.

“Um dia, quando eu era criança, vi, pela vigia da minha porta, como te apressaste em dar uma esmola a um mendigo que batera à tua porta. Tu a deste imediatamente e farta antes que ele te pedisse, com uma certa inquietude, com uma certa presteza que demonstrava o teu desejo de vê-lo ir-se embora bem depressa. Dir-se-ia que tinhas medo de olhar em seus olhos. Essa esquiva maneira de dar, essa apreensão, esse temor de receber um agradecimento, eu não pude esquecer. E foi por isso que nunca me dirigí a ti. Sem dúvida, eu o sei, ter-me-ias então socorrido, mesmo sem teres a certeza de que ele fosse realmente teu filho: ter-me-ias consolado, dando dinheiro, dinheiro em abundância, mas sempre com aborrecimento. Creio mesmo que me terias induzido a abortar a criança. E era isso o que eu temia acima de tudo, pois me seria impossível recusar-te alguma coisa que me pedisses! Mas essa criança era tudo para mim; ela vinha de ti; ela era tu mesmo. Não o ser feliz e descuidado que tu eras e eu conservava, mas tu mesmo, para sempre (pensava eu antes de o ter), preso em minhas entranhas, ligado à minha vida. Eu te possuía enfim. Eu podia te sentir viver e crescer em minhas veias. Poderia nutrir-te, amamentar-te, cobrir-te de carícias e de beijos quando a minha alma fremissem de desejos. Vê, meu bem-amado, quanto eu fui feliz por sentir em meu seio um filho teu, e não te confessei receosa de que me mandasses abortá-lo.

“Verdade é, meu bem-amado, que não houve senão poucos meses de felicidade. Logo depois vieram os meses cheios de horror e de tormentos, cheios de desgostos diante da baixaza dos homens. A minha situação não era fácil. Durante os últimos meses da minha gravidez não podia ir ao trabalho por medo de chamar a atenção de meus patrões e de eles me denunciarem a meus pais. Não queria pedir dinheiro à minha mãe. E vivi, assim, durante esse tempo, da venda de algumas joias que possuía. Uma semana antes do parto uma lavadeira roubou-me de um armário o pouco dinheiro que me restava, de forma que fui obrigada a ir para a maternidade pública. Foi lá, nesse lugar, onde só se refugiam em sua aflição as mulheres mais pobres, as repudiadas, as esquecidas, lá no meio da mais negra miséria, foi lá que a criança, teu filho, nosso filho nasceu.

“É uma desgraça esse hospital; tudo nos é estranho, e nós nos entreolhamos como estranhos, nós que gememos, lá, solitárias, e mutuamente cheias de ódio, não tendo entre nós outra ligação além da identidade da miséria e dos tormentos que nos obrigam a vir para essa sala de ar viciado, cheia de clorofórmio e de sangue, de gritos e de gemidos. Tudo o que a pobreza pode sofrer de

humilhações, de ultrajes morais e físicos, eu sofri, nessa promiscuidade com prostitutas e doentes, que faziam da comunidade da nossa sorte uma infâmia comum. Sofri o cinismo desses jovens médicos que, com um sorriso de ironia, levantavam o lençol do leito e apalpavam o corpo da mulher sem defesa, sob o falso pretexto de pesquisa científica. Sofri em presença da cupidez das enfermeiras. Oh! nessas salas o pudor humano não encontra senão vistorias que o crucificam e palavras que o flagelam. O nome em uma papeleta é tudo o que nos personifica, pois isto que geme em um leito não é mais que um fardo de carne ofegante, manuseado, exibido e estudado por todos. Oh! as mulheres que dão à luz em suas casas, cercadas de ternos cuidados de suas famílias, não sabem o que é ter uma criança, sozinha, sem proteção, em uma cama de hospital. Hoje ainda, quando leio a palavra ‘inferno’ penso imediatamente, contra a minha vontade, nessa sala em que, entre maus cheiros, gemidos, risos e gritos dolorosos e atroztes de mulheres aos montes, tanto sofri.

“Perdoa-me, perdoa-me falar-te nisso! Mas esta é a única vez que o farei, nunca mais te falarei nisso — nunca mais! Durante 11 anos não te disse uma palavra, e dentro em pouco estarei muda para sempre! Deveria ter dito, gritando, o que me custara esta criança, que era a minha felicidade, e que está morta presentemente. Já tinha, porém, esquecido essas horas amargas há muito tempo, no sorriso e na voz desta criança. Ela, porém, morreu, e o meu suplício reviveu mais cruel — e sinto a necessidade de aliviar a minha alma contando a minha desgraça, embora só esta vez!

“Mas não te acuso. Acuso a Deus, somente a Deus, que me impôs esse tremendo suplício. Não te acuso, juro-te, e jamais em minha cólera fui contra ti. Mesmo na hora em que o meu corpo se torcia em dores, mesmo quando ele, envergonhado, sentia a impudicícia dos olhares dos internos, mesmo no momento em que a dor dilacerou a minha alma, jamais te acusei diante de Deus, jamais me veio um arrependimento das noites que passei contigo. Jamais o meu amor por ti sofreu de minha parte uma reprovação. Sempre bendisse a hora em que te encontrei. E devesse eu de novo atravessar o inferno dessas horas de sofrimento, mesmo sabendo de antemão o que me aguardava, ó meu bem-amado, uma outra vez, outras mil vezes, eu tornaria a proceder assim.

*

“Nosso filho morreu. Não o conheceste. Nunca, nem mesmo em furtivo encontro, por acaso, esse encantador menino, filho do teu ser, foi visto por ti.

Desde que tive esta criança me escondi dos teus olhos. Meu grande amor por ti tornara-se menos doloroso. Creio mesmo que te amava menos apaixonadamente. Pelo menos, o meu amor não me fazia mais sofrer tanto. Não queria dividir-me entre ti e ele. Assim me consagraria não mais a ti, que eras feliz e vivias longe de mim, mas a essa criança que precisava de mim, que eu devia nutrir, e que eu podia tomar em meus braços e cobrir de beijos. Parecia-me que me libertava da perturbação que me havias lançado na alma, que fugia ao meu mau destino, que estava salva, enfim, por esse outro ser, que eras tu mesmo, mas que era verdadeiramente meu. E raramente, só muito raramente, me lembrava humildemente de ti. E não fazia senão uma coisa: pelo teu aniversário enviava-te regularmente um ramalhete de rosas brancas, semelhantes àquelas que me ofereceste depois da nossa primeira noite de amor. Indagaste, por acaso, desta a quem um dia deste rosas iguais? Ignoro, e nunca saberei a tua resposta. Basta-me tê-las oferecido a ti uma vez no ano, lembrando aquele instante.

“Não conhecestes o nosso pobre filho. Hoje me arrependo de havê-lo furtado aos teus olhos, porque o terias amado certamente. Tu nunca o conhecestes, nunca o viste sorrir; quando ele levantava ligeiramente suas pálpebras, os seus olhos negros e inteligentes — teus olhos — lançavam sobre mim, sobre o mundo inteiro, sua luz clara e alegre. Ah! ele era tão jovial, tão encantador: toda a graça de teu ser se mostrava nele em suas criancices. Sua imaginação viva e buliçosa era igual à tua. Horas inteiras ele podia divertir-se alegremente com um objeto, como tu com a vida. Depois eu o via voltar e ficar sentado diante dos seus livros, com a testa enrugada. Sua semelhança contigo aumentava cada vez mais. Já começava mesmo a desenvolver-se nele, visivelmente, esta dualidade de jovialidade e sisudez, que te é própria. E, quanto mais ele se parecia contigo, mais o amava. Aprendia com facilidade e tagarelava em francês como uma pegazinha. Os seus cadernos eram os mais limpos da classe. E como ele era distinto, elegante em seu terno de veludo preto ou em sua japona branca de marinheiro! Em todo lugar que ia, era sempre o mais belo. Quando passava com ele na praça do Grado, as mulheres paravam para acariciarem sua longa cabeleira loura. Quando ele ia andar de trenó no Semmering, as pessoas voltavam-se admiradas para vê-lo. Ele era tão bonito, tão educado, tão amável. Quando ele, no ano passado, entrou para o internato do Colégio Maria Teresa, dir-se-ia um pequeno pajem do século XVIII, pela maneira que trazia o seu uniforme e a sua espada. Agora ele não tem, coitado, senão a sua pobre camiseta, e está deitado com os lábios descorados e as mãos juntas.

“Desejarás saber como pude criá-lo assim, no luxo, como lhe pude permitir viver esta vida pomposa e alegre das crianças ricas? Meu bem-amado, já te falo da sombra. Não tenho vergonha. Vou dizer-te; mas não te horrorizes; eu me vendi, meu bem-amado. Não fui precisamente o que se chama uma mulher da rua, uma prostituta, mas eu me vendi. Tenho tido ricos amigos — amantes ricos. A princípio eu os procurei, depois eram eles que me procuravam porque — notaste? — era muito bonita. Cada homem a que me entregava tomava afeição por mim. Todos têm sido gratos, todos têm sido delicados, todos me têm amado — *todos*, salvo tu, sim, só tu, meu bem-amado!

“Desprezas-me agora porque te revelei que me vendi? Não, bem sei, não me desprezas. Sei que compreendes tudo e sabes também que se agi assim, foi unicamente por causa deste teu outro eu — por teu filho! Eu estive um dia naquela sala da maternidade sofrendo o que a pobreza tem de mais terrível. Sabia que neste mundo o pobre é sempre a vítima que todos aviltam e espezinham. E não queria de modo algum que o teu filho, teu filho radiante de beleza, crescesse nessa miséria, se pervertesse ao contato grosseiro da canalha das ruas, se contaminasse no ar empestado de uma casa de cômodos. Sua delicada boca não devia conhecer o palavreado das sarjetas, nem o seu corpo, de uma brancura imaculada, o ordinário e mofado leito do pobre. Era necessário que teu filho gozasse de tudo, de toda riqueza e de todas as comodidades da Terra. E era necessário também que se elevasse ao nível da tua vida.

“Foi essa a única razão pela qual eu me vendi. Isso não foi um sacrifício para mim, porque o que se chama honra ou desonra não existe aos meus olhos. Além disso, eu não amava aqueles que me possuíam, e o que meu corpo fazia não me interessava. As carícias dos homens, mesmo as suas mais profundas paixões, não tocavam o meu coração, ainda que eu devesse dedicar minha estima a diversos deles, e a piedade me agitasse muitas vezes ante esse amor sem recompensa. Todos os que conheci foram bons para mim, todos me estimaram. Sobretudo um conde imperial, viúvo e idoso, cujos pés ficaram cansados de ir até a porta do Colégio Maria Teresa para conseguir a admissão da criança sem pai, do teu filho. Ele me amava paternalmente. Três vezes, quatro vezes, me pediu em casamento. Hoje eu seria condessa, dona de um castelo feérico no Tirol. Não teria mais preocupações, porque a criança ganharia um pai terno que a amaria, e eu um marido distinto, bom e doce. Não aceitei, embora ele muito tivesse insistido, e muitas vezes, e as minhas recusas lhe fizeram grande mal. Cometi talvez uma loucura, pois viveria tranquila, descansada em algum lugar e, comigo, esta criança, o nosso querido filho. Mas por que não confessar? Eu não me queria

ligar, queria estar à tua disposição, a todos os momentos. No mais íntimo do coração, no meu ser inconsciente, vivia sempre este velho sonho infantil de que me ias chamar ainda uma vez, para uma hora só que fosse. E pela eventualidade dessa hora recusei a todos, para estar pronta ao teu primeiro chamado. Toda a minha vida, desde que saí da infância, não tem sido ela outra coisa senão uma espera, aguardando a tua vontade!

“Essa hora chegou realmente. Mas não sabes quando. E nem mesmo o presumes, meu bem-amado. E não me reconheceste. Jamais, jamais, jamais me reconheceste! Sim, muitas vezes já te encontrei nos teatros, nos concertos, no Prater, na rua — cada vez tremia, mas tu passavas sem me ver. Exteriormente eu era outra, com certeza. A criança tímida tornara-se uma mulher, uma bela mulher, como diziam — coberta de maravilhosos vestidos, e cercada de adoradores. Como poderias supor em mim a tímida mocinha que viras à luz noturna do teu quarto de dormir?!... Às vezes, um dos homens com quem estava cumprimentava-te. Respondias à sua saudação e levavas os olhos até mim. Mas teu olhar era tão cortês quanto indiferente. Apreciava-me somente e não me reconhecia, tão longe estava, atrozmente longe de mim. Um dia, recordo-me ainda, este esquecimento da minha pessoa ao qual já estava habituada foi um suplício para mim. Eu estava em um camarote, na Ópera, com um amigo, e estavas sentado no camarote ao lado. À abertura, as luzes apagaram-se. Eu não podia ver o teu rosto, mas sentia a tua respiração tão perto de mim como a sentira naquela noite de amor, e, sobre a borda guarnecida de veludo que separava os nossos camarotes, repousavas a mão, tua fina e delicada mão. Um desejo infinito invadiu-me: o de debruçar-me e depositar humildemente um beijo nessa mão indiferente, nessa mão querida, da qual gozara outrora uma terna carícia. Ao redor de mim a música espalhava suas ondas penetrantes. Meu desejo tornava-se cada vez mais imperioso. Fui obrigada a martirizar os meus nervos para não me levantar, tão viva era a força que impelia os meus lábios para a tua mão. No fim do primeiro ato, pedi ao meu amigo para sairmos. Não podia mais suportar ver-te ali ao meu lado, tão indiferente e tão próximo, na obscuridade.

“Mas a hora tão esperada veio, voltou ainda uma vez em minha vida. Era, faz hoje um ano exatamente, o dia seguinte ao teu aniversário. Coisa interessante! — eu não cessara de pensar em ti, pois celebro este aniversário, sempre como uma festa. Saíra pela manhã muito cedo e comprara as rosas brancas que te enviava todos os anos em recordação de um momento que já havias esquecido. À tarde, passei com o menino e levei-o à pastelaria Demel. À noite, levei-o ao teatro. Gostava que ele também, de algum modo, desde sua meninice, apreciasse esse

dia, embora sem conhecer-lhe a significação, como uma festa mística. O dia imediato, passeio com o meu amante dessa época, um jovem e rico industrial, de Brunn, com quem vivia há dois anos, e que me mimava e me idolatrava. Esse também queria desposar-me, mas, também, como aos outros, eu o havia, sem razões aparentes, recusado, embora ele nos cumulasse de presentes, a mim e à criança, e fosse digno de ser amado por sua bondade, um tanto rude e servil. Fomos juntos a um concerto onde encontramos gente alegre. Ceamos em um restaurante de Ringstrasse, e lá, entre risos e tagarelices, propus irmos a um *dancing* — ao Tabarin. Em geral, esse tipo de lugar, com sua alegria fictícia e regada a álcool, era-me antipático, como tudo que se chama deboche. E sempre, aos que me propunham distrações dessa ordem, eu dava a minha recusa. Mas, desta vez — acreditava existir em mim uma força mágica impenetrável, que me fez inconscientemente lançar a minha proposta, à qual todos aderiram com alegria —, experimentava de repente um inexplicável desejo, como se alguma coisa de particular me aguardasse nesse local. Habitados a me serem agradáveis, todos se levantaram e nós fomos ao Tabarin. Bebemos aí muito champanhe e subitamente uma louca alegria se apossou de mim, uma alegria quase dolorosa mesmo, como eu nunca tivera. Bebia, bebia, cantando, como os outros, canções chulas, e sentia uma necessidade irresistível de soltar gritos de prazer. Subitamente — dir-se-ia que alguma sensação de frio ou de calor havia pousado no meu coração — eu me sobressaltei: estavas sentado com amigos na mesa vizinha e me olhavas com um olhar de admiração e de desejo, esse olhar que sempre me sacudiu até à alma. Pela primeira vez, depois de dez anos, os teus olhos voltaram-se de novo para mim com toda a força inconsciente e apaixonada do teu ser. Tremi. O copo quase caiu de minhas mãos. Felizmente os meus companheiros de mesa não perceberam minha perturbação, que se dissipou no barulho dos risos e da música.

“Teu olhar tornou-se cada vez mais inflamado, e me senti inteiramente mergulhada em um braseiro. Não sabia se me houveras enfim reconhecido, ou se me desejavas como uma mulher qualquer, como uma estranha. O sangue me subiu ao rosto, e eu respondia alheamente às pessoas que estavam comigo. Notaras sem dúvida quanto teu olhar me perturbava. Com um sinal com a cabeça, imperceptível para os outros, tu me convidaste a ir por um instante ao vestíbulo. Em seguida completaste o teu ato de um modo ostensivo: pediste licença aos teus amigos e saíste, avisando que me esperarias lá fora. Eu não podia mais responder às perguntas que me faziam: achava-me incapacitada de dominar meu sangue em ebulição. O acaso quis que, precisamente nesse

momento, um par de negros começasse uma nova e estranha dança, batendo com os calcanhares e soltando gritos agudos. Todos olhavam para eles. Aproveitei esse instante. Levantei-me, disse ao meu amigo que voltaria logo, e segui-te.

“Fora, esperavas-me no vestíbulo, diante do vestiário. Teu olhar brilhou ao me ver chegar. Correste, sorrindo, para mim. Vi imediatamente que não me reconhecias, que não reconhecias a criança nem a jovem de outrora. De novo, estendendo a mão para me pegares, tu a avançavas para uma mulher encontrada pela primeira vez — para uma desconhecida. ‘Não poderias, um dia, a mim também conceder uma hora?’, perguntaste-me familiarmente. Tu me tomavas por uma dessas mulheres que vende as suas noites. ‘Sim’, respondi. Era o mesmo ‘sim’ trêmulo, natural e consciente com que, há dez anos, a jovem que eu era então te respondera na rua crepuscular. ‘E quando nos poderemos ver?’ ‘Quando quiseres.’ Diante de ti, eu não tinha nenhum pudor. Olhavas-me um tanto admirado, presa deste mesmo espanto, misto de desconfiança e curiosidade, que deixaras transparecer outrora ante a presteza da minha aquiescência. ‘Estás livre agora?’, perguntaste hesitante. ‘Sim’, disse, ‘partamos.’

“Eu quis ir buscar o meu agasalho no vestiário.

“Mas, nesse momento, lembrei-me que o do meu amigo e o meu estavam juntos, sob o mesmo número. Voltar e pedir-lhe, sem justo motivo, não era possível. Por outro lado, abandonar a hora que eu podia passar contigo, essa hora tão ardorosamente desejada há tanto tempo, eu também não queria. E não hesitei um segundo: contente-me em pôr o xale sobre o vestido de baile e saí pela noite brumosa e úmida, sem me ocupar do meu mantô, sem fazer caso do homem bom e afetuoso que me mantinha havia dois anos, do homem que eu cobria de ridículo ante os seus amigos, deixando-o assim — eu era a sua amante — ao primeiro aceno de um estranho. Oh! eu tinha plena consciência, a mais íntima, da baixeza, da ingratidão, da infâmia que cometia com um amigo sincero. Sabia que estava agindo ridiculamente e que, por minha loucura, ofendia para sempre, feria mortalmente um homem cheio de bondade para mim. Tinha a certeza de que arruinava a minha vida; mas que me importava a amizade, que me importava a existência, diante da impaciência em que estava de sentir ainda uma vez o contato dos teus lábios e de ouvir as tuas palavras de ternura? Foi assim que te amei. Já agora posso dizer, pois tudo já passou, tudo está acabado! E eu creio que, se mesmo do meu leito de morte tu me chamasses, eu acharia ainda forças para levantar-me e ir para o teu lado.

“Uma carruagem estava parada na porta do *dancing*; fugimos nela para a tua casa. Ouvi de novo a tua voz, gozei da tua terna companhia: de novo enlevada, cheia da mesma infantil felicidade e confusa como das outras vezes. E em estado de exaltação, subi de novo as escadas que não subia há mais de dez anos. Não, não, eu não te posso dizer, não te posso descrever como, nesses poucos segundos, um duplo sentimento confundia em mim todo o passado com o presente, nem como em meio a tudo isto eu não pensava senão em ti.

“Pouca diferença havia em teu quarto. Alguns quadros a mais, um maior número de livros aqui e acolá, um móvel novo, mas tudo tinha para mim um ar familiar. E sobre a mesa de trabalho estava o vaso de cristal com as rosas, minhas rosas, aquelas que eu te enviara no dia anterior pelo teu aniversário, como recordação de uma mulher que tu esqueceras, mesmo com ela perto de ti, com as suas mãos nas tuas mãos, com os teus lábios nos meus lábios. No entanto, eu me sentia feliz por ver que tu tinhas cuidados com minhas rosas. E dessa maneira reinava, em torno de ti, uma lembrança minha, um perfume do meu amor.

“Tomaste-me em teus braços. Passei novamente uma noite inteira de delícias contigo. Mas nem mesmo na minha nudez tu me reconhecias. Feliz, eu me abandonava às tuas sábias carícias e via que tua virilidade não distinguia entre uma amante e uma mulher que se vende, e que tu te entregavas inteiramente ao teu desejo, com toda a impetuosidade e a prodigalidade que te caracterizavam. Eras tão doce, tão terno comigo, com uma pessoa encontrada num lugar noturno, tão distinto, tão cordial, tão cheio de atenções, e mostravas uma grande paixão na posse da mulher. De novo me inteirei, embebedada ainda pelo velho amor da dualidade única do teu ser. Encontrava na tua sensualidade essa paixão cerebral e lúcida que já fizera da criança a tua escrava. Jamais notara em um homem, em suas carícias, um abandono tão absoluto do momento presente, uma tal efusão e uma tal irradiação das profundezas do ser extinguindo-se depois em um esquecimento infinito e quase desumano.

“Mas eu também olvidava. Quem era eu naquele momento ao teu lado? A ardente garota, a mãe do teu filho, ou a estranha? Ah! tudo era tão familiar, tão chegado a mim, e estava todavia tão palpitante de vida nova nessa noite apaixonada! E eu pedia que ela nunca tivesse fim!

“Chegou, porém, a manhã. Nós nos levantamos tarde. Tu me convidaste para almoçar contigo. Tomamos em seguida chá, que um doméstico servira discretamente na sala de jantar, e ficamos conversando. De novo tu me falaste com toda familiaridade franca e cordial que te é própria, e, de novo, sem me

fazer perguntas indiscretas, sem manifestares curiosidade em relação à minha pessoa, não perguntaste o meu nome, nem meu domicílio. Ainda esta vez eu não era para ti senão uma aventura, uma mulher anônima, a hora do gozo que se volatilizava na fumaça do esquecimento, sem deixar saudades. Tu me disseste que irias fazer uma longa viagem de dois ou três meses pelo norte da África. Tremi no meio de minha felicidade, pois já sentia em meus ouvidos o martelamento dessas palavras: ‘acabado!’ e ‘esquecida!’. Satisfeita, eu me teria lançado aos teus joelhos gritando: ‘Leva-me contigo, porque enfim tu me reconheces, ao fim de tantos anos.’ Mas eu estava tão tímida e tão covarde, tão fraca e tão servil diante de ti... Pude somente dizer: ‘Que pena.’ Pousaste teu olhar sobre mim e me perguntaste: ‘Sentes mesmo alguma tristeza?’

“Nesse momento, fiquei tomada de um repentino enlevo. Olhei-te longamente e respondi: ‘O homem que eu amava está sempre em viagem’, olhando-te dentro dos olhos. ‘Agora, ele me vai reconhecer’, disse comigo, toda trêmula e perturbada. Respondeste com um sorriso e disseste para consolar-me: ‘*On revient toujours.*’

“— Sim — respondi —, volta-se, mas esquecido.

“Devia haver alguma coisa de estranho, alguma coisa de apaixonado na maneira de dizer-te isso, porque tu te levantaste e me olhaste com emoção e muita ternura, e, pegando-me pelos ombros, disse: ‘Não se pode esquecer o que é bom, eu não te esquecerei’, disseste-me mergulhando o teu olhar até o fundo de minha alma. E como eu o senti penetrar, pesquisando, folheando, aspirando o encanto que te impedia de ver. ‘Ele vai me reconhecer, ele vai me reconhecer.’ Minha alma inteira tremia ante esse pensamento.

“Mas não me reconheceste. E em nenhuma outra ocasião te fui mais estranha, pois do contrário não teria feito o que minutos depois me fizeste. Tu me havias beijado ainda outra vez, apaixonadamente. Fui reparar a desordem dos meus cabelos. Enquanto estava diante do espelho — ah! julguei desmaiar de vergonha! — eu te vi, atrás de mim, pondo discretamente em minha bolsa algumas cédulas de grande valor. E como fui forte em dominar-me, em não gritar, em não te esbofetear nesse momento. Eu que te amava desde a minha infância, eu, a mãe do teu filho, a receber teu pagamento por essa noite! Aos teus olhos eu era uma prostituta vulgar, e nada mais. E tu me pagavas, sim, me pagavas! Não foi bastante que me houvesse esquecido — tu me humilhavas.

“Apanhei rapidamente os meus objetos. Queria sair, ir-me embora depressa. Avancei a mão para meu chapéu. Ele estava sobre a mesa ao lado do vaso contendo as rosas brancas, as minhas rosas. Nessa ocasião, uma necessidade,

uma poderosa e irresistível necessidade apoderou-se de mim: tentar ainda despertar a tua memória. ‘Não gostarias de dar-me uma destas rosas brancas?’, disse-te. ‘Com prazer’, respondeste. E imediatamente apanhaste uma delas. ‘Mas quem sabe se foi uma mulher que as ofertou, uma mulher que te ama’, observei. ‘Talvez’, disseste, ‘mas ignoro-o. Elas foram dadas não sei por quem, e é por isso que as amo.’ Olhei-te, e disse: ‘Talvez elas venham de uma mulher que esqueceste.’

“Fixas em mim os olhos com admiração, e eu te olhei fixamente. ‘Reconhece-me, reconhece-me enfim!’, gritava o meu olhar. Mas teus olhos sorriam amigavelmente, sem compreender. Beijaste-me mais uma vez, mas não me reconheceste.

“Dirigi-me rapidamente para a porta. As lágrimas saltavam-me dos olhos e não queria que tu as visses. Na antecâmara, tamanha fora a minha precipitação, quase esbarrei com João, teu empregado. Assustado, ele deu um salto para o lado e abriu a porta rapidamente para deixar-me passar. E como o olhei durante um instante, entendes?, durante este único segundo, com os olhos cheios de água, vi em seus olhos um súbito brilho. No intervalo de um segundo, entendes?, teu velho doméstico reconheceu-me, ele que desde a minha meninice não me vira nunca mais!

“Eu deveria ter-me ajoelhado e beijado as suas mãos. Arranquei depressa da minha bolsa as cédulas com que me aviltaras e as meti na sua mão. Ele tremia, olhando-me com espanto. Nesse segundo ele me compreendeu melhor que tu em toda a tua existência. Todos os homens, todos foram bons comigo, só tu me esqueceste.

*

“Meu filho, nosso filho, está morto. Agora não tenho mais ninguém no mundo, senão tu que nunca me reconheces, tu que passas ao meu lado como se passa à beira de uma poça, tu que passas por cima de mim como por cima de uma pedra, tu que sempre vais, que sempre segues teu caminho deixando-me nessa eterna expectativa. Um dia acreditei possuir-te tendo nessa criança o ser fugitivo que tu és. Ele, porém, teu filho, deixou-me cruelmente durante a noite... para viajar! Esqueceu-me e jamais voltará! Estou só novamente, e mais só do que nunca. Não tenho o meu filho, não tenho uma linha, uma palavra, uma lembrança tua. E se alguém pronunciar meu nome diante de ti, ele não terá significação alguma. Por que não morro, desde que para ti não existo mais? Não, meu bem-amado, eu

já te disse, eu não te acuso. Não quero que minhas lamentações perturbem a alegria de tua casa. Não temas que te aborreça por mais tempo. Eu precisava desabafar neste momento em que meu filho está ali, morto e abandonado. Era preciso que te falasse uma vez, uma vez. Volto para as minhas trevas e torno-me de novo muda, como sempre estive a teu lado. Esse grito, porém, não chegará a ti enquanto eu viver. Só quando eu estiver morta tu receberás este testamento de uma mulher que te amou mais do que as outras, e que jamais reconheceste; da mulher que não cessou de esperar-te e a quem nunca chamaste. Talvez, talvez então me chames, e eu te serei infiel pela primeira vez, pois que, em meu túmulo, não atenderei ao teu apelo. Não te deixo nenhum retrato nem prova alguma de identidade, assim como tu, que nada me deixaste. Jamais me reconhecerás, jamais. Era o meu destino na vida. Que seja o mesmo na morte. Não te quero chamar na derradeira hora; vou-me embora sem que conheças o meu nome nem o meu rosto. Morro sem pesar, porque, de longe, tu não sofrerás. Se sofresses com a minha morte, eu não morreria.

“Não, não posso mais continuar a escrever... tenho a cabeça tão pesada... sinto tão profundo mal-estar, e estou com febre! Creio que vou ser obrigada a ir para o meu leito de morte. Talvez isto acabe já... talvez o destino me seja clemente e eu não assista levarem o meu filho... Não posso escrever mais. Adeus, meu bem-amado, adeus! Eu te agradeço. Tudo foi bem como foi, apesar de tudo... Até o meu último suspiro eu te agradecerei... Eu me sinto aliviada. Disse-te tudo. Sabes de tudo agora. Não, tu conjeturas somente — quanto te amei, e isso não te trará nenhum prejuízo. Não te farei falta, e isto consola-me! Não haverá transtorno algum em tua vida magnífica e luminosa... Minha morte não te causará nenhum pesar. E esse é o meu consolo, meu bem-amado.

“Mas, quem... quem agora, cada ano, pelo teu aniversário, te enviará as rosas brancas? Ah! o vaso azul ficará vazio. E nem sequer uma vez no ano vagara em torno de ti essa pobre lembrança do meu ser. Escuta, meu bem-amado: eu te peço... é o primeiro e último pedido que te faço: a cada aniversário teu — é um dia do qual, naturalmente, a gente se lembra — procura tu mesmo as rosas e põe-nas no vaso. Faze isto, faze-o como os outros, uma vez no ano, mandam rezar missa por seus caros defuntos. Eu não creio mais em Deus — não quero missas. Somente creio em ti, só amo a ti, e não quero viver senão em ti...

“Oh! faze-o uma só vez no ano, e muito silenciosamente, como eu tenho vivido ao teu lado. Eu te imploro, faze o que te peço, meu bem-amado. É o primeiro pedido que te faço. E é também o último!... Eu te agradeço... amo-te... amo-te! Adeus!”

*

As trêmulas mãos do escritor soltaram a carta. Depois ele refletiu longamente. De forma confusa, lhe vinha à lembrança a ligeira recordação de uma menina da vizinhança e de uma moça, de uma rapariga encontrada em uma casa noturna, mas essa recordação era vaga e indistinta, como uma pedra que brilha e treme no fundo da água sem que se possa distinguir a sua forma. Os espectros, em seu espírito, avançavam e recuavam, sem constituírem uma imagem nítida. Ele procurava recordar-se, mas nada se tornava claro. Parecia-lhe haver sonhado com todas essas imagens, sonhado muitas vezes e profundamente — mas somente sonhado. Seu olhar pousou então sobre o vaso de cristal que se achava diante dele sobre a mesa de trabalho. Estava vazio pela primeira vez no dia do seu aniversário. Ele teve um estremecimento de pavor. Foi para ele como se de repente se houvesse aberto uma porta invisível e uma corrente de ar gelado, saída de um túmulo, tivesse penetrado a quietude de seu quarto. Sentiu que alguém acabara de morrer, levando consigo um amor imortal. No íntimo da sua alma, alguma coisa se espargia, e ele pensou na amante invisível, tão imaterial e tão apaixonadamente, como em uma longínqua harmonia.

A RUAZINHA AO LUAR

O navio, retardado pela tempestade, não pudera ancorar senão muito tarde, à noite, no pequeno porto francês, e o trem noturno que nos deveria conduzir à Alemanha já havia partido.

Só me restava pois passar um dia ao léu nesse lugar estranho, sem outra atração além de uma melancólica “música de senhoras” em um concerto ou a conversação monótona dos companheiros de viagem.

A atmosfera da pequena sala de jantar do hotel, fedendo a óleo e cheia de fumaça, pareceu-me intolerável, e esse imundo ambiente era-me ainda mais antipático por guardarem os meus lábios a frescura salina do ar puro do mar. Saí, pois, seguindo à toa a larga rua iluminada, até uma praça onde tocava uma banda municipal e misturei-me na despreocupada onda dos que passeavam.

A princípio me fez bem estar rodando nessa corrente de homens de costumes provincianos e absolutamente desconhecidos. Mas logo me enfadei de ver esse contínuo passar de estrangeiros, com suas gargalhadas sem motivo, seus olhos a me olharem admirados, com um ar estranho e ridicularizador. Sentia-me arrebatado desses contatos que, sem que o pareçam, me impelem sempre para a frente, e desse incessante palmilhar da multidão.

A travessia fora movimentada, e em meu sangue borbulhava ainda uma sensação de atordoamento e de doce embriaguez, e sentia continuamente sob os meus pés o deslizar e o balanço do navio. O solo parecia mover-se como um peito que suspira, e a rua tinha o ar de querer subir ao céu.

Comecei a sentir uma espécie de vertigem com esse barulho e esse torvelinho, e para fugir deles enveredei, sem olhar-lhe o nome, por uma rua lateral e depois por outra rua menor, ouvindo cada vez menos o tumulto insensato. Em seguida, continuei meu caminho no labirinto dessas ruas que se ramificavam como veias e que se tornavam escuras à medida que eu me afastava da praça principal. Os grandes arcos de lâmpadas elétricas — essas luas dos bulevares — não brilham aqui. Só havia nelas, além da parca iluminação, a branca luz das estrelas.

Devia estar perto do porto, no quarteirão dos marinheiros, pelo cheiro de peixe podre e pela exalação enjoativa dos sargãos e da decomposição das algas

deixadas pelo fluxo das águas. Impera esse particular fedor de cheiros corrompidos e de quartos sem ventilação que persiste até que a grande tempestade traga o vento purificador.

Essa obscuridade era-me agradável, como o era essa solidão. Diminuí o passo, observando agora viela por viela, cada qual diferente da outra. Esta era calma, a outra simpática, mas todas estavam sombrias e com um ruído abafado de música e de vozes vindo do invisível, do seio de suas adegas, tão secretamente que só se lhe adivinhava a sua fonte subterrânea. Pois todas as casas estavam fechadas e nelas brilhava apenas uma luz, ou vermelha ou amarela.

Gosto dessas ruazinhas das cidades desconhecidas. Desse mercado impuro de todas as paixões. Desse amontoado clandestino de todas as seduções para os marinheiros, cansados de suas noites solitárias pelos mares longínquos e perigosos, que vêm aqui satisfazer em uma hora a sensualidade extraordinária de seus sonhos.

É necessária a existência dessas ruelas no *bas-fond* das grandes cidades, porque essas ruazinhas comunicam com ousadia o que casas claras de vidraças brilhantes escondem sob mil máscaras. Nessas ruazinhas a música ressoa e convida a entrar em suas pensões de mulheres. Os cinemas, com seus anúncios, prometem esplendores impossíveis. Lanternas quadradas, pequeninas, escondidas sob as portas, confidencialmente dirigem um franco convite. Pelas frestas das portas, fulgura a carne nua sob andrajos dourados.

Nos cafés retumbam as vozes dos bêbados e é grande a algazarra das discussões entre jogadores.

Os marinheiros alegram-se quando se encontram nesses lugares. Seus taciturnos olhares animam-se cheios de promessas, pois aqui tudo se encontra: mulheres e jogos, embriaguez e espetáculos, a alta e a baixa aventura.

Tudo porém está escondido. Tudo isso é fechado secretamente por trás dos postigos hipocritamente abaixados. Tudo isso só se passa no interior, e essa aparente reserva é duplamente excitante pela sedução do mistério e facilidade do ingresso.

Essas ruas são iguais em Hamburgo e em Colombo, como em Havana. São iguais por toda a parte, como o são também as grandes avenidas onde reside o luxo, pois os cumes e as sarjetas da vida são os mesmos no mundo inteiro. Essas ruas incivis, entristecedoras pelo que revelam, atraentes pelo que escondem, são os derradeiros restos fantásticos de um mundo desregrado, onde os instintos se desencadeiam brutalmente e sem freios, florestas sombrias de paixões, mercados de bestas selvagens.

Foi numa dessas ruas que me senti aprisionado.

Seguira ao acaso dois soldados cujos sabres retiniam no mau calçamento.

Em um bar as mulheres os chamaram. Eles riam e lhes diziam pilhérias pesadas. Um deles bateu em uma janela, mas uma voz vomitou uns insultos, e eles continuaram sua marcha.

A rua ficou muda novamente. Algumas janelas piscavam vagamente ao velado brilho de uma luz descorada.

Parei e fiquei gozando esse silêncio que me parecia estranho, pois antes tudo eram volúpias e perigos.

Vi claramente que essa solidão era enganadora e que sob os vapores dessa ruela mal se encobria toda a corrupção do mundo. Mas fiquei lá, imóvel, olhando o vácuo. Não tinha mais a sensação de estar nessa cidade, nem nessa rua, não sabia mais nem o seu nome nem o meu. Sentia somente que era um estranho, maravilhosamente perdido no desconhecido, que não tinha uma missão nem relação alguma com esse ambiente. E contudo gozava toda essa vida obscura em torno de mim.

Nada do que se passava lá era para mim, e eu experimentava a sensação de que tudo me pertencia, e o beatífico sentimento de viver a mais profunda e verdadeira vida no meio de coisas estranhas, esse sentimento que faz parte das vivas fontes do meu ser interior, e que me prende como uma volúpia.

Eis que de repente, enquanto eu estava à espreita na rua deserta, na expectativa de um acontecimento — de alguma coisa que me tirasse desse estado sonambúlico de contemplação —, ouvi reboar, como que abafado pela distância ou por um muro, um canto alemão, grosseiramente cantado. Era a cantiga “Freischütz”: “Oh, bela coroa verde das virgens.”

Era uma voz de mulher que cantava, muito mal é verdade, mas era para mim uma cantiga alemã, alguma coisa de alemão em um recanto estrangeiro, e eis por que eu achava que essa cantiga possuía um tom singularmente fraternal! Não importa de onde vinha, era para mim uma saudação, a primeira palavra que, depois de semanas, me fazia lembrar o meu país.

Quem, perguntei a mim mesmo, fala, aqui, a minha língua?

Que pessoa se sente levada por uma recordação interior a fazer ouvir, nesta rua depravada, esta pobre cantiga?

Procurava descobrir de onde vinha a voz, pesquisando uma a uma as casas meio sonolentas, com seus postigos fechados, atrás dos quais, perfidamente, piscava uma luz e algumas vezes se via o velado sinal de uma mão.

As fachadas estavam cheias de inscrições espalhafatosas, anúncios exagerados, e as palavras chope, uísque e cerveja indicavam aqui um bar clandestino, mas tudo estava afastando e ao mesmo tempo convidando o transeunte. E sempre que, embora longe, na rua, ressoavam alguns passos, a voz elevava-se de novo, essa voz que agora lançava mais sonoro o estribilho. Já sabia a casa de onde vinha o canto. Hesitei um momento — depois avancei para a porta interior, dissimulada por uma cortina branca.

E vi, aí penetrando, repentinamente surgir alguma coisa viva na sombra do corredor. Uma silhueta, que positivamente lá estava à espera de alguém, ficou tremendo de medo.

O rosto banhado pela luz vermelha da lanterna suspensa por cima dele estava, contudo, pálido de medo. Um homem encarou-me fixamente com os olhos espantados. Murmurou uma espécie de desculpa e desapareceu na penumbra da rua. Esquisita maneira de saudar! Olhei em sua direção: na fugitiva sombra da rua, ele me parecia estar correndo. No interior da casa reboava ainda a mesma voz, e mais límpida. Atraído por ela, levantei o ferrolho da outra porta e entrei.

A cantiga parou como cortada por um cutelo. E senti, imbecilmente, um vácuo em torno de mim. E o mutismo e a hostilidade, como se houvesse quebrado alguma coisa.

Pouco a pouco, no entanto, meu olhar descobriu o que havia nessa sala que estava quase vazia: um balcão e uma mesa. E uma porção de portas entreabertas dando para pequenos quartos mal iluminados e com largos leitos, revelando a verdadeira serventia.

Adiante, apoiando-se com os cotovelos na mesa, uma mulher, arrebicada e cansada. Atrás, no balcão, a patroa corpulenta e suja, com uma outra rapariga que não era feia. Meu cumprimento caiu pesadamente e não foi senão tardiamente que uma voz aborrecida respondeu. Sentia-me mal nessa solidão, nesse silêncio tão grande, e de boa vontade sairia imediatamente. Em meu embaraço, não encontrei pretexto algum, e, assim, tomei com resignação um lugar à mesa.

A moça, lembrando-se dos seus deveres, perguntou-me o que desejava beber. Pela dureza do seu francês, reconheci logo que era uma alemã.

Pedi um copo de cerveja. Ela foi buscá-lo e voltou com um andar mole que atestava a sua indiferença, ainda maior que a apatia de seus olhos preguiçosamente adormecidos entre as pálpebras, como luzes que estão se extinguindo. Maquinalmente, conforme é costume nesses antros, ela colocou ao meu lado um outro copo para ela.

Quando bebeu à minha saúde, lançou um vago olhar sobre mim. E eu pude contemplá-la. Seu rosto era, sinceramente, de traços regulares e ainda bonito, mas, como por uma debilidade interior, tornara-se vulgar e semelhante a uma máscara. Sem mímica, as pálpebras pesadas e os cabelos despenteados. As faces, manchadas e maquiadas com pintura de má qualidade, começavam a amolecer e cair em largas dobras sobre a boca.

O vestido estava posto com negligência.

A voz, enrouquecida pelo fumo e pela cerveja. Em tudo isso eu adivinhava um ser fatigado, não vivendo senão pelo hábito e mecanicamente. Com uma timidez mesclada de horror, fiz-lhe uma pergunta. Ela respondeu sem olhar-me, com um tom indiferente e apático, sem quase mover os lábios.

Eu experimentava a sensação de estar sendo importuno.

A patroa bocejava. A outra rapariga estava sentada em um canto e olhava-me como se estivesse à espera de que eu a chamasse. Eu gostaria de ir-me embora, mas sentia-me atordoado. Estava ali, nessa atmosfera perturbada e saturada, irresoluto e entorpecido como o são os marinheiros, acorrentados pela curiosidade e pelo desgosto.

Tremi de repente, assustado por uma violenta explosão de riso ao meu lado. E ao mesmo tempo a chama da lâmpada vacilou diante de uma corrente de ar. Compreendi que alguém abrisse a porta atrás de mim.

— Você ainda? — chasqueou brutalmente, em alemão, a voz da mulher a meu lado. — Rasteja ainda em volta da casa, grande pateta? Vamos, entra logo, não te farei nada.

Voltei-me primeiro para a mulher que vociferava esse insulto, e depois para a porta.

E reconheci a silhueta vacilante, reconheci o olhar cheio de humildade do homem que estivera antes colado à porta. Conservava, perturbado, o chapéu na mão, como um pedinte, e tremia com as risadas, que de repente pareciam agitar como uma crise epiléptica o pesado perfil da mulher, enquanto do balcão a patroa fazia eco com risadinhas.

— Sente-se com a francesa — ordenou ela ao pobre-diabo, quando com passo temeroso e deslizante ele se aproximava. — Eu estou aqui com um senhor.

Ela lhe gritou isso em alemão. A patroa e a outra rapariga riram-se às gargalhadas, ainda que nada compreendendo, mas reconhecendo decerto o recém-chegado.

— Dá-lhe champanha, francesa, da mais cara, uma garrafa — gritou ela rindo, para a sua camarada.

E depois para ele, ironicamente:

— Se acha caro dá o fora, miserável avarento. Você quer me vir ver de graça, eu sei. Quer tudo grátis!

A esguia silhueta pareceu partir-se em duas. As costas do homem arredondaram-se como uma bola; a sua mão tremeu quando ele agarrou a garrafa e, servindo-se, derramou o vinho na mesa. Seu olhar, que sempre parecia querer elevar-se até o rosto da mulher, não podia deixar o chão e voltava-se para o ladrilho.

Foi então que vi distintamente, pela primeira vez, sob a lâmpada, o seu rosto arruinado, emaciado e pálido, os cabelos untuosos e raros no crânio ossudo, as articulações distendidas e como quebradas — uma miséria de homem, sem nenhuma força e não obstante com um ar de maldade.

Tudo nele era oblíquo, curvado e abatido, e seus olhos, que enfim conseguiu levantar uma vez, mas que se abaixaram imediatamente com pavor, eram cheios de uma luz malévola.

— Não se preocupe com ele — disse-me a mulher autoritariamente, exprimindo-se em francês, e segurou-me violentamente o braço. — É uma velha história entre mim e ele, isto não é de hoje.

E, de novo, com os alvos dentes à mostra como para morder, ela lhe gritou:

— Olha, escuta, velho tratante. Gostaria de saber o que eu disse? Disse que me lançaria ao mar antes de seguir contigo.

De novo a patroa e a outra puseram-se a rir forte e estupidamente.

Parecia que isso era para elas um habitual divertimento, uma recreação cotidiana. E eu fiquei desgostoso por ver a outra mulher, com uma falsa ternura, encostar-se a ele e pôr-se a fazer carícias que lhe provocavam *frissons*, sem ele ter a coragem de repeli-las. Tomei-me de horror quando seu olhar hesitante, cheio de temor, embuçado e humildemente, encontrou o meu. Estremeci vendo a mulher que estava a meu lado, subitamente saída da sua blandícia, soltando lampejos de raiva. Atirei o dinheiro sobre a mesa e quis sair. Ela, porém, não consentiu.

— Se ele te incomoda, esse cachorro, eu o ponho para fora. Ele está aí para obedecer. Vamos! Bebe um copo comigo.

Aproximou-se então de mim, com uma espécie de ternura violenta e fanática que, eu o vi logo, não era senão afetação a fim de torturar o outro. A cada um dos seus movimentos, ela o olhava de soslaio, e era um sofrimento para mim ver como, a cada movimento seu, o pobre homem se agitava, como se fosse um colérico. Era somente para ele que eu olhava e tremia agora, sentindo ferver nele

uma cólera furiosa, uma inveja e um desejo apaixonados, que desapareciam assim que ela voltava a cabeça para ele. No momento ela estava muito perto de mim e eu tocava o seu corpo, que vibrava na perversa alegria dessa tortura. Seu rosto grosseiro, que cheirava a pó de arroz barato, e o odor de sua carne apodrecida horrorizavam-me.

Para afastá-la do meu rosto, tirei um cigarro, e enquanto meu olhar percorria a mesa procurando um fósforo, ela ordenou brutalmente ao homem:

— Traga fogo.

Fiquei ainda mais incomodado como o tal sujeito diante dessa grosseira pretensão de ser servido por ele, e esforcei-me por achar logo o fogo eu mesmo.

Mas, já estimulado pelas palavras, que tinham tido sobre ele o efeito de uma chicotada, avançou com passos oblíquos, as pernas trêmulas, e pôs o isqueiro rapidamente sobre a mesa, como se corresse o perigo de queimar-se ao seu contato.

Durante um segundo cruzei o seu olhar: lia-se nele uma vergonha indescritível e uma raiva espumante. Esse olhar escravizado comoveu em mim o homem, o irmão. Vi nele a degradação pela mulher e dividi com ele o seu opróbrio.

— Muito obrigado — disse-lhe em alemão, o que o fez estremecer. — Não era preciso se incomodar.

E estendi-lhe a mão. Ele teve uma longa hesitação. Depois tive o contato de dedos úmidos e ossudos, e senti convulsivamente uma rápida pressão, como de agradecimento. Por um momento os seus olhos brilharam ao me olhar. Em seguida submergiram nas flácidas pálpebras. Por provocação, queria convidá-lo para tomar lugar entre nós, e sem dúvida o gesto do convite já havia sido feito por minha mão, porque ela se apressou em dizer-lhe autoritariamente:

— Volte a sentar-se lá e não nos incomode.

Que eram para mim esta taverna enfumaçada, esta prostituta repugnante, este imbecil, esta atmosfera de cerveja, de fumo e de mau cheiro?

Faltava-me o ar. Atirei um pouco de dinheiro à mulher, levantei-me e recuei energicamente quando ela, dengosa, se aproximou de mim.

Estava envergonhado de participar desse aviltamento de um homem e fiz compreender claramente, pela firmeza do meu recuo, quão pouco poder ela tinha sobre os meus sentidos.

Então o seu sangue ferveu de ódio. Uma prega formou-se ao redor de sua boca; porém ela se absteve de pronunciar a palavra que pensou. Com um ar de raiva não dissimulada, voltou-se para ele, que, esperando pela desgraça, apressou-se,

como que aterrorizado pela ameaça, a meter a mão trêmula no bolso e a tirar dele uma bolsa.

Ele tinha medo de ficar agora só com ela, e em sua precipitação não conseguia desmanchar os nós da bolsa. Era uma bolsa de malha, guarneci da de contas de vidro, como as que usam os camponeses e a plebe. Via-se perfeitamente que ele não estava acostumado a dar o seu dinheiro com facilidade e rapidez, como os marinheiros que, num vibrar de mão, tiram-no dos bolsos e fazem-no soar jogando-o sobre as mesas. Era evidente que ele tinha o costume de contá-lo cuidadosamente e tomando o peso das moedas entre os dedos.

— Como ele adora as suas moedas! Isto vem ou não vem? — disse ela ironicamente, avançando um passo.

Ele recuou amedrontado, e ela, notando o seu receio, disse-lhe dando de ombros e olhando-o com nojo:

— Não tomarei nada de você. Cuspo sobre o seu dinheiro. Sei bem que andam contadas as suas moedinhas e nem uma só se deve perder neste mundo. Mas principalmente — e nessa ocasião deu-lhe umas pancadinhas no peito — as cedulazinhas que você tem aí costuradas, para que ninguém as roube!

E efetivamente, como um cardíaco que de repente tem uma crise, pôs a mão no peito, pálido e hesitante, levou os dedos a um certo lugar de suas vestes e, involuntariamente, aí apalpam o ninho secreto e depois desceram tranquilamente.

— Pão-duro! — disse ela cusbindo.

Mas eis que, repentinamente, um rubor passou sobre o rosto do pobre martirizado, e ele atirou violentamente a bolsa à outra mulher, que soltou um grito de susto e depois desatou a rir, enquanto ele passava diante dela correndo em direção à porta para sair de lá como quem foge de um incêndio.

Durante um momento, ela ficou ainda em pé, os olhos brilhando de furor e de maldade. Depois as suas pálpebras desceram flacidamente, o tônus de seus músculos foi cedendo lugar ao esgotamento. Em um minuto ela pareceu haver envelhecido e estar cheia de cansaço. Alguma coisa de incerto e vago amortecera a agudeza do olhar que ela me lançou. Ela parecia um bêbado que acorda, sentindo obscuramente um sentimento de vergonha.

— Ele vai verter fingidas lágrimas por seu dinheiro, talvez correr à polícia, queixar-se de que nós o roubamos. E amanhã estará de novo aqui, mas ele não me terá mais. Serei de todos, menos dele!

Foi ao balcão, atirou sobre ele as moedas de prata, e de um trago engoliu um copo de aguardente. Um clarão de maldade reacendeu-se em seus olhos, mas

como turvado pelas lágrimas de raiva e vergonha.

O aborrecimento que ela me causara foi o obstáculo à minha piedade.

— Boa noite — disse eu em alemão, e saí.

Ela não se voltou, limitando-se a rir estrondosa e ironicamente.

A rua estava cheia de sombras, e o céu de uma obscuridade compacta e pesada, com a claridade da lua infinitamente longe através das nuvens. Avidamente, aspirei esse ar morno e entretanto vivificador. O horror que eu experimentara foi substituído por uma grande comoção, ao pensar na variedade dos destinos, e cheguei novamente à conclusão de que atrás de cada vidraça está um destino à espreita; cada porta se abre ante qualquer acontecimento humano; por toda parte está patente a diversidade do mundo, e mesmo no canto mais ignóbil pode existir uma pululação de vida intensa, da mesma maneira que sobre a podridão reluz o brilho dos escaravelhos.

O que aquela cena tivera de repugnante já estava esquecido e a tensão que eu experimentara terminava agora em uma doce e feliz lassidão, aspirando metamorfosear essa cena em um sonho idealizado.

Involuntariamente, meu olhar perscrutador andou em volta de mim, para achar, através dessa desordem de ruelas tortuosas, o caminho de volta. E eis que — ela devia ter-se aproximado de mim muito docemente — uma sombra surgiu ao meu lado.

— Desculpe-me — e eu reconheci logo a humilde voz —, mas creio que não está bem orientado. Poderei... indicar-lhe o caminho? Onde reside?...

Disse o nome do hotel.

— Eu o acompanharei... se o permitir — ajuntou em seguida.

O medo assaltou-me. Esse passo deslizante e como que spectral a meu lado, quase imperceptível e tão perto de mim, a obscuridade da rua dos marinheiros e a recordação do que acabara de assistir fizeram-me ficar tomado de um sentimento letárgico e confuso. Sentia, sem os ver, o quanto os olhos desse homem se faziam humildes e notava o tremor dos seus lábios. Sabia que ele queria conversar comigo, mas eu nada fazia para ajudá-lo ou para impedi-lo, tanto se aproximava da letargia o estado em que me achava e em que a curiosidade do coração e o entorpecimento corporal se misturavam e o dominavam alternadamente.

Ele tossiu diversas vezes.

Percebi o esforço inútil que ele fazia para falar, mas eu não sabia que crueldade se passara, misteriosamente, daquela mulher para mim, e divertia-me vendo

lutarem assim, nele, a vergonha e a miséria moral. Em lugar de facilitar a coisa, deixava pesar sobre nós um silêncio negro e grave.

E os nossos passos retiniam nas calçadas. O dele arrastando-se docemente como o de um velho, o meu intencionalmente firme e rápido para sair desse lugar sujo — ambos mesclando-se em um eco confuso.

Sentia a tensão cada vez maior que havia entre nós dois. Esse silêncio violento e cheio de gritos interiores era como uma corda de violino esticada a ponto de romper-se.

Enfim, com as palavras a princípio hesitantes de terror, ele começou...

— O, o... senhor... assistiu a uma estranha cena. Perdoe-me... perdoe-me se eu a recordo... ela porém deve-lhe ter parecido singular... e eu muito ridículo... Essa mulher... é, com efeito...

Parou. Alguma coisa apertava-lhe a garganta, como se quisesse estrangulá-lo. Depois sua voz baixou ainda mais de timbre e ele murmurou:

— Essa mulher... é, com efeito, minha esposa.

Eu devo ter estremecido de espanto, pois ele retomou a palavra como para desculpar-se:

— Isto é... era minha mulher... há cinco anos... em Geratzheim, lá em Hesse, onde tenho minha família... Não quero, senhor, que pense mal dela. É minha a culpa se ela está assim... ela não foi sempre assim... Persegui-a. Tomei-a, embora ela fosse pobre. Ela não tinha roupa... nada... absolutamente nada... e eu... eu sou rico... isto é, estou bem... não rico... ou, pelo menos, eu o era outrora... e, saiba, senhor... era talvez, ela tem razão, econômico... mas outrora, senhor, antes da infelicidade, e eu me maldigo disso. Mas meu pai era assim, e minha mãe. Todos eram assim. Além do mais, cada centímo custara-me duro esforço. Quanto a ela, frívola, amava as coisas belas, embora pobre. Contrariei-a sempre. Não deveria tê-lo feito, reconheço-o agora, senhor, porque ela era ativa, muito ativa. Não acredite que ela seja realmente o que aparenta... é uma mentira e ela prejudica a si própria, simplesmente para torturar-me e... porque... porque ela tem vergonha. Talvez ela tenha se tornado má, mas eu não acredito... porque, senhor, ela era muito boa, muito boa.

Enxugou os olhos e parou fortemente emocionado.

Olhei-o e ele não me pareceu tão ridículo, e não percebi mais a expressão singular e servil que ele empregava, deste “meu senhor” que, na Alemanha, é particular das classes baixas.

Seu rosto estava fatigado pelo esforço interior que ele fazia para falar, e seu olhar, agora que ele tornara mais firme sua marcha vacilante, estava fixado no

calçamento, como se ele decifrasse penosamente aí, à luz amortecida, o que saía tão dolorosamente de sua garganta tão convulsamente apertada.

— Sim, senhor — disse ele então, respirando profundamente, com uma voz sombria, bem diferente, que parecia vir de uma região menos dura do seu íntimo. Ela era boníssima, e a mim era muito grata por tê-la tirado da miséria... eu sabia perfeitamente que ela era grata... mas eu... queria que ela me repetisse... sempre de novo... constantemente... Fazia-me bem ouvir agradecer...

“Senhor, era tão bom, tão agradável crer... crer que somos o melhor, quando... quando somos o pior de todos... Teria dado todo o meu dinheiro para ouvi-la repetir-me sem cessar esse agradecimento... Foi por isso... somente por isso... senhor, que eu me fazia sempre rogar... que eu nada lhe dava espontaneamente... Era feliz em vê-la obrigada, por um vestido, por uma fita, a vir procurar-me e implorar como uma mendiga... Durante três anos, eu a torturei cada vez mais. Mas, senhor, era somente porque eu a amava... Seu orgulho ferido causava-me prazer, e por isso desejava sempre humilhá-la, ou, insensato, quando ela queria alguma coisa, eu me zangava. Mas, senhor, verdadeiramente eu não sabia quanto a amava...”

Ele parou mais uma vez... E em seguida pôs-se a andar de maneira trôpega. Positivamente, ele se esquecera de mim. E falava maquinalmente, como em um sonho, com a voz cada vez mais alta.

— Isto... eu o soube unicamente quando... nesse dia maldito... Eu lhe havia recusado dinheiro para sua mãe, muito pouco, uma ninharia... isto é, eu já o havia separado, mas desejava que ela me pedisse mais uma vez... ainda uma vez me suplicasse... sim, que dizia eu?

“Sim, eu soube então, quando cheguei à noite em casa, que ela partira e que havia um pedaço de papel em cima da mesa... ‘Guarde seu maldito dinheiro, não quero mais nada de você’... E era só o que estava escrito...

“Fiquei como um louco, durante três dias e três noites. Fiz esquadrinhar o rio e a floresta; paguei centenas de marcos à polícia. Fui à casa de todos os vizinhos, mas eles nada sabiam informar e troçavam de mim... Nada, não se achava nada... Por fim, alguém me trouxe uma notícia da cidade vizinha... haviam-na visto... no trem, com um soldado... ela fora para Berlim...

“No mesmo dia, parti à sua procura... abandonei meus afazeres, perdi milhares de marcos e roubaram-me, meus criados, meu gerente, tudo. Mas, eu vos juro, isso me era indiferente.

“Fiquei em Berlim. Foi preciso uma semana para que a descobrisse nesse turbilhão de homens... e fui ter com ela...”

Respirou profundamente.

— Ela ficou pálida como a morte quando entrei subitamente.

“Eu havia pagado a dona da casa em que ela estava, uma alcoviteira, uma mulher ruim, ignóbil...

“Juro-vos, senhor, não lhe disse uma palavra áspera... Chorei. Pus-me de joelhos. Ofereci-lhe dinheiro, toda a minha fortuna seria administrada por ela, porque, tinha certeza disso, eu não podia viver sem ela. Amo os fios do seu cabelo, sua boca, seu corpo, tudo, tudo... e fui eu, eu que a joguei nesse abismo, somente eu...

“Ela estava encostada à parede, branca como a cal, e escutava-me.

“Acreditei que ela ficara... sim... quase alegre de ver-me... Quando, porém, lhe falei em dinheiro... não o deveria ter feito, ela se pôs a escarrar, e depois, porque eu não queria ir embora, ela chamou o seu amante e ambos zombaram de mim...

“Todos os dias eu voltava. As moradoras contaram-me tudo... Soube que o canalha a abandonara e que ela estava passando necessidade e então fui novamente a ela... ainda uma vez, senhor. Ela, porém, me maltratou e rasgou um cheque que eu pusera furtivamente sobre a mesa, e quando eu aí voltei ela havia partido...

“Que não fiz, para encontrá-la?

“Durante um ano, juro, não vivi. Não fiz senão procurá-la. Paguei agentes até o momento em que soube que ela estava na Argentina... em... em um mau lugar...”

Hesitou um instante. A última palavra foi como um sopro. E sua voz tornou-se mais sombria.

— Fiquei desesperado no momento... mas depois refleti que fora unicamente eu que a jogara lá... e pensava quanto ela deveria sofrer, a pobrezinha... porque é sobremodo altiva... Procurei o meu advogado, que escreveu ao cônsul e enviou dinheiro... sem dizer quem o dava, pedindo-lhe somente para voltar...

“Telegrafaram-me que tudo corra bem. Soube o nome do navio e fui esperá-la em Amsterdã.

“Cheguei três dias antes. Queimava de impaciência... Enfim, a hora chegou. Alegrei-me enormemente em ver no horizonte a fumaça do navio, e pensei que não poderia aguardar que lançasse as âncoras e atracasse... tão lentamente, tão lentamente... E assim que os passageiros começaram a descer eu a vi... Não a reconheci imediatamente... ela estava diferente... enfeitada... e já assim... assim como a viu. E quando ela me notou, empalideceu... Dois marinheiros a sustentaram; do contrário, ela cairia da escada... Assim que desceu eu me coloquei a seu lado... não lhe disse uma palavra... tinha a garganta trancada. Ela

também nada dizia... e tampouco me olhava... Um carregador em nossa frente levava a bagagem, e nós andávamos, andávamos... De repente, ela parou e disse... (Oh! como pronunciou estas palavras! Isso fez-me um mal cruelíssimo, tão triste era a sua voz...):

“— Queres-me ainda para tua mulher, mesmo agora?

“Tomei-lhe a mão... Ela tremeu, mas não disse mais nada. No entanto, parecia-me que tudo estava reparado... Como eu era feliz! Dancei em torno dela como uma criança, quando chegamos em meu aposento. Caí aos seus pés... Disse-lhe com certeza coisas... porque ela sorria banhada em lágrimas e acariciava-me... muito timidamente, como era natural...

“Mas, senhor, como isso me fazia bem! Meu coração desmanchou-se em lágrimas. Subi e desci as escadas correndo, e encomendei um jantar no hotel... Nosso jantar de núpcias!... Ajudei-a a vestir-se, comemos e bebemos e sentimo-nos felizes. Ela estava tão contente como uma criança, tão carinhosa e tão boa, e falava em nossa casa... e da maneira como agora nós íamos pôr tudo em ordem... Então!...”

Sua voz tornou-se rouca, repentinamente, e ele fez um gesto com a mão, como se quisesse espancar alguém.

— ... Então havia lá um empregado... um mau sujeito, um miserável... que pensou que eu estivesse bêbado, porque eu estava louco de alegria e dançava e contorcia-me de tanto rir... embora na realidade fosse somente a alegria que me fazia agir assim... Oh! eu estava tão contente! E eis que... quando eu paguei a despesa ele me deu vinte francos a menos de troco. Injuriei-o e reclamei o resto. Ele ficou embaraçado e pousou sobre a mesa a moeda de ouro... Ela começou a rir às gargalhadas... Olhei-a fixamente... O seu rosto estava mudado... tornara-se de repente irônico, duro, mau...

“— Como você é sempre parcimonioso... mesmo no dia das nossas núpcias — disse friamente com um tom cortante, e com... com muita pena...

“Estremeci e maldisse a minha meticulosidade. Esforcei-me por fazê-la de novo alegre, mas a sua alegria morreria. Ela pediu um quarto separado... Que lhe poderia negar? E passei a noite sozinho sonhando com o que lhe comprar no dia seguinte... no presente que lhe compraria para mostrar-lhe que não era avarento... No dia seguinte pela manhã, saí muito cedo, e, quando entrei em seu quarto... ele estava... estava vazio... como da primeira vez. E eu sabia que sobre a mesa haveria um pedaço de papel... Avancei correndo, pedindo a Deus que isso não fosse verdade... mas... mas... lá estava o papel...”

Hesitou de novo... Involuntariamente, eu parara e olhava-o. Ele baixou a cabeça. Depois murmurou:

— E estava escrito nele: “Deixe-me em paz. Você me repugna.”

Havíamos chegado ao porto e ouvimos a atoadora respiração do mar muito próximo. Com os olhos brilhando como grandes animais magros, lá estavam os navios, uns longe e outros perto. E ouvia-se alguém cantando.

Nada se distinguia bem. Via-se, no entanto, ali uma multidão de coisas; que tudo estava envolvido em um vasto sono, e como que em um sonho pesado a grande cidade. Ao meu lado percebi a presença da sombra desse homem. Ele tiritava fantasticamente aos meus pés, ora como se desmanchando, ora retorcendo-se, à tremulante luz das lanternas turvas. Eu nada podia dizer, nenhuma palavra de consolo, nenhuma pergunta. Seu silêncio prendia-se a mim, pesando e oprimindo. De repente, ele segurou o meu braço, tremendo.

— Mas eu não me irei daqui sem ela. Depois de longos meses eu a encontrei... Ela me martiriza, mas não a deixarei... Peça-lhe, senhor, fale com ela... É preciso que ela volte para mim, diga-lhe... A mim ela não escuta... Não posso mais viver assim... Não posso mais ver os homens com ela... e esperar fora, diante da casa, até que eles saiam... bêbados e alegres... Toda a rua já me conhece... Riem quando eu passo... e me veem esperando... Isso me deixa louco, e, no entanto, cada dia eu volto lá... Senhor, eu lhe peço... fale-lhe... Ainda que eu não o conheça, faça-o pelo amor de Deus... Fale-lhe...

Sem querer, procurei soltar o meu braço. Eu tremia. Mas ele, notando que eu não me importava com seu infortúnio, caiu de joelhos no meio da rua e beijou os meus pés.

— Peça-lhe, meu senhor... É necessário que lhe fale... Do contrário, acontecerá uma coisa terrível. Tenho gasto todo o meu dinheiro procurando-a, e não a deixarei ficar aqui... não a deixarei viva aqui... Comprei um punhal... tenho um punhal, senhor... Eu não a quero mais aqui... viva! Não posso mais suportar esse tormento... Fale-lhe, senhor...

Ele se contorcia como um louco diante de mim. Nesse momento, dois policiais vinham em nossa direção. Sacudi-o violentamente, despertando-o. Por um instante ele me olhou como um demente. Depois disse, a voz mudada, secamente:

— Dobre esta rua e chegará ao hotel.

Ainda uma vez ele me olhou fixamente, com uns olhos cujas pupilas pareciam imersas em um alvor e um vácuo apavorantes. Em seguida desapareceu.

Envolvi-me em meu capote. Tremia. Sentia uma grande lassitude, uma confusa embriaguez, negra e apática; um sono cor de púrpura invadia-me. Eu queria pensar um pouco, refletir sobre tudo isso, mas sempre essa onda negra de lassidão crescia em mim e enlevava-me. Entrei no hotel tateando, deixei-me cair em meu leito e adormeci pesadamente, como um animal.

*

No dia seguinte pela manhã, eu não sabia mais o que havia de sonho e realidade, e alguma coisa em mim interditava-me pesquisá-lo. Levantara-me tarde. Fui visitar uma igreja em que havia mosaicos antigos de grande celebridade.

Mas meus olhos continuavam como que arregalados no vácuo. A recordação da noite passada voltava de tal maneira que procurei de novo a rua e a casa... Estas estranhas ruas, porém, não vivem senão à noite. De dia, elas põem máscaras cinzentas e frias, sob as quais só seus frequentadores as reconhecem. Procurei-a, mas não a encontrei. Fatigado, voltei para o hotel perseguido pelas imagens que agitavam em mim a ilusão ou a lembrança.

Meu trem partia às nove horas da noite. Deixei a cidade com pesar. Um carregador veio buscar a minha bagagem e, com ele à frente, dirigi-me para a estação. Repentinamente, em um cruzamento de ruas, tive um choque interior: reconheci a rua lateral que conduzia àquela casa, e disse ao carregador para esperar-me e — embora ele, a princípio admirado, se pusesse em seguida a rir com um ar impertinente e familiar — fui lançar um último olhar a essa rua da aventura.

Ali estava, escura como na véspera; e à luz mate da lua, vi brilharem as vidraças dessa casa. Queria aproximar-me mais uma vez quando uma figura humana deslizou na sombra. Reconheci, tremendo, o homem que lá se achava agachado e me fazia sinais para avançar. Mas fui tomado de pavor e fugi apressado, covardemente, com receio de ser envolvido em alguma complicação e de perder o meu trem.

Entretanto, chegando à esquina da rua, antes de dobrá-la, olhei para trás. Quando o meu olhar encontrou o homem, este levantava-se. Vi-o correr precipitadamente, arremessar-se contra a porta e abri-la violentamente. Nesse instante, um lampejo de metal brilhou em sua mão. Não pude distinguir, à distância em que me achava, se esse brilho era do dinheiro ou do punhal, que, à luz do luar, luzia perfidamente entre os seus dedos.

24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER [\[1\]](#)

Na pequena pensão da Riviera onde eu estava então (dez anos antes da guerra), tinha explodido em nossa mesa uma violenta discussão que, de repente, ameaçou degenerar em altercação furiosa e que foi mesmo acompanhada de palavras injuriosas e cheias de ódio.

A maioria das pessoas não têm senão uma imaginação débil. O que não lhes toca diretamente, o que não se lhes enterra como uma ponta aguda em pleno cérebro, não chega a comovê-las, mas, se, diante dos seus olhos, ao alcance imediato da sua sensibilidade, acontece alguma coisa, por insignificante que seja, logo começa a ferver nelas uma paixão desmedida. Compensam então, até certo ponto, sua escassez de interesse pelos acontecimentos exteriores com uma veemência imprópria e exagerada.

Isso se deu naquela ocasião, no nosso grupo de comensais, completamente burgueses, que habitualmente se entregava a agradáveis *small talks* e a pequenas brincadeiras sem agudezas e que, quase sempre, pouco depois das refeições se dispersava: o casal de alemães, para fazer excursões e tirar fotografias, o dinamarquês rotundo para ir praticar a monótona arte da pesca; a dama inglesa distinta, para voltar aos seus livros; o casal de italianos, para dar suas fugidas a Monte Carlo, e eu para vadiar, sentado em uma das cadeiras do jardim, ou para trabalhar. Mas, nessa ocasião, ficamos todos presos uns aos outros naquela discussão encarniçada. E, se algum de nós se levantava bruscamente, não era, como de costume, para despedir-se amavelmente, e sim num gesto de ardente irritação, que, como já disse, revestia aspectos quase furiosos.

É preciso, porém, notar que o acontecimento que tinha excitado a nossa pequena mesa-redonda até esse ponto era bastante singular. A pensão onde morávamos, em número de sete, apresentava, por fora, o aspecto de uma vila independente (ah, que vista maravilhosa a das suas janelas sobre o litoral debruado de rochedos!), mas, na realidade, não passava de uma dependência menos cara do grande Palace Hotel, e ligada diretamente a ele pelo jardim, de modo que nós, os pensionistas à parte, vivíamos, apesar de tudo, em relações constantes com os hóspedes do Palace. Ora, na véspera, o hotel tinha tido

ocasião de registrar um escândalo completo. Pelo trem do meio-dia (devo indicar a hora com a maior precisão, porque é importante, tanto para o fato como para o assunto da nossa conversa tão animada), um jovem francês tinha chegado ao hotel e tomara um quarto que dava para o mar. Só isso demonstrava já uma certa facilidade de meios. Distinguia-se agradavelmente não apenas pela sua elegância discreta, como também pela sua grande beleza absolutamente simpática. No meio de um rosto estreito de donzela, havia um bigode louro e sedoso, de sensualidade quente; acima de uma testa muito branca, erguiam-se as ondas escuras e macias dos seus cabelos encaracolados; cada olhar dos seus olhos doces parecia uma carícia; tudo na sua pessoa era meigo, insinuante, amável, sem ter contudo nada de artificial nem de afetado. De longe, parecia um pouco um daqueles homens, de cera cor-de-rosa, que numa atitude estudada, com uma elegante bengala em uma das mãos, nas vitrines das grandes casas de modas, encarnam a beleza masculina. Mas, assim que se olhava para ele mais de perto, toda impressão de fatuidade desaparecia, porque ali (fato realmente raro) a amabilidade era natural e fazia parte do indivíduo.

Quando passava, cumprimentava a todos com um ar modesto e cordial, e dava prazer ver como nos momentos oportunos a sua graça sempre pronta se manifestava com toda a naturalidade.

Se uma senhora se dirigia para o vestiário, ele apressava-se em ir buscar-lhe o mantô, tinha para cada criança um olhar carinhoso ou uma palavra agradável. Era ao mesmo tempo sociável e discreto; em suma, parecia um desses entes privilegiados a quem o desejo de ser agradável aos outros, por um rosto risonho e um encanto juvenil, dava uma graça especial.

Sua presença era como que um benefício para os hóspedes do Palace, na maioria idosos e de saúde precária, e graças ao seu andar triunfante de mocidade, aos seus gestos vivos e ágeis e àquela frescura que um encanto natural dá tão soberbamente a certos homens, tinha conquistado sem resistência a simpatia de todos.

Duas horas depois de ter chegado, já jogava tênis com as duas filhas do gordo e abastado fabricante lionês, Annette de 12 anos, e Blanche, que já tinha dezesseis; e a mãe, a fina, delicada e toda retraída *Mme.* Henriette, olhava e sorria docemente, vendo com que faceirice inconsciente as duas meninas tão noviças flertavam com o jovem estrangeiro. À noite, divertiu-se durante uma hora jogando xadrez, contou-nos de vez em quando, com uma descrição perfeita, várias anedotas agradáveis, por várias vezes passeou longamente no terraço com *Mme.* Henriette, cujo marido, como sempre, jogava dominó com um amigo de

negócios; e tarde da noite, encontrei-o ainda em conversa suspeita de intimidade com a secretária do hotel, na penumbra do escritório.

No dia seguinte, acompanhou à pesca o meu parceiro dinamarquês, mostrando sobre o assunto conhecimentos admiráveis; depois, conversou longamente sobre a política com o fabricante de Lyon, mostrando outra vez uma prosa agradável, porque se ouvia a gargalhada do gordo industrial superar o barulho das ondas. Depois do almoço (é absolutamente para a compreensão da situação que eu exponho com exatidão todas as fases do emprego do seu tempo), passou ainda uma hora com *Mme. Henriette*, tomando ambos café no jardim; tornou a jogar tênis com as duas filhas dela e conversou no *hall* com o casal alemão. Às seis horas, tendo ido levar uma carta, encontrei-o na estação da estrada de ferro. Veio ao meu encontro solícito e contou-me que pedia desculpas, mas que um chamado urgente o obrigava a ausentar-se, devendo contudo regressar daí a dois dias. Efetivamente, à noite não apareceu na sala de jantar, mas era apenas a sua pessoa que faltava, porque em todas as mesas só se falava nele e todos o elogiavam.

Durante a noite, poderiam ser 23 horas, estava eu sentado no meu quarto acabando de ler um livro quando ouvi de repente, pela janela aberta, gritos, chamados assustados no jardim; e no hotel ao lado houve um movimento visivelmente incomum. Mais por susto que por curiosidade, desci imediatamente os cinquenta degraus da escada, indo ao encontro dos hóspedes e do pessoal do hotel que se achavam perturbados e agitados. *Mme. Henriette* não tinha voltado do passeio que costumava fazer todas as noites no terraço do litoral, enquanto o marido com sua pontualidade habitual jogava dominó com o seu amigo de Namur, e temia-se um acidente. Como um touro, aquele homem tão pesado e tão gordo e tão repleto, como era em geral o lionês, precipitava-se continuamente na direção do litoral, e quando a sua voz alterada pela comoção gritava na escuridão da noite: “Henriette! Henriette!” Aquele som dava a impressão terrível como a de um animal gigantesco das épocas pré-históricas, sentindo-se mortalmente ferido. Os garçons e os *boys* agitavam-se, subindo e descendo febrilmente as escadas; acordavam todos os hóspedes e telefonavam para a polícia. Mas, no meio de toda aquela desordem, o gordo lionês, com o colete desabotoado, passeava de um lado para outro, tropeçando ou dando grandes passadas, e soluçava e gritava através da escuridão da noite, de um modo completamente insensato, um único nome: “Henriette! Henriette!”

Enquanto isso, lá em cima, as crianças tinham acordado e, de camisola, chamavam a mãe pela janela. O pai então correu para elas, a fim de tranquilizá-

las. Depois, passou-se qualquer coisa de tão terrível que não é possível descrever-se, porque a natureza, violentamente tensa nos momentos de crise excepcional, dá muitas vezes à atitude do homem uma expressão de tal forma trágica, que nem a imagem, nem a palavra podem reproduzi-la com a força do raio que encerram. De repente, o pesado e gordo bonachão desceu os degraus da escada, que gemiam, com uma fisionomia completamente mudada, cheia de cansaço, e ao mesmo tempo feroz. Trazia na mão uma carta: “Chame todo mundo; é inútil procurar minha mulher. Ela abandonou-me.”

Havia certa distinção naquele homem mortalmente ferido, uma distinção feita da contenção sobre-humana diante de toda aquela gente que o cercava, que se acumulava curiosamente à sua volta para olhá-lo e que de repente se afastou cheia de confusão, de vergonha e de terror. Teve ainda força o bastante para passar por nós cambaleando, sem olhar para ninguém, e para apagar a luz do salão de leitura. Depois, ouviu-se o seu corpo baquear e um soluço selvagem e animal, como só poderia emitir alguém que nunca tivesse chorado. Aquela dor tão singela produziu em cada um de nós, mesmo nos menos sensíveis, uma espécie de estupefação. Nenhum dos garçons do hotel, nenhum dos hóspedes vindos até ali por curiosidade ousou arriscar um sorriso nem também qualquer palavra de comiseração. Mudos, uns após outros, como que envergonhados por aquela fulminante explosão de sentimento, voltamos lentamente para nossos aposentos; e sozinho, na sala escura onde se achava, aquele pedaço de humanidade esmagada palpitava e soluçava completamente só, naquela casa onde lentamente as luzes se apagavam e onde não havia mais que murmúrios, cochichos, rumores abafados que iam morrendo pouco a pouco.

É fácil compreender que um acontecimento tão fulminante, desenrolado sob os nossos olhos, era de comover prodigiosamente gente habituada ao tédio e a passatempos insignificantes. Mas a discussão que explodiu em nossa mesa com tamanha violência e que esteve a ponto de degenerar em vias de fato, embora tivesse por ponto de partida aquele surpreendente incidente, era, antes, uma questão de princípios que se chocavam, e uma oposição raivosa das diferentes concepções de vida. Efetivamente, graças, mais tarde, à indiscrição de uma criada que tinha a carta (o marido aniquilado, na sua cólera impotente, a tinha atirado ao chão toda amarrotada), correu depressa a notícia de que *Mme. Henriette* não tinha ido embora sozinha, e sim com o jovem francês (para quem a simpatia da maior parte daquela gente começou logo a desaparecer rapidamente).

Era fácil ao primeiro golpe de vista compreender que aquela pequena *Mme. Bovary* trocasse aquele marido obeso e provinciano pelo rapaz distinto e bonito. O que, porém, admirava a todos, é que nem o fabricante, nem as filhas, nem mesmo *Mme. Henriette* nunca tivessem visto antes aquele *Lovelace*; e que, por conseguinte, uma conversa noturna durante duas horas no terraço e uma hora de café tomado em conjunto no jardim tivessem bastado para levar aquela mulher irrepreensível, de aproximadamente trinta e três anos, a abandonar, durante a noite, o marido e as duas filhas, para acompanhar, numa aventura, um rapaz elegante, sem dúvida, mas completamente desconhecido para ela.

Nossa mesa-redonda era unânime em não ver nesse fato senão a aparência manifesta de uma pérfida mentira e uma manobra astuciosa do par amoroso. Era evidente que *Mme. Henriette* entretinha relações há muito tempo, e se correspondia secretamente com o rapaz, e que aquele “conquistador de sorrisos” não tinha ido até ali senão para combinar os últimos detalhes da fuga, porque (explicam eles), era absolutamente impossível que uma mulher honesta, duas horas apenas depois de tê-lo conhecido, o acompanhasse assim ao primeiro assobio. Eu, porém, divertia-me em ter outra opinião, e sustentava energicamente a possibilidade de um acontecimento desse gênero, por parte de uma mulher a quem uma união, feita de longos anos de decepção e tédio, tinha-a preparado para tornar-se presa de qualquer homem audacioso.

Em consequência da minha oposição inesperada, a discussão tornou-se rapidamente geral, e o que, principalmente, tornou-a apaixonada foi que os dois casais de esposos, tanto o alemão como o italiano, recusavam-se, com desprezo verdadeiramente ofensivo, a admitir o *coup de foudre*, em que não viam mais do que uma loucura e uma insípida imaginação romântica.

Em suma, não há nenhum interesse em rememorar em todos os seus detalhes o correr tormentoso de uma discussão desenrolada entre a sopa e a sobremesa. Só os profissionais de mesas de hotel têm espírito, e os argumentos de que lançamos mão no calor de uma discussão que o acaso ergue entre os comensais são na maior parte das vezes sem originalidade, porque, por assim dizer, são apanhados apressadamente “com a mão esquerda”. Seria também difícil explicar por que razão a nossa discussão tomou tão depressa aquele jeito ofensivo. Creio que a irritação nasceu do fato de terem os dois maridos pretendido, malgrado seu, que as suas próprias mulheres escapassem à possibilidade de tais riscos e de tais quedas.

Infelizmente, não acharam nada melhor para me objetarem, senão que só podia falar assim alguém que julgasse a alma feminina de acordo com as conquistas

fortuitas e demasiado fáceis de um celibatário. Isso começou a irritar-me, e, quando pouco depois a dama alemã temperou aquela lição com uma mostarda sentenciosa, dizendo que havia duas qualidades de mulheres, as mulheres de verdade e “criaturas com natureza de rameiras” e que na sua opinião *Mme. Henriette* devia estar incluída entre estas últimas, perdi completamente a paciência e também tornei-me agressivo. Declarei que aquela negativa do fato manifesto de que uma mulher em várias horas da sua vida pode ser dominada por forças misteriosas mais fortes que a própria vontade e que a sua inteligência dissimulava, apenas, o medo do nosso próprio instinto, o medo do demonismo da nossa natureza e que muitas pessoas gostavam de aparentar ser mais fortes, mais morais e mais puras que as outras “fáceis de seduzir”.

Na minha opinião, achava mais honesto que uma mulher seguisse livremente e apaixonadamente o seu instinto, em vez de, como acontece geralmente, enganar o marido nos próprios braços de olhos fechados. Assim falava eu, e quanto mais na discussão, tornada crepitante, se atacava a pobre *Mme. Henriette*, mais eu a defendia com calor (na verdade a minha sensação íntima é que estava indo um pouco longe demais!). Aquele ardor pareceu uma provocação aos dois casais de esposos; e o quarteto pouco harmonioso caiu sobre mim tão encarniçadamente que o velho dinamarquês com ar jovial e de cronômetro em punho, como um juiz num jogo de futebol, era obrigado a bater de vez em quando na mesa com as costas ossudas dos seus dedos, à guisa de aviso, dizendo: “*Gentlemen, please.*”

Isso, porém, não surtia efeito senão por um momento. Já por três vezes um dos meus adversários tinha-se erguido violentamente e sua mulher tivera muito trabalho para apaziguá-lo. Em suma, dali a uns dez minutos, a nossa discussão teria acabado em pancadaria, se de repente Mrs. C. não tivesse, com palavras brandas, acalmado, como se fosse com azeite, as ondas furiosas da conversa. Mrs. C., a velha dama inglesa de cabelos todos brancos, cheia de distinção, era, sem que tivesse sido preciso proceder-se a uma eleição, a presidente de honra da nossa mesa.

Muito aprumada na sua cadeira, dispensando a cada um de nós uma amabilidade sempre igual, falando pouco e não obstante sendo extraordinariamente interessante, bastava o seu físico para agradar aos olhos e toda a sua pessoa, aristocraticamente reservada, irradiava calma e reflexão. Mantinha-se até certo ponto a distância de todos, embora, com um tato muito fino, soubesse dispensar a cada um de nós atenções particulares. Quase sempre se sentava no jardim com seus livros, às vezes tocava piano e só raras vezes era

vista em companhia de outras pessoas ou tomando parte em alguma conversa animada.

Mal dávamos pela sua presença, e no entanto tinha sobre nós um poder extraordinário. Por isso, assim que interveio pela primeira vez na nossa conversa, sentimos todos a penosa impressão de ter falado demasiado alto e de termos perdido o domínio sobre nós mesmos.

Mrs. C. tinha aproveitado a pausa embaraçosa que ocorrera quando o alemão, tendo pulado bruscamente do seu lugar, tinha sido moderadamente obrigado a voltar a ele.

De repente, ela ergueu seus olhos cinzentos e calmos e, fitando-me um instante com certa indecisão, procurava resolver em seu espírito aquele problema com a precisão de um verdadeiro perito.

— Acha, então, se o compreendi bem, que *Mme.* Henriette... que uma mulher, em suma, possa, sem querer, lançar-se em uma aventura repentina? Acha que há atos que uma mulher pode julgar impraticáveis uma hora antes e de que não possa ser julgada responsável?

— Creio absolutamente, minha senhora.

— Por conseguinte, toda a moral estabelecida ficaria sem valor e toda violação às leis da ética seria justificada. Se o senhor acha realmente que o crime passionai, como dizem os franceses, não é crime, para que conservar os tribunais? Não é preciso muita boa vontade (e o senhor tem uma boa vontade espantosa) — acrescentou ela sorrindo de leve — para se descobrir em cada crime uma paixão e graças a essa paixão uma desculpa.

O tom simples, e ao mesmo tempo quase prazenteiro, daquelas palavras fez-me um bem extraordinário; imitando sem querer aquele seu modo objetivo, respondi entre sério e risonho:

— Não resta dúvida que os tribunais são mais severos que eu nesses assuntos; a sua missão é de proteger os costumes e as convenções sociais; isso os obriga a condenar em vez de desculpar. Mas eu, simples particular, não vejo razão para de *motu proprio* assumir o papel de tribunal do júri. Prefiro ser um defensor de profissão, tenho pessoalmente mais prazer em compreender a humanidade do que em julgá-la.

Mrs. C. olhou-me algum tempo, bem de frente, com seus olhos claros e cinzentos, e ficou indecisa.

Já eu começava a temer que ela não me tivesse compreendido e me dispunha a repetir-lhe, em inglês, o que lhe dissera. Então, com uma admirável gravidade e como se estivesse em uma banca de exame, continuou as suas perguntas:

— Não acha então desprezível ou odiosa uma mulher que abandona o marido e os filhos para seguir um indivíduo qualquer, sem poder ainda saber sequer se ele será ou não digno de seu amor? Poderá realmente o senhor desculpar um procedimento tão arriscado, tão leviano em uma mulher que, além disso, já não é das mais moças e que deveria ter aprendido a respeitar a si própria, quando mais não fosse senão em atenção aos filhos?

— Repito, minha senhora — disse eu persistindo —, que me nego a julgar ou a condenar um caso semelhante. Mas, aqui entre nós, posso confessar calmamente que ainda há pouco fui um tanto exagerado. Essa pobre *Mme. Henriette* não é certamente uma heroína, não tem sequer uma natureza de aventureira, como não é tampouco uma grande apaixonada. Tanto quanto julgo conhecê-la, parece-me apenas uma mulher fraca e vulgar, a quem dedico um certo respeito por ter tido a coragem de executar a sua vontade, mas que me inspira ainda maior compaixão, porque, com certeza, amanhã, se não for hoje mesmo, já se julgará profundamente infeliz. Pode bem ser que tenha agido tolamente; de qualquer modo, andou depressa demais; mas, seja como for, nego a quem quer que seja o direito de desprezar essa pobre, desgraçada mulher.

— E o senhor tem por ela ainda hoje, como antes, o mesmo respeito, a mesma consideração? Não reconhece diferença alguma entre a mulher honesta que se achava em sua companhia anteontem e esta outra que ontem bateu a linda plumagem com um homem completamente estranho?

— Nenhuma. Nem a mínima diferença.

— *Is that so?*

Sem querer, tinha-se exprimido em inglês, tal interesse parecia tomar pelo assunto. E depois de um curto instante de reflexão, o seu olhar claro tornou a erguer-se outra vez para mim:

— E se amanhã o senhor encontrasse *Mme. Henriette*, por exemplo, em Nice, de braços dados com aquele rapaz, o senhor a cumprimentaria ainda?

— Com certeza.

— E falaria com ela?

— Sem dúvida alguma.

— Se o senhor... se o senhor fosse casado, apresentaria sua esposa a semelhante mulher, como se nada tivesse acontecido?

— Com certeza!

— *Would you really?* — perguntou outra vez em inglês, com espanto incrédulo e estupefato.

— *Surely I would* — respondi-lhe igualmente em inglês, sem dar por isso.

Mrs. C. calou-se. Parecia completamente mergulhada em profunda reflexão, quando de repente exclamou, olhando-me de frente e como que espantada da sua própria coragem:

— *I don't know if I would. Perhaps I might also do it.*

E, com aquela firmeza indescritível com que só os ingleses sabem pôr ponto final numa conversa, de modo radical mas sem grosseria, levantou-se e estendeu-me a mão cordialmente. Graças à sua intervenção, a calma tinha-se restabelecido e, no nosso íntimo, todos nós lhe estávamos gratos, por podermos ainda, embora adversários, nos cumprimentar cortesmente e por ter dissipado aquela perigosa pressão atmosférica com alguns gracejos fáceis.

Embora a nossa discussão tivesse terminado com toda a cortesia, nem por isso deixou de subsistir certa animosidade e, em consequência disso, uma ligeira frieza entre mim os meus contraditores.

O casal de alemães mostrava-se esquivo, ao passo que o casal italiano divertia-se em perguntar-me, sem cessar, nos dias que se seguiram, com arzinho de troça, se eu tinha tido notícias da “*cara signora Henrietta*”. Fosse qual fosse a urbanidade das nossas maneiras, tinha-se destruído irrevogavelmente qualquer coisa na lealdade e na franqueza das nossas relações.

O que tinha tornado a frieza irônica dos meus adversários ainda mais risível era a amabilidade toda particular que Mrs. C. passou a demonstrar-me depois daquela discussão. Ela, que habitualmente era de uma reserva extrema e que, fora das refeições, não entretinha nunca nenhuma conversa com os seus companheiros de mesa, achou várias vezes ocasião de dirigir-me a palavra no jardim, e, poderei quase dizer, de honrar-me e distinguir-me, porque a nobre reserva das suas maneiras dava a uma conversa particular todo o caráter de um favor especial. Para ser sincero, eu teria que dizer que ela procurava e agarrava todas as ocasiões de conversar comigo, e isso de um modo tão visível que eu poderia conceber ideias vaidosas e esquisitas, se ela não fosse uma velha de cabelos brancos.

Mas, todas as vezes que conversávamos assim, a nossa conversa voltava sempre ao nosso ponto de partida, a *Mme. Henriette*. Mrs. C. parecia ter um prazer íntimo em acusar de falta de seriedade e moralidade aquela mulher que esquecera os seus deveres. Ao mesmo tempo, parecia satisfeita verificando a fidelidade com que a minha simpatia permanecia ao lado daquela mulher fina e delicada, sem que nada pudesse levar-me a negar tal sentimento. Orientava sempre a conversa para esse assunto. Afinal, eu já não sabia o que pensar daquela insistência singular e quase doentia.

Isso durou alguns dias, cinco ou seis, sem que nenhuma das suas palavras traísse a razão por que aquele assunto era tão importante para ela. Essa importância tornou-se evidente quando, durante um passeio, eu lhe disse, por acaso, que a minha permanência ali estava chegando ao fim e que pensava ir-me embora dois dias mais tarde. Então, a sua fisionomia, ordinariamente tão calma, tomou de repente uma expressão abatida e por sobre os seus olhos cinzentos cor do mar passou como que a sombra de uma nuvem.

— Que pena! Eu tinha ainda tanta coisa para discutir com o senhor — disse ela.

A partir desse instante, certa agitação, como que uma inquietação, indicou-me que enquanto ela falava estava pensando em coisa diferente, que a preocupava vivamente e que a afastava da nossa polêmica. Depois, aquela abstração pareceu constrangê-la porque, após um silêncio repentino, estendeu-me de repente a mão, declarando:

— Bem vejo que não posso exprimir claramente o que desejaria dizer-lhe. Prefiro escrever-lhe.

E, num passo mais rápido do que o que eu lhe conhecia, dirigiu-se para o hotel.

Efetivamente, à noite, pouco antes do jantar, encontrei no meu quarto uma carta em caligrafia enérgica e franca. Infelizmente sempre dispensei pouco cuidado às cartas recebidas quando era moço, de modo que não poderei reproduzir o próprio texto daquela carta, tendo que me contentar de narrar mais ou menos o que continha: o pedido de autorização para contar-me um episódio da sua vida.

Aquele episódio, escrevia ela, era tão antigo que já não fazia parte, por assim dizer, da sua vida atual e, visto eu ter de partir daí a dois dias, isso lhe dava mais facilidade de falar de uma coisa que durante mais de vinte anos a tinha preocupado e atormentado interiormente.

Assim sendo, se por acaso a ideia de tal conversa não me parecesse inoportuna, ficaria muito satisfeita se eu quisesse ir procurá-la à hora que ela me indicasse.

Aquela carta, de que não esboço senão o conteúdo, fascinou-me extraordinariamente. Sua redação em inglês por si só dava-lhe um alto cunho de clareza e decisão. Em compensação, não foi fácil encontrar-lhe uma resposta e rejeitei três rascunhos antes de chegar à sua forma definitiva.

“É para mim uma honra que me dispense tal confiança, e prometo-lhe responder com sinceridade caso me faça alguma pergunta. Naturalmente, não terei necessidade de pedir-lhe que não me diga senão o que julgar que deve me confiar. Mas o que me contar, peço-lhe que o faça com toda a franqueza. Peço-

lhe que acredite que considero a sua confiança como a prova de uma estima particular.”

Naquela mesma noite, o meu bilhete foi para o seu quarto e, na manhã seguinte, recebi esta resposta:

“Tem toda razão; as verdades ditas pela metade nada valem, é preciso que sejam sempre completas. Farei um esforço supremo para nada dissimular nem a mim mesma, nem ao senhor. Venha depois do jantar ao meu quarto (aos sessenta e sete anos não terei que temer nenhuma falsa interpretação) porque no jardim, ou perto de outras pessoas, não poderei falar. Acredite que não me foi fácil decidir-me.”

Antes de acabar o dia, nos encontramos ainda à mesa e conversamos amistosamente de coisas diferentes. Mas já no jardim, tendo-me encontrado, evitou-me com uma confusão visível. Para mim foi ao mesmo tempo penoso e comovente ver aquela senhora de idade, cheia de cabelos brancos, fugir assustada como uma rapariga numa alameda de pinheiros.

À noite, à hora combinada, bati à sua porta, que se abriu imediatamente. O quarto estava mergulhado em uma meia-luz opaca; só uma pequena lâmpada, colocada sobre a mesa, projetava um cone de luz amarela pelo aposento, onde reinava uma escuridão crepuscular. Sem nenhum embaraço, Mrs. C. veio a mim, ofereceu-me uma poltrona e sentou-se diante dela. Cada um de seus gestos, eu bem o percebia, era estudado; mas houve uma pausa, manifestamente involuntária — uma pausa precedendo uma resolução difícil de ser tomada, pausa que durou muito, muito tempo, e que eu não ousava interromper, tomando a palavra, porque sentia que naquele momento, ali, uma forte vontade lutava energicamente contra uma forte resistência. Da sala de conversa, embaixo de nós, subiam às vezes em turbilhão os sons enfraquecidos e sem nexos de uma valsa que eu ouvia com grande tensão de espírito, como que para retirar daquele silêncio um pouco da sua opressão. Ela também parecia estar desagradavelmente afastada, pela dureza sobrenatural daquela calma, porque de repente ergueu-se, como para se precipitar, e começou:

— Só a primeira palavra é que custa. Há dois dias que venho me preparando para poder ser completamente clara e verídica: espero consegui-lo. Talvez não possa compreender a razão por que conto tudo isso ao senhor, que é para mim um estranho, mas não se passa um dia, uma hora sequer, sem que eu pense nesse acontecimento e, pode crer na palavra de uma mulher velha como eu, não há nada mais intolerável que ficar durante toda a vida com o olhar preso em um único ponto de sua existência, em um único dia. Porque tudo o que lhe vou

contar ocupa apenas o espaço de 24 horas em 67 anos; e quantas vezes tenho dito a mim mesma até o delírio: “Que importa se durante todo esse longo tempo houve um momento de loucura, um único!” Ninguém pode, porém, se desembaraçar daquilo a que damos uma denominação tão vaga — a consciência. Quando o ouvi examinar de modo tão objetivo o caso de Henriette, imaginei que talvez acabasse com essa maneira absurda de me atormentar continuamente, voltada para o passado, acusando-me sem cessar, se eu pudesse me decidir a falar livremente diante de alguém, do que se passou nesse único dia da minha vida. Se em vez de pertencer à Igreja Anglicana eu fosse católica, há muito que a confissão ter-me-ia proporcionado a ocasião de resgatar o meu segredo, mas essa consolação nos é recusada, e é por isso que faço hoje essa estranha tentativa de absolvição própria, tomando-o para meu confidente. Sei que tudo isso é muito extraordinário, mas o senhor aceitou sem hesitar a minha proposta e fico-lhe muito obrigada. Já lhe disse que desejo contar-lhe unicamente um dia da minha vida: o resto me parece sem importância e mesmo enfadonho para qualquer pessoa que não seja eu mesma. Minha vida até os 42 anos nada teve de especial. Meus pais eram ricos *landlords* na Escócia; possuíamos grandes fábricas e grandes fazendas e vivíamos à moda da nobreza da nossa terra, passando a maior parte do ano em nossas propriedades e indo passar a *season* em Londres. Aos 18 anos, conheci meu marido, em uma reunião mundana. Era segundo filho da conhecida família dos R. e tinha servido na Índia durante dez anos. Casamo-nos sem demora e passamos a viver a vida despreocupada do nosso meio social: três meses em Londres, três meses nas nossas terras e o resto do tempo indo de hotel para hotel na Itália, na Espanha e na França. Nunca a menor sombra perturbou a nossa vida conjugal; os dois filhos que tivemos são hoje homens feitos. Tinha eu quarenta anos, quando meu marido morreu quase de repente. Tinha adquirido uma doença de fígado durante os anos que passara nos trópicos; perdi-o no fim de duas semanas atroz. Meu filho mais velho já estava fazendo o serviço militar, o mais moço no colégio; assim, numa noite, fiquei completamente sozinha, e aquele isolamento, para mim, habituada a uma comunidade afetuosa, foi um tormento terrível. Parecia-me impossível ficar um dia a mais numa casa deserta, onde cada objeto me lembrava a perda trágica do meu marido tão querido: por isso resolvi viajar muito durante os anos que viriam até que os meus filhos se casassem.

“Intimamente, a partir daquele instante, passei a considerar a minha vida como sem finalidade e completamente inútil. O homem com quem partilhara durante vinte e três anos cada uma das minhas horas e cada um dos meus pensamentos

estava morto; meus filhos não precisavam de mim, temia perturbar-lhes a mocidade com o meu humor sombrio e a minha melancolia, e para mim não queria, nem desejava, nada mais. Fui primeiro a Paris, percorrendo na minha ociosidade as lojas e os museus; mas a cidade e as coisas eram para mim um ambiente estrangeiro, e evitava as pessoas, porque os seus olhares de compaixão delicada, provocados pelo meu luto rigoroso, não me agradavam.

“Ser-me-ia impossível contar hoje como se passaram aqueles meses de vagabundagem triste e sem tréguas; sei apenas que me perseguia sempre o desejo de morrer, mas não tinha forças para precipitar, de *motu proprio*, aquele fim dolorosamente desejado.

“No segundo ano da minha viuvez, isto é, quando eu tinha 42 anos, durante essa fuga disfarçada diante da existência, sem interesse por mim mesma, enfrentando um tempo que era impossível matar, fui a Monte Carlo durante o mês de março.

“Para falar a verdade, o que me levou ali foi o tédio; fui para fugir a esse vazio torturante da alma, que nos causa uma espécie de náusea e que procura encontrar ao menos uma diversão nos pequenos excitantes externos. Quanto mais insensível eu me sentia, mais reconhecia a necessidade de atirar-me aos pontos em que o turbilhão da vida é mais rápido; para quem não pode interessar-se por nada de profundo, a agitação apaixonada dos outros distrai os nervos, como o teatro e a música.

“Essa a razão por que eu ia frequentemente ao cassino. Era excitante para mim ver passar febrilmente pela fisionomia dos outros a felicidade ou o desânimo, ao passo que no meu íntimo nenhuma onda vital se agitava.

“Além disso, meu marido, sem ter sido um leviano, gostava de frequentar as salas de jogo, e era com uma espécie de devoção inconsciente que eu continuava fiel aos seus hábitos antigos. Foi ali que começaram aquelas vinte e quatro horas que foram mais emocionantes que todo o jogo do mundo e que transformaram o meu destino durante anos.

“Ao meio-dia, tinha almoçado com a duquesa de M., minha parenta. Depois do jantar não estava ainda bastante cansada para ir deitar-me. Entrei, então, na sala de jogo, flanando, sem jogar, indo de uma mesa para outra e olhando de modo especial para cada um dos parceiros, reunidos ali em confusão.

“Digo ‘de modo especial’, porque era uma maneira que me tinha sido ensinada pelo meu falecido marido, num dia em que, cansada de olhar, eu me queixava do tédio que me causava mirar com ar basbaque sempre as mesmas caras; velhas encarquilhadas, que ficam ali sentadas horas a fio para arriscarem uma moeda;

profissionais audaciosos; *cocottes* do baralho, toda essa sociedade equívoca, vinda das cinco partes do mundo e que, como o senhor sabe, é muito menos pitoresca e romântica que a descrição que dela habitualmente se faz nessas narrativas miseráveis, onde a representam como a flor da elegância e como a aristocracia da Europa. E note que lhe estou falando de vinte anos atrás, quando era ainda o metal sonante a moeda corrente que rolava sobre as mesas; quando as notas rangentes, os napoleões de ouro, as grandes moedas de cinco francos turbilhonavam, quando o Cassino era infinitamente mais interessante que o de hoje, onde nessa pomposa cidade de jogo, reconstruída de modo moderno, um público aburguesado de turistas da agência Cook desperdiça com tédio as suas fichas sem cunho.

“Naquela época, eu não achava ainda senão relativo prazer na monotonia daquelas caras indiferentes, quando um dia, meu marido, para quem a quiromancia era a paixão predileta, ensinou-me um modo inteiramente novo de observar, realmente muito mais interessante e muito mais excitante e cativante que o de ficar ali plantada com indolência. Consistia em nunca olhar para os rostos, olhar só para o quadrado da mesa e ali olhar apenas para as mãos dos jogadores, unicamente para os gestos daquelas mãos.

“Não sei se por acaso o senhor já teve ensejo de contemplar nas mesas verdes unicamente o quadrado do centro, no meio do qual a bola cambaleia de número em número, como um ébrio, e onde, dentro dos compartimentos quadrangulares, as pontas revoltas das notas, as moedas redondas de prata e ouro caem como sementes, que em seguida a pá do banqueiro colhe, num golpe afiado como uma foice, ou então empurra como um feixe em direção a quem ganhou. A única coisa que varia desta perspectiva são as mãos, a multidão de mãos claras, agitadas, ou à espera, em volta da mesa verde; todas parecendo feras prestes a saltar, tendo cada uma sua forma e sua cor, umas nuas, outras carregadas de anéis e de correntes chocalhantes; umas peludas como animais selvagens, outras flexíveis e úmidas como enguias, mas todas atravessadas por uma muda tensão e vibrantes de uma imensa impaciência. Sem querer, vinha-me sempre à ideia uma pista de corrida, onde, no momento da partida, os cavalos, excitados, mal podem ser contidos para se precipitarem antes da hora marcada. É exatamente da mesma maneira que as mãos dos jogadores estremecem, erguem-se e se empinam. Elas revelam pela sua maneira de esperarem, de agarrarem ou de ficarem quietas, a individualidade do jogador. Recurvas como garras, denunciam o homem cúvido; moles, o pródigo; calmas, o calculador; e trêmulas, o homem desesperado. Têm seus caracteres assim traídos com a rapidez de um raio, no

gesto que fazem para apanhar o dinheiro, quer o jogador o amarrote, ou nervosamente o espalhe, quer o jogador se esgote, fechando a mão cansada, e o deixe rolar livremente por cima do tapete.

“O jogo revela o homem, é um dito banal, bem o sei, mas acrescento: sua própria mão, durante o jogo, revela-o com maior nitidez ainda. Porque todos, ou quase todos, os frequentadores das mesas de jogo de azar aprendem logo a dominar a expressão das suas fisionomias: lá no alto, por cima do colarinho, ostentam a máscara fria da impassibilidade; obrigam as rugas que se vão formando em torno das suas bocas a desaparecer, abafando as suas emoções entre os dentes cerrados; escondem, a seus próprios olhos, o reflexo da sua inquietação, atenuam as saliências dos músculos faciais numa indiferença artificial que tenta parecer distinção.

“Mas, precisamente porque toda a sua atenção se concentra convulsivamente naquele trabalho de dissimulação do que há de mais visível nas suas pessoas, isto é, o rosto, é que esquecem as mãos, esquecem que há pessoas que observam unicamente as mãos e que adivinham, graças a isso, tudo o que elas se esforçam para esconder sob o franzir dos lábios que sorriem e dos olhares que fingem indiferença. A mão, essa trai, sem pudor, o que eles têm de mais secreto. Porque chega um momento inevitável em que todos aqueles dedos, tão penosamente contidos e parecendo adormecidos, saem da sua indolente desenvoltura: no momento decisivo em que a bola da roleta cai na sua cavidade e em que se grita o número vencedor, naquele mesmo instante, cada uma daquelas cem ou quinhentas mãos faz involuntariamente um gesto todo pessoal, completamente individual, imposto pelo instinto primitivo. Quando nos habituamos, como eu, a observar aquela espécie de arena das mãos, iniciada como fui graças àquela fantasia de meu marido, aquela brusca maneira sempre diferente, sempre imprevista, pela qual os temperamentos se desmascaram é mais empolgante que o teatro ou a música. Não posso lhe descrever em detalhes quantos milhares de atitudes têm as mãos durante o jogo. Umas, verdadeiros animais selvagens de dedos peludos e recurvados, agarram o dinheiro como se fossem aranhas; outras, nervosas, trêmulas, de unhas pálidas, ousando apenas tocá-lo; nobres e vis, brutais e tímidas, astuciosas e, por assim dizer, balbuciantes, mas cada uma com um modo particular, porque cada um daqueles pares exprime uma vida diferente, com exceção das dos banqueiros, em número de quatro ou cinco. Estas são verdadeiras máquinas, com a sua precisão determinada, profissional, completamente neutra em oposição à vida exaltada das precedentes, funcionam como as hastes que estalam como aço nos torniquetes dos aparelhos

registradores. Mas, elas mesmas, aquelas mãos indiferentes produzem por sua vez um efeito espantoso, pelo contraste que formam com as suas irmãs ávidas e apaixonadas; apresentam-se, atrevo-me a dizer, com um uniforme diferente, como agentes de polícia, no barulho e exaltação de uma multidão em revolta.

“Acrescente a isso o divertimento pessoal que aparece no fim de algumas noites, de nos sentirmos familiarizados com os múltiplos hábitos e paixões de certas mãos. Eram precisos poucos dias para que eu tivesse constantemente entre elas novos conhecidos e os classificava, como se fossem seres humanos, em simpáticos ou antipáticos. Várias dentre elas me desagradavam de tal modo pela sua grosseria e cupidez que o meu olhar fugia delas a cada instante, como de uma coisa indecente. Mas cada mão nova que aparecia à mesa do jogo era para mim um acontecimento e uma curiosidade. Muitas vezes me esquecia de olhar para o rosto correspondente, que, dominando o colarinho, ficava plantado ali, imóvel como uma fria máscara mundana por cima de uma camisa de *smoking* ou de um decote deslumbrante. Pois, naquela noite, tendo entrado no cassino, depois de ter passado por duas mesas mais que abarrotadas e ter-me aproximado de uma terceira, no momento em que preparava já algumas moedas de ouro, ouvi, com surpresa, naquele instante de pausa completamente muda, cheia de tensão e durante a qual o silêncio parece vibrar, pausa que se dá quando a bola já prestes a imobilizar-se não oscila mais senão entre dois números, ouvi, como já disse, defronte de mim um barulho singular, um rangido e um estalo, como proveniente de articulações que se quebram. Sem querer, olhei espantada para o lado oposto do tapete. E vi ali (na verdade fiquei assustada) duas mãos como eu nunca tinha visto, uma mão direita e uma mão esquerda agarradas uma à outra, como dois animais que se mordem, que se apertam e lutam furiosamente, de um modo tão rude e tão convulso, que as articulações das falanges estalavam com o ruído seco de uma noz que se parte.

“Eram duas mãos de uma rara beleza, extraordinariamente longas, extraordinariamente delgadas e não obstante feitas de músculos extremamente rígidos, umas mãos muito brancas que terminavam por unhas pálidas nacaradas e arredondadas. Olhei para elas durante toda a *soirée*, olhei, com uma surpresa cada vez maior, aquelas mãos extraordinárias, verdadeiramente únicas. Mas o que logo me surpreendeu de um modo aterrador foi a sua febre, a expressão loucamente apaixonada, aquele modo convulsivo de se torcerem e de lutarem entre si. Tratava-se, compreendi logo, de um homem exuberante de força, que concentrava toda a sua paixão na extremidade dos seus dedos, para que ela não explodisse em toda a sua pessoa. E então... no momento em que a bola caía no

buraco com um ruído seco e abafado e em que o banqueiro gritava o número... as duas mãos se separaram de repente uma da outra, como dois animais feridos pela mesma bala.

“E caíram ambas, verdadeiramente mortas, não só exaustas, mas com uma expressão tão acusada de abatimento e desilusão, como que fulminadas e aniquiladas, que as minhas palavras são impotentes para descrever. Porque nunca, nunca mais depois daquela noite, vi mãos tão expressivas, em que cada músculo era como que uma boca e de onde a paixão saía quase que tangível por todos os poros.

“Durante um instante elas ficaram estendidas sobre o pano verde, como se fossem medusas atiradas à praia, fracas e sem vida. Depois, uma delas, a direita, começou penosamente a levantar a ponta dos dedos, tremeu, encolheu-se, girou em volta de si mesma, hesitou, descreveu um círculo e finalmente agarrou nervosamente uma ficha que fez rolar com ar indeciso entre a extremidade do polegar e do indicador, como uma pequenina roda. De repente aquela mão encolheu-se como uma pantera e arredondando felinamente as costas, arremessou ou antes cuspiu, quase, a ficha de cem francos que segurava no meio do quadrado preto. Imediatamente, como a um sinal, a agitação apoderou-se da mão esquerda que tinha ficado inerte; ergueu-se, escorregou, arrastou-se em direção à mão fraternal toda trêmula e a quem o seu gesto de lançamento parecia ter fatigado, e ambas ficaram então frementes, uma ao lado da outra. Ambas, semelhantes a dentes que, no tremor da febre, batem ligeiramente uns nos outros, batiam sobre a mesa com as suas articulações, sem fazer barulho.

“Não, nunca, nunca até então, eu tinha visto mãos com uma expressão tão extraordinariamente loquaz, uma forma tão espasmódica de agitação e tensão. Tudo mais que se passava sob aquele teto, o murmúrio que enchia os salões, os gritos ruidosos dos banqueiros, o vaivém das pessoas e da própria bola, que, lançada de cima, saltava como uma promessa na sua gaiola redonda de chão envernizado, toda aquela multiplicidade de impressões, confundindo-se, sucedendo-se e obcecando os nervos com violência, tudo aquilo pareceu-me, de repente, morto e imóvel ao lado das duas mãos frementes, arquejantes, como que sufocadas, dominadas pela expectativa, trêmulas e arrepiadas, ao lado daquelas mãos inauditas que de qualquer modo me fascinavam, absorvendo toda a minha atenção.

“Por fim, não pude mais resistir: era preciso que eu visse o homem, que visse o rosto a quem pertenciam aquelas mãos mágicas, e ansiosamente (sim, com verdadeira ansiedade, porque aquelas mãos me davam medo), meu olhar

escorregou lentamente ao longo das mangas até aos ombros estreitos. E novamente tive um sobressalto de terror porque aquele rosto falava a mesma linguagem desenfreada e fantasticamente superexcitada das mãos. Aquele rosto tinha ao mesmo tempo a mesma expressão de tenacidade terrível e a mesma beleza delicada e quase feminina. Nunca eu tinha visto um rosto como aquele, por assim dizer grudado sobre a criatura e quase separado desta para viver de uma vida própria, para entregar-se à exacerbação mais completa, e tinha ali uma excelente ocasião para examiná-lo à vontade, como se fosse uma máscara, como uma espécie de obra plástica sem olhar; porque aqueles olhos, aqueles olhos loucos não se voltavam nem para a direita, nem para a esquerda, sequer por um segundo. As pupilas rígidas e negras eram como bolas de vidro sem vida, sob as pálpebras dilatadas, como o reflexo brilhante daquela outra bola cor de acaju que rolava, pulando loucamente, insolentemente na pequena caixa redonda da roleta. Nunca, preciso repetir ainda, tinha eu visto uma fisionomia tão exaltada e tão fascinante.

“Aquele rosto pertencia a um rapaz, de 24 anos presumíveis, bem delgado, delicado, um pouco alongado e por isso tão expressivo. Tanto quanto as mãos, nada tinha de viril, parecendo mais pertencer a uma criança que jogasse apaixonadamente.

“Só reparei isso mais tarde, porque naquele instante aquele rosto desaparecia completamente sob uma expressão saliente de avidez e de furor. A boca fina, aberta e ardente, deixava a nu metade dos dentes: a uma distância de uns dez passos podia-se ver como estes batiam febrilmente, ao passo que os lábios permaneciam imóveis e entreabertos. Uma mecha de cabelos de um louro luminoso estava colada em sua testa pela umidade; pendia para baixo como alguém que vai caindo, e um tremor incessante corria em volta das narinas, como se ele tivesse sobre a pele o marulhar de pequenas ondas invisíveis. Aquela cabeça inclinada para a frente dobrava-se inconscientemente, cada vez mais para a frente, tanto, tanto que se tinha a impressão que era atraída pelo turbilhão da pequena bola. Só então compreendi a razão por que as suas mãos se apertavam tão convulsivamente: era graças àquela pressão contrária, por aquela contração, que o corpo ainda se mantinha em equilíbrio. Nunca até então (preciso repeti-lo sem cessar) eu tinha visto um rosto de onde a paixão jorrasse assim tão a descoberto, tão bestial, na sua nudez impudica, e fiquei ali, inteiramente ocupada em olhar fixamente para aquele rosto, tão fascinada, tão hipnotizada pela sua loucura como o seu olhar o estava pelo saltar e pelos movimentos palpitantes da bola em rotação. A partir daquele instante, não

reparei em mais nada na sala. Tudo me parecia embaciado, desbotado e apagado, tudo me parecia escuro em comparação ao fogo que jorrava daquele rosto, e sem prestar atenção a ninguém mais, durante uma hora observei apenas aquele homem e cada um dos seus gestos.

“Uma luz brutal brilhou-lhe nos olhos, o novelo convulso das suas mãos espatifou-se bruscamente como por uma explosão e os dedos afastaram-se violentamente, tremendo, quando o banqueiro empurrou, em direção à sua avidez, vinte moedas de ouro.

“Naquele momento, o rosto iluminou-se de repente e rejuvenesceu totalmente, as rugas desmancharam-se molemente, os olhos puseram-se a brilhar, o corpo contraído para a frente endireitou-se, claro e leve; tinha-se tornado macio, como um cavaleiro levado pelo sentimento do triunfo; seus dedos faziam tinir com vaidade e amor as moedas redondas, fazendo-as escorregar, umas contra as outras, fazendo-as dançar e chocalhar como num brinquedo. Depois, voltou outra vez a cabeça com inquietação, percorreu o pano verde, como se o fizesse com as narinas farejantes de um jovem cão de caça que procura uma boa pista e, de repente, num gesto rápido e nervoso, despejou todo o punhado de moedas de ouro em cima de um dos quadrados.

“Imediatamente recomeçou aquela atitude de vigia, aquela hipertensão.

“Outra vez saiu-lhe dos lábios aquele marulhar de ondas com vibrações elétricas, outra vez as mãos se contraíram, a fisionomia de criança desapareceu por trás da ansiedade do desejo, até que, como se fosse uma explosão, a decepção viesse dissolver aquela crispação e aquela tensão. O rosto, que pouco antes parecia o de uma criança, murchou, tornou-se triste e velho; os olhos ficaram embaciados e apagados e tudo isso apenas no espaço de um segundo, enquanto a bola parava em um número que ele não tinha escolhido. Tinha perdido; durante alguns segundos, olhou fixamente com uma expressão estúpida, como se não tivesse compreendido, mas imediatamente, ao primeiro apelo do banqueiro, como estimulado por uma chicotada, seus dedos agarraram de novo algumas moedas de ouro. Tinha porém perdido a confiança; primeiro, colocou as moedas sobre um quadrado, depois, mudando de ideia, sobre um outro e, quando a bola estava já em rotação, atirou depressa no quadrado com mão trêmula e sob o efeito de uma inspiração súbita mais duas notas amarrotadas. Aquela alternativa, aquele movimento palpitante de perdas e ganhos, durou sem parar mais ou menos uma hora, e durante aquela hora não afastei um só instante o meu olhar fascinado daquele rosto continuamente transformado, sobre o qual passavam o fluxo e o refluxo de todas as paixões. Não afastei mais os olhos

daquelas mãos mágicas de que cada músculo acusava plasticamente toda a escala de sentimentos, subindo e baixando como um repuxo de água. Nunca no teatro eu tinha olhado com tanto interesse para o rosto de um ator como olhava agora para aquela fisionomia, onde se desenrolava incessantemente por estremecimentos, como um reflexo de luz e de sombra em uma paisagem, a escala furta-cor de todas as cores e de todas as sensações.

“Nunca até então um divertimento tinha-me interessado tanto como o refluxo daquela paixão estranha. Se alguém tivesse reparado em mim naquele momento, teria certamente tomado a fixidez do meu olhar de aço por uma hipnose, e era, na verdade, a uma espécie de hipnose que se assemelhava o meu estado de entorpecimento completo; tudo o que havia ali de mistura, luzes, risos, seres humanos e olhares, flutuava em volta de mim, como uma coisa sem forma, como uma fumaça amarela, no centro da qual surgia aquele rosto, chama entre as chamas. Não ouvia nada, não sentia nada, não via as pessoas que se aglomeravam em volta de mim, não via outras mãos estenderem-se bruscamente como se fossem antenas para atirar ao jogo o dinheiro ou recolhê-lo às braçadas. Não percebia a bola e não ouvia a voz do banqueiro e, não obstante, via como em sonho tudo o que se passava ali, ampliado e aumentado, pela emoção e pela exaltação, no espelho côncavo daquelas mãos. Porque, para saber se a bola caía no vermelho ou no preto, se rolava ou parava, não tinha necessidade de olhar para a roleta; cada uma das fases, perda ou ganho, expectativa ou decepção, lia-se em caracteres de fogo nos nervos e nos gestos daquele rosto dominado pela paixão.

“Chegou então um momento terrível, um momento que eu mesma tinha temido já em surdina, durante todo o tempo, um momento que tinha estado suspenso como um aguaceiro sobre os meus nervos superexcitados e que de repente os arrastou no seu desencadeamento.

“A bola tinha novamente amortecido os pequenos ruídos e estalos da sua corrida rotativa; de novo palpitou aquele instante durante o qual duzentos lábios retiveram o seu fôlego, até que a voz do banqueiro anunciou desta vez ‘zero’, enquanto sua pá colhia de todos os lados as moedas sonoras e as notas rangedoras.

“Nessa ocasião, as duas mãos contraídas tiveram um gesto particularmente terrível; como que saltaram para agarrar qualquer coisa que já não existia mais e caíram em seguida como agonizantes sobre a mesa, obedecendo unicamente na sua inércia às leis da gravidade. Depois, voltaram de repente à vida para o corpo a que pertenciam, subiram como gatos selvagens ao lado do tronco, procurando

nervosamente em todos os bolsos, em cima, embaixo, à direita, à esquerda, para ver se não haveria ainda nalgum lugar uma última migalha, alguma moeda esquecida. Mas saíam sempre vazias. Renovavam sempre com mais ardor aquela pesquisa vã e inútil e já o prato da roleta tinha-se posto em movimento, o jogo dos outros continuava, as moedas chocavam-se, as cadeiras se afastavam e os mil pequenos ruídos confusos enchiam a sala com o seu rumor.

“Eu tremia toda, sacudida de horror, como se participasse, malgrado meu, de todos aqueles sentimentos, como se fossem os meus próprios dedos que estivessem ali cavando desesperadamente, à procura de qualquer espécie de dinheiro, nos bolsos e nas dobras da roupa toda amarrotada. De repente, num gesto seco, o homem levantou-se diante de mim como alguém que se sente mal e que se levanta para não sufocar; por trás dele, a cadeira rolou caindo ao chão com um barulho surdo. E, sem mesmo dar por isso, sem dar atenção aos vizinhos que espantados e inquietos se distanciavam daquele homem cambaleante, afastou-se da mesa num passo pesado.

“Diante daquele espetáculo, fiquei como que petrificada. Compreendi logo aonde ia aquele homem: ia morrer. Quem se levanta daquela maneira não vai certamente para um hotel, para um cabaré, para a casa de uma mulher, para um compartimento de trem ou para qualquer outro lugar na vida; vai precipitar-se diretamente no nada. Mesmo a pessoa mais insensível daquela sala de inferno teria reconhecido forçosamente que aquele indivíduo não contava com nenhum recurso, nem em casa, nem no banco, nem em casa de parentes. Que tinha jogado ali o seu último dinheiro, até a própria vida, e que agora, com aquele passo tropeçante, ia-se embora, fosse para onde fosse, mas com certeza para fora da existência.

“Desde o princípio eu receara (desde o primeiro instante eu tinha magicamente sentido aquilo) que ali se tratava de coisa superior ao lucro ou perda unicamente de jogo, e no entanto senti como se um raio me fulminasse ao ver que a vida abandonava repentinamente os olhos daquele homem e que a morte punha suas tintas lívidas sobre aquele rosto ainda cheio de vitalidade. Involuntariamente (por tal forma eu me sentia penetrada pelos seus gestos plásticos) tive que me agarrar a um móvel enquanto ele se levantava penosamente do seu lugar e cambaleava, porque o seu andar vacilante passava agora para o meu próprio corpo como pouco antes a sua excitação tinha-se apoderado das minhas veias e dos meus nervos. Mas depois, foi mais forte do que eu, e vi-me forçada a segui-lo. Sem querer, meu pé pôs-se por si mesmo em movimento. Isso fez-se de um modo absolutamente inconsciente; não era eu que agia, mas as coisas passaram-

se de tal maneira que sem dar atenção a ninguém, sem ter consciência dos meus próprios gestos, corri para o vestibulo a fim de sair.

“O homem estava no vestiário; o criado tinha-lhe trazido o sobretudo. Mas seus braços não obedeciam mais. Assim, o criado amável ajudou-o, como a um aleijado, a vestir penosamente as mangas. Vi-o levar maquinalmente os dedos ao bolso do colete para dar uma gorjeta, mas, depois de ter apalpado até o fundo, os dedos saíram vazios. Pareceu então de repente lembrar-se de tudo o que acabara de acontecer, balbuciou com acanhamento uma palavra qualquer ao criado e, como pouco antes, dando um tranco para a frente, desceu cambaleando como um ébrio as escadas do cassino, de onde o criado olhou para ele um instante com um sorriso, a princípio de desprezo e finalmente de compreensão. Aquela cena tinha sido tão comovente que tive vergonha de estar ali. Sem querer, dei as costas, acanhada de ter assistido como da ribalta de um teatro àquele drama de desespero de alguém a quem eu não conhecia, mas de repente aquela angústia, angústia que eu sentia dentro de mim, obrigou-me a segui-lo. Depressa fiz com que me dessem as minhas coisas e, sem saber o que iria fazer, maquinalmente, instintivamente, avancei pela escuridão, acompanhando aquele homem.”

Mrs. C. interrompeu um instante a sua narrativa. Durante todo aquele tempo, tinha estado imóvel na sua cadeira, diante de mim, e tinha falado quase num fôlego só, com aquela calma e precisão que lhe eram peculiares, como só o pode fazer quem se tenha preparado e cuidadosamente posto em ordem os acontecimentos. Era a primeira vez que ela se calava. Hesitou um instante e, depois, bruscamente, deixando de lado a sua história, dirigiu-se diretamente a mim:

— Prometi ao senhor e a mim mesma — começou ela um pouco inquieta — contar-lhe com sinceridade absoluta tudo o que se passou. Devo, porém, exigir do senhor que acredite completamente na minha sinceridade e que não atribua à minha maneira de agir motivos secretos de que eu pudesse ter hoje que corar. No meu caso, isso seria uma suposição inteiramente falsa. Devo frisar bem que, quando segui precipitadamente pela rua aquele jogador perdido, eu não estava absolutamente apaixonada por aquele rapaz, e não pensava absolutamente nele como uma mulher pode pensar em um homem. Efetivamente, eu, que tinha então mais de quarenta anos, depois da morte de meu marido, nunca mais lancei os olhos para homem algum. Era para mim uma coisa definitivamente deixada no passado. Faço questão absoluta de dizer isso ao senhor e torna-se necessário que o diga, porque, do contrário, tudo o que se passou depois não lhe poderá dar uma justa ideia do seu horror.

“Na verdade, ser-me-ia difícil, por outro lado, qualificar com precisão o sentimento que me arrastou então de modo tão irresistível a seguir aquele desgraçado. Tinha muito de curiosidade, mas também um medo terrível, ou para dizer melhor, o medo de qualquer coisa de terrível que eu tinha sentido pairar, como uma nuvem, em torno do rapaz. É, porém, impossível analisar ou dissecar umas sobre as outras, com demasiada força, tais impressões; especialmente amontoadas de rapidez, ou de espontaneidade. É possível que eu não fizesse ali senão o gesto absolutamente instintivo que se faz para socorrer e agarrar na rua uma criança que se vai lançar sob as rodas de um automóvel. Senão, como explicar que pessoas que não sabem nadar se atirem do alto de uma ponte para socorrer alguém que se afoga? É unicamente uma vontade que as empurra e as obriga a se atirar na água antes que tenham tempo de refletir na temeridade insensata do seu gesto. E foi exatamente assim, sem nenhuma ideia, sem refletir e em completa inconsciência, que segui então aquele desgraçado, da sala de jogo à saída e da saída até ao terraço que precede o cassino.

“Tenho certeza de que nem o senhor nem ninguém que tivesse olhos para ver ter-se-ia podido arrancar àquela curiosidade ansiosa, porque não há nada mais lamentável de imaginar que o aspecto daquele rapaz, de 24 anos se muito, que se arrastava penosamente como um velho, da escada ao terraço, cambaleando como um ébrio, com as articulações moles e quebradas.

“Deixou-se cair sobre um banco, pesadamente, como se fosse um saco. Outra vez aquele gesto me fez estremecer, porque vi que aquele homem tinha chegado ao fim de tudo. Só um morto pode cair daquela maneira, ou então alguém que já não tenha mais um único músculo com vida.

“A cabeça inclinada para o lado caía por cima das costas do banco, os braços caíam frouxos e sem feitio para o chão; na penumbra das lanternas vacilantes, qualquer transeunte teria podido tomá-lo por um cadáver.

“E foi assim (não posso explicar como foi que aquela visão se formou de repente em mim; o que sei é que repentinamente ela me apareceu tangivelmente plástica, numa realidade horrível e aterradora), foi assim, com o aspecto de um cadáver, que o vi diante de mim naquele instante e tive a certeza cega de que ele tinha um revólver no bolso e de que no dia seguinte haviam de achar aquele corpo estendido naquele banco ou sobre um outro qualquer, sem vida e coberto de sangue. Porque o modo pelo qual ele se tinha abandonado ali era o de uma pedra que cai no fundo de um abismo. Nunca vi um gesto físico exprimir tamanho desânimo e tanto desespero.

“E agora, imagine a minha situação: achava-me a uns vinte ou trinta passos por trás do banco onde estava sentado aquele homem imóvel e arriado sobre si mesmo, e eu não sabia o que fazer. Desejava, por um lado, socorrê-lo e, por outro, era retida pelo receio de dirigir a palavra na rua a um estranho; receio criado pela educação e pela hereditariedade. Os bicos de gás projetavam a sua luz baça e vacilante em direção ao céu cheio de nuvens; os transeuntes, muito raros, passavam apressados, porque era quase meia-noite; e eu estava por conseguinte quase sozinha no parque com aquele homem com aspecto de suicida.

“Cinco vezes, dez vezes, eu já reunira todas as minhas forças e tinha dado um passo para ele, mas sempre o pudor me obrigava a retroceder, ou, talvez, aquele instinto, aquele pressentimento profundo que nos mostra que aqueles que caem, às vezes, arrastam na queda os que querem salvá-los. No meio daquela incerteza, percebia eu mesma, claramente, a loucura, o ridículo da situação. No entanto, não podia nem falar, nem ir embora; não podia fazer fosse o que fosse, nem deixá-lo. E espero que o senhor me acredite se eu lhe disser que fiquei assim naquele terraço, indo e vindo, sem saber que decisão tomar, durante talvez mais de uma hora, uma hora interminável, por tal forma eu me sentia penetrar cada vez mais pela imagem do aniquilamento completo de um ente humano, enquanto as ondas invisíveis seguiam batendo mil vezes no seu contínuo marulhar.

“Contudo, não tinha coragem para falar nem agir, e teria ficado ali ainda o resto da noite, esperando não sei o quê, ou então um egoísmo inteligente ter-me-ia afinal feito voltar para casa. Sim, creio mesmo que estava já quase decidida a abandonar à sua sorte aquela trouxa de miséria, quando um poder superior triunfou da minha irresolução. Começou a chover. Já durante toda a tarde, o vento tinha reunido por cima do mar pesadas nuvens de primavera carregadas de vapor. Sentia-se com os pulmões e com o coração que o céu pesava intensamente sobre a terra. De repente, uma gota de chuva estalou no chão e logo depois um dilúvio maciço caiu em grossas meadas que o vento expulsava. Involuntariamente, abriguei-me sob o teto de um quiosque e, embora o meu chapéu de chuva estivesse aberto, as rajadas furiosas atiravam sobre o meu vestido feixes de água. Até no rosto e nas mãos sentia a poeira fria das gotas caindo, com um ruído seco, mas (era uma coisa tão terrível de ver-se, que ainda hoje, vinte anos depois, sinto um nó na garganta só de pensar), apesar do dilúvio torrencial e desgraçado ele permanecia imóvel no seu banco, sem fazer o menor gesto.

“A água caía e escorria por todas as goteiras, ouvia-se lá para os lados da cidade o barulho roncante dos carros, pela direita e pela esquerda, passavam pessoas correndo, apertando seus capotes: tudo o que tinha vida encolhia-se e fugia assustado procurando um abrigo; por toda parte, nos homens e nos animais, sentia-se o medo dos elementos desencadeados — só aquele negro novelo humano, lá no seu banco, não se mexia.

“Já tive ocasião de lhe dizer que aquele homem tinha o poder mágico de exprimir plasticamente os seus sentimentos pelos movimentos e pelos gestos. Nada, porém, nada sobre a Terra teria podido traduzir aquele desespero, aquele abandono absoluto da sua pessoa, aquela morte viva, de um modo tão expressivo como aquela imobilidade sob a chuva torrencial, aquele desânimo demasiado grande para se levantar e dar alguns passos necessários a fim de abrigar-se em qualquer parte, aquela indiferença em relação à sua própria individualidade. Nenhum escultor, nenhum poeta, nem Michelangelo, nem Dante, puderam jamais fazer-me compreender o gesto do desespero supremo, a suprema miséria da Terra, de modo tão comovente e tão potente como aquela criatura viva, que se deixava inundar pelo aguaceiro, já por demais exausta, cansada para se garantir por um único gesto.

“Foi mais forte que eu, que não pude agir de outro modo. De um salto, passei por baixo do chicote líquido e brutal da chuva e, sacudindo no seu banco aquela trouxa humana que escorria água:

“— Venha! — disselhe agarrando-o por um braço.

“Uma coisa indescritível olhou para mim fixamente e com esforço.

“Uma espécie de gesto pareceu querer esboçar-se lentamente nele, mas não compreendia.

“— Venha! — tornei a dizer e puxando-o ainda pela manga molhada, mas desta vez quase colérica.

“Então ele se levantou lentamente, sem vontade e cambaleando.

“— Que deseja? — perguntou.

“Não encontrei resposta alguma, porque eu mesma não sabia aonde havia de ir com ele. O que eu procurava era unicamente arrancá-lo daquele aguaceiro frio, daquela indiferença insensata e semelhante ao suicídio, que o fazia ficar ali naquele desespero supremo. Não abandonei o seu braço e continuei a puxar aquele trapo humano até o quiosque da floresta, cujo teto, formando uma pequena saliência, poderia protegê-lo, de certo modo, contra os ataques furiosos do elemento líquido que o vento chibatava de maneira selvagem.

“Afora isso, eu não sabia nada, não queria nada. Não tinha pensado senão em abrigar aquele homem em um lugar seco.

“E assim estávamos ali, um ao lado do outro, naquele pequeno espaço abrigado, tendo por trás de nós a parede do quiosque fechado, e por cima apenas o teto protetor, demasiado pequeno, e por baixo do qual a chuva incansável penetrava perfidamente, para nos enviar sem parar, em rajadas súbitas, sobre as roupas e nos rostos, pedaços de frio líquido. A situação tornava-se insustentável.

“Eu não podia, apesar de tudo, ficar por muito tempo ao lado daquele estranho, todo encharcado. Por outro lado, era impossível, depois de tê-lo arrastado comigo, abandoná-lo ali simplesmente sem lhe dizer uma palavra. Era absolutamente necessário fazer alguma coisa. Pouco a pouco, cheguei a uma ideia clara e precisa. O melhor, pensei eu, será levá-lo de carro até sua casa e voltar depois para o hotel; amanhã ele saberá sair dessa enrascada. E assim, perguntei àquele homem que estava imóvel a meu lado e que olhava para a noite furiosa, com olhar fixo:

“— Onde mora?

“— Não tenho casa... Vim de Nice esta mesma tarde... Não podemos ir à minha casa.

“Não compreendi imediatamente a última frase. Só mais tarde é que entendi que aquele homem me tomava por... por... uma dessas mulheres que rondam em grande número em volta do Cassino, porque esperam sempre apanhar algum dinheiro com os jogadores felizes ou com os que saem dali quase ébrios. Além disso, que outra coisa poderia ele pensar, já que ainda agora, contando-lhe o que se passou, sou a primeira a sentir a inverossimilhança completamente fantástica da minha situação? Que outra ideia teria ele podido fazer de mim, já que o modo por que eu fora arrancá-lo do seu banco e atraí-lo sem nenhuma hesitação não correspondia de modo algum ao de uma dama? Mas essa ideia não me ocorreu logo. Só mais tarde, já demasiado tarde, é que compreendi o seu horrível engano a meu respeito. Porque de outro modo, eu não teria nunca pronunciado as palavras que se seguiram e que não podiam senão confirmar o seu erro. Disselhe:

“— Pois bem! Tomaremos um quarto em um hotel. O senhor não pode ficar aqui, é preciso que encontre um abrigo imediatamente, em qualquer parte.

“Mas percebi logo o seu penoso engano, porque, sem se voltar para mim, contentou-se em dizer com certa ironia:

“— Não, não preciso de quarto, não tenho mais necessidade de nada. Não se canse, não arranje nada comigo. Você não teve sorte, não tenho um níquel.

“Disse isso num tom medonho, com uma indiferença impressionante; e a sua atitude, aquela maneira frouxa de se apoiar à parede do quiosque, partindo de uma criatura escorrendo água, molhada até os ossos e com a alma exausta, comoveu-me a tal ponto que não tive tempo para me sentir amesquinhada e totalmente insultada. Só sentia o que sentira desde o princípio, quando o vi sair cambaleando da sala e depois durante aquela hora incrível; isto é, que ali, uma criatura humana, moça, cheia de vida, de força, estava prestes a morrer e que o meu dever era salvá-la. Aproximei-me dele e disse:

“— Não se preocupe com a questão do dinheiro! O senhor não pode ficar aqui; saberei encontrar-lhe um abrigo. Não se preocupe com coisa alguma, terá apenas de acompanhar-me.

“Moveu a cabeça, e, enquanto a chuva caía surdamente em volta de nós e a borrasca atirava aos nossos pés a sua água barulhenta, senti que, no meio da escuridão, ele se esforçava pela primeira vez para distinguir o meu rosto. Seu corpo parecia também acordar lentamente da sua letargia.

“— Como queira — disse ele aceitando —, tudo para mim é igual... E no fim das contas, por que não? Vamos.

“Abri meu chapéu de chuva; ele veio para meu lado e enfiou o braço no meu. Aquela familiaridade foi de repente para mim muito desagradável. Sim, aquilo me assustou e fui presa de terror até o fundo da alma. Mas não tive coragem para retirar o braço, porque se agora eu o repelisse, ele cairia no abismo, e tudo o que eu tinha feito até ali teria sido em vão. Avançamos alguns passos na direção do cassino.

“Só naquele instante é que compreendi que eu não sabia o que lhe havia de dizer. O melhor, depois de rápida reflexão, me pareceu levá-lo a um hotel, meter-lhe algum dinheiro na mão, para que pudesse pagar o quarto e no dia seguinte voltar para Nice: não queria outra coisa. E como agora os carros passavam apressados por diante do cassino, chamei um, para o qual subimos. Quando o cocheiro perguntou aonde queríamos ir, não soube a princípio o que responder. Mas, lembrando-me de súbito que aquele homem molhado até aos ossos e escorrendo água, que estava ali a meu lado, não seria admitido em nenhum dos bons hotéis e, por outro lado, como mulher sem experiência que eu era, não imaginando absolutamente a possibilidade de um equívoco, contentei-me em responder ao cocheiro:

“— Vamos a qualquer um dos hotéis pequenos.

“O cocheiro estoico, inundado pela chuva, pôs o cavalo a caminho. O desconhecido sentado a meu lado permanecia mudo, as rodas chapinhavam e a

chuva batia com força nos vidros. Naquele espaço quadrado, modesto, sem luz, semelhante a uma cova, parecia-me estar na companhia de um cadáver. Tentei refletir, achar uma palavra para atenuar a singularidade e o horror daquela vizinhança, mas não consegui. No fim de alguns minutos, o carro parou... Fui a primeira a descer e paguei o cocheiro, enquanto o outro, todo sonolento, fechava a portinhola.

“Estávamos agora diante da porta de um hotelzinho que eu não conhecia; por cima das nossas cabeças um toldo de vidro cobria-nos com a sua abóbada protetora, contra a chuva que, em volta de nós, com horrível monotonia, franjava a noite impenetrável.

“O estrangeiro, cedendo ao peso, tinha-se apoiado à parede. Do seu chapéu encharcado e das suas roupas amarrotadas, a água caía como de uma goteira. Estava ali como um afogado que acaba de ser pescado e que está ainda com o espírito entorpecido, e em volta do pequeno espaço onde ele se achava apoiado, a água caindo formava como que um riacho. Mas não fazia o menor esforço para se sacudir, para agitar o chapéu de onde as gotas caíam incessantemente sobre a sua testa e pelo seu rosto.

“Estava ali completamente impassível, e não sei dizer quanto eu me sentia comovida por aquele esgotamento.

“Agora, porém, era preciso agir. Pus a mão no bolso:

“— Aqui tem cem francos — disselhe eu. — O senhor vai tomar um quarto e amanhã de manhã volte para Nice.

“Olhou para mim com espanto.

“— Estive observando-o na sala do jogo — continuei insistindo, depois de ter reparado na sua hesitação. — Sei que o senhor perdeu tudo e tenho receio que esteja a ponto de fazer uma tolice. Não é uma vergonha aceitar um auxílio. Vamos, tome.

“Afastou a minha mão com uma energia que eu não teria imaginado possível da sua parte.

“— Você é uma boa moça — disse ele. — Mas não desperdice o seu dinheiro. Não há mais nada a fazer por mim. É completamente indiferente que esta noite eu durma ou não. Amanhã será o fim de tudo. Não há mais nada a fazer.

“— Não. É preciso que o senhor aceite este dinheiro — insisti. — Amanhã pensará de outro modo. Agora, entre no hotel e durma calmamente; a noite é boa conselheira e as coisas mudam de aspecto à luz do dia.

“Enquanto isso, como eu lhe estendesse de novo o dinheiro, ele repeliu-me, quase com violência.

“— É inútil — respondeu com voz abafada. — Isso de nada serve. Mais vale que a coisa se passe lá fora, do que sujar de sangue o quarto dessa pobre gente. Cem francos não podem me auxiliar, nem mil também. Com os poucos francos que me restassem, eu voltaria amanhã ao cassino e não sairia enquanto não tivesse perdido tudo. Para que recomeçar? Estou farto.

“O senhor não pode imaginar a impressão que fazia no fundo da minha alma aquela voz surda; mas imagine a minha situação: a dois passos de uma criatura humana, moça, brilhante, cheia de vida, de saúde, e saber que, se não empregarmos todas as nossas forças, em duas horas, aquela flor de mocidade que pensa, fala e respira não será mais que um cadáver. Então senti como que um desejo furioso de triunfar sobre aquela resistência insensata. Agarrei-o pelo braço, dizendo:

“— Basta de tanta tolice! Vai entrar no hotel e tomar um quarto; amanhã de manhã virei buscá-lo e o levarei à estação. É preciso que vá embora daqui, é preciso que amanhã mesmo volte para a sua casa, e eu não terei descanso enquanto não o vir com os meus olhos, munido do seu bilhete, dentro do trem. Não se abandona a vida quando se é moço, só por haver perdido algumas centenas ou alguns milhares de francos. Seria uma covardia, uma crise estúpida de raiva e de exasperação. Amanhã, o senhor será o primeiro a me dar razão.

“— Amanhã! — repetiu ele em tom extraordinariamente amargo e irônico. — Amanhã! Se soubesse onde estarei amanhã! Se eu mesmo pudesse saber! Estou, para falar a verdade, ficando curioso a esse respeito. Não, volta para casa, minha filha, não perca seu tempo e não desperdice o seu dinheiro.

“Mas eu não cedia. Estava presa de uma mania, de uma espécie de fúria. Agarrei-lhe violentamente a mão e coloquei ali à força a nota de cem francos.

“— Tome esse dinheiro e entre imediatamente.

“E dizendo isto, caminhei resolutamente para a campainha e toquei-a.

“— Bem, agora que toquei, a porta vai-se abrir; o senhor vai subir e deitar-se. Amanhã, às nove horas, eu o esperarei em frente a esta casa e vou levá-lo para a estação. Não se preocupe com o resto, farei o que for preciso para que volte para sua casa. Mas agora, vá deitar-se, durma bem e não pense em mais nada.

“Naquele instante, a chave rangeu pelo lado de dentro da porta e o criado do hotel abriu-a.

“— Vem! — disse então bruscamente o rapaz, com voz dura, decidida, irritada.

“E senti em volta do meu pulso a pressão de ferro dos seus dedos. Fiquei transida de susto... Fiquei tão amedrontada, tão paralisada como se tivesse sido fulminada por um raio, a ponto de perder a cabeça... Quis defender-me,

desvencilhar-me... mas minha vontade era inerte... e eu... o senhor compreende, diante do porteiro que estava ali, tinha vergonha de lutar com um estranho.

“E... foi assim... assim... que me achei de repente dentro do hotel. Quis falar, dizer alguma coisa, mas a voz estava presa na garganta... a mão dele tinha se pousado no meu braço, pesada e autoritária... Sentia vagamente que ela me puxava, sem que tivesse consciência do que estava fazendo. No alto da escada... uma chave girou na fechadura...

“Achei-me sozinha com aquele estranho, em um quarto estranho, num hotel qualquer, de que até hoje não sei o nome.”

*

Mrs. C. parou de novo e levantou-se bruscamente; sua voz parecia não mais lhe obedecer. Foi até a janela, olhou silenciosamente alguns minutos para fora, ou talvez não tenha senão apoiado a fronte na vidraça fria. Não tive coragem de certificar-me bem, porque me era penoso ver a velha senhora presa de sua emoção. Por isso, fiquei sentado, mudo, sem indagar, sem fazer barulho e esperei até que ela voltasse com passo calmo e viesse sentar-se diante de mim.

— Bem, agora, o mais difícil já foi dito. Espero que acredite em mim se eu lhe afirmar, como o faço ainda mais uma vez, jurando por tudo o que há de mais sagrado para mim, pela minha honra e pelos meus filhos, que até aquele instante, nem a mínima ideia de uma... de uma união com aquele estrangeiro tinha-me passado pela cabeça, que realmente eu estava sem força de vontade e que, privada de sentidos, eu tinha caído repentinamente, como por um alçapão, do caminho regular da minha existência naquela situação. Jurei-lhe que seria verdadeira com o senhor e comigo mesma, repito-lhe mais uma vez que foi unicamente pelo desejo quase exasperado de socorrer aquele rapaz e não por outro sentimento, por algum sentimento pessoal, e que foi por conseguinte sem nenhum desejo, sem nenhuma ideia do que se ia passar, que fui precipitada naquela trágica aventura.

“O senhor me dispensará de contar o que se passou então naquele quarto. Nunca esqueci, nem poderei esquecer nenhum dos segundos daquela noite. Porque ali, lutei com uma criatura humana para salvar-lhe a vida, sim, repito, tratava-se de uma luta de vida ou de morte para um homem.

“Cada um dos meus nervos sentia por demais infalivelmente que aquele estrangeiro, que aquele homem, já meio perdido, agarrava-se à última tábua de salvação com todo o ardor apaixonado de quem se sente mortalmente ameaçado.

Agarrava-se a mim como quem já se sente à beira do abismo. Quanto a mim, desenvolvia todos os meus recursos, tudo o que dependia de mim, para salvá-lo. Não se vive uma hora daquelas senão uma vez na vida, e aquilo não acontece senão a uma pessoa em um milhão. Nunca poderia ter imaginado, sem aquele episódio, com que força de desespero, com que raiva desenfreada, um homem abandonado, um homem perdido sorve pela última vez a melhor gota vermelha do sangue da vida; separada durante vinte anos, como eu tinha sido, de todos os poderes satânicos da existência, nunca poderia compreender a maneira grandiosa e fantástica por que a natureza concentra, às vezes, em alguns haustos rápidos, tudo o que há nela de calor e de gelo, de vida e de morte, de gozos e de desespero. E aquela noite foi de tal forma cheia de luta e de palavras, de paixão e de embriaguez, de cólera e de ódio, de lágrimas e de súplicas, que me pareceu durar mil anos e que nós, aquelas duas criaturas humanas que vacilavam enlaçadas à beira do abismo, um tendo em si a fúria da morte, a outra sem nenhum pressentimento, saímos completamente transformados, com outro espírito e outra sensibilidade.

“Mas nada direi. Não posso nem quero descrever aquilo. Devo no entanto dizer-lhe uma palavra sobre o que foi o minuto espantoso do meu despertar na manhã seguinte. Acordei de um sono de chumbo, de uma profundidade negra como não conhecera nunca. Foi-me preciso muito tempo para poder abrir os olhos, e a primeira coisa que vi foi, por cima de mim, o teto de um quarto desconhecido, depois tateando ainda um pouco mais, um lugar estranho, ignorado por mim, horrível, onde eu não sabia como poderia ter ido parar.

“A princípio, esforcei-me por acreditar que não passava de um sonho mais claro e mais transparente, que vinha sendo a continuação daquele sono tão pesado e tão confuso; mas, diante das janelas, brilhava a luz da manhã. Ouvia-se subir da rua, com o rolar dos carros, a campainha dos bondes e os ruídos dos homens; e agora eu sabia que não estava sonhando e sim acordada. Sem querer, ergui-me para recuperar a razão, e ali... voltando o meu olhar para o lado... vi (nunca poderei descrever o meu terror) um homem desconhecido, dormindo a meu lado, na larga cama... mas era um estranho, um estrangeiro completamente estranho, um homem seminu e desconhecido.

“Não, aquele terror, bem o sei, não se pode descrever: apoderou-se de mim com tal força que caí outra vez inanimada. Mas não era um desmaio verdadeiro, durante o qual não se tem consciência de nada; ao contrário: com a rapidez de um raio, tudo foi para mim tão consciente como inexplicável, e não tive mais que o desespero de morrer de nojo e de vergonha, vendo-me assim, de repente,

com uma criatura absolutamente desconhecida, naquela cama estranha de um hotel escuro e aparentemente suspeito. Lembro-me ainda perfeitamente: a pulsação do meu coração parou, prendi a respiração como se eu pudesse assim pôr fim à minha vida e sobretudo à minha consciência, àquela consciência clara, de uma clareza espantosa, que percebia tudo e que ainda assim não compreendia nada.

“Não saberei nunca quanto tempo fiquei assim, estendida, com os membros gelados: os mortos têm uma rigidez parecida nos seus caixões. Sei apenas que tinha fechado os olhos e que pedia a todas as potências do céu, fossem elas quais fossem, que fizessem com que nada daquilo fosse verdade, com que nada daquilo fosse real! Mas os meus sentidos apurados não me permitiram nenhuma ilusão. Ouvia no quarto ao lado homens falarem, água correr; lá fora, ouvia pessoas ressoando pelo corredor e cada um daqueles indícios atestava implacavelmente a cruel vigília dos meus sentidos.

“Não poderei dizer quanto tempo durou aquela atroz situação: tais segundos não têm o mesmo tamanho que os outros da vida. De repente fui tomada de um outro receio: o medo selvagem e horroroso de que aquele estranho, de quem eu não sabia o nome sequer, acordasse e me dirigisse a palavra. Imediatamente compreendi que não havia para mim senão um recurso: vestir-me e fugir antes que ele acordasse.

“Não ser mais vista por ele, não lhe falar mais. Fugir a tempo, ir-me embora, para reentrar fosse como fosse na minha verdadeira vida, para voltar imediatamente a meu hotel; no primeiro trem abandonar aquele lugar maldito, deixar aquele país, nunca mais tornar a encontrar aquele homem, não tornar a ver os seus olhos, não ter mais diante de mim uma testemunha, um acusador, um cúmplice. Aquela ideia triunfou do meu desmaio: com muita prudência, com os movimentos furtivos de um ladrão, saí da cama e apanhei, às apalpadelas, as minhas roupas, avançando, centímetro por centímetro, sem fazer barulho.

“Vesti-me com precauções infinitas, temendo sem a cada instante acordá-lo, e já estava quase pronta, tendo quase conseguido o meu fim. Só o meu chapéu estava ainda no outro lado, no fim da cama. Então, enquanto ia andando nas pontas dos pés tateando para agarrá-lo, naquele instante preciso, não pude agir de outro modo; a meu pesar, tive de lançar ainda um olhar sobre o rosto daquele homem que tinha caído na minha vida como uma pedra do alto de uma cornija. Não queria lançar-lhe senão um olhar, mas... coisa bizarra (porque o jovem desconhecido que ali estava dormindo não era, na verdade, senão um estranho para mim), no primeiro momento, não reconheci a fisionomia da véspera.

Efetivamente, os traços distendidos, crispados pela paixão e convulsivamente alterados, daquele homem mortalmente superexcitado, tinham-se por assim dizer apagado. O indivíduo deitado ali, diante de mim, tinha outra fisionomia, inteiramente infantil, o rosto de um garoto que, com toda a franqueza, iluminava-se de pureza e sinceridade. Os lábios, ontem apertados e crispados sobre os dentes, sonhavam, suavemente entreabertos e já meio arredondados pelo sorriso; os cabelos louros espalhavam as suas ondas moles sobre a testa sem rugas e a respiração passava tranquilamente sobre o corpo em repouso, como um doce brinquedo de ondas saindo do peito.

“Talvez o senhor se lembre de que já lhe disse antes não ter nunca observado ainda em ninguém, com tal força e num grau tão violentamente claro como naquele estrangeiro sentado à mesa do jogo, a expressão de avidez desesperada, e da paixão de um homem. Dir-se-ia agora que nunca, mesmo nas crianças que, quando dormem um sono de bebê, têm muitas vezes em volta de si um halo de sinceridade angélica, eu tinha visto uma tal expressão de pureza límpida, num sono tão verdadeiramente bem-aventurado. Naquela fisionomia todos os sentimentos se gravavam com uma plasticidade sem igual, e havia agora uma reação paradisíaca, uma libertação de todo o peso interior, um alívio, um resgate.

“Diante daquele aspecto surpreendente, toda a ansiedade, todo o medo caía, como se fosse um manto negro e pesado; não senti mais vergonha. Não; sentime quase feliz. Aquele acontecimento terrível e incomparável tinha de repente um sentido para mim; alegrei-me, sentime orgulhosa pensando que aquele rapaz, delicado e bonito, que estava ali deitado, sereno e calmo como uma flor, sem a minha dedicação teria sido encontrado em qualquer lugar no flanco da montanha despedaçado, ensanguentado, com o rosto esmigalhado, sem vida, com os grandes olhos abertos. Eu o tinha salvado. Ele estava salvo! E olhava agora com um olhar maternal (não encontro outra palavra) para aquele adolescente adormecido, a quem eu tinha tornado a dar a vida, com muito mais sofrimento do que quando os meus próprios filhos tinham vindo ao mundo. E ali, naquele quarto sórdido e guarnecido de velharias, naquele repugnante e sujo hotel de encontros, experimentei de repente (por mais ridículas que essas palavras lhe pareçam) a mesma sensação que eu sentiria em uma igreja, uma impressão bem-aventurada de milagre e de beatificação. Do instante mais aterrador que eu tinha vivido em toda a minha vida, nascia em mim, como se fosse um irmão, um outro instante ainda mais espantoso e potente que se possa imaginar.

“Teria eu feito muito barulho, teria falado alto sem dar por isso?

“Não sei dizer. O adormecido abriu os olhos. Fiquei assustada, e recuei bruscamente. Ele olhou surpreso à volta de si, como eu mesma já tinha feito antes, e pareceu sair penosamente de uma profundidade e de um caos imenso. Seus olhos faziam, não sem esforço, um giro por aquele quarto estranho e desconhecido, depois parou olhando para mim, com estupefação. Mas, mesmo antes que ele pudesse recuperar as ideias, eu já tinha me dominado.

“Era preciso não deixá-lo pronunciar uma palavra, não lhe permitir uma pergunta, uma familiaridade; nada do que se tinha passado na véspera ou durante aquela noite devia ser repetido ou discutido.

“— É preciso que eu me retire — disselhe rapidamente. — O senhor fique aqui e vista-se. Ao meio-dia nos encontraremos à entrada do cassino; ali, eu me encarregarei de tudo o que for preciso.

“E, antes que ele pudesse dizer palavra, fugi, para não ver mais aquele quarto e corri, sem me voltar, para fora daquela casa, cujo nome eu ignorava tanto como o do estranho com quem tinha passado a noite.”

*

Mrs. C. interrompeu novamente a sua narrativa apenas o tempo para tomar fôlego. Mas toda a turbacão e todo o tormento tinham desaparecido da sua voz. Como um carro que sobe a princípio penosamente uma encosta, mas que, depois de ter atingido a altura, desce pelo outro lado, ligeiro e rápido, assim a sua narrativa tinha agora asas e ela continuou aliviada:

— Corri, pois, a meu hotel, atravessando as ruas cheias de claridade matinal, tendo a trovoadas expulsado do céu, por cima delas, todas as nuvens, como se tinha dissipado em mim agora todo sentimento doloroso. Realmente não se esqueça do que lhe disse anteriormente: desde a morte de meu marido, eu tinha renunciado completamente à vida. Meus filhos não precisavam de mim, não sentia o menor interesse por mim mesma e toda vida que não se dedica a um fim qualquer é um erro. Ora, pela primeira vez, de improviso, eu cumprira uma missão, tinha salvado um homem, tinha-o arrancado à destruição, pondo em jogo todas as minhas forças.

“Só me faltava triunfar de um pequeno obstáculo para levar a termo de modo satisfatório aquela missão. Cheguei ao meu hotel. O olhar espantado do porteiro, vendo-me voltar para casa só às nove horas da manhã, escorregou por mim sem me alterar. Da vergonha e do desgosto que eu tinha tido nada mais subsistia em mim. Havia agora um renascimento repentino da minha vontade de viver, uma

sensação nova de utilidade da minha existência, fazendo correr nas minhas veias um sangue quente e abundante. Chegando ao meu quarto, mudei rapidamente de roupa e substituí, sem dar por isso (só mais tarde é que reparei), o meu vestido de luto por outro mais claro.

“Fui ao banco retirar dinheiro, fui correndo à estação da estrada de ferro informar-me do horário dos trens, com uma decisão que me enchia de espanto, pus em ordem alguns outros negócios e encontros marcados. A única coisa que ainda me faltava fazer era assegurar a volta daquele homem que o destino me tinha confiado à sua terra, definitivamente salvo.

“Para falar a verdade, faltava-me coragem para abordá-lo agora. Porque na véspera tudo se tinha passado no escuro, em turbilhão, como quando duas pedras, arrastadas por uma enxurrada, se chocam de repente. Mal tínhamos visto a cara um do outro e eu não tinha mesmo a certeza que o desconhecido pudesse ainda me reconhecer. Na véspera, aquilo tinha sido um acaso, uma vertigem, uma loucura satânica de duas criaturas perdidas, mas hoje era preciso que eu me entregasse a ele mais abertamente que na véspera, porque agora, à claridade impiedosa da luz do dia, eu teria de abordá-lo com a minha personalidade, com o meu rosto, como um ser humano.

“Mas isso tudo se passou com maior facilidade do que eu imaginava. Assim que, à hora marcada, eu me aproximei do cassino, um rapaz levantou-se de um banco e correu ao meu encontro. Havia qualquer coisa de tão espontâneo, de tão infantil, de tão ingênuo e de tão feliz na sua surpresa, como em cada um dos seus gestos tão expressivos. Voou para mim, tendo no olhar um brilho de alegria, muito de gratidão e de respeito, e, assim que seus olhos sentiram que os meus se perturbavam diante deles, o rapaz os abaixou humildemente. Ah! a gratidão. É tão raro vê-la manifestar-se nos homens!

“E precisamente os mais gratos são os que não encontram a expressão que precisariam; calam-se, ficam perturbados, envergonhados e disfarçam muitas vezes o seu embaraço para esconder o que sentem. Mas ali, naquela criatura, a quem Deus, como um escultor misterioso, tinha dado todos os gestos capazes de exprimir os sentimentos de um modo sensível, belo e plástico, o gesto da gratidão brilhava como uma paixão que se irradiava através do corpo.

“Inclinou-se sobre a minha mão e, com a linha estreita da sua cabeça de criança devotamente inclinada, ficou assim durante um minuto beijando-me respeitosamente os dedos, que apenas roçava com os lábios. Depois recuou, informou-se da minha saúde, olhou para mim com ternura, e havia tanta

decência em cada uma das suas palavras que no fim de alguns minutos toda a inquietação tinha me abandonado.

“Como um reflexo do meu próprio contentamento moral, a paisagem brilhava em volta de nós, completamente apaziguada. O mar, ontem colérico, aparecia calmo, silencioso e tão límpido, que sob pequeninas ondas que orlavam a praia, cada uma das suas pedras deixava ver, do lugar em que estávamos, o seu brilho branco. O cassino, aquele abismo infernal, erguia a sua brancura mourisca para o céu varrido, fresco e adamascado, e o quiosque, sob cujo teto nós nos tínhamos recolhido na véspera, buscando um abrigo contra a chuva, tinha se transformado em uma risonha loja de flores. Havia ali em abundância, numa mistura matizada, grandes ramos de flores e de folhagens, brancos; vermelhos, verdes e multicores, vendidos por uma rapariga de blusa deslumbrante.

“Convidei o estrangeiro para almoçar em um pequeno restaurante. Ali, o rapaz contou-me a sua trágica aventura. Era a perfeita confirmação do meu primeiro pressentimento, quando tinha visto sobre o pano verde as suas mãos trêmulas e nervosamente agitadas.

“Descendia de uma família da velha nobreza da Polônia austríaca, destinava-se à carreira diplomática, fazia os seus estudos em Nice e no mês anterior tinha feito o seu primeiro exame com um sucesso extraordinário. Para festejar aquele dia, seu tio, um alto oficial do Estado-Maior, em cuja casa ele morava, tinha-o levado de carro ao Prater e tinham ido juntos às corridas.

“O tio ganhou no jogo, ele por sua vez ganhou três vezes. Providos de grosso maço de dinheiro assim adquirido, foram jantar em um restaurante elegante. No dia seguinte, para recompensá-lo pelo seu sucesso no exame, o futuro diplomata recebeu do pai uma soma de dinheiro igual à mesada que lhe davam.

“Dois dias antes, aquela soma ter-lhe-ia parecido enorme, mas agora, depois da facilidade do ganho, pareceu-lhe insignificante e mesquinha. Assim, logo que acabou de almoçar, voltou ao hipódromo, apostou apaixonadamente e desesperadamente, e a sua sorte (ou antes a sua desgraça) fez com que ele deixasse o Prater, depois da última corrida, com o triplo do seu dinheiro

“Desde então, o vício do jogo, ora nas corridas, ora nos cafés ou nos clubes, apoderou-se dele, devorando-lhe o tempo, os estudos, os nervos, e todos os seus recursos. Tornou-se incapaz de pensar, de dormir em paz e muito menos de se dominar. Uma vez, era de noite, tendo voltado do clube onde tinha perdido tudo, encontrou, quando se despia, uma nota de dinheiro toda amarrotada no bolso do colete; foi mais forte que ele; tornou a vestir-se e rondou de um lado para outro,

até que encontrou, num café qualquer, uns jogadores de dominó, com os quais ficou até apontar a madrugada.

“Um dia, sua irmã, que era casada, veio em seu auxílio, pagando as dívidas que tinha junto a usurários solícitos em abrir um crédito ao herdeiro de um grande nome. Durante certo tempo, a sorte o protegeu, mas depois, foi um caiporismo contínuo, e quanto mais perdia, mais os seus compromissos não satisfeitos e a sua palavra de honra empenhada e não cumprida exigiam imperiosamente lucros importantes para o salvarem. Há muito que já empenhara o relógio, as roupas e finalmente realizou-se o ato espantoso: roubou de sua velha tia, em um armário, dois grandes botões de pedrarias que ela usava raramente. Empenhou um deles por uma grande soma, que naquela mesma noite foi quadruplicada pelo jogo. Mas, em vez de se retirar, arriscou-a toda e perdeu...”

“Quando tinha empreendido aquela viagem, o roubo ainda não tinha sido descoberto; tinha empenhado a segunda joia e, cedendo a uma inspiração súbita, tinha seguido diretamente para Monte Carlo, para ganhar na roleta a fortuna que sonhava. Já tinha vendido a mala, suas roupas, seu guarda-chuva; só lhe restava o seu revólver com quatro balas, e uma pequena cruz de brilhantes que lhe tinha sido dada por sua madrinha, a princesa X. e de que não queria se separar. Mas, durante a tarde, tinha vendido a cruz por cinquenta francos, unicamente para poder naquela noite tentar gozar pela última vez o prazer fremente do jogo — a vida ou a morte. Ia-me contando tudo aquilo com a graça atraente da sua pessoa que sabia tão bem animar as coisas. E eu escutava, comovida, empolgada pelo interesse, mas nem um só instante tive a ideia de que se achava ali, na minha mesa, afinal de contas — um ladrão. Se, no dia anterior, alguém tivesse simplesmente me insinuado que eu, a mulher de um passado inatacável, exigindo nas minhas relações uma dignidade estrita e convencional, iria sentar-me um dia com toda a intimidade ao lado de um rapaz, completamente estranho, pouco mais velho que meu filho e que tinha roubado joias, eu teria tomado esse alguém por um insensato.

“Mas, nem um só instante, no correr da sua narrativa, senti a menor sensação de horror. Contava tudo aquilo tão naturalmente e com tal paixão que o seu ato parecia-me antes consequência de uma febre, de uma doença que um delito escandaloso. Além disso, para alguém como eu, que tinha na noite anterior vivido acontecimentos tão inesperados, precipitados uns sobre os outros como uma catarata, a palavra ‘impossível’ tinha perdido bruscamente a significação.

“Contudo, havia uma coisa que me assustava naquela confissão: era o brilho febril que passava pelos seus olhos e fazia vibrar eletricamente todos os

músculos do seu rosto quando ele falava da sua paixão pelo jogo. A simples narrativa da coisa bastava para excitá-lo, e com uma terrível nitidez seu rosto modelar exprimia em traços alegres ou dolorosos os movimentos de excitação que se sucediam nele.

“Sem dar por isso, as suas mãos, aquelas mãos admiráveis, nervosas e flexíveis nas articulações, voltaram a ser o que eram na mesa do jogo; ávidas, violentas e fugidias; enquanto ele ia contando, eu as via estremecerem de repente nas articulações, curvarem-se vivamente e crisparem-se fechadas, depois abrirem-se e de novo apertarem-se uma na outra.

“E, no momento em que confessava o roubo dos botões (o que me fez estremecer sem querer), suas mãos fizeram, saltantes e rápidas como relâmpagos, o gesto do ladrão; vi perfeitamente os dedos agarrarem loucamente a joia e mergulharem-na no côncavo da mão. Reconheci, então, com um terror indescritível, que aquele homem estava envenenado pelo seu vício até a última gota do seu sangue.

“O que no seu caso me comovia e me aterrorizava tanto era unicamente a escravidão de um homem moço, sereno e despreocupado, a um vício tão insensato. Assim, considere como meu primeiro dever persuadir amigavelmente o meu protegido improvisado que abandonasse imediatamente Monte Carlo, onde a tentação era muito perigosa: era preciso que naquele mesmo dia ele fosse para junto da família antes que o desaparecimento dos botões fosse notado e que o seu futuro ficasse arruinado para sempre.

“Prometi-lhe o dinheiro para a viagem e para desempenhar as joias, mas só com a condição de que ele tomaria o trem no mesmo dia e que me daria a sua palavra de honra que não tocaria mais em uma carta nem tomaria mais parte em nenhum jogo de azar.

“Não esquecerei nunca a gratidão apaixonada, a princípio humilde, e depois pouco a pouco radiante, com que aquele estranho, aquele homem perdido me ouvia; não poderei esquecer a maneira como ele bebia as minhas palavras quando prometi ajudá-lo. De súbito, estendeu as duas mãos por cima da mesa para agarrar as minhas num gesto que ficará sempre gravado na minha memória, um misto de adoração e de santa confiança. Nos seus olhos claros, até então um pouco vagos, havia lágrimas, todo o seu corpo tremia nervosamente de emoção e de felicidade. Já tentei por várias vezes descrever-lhe a expressão única da sua fisionomia e da sua atitude, mas aquele gesto não poderei nunca descrever, porque era uma beatitude extática e tão sobrenatural que não se vê nunca outra semelhante em uma fisionomia humana. Era apenas comparável àquela sombra

branca que julgamos perceber ao sair de um sonho, quando imaginamos ver diante de nós o rosto de um anjo que vai desaparecendo.

“Para que dissimular? Não resisti à eloquência daquela cena. A gratidão nos torna felizes porque a encontramos raramente encarnada de um modo tão visível, a delicadeza faz bem e para mim, criatura fria e sóbria, uma tal exaltação era qualquer coisa de novo, de benfazejo e de delicioso.

“E também, como aquele homem, abalado e vencido, a paisagem, depois da chuva da véspera, tinha-se tornado magicamente risonha.

“Quando saímos do restaurante, o mar, completamente calmo, brilhava magnificamente, azul, até às alturas do céu, apenas picado de branco, lá em cima, onde voavam as gaivotas em outro azul: o do céu. O senhor conhece, não é?, a paisagem da Riviera. Causa sempre uma impressão de beleza, mas é um pouco monótona; como um cartão-postal ilustrado, apresenta molemente aos olhos suas cores sempre intensas; como se fosse uma mulher bonita, sonolenta e preguiçosa, que deixa passar por cima de si, com indiferença, todos os olhares — quase de estilo oriental — no seu abandono eternamente pródigo.

“Ainda assim, às vezes, muito raramente, em certos dias, aquela beleza se exalta e surge apaixonada, fazendo gritar com energia suas cores vivas, fantasticamente deslumbrantes, atirando-nos sobre a cabeça vitoriosamente a riqueza matizada de suas flores; dias em que brilha e arde de sensualidade. Era um dia de entusiasmo semelhante o que se tinha sucedido ao caos desencadeado na noite de tempestade. A rua lavada de fresco brilhava, o céu era uma turquesa e por toda parte a verdura saturada de seiva cobria-se de buquês como archotes decore. As montanhas pareciam subitamente mais claras, mais próximas na atmosfera apaziguada e banhada pelo sol, e agrupavam-se curiosas o mais perto possível da pequena cidade cintilante e brunida por faceirice; em cada olhar sentia-se o convite provocante e a incitação da natureza apertando os corações imperiosamente.

“— Tomemos um carro — disse eu — e vamos dar uma volta.

“Fez sinal que sim com alegria. Pela primeira vez depois da sua chegada, aquele rapaz parecia reparar na paisagem. Até então, ele não tinha conhecido senão as salas abafadas do cassino com seus perfumes pesados impregnados de suor, com o ruído das suas criaturas horríveis, de traços crispados, e um mar triste, cinzento e barulhento. Agora, porém, o imenso leque do litoral inundado de sol tinha se aberto diante de nós e o seu olhar ia feliz de um horizonte ao outro. Percorremos no nosso carro vagaroso (automóvel não existia ainda) o caminho magnífico, passando diante de numerosas vilas e de numerosas pessoas.

Cem vezes diante de cada casa escondida na verdura dos pinheiros, sentia-se o desejo secreto: como seria bom viver aqui, uma vida calma, contente, retirado do mundo!

“Teria eu sido algum dia mais feliz na minha vida que naquela hora? A meu lado, no carro, o rapaz que ainda na véspera estava esmagado entre as garras da fatalidade e da morte e agora, aureolado pelos raios brancos do sol, parecia rejuvenescer vários anos. Dir-se-ia outra vez um garoto, uma bela criança travessa, de olhos ardentes e ao mesmo tempo cheios de respeito, em quem nada me encantava tanto como as atenções delicadas e sempre alertas. Se a encosta era muito íngreme e o cavalo custava a puxar o carro, saltava ligeiro para empurrá-lo por trás. Se eu citava o nome de alguma flor, ou se mostrava alguma ao longo da estrada, corria para colhê-la. Apanhou e levou com precaução para o colocar na relva verde um sapinho que, atraído pela chuva da véspera, arrastava-se penosamente pela estrada, e enquanto isso, contava com exuberância anedotas e histórias engraçadas. Creio que o modo como ele ria era para ele uma espécie de derivativo, porque, do contrário, teria sido obrigado a cantar, saltar ou fazer loucuras, tamanhas eram a felicidade e a embriaguez na súbita exaltação da sua atitude.

“Quando no planalto atravessamos lentamente uma aldeia minúscula, ele tirou cortesmente o chapéu num gesto súbito. Fiquei espantada: a quem poderia cumprimentar ele, um estrangeiro entre os estrangeiros? Corou ligeiramente à minha pergunta e respondeu, pedindo desculpas, que tínhamos passado diante de uma igreja, e que na sua terra, na Polônia, como em todos os países estritamente católicos, era costume, desde a infância, tirar o chapéu diante de cada igreja e diante de cada santuário. Aquele belo gesto de respeito perante as coisas da religião comoveu-me profundamente; ao mesmo tempo, lembrei-me daquela cruz de que ele me tinha falado e perguntei-lhe se era crente. Quando, com uma cara um tanto envergonhada, ele me confessou modestamente que esperava salvar a sua alma, tive de repente uma ideia:

“— Pare! — gritei ao cocheiro.

“E desci ligeira do carro. Ele seguiu-me surpreso, dizendo:

“— Aonde vamos?

“— Venha comigo.

“Voltei, acompanhada por ele, em direção à igreja, um pequeno santuário do campo, construído de tijolos. As paredes internas apareciam, na sombra, caiadas de cinzento e nuas; a porta estava aberta, de modo que um cone de luz amarela desenhava-se claramente na escuridão, onde a sombra marcava em fundo azul os

contornos de um pequeno altar. Duas velas piscavam com olhos embaciados no crepúsculo impregnado de um cheiro quente de incenso. Entramos; ele tirou o chapéu, mergulhou a mão na pia de água benta, benzeu-se e dobrou o joelho. E, assim que se levantou, agarrei-o pelo braço.

“— Venha! — disse eu energicamente —, venha até o altar ou até uma dessas imagens que lhe são tão sagradas, e vai fazer o juramento que lhe vou indicar.

“Olhou para mim espantado, quase assustado. Mas, tendo logo compreendido, aproximou-se de um nicho onde havia uma estátua, fez o sinal da cruz e ajoelhou-se docilmente.

“— Repita comigo — disse eu tremendo de emoção —, repita comigo: ‘Juro — (juro, repetiu ele; depois continuei) — que nunca mais tomarei parte em jogos de azar, de qualquer natureza que sejam, e que não arriscarei mais a vida, nem a honra nos perigos desse vício.’

“Repetiu essas palavras tremendo; com força e nitidamente elas ecoaram no silêncio absoluto da igreja. Depois houve um momento de silêncio, tão grande que se podia ouvir lá fora o farfalhar das árvores em cujas folhas passava o vento. E de repente ele se prosternou como um penitente e pronunciou num êxtase completamente novo para mim, em polonês, uma série de palavras rápidas e seguidas que não compreendi. Mas devia ser uma prece extática, uma prece de gratidão, de contrição, porque aquela oração intempestiva curvava-lhe continuamente a cabeça humildemente, por cima de genuflexório. Cada vez mais ardentes se repetiam os sons da linguagem estrangeira e era sempre com maior veemência que uma palavra, sempre repetida, saía dos seus lábios, com um indescritível fervor. Nunca antes e nunca mais ouvi alguém rezar daquele modo em nenhuma igreja do mundo. Suas mãos apertavam nervosamente o genuflexório de madeira, todo o seu corpo era sacudido por uma tempestade interior que às vezes o lançava em uma prostração profunda. Não via nem sentia mais nada; tudo nele parecia passar-se em outro mundo, em um purgatório de purificação ou num transporte em direção a uma esfera de maior santidade. Afinal, levantou-se lentamente, benzeu-se outra vez e voltou-se penosamente. Seus joelhos tremiam, seu rosto estava pálido como o de alguém que estivesse esgotado.

“Mas quando me viu, seu olhar fulgurou, um sorriso puro e verdadeiramente devoto iluminou a sua fisionomia, aproximou-se de mim, inclinou-se muito à moda eslava e agarrou-me as duas mãos para tocá-las respeitosamente e de leve com os lábios.

“— Foi Deus quem a colocou no meu caminho. Acabo de agradecer-lhe.

“Não sabia o que lhe havia de dizer, mas teria desejado que subitamente do alto do seu pequeno estrado o órgão tivesse começado a tocar, porque sentia que tinha vencido em tudo; aquele homem, eu o tinha salvo para sempre.

“Saímos da igreja de volta para a luz radiosa e deslumbrante daquela tarde de maio. Nunca o mundo me tinha parecido tão belo. Durante mais de duas horas continuamos a seguir ainda de carro, lentamente, até o cume da montanha, o caminho panorâmico que a cada volta oferecia uma vista nova. Mas não falamos mais. Depois daquela exaltação de sentimento, toda palavra parecia fraca e vã. Quando meu olhar se cruzava por acaso com o dele, via-me obrigada a desviá-lo com acanhamento. Era para mim uma emoção demasiado grande ver o meu próprio milagre.

“Por volta das cinco horas da tarde, voltamos para Monte Carlo. Tinha para essa hora um encontro marcado com uns parentes meus ao qual não podia deixar de comparecer. E, para falar a verdade, eu desejava profundamente uma pausa, um descanso daquela violenta exaltação do meu sentimento. Porque era demasiada felicidade. Sentia que me era preciso uma diversão àquele estado de êxtase e de ardor excessivo como nunca tinha conhecido outro semelhante em minha vida.

“Assim, pedi ao meu protegido que viesse comigo ao hotel, só por um instante. Lá, no meu quarto, dei-lhe o dinheiro necessário para a viagem e para desempenhar as joias. Combinamos que, enquanto durasse o meu encontro com os meus parentes, ele compraria a passagem e depois, às sete horas, nos encontraríamos no *hall* da estação, meia hora antes da partida do trem que, por Gênova, o levaria à sua casa. Quando eu quis entregar-lhe as cinco notas de dinheiro, seus lábios tomaram-se de uma palidez singular:

“— Não... nada de dinheiro... Peço-lhe, nada de dinheiro! — disse entre os dentes, enquanto seus dedos trêmulos afastavam-se com nervosismo e agitação. — Nada de dinheiro... nada de dinheiro... não posso vê-lo — repetia mais uma vez como que fisicamente esmagado pelo medo e pela repugnância.

“Mas acalmei o seu escrúpulo, dizendo-lhe que não era mais que um empréstimo e que, se ele se sentia tão acanhado, poderia dar-me um recibo.

“— Sim... sim... um recibo — balbuciou, desviando os olhos.

“Amarrotou o dinheiro como uma coisa imunda que sujasse os dedos, pô-lo no bolso sem olhar para ele e escreveu em uma folha de papel algumas palavras rapidamente. Quando ergueu os olhos, tinha a testa alagada de suor; qualquer coisa parecia lutar violentamente para sair do seu organismo. Mal tinha-me entregue nervosamente aquele pedaço de papel, foi tomado por um grande

tremor em todo o corpo, e, de repente (sem querer, recuei assustada), caiu de joelhos, e beijou-me a barra do vestido. Gesto indescritível: essa veemência, sem igual, fez-me tremer dos pés à cabeça. Um arrepio esquisito percorreu-me toda, fiquei perturbada e não pude senão balbuciar:

“— Fico-lhe muito obrigada pela sua gratidão, mas peço-lhe por favor, agora vamos embora. Esta noite, às sete horas, no *hall* da estação, nos despediremos um do outro.

“Olhou para mim; um brilho enternecido molhava-lhe os olhos; imaginei que me quisesse dizer alguma coisa; durante um momento pareceu que procurava aproximar-se de mim. Mas, depois, inclinou-se de repente mais uma vez, profundamente, muito profundamente, e saiu do quarto.

*

Outra vez Mrs. C. interrompeu a sua narrativa.

Levantou-se, foi à janela, olhou para fora e ficou de pé muito tempo sem se mexer; e eu via como que um ligeiro tremor na sua silhueta pelas costas. Bruscamente voltou-se com decisão, suas mãos até então calmas e indiferentes tiveram de repente um gesto violento, um gesto cortante, como se quisessem rasgar qualquer coisa. Depois me olhou duramente, quase com audácia, e continuou logo:

— Prometi ao senhor ser inteiramente sincera. Compreendo agora quanto era necessária aquela promessa, esforçando-me para descrever, pela primeira vez, de modo organizado, tudo o que se passou naquela hora, e procurando as palavras precisas para exprimir um sentimento que então estava todo encolhido e confuso; é que, digo outra vez, só agora compreendo com clareza muita coisa que eu não sabia ou que talvez não quisesse saber; eis a razão por que quero dizer a mim mesma e ao senhor a verdade com enérgica resolução. Naquela hora, quando o rapaz saiu do quarto e fiquei sozinha, senti (foi como um desmaio que se apoderou de mim pesadamente), senti a um golpe duro ferir-me o coração. Qualquer coisa me tinha ferido mortalmente, mas não sabia (ou então me recusava a saber) de que modo, por que razão a atitude tão comovedora e tão respeitosa do meu protegido tinha me ferido tão dolorosamente.

“Hoje, que me esforço para fazer surgir do fundo de mim mesma, como uma coisa estranha, todo o passado, com ordem e energia, e que a sua presença não permite nenhuma dissimulação, nenhuma escapatória covarde de um sentimento de vergonha, hoje, sei perfeitamente o que foi. O que então me fez tanto mal foi

a decepção... a decepção por ver... que aquele rapaz tinha partido com tanta felicidade... sem nenhuma tentativa para me guardar, para ficar perto de mim... por ver que ele obedecia humildemente e respeitosamente ao primeiro pedido convidando-o a retirar-se, em vez... em vez de tentar puxar-me violentamente para si... por ver que ele me venerava unicamente como uma santa surgida no seu caminho... e que... não compreendia que eu era uma mulher.

“Foi para mim uma decepção... uma decepção que não confessei, nem naquela ocasião nem mais tarde, mas a alma de uma mulher compreende tudo, sem palavras e sem uma sensação precisa. Porque... agora não me engano mais... se aquele homem tivesse me agarrado então, se tivesse me pedido que o acompanhasse, eu teria ido com ele até o fim do mundo, teria desonrado meu nome e o de meus filhos... Indiferente aos comentários dos outros e à razão interior, teria fugido com ele, como aquela *Mme. Henriette* fugiu com o jovem francês, que na véspera ela não conhecia... Não teria perguntado nem aonde ia nem por quanto tempo; não teria lançado um único olhar para a minha vida passada... Teria sacrificado àquele homem o meu dinheiro, meu nome, minha sorte, minha honra... Teria ido mendigar e provavelmente não haveria baixeza no mundo a que ele não me levasse a consentir. Teria abandonado tudo o que entre os homens se chama pudor e reserva, se apenas ele se tivesse aproximado de mim dizendo uma palavra ou dando um só passo. Se ele tivesse tentado agarrar-me naquele instante, estava perdida e ligada a ele para sempre. Mas, já lhe disse... aquela criatura singular não lançou mais um olhar sobre mim, sobre a mulher que havia em mim. E o quanto eu ardia de desejo de abandonar-me, de me abandonar toda, só o senti mais tarde, quando fiquei sozinha, quando a paixão que, um instante antes, exaltava ainda a sua fisionomia iluminada e quase seráfica, caiu obscuramente no meu ser e pôs-se a palpitar no vácuo de um peito abandonado. Levantei-me penosamente. O meu encontro com os parentes tinha se tornado duplamente desagradável. Parecia-me que a minha testa estava apertada num capacete de ferro pesado e opressivo, sob cujo peso eu vacilava: minhas ideias estavam sem nexos e os meus passos incertos quando cheguei afinal ao outro hotel onde estavam os meus parentes.

“Lá fiquei sentada, com o espírito triste, no meio de uma conversa animada, e experimentava uma sensação de susto cada vez que, erguendo os olhos, por acaso encontrava aquelas fisionomias inexpressivas que (comparadas à daquele rapaz, animada, ao que parecia, pelo reflexo da luz e sombra de um grupo de nuvens) me pareciam geladas e cobertas por uma máscara.

“Parecia-me estar no meio de pessoas mortas, tão terrivelmente privada de vida era aquela sociedade; e, enquanto punha açúcar na minha xícara, e dizia algumas palavras com o pensamento ausente, sempre, por cima de mim, surgia como uma onda ardente do meu sangue aquele rosto cuja contemplação tinha se tornado para mim uma alegria ardente e que (ideia terrível) daí a uma ou duas horas eu veria pela última vez.

“Inconscientemente, sem querer, eu devo ter deixado escapar algum ligeiro suspiro, ou algum gemido, porque de repente a prima de meu marido inclinou-se para mim perguntando o que eu tinha, se estava indisposta, porque estava muito pálida e parecia muito preocupada. Aquela pergunta inesperada foi rapidamente agarrada por mim como um pretexto para declarar logo que efetivamente estava com uma forte enxaqueca e aproveitei para pedir permissão para me retirar ‘à francesa’.

“Assim, tendo recuperado a liberdade, voltei a toda pressa para o meu hotel. Desde que ali cheguei e me achei sozinha, senti outra vez uma sensação de isolamento e abandono; e o desejo de ir para junto daquele rapaz que eu deveria deixar naquele dia para sempre apoderou-se de mim com furor. Andava de um lado para o outro no meu quarto. Abri gavetas sem necessidade, mudei de vestido e de fitas para achar-me bruscamente diante do espelho, perguntando a mim mesma, com um olhar inquisidor, se, assim enfeitada, eu não poderia atrair o seu olhar para mim. De repente me compreendi. Fazer tudo para não me separar dele! E, num instante todo feito de veemência, aquele desejo transformou-se em uma resolução.

“Corri à presença do porteiro do hotel, anunciei-lhe que ia partir naquele mesmo dia pelo trem da tarde. Agora, tratava-se de andar depressa. Chamei a criada de quarto para que me ajudasse a preparar a minha bagagem, porque o tempo fugia. Enquanto com uma pressa recíproca íamos metendo nas malas as roupas e os objetos miúdos, pensava antecipadamente no que seria aquela surpresa: como o acompanharia até o trem, e, quando no último, bem no último momento, ele me estendesse já a mão para o adeus final, como eu bruscamente entrando para o vagão seguiria o rapaz espantado, para ficar com ele aquela noite, na noite seguinte: enquanto ele me quisesse.

“Uma espécie de embriaguez deliciosa e entusiasta borbulhava no meu sangue, por vezes rindo alto de improviso, atirando os meus vestidos dentro das malas, para grande espanto da criada. Meu espírito, eu bem o sentia, não estava mais no seu lugar. Quando o carregador veio para levar as malas, olhei-o a princípio com

ar de surpresa, era-me por demais difícil pensar em coisas positivas enquanto a exaltação fazia minha alma expandir-se intensamente.

“O tempo urgia, devia ser perto de sete horas, faltariam, quando muito, uns vinte minutos para a partida do trem. Consolei-me pensando que já não seria mais uma separação e não iria mais dizer adeus, já que estava resolvida a acompanhá-lo na viagem enquanto ele o permitisse. O carregador tomou as minhas malas e precipitei-me para o escritório no hotel a fim de pagar a minha conta. Já o gerente me entregava o troco e eu estava prestes a partir quando senti que alguém tocava delicadamente no meu ombro. Estremeci. Era a minha prima, que, preocupada com o meu fingido mal-estar, tinha vindo ver-me. Meus olhos ficaram turvos. Não sabia como me livrar dela, cada instante de demora representava um atraso fatal; no entanto, a delicadeza me obrigava a ouvi-la e a responder ao menos durante um instante.

“— É preciso que você vá para a cama — insistia ela. — Com certeza está com febre.

“E era bem possível, porque sentia as minhas fontes latejarem com uma violência extrema e às vezes passavam pelos meus olhos aquelas sombras azuis que anunciam a aproximação de um desmaio. Mas protestei e esforcei-me para mostrar um ar reconhecido, ao passo que cada palavra me queimava e que eu gostaria de dar um pontapé naquela solicitude tão inoportuna.

“Mas a indesejável criatura ficava, ficava, ficava sempre. Ofereceu-me água-de-colônia e quis ela própria refrescar-me as fontes enquanto eu contava os minutos com o pensamento cheio daquele rapaz e procurava ansiosa um pretexto qualquer para poder livrar-me daqueles cuidados torturantes. Quanto mais eu ficava inquieta, mais eu lhe parecia suspeita. Foi quase brutalmente que afinal ela quis obrigar-me a ir para o meu quarto e deitar-me. Então, no meio daquelas exortações, olhei de repente para o relógio que estava no meio do *hall*. Eram sete horas e vinte minutos e o trem partia às sete e trinta e cinco.

“Bruscamente, de um só fôlego, com a brutal indiferença de uma desesperada, estendi a mão à minha prima sem outra explicação, dizendo:

“— Adeus; é preciso que eu vá embora.

“E, sem me preocupar com o seu olhar de espanto, sem me voltar, precipitei-me para a porta, sob o olhar espantado dos criados e corri pela rua em direção à estação.

“Pela gesticulação animada do carregador que esperava ali com a bagagem compreendi, já de longe, que era mais que tempo. Com um furor cego precipitei-me para a grade da entrada da plataforma, mas ali um empregado fez-me parar.

Tinha esquecido de comprar o meu bilhete. E, enquanto que, quase pela violência, eu tentava convencê-lo a me deixar passar apesar de tudo e ir até a linha férrea, o trem pôs-se em marcha. Fixei os olhos, tremendo dos pés à cabeça, para agarrar ainda ao menos um olhar de uma das janelas dos vagões, ao menos um gesto de adeus, ou uma saudação. Mas, em consequência da marcha rápida do trem, foi-me impossível distinguir o seu rosto. Os carros rolavam sempre, cada vez mais depressa, e ao cabo de um minuto, não restava diante dos meus olhos turvos senão uma nuvem negra e enfumaçada.

“Sem dúvida, fiquei ali como que petrificada, sabe Deus quanto tempo, porque o carregador tinha me dirigido a palavra várias vezes antes de ousar tocar-me no braço. Este último gesto fez-me estremecer de susto. Então ele me perguntou se deveria voltar ou não para o hotel com a bagagem. Foi-me preciso alguns minutos para voltar a mim. Não, não era possível. Depois daquela partida ridícula, mais que precipitada, eu não podia mais voltar para lá (e era esse também o meu desejo).

“Assim, impaciente por estar só, dei ordem para que pusessem a minha bagagem no depósito.

“Só mais tarde, no meio da multidão que se renovava sem cessar, entre as pessoas que se aglomeravam ruidosamente no *hall* e cujo número pouco a pouco ia diminuindo, é que tentei refletir, refletir com clareza, nos meios de escapar àquela dolorosa e atroz obsessão feita de cólera, de pena e de desespero, porque (por que não confessar?) a ideia de ter, por minha própria culpa, faltado àquele supremo encontro, despedaçava-me a alma com uma acuidade ardente e implacável. Teria quase gritado, tanto me fazia sofrer aquela lâmina de aço em brasa que penetrava em mim, cada vez mais impiedosa.

“Só talvez as pessoas absolutamente estranhas às paixões possam conhecer, nos momentos inteiramente excepcionais, aquelas explosões repentinas de um sentimento semelhantes a uma avalanche ou a uma borrasca. Então, anos inteiros de forças em reserva precipitam-se e despenham-se na profundidade de um peito humano. Nunca eu tinha experimentado antes uma tal surpresa e um tal furor de impossibilidade, como naquele instante em que, prestes a todas as extravagâncias (pronta a atirar de um só golpe para o fundo do abismo todas as reservas de uma vida bem administrada, todas as energias contidas e abafadas até então), encontrei de repente diante de mim uma barreira estúpida, contra a qual a minha paixão tinha ido esbarrar inutilmente.

“O que fiz depois não podia ser senão igualmente estúpido; foi uma loucura, até mesmo uma tolice. Tenho quase vergonha de contar (mas prometi a mim

mesma que ao senhor não calaria coisa alguma) tentei... tentei encontrá-lo outra vez, isto é: tentei evocar cada instante que tinha passado a seu lado... Sentia uma atração furiosa por todos os lugares onde na véspera tínhamos estado juntos, pelo banco do parque, de onde o tinha arrancado, pela sala de jogo onde o tinha visto pela primeira vez e mesmo quase até por aquele hotelzinho sórdido, só para reviver ainda uma vez ao menos o passado. E queria percorrer de carro o mesmo caminho do dia anterior para que cada gesto pudesse ainda uma vez reviver em mim...

“Como era insensato e pueril o estado do meu espírito! Mas imagine que aqueles acontecimentos tinham-se precipitado sobre mim como um raio, não tinha sentido senão um golpe seco, um golpe único que tinha me estonteado. Agora, porém, brutalmente arrancada àquele tumulto, eu queria revivê-lo para gozar retrospectivamente, traço por traço, aquelas emoções fugitivas, graças àquela maneira mágica de me iludir, enganando-me a mim mesma, a que damos o nome de recordação... Para falar a verdade, tudo isso são coisas que a gente compreende ou não pode compreender. Talvez seja preciso ter um coração abrasado para concebê-las.

“Por isso, dirigi-me, para começar, à sala de jogo, a fim de procurar em imaginação, entre tantas mãos, as dele. Entrei e dirigi-me à mesa onde eu o tinha visto pela primeira vez. Cada um dos seus gestos tinha ficado gravado no meu espírito com nitidez; como uma sonâmbula, de olhos fechados e mãos estendidas, eu teria encontrado o seu lugar. Entrei, pois, e atravessei a sala.

“E lá... depois de transpor a entrada meus olhos percorreram aquela multidão barulhenta... Deu-se então uma coisa singular... Lá, exatamente no lugar em que eu o tinha imaginado, lá, estava ele sentado (alucinação causada pela febre), ele em pessoa... Ele... ele... exatamente como eu o tinha evocado; na minha memória... exatamente como na véspera, com os olhos fixos acompanhando a bola, pálido, como um espectro... mas ele... bem ele... indiscutivelmente ele...

“Estive a ponto de gritar, tão grande foi o meu susto. Mas dominei o meu terror diante daquela visão insensata e fechei os olhos.

“— Você está louca... está sonhando... está com febre... — dizia eu a mim mesma. — É absolutamente impossível, está alucinada... ele foi-se embora de trem há meia hora.

“Então abri outra vez os olhos. Mas, espetáculo terrível! Exatamente como havia pouco, lá estava ele sentado, em carne e osso, indiscutivelmente... Teria reconhecido aquelas mãos entre milhares de outras mãos... Não, não estava sonhando, era ele. Não tinha ido embora como me havia prometido. O insensato

tinha ficado; tinha vindo trazer ao pano verde o dinheiro que eu lhe tinha dado para voltar para casa e, completamente esquecido de si mesmo, dominado pelo vício, tinha vindo jogar naquela mesa enquanto o meu coração se dilacerava desesperadamente na ânsia de tornar a encontrá-lo.

“Um abalo de todo o meu corpo atirou-me para a frente. Com os olhos furiosos, numa raiva desesperada, que me fazia ver vermelho, tinha um desejo louco de agarrar pela garganta o perjuro que tinha tão miseravelmente abusado da minha confiança, do meu sentimento e da minha dedicação. Mas dominei-me ainda. Com um vagar afetado (que energia me foi preciso para fazer aquilo), aproximei-me da mesa, bem em frente a ele; um homem cedeu-me delicadamente o lugar. Dois metros de pano verde nos separavam apenas e eu podia, como no teatro, do alto de um balcão, observar bem à vontade aquele rosto, aquele mesmo rosto que duas horas antes eu tinha visto iluminado de gratidão, iluminado pela graça divina e que agora tinha se tornado de novo a presa fremente de todos os ardores infernais do vício. As mãos, aquelas mãos que naquela tarde ainda eu tinha visto estendidas por cima da madeira do genuflexório, no mais sagrado dos juramentos, agarravam agora, outra vez, crispadas, como se fossem vampiros luxuriosos, o dinheiro amontoado em volta delas.

“Porque tinha ganhado. Devia ter ganhado uma grande, uma forte soma. Na sua frente brilhava um amontoado confuso de fichas, de luíses de ouro, de notas de dinheiro, uma mistura de coisas postas ali ao acaso, sobre as quais os seus dedos, os seus dedos nervosos e frementes, se estendiam e mergulhavam com volúpia.

“Via-o amarrar e dobrar as notas acariciando-as, virar e apalpar amorosamente as moedas e depois, bruscamente, apanhar um punhado e atirá-lo sobre um dos quadrados. E imediatamente as suas narinas recomeçavam a palpitar. O apelo de banqueiro afastava do monte de dinheiro os seus olhares brilhantes de cobiça que seguiam o movimento furibundo da bola e parecia que a sua alma ia atrás dela, ao passo que os cotovelos ficavam literalmente pegados no pano verde. Seu aspecto de indivíduo inteiramente dominado pela loucura do jogo era para mim ainda mais terrível e aterrador que na véspera, porque cada um daqueles gestos assassinava em mim a imagem que brilhava sobre um fundo dourado e que eu tinha guardado credulamente na minha alma.

“Estávamos assim a dois metros um do outro. Olhava-o fixamente, sem que ele desse pela minha presença. Ele não erguia os olhos nem para mim, nem para ninguém; seu olhar escorregava apenas para o lado do dinheiro e vacilava

inquieto, observando a bola que rolava; aquele círculo verde e furibundo absorvia todos os seus sentidos, que palpitavam acompanhando o jogo. O mundo inteiro, toda a humanidade tinham desaparecido para ele, mergulhados naquele quadrado de pano verde.

“E bem sabia que poderia ficar ali durante horas a fio, sem que ele suspeitasse de minha presença.

“Não pude porém aguentar mais. Numa brusca resolução contornei a mesa, coloquei-me por trás dele e segurei-o de repente pelo ombro.

“Seu olhar voltou-se durante um segundo, encarou-me com as pupilas vidradas como a alguém a quem não conhecemos, tal e qual como um ébrio que é preciso sacudir para fazê-lo acordar e cujos olhos permanecem turvos por causa dos vapores cinzentos e fumarentos que tem em si. Depois, pareceu reconhecer-me; abriu a boca tremendo, olhou para mim com um ar feliz e balbuciou baixinho, com uma familiaridade na qual havia ao mesmo tempo alucinação e mistério:

“— Tudo vai bem...

“Senti logo que seria assim quando entrei e vi que ele estava ali... senti logo... Não compreendi o que ele queria dizer. Notei apenas que o jogo o tinha embriagado e que aquele insensato tinha esquecido tudo: seu juramento, nosso encontro na estação, o universo e a mim. Mas, mesmo naquele estado possesso, o reflexo de êxtase que acabara de demonstrar ao ver-me, era tão sedutor que, contra a vontade, segui-lhe os gestos e perguntei-lhe a que se referia.

“— Falo daquele general russo que está ali, que só tem um braço — murmurou ele, aconchegando-se a mim para que ninguém ouvisse o segredo mágico. — Ali, aquele de costeletas brancas e que tem um laçao por trás dele. Ganha sempre. Já ontem eu tinha reparado nisso. Tem com certeza algum sistema e eu jogo, sempre, o mesmo jogo dele... Ontem também ele ganhou sempre, mas eu fiz a tolice de continuar a jogar depois que ele foi embora; foi o meu erro... Ontem ele deve ter ganho uns vinte mil francos e hoje também tem ganhado sempre... Agora aposto sempre depois dele... Agora...

“No meio da frase, parou de repente, porque o banqueiro gritou alto: ‘Façam jogo!’ E o olhar do rapaz virou-se pesado para o lado, devorando o lugar onde estava sentado, grave e calmo, o russo de barba branca, que colocou com circunspeção, primeiro uma moeda de ouro e depois de um momento de hesitação uma outra sobre o quarto quadrado. Imediatamente as mãos ardentes que estavam diante de mim mergulharam no monte de dinheiro e atiraram um punhado de moedas de ouro no mesmo número. E, quando, um minuto depois, o banqueiro gritou ‘zero!’ e a pá recolheu tudo com um só movimento, envolvendo

toda a mesa, o rapaz olhou estupefato, como se tivesse sido um milagre todo aquele dinheiro que desaparecia.

“Pensa, talvez, que ele se voltou outra vez para mim? Não. Tinha-me esquecido, completamente; eu tinha desaparecido, perdida, apagada da sua existência: todos os seus sentidos excitados estavam concentrados no general russo, que, completamente indiferente, segurava entre os dedos duas outras moedas de ouro, indeciso no número em que as colocaria.

“Não lhe posso descrever a minha amargura, o meu desespero. Mas o senhor pode imaginar o que eu senti: verificar que para um homem a quem se fez o donativo de toda a sua vida não se é mais do que uma mão indolente expulsa com aborrecimento! Outra vez uma onda de raiva furiosa passou sobre mim. Agarrei-o pelo braço com tanta violência que ele se levantou bruscamente.

“— Você vai sair imediatamente daqui! — murmurei-lhe baixinho, mas em tom autoritário. — Lembre-se do juramento que fez hoje na igreja, miserável perjuro que é.

“Olhou para mim, comovido pelas minhas palavras e muito pálido. Seus olhos apresentaram de repente a expressão dos de um cão batido. Seus lábios tremeram. Pareceu lembrar-se bruscamente de tudo o que se tinha passado e dir-se-ia que tinha horror de si mesmo.

“— Sim... sim... — balbuciou ele. — Oh! meu Deus, meu Deus!... Sim... já vou, perdoe-me...

“E já sua mão arrebanhava todo o dinheiro, a princípio rapidamente, com movimentos largos e enérgicos, mas depois com indolência cada vez maior, como se fosse retido por uma força contrária. Seu olhar tinha caído sobre o general russo, que estava precisamente apostando.

“— Um momento ainda... — disse ele, atirando rapidamente cinco moedas de ouro sobre o mesmo quadrado. — Só esta vez... Só esta... — Outra vez sua voz expirou. A bola tinha começado a rolar, arrastando-o no seu movimento. Outra vez o possesso me tinha escapado e tinha perdido a noção de si mesmo, arrastado pelo giro da bola minúscula que saltava e pulava na cuba envernizada.

“O banqueiro gritou um número: a pá apoderou-se das cinco moedas de ouro; tinha perdido. Mas não se voltou.

“Tinha-me esquecido como ao seu juramento, como tinha esquecido a palavra que acabava de dar-me havia um minuto apenas. Já sua mão mergulhava crispada no monte de dinheiro diminuído e o seu olhar embriagado estava inteiramente absorvido pelo seu *porte-bonheur* fronteiro que hipnotizava a sua vontade.

“Minha paciência tinha-se esgotado. Sacudi-o ainda uma vez, com violência.

“— Levante-se imediatamente! Neste instante... você disse que aquela era a última vez...

“Então aconteceu uma coisa completamente inesperada. Voltou-se de golpe; o rosto que me olhava então não era mais o de um homem humilde e confuso, mas o de um furioso, de uma criatura dominada pela cólera, cujos olhos queimavam e cujos lábios tremiam de raiva.

“— Não me amole! — gritou ferozmente. — Vá-se embora! Você me dá azar! Sempre quando está a meu lado perco. Aconteceu isso ontem e agora também. Vá-se embora!

“Fiquei um momento como que fulminada. Mas, depois da sua loucura, a minha cólera extravasou:

“— Eu lhe dou azar? — exclamei. — Mentiroso ladrão, você que tinha jurado!...

“Mas tive que calar-me, porque o furioso saltou do seu lugar e empurrou-me para longe, indiferente ao tumulto que se erguia.

“— Não me amole! — exclamou aos berros. — Não estou sob a sua tutela... Tome, tome... tome o seu dinheiro. — E atirou-me algumas notas de cem francos... — Agora, deixe-me em paz.

“Tinha gritado tudo aquilo alto, como um louco, indiferente à presença de centenas de pessoas que estavam em volta de nós. Todo mundo nos olhava, cochichava, insinuava coisas, ria, e mesmo da sala ao lado aproximavam-se numerosos curiosos. Tive a impressão de que me arrancavam as roupas e que eu estava nua diante daquela gente cheia de curiosidade.

“— Silêncio, Madame, faça o favor! — disse com voz forte e autoritária o banqueiro, batendo na mesa com a sua pá.

“Era a mim que se dirigiam as palavras daquele miserável. Humilhada, coberta de vergonha, achava-me exposta àquela curiosidade murmurante e cochichadeira, como uma prostituta a quem acabam de dar dinheiro. Duzentos, duzentos olhos insolentes estavam cravados em mim. E... como me afastava, curvada sob aquela saraivada imunda de humilhação e de opróbrio, voltando os olhos para o lado, eis que diante de mim encontrei dois olhos que a surpresa tinha tornado quase desvairados. Era minha prima que me olhava com ar alucinado, de boca aberta e com a mão levantada como que aterrorizada.

“Aquilo foi para mim como uma chicotada. Antes que tivesse podido fazer um movimento, voltar a si da sua surpresa, precipitei-me para fora da sala. Tive ainda forças o bastante para ir em direção ao banco em que na véspera aquele

posseio tinha-se deixado cair. E, tão fraca, tão esgotada, tão alquebrada como ele, deixei-me cair sobre a madeira dura e insensível.

“Há hoje 24 anos que isso aconteceu, e no entanto, quando recordo aquele momento em que fui fustigada pelos seus insultos aos olhos de mil pessoas estranhas, meu sangue gela nas veias. E penso outra vez com terror no quanto deve ser fraco, miserável e mole aquilo que chamamos, com ênfase, alma, espírito, sentimento e dor, visto que mesmo no seu paroxismo é incapaz de quebrar completamente o corpo que sofre, a carne torturada; já que, apesar de tudo, o sangue continua a correr e que a gente sobrevive a tais horas, em vez de morrer e de cair como uma árvore abatida pelo raio.

“A dor não me tinha alquebrado senão por um momento, o tempo de receber o choque, de modo que caí naquele banco, sem poder respirar, ofegante e sentindo, por assim dizer, um antegosto voluptuoso da minha morte fatal. Mas, como acabei de dizer, todo sofrimento é covarde e recua diante do poder do instinto de conservação que fica mais fortemente ancorado na nossa carne que todo o desejo da morte no nosso espírito.

“Coisa inexplicável a mim mesma, depois de um tal esmagamento da alma, apesar de tudo, levantei-me, para falar a verdade, sem saber o que ia fazer. E de repente me lembrei que as minhas malas estavam na estação. Não tive então, a partir daquele instante, senão uma ideia: ir-me embora, partir dali, partir simplesmente, ir para longe daquele lugar maldito, daquele lugar infernal.

“Corri à estação sem prestar atenção a ninguém; perguntei a hora do primeiro trem para Paris: às dez horas, disse-me o empregado. Imediatamente fiz registrar minha bagagem.

“Dez horas! Havia pois exatamente 24 horas que eu tinha tido aquele horrível encontro: 24 horas tão repletas pela tempestade perturbadora dos sentimentos mais estranhos, que a minha alma se achava despedaçada para sempre. Mas em primeiro lugar eu não pensava senão em uma única palavra num ritmo eternamente martelado e vibrante: partir! partir! partir! As pulsações das minhas fontes enterravam sem cessar como uma cunha aquela palavra na minha cabeça: partir! partir! partir! Para longe daquela cidade, longe de mim mesma, voltar para minha casa, tornar a ver os meus, a minha vida de outrora, a minha vida verdadeira!

“Passei a noite no trem, cheguei a Paris; lá, fui de uma estação para outra e dali diretamente a Boulogne. Depois fui de Boulogne a Douvres e de Douvres a Londres, e de Londres à casa de meu filho, tudo isso com a rapidez de um roubo, sem refletir, sem pensar em nada durante 48 horas, sem dormir, sem falar, sem

comer; 48 horas durante as quais todas as rodas não tinham feito outra coisa senão gritar aquela palavra: partir! partir! partir! partir!

“Quando, afinal, sem ser esperada por ninguém, entrei na casa de campo de meu filho, todo mundo teve um gesto de espanto: havia, sem dúvida, na minha pessoa, no meu olhar, qualquer coisa que me traía.

“Meu filho aproximou-se para me beijar. Tive um gesto de recuo diante dele; era-me insuportável a ideia de que ele ia tocar uns lábios que eu considerava manchados. Afastei todas as perguntas, pedi apenas um banho, porque sentia uma necessidade de purificar o meu corpo (abstração feita do sujo da viagem) de tudo o que parecia haver ficado ainda agarrado ali da paixão daquele possesso, daquele homem indigno. Depois arrastei-me até ao meu quarto e dormi durante 12 ou 14 horas um sono de animal ou de pedra, como eu nunca tinha dormido, um sono que me ensinou o que deve ser a morte dentro de um caixão mortuário.

“Minha família cuidava de mim como de um doente. Mas a sua ternura não conseguiu senão fazer-me sofrer. Tinha vergonha, sentia-me envergonhada diante do respeito e dos cuidados que me dispensavam e precisava a todo instante dominar-me para não gritar de repente, confessando quanto eu os tinha traído, esquecido, quase abandonado, sob o aguilhão de uma paixão louca e insensata.

“Depois dirigi-me por acaso a uma pequena cidade francesa onde não conhecia ninguém, porque vivia perseguida pela obsessão de que todo mundo podia, pelo meu aspecto, ao primeiro golpe de vista, perceber a minha vergonha e a minha transformação, por tal forma eu me sentia traída e suja até ao fundo da alma. Às vezes, acordando pela manhã, na minha cama, tinha um pavor terrível de abrir os olhos. Lembrava-me subitamente daquela noite em que tinha acordado inesperadamente, ao lado de um desconhecido, de um homem seminu, e então, como na primeira vez, não tinha senão um desejo: o de morrer imediatamente. Não obstante, o tempo tem um grande poder e a idade apaga de um modo estranho todos os sentimentos. Sentimos que estamos mais perto da morte; sua sombra cai, negra, sobre o caminho; as coisas parecem menos vivas e não afetam mais, com tanta intensidade, as partes profundas da nossa alma e perdem muito do seu poder perigoso.

“Pouco a pouco me curei do golpe recebido, e, quando, longos anos depois, encontrei um dia na sociedade, adido à legação da Áustria, um jovem polaco, que a uma pergunta feita por mim sobre a família do homem cujo leito eu tinha partilhado uma noite, me respondeu que um dos seus membros, um primo

precisamente, tinha-se suicidado dez anos antes em Monte Carlo, eu nem sequer estremei.

“Aquilo não me causou o menor sofrimento (por que negar o meu egoísmo?), e até me comprazia ver desaparecer assim todo o perigo de tornar a encontrá-lo ainda. Já não existia contra mim outra testemunha que não fosse a minha lembrança. Depois disso, fiquei mais tranquila. Envelhecer não é afinal outra coisa senão perder o medo ao passado...”

“E agora o senhor compreende por que me decidi bruscamente a contar-lhe a minha história. Quando o senhor estava defendendo *Mme. Henriette*, sustentando apaixonadamente que 24 horas podiam mudar completamente a vida de uma mulher, sentime diretamente atingida por aquelas palavras. Fiquei-lhe reconhecida porque, pela primeira vez, via-me por assim dizer justificada e então pensei que, talvez libertando a minha alma por meio de uma confissão, o pesado fardo e a eterna obsessão do passado desapareceriam e que amanhã me seria talvez possível voltar a Monte Carlo e penetrar na sala onde encontrei o meu destino, sem sentir ódio nem dele nem de mim. Então a pedra que pesa sobre a minha alma erguer-se-á para cair com todo o seu peso sobre o passado, que ela manterá fechado como num túmulo, sem poder mais despertar.

“Foi para mim uma felicidade ter podido encontrá-lo para lhe contar tudo isso. Estou agora aliviada e quase alegre... Sou-lhe muito agradecida.”

Ouvindo aquelas palavras, levantei-me subitamente, vendo que tinha acabado. Um tanto embaraçado tentei dizer qualquer coisa, mas, percebendo isso, não me deixou falar.

— Não, peço-lhe por favor, não fale... Desejo que não me responda nem diga coisa alguma... Mais uma vez, muito obrigada, e faça uma boa viagem.

Estava de pé diante de mim. Estendeu-me a mão em sinal de adeus. Involuntariamente olhei para aquele rosto e achei singularmente comovedor o aspecto daquela fisionomia de mulher velha que estava diante de mim, afável e ao mesmo tempo acanhada.

Seria o reflexo da paixão extinta? Seria confusão, o que de repente a fez corar até à raiz dos seus cabelos brancos?

O fato é que ela ali estava pudicamente como uma menina perturbada pela recordação e envergonhada com a sua própria confissão. Comovido a meu pesar, sentia um vivo desejo de testemunhar-lhe uma por uma palavra qualquer a minha deferência. Mas sentia qualquer coisa que me apertava a garganta.

E não consegui senão curvar-me profundamente e beijar com respeito a sua mão enrugada que tremeu ligeiramente como uma folhagem de outono.

CONFUSÃO DE SENTIMENTOS [\[2\]](#)

Bem singular a ideia que tiveram os meus alunos e colegas da faculdade; aqui vejo, preciosamente encadernado e solenemente trazido às minhas mãos, o primeiro exemplar deste livro de homenagem, que, no meu sexagésimo aniversário, trigésimo de professorado, me consagraram os filólogos. Tornou-se uma verdadeira biografia. Não lhe falta o menor de meus artigos, nem a menor de minhas alocuções oficiais; não há insignificantes comunicações surgidas em não sei que *Anais de Erudição* que o labor bibliográfico não tenha arrancado ao túmulo da papelada. Todo o meu desenvolvimento, com esplêndida nitidez, degrau por degrau, como uma escada bem varrida, aí exsurge reconstruído até a hora atual.

Em verdade, seria um ingrato se não me desse prazer tão tocante minúcia. O que de minha existência eu próprio supunha apagado e perdido encontra-se, neste livro, exposto com ordem e método: assim, devo confessar que o ancião que sou contemplou estas folhas com o mesmo orgulho que outrora sentiu o estudante em face do certificado dos mestres, que, pela vez primeira, lhe atestava a aptidão para a ciência e a vontade de trabalho.

No entanto, após ter folheado estas duzentas páginas aplicadas, contemplando atentamente o espelho intelectual de mim mesmo, me foi forçoso sorrir. Tratava-se realmente de minha vida? Desenvolvera-se esta verdadeiramente em espirais, marcando tão ditosa progressão desde a primeira hora até o presente, conforme, graças a documentos impressos, o biógrafo lhe desenrolara simetricamente o curso?

Assoberbava-me exatamente a mesma impressão que senti quando, pela primeira vez, ouvi minha voz falar num gramofone. A princípio, não a reconheci; sem dúvida, era de fato a minha voz, mas somente a que os outros ouvem, e não a que eu próprio percebo, como se fosse através de meu sangue, no mais recôndito de meu ser.

De tal sorte, eu, que levei toda uma existência a descrever os homens segundo suas obras e a objetivar a estrutura intelectual de seu universo, verificava, precisamente por meu exemplo pessoal, quão impenetrável permanece em cada

destino o núcleo verdadeiro do ser, a célula plástica de onde emana todo crescimento. Vivemos miríades de segundos e, contudo, nunca há mais de um, apenas um, que põe em ebulição todo o nosso mundo interior: o segundo em que (Stendhal descreveu-o) a flor interna, já embebida de todos os sucos, realiza como um relâmpago sua cristalização — instante mágico, semelhante ao da procriação e, como esta, oculto no seio esquerdo do próprio corpo, invisível, intangível, imperceptível — mistério que só é vivido uma única vez. Nenhuma álgebra do espírito pode calculá-lo, e até o instinto raramente, pode dar-se conta dele.

Este livro ignora tudo do segredo de minha primeira ascensão na vida intelectual; eis por que tive de sorrir. Tudo nele é verdadeiro; falta-lhe apenas o essencial. Descreve-me mas sem chegar a meu ser. Fala de mim sem revelar o que sou. O índice, cuidadosamente organizado, abrange duzentos nomes: só não traz aquele de onde partiu todo o impulso criador, o nome do homem que decidiu meu destino e que agora, com redobrada força, me obriga a evocar minha juventude. De todos se fala, salvo dele, que me ensinou a palavra e cujo sopro me anima a linguagem... Inopinadamente, sinto-me culpado desta covarde dissimulação. Por toda uma existência, tracei retratos humanos, exumei do fundo dos séculos figuras para torná-las sensíveis aos homens de hoje em dia, e precisamente nunca pensei nesse que sempre me foi o mais presente...

Por isso quero dar-lhe, ao querido fantasma, como nos tempos homéricos, meu próprio sangue para beber, para que de novo me fale e para que ele, que há muito tempo foi levado pelos anos, venha postar-se a meu lado no limiar da senectude.

Quero juntar uma folha secreta às folhas públicas, justapor ao livro sábio um testemunho do sentimento, e, por amor dele, contar a mim mesmo a verdade de minha juventude.

*

Uma vez mais, antes de começar, folheio o livro que pretende representar minha vida. E de novo sou obrigado a sorrir. Pois como querem conhecer o verdadeiro âmago de meu ser, se foram escolher tão mau ponto de partida? O primeiro passo já foi dado em falso! Eis que um companheiro de escola que me quer bem e que é hoje, como eu, conselheiro privado, imagina gratuitamente que já no liceu um apaixonado amor pelas belas-artes me distinguia de todos os outros “pirralhos”. Ruim memória a sua, meu caro *conselheiro privado*! Para mim, tudo o que tinha o cunho clássico era mal suportada servidão, a que eu só

me submetia espumando, rangendo os dentes. Precisamente porque, filho de diretor de liceu, sempre via, nessa cidadezinha da Alemanha do Norte, a cultura professada, até na mesa e no salão, como um ganha-pão, eu odiava desde a infância toda a filologia: sempre a natureza, conforme a sua tarefa mística que é preservar o impulso inicial criador, dá à criança aversão e desprezo pelos gostos paternos. Ela não quer uma herança cômoda e indolente, uma simples transmissão e repetição de uma geração a outra; sempre estabelece inicialmente um contraste entre as pessoas da mesma natureza, e não é senão após um penoso e fecundo rodeio que permite aos descendentes ingressarem na senda de seus avós.

Bastava que meu pai considerasse a ciência como sagrada para que minha personalidade em germe só visse nela sutilezas vãs; porque ele tomava os clássicos como modelos, estes me pareciam didáticos e, em consequência, odiosos. Cercado de livros por todos os lados, eu odiava os livros; sempre impelido por meu pai para as coisas de espírito, revoltava-me contra toda forma de cultura transmitida pela escrita. Não admira portanto que tivesse tido dificuldade em tirar o diploma de bacharel, recusando-me em seguida com veemência a prosseguir os estudos, e querendo tornar-me oficial, marujo ou engenheiro. Para falar a verdade, nenhuma imperiosa vocação me impelia a tais carreiras. Somente à antipatia pelas papeladas e o didatismo da ciência me faziam preferir uma atividade prática à carreira de professor. Contudo, meu pai persistiu, com sua veneração fanática por tudo o que concerne à universidade, em querer que eu seguisse um curso superior, e não pude obter mais que uma concessão: era que, no lugar da filologia clássica, me fosse permitido escolher o estudo do inglês (solução espúria, que afinal aceitei com o secreto subpensamento de poder em seguida mais facilmente, graças ao conhecimento dessa língua marítima, ter acesso à carreira de marinheiro, que desejava vivamente).

Nada é portanto mais falso, neste *curriculum vitae*, do que a asserção toda amistosa segundo a qual eu teria adquirido, no primeiro semestre de estudos na Universidade de Berlim, graças a professores de mérito, os princípios da ciência filológica. Na realidade, minha paixão pela liberdade, abrindo caminho violentamente, ignorava nessa época tudo o que se referisse a cursos e professores. Quando de minha primeira visita rápida à sala de aulas, a atmosfera bolorenta, a fala do professor, monótona como a de um pastor e ao mesmo tempo empolada, já pesaram sobre mim com tamanha lassidão que tive de fazer um esforço para não adormecer no banco. Era ainda a escola a que eu acreditava

haver escapado, era a sala de aula com que ali eu me deparava, com a cátedra, mais alta e com as puerilidades de uma crítica feita de bagatelas. Malgrado meu, parecia-me que era areia que escorria dos lábios mal abertos do “conselheiro privado” que ali professava, tão gastas e monótonas eram as palavras que, do caderno de curso do “mestre”, fatigado à força de ter servido tanto, caíam gota a gota no ar espesso.

A suspeita, já sensível no escolar, de haver tombado num depósito de cadáveres espirituais, onde mãos indiferentes se agitavam em torno à morte para fazer-lhe a anatomia, renovava-se odiosamente nesse laboratório do alexandrinismo há longo tempo convertido em antiguidades; e que intensidade adquiria este instinto de defesa logo que, finda a aula penosamente suportada, saía pelas ruas da cidade, da Berlim da época, que, absolutamente surpreendida de seu próprio crescimento, transbordando de uma virilidade demasiado rapidamente vicejante, fazia jorrar sua eletricidade de todas as pedras e de todas as ruas e impunha irresistivelmente um ritmo de pulsações febril, que, com ardor selvagem, parecia-se extremamente com a embriaguez de minha própria virilidade, da qual eu acabava precisamente de tomar conhecimento. Ambos, a cidade e eu, subitamente egressos de uma existência pequena e burguesa, ordenada e restrita como o protestantismo, prematuramente entregues a um tumulto todo novo de potência e de possibilidade, nós, a cidade e o rapazinho que eu era, entrando no mundo, vibrávamos com tanta agitação e impaciência como um dínamo.

Jamais compreendi tão bem e amei tanto Berlim como nessa época, pois, exatamente nesse cáldo e fluente favo de mel humano, cada célula de meu ser aspirava a uma larga ampliação. Onde poderia a impaciência de uma vigorosa juventude desdobrar-se tão bem como no seio palpitante e ardente dessa mulher gigante, nessa cidade impaciente e transbordante de força? De repente, ela se apoderou de mim, mergulhei em seu ser, desci ao fundo de suas veias. Minha curiosidade percorreu-lhe açodadamente todo o corpo de pedra e entretanto cheio de calor; desde manhã até à noite, agitava-me nas ruas, ia aos lagos suburbanos, explorava tudo o que ali havia oculto... Na verdade, o ardor com que, ao invés de me ocupar de meus estudos, me entregava às aventuras dessa existência sempre à cata de sensações novas era o de um possesso. Mas nesse excesso não fazia mais que obedecer a uma particularidade de minha natureza; desde pequeno, incapaz de interessar-me por várias coisas a um só tempo, era de uma radical indiferença a tudo que não fosse a coisa que me ocupava. Sempre e em tudo, minha atividade desdobrava-se segundo uma linha única, e ainda hoje,

em meus trabalhos, a maioria das vezes me apeguei tão fanaticamente a um problema que não o larguei antes de sentir na boca os derradeiros sobejos, os últimos restos de sua medula.

Então, nessa Berlim, o sentimento da liberdade tornou-se para mim uma embriaguez tão possante, que não suportava sequer a efêmera clausura das aulas da faculdade, nem mesmo a reclusão em meu quarto. Tudo o que não me trazia uma aventura parecia-me tempo perdido. E o provinciano recém-liberto do gorro colegial, e que não passava de um fedelho, metia-se em altas cavalarias para ter um ar de homem importante: frequentei uma associação de estudantes, procurei dar a meu ser (que, para falar a verdade, era tímido) algo da fatuidade e da arrogância dos estudantes de face acutilada; mal transcorridos oito dias de iniciação, já eu me fazia fanfarrão da grande cidade e da grande Alemanha; aprendi com uma rapidez espantosa, como um verdadeiro *miles gloriosus*, a vaidade e a indolência dos frequentadores de cafés.

Naturalmente, este capítulo da virilidade também compreendia as mulheres, ou, antes, as fêmeas, como dizíamos em nossa insolência estudantil; e nesse ponto vinha mesmo a calhar o fato de eu ser um rapaz extremamente belo. Alto, esbelto, tendo ainda nas faces a brônzea pátina do mar, flexível e destro em cada movimento, levava grande vantagem sobre os pálidos caixeiros de lojas, ressequidos como arenques pela atmosfera de seus balcões, que, como nós, se punham em campo todos os domingos, à cata de um botim, através das salas de dança de Halensee e de Hundekehle (que nessa época ainda eram distantes da aglomeração urbana). Ora era uma criada mecklemburguesa, loura como palha, com uma pele de alvura láctea, quente ainda da dança, que eu arrastava a meu quarto alguns instantes antes de findar seu dia de folga; ora era uma nervosa e petulante judiazinha de Posen, que vendia meias no Tietz — em geral um botim facilmente conquistado e cedo abandonado pelos camaradas.

Mas nesta facilidade de conquistas inesperadas, havia para mim, que ainda ontem não passava de tímido colegial, uma inebriante novidade. Os sucessos acresceram minha audácia e pouco a pouco já considerava a rua apenas como um terreno de caça para essas aventuras completamente sem escolha e que não passavam de uma espécie de esporte. Um dia em que, seguindo a pista de uma linda rapariga, cheguei à Avenida Unter den Linden, e absolutamente por acaso ante à universidade, ri, pensando há quanto tempo não pisava tão respeitável limiar.

Entrei por bravata, com um amigo da minha mesma laia; limitamo-nos a entreabrir uma porta e vimos (espetáculo de um ridículo incrível) cento e

cinquenta dorsos curvados sobre as carteiras, como escribas, e parecendo juntar suas litanias às que salmodiava uma barba branca. Imediatamente, tornei a fechar a porta, deixando escorrer sobre os ombros desses dedicados o riacho de morna eloquência, e voltei bravamente, com o meu camarada, à alameda inundada de sol.

Há momentos em que me parece que nunca um mancebo desperdiçou mais tola mente o seu tempo do que eu o fiz durante esses meses. Não li o menor livro; estou certo de não haver dito então uma única palavra razoável, nem concebido um verdadeiro pensamento. Instintivamente, fugia a toda sociedade culta, a fim de poder sentir mais fortemente em meu corpo, que só ele me interessava, o sabor da novidade e dos prazeres até então interditos.

Pode ser que esse modo de embriagar-se com a própria seiva e de exasperar-se contra si mesmo para perder tempo faça parte, até certo ponto, das exigências de uma juventude vigorosa, bruscamente entregue a si mesma; entretanto (minha obsessão toda particular já tornava perigosa essa espécie de preguiça untuosa) é bem provável que eu caísse de todo na indolência negra ou no embrutecimento, se um acaso não me houvesse retido bruscamente no declive da queda interior.

Esse acaso (que hoje minha gratidão qualifica de feliz) consistiu em que meu pai foi chamado de improviso a Berlim, por um só dia, a uma conferência dos diretores do liceu no ministério. Como pedagogo profissional, aproveitou a ocasião para se dar conta do que eu fazia, sem me anunciar sua vinda, surpreendendo-me de tal sorte no momento em que menos o esperava. Seu plano foi perfeitamente bem-sucedido.

Como quase sempre, eu tinha comigo, nessa tarde, em meu quarto de estudante (cuja entrada, dissimulada por uma cortina, dava para a cozinha de minha senhoria) uma jovem mulher em visita absolutamente íntima, quando ouvi baterem à porta.

Supondo que era um camarada, resmunguei de mau humor:

— Não estou apresentável.

Ao cabo de um curto momento, as pancadas na porta repetiram-se, uma vez, duas vezes, e depois, com não dissimulada impaciência, uma terceira vez.

Colérico, enfiei a calça para mandar passear sem consideração o impertinente interruptor; e assim, de camisa entreaberta, suspensórios pendentes, descalço, abri violentamente a porta, para imediatamente, como atingido por um murro, reconhecer na obscuridade do vestíbulo o vulto de meu pai.

De sua figura, quase não percebia, na sombra, mais que os vidros dos óculos, de reflexos cintilantes. Mas a visão desse vulto já bastou para que a injúria que

eu trazia na ponta da língua se imobilizasse, como uma aresta, na minha garganta, que se constringiu: durante um momento, fiquei como que atordoado. Depois (instante atroz!), tive de rogar-lhe humildemente que esperasse alguns minutos na cozinha — “o tempo de dar um jeito no meu quarto”. Como acabo de dizer, não lhe via o rosto, mas sentia que ele compreendia. Sentia-o por seu silêncio, pelo modo constrangido como, sem me estender a mão, entrou na cozinha, detrás da cortina, com um gesto de repulsão. E ali, ante um fogão malcheiroso a nabos e a café requentado, o velho teve de esperar durante dez minutos — dez minutos tão humilhantes para mim como para ele — até que eu tivesse feito sair a rapariga da cama, pedindo-lhe que se vestisse às pressas e conduzindo-a para fora do quarto. Passou perto de meu pai que, contra sua vontade, era forçado a escutar. Forçosamente ouviu os seus passos e o trapejar da cortina sob a ação da corrente de ar, no momento em que ela desaparecia rapidamente. E não pude ainda fazer o ancião sair de seu retiro aviltante; precisava antes de tudo reparar a desordem demasiado visível no leito.

Só então (nunca na vida sentira tanta vergonha) fui buscá-lo.

Nessa hora aborrecida, meu pai soube conter-se, e ainda hoje lho agradeço do fundo do coração. Pois toda vez que penso nele, há muito tempo defunto, recuso-me a evocá-lo segundo a perspectiva do colegial que se comprazia em ver nele, com desdém, apenas uma máquina de corrigir, um pedante recoberto de minúcias, constantemente ocupado em censurar; ao contrário, evoco-lhe sempre a imagem nesse instante em que o velho, profundamente desanimado e, entretanto, conservando o domínio de si mesmo, entrou sem nada dizer atrás de mim no quarto de atmosfera pesada. Tinha na mão o chapéu e as luvas: involuntariamente quis desembaraçar-se deles, mas em seguida fez um gesto de desgosto, como se lhe repugnasse a possibilidade de alguma parte de seu ser entrar em contato com essa “sujeira”. Ofereci-lhe uma cadeira. Não respondeu; somente um sinal de recusa afastou dele toda comunidade com os objetos “desse lugar”.

Enfim, depois de se ter conservado em pé por alguns instantes, glacial e com o olhar a um canto das pálpebras, tirou os óculos e esfregou-os com insistência, o que — eu sabia — era nele um sinal de embaraço; também não me escapou o modo com que o velho, antes de tornar a pô-los, passou pelos olhos o dorso da mão. Envergonhava-se ante a mim, e eu tinha vergonha diante dele... nenhum de nós encontrava uma palavra. No íntimo, eu temia que ele comesse um sermão, uma alocução feita de belas frases, nesse tom gutural de que eu, quando estava

no colégio, não gostava e do qual zombava. Mas o velho permaneceu mudo, evitando contemplar-me.

Enfim, foi à desconjuntada estante onde se achavam meus livros de estudo; abriu-os: o primeiro olhar bastou para convencê-lo de que eu não os tocara e para perceber que a maioria nem sequer fora aberta. “Seu boletim!”, disse ele. Essa ordem foi a sua primeira palavra. Estendi-o a tremer, pois sabia muito bem que as notas não eram de mais de uma lição. Percorreu as páginas voltando-as rapidamente, e, sem o menor sinal de irritação, pôs o boletim na mesa. Depois, pegou uma cadeira, sentou-se, fitou-me gravemente, mas sem nenhum reproche, e perguntou-me:

— Então! O que pensa de tudo isso? Qual será o fim?

Esta pergunta, feita com calma, deixou-me pregado ao chão. Tudo em mim já estava pronto para a resistência: se ele me repreendesse, ter-me-ia feito de fanfarrão; se recorresse a exortações lacrimějantes, zombaria dele. Mas esta pergunta objetiva foi um golpe de maça nas pernas de minha arrogância: sua gravidade exigia gravidade, sua calma constrangida impunha respeito e um acolhimento isento de animosidade. Mal ousei recordar o que respondi. Assim também, a palestra que se seguiu esquivou-se hoje completamente à minha pena: há abalos súbitos, uma maneira de estar bruscamente emocionado, que, contada, tomaria provavelmente um tom sentimental; há certas palavras que só são de uma verdade profunda uma única vez, quando pronunciadas entre quatro olhos, jorrando espontaneamente do tumulto inesperado da sensibilidade.

Foi a única palestra verdadeira que jamais tive com meu pai, e não tive a menor hesitação em humilhar-me voluntariamente: pus nas mãos dele a decisão a tomar. Mas meu genitor só me deu o conselho de deixar Berlim e ir estudar, no semestre seguinte, numa pequena universidade. Tinha certeza, disse como para consolar-me, que daí em diante eu recuperaria o tempo perdido. Comoveu-me a sua confiança. Nesse segundo, senti todo o erro em que laborara durante toda a juventude em relação a esse homem idoso entrincheirado detrás de um formalismo glacial. Tive de morder fortemente os lábios para impedir as lágrimas de saltarem ardentes de meus olhos. Mas ele, sem dúvida, também sentia alguma coisa semelhante, pois me estendeu subitamente a mão, segurou por um momento a minha na sua, que tremia, e apressou-se em sair. Não ousei segui-lo... Fiquei ali agitado, perturbado, enxugando com o lenço o sangue do lábio, a tal ponto, por ser senhor de minha sensibilidade, meus dentes se haviam cravado nele!

Foi o primeiro abalo que sofri, eu que tinha então 19 anos; ele lançou por terra, sem uma única palavra violenta, todo o enfático castelo de cartas que o desejo de me fazer de homem, de imitar a impertinência dos estudantes e incensar-me a mim mesmo edificara em três meses. Sentia-me bastante enérgico, graças à minha vontade espicaçada, para renunciar a todos os prazeres de baixa qualidade, ardia impacientemente por ensaiar no terreno do espírito minha força até então inutilmente desperdiçada; fui assoberbado por uma apaixonada necessidade de sério, de sobriedade, de disciplina e de austeridade. Foi nessa época que me voltei inteiramente ao estudo, como por uma espécie de voto monástico, ignorando na verdade a alta embriaguez que a ciência me reservava e não suspeitando que, também, nesse mundo superior do espírito, a aventura e o risco estão sempre ao alcance de um ser impetuoso.

*

A cidadezinha de província que, de acordo com meu pai, eu escolhera para o semestre seguinte era na Alemanha Central. Sua grande reputação universitária formava um impressionante contraste com o mesquinho montão de casas que cercavam os edifícios das faculdades. Não tive muita dificuldade, depois de ter deixado a estação, onde deixei provisoriamente a minha bagagem, em encontrar a *alma mater*, e, no seio do vasto edifício medieval, logo senti como aí o círculo íntimo se fechava muito mais depressa que no viveiro berlinense. Em duas horas, fez-se a minha inscrição e a maioria dos professores recebeu minha visita. O diretor de estudos, professor de filologia inglesa, foi o único que não pude ver imediatamente, mas disseram-me que o encontraria de tarde, às quatro horas, no seminário.

Impelido por essa impaciência que me dominava de não perder um minuto, e tão ardente em meu impulso para a ciência, como antigamente no desgosto que ela me inspirava, encontrei-me (depois de ter feito um rápido passeio pela cidadezinha, que, comparada a Berlim, me parecia mergulhada em sonolência), precisamente às quatro horas, no lugar indicado. O bedel mostrou-me a porta do seminário. Bati e, parecendo-me ter ouvido responder uma voz no interior, entrei.

Mas ouvira mal. Ninguém me dissera que entrasse. O som distinto que me chegara aos ouvidos era simplesmente a voz alta, a locução enérgica do professor, que, perante um círculo de cerca de duas dúzias de estudantes formando um grupo cerrado e muito próximo dele, pronunciava uma arenga

visivelmente improvisada. Embaraçado por estar ali sem autorização em consequência de meu engano auditivo, quis retirar-me sem ruído; mas temi, com isso, chamar a atenção, pois até então nenhum dos ouvintes me notara. Continuei portanto perto da porta, e a contragosto ouvi o que dizia.

A exposição do professor parecia ser oriunda de um colóquio pedagógico ou de um exercício de tese; ao menos, era o que parecia indicar o agrupamento livre e absolutamente accidental do professor e dos discípulos; ele não se achava doutoralmente sentado numa cátedra distante, mas numa das mesas, com a perna ligeiramente pendente, quase como um estudante, e a seu redor estavam reunidos os rapazes, em atitudes espontâneas que, inicialmente descuidadas, tinham-se decerto fixado numa imobilidade plástica pelo interesse que a exposição do professor despertava neles. Percebia-se que a princípio deviam estar conversando em conjunto, quando, de repente, o professor se apoiara à mesa e ali, nessa posição, os atraía a si com a palavra, como por meio de um laço, para em seguida imobilizá-los no lugar em que estavam.

Foram precisos apenas poucos minutos para que eu próprio, esquecendo já o caráter de intrusão de minha presença, sentisse a força fascinante de seu discurso agir magneticamente. Malgrado meu, aproximei-me mais, a fim de ver, acima das palavras, os gestos notadamente arredondados e amplos das mãos, que, às vezes, quando soava uma palavra possante, se abriam como asas, elevavam-se fremindo e depois, pouco a pouco, retomavam musicalmente o gesto moderador de um chefe de orquestra.

A fala tornava-se cada vez mais ardente, enquanto, como na garupa de um cavalo a galope, esse homem alado se alçava ritmicamente acima da mesa rígida e, ofegante, prosseguia o exórdio impetuoso de seus pensamentos atravessados por imagens fulgurantes.

Eu jamais ouvira um ser humano falar com tanto entusiasmo e de um modo tão cativante; pela primeira vez assistia ao que os romanos chamavam *raptus*, isto é, o revoar de um espírito acima de si mesmo: não era para ele nem para os outros que falava esse homem de lábio inflamado, de onde jorrava como que o fogo de um braseiro humano.

Nunca eu vira tal coisa, um discurso que era todo êxtase, uma exposição apaixonada como um fenômeno elementar, e o que nisso havia para mim de inesperado obrigou-me de repente a adiantar-me. Sem saber o que me movia, hipnoticamente atraído por um poder mais forte que a simples curiosidade, com um passo automático, como o dos sonâmbulos, vi-me magicamente impelido para o círculo estreito: sem o perceber, estava subitamente a poucos passos do

orador e em meio aos outros, que por sua vez estavam demasiado fascinados para me notarem, a mim ou qualquer outra pessoa.

Achava-me arrebatado pela onda do discurso, arrastado por seu turbilhão, sem mesmo saber qual a sua origem: sem dúvida, um dos estudantes celebrara Shakespeare como um fenômeno meteórico e então o homem que ali estava punha toda a sua alma em demonstrar que esse poeta não era senão a mais poderosa expressão, o testemunho espiritual de uma geração inteira a expressão sensível de uma época tornada toda paixão.

Num amplo movimento, descrevia essa hora extraordinária da Inglaterra, esse instante único de êxtase, tal como surgem de improviso na vida de cada povo, como na de cada indivíduo, concentrando todas as forças num impulso súbito para as coisas eternas.

De repente, a terra ampliara-se, um novo continente fora descoberto, enquanto a mais antiga potência do continente, o papado, ameaçava desmoronar; detrás dos mares que agora pertencem aos ingleses, desde que o vento e as vagas despedaçaram a armada espanhola, novas possibilidades surgem inopinadamente; o universo aumentou e involuntariamente a alma trabalha a si mesma para igualá-lo: também ela quer crescer, quer penetrar até às extremas profundidades do bem e do mal; quer descobrir e conquistar, como os conquistadores; surge a necessidade de uma nova língua, de uma nova força.

E uma noite desabrocham os que vão falar essa língua: os poetas; são cinquenta, cem numa única década, selvagens e livres companheiros que não mais cultivam jardins da Arcádia e que não mais versificam uma mitologia de convenção, como a faziam os poetas insignificantes que os precederam. Tomam de assalto o teatro; fazem seu campo de batalha dessas arenas onde antes só havia animais acuados ou jogos sangrentos, e o gosto do sangue quente ainda está em sua obra; seu próprio drama é um *circus maximus* em que as bestas-feras do sentimento se precipitam umas sobre as outras, alteradas de fome atroz.

O furor desses corações apaixonados desencadeia-se à feição dos leões, procuram ultrapassar uns aos outros em selvageria e exaltação; tudo é lícito à sua descrição, tudo autorizado: incesto, assassinato, perversão, crime; o desenfreado tumulto de todos os instintos humanos celebra a sua ardente orgia. Assim como outrora as bestas famintas fora das jaulas, são agora as paixões ébrias que se precipitam rugindo ameaçadoras na arena cercada de estacas. É uma explosão violenta como a de um petardo, uma explosão única que dura cinquenta anos, um banho de sangue, uma ejaculação, uma selvageria sem igual que estreita e

despedaça toda a terra; mal se distingue a individualidade das vozes e das figuras nesta orgia das forças humanas.

Um recebe do outro o fogo sagrado; cada qual aprende do vizinho; roubam-se mutuamente; cada um combate para superar e ultrapassar o camarada e, entretanto, todos são nada mais que gladiadores intelectuais de uma só festa, escravos rompendo as cadeias, fustigados e impelidos para a frente pelo gênio da hora. Vai procurá-los nos casebres torvos e obscuros dos subúrbios tanto como nos palácios: Ben Jonson, neto de pedreiro; Marlowe, filho de sapateiro; Massinger, oriundo de um criado de quarto; Philipp Sidney, rico e sábio estadista; mas o turbilhão de fogo arrasta todos na mesma ronda infernal; hoje são festejados, amanhã morrem de fome, os Kyd, os Heywoods, na mais profunda miséria; ou então tombam famintos, como Spencer em King Street, todos levando uma existência irregular. Brigões, mancomunados com prostitutas, comediantes, gatunos — mas poetas, poetas, todos o são.

Shakespeare não é mais que o seu centro. “*The very age and body of the time*”; mas nem sequer se tem tempo de separá-lo dos outros, de tal forma esse tumulto é impetuoso, tanto pululam as obras atabalhoadamente, tão emaranhado é o novelo das paixões. E de repente, numa convulsão semelhante à de seu nascimento, essa erupção, a mais esplêndida da humanidade, detém-se, dando lugar ao nada: o drama terminou, a Inglaterra está esgotada, e durante centenas de anos, o nevoeiro cinzento e úmido do Tâmis recai pesadamente sobre o espírito; num ímpeto único, uma geração galgou todos os cumes da paixão, rebuscou-lhe os abismos, desnudou ardentemente sua alma exuberante e louca. O que aí vemos agora é o país fatigado, esgotado; um puritanismo impertinente fecha os teatros e põe fim de tal sorte às efusões apaixonadas; a Bíblia retoma a palavra — a palavra divina —, lá onde a mais humana de todas as palavras ousara a confissão mais ardente de todos os tempos, lá onde uma geração abrasada de um ardor sem igual vivera, numa só vez, por milhares de outras.

E, por uma brusca reviravolta, o fogo vivo do discurso fixou-se de repente em nós outros:

— Compreendem agora por que não começo meu curso pela ordem histórica, pelo início cronológico, pelo rei Arthur e por Chaucer, e sim, desprezando todas as regras, pelos elisabetanos? E compreendem que lhes suplique, antes de tudo, que se familiarizem com eles, que tratem de pôr-se em uníssono com esse supremo ardor de viver? Pois não há inteligência filológica possível se não se penetra na própria vida; não há estudo gramatical dos textos sem o conhecimento dos valores: e os senhores, gente moça, têm de ver inicialmente em sua mais alta

forma de beleza, na forma pujante de juventude e de sua mais extrema paixão, um país, uma língua cuja conquista querem fazer. É em primeiro lugar nos poetas que devem ouvir falar a língua, nos que a criam e lhe dão a sua perfeição; é mister que tenham sentido a poesia viver e respirar dentro do coração, antes de lhe atacar o estudo anatômico. Eis por que começo sempre pelos deuses, pois a verdadeira Inglaterra é Elizabeth, é Shakespeare e os shakespearianos; tudo o que os precede é apenas a preparação, tudo o que os segue não passa de uma contrafação claudicante desse arremesso original e audaz rumo ao infinito. Mas, rapazes, sintam, sintam pessoalmente palpitar aqui a mais viva juventude de nosso universo. Sempre se reconhece cada fenômeno, cada individualidade no que é sua chama, na paixão. Porque todo espírito vem do sangue, todo pensamento da paixão, toda paixão do entusiasmo; eis por que, antes de todos os outros, Shakespeare e os seus são os que, jovens, tornarão os senhores verdadeiramente jovens! Em primeiro lugar o entusiasmo, depois a aplicação laboriosa; inicialmente, Ele, o Supremo e o Sublime, Shakespeare, esse esplêndido quadro de conjunto do universo, antes do estudo dos textos!

“E agora basta por hoje, até à vista.”

E assim dizendo, a mão arredondou-se num gesto brusco de encerramento, marcando imperiosamente o fim da música enquanto ele próprio descia da mesa. Como se fosse deslocado por um abalo, o feixe dos estudantes apertados um ao lado do outro desfez-se imediatamente; cadeiras estalaram e moveram-se, mesas foram arrastadas; vinte gargantas até então mudas começaram a falar ao mesmo tempo, a pigarrear, a respirar largamente; era agora que se podia verificar quão magnética fora a fascinação que fechava todos esses lábios, subitamente palpitantes. O movimento e a confusão que houve então na sala estreita não podiam parecer mais ardentes e mais vivos; alguns estudantes dirigiram-se ao professor para agradecer-lhe ou para dizer-lhe alguma coisa, enquanto os outros, com o semblante afogueado, trocavam entre si impressões; mas nenhum se conservava frio, nenhum escapava da ação dessa corrente elétrica, cujo contato fora bruscamente cortado e cujas centelhas secretas e eflúvios pareciam, a despeito de tudo, crepitar ainda no ar carregado de tensão.

Quanto a mim, não podia mover-me, estava como que ferido no coração. Apaixonado como era e somente capaz de aprender as coisas apaixonadamente, no fogoso arrebatamento de todos os meus sentidos, acabava pela primeira vez de sentir-me conquistado por um mestre, por um homem; acabava de sofrer a ascendência de um poder ante o qual era dever e uma volúpia inclinar-se. Corria-me nas veias o sangue com calor, eu percebia; minha respiração era mais rápida;

esse ritmo impetuoso penetrava-me fundamente o corpo, e minhas articulações sofriam-lhe a impressão impaciente. Abandonei-me enfim à sua atração e encaminhei-me lentamente até à primeira fileira para ver a figura desse homem, pois (coisa estranha), enquanto ele falava, não lhe percebera os traços, de tal modo estavam fundidos na trama de seu discurso. Então ainda não pude a princípio perceber mais que um perfil indeciso como uma silhueta: estava de pé, meio voltado para um estudante, com a mão familiarmente pousada no ombro deste, na meia-luz da janela. Mas até esse movimento superficial tinha uma cordialidade e uma graça que eu nunca julgaria possível num pedagogo.

Entrementes, alguns estudantes me haviam notado, e, a fim de não passar a seus olhos por intruso, dei mais um passo para o professor e esperei que ele concluísse a sua palestra. Foi nesse momento que pude examinar-lhe o rosto à vontade: uma cabeça de romano, com uma fronte de mármore proeminente, de têmporas salientes, tendo ao alto uma onda de cabelos brancos arrependados em juba. Era uma estrutura de uma audácia imponente exprimindo forte intelectualidade; mas abaixo das profundas olheiras o rosto logo se abrandava; tornava-se quase feminino, pela maciez lisa do queixo e pelo lábio móvel, em torno do qual os nervos se agitavam ora em forma de sorriso, ora numa inquieta dilaceração. O que dava à fronte sua beleza viril, dissolvía-o a plástica amolecida da carne nas faces ligeiramente descuidadas e nos lábios cambiantes. Imponente e autoritária à primeira vista, sua fisionomia vista de perto produzia uma impressão de tensão penosa.

A atitude do corpo revelava uma dualidade análoga. A mão esquerda repousava indolentemente na mesa ou ao menos parecia repousar, pois sem cessar pequenas palpitações crispadas passavam sobre as nodosidades de seus dedos; estes, que eram finos e um tanto delicados para uma mão de homem, demasiado efeminados, pintavam com impaciência figuras invisíveis na madeira nua da mesa, enquanto seus olhos recobertos de pálpebras pesadas se mantinham baixos e marcavam o interesse que lhe despertava a convenção. Era inquietude, ou então o ardor de seu discurso ainda deixava um rastro em seus nervos agitados. Em todo caso, o estremecimento involuntário de sua mão estava em contradição com o caráter de serena vigilância de sua fisionomia, que, esgotada e entretanto atenta, parecia toda imersa na palestra com o estudante.

Afinal, chegou-me a vez; adiantei-me, disse minha intenção, e imediatamente seu olhar se iluminou voltando para mim a pupila de brilho quase azul. Durante dois ou três bons segundos interrogadores, esse clarão olhou todo meu rosto;

sem dúvida, esse exame suavemente inquisidor me fez corar, pois o professor respondeu à minha perturbação com um rápido sorriso, dizendo:

— Quer, portanto, inscrever-se em meu curso; será mister conversarmos de um modo mais preciso. Desculpe-me não fazê-lo imediatamente. Ainda tenho de resolver algumas questões; mas espere-me lá embaixo no portão, e depois me acompanhará a minha casa.

Ao mesmo tempo estendeu-me a mão, delicada e fina, cujo contato era para os meus dedos mais leves que uma luva, enquanto já se voltava com afabilidade para o próximo estudante que esperava.

Fiquei, pois, ante o portão, durante dez minutos, com o coração palpitante. Que lhe ia dizer, se me interrogasse sobre os meus estudos? Como confessar-lhe que sempre afastara de meu trabalho tanto como de minhas horas de lazer todos os temas literários? Não me desprezaria ele, ou ao menos não me excluiria imediatamente desse círculo de fogo pelo qual me sentia então magicamente abrasado?

Mal, porém, ele se aproximou com um passo rápido e me dirigiu um bondoso sorriso, sua presença já bastou para tirar-me todo o embaraço; e até sem que ele houvesse insistido, confessei (incapaz de dissimular qualquer coisa diante dele) que empregara bastante mal meu primeiro semestre. De novo o seu olhar calidamente interessado pousou em mim.

— A pausa também faz parte da música — disse com um sorriso para animar-me.

E aparentemente para não me deixar ainda mais envergonhado de minha ignorância, contentou-se em interrogar-me sobre coisas pessoais, sobre minha terra natal e o lugar onde pensava hospedar-me. Quando lhe disse que até então não procurara quarto, ofereceu-se para ajudar-me e aconselhou-me a ir ver antes de tudo um em seu prédio, pois uma velha meio surda ali tinha para alugar um quarto agradável, com o qual se tinham mostrado satisfeitos os vários estudantes que, uns após outros, o haviam ocupado. Quanto ao resto, ele se encarregaria: se minha intenção era realmente levar o estudo a sério, considerava como seu mais caro dever ser-me útil sob todos os pontos de vista.

Quando chegamos diante de sua casa, estendeu-me de novo a mão e convidou-me a visitá-lo na noite seguinte, a fim de elaborarmos em comum um plano de estudos. Minha gratidão pela bondade inesperada desse homem era tão grande, que só pude aflorar-lhe respeitosamente a mão e tirar o chapéu com ar embaraçado, esquecendo-me de agradecer-lhe por palavras.

*

Aluguei imediatamente o pequenino quarto no mesmo edifício em que residia o professor. Ainda que não me agradasse, não teria deixado de tomá-lo, e isso unicamente para ter a impressão, ingenuamente grata, de me encontrar especialmente mais perto desse mestre encantador, que numa hora me dera mais que todos os outros juntos.

Mas o quartinho era estupendo: situado em cima do aposento de meu professor, um pouco obscurecido pelo rebordo da madeira rendilhada, que rematava a fachada, oferecia da janela uma vista ampla sobre os tetos vizinhos, e para o campanário; à distância, distinguia-se um quadrado de verdura, acima do qual pairavam nuvens, as queridas nuvens de minha pátria. Uma velhinha, surda como uma porta, ocupava-se, com os cuidados tocantes de uma mãe, de seus pupilos de curta estadia. Em dois minutos, pus-me de acordo com ela, e, uma hora mais tarde, meu baú fazia gemer com o seu peso a escada de madeira.

Nesse fim de dia não saí mais; esqueci-me até de comer. Meu primeiro movimento foi tirar da mala o Shakespeare, que casualmente trouxera, impaciente de lê-lo (era a primeira vez em anos); minha curiosidade fora inflamada até à paixão pelo discurso do professor, e li a obra do poeta inglês como nunca o fizera antes. Podem-se explicar tais mudanças? Mas, de repente, descobria nesse texto um universo: as palavras precipitavam-se sobre mim como se me procurassem há séculos: o verso corria, arrastando-me, como uma vaga de fuga, até o âmago de minhas veias, de forma que eu sentia nas têmporas essa estranha espécie de vertigem que nos assoberba quando sonhamos que estamos voando.

Eu vibrava, tremia; sentia o sangue fluir mais quente em mim; era como uma febre brusca que me dominara; nunca uma coisa assim me sucedera anteriormente, e no entanto eu não fizera mais que ouvir um discurso vibrante. Mas a embriaguez desse discurso sem dúvida ainda persistia em mim; se repetia uma linha em voz alta, sentia que minha voz imitava inconscientemente a dele, que as frases saltavam segundo o mesmo ritmo impetuoso e que as minhas mãos tinham vontade, precisamente como as dele, de pairar e adejar. Como por um golpe de magia, eu derrubara, no lapso de uma hora, o muro que até então me separara do mundo do espírito e descobria para mim mesmo, apaixonado por essência, uma nova paixão que até hoje me ficou fiel: o desejo de gozar de todas as coisas da Terra pela interpretação da alma das palavras.

Casualmente, caíra no *Coriolano*, e fui tomado de uma vertigem quando encontrei em mim todos os elementos desse homem, o mais singular de todos os romanos: altivez, orgulho, cólera, motejo, zombaria, todo o sal, todo o chumbo, todo o ouro, todos os metais do sentimento. Que prazer novo para mim descobrir, compreender de súbito, magicamente, tudo isso.

Li e li até ficar com os olhos ardendo; quando espiei o relógio, eram três e meia da manhã. Quase assustado desse novo poder que, durante seis horas, tinha feito vibrar todos os meus sentidos, deixando-os assombrados, apaguei a luz, mas dentro de mim as imagens continuaram a brilhar e a fulgurar. Mal pude adormecer no desejo e na espera do dia seguinte que, eu pensava, ampliaria esse universo que se descobrira em mim de modo tão encantador, e dele faria uma propriedade inteiramente minha.

*

Mas a manhã do dia seguinte me trouxe uma decepção.

Minha impaciência fizera com que fosse um dos primeiros a chegar à sala onde o meu mestre (assim o chamarei doravante) devia dar sua aula sobre a fonética inglesa. Bastou a sua entrada para me dar medo: era esse o homem da véspera, ou fora apenas meu espírito excitado e a minha memória que dele haviam feito um Coriolano inflamado, que brande no Fórum a palavra como o raio, intrépido como um herói, subjugando e domando toda resistência?

Aquele que entrava com passo curto e arrastado era um velho cansado. Como se o halo pálido e luminoso lhe houvesse deixado o semblante, notava agora, da primeira fila onde estava sentado, que seus traços de um tom embaçado quase doentio eram sulcados por profundas rugas; sombras azuis cavavam-lhe depressões no cinza flácido das faces. Pálpebras demasiado pesadas sombreavam os olhos do professor pousados no caderno de curso; e a boca de lábios descorados e demasiado finos não dava à palavra nenhuma sonoridade: onde estavam pois a alegria, o entusiasmo que se exaltava com seu próprio júbilo? Até a voz me parecia estranha; como que desencantada por esse tema gramatical, seguiu rigidamente com passo monótono e fatigante através de um areal que fazia ouvir um rangido seco.

Sentime inquieto. Decerto, não era o homem que eu esperava com impaciência desde a primeira hora de meu despertar. Que fora feito de seu rosto, que, ontem, brilhava ante mim como um astro? Aqui um professor gasto desenrolava friamente a sua matéria! Eu escutava com uma ansiedade sempre nova o acento

de sua palavra, para ver se, apesar de tudo, o tom da véspera reapareceria, com essa vibração quente que estreitava meu ser qual mão sonora e o elevar a até ao dom da paixão. Meu olhar pousava nele cada vez mais inquieto, palpando, de certo modo, cheio de decepção, esse rosto que se fizera estranho. Inegavelmente a figura era a mesma, mas parecia vazia e despojada de todas as forças criadoras; era cansada e envelhecida como a máscara apegaminhada de um ancião.

Seria isso possível? Podia alguém ser tão jovem numa hora e, na seguinte, tão velho? Haveria efervescências de espírito que, de repente, transformassem o rosto tanto como a palavra, rejuvenescendo o indivíduo de anos?

A questão atormentava-me. Sentia arder em mim uma sede de conhecer melhor esse homem de duplo aspecto. E, obedecendo a uma inspiração súbita, tão logo deixou a cátedra, passando diante de nós sem nos fitar, corri à biblioteca para solicitar as obras que ele escrevera.

Talvez estivesse então simplesmente fatigado e com a sua impetuosidade sufocada por uma indisposição física; mas ali, na forma do livro fixada para durar, forçosamente encontraria o meio de penetrar e compreender a personalidade que tão fortemente me intrigava.

O empregado trouxe-me os livros. Fiquei surpreso ao ver que eram tão poucos. Então, em vinte anos, esse homem, que já envelhecia, só publicara essa magra coleção de brochuras, de introduções, de prefácios, uma tese sobre a autenticidade do “Péricles”, de Shakespeare, um paralelo entre Hölderlin e Shelley (isto, é verdade, numa época em que nenhum dos dois era considerado por seu povo um gênio), e outra insignificância filológica.

Para falar verdade, todos esses escritos anunciavam como estando prestes a ser publicada uma obra em dois volumes intitulada “*O Globe Theatre, sua descrição, seus autores*”. Mas, se bem que esse anúncio já remontasse a vinte anos, o bibliotecário confirmou-me, à pergunta que lhe fiz expressamente, o fato de que a obra nunca havia aparecido.

Um pouco receoso e já com um simples resto de coragem, folheei as brochuras, na esperança ardente de aí ouvir de novo a voz inebriante de ritmo impetuoso. Mas tais escritos marchavam com um passo de gravidade constante; em parte alguma fremia o ritmo calidamente cadenciado, saltando acima de si mesmo como a vaga sobre a vaga — o ritmo dos discursos absorventes.

“Que pena!”, suspirou em mim uma voz interior; tinha desejo de bater em mim mesmo, de tal modo fremia de cólera e desconfiança em face de meu sentimento que tão depressa e demasiado credulamente se entregara a ele. Mas, à tarde, no seminário, tornei a encontrar meu mestre.

A princípio, não falou. Segundo o costume do ensino inglês, estavam desta vez duas dúzias de estudantes, repartidos para a discussão, em dois grupos, falando pró e contra. O tema era ainda extraído de seu bem-amado Shakespeare: tratava-se de saber se Troilus e Cressida (em sua obra predileta) deviam ser considerados como figuras de paródia e a obra em si como uma comédia satírica ou como uma tragédia mascarada pela ironia. Dentro em breve, sob a ação de mão hábil, esta palestra simplesmente intelectual inflamou-se e carregou-se de animação elétrica. Os argumentos saltavam vigorosamente; interrupções e exclamações estimulavam vivamente o ardor e a impetuosidade da discussão, tanto assim que os jovens chegaram quase a tratar-se com recíproca hostilidade.

Só então, quando começaram a crepitar as faíscas, o professor interveio *ex abrupto*, afrouxou o amplexo demasiado violento, reconduzindo jeitosamente a discussão a seu objeto, mas para ao mesmo tempo lhe imprimir, por um secreto impulso, um pujante arroubo intelectual, alçando-se ao infinito; e assim ficou subitamente ao centro desse jogo de chamas dialéticas, cheio ele mesmo de alegre excitação, espicaçando e moderando a um só tempo o prélio, senhor dessa onda turbilhonante de entusiasmo juvenil e concomitantemente arrebatado por ela.

Apoiado à mesa, com os braços cruzados no peito, olhava para um, para outro, sorrindo a este, animando aquele com um sinal dissimulado em resposta, e seu olhar brilhava com o mesmo fogo que na véspera. Eu sentia que ele era obrigado a dominar-se para não tirar pessoalmente a todos, de chofre, a palavra da boca. Continha-se, porém, com violência: eu o via por suas mãos, com que apertava cada vez mais fortemente o peito, como com tampões: adivinhava-o pelas comissuras labiais frementes, que já retinham com dificuldade a palavra palpitante. E, subitamente, aquilo foi mais forte que ele: lançou-se com verdadeira embriaguez na discussão à guisa de um mergulhador: com um gesto enérgico da mão brandida, cortou em dois o tumulto, como faz a varinha de um dirigente de orquestra. Imediatamente todos se calaram e então ele resumiu todos os argumentos com a sua maneira harmoniosa. E, enquanto falava, retomava a fisionomia da véspera; as rugas desapareciam por trás do jogo ondulante dos nervos, o pescoço e a estatura distendiam-se num gesto audaz e dominador; abandonando a atitude curvada de quem espreita, atirou-se ao discurso como uma onda torrencial.

O imprevisto arrebatou-o. Comecei a compreender que, de temperamento frio quando estava só, carecia, num curso didático, ou na solidão de seu gabinete, dessa matéria inflamada que, ali, em nosso grupo atropelado de estudantes

fascinados e ofegantes, fazia explodir o tabique que recobria o seu verdadeiro ser. Necessitava (ah! como eu o senti!) de nosso entusiasmo, para tê-lo também; de nosso interesse, para suas efusões intelectuais; de nossa juventude, para seus arroubos de juventude. Como um tocador de címbalos se inebria com o ritmo cada vez mais selvagem de suas mãos frenéticas, seu discurso se tornava cada vez mais poderoso, mais inflamado, mais colorido e mais ardente. Quanto mais profundo era o nosso silêncio (malgrado nosso, sentíamos no espaço nossa respiração ofegante), mais se elevava o nível de sua exposição, mais cativante se fazia e mais se assemelhava a um hino. Nesses minutos entregávamo-nos todos exclusivamente a ele, com os sentidos e o espírito inteiramente possuídos por essa exaltação.

E de novo, quando terminou de repente, aludindo ao discurso de Goethe sobre Shakespeare, nossa excitação caiu de modo violento. E de novo, como na véspera, apoiou-se exausto à mesa, com o rosto lívido, mas ainda percorrido pelas pequenas vibrações e frêmitos dos nervos, e em seus olhos luzia estranhamente a volúpia da efusão que ainda durava, como numa mulher que acaba de arrancar-se a um amplexo soberano.

Eu teria tido escrúpulo de conversar agora com ele, mas casualmente seu olhar caiu sobre mim, e inegavelmente senti minha gratidão entusiástica, pois me sorriu amistosamente e, ligeiramente voltado para mim, cercando-me o ombro com o braço, recordou-me que eu devia ir falar-lhe, nessa mesma noite.

Precisamente às sete horas, compareci ao encontro. Com que temor o adolescente que eu era transpôs esse umbral pela primeira vez! Nada é mais ardente que o respeito de um mancebo, nada mais tímido, mais feminino que seu inquieto pudor.

Conduziram-me a seu gabinete de trabalho, uma sala semiobscura onde só via a princípio, através das estantes, as lombadas multicores de uma multidão de livros. Acima da mesa estava dependurada a *Escola de Atenas* de Rafael, quadro de que gostava particularmente (conforme me explicou mais tarde), porque nele se encontram simbolicamente unidas, numa síntese perfeita, todas as categorias de ensino, todas as formas de espírito. Era a primeira vez que eu via esse quadro, e julguei descobrir na figura voluntariosa de Sócrates uma semelhança com a frente de meu mestre.

Ao lado dele brilhava um mármore branco, uma bela redução do busto de *Ganimedes*, de Paris, e bem perto o *São Sebastião* de um velho mestre alemão: beleza trágica que provavelmente não fora colocada ao acaso junto a uma beleza voluptuosa.

Eu esperava, com o coração palpitante, tão silencioso como todas as obras de arte, nobremente mudas, que ali estavam em derredor. Esses objetos exprimiam simbolicamente uma beleza espiritual nova para mim, de que eu nunca tivera nenhum pressentimento e que ainda não compreendia muito nitidamente, se bem que já me sentisse pronto a comungar com ela fraternalmente. Mas tive pouco tempo para contemplar tudo isso, pois aquele a quem esperava entrou e se dirigiu a mim. De novo me fitou com o olhar molemente envolvente e que ardia como se tivesse um fogo oculto, um olhar que, para grande surpresa minha, degelava e fazia desabrochar o que havia de mais secreto em meu ser.

Falei-lhe imediatamente com liberdade completa, como a um amigo, e quando ele me interrogou sobre os meus estudos em Berlim, subiu-me, a despeito de todos os esforços em contrário, aos lábios (o que me horrorizou) a narrativa da visita de meu pai, e confirmei a esse estranho o secreto juramento que fizera de entregar-me ao trabalho com a mais absoluta seriedade.

Ele fitou-me com um olhar comovido:

— Não só com seriedade, meu filho, mas sobretudo com toda a paixão. Quem não é apaixonado poderá ser no máximo um pedagogo; é sempre pelo interior que se devem fazer as coisas, sempre, sempre partindo da paixão.

A voz tornava-se-lhe cada vez mais cálida, a sala cada vez mais escura.

Falou-me muito de sua juventude, contou-me como também começara estouvadamente e como só tardiamente descobrira sua vocação: bastava-me ser corajoso, que ele me ajudaria na medida de seus meios. Podia dirigir-me a ele sem temor, fossem quais fossem meus desejos e perguntas.

Jamais alguém me falara com tanto interesse, com uma compreensão tão profunda da vida. Eu tremia de gratidão e sentia-me feliz de que a obscuridade me ocultasse os olhos úmidos.

Poderia ter ficado assim durante horas, sem prestar atenção ao tempo, quando bateram à porta de leve. Deram volta à maçaneta: uma silhueta esguia entrou, como uma sombra. O professor ergueu-se e disse à guisa de apresentação: “Minha senhora.” A sombra esbelta aproximou-se indistinta, pôs a mãozinha na minha e disse depois, voltada para ele:

— Está pronto o jantar.

— Sim, sim, já sei — respondeu ele precipitadamente e (foi ao menos o que me pareceu) com um ar um pouco contrariado.

Pareceu que lhe passara de repente algo frio na voz e, como agora a luz elétrica tudo clareava, tornou-se de novo o homem envelhecido da austera sala de aula e, com um gesto cansado, me despediu.

*

Passei as duas semanas que se seguiram num furor apaixonado de ler e de aprender. Mal saía do quarto; para não perder tempo, tomava as refeições de pé; estudava sem cessar, sem interrupção, quase sem sono. Dava-se comigo o mesmo que com esse príncipe do conto oriental que, quebrando um após outro os selos apostos às portas de quartos fechados, encontra em cada um montões cada vez maiores de joias e pedras preciosas, e explora com uma avidez crescente a fileira desses aposentos, impaciente de chegar ao último. Era exatamente do mesmo modo que eu me precipitava de um livro a outro, inebriado por cada um, mas nunca saciava; minha impetuosidade passara agora ao domínio do espírito.

Tive então um primeiro pressentimento da imensidão inexplorada do universo intelectual e da sua força exercida sobre a minha pessoa pelo mundo aventureiro das cidades; mas ao mesmo tempo eu sentia o temor pueril de ser impotente para tomar posse desse universo. Também economizava no sono, nos prazeres, nas conversas, em todas as formas de distração, unicamente para melhor aproveitar o tempo cujo real valor compreendia pela primeira vez. Mas o que inflamava de tal forma meu zelo era, sobretudo, a vaidade de produzir sobre meu mestre uma agradável impressão, de não decepcionar-lhe a confiança, de obter dele um sorriso de aprovação e de inspirar-lhe amizade, como a que ele me inspirava. A menor ocasião me servia de prova; sem cessar, exercitava meus sentidos (por natureza inábeis, mas que haviam se tornado notadamente sutis) com o fito de impor-me a ele, de surpreendê-lo: se em seu curso citava um autor cuja obra me era estranha, punha-me em campo à tarde, para poder no dia seguinte exhibir vaidosamente meus conhecimentos no correr da discussão.

Um desejo expresso por ele, de um modo todo incidental e mal percebido pelos outros, tornava-se para mim uma ordem — assim bastou uma observação negligentemente feita sobre o eterno hábito de fumar dos estudantes para que eu, imediatamente, pusesse fora o cigarro aceso e renunciasse de repente, para sempre, ao hábito assim censurado.

Como a palavra de um evangelista, a dele era para mim a um só tempo lei e favor. Sempre à espreita, minha atenção constantemente tensa apanhava avidamente cada uma das observações por ele indiferentemente emitidas. Fazia meu bem, como um avaro, de cada uma de suas palavras e de cada um de seus gestos. Em meu quarto, apalpava com todos os sentidos e guardava apaixonadamente o que assim adquirira; e da mesma forma que só nele via o

guia, assim também minha ambição intolerante não via em todos os camaradas mais que inimigos, que minha vontade ardente jurava cada dia a si mesma superar e vencer.

Fosse por sentir tudo o que ele era para mim, ou então por apreciar esse ardor de meu ser, o caso é que meu mestre não tardou a distinguir-me de um modo especial, manifestando-me visível interesse. Aconselhava minhas leituras, impelia-me, a mim, calouro ainda, de maneira quase injusta, à primeira linha das discussões coletivas, e amiúde me autorizava a vir à noite palestrar familiarmente com ele. Então, quase sempre apanhava um dos livros encostados à parede e lia — com essa voz sonora que na admiração adquiria tonalidade mais alta e maior clareza — extratos de poemas ou de tragédias, ou então explicava problemas controvertidos; nessas duas primeiras semanas de embriaguez, aprendi mais coisas sobre a essência da alma que até então em 19 anos.

Estávamos sempre sós durante essa hora para mim demasiado breve. Aí pelas oito horas, batiam docemente à porta: era a sua esposa que o advertia que o jantar estava pronto. Mas nunca entrava na sala, obedecendo visivelmente à determinação de não interromper-nos a palestra.

*

Assim decorreram 15 dias, dias do início do verão, superaquecidos, quando certa manhã a força do trabalho se partiu em mim, como uma mola demasiado tensa. Antes já meu mestre me acautelara, dizendo-me que não levasse a excesso a aplicação, repousando um dia, de vez em quando, de preferência no campo. Eis que de repente tive de fazê-lo. Despertei apático depois de um sono turvo; tão logo tentava ler, as letras dançavam ante mim como cabeças de alfinetes. Fiel como um escravo, mesmo à menor palavra de meu mestre, resolvi imediatamente obedecer e intercalar um dia de liberdade entre os dias avidamente consagrados ao estudo. Saí de manhã; visitei pela primeira vez a cidade, em parte medieval, galguei as centenas de degraus que conduziam ao campanário, unicamente para tonificar o corpo, e, da plataforma, descobri um minúsculo lago no âmbito geral da verdura.

Em minha qualidade de setentrional nascido à beira-mar, apreciava apaixonadamente a natação, e, precisamente aqui, no alto da torre, ante a qual os prados variegados brilhavam como uma região de tanques verdes, dominou-me subitamente irresistível desejo, como se me fora trazido pelo vento de minha terra, de mergulhar no caro elemento. E logo que, à tarde, desencantei o

balneário e nadei algumas braçadas, meu corpo recomeçou a sentir-se em perfeitas condições; os músculos dos membros readquiriam uma flexibilidade e uma elasticidade que há semanas não conheciam. O sol e o vento, brincando à flor da pele nua, fizeram renascer em mim, em meia hora, o impetuoso mancebo de antes, que lutava selvagememente com os camaradas e arriscava a vida por uma loucura. Tudo esquecera, de livros e ciência, inteiramente entregue a respirar e a movimentar-me.

Com esse exclusivismo que me era peculiar, retomado por uma paixão de longa data abandonada, eu chapinhara durante duas horas no elemento recuperado, por trinta vezes talvez mergulhara do alto da prancha, para descarregar-me, com esse exercício, da excessiva plenitude de minha força; por duas vezes atravessara o lago e meu fôlego ainda não estava esgotado. Movimentando-me e vibrando por todos os músculos tensos, procurava ao redor que nova prova poderia ainda tentar, impaciente de fazer alguma coisa de forte, de temerário, de louco.

Eis que do outro lado, no banho das mulheres, a prancha rangeu, e eu senti propagar-se, fremindo, até as pilastras do trampolim o ímpeto de um salto poderoso. Concomitantemente, um esbelto corpo de mulher, a que a curva do salto dava a forma de um crescente de aço, alçava-se no espaço, para tornar a descer numa inversão de estática. Por um momento, o mergulho cavou um turbilhão chapinhante coberto de alva espuma. Depois, o vulto distendido reapareceu à tona e dirigiu-se em nervosas braçadas para a ilha que ficava no meio do lago.

“Segui-la! Alcançá-la!”, tal a minha ideia, enquanto o ardor esportivo me dominava os músculos.

Lancei-me imediatamente à água e nadei-lhe no encalço, acelerando cada vez mais a minha progressão. Mas, observando que era perseguida, e igualmente dada ao esporte, a nadadora aproveitou animadamente o seu avanço, obliquou habilmente passando diante da ilha, para em seguida retomar apressadamente o caminho de volta. Reconhecendo-lhe logo a intenção, lancei-me também à direita e nadei com tanto vigor que minha mão alongando-se já lhe estava no encalço e não distávamos um do outro mais de um palmo. Eis quando, por um astuto expediente, a fugitiva mergulhou de súbito, para reaparecer em seguida, minutos mais tarde, junto à barreira da seção das mulheres, que me tolhia a continuação. Toda gotejante e vitoriosa, galgou a escada; por um momento, foi obrigada a deter-se, com a mão comprimindo o peito; faltava-lhe manifestamente o fôlego; mas logo se voltou e, vendo-me chegar ao limite, riu para mim, com

um ar de triunfo nos dentes brilhantes. Não podia distinguir-lhe muito bem o rosto sob a touca de banho e contra o sol vivo; só percebia que o seu riso irrompia irônico e claro na direção do vencido.

Eu estava ao mesmo tempo contrariado e contente: pela primeira vez desde Berlim, sentira em mim esse olhar lisonjeiro de uma mulher. Estaria ali uma aventura a minha espera? Em três braçadas alcancei o banho dos homens, pus celeremente as roupas sobre a pele ainda molhada, a fim de poder estar bem rápido à saída para espia-la.

Esperei dez minutos. Depois chegou (fácil de reconhecer por suas formas delgadas de efebo) minha orgulhosa adversária, que caminhava com passo ligeiro e o acelerou mais ainda assim que me viu, com a intenção de tirar-me a possibilidade de abordá-la. Corria, com músculos tão ágeis como precedentemente ao nadar; todas as articulações obedeciam nervosamente ao corpo fino de adolescente, talvez um pouco delgado demais. Eu sentia a necessidade verdadeiramente torturante de alcançá-la sem me fazer notar. Enfim, consegui-o; numa volta do caminho, adiantei-me obliquando, ergui de muito longe o chapéu à maneira dos estudantes e perguntei-lhe, antes que tivesse tempo de encarar-me, se podia acompanhá-la. Lançou de lado um olhar zombeteiro e, sem retardar o ritmo ardente de sua marcha, respondeu-me com uma ironia quase provocante:

— Por que não, se a seu ver não ando demasiado rapidamente? Estou com muita pressa.

Animado por essa falta de preconceitos, tornei-me mais premente; fiz-lhe uma dúzia de perguntas inspiradas pela curiosidade e em sua maior parte tolas, mas às quais não deixava por isso de responder de bom grado e com uma liberdade tão estupefaciente que, desse jeito, para falar verdade, meus intuitos eram antes desservidos do que favorecidos. Porque o meu código berlinense relativo à arte de abordar as mulheres previa antes a resistência e a censura do que uma palestra tão franca no decorrer de um trajeto feito a passo acelerado. Assim tive pela segunda vez a sensação de haver atacado muito desastradamente um adversário mais forte que eu.

Mas ainda não foi isso o pior. Pois, quando multiplicando minha insistência indiscreta, lhe perguntei onde residia, eis que dois olhos cor de avelã, cheios de avidez, se voltaram vivamente para mim e cintilaram, enquanto ela já não retinha o riso: “Sou sua vizinha de tão perto!”, disse. Estupefato, olhei-a fixamente. Seus olhos voltaram-se ainda uma vez para meu lado, procurando ver se a flecha do Parta acertara, e na verdade me entrara pela garganta.

Foi o fim imediato do tom insolente que eu trouxera de Berlim. Balbuciei com voz mal segura e quase humildemente, perguntando-lhe se minha companhia não a estorvava.

— De modo algum — disse ela, sorrindo de novo. — Só nos restam duas ruas e podemos percorrê-las juntos.

Nesse momento, zumbiu-me o sangue nos ouvidos; só com dificuldade podia caminhar. Mas que fazer? Deixá-la agora teria sido ainda maior ofensa. Foi-me portanto preciso caminhar com ela até onde eu morava. Deteve-se então de repente, estendeu-me a mão e disse-me negligentemente:

— Obrigada por ter-me acompanhado. Virá esta noite visitar meu marido, não é verdade?

Devo ter ficado todo rubro de vergonha. Mas antes de ter podido escusar-me, ela subira rapidamente a escada e eu fiquei ali imóvel, pensando com terror nas estúpidas frases que insolente e grosseiramente me permitira. Como um fanfarrão idiota que era, convidara-a, tal qual como se faz a uma simples costureira, para um passeio dominical; celebrara-lhe o corpo de um modo totalmente banal, depois moera o estribilho do estudante solitário; parecia-me que ia morrer de vergonha, a tal ponto me sufocava o desgosto de mim mesmo.

E lá ia ela toda risonha, altiva até as orelhas, encontrar o marido e revelar-lhe minhas tolices — a ele, cujo juízo me era mais precioso que o de todos os homens, aos olhos de quem tornar-me ridículo me parecia mais doloroso do que ser vergastado nu em praça pública!

Vivi até a noite horas atroz. Mil vezes me representei de antemão o modo como ele me receberia com seu fino sorriso irônico. Ah! eu o sabia, ele era mestre na arte das palavras sardônicas, mais hábil que todos em acentuar um sarcasmo que nos picava e nos queimava até o sangue. Um condenado não pode ir com mais terror para o cadafalso do que esse que eu sentia então na escada, e mal entrei em seu gabinete de trabalho, retendo com dificuldade um pesado soluço, minha perturbação aumentou ainda mais, pois acreditei na verdade ter ouvido, no aposento vizinho, o roçar de um vestido feminino. Sem dúvida, ela estava à espreita, orgulhosa, saboreando o meu embaraço, gozando o malogro do jovem tagarela.

Meu mestre chegou afinal. “Que tem?”, perguntou-me com solicitude. “Está bastante pálido, hoje.” Respondi vagamente, esperando no íntimo o golpe que me ia atingir. Mas a temida execução não veio. Ele falou, como de costume, de coisas literárias; por mais que lhe sondasse as palavras com ansiedade, nenhuma

ocultava a menor alusão ou a menor ironia, e, a princípio admirado, depois felicíssimo, reconheci que ela nada dissera.

Às oito horas, bateram à porta. Despedi-me: reaprumara-se-me o coração no peito. Quando estive do outro lado da porta, ela passou por mim: saudei-a, seu olhar me sorriu ligeiramente; e, com o sangue circulando em mim largamente, interpretei esse perdão como a promessa de continuar a calar-se.

*

A partir desse dia, começou para mim um novo modo de ver as coisas. Até então, minha veneração pueril considerava a tal ponto o mestre adorado como um gênio de outro mundo que eu me esquecia completamente de prestar atenção à sua vida privada, à sua vida terrestre. Com o exagero que caracterizava todo verdadeiro entusiasmo, despira-lhe completamente a existência de todas as funções cotidianas de nosso mundo metodicamente ordenado. E da mesma sorte que, por exemplo, alguém apaixonado pela primeira vez não ousa despir em pensamento a moça a quem idolatra e contemplá-la como semelhante aos outros milhares de pessoas que usam vestido, assim também eu não ousava insinuar um olhar em sua vida privada; só via nele um ser sempre sublime, isento de todas as vulgaridades materiais, em sua qualidade de mensageiro do verbo, de receptário do espírito criador.

Ora, agora, que esta aventura tragicômica acabava de pôr subitamente sua mulher em meu caminho, não pude deixar de observar-lhe mais intimamente a existência familiar e conjugal. Verdadeiramente a contragosto, uma curiosidade de espreitador inquieto abriu-me os olhos, e mal esse olhar perquiridor nasceu em mim logo se perturbou, pois a existência desse homem, no interior de seu domínio próprio, era estranha e constituía um enigma quase angustiante. A primeira vez que, pouco tempo após esse encontro, fui convidado à sua mesa e o vi, não inteiramente só, mas com sua mulher, tive uma singular suspeita de que a comunidade de viela que havia entre eles era perfeitamente bizarra, e quanto mais penetrava no círculo íntimo dessa casa, mais esse sentimento se tornava perturbador para mim. Não que em palavras ou nos gestos se houvesse patenteado um antagonismo ou desacordo entre eles: ao contrário, era o nada, era a ausência completa de todo sentimento de afeição ou desafeição que os envolvia e os tornava impenetráveis, de modo tão estranho; era uma calma pesada e tormentosa de sentimento que tornava essa atmosfera mais penosa que o desencadear de uma disputa sob os lampejos de um rancor oculto.

Exteriormente, nada traía a irritação ou a tensão; mas isso só fazia sentir com mais força a existência de uma recíproca antipatia moral. Porque as perguntas e as respostas de uma estranha conversação não faziam, por assim dizer, mais que aflorar-se rapidamente com a ponta dos dedos; nunca havia entre eles cordialidade, a mão na mão, e mesmo em relação a mim, durante as refeições, a palavra do professor continuava hesitante e estorvada. E às vezes a conversa gelava, enquanto não voltávamos ao estudo. Ela se concentrava num vasto bloco de silêncio, que ninguém mais ousava romper, e cujo frio pesado me oprimia a alma horas inteiras.

O que sobretudo me assustava era o completo isolamento do professor. Esse homem aberto, de uma natureza absolutamente expansiva, não tinha amigos; só os seus alunos lhe eram sociedade e consolo. Aos colegas da universidade ligavam-no apenas relações de correção polida; não frequentava a sociedade; muitas vezes passava dias inteiros sem sair de casa, a não ser para dar os vinte passos que levavam à universidade. Acumulava tudo em si mesmo silenciosamente, sem se confiar nem aos homens, nem à escrita. E agora também compreendo o caráter eruptivo, o jorro fanático de seus discursos no meio dos estudantes: era seu ser que se derramava de repente após dias de recaleamento; todos os pensamentos que trazia em si, mudos, precipitavam-se com esse ardor que os cavaleiros chamam expressivamente o fogo do cavalo; irrompiam silvando, fora do parque do silêncio, nessa caça com galgos às palavras.

Em casa falava muito raramente, menos à esposa do que a qualquer outro. E com uma surpresa inquieta e quase envergonhada, eu próprio reconhecia, por mais que fosse um inexperiente rapaz, que aqui havia uma sombra pairando entre esses dois seres, uma sombra flutuante e sempre presente, feita de matéria imperceptível, mas, apesar de tudo, isolando-os completamente um do outro; e pela primeira vez pressenti quantas coisas secretas oculta a fachada de um matrimônio.

Como se um mágico pentagrama tivesse sido traçado no limiar, sua esposa nunca ousava penetrar no gabinete de trabalho sem um convite particular. Por aí se via distintamente que ela estava inteiramente excluída do mundo intelectual do professor. E nunca meu mestre permitia que se falasse de seus projetos e trabalhos em presença da esposa. Até a maneira como se detinha bruscamente em meio a uma frase de exórdio apaixonado, logo que ela entrava, era-me francamente penosa. O que ali havia de quase ofensivo e desdenhoso nem sequer se dissimulava sob formas de polidez; seca e abertamente, ele repelia para longe

de si todo o interesse proveniente da mulher; mas esta não parecia notar a ofensa, ou parecia já estar habituada.

Com seu aspecto de moça cheia de galhardia, ágil e presta, esbelta e senhora satisfeita de seus músculos, subia e descia as escadas como que voando; tinha constantemente uma porção de ocupações, e, entretanto, sempre dispunha de tempo. Ia ao teatro; não desdenhava qualquer atividade esportiva; em compensação, essa mulher, que podia ter mais ou menos trinta e cinco anos, era desprovida de todo gosto pelos livros, pelo lar, por tudo o que era solidão, calma ou meditação. Só parecia sentir-se bem quando (sempre a cantarolar, gostando de rir e a todo momento pronta para uma conversa picante) podia desdobrar os membros na dança, na natação, na corrida, em qualquer exercício violento; comigo, nunca falava seriamente; não fazia mais do que zombar-me, considerava-me como um fedelho e no máximo via em mim um bom parceiro para provas de força audaciosa.

E essa natureza de agilidade e de brilhante sensualidade que era a sua formava uma oposição tão perturbadora com a forma de vida de meu mestre — sombria, toda curvada para si mesma e só tendo asas para o terreno do espírito — que eu me perguntava com um espanto sempre novo o que teria unido esses dois seres essencialmente díspares.

Para falar a verdade, era-me útil o singular contraste: quando, após um trabalho exaustivo, me punha a palestrar com ela, parecia-me que me tiravam da frente um pesado capacete; à saída de uma exaltação extática, todas as coisas retomavam sua cor cotidiana e seu aspecto terrestre; a jovial sociabilidade da vida reclamava agradavelmente seus direitos e, coisa que eu quase desaprendia no austero convívio de meu mestre, o riso vinha assim salutarmente distender a excessiva pressão do trabalho intelectual. Uma espécie de camaradagem juvenil estabeleceu-se entre ela e eu, precisamente porque sempre só conversávamos com desenvoltura sobre temas indiferentes; por exemplo, indo juntos ao teatro, nossa relação nada tinha de perigoso. Só uma coisa interrompia penosamente a completa despreocupação de nossas palestras, enchendo-me cada vez de perturbação: era quando se pronunciava o nome de seu marido. Ela opunha então inabalavelmente à minha indagadora curiosidade um silêncio descontente ou então, quando eu me exprimia com entusiasmo a respeito do professor, nascia nela um sorriso estranho e dissimulador. Mas seus lábios continuavam fechados: de um modo diferente, mas com a mesma violência de atitudes, afastava esse homem de sua vida, como ele fazia com ela. No entanto, viviam já havia 15 anos à sombra do mesmo teto.

Mas quanto mais impenetrável era esse mistério, maior era a atração que exercia sobre minha impaciência apaixonada. Ali havia uma sombra, um véu que eu sentia estranhamente vacilar bem perto de mim, ao sopro de cada palavra, e já em várias vezes pensara apreendê-lo, o tecido tão perturbador, mas logo me escorria por entre os dedos, para daí a pouco tornar a vir murmurar perto de mim. Mas isso não se transformava nunca numa palavra tangível, numa forma palpável. Ora, nada intriga e excita mais um homem jovem do que o jogo enervante das hipóteses vagas; a imaginação que, por via de regra, erra aqui e ali, descuidosamente vê de repente um alvo diante de si, e ei-la febril na paixão, nova para ela, de correr atrás dessa caça. Nasceram naquele tempo sentimentos inteiramente novos em mim, que até então era um rapaz desajeitado: uma onda extraordinariamente fina, que captava insidiosamente as menores inflexões de voz, um olhar inquisitorial cheio de desconfiança e acuidade, uma curiosidade indiscreta que vasculhava a obscuridade; meus nervos punham-se elasticamente tensos a ponto de se tornarem para mim uma dor, constantemente excitados pelo contato de um pressentimento e nunca chegando a distender-se e a vibrar sob a ação de um sentimento claro.

Entretanto, não censurei essa curiosidade sempre alerta e sempre à espreita, pois era pura. O que assim me exaltava todos os sentidos não era devido a um desejo vil e de mau quilate, comprazendo-se em descobrir perfidamente num ser superior alguma baixaza humana: ao contrário, minha curiosidade era feita de uma angústia secreta, de uma compaixão perplexa e hesitante, que adivinhava, com inquieta ansiedade, a presença de um sofrimento nesse taciturno. Pois, quanto mais penetrava em sua vida, mais concretamente me oprimia a sombra que já se pusera no querido rosto de meu mestre, essa nobre melancolia — nobre, porque nobremente superada — que nunca se rebaixava a um desagradável mau humor ou a uma cólera impossível de refrear; se, desde a primeira hora, me atraía, a mim, estranho, pelos fulgores vulcânicos de sua palavra, agora, que me tornara familiar, sentia-me ainda mais profundamente emocionado por seu modo taciturno, por essa nuvem de tristeza que lhe passava na frente.

Nada toca tão profundamente o espírito de um jovem como uma dor grave e viril: o *Pensador*, de Miguel Ângelo, contemplando fixamente seu próprio abismo, a boca de Beethoven, amargamente crispada, essas máscaras trágicas do sofrimento do universo comovem mais fortemente uma sensibilidade ainda não formada do que a melodia clara de Mozart ou a luz resplendente que envolve as figuras de Leonardo. Sendo ela própria beleza, a juventude não precisa de

idealização: no excesso de suas forças vivas, aspira ao trágico e permite de bom grado à melancolia sugar docemente seu sangue ainda noviço. Daí provém também que a juventude esteja sempre pronta para o perigo e estenda, em espírito, a mão fraternal a cada sofrimento.

Era a primeira vez em minha vida que eu encontrava a figura de um sofrimento verdadeiro. Filho de gente do povo, confortavelmente criado numa facilidade burguesa, só conhecia a preocupação sob as ridículas máscaras da existência cotidiana: tomando a forma da contrariedade, trajando o vestido amarelo da inveja ou fazendo ressoar as mesquinhas do dinheiro. Mas a perturbação que havia nesse semblante provinha, eu logo o percebia, de um elemento mais sagrado. Esse ar sombrio provinha de sombrias profundidades; fora do interior que um buril cruel cavara aqui essas rugas e essas fissuras nas faces envelhecidas antes da idade. Às vezes, quando eu entrava em seu gabinete (sempre com o temor de uma criança que se aproxima de uma casa onde habitam demônios), e, absorto em seus pensamentos, ele não me ouvia bater, de sorte que eu me encontrava de repente, envergonhado e trêmulo, ante o homem que se esquecia de si mesmo, parecia-me que ali só havia sua máscara corporal — Wagner vestido de Fausto — enquanto o espírito deambulava em barrancos enigmáticos, em meio a terríveis noites de Walpurgis.

Em tais momentos, seus sentidos estavam impenetráveis; não ouvia nem a aproximação de um passo nem uma tímida saudação. Quando, em seguida, dominando-se de súbito, se erguia bruscamente, procurava com palavras precipitadas dissimular seu embaraço: ia e vinha, e esforçava-se, com perguntas, por desviar de si o olhar interrogador, mas durante muito tempo ainda sua fronte permanecia sombria, e só a palestra, quando se animava, podia dissipar as nuvens amontoadas em sua alma.

Provavelmente, sentia, às vezes, como seu aspecto me emocionava, sentia-o talvez por minhas mãos inquietas; podia adivinhar, por exemplo, que em meus lábios fluía invisível uma prece implorando-lhe a confiança ou então reconhecer em minha atitude tateante o desejo fervoroso e secreto de tomar para mim e em mim a sua dor. Notava-o certamente, pois interrompia abruptamente a palestra animada e contemplava-me com emoção; mesmo seu olhar, de um calor singular, obscurecido pela própria plenitude, envolvia-me largamente. Então, muitas vezes ele tomava a minha mão e segurava-a durante muito tempo com agitação. Eu esperava sempre: “Agora, agora, agora vai falar.”

Mas, ao invés disso, na maioria das vezes, era um gesto brusco que se produzia, ou às vezes mesmo uma palavra fria, desanimadora e

propositadamente irônica. Ele, que era o próprio entusiasmo, que o despertara e cultivara em mim, afastava-o subitamente de meu coração, como um erro que se apaga numa lição malfeita; e quanto mais me via de alma aberta, aspirando à sua confiança, mais pronunciava com aspereza palavras glaciais, como: “O senhor não o compreende”, ou então: “Deixe desses exageros”; palavras que me agitavam e me levavam ao desespero. Como sofri por causa desse homem tão mutável quanto a temperatura, passando bruscamente do quente ao frio, que inconscientemente me inflamava para gelar-me logo a seguir, e que com seu ardor exaltava todo o meu ser, para depois empunhar de repente o chicote de uma observação irônica! Sim, eu tinha a sensação cruel de que quanto mais me aproximava dele, mais me repelia com dureza e até com inquietação. Nada devia, nada podia penetrá-lo, penetrar-lhe o segredo.

Porque (eu tinha disso consciência cada vez mais viva) um segredo, um estranho e temível segredo se alojava em sua profundidade de mágica atração. Eu adivinhava que havia nele alguma coisa de oculto, na maneira singular como seu olhar se esquivava, ele que, depois de ter-se adiantado como ardor, recuava timidamente, quando alguém se abandonava a ele com gratidão; adivinhava-o pelas rugas amargas dos lábios de sua mulher, pela reserva fria e singular da gente da cidade — que contemplava quase com indignação quem falava bem dele —, por centenas de coisas bizarras, por centenas de perturbações súbitas. E que tormento imaginar já ter entrado no círculo íntimo de tal vida e, entretanto, aí girar como num labirinto, ignorando o caminho que conduzia à sua raiz e ao seu coração!

O mais inexplicável, porém, o mais surpreendente para mim eram as suas fugas. Um dia, chegando à sala de aula, vi um aviso dizendo que o curso seria interrompido por dois dias. Os estudantes não pareciam admirados; mas eu, que ainda na véspera estivera na casa dele, corri até lá, levado pelo temor de que houvesse adoecido. A mulher não fez mais que sorrir secamente ante a emoção que meu aparecimento precipitado traía.

— Isso acontece às vezes — disse ela, com singular frieza. — O senhor é que não está acostumado.

Com efeito, soube pelos colegas que bastante frequentemente ele desaparecia assim durante a noite, às vezes só se desculpando por um telegrama. Um estudante encontrara-o às quatro horas da manhã numa rua de Berlim, outro num café de uma cidade estrangeira. Partia de repente, como uma rolha solta de uma garrafa, e em seguida voltava sem ninguém saber aonde fora.

Esse desaparecimento brusco afetou-me tanto quanto uma doença. Durante dois dias não fiz mais que perambular por aqui, por ali, de espírito ausente, inquieto e sem saber o que fazer. De repente, o estudo, sem sua presença habitual, tornara-se para mim vazio e sem propósito; consumia-me em hipóteses confusas, não desprovidas de ciúmes; e até um pouco de rancor e de cólera surgiu em mim em face de seu modo taciturno, que me deixava fora de sua verdadeira vida, como um mendigo, sob o frio glacial, eu que ardia do desejo de nela participar. Em vão dizia a mim mesmo que, não passando de uma criança, de um estudante, não tinha nenhum direito de pedir-lhe explicações, pois sua bondade me concedia cem vezes mais confiança do que a por dever obrigatória num professor da faculdade. Mas a razão não tinha poder algum sobre minha paixão ardente: dez vezes durante o dia, vim novamente perguntar se ele não voltara, até o momento em que já senti em sua esposa a irritação, pela maneira como suas respostas negativas se tornavam cada vez mais bruscas.

Ficava acordado a metade da noite, apurando o ouvido para perceber o ruído de seus passos quando ele entrasse; na manhã seguinte, rondava inquieto junto à porta, já não ousando fazer perguntas. E quando, finalmente, no terceiro dia ele entrou de repente em meu quarto, faltou-me a respiração. Meu espanto foi sem dúvida extraordinário, ou pelo menos foi o que me indicou o reflexo de sua surpresa embaraçada, que ele tentou dissimular fazendo-me precipitadamente algumas perguntas indiferentes. Ao mesmo tempo, seu olhar me evitava. Pela primeira vez, nossa palestra emaranhou-se, as palavras tropeçavam umas nas outras e, enquanto ambos fazíamos um esforço para afastar toda alusão à sua ausência, era precisamente o que dizíamos que fechava o caminho a toda conversação seguida. Quando ele me deixou, a ardente curiosidade flamejava em mim como um archote: pouco a pouco, devorou-me o sono e as vigílias.

*

Essa luta por aprender e conhecer mais ainda durou semanas. Com teimosia eu me prendia, por assim dizer, no núcleo de fogo que acreditava sentir como um vulcão sob o rochedo de seu silêncio. Enfim, no correr de uma hora afortunada, cheguei a pisar pela primeira vez em seu mundo interior.

Um dia, como de costume, eu ficara sentado até o crepúsculo em seu gabinete de trabalho; ele tirou então uns sonetos de Shakespeare de uma gaveta fechada; leu a princípio na tradução que fizera esses breves esboços que pareciam moldados em bronze, depois esclareceu tão bem essa escrita cifrada,

aparentemente impenetrável, que, no meio da ventura sentida, tive pena de ser perdido para o resto do mundo tudo o que assim me dava a palavra fugitiva desse homem de lábios torrenciais. Eis que de repente me veio a coragem súbita (quem sabe de onde?) de perguntar-lhe por que não concluía sua grande obra sobre a história do Globe Theatre; mal ousara, porém, verifiquei, com horror, que, sem querer, acabava de tocar desastradamente uma ferida secreta e visivelmente dolorosa. Ergueu-se, voltou-se e permaneceu muito tempo silencioso. O quarto parecia ter-se enchido de repente, a mais não poder, de crepúsculo e de silêncio. Enfim, aproximou-se de mim, fitou-me longamente, seus lábios tremeram várias vezes antes de se entreabrirem ligeiramente... Depois brotou a dolorosa confissão:

— Não posso fazer grandes trabalhos. Acabou-se: só a juventude faz projetos tão ousados. Agora já não tenho tenacidade. Tornei-me (por que ocultá-lo?) um homem de pequeno fôlego; não posso perseverar por muito tempo. Outrora, tinha mais força; agora, ela não existe mais. Só posso falar; então às vezes sou sustentado pela palavra, alguma coisa me eleva acima de mim mesmo... Mas trabalhar no silêncio do gabinete, sempre só, sempre só, não posso mais.

Sua atitude resignada comoveu-me fortemente e, num impulso de espontaneidade profunda, supliquei-lhe que pensasse em reter enfim, com mão sólida, o que cotidianamente espalhava sobre nós com mão negligente, e não se contentasse de dar, mas cuidasse de conservar em forma de obras as suas próprias riquezas.

— Não posso escrever — repetiu em tom cansado. — Não sou concentrado o bastante.

— Nesse caso, basta-lhe ditar.

E, arrebatado por esse pensamento, insisti, suplicando-lhe quase:

— Basta ditar-me. Experimente! Talvez no início... depois, já não voltará atrás. Rogo-lhe que experimente o ditado, pelo bem que me quer.

Ele ergueu os olhos, a princípio admirado e depois pensativo. Dir-se-ia que essa ideia lhe interessava.

— Pelo bem que lhe quero? — repetiu. — Crê realmente que alguém ainda se possa regozijar ao ver o velho que sou empreender qualquer coisa?

Eu já sabia, pelo seu modo hesitante de falar, que ele começava a ceder; sentia-o por seu olhar voltado para si mesmo, pouco antes carregado de nuvens e que, agora, aliviado por cálida esperança, que se desdobrava pouco a pouco, e nela encontrava com que iluminar-se.

— Acredita realmente? — repetiu.

Eu sabia que sua vontade se preparava para acolher interiormente a sugestão. De repente, exclamou:

— Pois bem! Experimentemos. A juventude sempre tem razão; é sensato escutá-la.

A explosão selvagem de minha alegria, o triunfo que eu assim exprimia pareceu restituir-lhe o ardor da vida; ele ia e vinha a grandes passos, quase com a animação de um mancebo, e quando estacou, combinamos que todas as noites, às nove horas, logo após o jantar, tentaríamos trabalhar, a princípio uma hora por dia.

Na noite seguinte começamos o ditado.

Ah, esses momentos, como os descreverei?

Esperava-os todo o dia. A tarde inteira, uma agitação febril e enervante me eletrizava os sentidos impacientes; mal podia suportar as horas até que chegasse a noite. Íamos então, depois de comer, para o seu gabinete de trabalho; eu me sentava à mesa, dando-lhe as costas, enquanto o mestre caminhava pela sala com um andar agitado, até o momento em que o ritmo, por assim dizer, se condensava nele e em que a elevação de sua voz dava sinal à cadência do discurso. Porque esse homem singular tirava todos os seus pensamentos da musicalidade do sentimento: sempre necessitava de um detonador para pôr suas ideias em andamento. A maioria das vezes era uma imagem, uma audaz metáfora, uma situação plástica, que, animando-se involuntariamente na rapidez da locução, era por ele ampliada numa cena dramática. Muitas vezes, então, dos clarões precipitados desses improvisos, jorrava algo das fulgurações grandiosas da natureza criadora. Recordo frases que se despenhavam como cataratas, como o catálogo dos vasos em Homero e como os hinos bárbaros de Walt Whitman.

Pela primeira vez era dado ao mancebo em formação, que eu era então, penetrar no mistério da produção; via o pensamento, ainda incolor, não sendo mais que um puro calor fluido, como o bronze em fusão de um sino, nascer do cadinho da excitação impulsiva, e depois, esfriando paulatinamente, encontrar sua forma; via em seguida a forma arredondar-se e realizar-se em todo o seu vigor, até que enfim a palavra brotava claramente e, como o badalo que faz soar o sino, dava ao sentimento poético a linguagem dos homens. E assim como cada trecho musical provém do ritmo e cada representação teatral de um quadro cenicamente elaborado, toda a obra do plano vasto, de um modo absolutamente antifilológico, originava-se de um hino, de um hino ao mar, forma terrenamente visível e sensível do infinito derramando suas ondas de horizonte a horizonte, espiando os páramos e ocultando abismos em seu seio, enquanto brinca de uma

forma a um só tempo preme de senso e insensata, como o destino terrestre com os frágeis botes dos homens. Desse quadro do mar nascia, num paralelo grandioso, uma descrição do trágico como sendo a força elementar, rugidora e destruidora que nos agita o sangue.

Depois, a vaga criadora rolava para um país: surgia a Inglaterra, ilha eternamente cercada pelo fragor do elemento incerto que envolve ameaçador todos os bordos da terra, todas as latitudes e todas as zonas do globo terráqueo. Foi esse elemento que em tal país, na Inglaterra, formou o Estado; seu olhar reto e claro penetra até o fundo da casa de vidro do olho, esse olho cinzento e azul; cada indivíduo é ao mesmo tempo homem do mar e da ilha, como o seu país, e fortes paixões tempestuosas fervilham de maneira voluptuosa nessa raça que experimentou incansavelmente suas forças no correr dos séculos em que os vikings navegavam à aventura. Agora a paz lança suas brumas sobre o país em torno do qual rugem as ondas; mas seus habitantes, afeitos às tempestades, queriam ainda estar no mar, conhecer o rude assalto dos acontecimentos com seus perigos cotidianos, e assim criam novas emoções estimulantes e violentas, mercê de jogos sangrentos. A princípio se instalaram tablados para caça aos animais selvagens e para combates singulares. Ursos ensanguentavam a arena, brigas de galos excitavam bestialmente a volúpia do horror; mas em breve um senso mais requintado busca uma emoção mais pura em conflitos heroicamente humanos. E é então que, das representações piedosas, dos Mistérios representados nas igrejas, sai este outro grande jogo das paixões humanas, repetição de todas essas aventuras — travessias tormentosas, mas que agora se efetuam nos mares interiores do coração: novo infinito, oceano onde reinam as marés da paixão e os movimentos marulhosos do espírito, oceano sobre cujas ondas navegar com emoção, ser embalado e sacudido perigosamente constitui um novo prazer para esta raça anglo-saxônica sempre forte, apesar de haver chegado tarde. É assim que nasce o drama da nação inglesa, o drama dos elisabetanos.

E, enquanto meu mestre se lançava fanaticamente na descrição desses começos bárbaros e primitivos, a palavra criadora ressoava poderosamente. Sua voz, que a princípio se esgueirava como um murmúrio, suspensa dos músculos e dos ligamentos sonoros, tornava-se um avião de metal brilhante, que subia nos ares, cada vez mais livre e cada vez mais alto; a sala, as paredes estreitas, cujo eco lhe respondia, tornavam-se demasiado restritas para ela, tanto precisava de espaço: eu sentia a tempestade soprar acima de mim; o lábio rugidor do mar gritava possante suas palavras frementes. Inclinado sobre a escrivaninha, parecia-me

estar de novo em minha terra, à beira da duna, vendo vir para mim, ofegando, esse grande frêmito feito de mil ondas e de mil turbilhões de vento. Foi então que, pela primeira vez, esse calafrio doloroso que cerca o nascimento de um homem, como o de uma palavra, agitou bruscamente minha alma em espanto, em susto e já encantada.

Quando meu mestre terminava o ditado, em que uma possante inspiração arrancava magnificamente a palavra ao método científico, para transformar o pensamento em poema, eu estava como que cambaleante. O cansaço oprimia-me pesada e fortemente, bem diverso da fadiga do mestre, que era nele um esgotamento, o fim extremo de todas as suas forças, enquanto eu, submerso pela catadupa de frases, ainda tremia sob a efusão dessa plenitude. Ambos tínhamos então necessidade de uma palestra, que fosse uma trégua, para encontrar o caminho do repouso e do sono: via de regra, eu ainda relia o que estenografara e, coisa estranha, mal os sinais se transformavam em palavras, era uma outra voz que não a minha a falar, a respirar, e a elevar-se, como se algum ser houvesse mudado a linguagem de minha boca. Depois reparava: ao reler, acentuava as palavras e imitava-lhe a entonação com tanta fidelidade e tanta semelhança, que se diria que era ele quem falava em mim, e não eu. A tal ponto já me tornara a ressonância de seu ser, o eco de sua palavra.

Já faz quarenta anos: ainda hoje, entretanto, em meio a um discurso, quando arrebatado pelo ímpeto da palavra, sinto de repente com embaraço que não sou eu quem fala, mas algum outro, como se, para exprimir-se, emprestasse minha boca. Reconheço então a voz de um querido morto, de um defunto que já não respira senão por meus lábios: sempre, quando o entusiasmo me dá asas, é ele quem me dita as palavras. E bem sei, foram as suas obras que me formaram.

A obra crescia; crescia sempre em torno de mim como uma floresta, cuja sombra me tirava pouco a pouco toda a vista do mundo exterior. Eu só vivia interiormente, na escuridão da casa, sob os ramos farfalhantes e cada vez mais sonoros da obra que se desdobrava, na presença envolvente e reconfortante desse homem.

Fora das horas de aula na universidade, era a ele que pertencia todo o meu dia. Comia à sua mesa; noite e dia, mensagens subiam e desciam a escada para ir de seu apartamento ao meu, e reciprocamente: eu tinha a chave de sua porta, e ele a da minha, de sorte que podia encontrar-me a todo instante sem precisar chamar minha velha senhoria meio surda... Mas, à medida que se estreitavam as nossas relações, eu ia me isolando do mundo exterior; concomitantemente ao calor dessa esfera interior, partilhava o isolamento glacial de sua existência, estranha a

toda vida em sociedade. Meus camaradas manifestavam unanimemente certa frieza, certo desprezo na maneira como me tratavam. Seria uma conjuração secreta, ou simplesmente inveja inspirada pela preferência que o professor visivelmente me dedicava? Em todo caso, excluíram-me de sua companhia, e, nas discussões do seminário, evitavam, como por um acordo, dirigir-me a palavra e saudar-me.

Até os professores não me ocultavam sua antipatia. Um dia em que pedi uma informação insignificante ao professor de línguas romanas, este me despediu ironicamente, dizendo:

— Na sua qualidade de íntimo do professor X, devia saber isso.

Debalde procurava explicar-me esta espécie de interdito tão imerecidamente lançado sobre mim. Palavras e olhares recusavam-me, porém, toda explicação. Desde que eu vivia inteiramente com os dois solitários, também estava absolutamente isolado de todo o mundo.

Não me inquietaria essa exclusão da sociedade, posto que minha atenção se achava totalmente voltada para as coisas do espírito. Mas pouco a pouco meus nervos já não resistiram a esses contínuos repuxamentos. Não se vive impunemente durante semanas em uma incessante apuração da intelectualidade; além disso, mudara demasiado bruscamente meu modo de vida; eu passava demasiado braviamente de um extremo a outro para não pôr em perigo esse equilíbrio secreto que a natureza estabeleceu em nós. Com efeito, enquanto em Berlim a leviandade de minha conduta me distendia os músculos de um modo benéfico e minhas aventuras com as mulheres dissolviam como um folgado tudo o que em mim se acumulara de inquietação, aqui, uma atmosfera grave e pesada me oprimia sem cessar os sentidos excitados, de tal sorte que eles se agitavam em meu ser sempre vibrantes, com estremecimentos elétricos; eu desaprendia o sono sadio e profundo, se bem que (ou seria talvez a causa disso?) ficasse copiando, por meu prazer, até uma hora muito avançada da noite, o ditado da véspera (na febre que me dava a impaciência de entregar quanto antes as folhas a meu caro mestre). Depois, a faculdade, a preparação apressada dos textos exigiam de mim redobrado zelo; e o que não deixava de me excitar muito era também a natureza da palestra com meu mestre, porque nela cada um de meus nervos se punha em forte tensão para nunca lhe dar a impressão de ser indiferente às suas palavras. O corpo assim ofendido não tardou muito a querer o troco de tais excessos. Por várias vezes fui tomado de breves desmaios — advertências da natureza em perigo que eu desdenhava loucamente; mas as lassidões letárgicas se multiplicavam, cada expressão de meus sentimentos

atingia um grau de extrema veemência, e meus nervos exacerbados vasculhavam-me todas as fibras do corpo, impedindo-me de dormir e fazendo surgir em mim confusos pensamentos até então contidos.

A primeira pessoa a notar que minha saúde estava claramente em perigo foi a esposa de meu mestre. Já muitas vezes eu sentira que seu olhar inquieto me examinava atentamente; propositadamente intervinha em nossas palestras com observações e exortações cada vez mais frequentes, dizendo-me, por exemplo, que eu não devia querer conquistar o mundo num semestre. Afinal, falou com toda franqueza:

— Basta — disse um domingo em que, com um sol magnífico, eu lia com afinco uma gramática.

E ao mesmo tempo me arrancou vivamente o livro das mãos:

— Como pode um rapaz cheio de vida ser a tal ponto escravo da ambição? Não tome sempre por modelo meu marido; ele é velho; o senhor é jovem; tem de viver diferentemente dele.

Toda vez que falava do marido, insinuava nas palavras esta ponta de desprezo contra a qual eu, seu fiel discípulo, me sentia indignado. Intencionalmente — eu o adivinhava — talvez por uma espécie de ciúme errôneo, ela procurava cada vez mais afastar-me dele, e, por atitudes irônicas, tolher meus excessos de afeição. Se, à noite, ficávamos muito tempo entregues ao ditado, batia energicamente à porta e, indiferente aos irritados protestos do marido, obrigava-nos a cessar o trabalho.

— Arrasar-lhe-á todos os nervos, destruir-lhe-á completamente a saúde — me disse amargamente um dia em que me encontrou abatido ao extremo. — Que já não fez do senhor nestas poucas semanas? Não posso suportar mais tempo a maneira como está prejudicando a si mesmo. Além disso...

Estacou sem concluir a frase. Mas tinha o lábio pálido e tremia de mal contida cólera.

Realmente, o mestre não me tornava a vida folgada. Quanto mais eu o servia com paixão, mais indiferente parecia a meu culto tão solícito. Era bem raro que me agradecesse. Se, de manhã, lhe trazia o trabalho cuja execução me exigira parte da noite, contentava-se com dizer secamente:

— Podia esperar até amanhã.

Se, em meu zelo, tomava a iniciativa de algum ato prazenteiro, de repente, em meio à palestra, ele crispava os lábios e uma palavra irônica me repelia. É verdade que em seguida, vendo como me afastava humilhado, perturbado, seu

olhar cáldo e envolvente de novo pousava em mim, para acalmar-me o desespero, mas quão raro era isso, sim, quão raro!

Esse calor e essa frieza, esse modo, ora de deixar-me ternamente aproximar-me dele, ora de repelir-me com irritação, perturbavam-me completamente a alma intratável, que desejava...

Não, jamais poderia indicar claramente o que desejava, aquilo a que aspirava, o que reclamava, o alvo de meus esforços, que mostra de interesse esperava obter de meu entusiástico devotamento; porque, quando uma paixão amorosa, mesmo muito pura, se volta para uma mulher, aspira, malgrado tudo, inconscientemente, a uma satisfação carnal: a natureza criadora preparou-lhe uma suprema união na posse do corpo; mas uma paixão espiritual, de homem a homem, a que plenitude de realização quereria pretender, ela que é irrealizável? Vai e vem sem descanso em torno da figura adorada, sempre flamejando de um novo êxtase e jamais acalmada por uma dádiva suprema. Rola sempre sem poder crescer até o bordo, eternamente insatisfeita, como sucede ao espírito.

Assim, sua vizinhança nunca era para mim bastante próxima, sua presença nunca se manifestava nem se realizava completamente em nossas longas palestras. Mesmo quando ele se entregava, em toda confiança, eu sabia que o instante seguinte podia destruir com um gesto brutal esse acordo quase perfeito.

Essa instabilidade perturbava-me a alma e não exagero dizendo que em minha superexcitação ficava a ponto de cometer uma loucura, simplesmente porque ele repelira indiferentemente, com a mão despreocupada, um livro para o qual lhe chamara a atenção, porque de repente, quando à noite, estávamos mergulhados em profundo colóquio, e eu seguia ofegante o surto de seus pensamentos (justamente depois de haver apoiado com ternura a mão em meu ombro), ele se erguia de súbito, dizendo em tom brusco: “Mas, vá-se embora! É tarde. Boa noite.”

Tais ninharias bastavam para perturbar-me durante horas e dias inteiros. Talvez minha sensibilidade superexcitada e continuamente alerta percebesse uma ofensa lá onde nenhuma havia no espírito de meu mestre; mas de que serve, no fim de contas, procurar tranquilizar-nos, quando nos assoberbam as confusões de uma profunda sensibilidade? O fato se renovava cada dia: ao pé dele abrasava-me o sofrimento, longe dele gelava-se-me o coração; suas atitudes sempre me decepcionavam; nada encontrava nelas que pudesse serenar-me e o menor imprevisto lançava em mim a confusão!

Coisa estranha: toda vez que eu me sentia ferido por ele, refugiava-me junto à sua mulher. Havia talvez aí o desejo inconsciente de encontrar um ser que

sofresse igualmente desse afastamento mudo, ou talvez simplesmente a necessidade de falar a alguém e de conseguir, senão assistência, ao menos compreensão. Em todo caso, refugiava-me à sombra dela, como ao pé de um aliado secreto. Habitualmente, censurava-me a suscetibilidade ou então, friamente e dando de ombros, declarava que eu já devia estar acostumado a essas dolorosas singularidades. Mas às vezes me contemplava com notável gravidade, os olhos cheios de surpresa, quando de súbito meu desespero derramava bruscamente diante dela todo um dilúvio de reproches exasperados, de lágrimas entrecortadas e palavras convulsivas, mas não dizia nada; só havia em seus lábios um jogo de crispações contidas, e eu sentia que ela precisava lançar mão de todas as suas forças para não deixar escapar uma palavra de cólera ou de indiscrição. Sem dúvida, também tinha alguma coisa a dizer-me; também ela ocultava um segredo, talvez o mesmo que ele, mas enquanto o homem me repelia com desprezo, logo que eu me fazia demasiado solícito, a mulher, as mais das vezes, por um gracejo ou por uma travessura imprevista, fechava o caminho a todas as complicações.

Uma só vez, estive a ponto de obrigá-la a falar malgrado seu. De manhã, ao trazer o ditado a meu mestre, não pude deixar de contar-lhe com entusiasmo quanto me comovera essa passagem (era o retrato de Marlowe). E, todo ardente ainda de minha exaltação, acrescentei com admiração que ninguém seria capaz de pintar um retrato tão magistral. Então ele mordeu o lábio voltando-se de súbito; atirou a folha à mesa e murmurou com desdém:

— Não diga tais tolices! Que pode você compreender do que é magistral?

Essa palavra brutal (que decerto não passava de uma máscara vivamente posta para dissimular um pudor impaciente) bastou para estragar-me o resto do dia. À tarde, passando uma hora a sós com a sua esposa, tive *ex abrupto* uma espécie de explosão histérica e, tomando-lhe as mãos, exclamei:

— Diga-me por que ele me odeia tanto? Por que me despreza assim? Que lhe fiz? Por que o irrita cada palavra minha a tal ponto? Que devo fazer? Ajude-me. Por que ele não pode tolerar-me? Suplico-lhe que me diga!

Então, admirada com essa explosão selvagem, contemplou-me com um olhar inquiridor. Depois, ela disse:

— Não pode tolerá-lo, ao senhor?

Ao mesmo tempo um riso fê-la bater os dentes, um riso que chegou a ser algo tão perverso e tão incisivo, que eu recuei involuntariamente.

— Não pode tolerá-lo, ao senhor? — repetiu ainda uma vez, sempre fitando-me encolerizada, de olhos desvairados. Mas em seguida se inclinou para mim,

seu olhar enteneceu-se paulatinamente, fez-se cada vez mais doce, quase exprimiu compaixão, e de repente me passou (era a primeira vez) no cabelo a mão acariciadora, dizendo:

— É, na verdade, uma criança, ingênuo menino que nada observa, nada vê e nada sabe. Mais vale, porém, que seja assim, pois senão ainda ficaria mais perturbado.

E afastou-se de mim rapidamente.

Em vão procurava tranquilizar-me: como que cosido no saco negro de um pesadelo infrangível, lutava com todas as forças para encontrar uma explicação e para sair da confusão misteriosa desses sentimentos contraditórios.

*

Quatro meses haviam se passado desse jeito; para mim foram semanas de exaltação e de transformação inauditas. O semestre corria para o seu término. Com terror via aproximarem-se as férias, pois gostava de meu purgatório, e a atmosfera anti-intelectual e terna da vida familiar em minha terra ameaçava-me como um exílio e uma espoliação. Eu já ruminava planos secretos para fazer crer a meus pais que aqui me retinha um importante trabalho; já entretecia habilmente uma rede de mentiras e de escapatórias a fim de prolongar a duração dessa presença devoradora. Mas a hora da partida estava havia muito tempo fixada pelo destino. E essa hora estava suspensa acima de mim, invisível, como a pancada do meio-dia está suspensa no bronze dos campanários, para em seguida ressoar de improviso e chamar gravemente ao trabalho ou à separação os humanos ociosos.

De que belo modo começou essa noite fatal, com que pérfida beleza!

Jantara com meu mestre e sua esposa. As janelas estavam abertas e em sua obscurecida moldura o céu crepuscular entrava pouco a pouco, lentamente, com suas nuvens brancas: alguma coisa doce e clara emanava de seus reflexos flutuando majestosamente e prolongava-se ao longe; sentia-se uma impressão forte e profunda.

Tínhamos conversado, a mulher e eu, com mais desenvoltura, mais calma e mais frequência que de costume. O mestre calava, enquanto falávamos; mas seu silêncio semelhava asas dobradas acima de nosso colóquio. Eu o fitava de esquelha: havia nesse dia em seu ser notável leveza, como sempre um tanto agitada, mas sem nada de nervos — precisamente como nas nuvens, nas nuvens de verão que pairavam sobre nós.

Às vezes alcançava o copo de vinho e sustinha-o à contraluz, comprazendo-se em apreciar-lhe a cor; e, quando o meu olhar lhe acompanhava jovialmente o gesto, sorria ligeiramente e voltava o copo em minha direção como para um brinde. Raramente lhe vira o rosto tão claro, os movimentos tão simples e tranquilos: estava ali sentado, quase na alegria de uma festa, como se tivesse ouvido na rua uma palestra invisível. Os lábios, onde por via de regra flutuavam pequenas ondas contínuas, estavam imóveis e moles como um fruto descascado, e a fronte, que agora voltava lentamente para o lado da janela, banhava-se nos luars dessa doce claridade e parecia-me de uma beleza que jamais lhe conhecera. Era maravilhoso vê-lo assim satisfeito: seria influência da serena tarde estival, ação benfazeja da doce atmosfera de tons esbatidos que agia nele, ou então um pensamento consolador que lhe brilhava na alma? Eu ignorava. Mas, habituado a ler em seu rosto como num livro aberto, sentia uma coisa certa: naquele dia um deus clemente lhe pusera um bálsamo nas rugas e recessos do coração.

E foi também com uma singular solenidade que ele se ergueu e me convidou, com o costumeiro aceno de cabeça, a acompanhá-lo ao gabinete de estudo; habitualmente apressado, caminhava agora com notável gravidade. Depois, voltou atrás, foi buscar (o que era igualmente extraordinário) uma garrafa de vinho oculta no armário e trouxe-a ao gabinete cautelosamente. Como eu, a mulher parecia notar-lhe nas maneiras alguma coisa bizarra; com espanto erguia os olhos da costura e, como agora nos encaminhávamos ao trabalho, observava com muda curiosidade a sua atitude insolitamente medida.

O gabinete, como sempre; inteiramente imerso em sombra, esperava-nos com a sua intimidade crepuscular; só a lâmpada abria um aro de ouro em torno do maço de folhas de papel branco.

Sentei-me no lugar de costume e reli as derradeiras frases do manuscrito. Ele sempre precisava, para pôr o espírito em uníssono e iniciar o ditado, do ritmo, como de um diapasão. Mas ao invés de, como usualmente, principiar logo após a última frase, desta vez ficou mudo. O silêncio desdobrou-se largamente no aposento; já das paredes fazia pesar sobre nós sua tensão. Meu mestre parecia não estar ainda inteiramente pronto, pois eu ouvia detrás de mim seu passo ir e vir nervosamente.

— Leia de novo! — disse.

Era estranho comprovar com que agitação sua voz se pusera subitamente a vibrar...

Repeti os últimos parágrafos: então, sua palavra prolongou imediatamente a minha, e ele ditou de um modo entrecortado, mais rápido e mais cerrado que de costume. Em cinco frases, a cena estava armada; o que até então expusera eram as condições de cultura anteriores ao início do drama — como um “afresco” da época e um quadro histórico; agora, bruscamente, voltava-se para o teatro em si, que, depois da vagabundagem e do *carromato errante*, se torna enfim sedentário e edifica o seu lar, provido de direitos e privilégios escritos; a princípio foram o “Teatro da Rosa” e a “Fortuna”, grosseiras barracas de tábuas para jogos também grosseiros. Mas em seguida os artesãos lançam o arcabouço de um novo revestimento de tábuas, na medida do peito ampliado da poesia que se desenvolve visivelmente à margem do Tâmis, sobre a estacaria de um solo lodoso, úmido e sem valor, ergue-se o rude edifício de madeira com sua grosseira torre hexagonal, o “Globe Theatre”, em cuja cena aparece Shakespeare — o mestre. Como uma nau estranha lançada à costa pelo mar, com seu rubro estandarte de pirata flutuando no mastro mais alto, ergue-se ali, solidamente ancorado, no fundo lamacento.

Na plateia agita-se ruidosamente, como num porto, a gentinha; do alto das galerias sorri e palra frivolamente a boa sociedade, acima dos atores. Com impaciência, pedem que se comece. Batem pé e fazem rumor, martelam fragorosamente com o punho da espada nas tábuas, até que enfim, pela primeira vez, o palco baixo ilumina-se ao clarão de umas velas colocadas diante dele, e pessoas negligentemente vestidas se adiantam para representar uma comédia que parece improvisada.

Então (ainda hoje me lembro de suas palavras), “explode de repente a tempestade das frases, mar infinito da paixão, que desse limite de tábuas estende a todas as épocas e a todas as zonas do coração humano suas vagas sangrentas, inesgotáveis, insondáveis, serenas e trágicas, extremamente variadas e que constituem a imagem mais parecida da humanidade — o teatro da Inglaterra, o drama de Shakespeare”.

Após estas palavras pronunciadas com força, a exposição cessou bruscamente. Seguiu-se um longo e surdo silêncio. Voltei-me inquieto: o mestre estava em pé, apertando com a mão a tábua da mesa, nessa atitude de esgotamento que eu lhe conhecia. Mas dessa vez seu modo rígido tinha algo de assustador. Saltei da cadeira, receando que lhe tivesse sucedido qualquer coisa e perguntei ansiosamente se devia interromper meu trabalho. A princípio, não fez mais que fitar-me, sem fôlego, de olhar ausente e fixo. Mas a seguir a pupila de seus olhos

dilatou-se de novo, num luar azul e, com lábios distendidos, aproximou-se de mim:

— Então! Não reparou nada? — disse, fitando-me com insistência.

— Reparar em quê? — balbuciei com voz incerta.

Ele respirou profundamente e sorriu um pouco; havia meses que não lhe via esse olhar envolvente, doce e terno.

— Está terminada a primeira parte — esclareceu.

Foi-me difícil reprimir um grito de alegria, a tal ponto a surpresa me encheu de ardente emoção. Como pudera deixar de percebê-lo? Sim, toda a estrutura ali estava, escalonando-se magnificamente desde as profundidades do passado até ao limiar da elaboração: agora eles podiam vir, os Marlowe, os Ben Jonson, os Shakespeare, transpor vitoriosamente esse limiar. Era, para o livro, o primeiro aniversário: precipitei-me para contar as folhas. A primeira parte compreendia cento e setenta páginas de uma escrita cerrada; era a mais difícil, pois o que viria em seguida constituía trabalho mais livre de composição e apresentação, ao passo que até então fora mister compulsar amiúde documentos históricos. Não havia dúvida, ele acabaria a sua obra, a nossa obra!

Não sei se me entreguei a ruidosos transportes, se dancei de alegria, de orgulho, de felicidade. Mas meu entusiasmo assumiu, decerto, formas absolutamente imprevistas em sua manifestação, pois o olhar do mestre me seguia sorrindo, enquanto eu relia a correr as últimas palavras, ou então contava açodadamente as folhas, segurava-as, sopesava-as, apalpava-as amorosamente e já minha imaginação calculava prematuramente a época em que poderíamos terminar a obra toda. O orgulho de meu mestre, recalcado e profundamente oculto, via-se refletido em minha alegria; radiante, ele me contemplava enternecido.

Então veio lentamente para junto de mim, bem perto de mim, com as mãos estendidas para segurar as minhas... Imóvel, examinava-me. Pouco a pouco suas pupilas, que por via de regra só tomavam cor intermitentemente, como um farol de luz descontínua, encheram-se desse azul-claro cheio de alma que, entre todos os elementos, só pode ser formado pela profundidade da água e pela profundidade do sentimento humano. E esse azul cintilante subia do fundo dos olhos, avançava, penetrava em mim; eu sentia que essa onda ardente que delas emanava atravessava molemente meu ser, derramava-se nele com largueza e dava-me à alma uma alegria vasta e estranha: todo o meu peito era bruscamente dilatado pelo jorro dessa potência e eu sentia desabrochar, em mim, uma grande festa.

— Sei — disse então a voz dele acima desse esplendor — que sem o senhor não teria iniciado este trabalho: jamais o esquecerei. Deu à minha lassidão o impulso salvador, salvou o que ainda resta de minha vida perdida e dispersa, o senhor, só o senhor! Ninguém fez mais por mim, ninguém me auxiliou tão fielmente. Eis por que não digo “é ao senhor que devo agradecer”, e sim “é a ti que devo agradecer”. Bem! Agora vamos passar uma hora juntos como dois irmãos.

Atraiu-me docemente para a mesa e pegou a garrafa preparada. Havia dois copos: como testemunho de gratidão reservara-me esse brinde simbólico. Eu tremia de alegria, pois nada perturba mais poderosamente nosso senso íntimo do que a súbita realização de um ardente desejo. Sua gratidão encontrara o mais belo dos sinais que podem exprimir do modo mais concreto a confiança, esse sinal a que eu inconscientemente aspirava: o fraternal tratamento por você, tu, lançado por sobre o intervalo dos anos e cujo valor era setuplicado pela dificuldade que há em transpor semelhante distância.

Já tilintava a garrafa, madrinha ainda muda que devia apaziguar dali para sempre meu sentimento inquieto, dando-me a fé; já minha alma soava clara, também ela, como esse retinir vibrante, mas eis que um pequeno óbice retardou ainda o instante solene: a garrafa estava fechada e não tínhamos saca-rolha. O mestre fez menção de erguer-se para ir buscá-lo, mas, adivinhando-lhe a intenção, preveni-a, precipitando-me impacientemente na sala de jantar, abrasado já na espera desse segundo que devia enfim tranquilizar-me o coração e atestar de um modo sólido a afeição que o mestre me votava.

Passando assim precipitadamente a porta e saindo ao corredor que não estava iluminado, tropecei na escuridão com alguma coisa macia que cedeu imediatamente: era a esposa do mestre, que, evidentemente, estivera escutando à porta. Mas, coisa estranha, ainda que o choque tivesse sido brutal, ela não soltou um grito, limitando-se a recuar sem nada dizer; e eu também, incapaz de fazer um movimento, calei-me, assustado. Isso durou um momento; estávamos ambos mudos, confusos um ante o outro, ela surpreendida em flagrante delito de espionagem, e eu, abismado pela surpresa do encontro. Mas logo se fez ouvir na sombra um passo ligeiro, brilhou uma luz e avistei-a, pálida e provocante, encostada ao armário. Seu olhar me media gravemente e havia em sua atitude imóvel algo sombrio, que semelhava uma advertência e uma ameaça. Mas não pronunciou uma palavra.

Tremiam-me as mãos quando, depois de tatear por muito tempo nervosamente, quase às cegas, encontrei o saca-rolha; duas vezes tive de passar diante dela, e

cada vez, erguendo os olhos, encontrei esse olhar fixo, que brilhava duro e sombrio como madeira envernizada. Nada traía nela a vergonha de haver sido apanhada em cheio, escutando à porta; ao contrário, no olhar fulgente, hostil, resoluto, subia contra mim uma ameaça que eu não compreendia, e sua atitude de desafio demonstrava que ela estava decidida a não renunciar a essa maneira de agir inconvenientemente e a continuar montando guarda e espiando desse jeito.

Essa vontade superior me perturbava; malgrado meu, curvava-me sob o olhar enérgico e advertidor enristado contra mim. Quando, enfim, com passo incerto, entrei de novo no aposento onde o mestre já segurava com impaciência a garrafa, o imenso júbilo que eu sentia um momento antes dera lugar a uma ansiedade estranha e glacial.

Mas ele, com que despreocupação me esperava! Com que serenidade me fitava! Sempre sonhara poder, enfim, uma vez vê-lo assim, a fronte deserta das nuvens de tristeza. Mas agora que, pela primeira vez, a paz brilhava nessa fronte cordialmente voltada para mim, faltava-me a palavra; toda a minha secreta alegria esvaía-se por poros secretos. Confuso, envergonhado mesmo, escutei-o agradecer-me de novo, tratando-me por tu familiarmente, e os cristais chocando-se deixaram ouvir um som argentino.

Cercando-me amistosamente com o braço, conduziu-me às poltronas; sentamos um em frente ao outro, sua mão pousou livremente na minha; pela primeira vez sentia-o franco de todo e espontâneo em seu ser. Faltava-me, porém, a palavra: em que me pesasse, tinha o olhar sempre voltado para a porta, receando que a mulher ainda estivesse ali à escuta. “Ela ouve — pensava eu sem cessar —, ouve cada palavra que ele me diz, cada termo que pronuncia. Por que justamente hoje, sim, por que hoje?”

Então, envolvendo-me nesse olhar cálido, ele me disse de repente:

— Gostaria hoje de falar-te de mim, de minha juventude...

Ergui-me ante ele tão assustado, com a mão súplice à guisa de recusa, que os seus olhos me fitaram admirados.

— Hoje não — balbuciei —, hoje não, desculpe-me.

A ideia de que ele pudesse trair-se ante um espião cuja presença me via obrigado a ocultar era para mim demasiado medonha.

O mestre fitou-me de modo incerto:

— Que tens, pois? — perguntou-me com ligeiro enfado.

— Estou fatigado! Perdoe-me... é mais forte que eu... creio — e, ao dizê-lo, ergui-me, todo trêmulo —, creio que o melhor é retirar-me.

Contrariando-me o esforço, meu olhar, passando diante dele, obliquou para a porta onde eu supunha forçosamente que, dissimulada pelas almofadas, essa curiosidade inimiga e ciumenta estava sempre à espreita.

Então, pesadamente, ele ergueu-se também da poltrona. Uma sombra velou-lhe o rosto repentinamente exausto.

— Já queres retirar-te?... Hoje, precisamente hoje?

Dizendo-o, segurava-me a mão, pesada de uma tensão invisível. Mas de súbito deixou-a recair num gesto brusco, como uma pedra:

— Que pena! — exclamou com um ar de decepção. — Estava tão alegre de falar uma vez livremente contigo. Que pena.

Por um momento, esse profundo suspiro evoluiu-se na sala, como uma borboleta negra. Eu estava todo envergonhado, cheio de perplexidade e de inexplicável temor; retirei-me com passo malseguro e fechei suavemente a porta detrás de mim.

*

Tateando penosamente, cheguei ao quarto e atirei-me à cama; não pude, porém, dormir. Nunca sentira tão fortemente que meu quarto de paredes finas estava suspenso sobre o domicílio de meu mestre, dele separado tão somente por um misterioso e sombrio travejamento. E agora eu sentia magicamente, com os sentidos aguçados, que esses dois seres velavam abaixo de mim; via-os sem ver; ouvia, sem ouvir, como ele, nesse instante, no andar inferior, em seu quarto, deambulava agitado, enquanto ela se achava sentada em silêncio em algum outro lugar ou andava à espreita, como um espírito. Mas eu sabia que seus dois olhos estavam abertos e sua atitude de espiã me enchia de horror. Presa de um pesadelo, senti de repente toda a silenciosa casa pesar sobre mim com suas sombras e seu negrume.

Atirei o cobertor a um lado. Minhas mãos ardiam. Que fizera? Estivera bem perto do segredo, já sentira junto a meu rosto o seu hálito quente, e agora de novo se distanciara; mas sua sombra, sua sombra muda, opaca, rondava ainda com um ruído de murmúrio, eu farejava-a na casa como um perigo, rastejante como um gato nas patas ligeiras, sempre ali, avançando e recuando, saltando, sempre nos aflorando e perturbando-nos pelo contato elétrico de sua pele cálida, e entretanto parecendo um espectro.

Eu sentia na noite o olhar envolvente de meu mestre, suave como sua mão estendida, e também esse outro olhar incisivo, ameaçador e assustador da esposa.

Que tinha eu a ver com o segredo deles? Por que me colocavam esses dois seres de olhos fechados em meio à sua paixão? Por que me faziam intervir em seu conflito inapreensível e por que depunha cada um deles em meu cérebro seu ardente feixe de cólera e de ódio?

Minha fronte continuava a arder. Ergui-me e abri a janela. Fora, a cidade dormia, serena sob a noite estival; havia janelas onde ainda brilhava o clarão das lâmpadas; mas os que ali se achavam sentados eram unidos por uma tranquila conversação, ou, então, um livro ou uma agradável música lhes reconfortava o coração. E ali, onde detrás das persianas alvas já se fizera a escuridão, reinava decerto um sono calmo. Acima de todos esses telhados quietos pairava — como a lua em seus vapores de prata — um doce repouso, um silêncio feito de pureza e de clemência, e as 11 badaladas do relógio caíam sem rudeza no ouvido sonhador, ou casualmente à escuta, de todo esse mundo. Só eu, aqui nesta casa, sentia que ainda velavam em torno de mim e era assediado por pensamentos estranhos e maus. Alguma coisa se esforçava febrilmente em mim para compreender esses ruídos confusos.

Súbito, recuei, assombrado. Não ouvira acaso um passo na escada? Endireitei o corpo para escutar melhor. Efetivamente, havia ali alguém que subia Tateando, como um cego, os degraus da escada, com passo prudente, hesitante e malseguro. Eu conhecia esse rangido, esse surdo rumor da madeira calcada; esse passo só podia dirigir-se a mim, pois ninguém habitava ali, a não ser a velha surda, que havia muito estava dormindo, e que, aliás, nunca recebia visitas. Seria meu mestre? Não, não era sua marcha rápida e precipitada; esse passo hesitava e arrastava-se frouxamente (justamente nesse momento) em cada degrau. Um intruso, um criminoso podia aproximar-se assim da porta, mas não um amigo. Escutava com tal tensão que meus ouvidos zumbiam. E, bruscamente, alguma coisa glacial surgiu ao longo de minhas pernas nuas.

Eis que a fechadura rangeu ligeiramente: a visita inquietadora já chegara à porta. Uma fina corrente de ar que veio tocar-me as pontas dos artelhos nus mostrou-me que se abrira a porta exterior; mas meu mestre era o único que tinha a chave! Sendo ele, no entanto, por que estava tão indeciso, tão estranho? Inquietara-se, queria ver como estava? E por que hesitava agora essa visita misteriosa no vestibulo, posto que o passo furtivo e rastejante estacara de repente? E eu também ficara paralisado de horror. Parecia-me que ia gritar, mas colava-se-me à garganta algo pastoso. Quis abrir a porta; meus pés permaneceram imóveis, como que pregados ao chão. Só restava entre nós um

delgado tabique, mas nem eu nem a visita inquietadora dávamos um passo um para o outro.

Soou então o relógio do campanário: uma única pancada, onze e um quarto. Mas isto bastou para pôr fim a meu torpor. Abri a porta.

E, realmente, meu mestre estava ali, empunhando uma vela. A corrente de ar provocada pela porta bruscamente brandida coroou a chama de um clarão azul, e detrás do professor a sombra trêmula, destacando-se gigantescamente de seu vulto rígido, cambaleava como um homem ébrio, à direita e à esquerda, na parede. Mas também ele, quando me viu, fez um movimento, curvou-se sobre si mesmo como alguém que, surpreendido em seu sono por uma corrente de ar inesperada, puxa involuntariamente para si a coberta, num arrepio. Depois recuou, enquanto a vela vacilava em sua mão, deixando cair uma gota de cera derretida.

Eu tremia mortalmente assustado. Só pude balbuciar:

— Que tem o senhor?

Fitou-me sem falar. Também alguma coisa lhe tirara a palavra. Enfim, pousou a vela na cômoda e imediatamente amainou o jogo das sombras que flutuavam no espaço como morcegos. Afinal, balbuciou:

— Eu queria... eu queria...

Faltou-lhe a voz de novo. Estava ali, em pé, de olhos baixos, como um ladrão apanhado em flagrante. Essa angústia, essa atitude, eu em camisa, tremendo de frio, e ele recurvado sobre si mesmo e feito rude pela vergonha, eram insuportáveis.

Súbito, o vulto passou por um abalo e aproximou-se de mim. Um sorriso, malvado e faunesco, um sorriso que luzia unicamente nos olhos como uma ameaça, enquanto os lábios se crispavam fortemente, um sorriso pousou em mim casquinante, como se fosse estranha máscara, e por um instante se imobilizou; depois uma voz, pontiaguda como a língua bífida de uma serpente, soltou estas palavras sibilantes:

— Queria apenas dizer-lhe... que mais vale não nos tratamos por tu... isso... seria incorreto entre mestre e discípulo... Compreende?... É preciso guardar as distâncias... as distâncias... as distâncias...

Ao mesmo tempo me contemplava com tamanho ódio, com uma perversidade tão ofensiva, semelhante a uma bofetada, que sua mão se crispou a contragosto, como uma garra. Recuei, cambaleando. Teria ele enlouquecido? Estaria ébrio? Via-o ali de punho cerrado, como se quisesse atirar-se sobre mim ou bater-me no rosto.

Mas essa coisa horrível só durou um instante; o olhar agressivo recolheu-se precipite sob as pálpebras. O professor voltou-se, murmurou algo que parecia uma desculpa e apanhou a vela. Como um diabo negro e apressado, a sombra, já projetada no solo, recomeçou a mover-se e precedeu, turbilhonando, meu mestre no limiar da porta. Depois ele saiu sem que eu encontrasse forças para lhe dizer uma palavra. A porta tornou a fechar-se com violência; e a escada rangeu pesada e dolorosamente sob seus passos velozes.

*

Nunca esquecerei essa noite. Uma cólera fria alternava em mim selvagemmente com um desespero ardente e sem solução. Como foguetes, os pensamentos atravessavam-me vivamente o cérebro, na maior desordem possível. “Por que me martiriza?”, perguntava-me eu cem vezes no tormento que me devorava. “Por que me odeia tanto que, à noite, sobe a escada às escondidas, só para me lançar em rosto, tão hostilmente, tal ofensa? Que devia eu fazer agora? Como acalmá-lo se eu próprio ignoro em que o ferira?”

Lancei-me abrasado no leito; ergui-me, mergulhei de novo sob o cobertor; mas sempre se alçava ante mim essa imagem fantasmagórica: meu mestre caminhando furtivamente e desconcertado na minha direção, e detrás dele, estranha e enigmática, a sombra monstruosa que dançava na parede.

Na manhã seguinte, quando, após um breve e insignificante cochilo, despertei, supus a princípio haver sonhado. Mas na cômoda ainda estavam coladas, redondas e amarelas, as nódoas de estearina da vela. E, no meio do quarto, todo inundado de raios de luz, minha tremenda reminiscência não podia deixar de mostrar-me sem cessar a visita dessa noite, que ali se insinuara como um gatuno.

Não saí de casa. O temor de encontrá-lo paralisava-me todas as forças. Tentei ler, escrever, não o consegui; meus nervos estavam como que minados; a cada instante, arriscavam-se a explodir em acessos convulsivos, em soluços e gritos ululantes. Era incapaz de mantê-los em repouso e minhas pernas flexionavam-se, como se os tendões houvessem sido seccionados. Que fazer? Que fazer? Indagava a mim mesmo até sentir-me esgotado; o sangue já me fervia nas têmporas e punha-me em torno dos olhos uma orla azul. Mas, antes de tudo, não sair, não descer, não encontrá-lo de repente, sem ter recobrado a segurança, sem que meus nervos tenham retomado sua força.

Tornei a cair na cama, mesmo com fome, sem me ter lavado, confuso, perturbado, e de novo meus sentidos começaram a procurar adivinhar o que se

passava detrás do delgado septo que nos separava: onde estava ele agora, o que fazia, estava acordado e desesperado como eu?

Deu meio-dia e eu ainda estava deitado em meio à minha confusão, quando afinal ouvi passos na escada. Todos os meus nervos ressoaram em alarme; mas esse passo era ligeiro, despreocupado, percorria em seu impulso rápido dois degraus de uma vez; já uma mão batia à porta. Saltei da cama e perguntei, sem abrir:

— Quem é?

— Por que não vem almoçar? — redarguiu, com um tom um pouco zangado, a mulher do professor. — Está doente?

— Não, não — retruquei embaraçado. — Já vou, é um instante.

Enfiada a roupa, apressei-me a descer. Mas tive de apoiar-me no corrimão, tanto me tremiam os membros.

Entrei na sala de jantar. Diante de um dos dois talheres, esperava-me a mulher de meu mestre, que me saudou censurando-me ligeiramente por tê-la obrigado a chamar-me. O lugar do professor estava vazio. Senti subir-me o sangue à cabeça. Que significava esta ausência imprevista? Temeraria ele mais ainda do que eu nosso encontro? Tinha vergonha ou então não queria mais doravante sentar-se à mesma mesa que eu?

Enfim, resolvi perguntar se o professor não viria.

Ela fitou-me admirada:

— Não sabe então que ele tomou o trem da manhã?

— O trem? — balbuciei. — Para onde?

Seu rosto logo se enrugou:

— Meu marido não se dignou dizer-me. É, provavelmente, uma de suas habituais sortidas.

Depois, de repente, voltou-se para mim, dizendo-me vivamente, e com ar inquisitorial:

— Não sabe então? Entretanto, ainda esta noite, ele decerto foi ao seu quarto, pensei que era para despedir-se. É estranho, verdadeiramente estranho... que não tenha lhe dito nada, nem mesmo ao senhor.

— A mim! — exclamei, incapaz de outra coisa que não fosse esse grito.

E, para minha vergonha e confusão, esse grito fez transbordar tudo o que as últimas horas haviam recalcado em mim. *Ex abrupto* foi como uma explosão de soluços, de gemidos convulsivos e furiosos; eu não era mais que uma massa bravia de desespero, de dor extrema, de onde jorrava um dilúvio de palavras e gritos emaranhados. Eu chorava, ou antes, minha boca fremente descarregava

todo o sofrimento acumulado em mim, e eu afogava-o em soluços histéricos. Meus punhos batiam na mesa com desvario e, como uma criança irascível e fora de si, com o rosto banhado em lágrimas, eu deixava estalar com raiva o que, há semanas, incubava em mim como uma tempestade. E enquanto essa expansão desenfreada me aliviava, eu sentia ao mesmo tempo uma vergonha infinita por me trair assim diante dela.

— Que tem o senhor? Pelo amor de Deus!

Assim dizendo, erguera-se repentinamente, toda desconcertada. Depois veio rapidamente a mim e levou-me da mesa ao sofá, acrescentando:

— Deite-se e acalme-se.

Acariciava-me as mãos, passava-me as suas pelos cabelos, enquanto os abalos convulsivos continuavam a sacudir-me o corpo todo trêmulo.

— Não se atormente, Rolando, não se atormente. Conheço tudo isso, senti que havia de acontecer.

Acariciava-me sempre os cabelos, mas de repente sua voz se tornou dura.

— Sei por mim como ele faz para perturbar as pessoas. Ninguém o sabe melhor que eu. Mas, acredite, sempre queria avisá-lo quando o via pôr nele todo o seu apoio quando ele próprio carece de estabilidade. Não o conhece; o senhor é um cego, uma criança. De nada suspeita, nem sequer hoje, nem sequer agora. Ou talvez hoje, pela primeira vez, começou a compreender alguma coisa? Tanto melhor para ele e para o senhor.

Continuou afetuosamente inclinada para mim: parecia-me que suas palavras e o apaziguador contato de suas mãos que adormeciam minha dor vinham de uma profundidade aveludada. Fazia-me bem encontrar enfim, de novo, um sopro de simpatia e sentir perto de mim, terna, quase maternal, a presença de mão feminina. Talvez também me houvesse privado desse contato por um tempo demasiado longo, e agora, vendo através do véu da tristeza o interesse que me testemunhava uma mulher ternamente solícita, meu sofrimento aliviava-se.

Mas, apesar de tudo, quão confuso estava, como me envergonhava de me haver traído nessa crise, entregando-me assim em meu desespero! E foi ainda malgrado meu que, soerguendo-me penosamente, tornei a dar curso a uma torrente de brados, queixando-me de tudo o que ele me fazia, dizendo como ele me repelira e perseguira, para depois de novo me atrair; como, sem razão nem motivo, me tratava com dureza — carrasco a quem, a despeito de tudo, eu confiava grande afeição, a quem odiava estimando-o e a quem estimava odiando-o. Recomecei de tal forma a excitar-me, que mais uma vez ela teve de serenar-me. De novo suas mãos, suas mãos gentis, me obrigaram a deitar-me no

divã, de onde me erguera arrebatado. Enfim, fiquei mais calmo. Ela se calava, pensativa. Eu adivinhava que ela compreendia tudo isso e que talvez compreendesse mais do que eu.

Esse silêncio nos ligou durante alguns minutos; depois a mulher se ergueu, dizendo:

— Bem, já passou bastante tempo como criança, agora torne a ser um homem. Sente-se à mesa e coma. Não há nisso nada de trágico... É um simples mal-entendido, que se esclarecerá.

Como eu fizesse um gesto negativo, ela acrescentou vivamente:

— Esclarecer-se-á, pois não mais o deixarei torturá-lo e perturbá-lo assim. É tempo de isso terminar; urge que, enfim, ele aprenda um pouco a dominar-se. O senhor é demasiado bom para servir a seus jogos aventureiros. Pode contar que eu lhe falarei. Agora, à mesa.

Envergonhado e sem vontade, deixei-me levar. Ela falou com certa rapidez e volubilidade de coisas indiferentes, e eu lhe estava intimamente grato por parecer não ter prestado atenção a essa explosão mais forte que eu, denotando já tê-la esquecido. Com voz persuasiva disse-me que no dia seguinte, domingo, devia dar, com o professor W. e sua noiva, um passeio à beira de um lago vizinho, e que eu devia ir com eles, arrancar-me dos livros e distrair-me também. Todo o meu mal-estar provinha do cansaço e da superexcitação nervosa; uma vez na água ou na estrada, meu corpo logo recobriria o equilíbrio. Prometi acompanhá-los.

Tudo preferia à solidão, a ficar em meu quarto, com esses pensamentos rondando na sombra.

— E também esta tarde, não vá ficar trancado em casa. Vá passear, correr, divertir-se — insistiu ela ainda.

“É admirável”, pensei, “ver como me adivinha os sentimentos mais íntimos, como sempre ela, que, no entanto, me é estranha, sabe de que preciso e o que me faz mal, enquanto ele, homem de ciência, me desconhece e me causa tanto dano.”

Prometi. E, fitando-a com gratidão, notei-lhe uma nova fisionomia. O que habitualmente nela se via de zombeteiro e impertinente, dando-lhe até certo ponto um ar de rapaz insolente e malcriado, desaparecera para dar lugar a um olhar terno e compassivo. Nunca a vira tão séria.

“Por que ele nunca me fita com esse ar de bondade?”, indagava nostálgicamente em mim um sentimento confuso. “Por que nunca vê que me

atormenta? Por que nunca me pousou nos cabelos, ou nas mãos, mãos tão ternas, tão cheias de socorro?”

Beijei reconhecido as mãos dessa mulher, que ela retirou com agitação, quase com violência.

— Não se atormente — insistiu de novo, enquanto sua voz se inclinava para mim.

Mas, em seguida, seus lábios retomaram uma expressão de dureza. Endireitando bruscamente o corpo, disse em voz baixa:

— Acredite-me, ele não o merece.

E esta frase, murmurada de modo quase imperceptível, de novo me magoou o coração, que já estava quase tranquilo.

*

O que fiz a princípio nessa tarde e nessa noite é tão ridículo, tão pueril, que durante anos tive vergonha de pensá-lo, e até uma censura interior abafava imediatamente a menor reminiscência que a isso se referisse. Hoje, já não me envergonho dessas tolices; ao contrário, compreendo agora muito bem o mancebo impetuoso que eu era, o qual, presa de uma paixão torva, procurava ocultar violentamente a si mesmo a própria incerteza de seu sentimento.

Vejo-me a mim mesmo como no extremo de um corredor, de comprimento extraordinário, como através de um telescópio: vejo o rapaz desesperado e abalado que eu era subir a seu quarto sem saber o que vai fazer contra si mesmo. E de repente se precipita para o paletó, compõe outro andar, vai procurar no fundo de seu ser gestos ferozmente resolutos, e depois bruscamente, com um passo enérgico e violento, ei-lo na rua. Sim, sou eu, reconheço-me, sei todos os pensamentos desse pobre rapaz de então, tolo e atormentado, bem sei. De repente me enrijei diante do espelho, dizendo:

— Não quero saber dele, que o leve o Diabo! Por que me torturar por causa desse velho maluco? Ela tem razão: sejamos joviais, divirtamo-nos, enfim. Avante!

Verdadeiramente, foi assim que desci à rua. Foi um brusco abalo para libertar-me, e depois uma corrida célere, uma fuga covarde e cega, para não reconhecer que essa jovial segurança não era tão jovial assim, e que o bloco de gelo, imóvel, continuava a oprimir-me com o mesmo peso o coração. Recordo ainda o modo como caminhava, segurando a bengala com força e olhando fixamente cada estudante: tinha um perigoso desejo latente de brigar com alguém, de

descarregar, no primeiro que aparecesse, minha cólera que rugia sem atenuar-se. Mas, ditosamente, ninguém se dignou prestar-me atenção.

Dirigi-me então ao café onde mais frequentemente se reuniam meus colegas estudantes da filologia, disposto a sentar-me à mesa sem ser convidado e a encontrar na menor insignificância o pretexto de uma provocação. Mas ainda aqui meu humor brigão só encontrou o vácuo; o lindo dia que fazia atraíra a excursões a maior parte dos estudantes; os dois ou três que restavam cumprimentaram-me polidamente, sem oferecer a menor deixa à minha febril irritação. Descontente, ergui-me e dirigi-me a um mal-afamado estabelecimento dos subúrbios, onde, a escutar ruidosa orquestra de damas, a escória dos boas-vidas da pequena cidade se aglomerava grosseiramente entre cerveja e fumo. Engoli rapidamente dois ou três copos, convidei à minha mesa uma mulher de costumes airados, com sua amiga, também prostituta amadora, seca e pintada, e senti um gozo mórbido em fazer-me notar.

Todo mundo me conhecia na cidadezinha; todo mundo sabia que eu era discípulo do professor; por outro lado, essas mulheres bem demonstravam por sua indumentária descarada e pela conduta o que eram. Assim saboreei o prazer louco e ridículo de comprometer-me a mim e também (como estupidamente pensava) ao professor: “Possa ele ver”, dizia comigo, “que não lhe estou dando atenção, que já não me interessa sua consideração!” E diante de toda a gente fiz a corte a essa criatura de seios fartos, da maneira mais desavergonhada e destituída de tato.

Era uma embriaguez de maldade furiosa, e em breve foi também uma embriaguez real, pois bebíamos de tudo, misturando grosseiramente vinhos, aguardente, cerveja, e agitávamo-nos tão violentamente que ao nosso redor as cadeiras se arrastavam e os vizinhos recuavam com prudência. Eu, porém, não tinha vergonha, pelo contrário. “Assim aprenderá”, me dizia desvairadamente a cabeça doída, “assim verá como me é indiferente: ah! não estou ofendido, muito pelo contrário.”

— Vinho! Vinho! — exclamei, dando um murro na mesa, a ponto de fazer tremer os copos.

Afinal, saí com as duas mulheres, dando um braço a cada uma, e ganhei a grande rua, onde a hora habitual do passeio vespertino reunia os estudantes e as moças, os paisanos e os militares, numa deambulação calma e aprazível; trio titubeante e pesado de álcool, passamos pela calçada fazendo tamanho rumor, que afinal um guarda se adiantou irritado e nos intimou energicamente a ficar em paz.

O que sucedeu em seguida, sou incapaz de relatar exatamente; um vapor de bebidas alcoólicas obscureceu-me a memória; só sei que, desgostoso das duas mulheres bêbedas e estando eu próprio, aliás, apenas senhor dos meus sentidos, desfiz-me delas dando-lhes dinheiro, depois bebi em algum canto café e conhaque, e, diante da universidade, pronunciei uma filípica contra os professores, para alegria dos garotos reunidos em torno de mim. Depois, impelido pelo obscuro instinto de sujar-me mais ainda e de fazer-lhe agravo (ideia estúpida, oriunda de uma cólera torva e apaixonada!), quis ir a uma casa pública, mas não achei o caminho e, afinal, me dirigi cambaleando para casa, de muito mau humor. Só com dificuldade minha mão trôpega pôde abrir a porta, e quase não me pude arrastar no primeiro lance da escada.

Mas, chegando ante a porta do professor, toda a minha embriaguez caiu bruscamente, como se de súbito houvesse imergido a cabeça em água gelada. Desvanecida a bebedeira, vi em meu semblante descomposto a imagem da loucura furiosa e impotente. A vergonha fez-me baixar a cabeça; e, muito suavemente, fazendo-me pequeno como um cão batido, para que ninguém me ouvisse, insinuei-me furtivamente em meu quarto.

*

Dormira como um morto; ao despertar, o sol já inundava o assoalho, tocando molemente a borda de meu leito. Saltei bruscamente ao chão. Em minha cabeça dolorida reanimava-se pouco a pouco a lembrança da véspera; mas repeli todo sentimento de vergonha, não queria mais estar envergonhado. “Com efeito”, tentei persuadir-me, “a culpa era dele, somente dele, se eu assim me embrutecia.” Tranquilei-me considerando que o que se passara na véspera não fora mais que uma diversão de estudante, bem lícita a quem, há semanas e semanas, só conhecia trabalho e mais trabalho. Não me sentia, porém, à vontade em minha própria justificação e, bastante confuso, vacilante, fui ter com a mulher de meu mestre, recordando a promessa que lhe fizera na véspera de acompanhá-la à excursão.

Coisa singular, mal toquei na aldrava de sua porta, ele me foi de novo presente, e, com ele, essa dor ardente, estúpida, dilaceradora, esse desespero furioso que tanta vez me assaltara. Bati suavemente. Saiu-me ao encontro a sua mulher, fitando-me com esquisita doçura.

— Que tolice fez, Rolando? — disse com mais compaixão do que censura. — Por que se tortura assim?

Quedei-me ali todo confuso. Ela já fora informada de minha conduta louca. Contudo, pôs fim a meu embarço dizendo:

— Hoje seremos razoáveis. Às dez horas, chegará o professor W. com a noiva; tomaremos o trem e, remando e nadando, daremos o tiro de misericórdia em todas essas tolices.

Ousei ainda, com voz angustiada, perguntar, muito inutilmente, se meu mestre voltara. Fitou-me sem responder, pois eu mesmo sabia que a pergunta era vã.

Precisamente às dez horas chegou o professor W. Era um jovem físico que, na qualidade de judeu, vivia bastante isolado da sociedade universitária e que, para falar a verdade, era o único que nos frequentava em nossa solidão. Acompanhava-o a noiva, ou mais provavelmente a amante, uma rapariga cuja boca se abria constantemente para rir, ingênua e um pouco tola, mas precisamente, por isso mesmo, o melhor que se podia desejar para uma escapula desse gênero.

A princípio, viajamos de trem, sempre comendo, conversando e sorrindo um para o outro, até chegarmos à beira de um pequeno lago situado na vizinhança; as semanas de trabalho encarniçado que eu atravessara haviam-me a tal ponto desabituaado dos prazeres da palestra, que essa hora bastou para inebriar-me, como um vinho leve e espumante.

Na verdade, meus companheiros conseguiram perfeitamente, com sua petulância e suas maneiras, semelhantes às das crianças, afastar meus pensamentos dessa esfera sombria e agitada em torno da qual por via de regra sempre giravam zumbindo; e logo que entrei no ambiente campestre e senti de novo meus músculos, ao apostar fortuitamente uma corrida com a moça, tornei-me outra vez o rapaz vivo e despreocupado de outrora.

Na margem do lago, tomamos dois barcos; a mulher do mestre empunhava o leme do meu e no outro o professor remava com a amiga. Logo que nos apartamos da terra, asoberbou-nos a vontade de lutar, vontade de superar-nos mutuamente — no que, na verdade, eu levava desvantagem, pois enquanto eles remavam juntos, eu, de meu lado, estava sozinho. Mas, tirando às pressas o casaco e longamente exercitado em tal esporte, manejei tão vigorosamente os remos que, a golpes possantes, ia sempre aumentando a dianteira sobre o barco vizinho. Havia entre nós um contínuo jorrar de frases zombeteiras, feitas para estimular-nos reciprocamente; excitávamo-nos uns aos outros, e, indiferentes ao ardente calor de julho, sem nos preocuparmos com o suor que pouco a pouco nos inundava, dávamo-nos, como intratáveis galés, de todo coração ao demônio do esporte e ao desejo de superar o adversário. Afinal, chegou-se à meta; era uma

restinga arborizada no meio do lago; fizemos um esforço ainda mais furioso e, para grande triunfo de minha companheira de barco, que também estava entusiasmada pela emulação do esporte, nossa proa foi a primeira a morder a areia.

Desci, todo afogueado e gotejando suor, bêbado do sol a que já não estava acostumado, do impetuoso fervilhar de meu sangue, da alegria do sucesso. O coração batia-me com violência no peito; as roupas colavam-se estreitamente ao corpo suado. O professor não recebera melhor quinhão, e, em lugar de sermos felicitados, nós, os encarniçados campeões, sofremos por muito tempo o riso zombeteiro e impertinente das mulheres por causa de nossa respiração ofegante e de nosso aspecto tão lamentável. Afinal nos concedemos um momento de trégua para refrescar-nos. Por entre gracejos, foram improvisadas duas seções de banho, uma para cavalheiros e outra para senhoras, à direita e à esquerda do maciço plantado. Vestimos rapidamente as roupas de banho; detrás das árvores, cintilavam roupas brancas e braços nus, e enquanto eu e o professor acabávamos de preparar-nos, já as duas mulheres bracejavam voluptuosamente na água. O professor, menos fatigado, atirou-se logo em seu encalço, mas eu, que remara com demasiada força e ainda sentia o coração bater precipite no peito, estendi-me a princípio confortavelmente à sombra e contemplei com prazer as nuvens que passavam acima de minha cabeça, saboreando com delícia o doce zumbido da lassidão em meu sangue tumultuoso.

Mas ao cabo de alguns minutos começaram a chamar-me da água.

— Rolando, avante! Concurso de natação! Prêmios aos nadadores! Prêmios aos mergulhadores!

Não me mexi... Parecia-me que podia ficar deitado assim durante mil anos, com a pele docemente abrasada pelo sol que coava através da folhagem e ao mesmo tempo refrescado pelo ar que me aflorava molemente.

Mas de novo riram de mim, e a voz do professor gritou:

— Está fazendo greve! Esgotamo-lo! Vá buscar o preguiçoso!

Com efeito, logo ouvi no lago um chapinhar que se aproximava, depois a mulher de meu mestre exclamou bem perto de mim:

— Vamos, Rolando! Concurso de natação! Temos de dar uma lição àqueles dois!

Não respondi, divertindo-me em deixar que me procurasse.

— Onde está, então?

Já a areia rangia; pés nus percorriam a praia, e de repente ela surgiu diante de mim, com a roupa de banho molhada colada ao corpo esbelto de rapaz.

— Ah! está aí! Indolente que é! Mas agora levante-se; os outros já estão quase alcançando a ilha, lá embaixo, diante de nós.

Eu estava calmamente deitado de costas; espreguicei-me frouxamente.

— Aqui está muito melhor. Mais tarde irei ter com vocês.

Rindo, ela armou a mão em porta-voz voltado para o outro lado da água, e gritou em tom estridente:

— Ele não quer.

— Atire-o à água, o fanfarrão — respondeu de longe o professor.

Ela insistiu com impaciência:

— Vamos, venha, não me ponha em situação ridícula.

Não fiz mais que bocejar indolentemente. Então ela arrancou um ramo de um arbusto, entre zangada e divertida.

— Vamos! — repetiu energicamente, dando-me, para estimular-me, uma pancada com o ramo no braço.

Sobressaltei-me: batera com demasiada força, e um fino gilvaz vermelho como sangue sulcou-me o braço.

— Agora menos que nunca — opus, meio brincando, meio descontente.

Mas, então, com verdadeira cólera, ela ordenou:

— Venha! Imediatamente!

E como, por desafio, eu não me movesse, bateu-me de novo, desta vez mais forte, com uma vergastada que me deixou a carne em fogo.

Pus-me de pé num salto, furioso, para arrancar-lhe o ramo. Ela recuou, mas peguei-lhe o braço. Involuntariamente, nessa luta pelo galho, nossos corpos seminus aproximaram-se um do outro e quando, tendo-lhe segurado o braço, lhe torci a articulação para obrigá-la a deixar cair o ramo e, cedendo, ela se curvou para trás, ouviu-se estalar uma coisa: rompera-se-lhe a alça da roupa de malha; a parte esquerda abriu-se, descobrindo-lhe o corpo, e, firme e róseo, o bico do seio apontou em minha direção. Contrariando-me o esforço, meu olhar voltou-se para esse ponto, por um segundo apenas, mas isso me perturbou. Tremendo e embaraçado, soltei-lhe a mão prisioneira. Ela virou-se, corando, para reparar bem ou mal com um grampo a alça rasgada. Eu estava ali em pé, sem saber que dizer; ela também estava muda... E a partir desse momento nasceu entre nós dois uma inquietação surda e abafada.

*

— Alô... Alô!... Onde está? — diziam já as vozes vindas da pequena ilha.

— Já vou — respondi precipitadamente.

E, venturoso de escapar a uma nova confusão, pulei na água. Alguns mergulhos, a alegria entusiasta de deslocar-me, a limpeza e a frescura do elemento insensível bastaram para que o perigoso zumbido e o silvo de meu sangue se afogassem sob a onda de um prazer mais possante e mais puro. Logo alcancei nossos companheiros; desafiei o franzino professor para uma série de partidas, em que o venci, e voltamos nadando à terra, onde a esposa de meu mestre, já vestida, nos esperava, para organizar imediatamente, com as provisões trazidas, um jovial piquenique. Fosse, porém, qual fosse a animação dos gracejos que circulavam entre nós todos, involuntariamente eu e ela evitávamos dirigir-nos a palavra; falávamos e ríamos aparentando soberana indiferença. E quando os nossos olhares se encontravam, afastavam-se vivamente, ao passo que experimentávamos um mesmo sentimento: o que tivera de penoso o incidente de há pouco ainda não se dissipara, e sentíamos que estávamos os dois pensando nisso com uma confusa inquietação.

A tarde decorreu rapidamente, com uma nova partida de remo, mas o ardor da paixão esportiva cedia cada vez mais a uma agradável fadiga: o vinho, o calor, o sol absorvido pelos poros, infiltravam-se até o sangue, dando-lhe um curso mais rubro. Já o professor e a sua amiga se permitiam pequenas intimidades que éramos forçados a suportar com certo embaraço; aproximavam-se cada vez mais um do outro, enquanto nós guardávamos uma distância tanto mais inquieta; mas nosso isolamento a dois tornou-se mais consciente pelo fato de as duas petulantes personagens gostarem de ficar para trás na vereda do bosque, para se beijarem mais livremente, e, enquanto estávamos sós, nossa conversação era sempre entravada pela ardente recordação do fato sucedido. Afinal, ficamos os quatro contentes de nos encontrarmos de novo no trem: os outros no pressentimento da noite nupcial, e nós dois porque escapávamos a situações difíceis.

O professor e a amiga acompanharam-nos até nossa casa. Subimos sozinhos a escada; logo que estivemos em casa, senti de novo a influência misteriosa, perturbadora e apaixonante de sua presença. “Não teria ele voltado?”, pensei com impaciência. Ao mesmo tempo, como se me houvesse lido nos lábios esse suspiro mudo, ela disse: “Vamos ver se ele voltou.”

Entramos. O apartamento estava vazio; no quarto dele, estava tudo solitário. Inconscientemente, minha sensibilidade comovida desenhava na poltrona deserta seu vulto oprimido e trágico. Mas as alvas folhas ali estavam intatas, esperando

como eu. Voltou-me a mesma amargura de antes: “Por que fugira? Por que me deixaria sozinho?”

Cada vez com mais violência subia-me à garganta a cólera ciumenta; de novo fervilhava surdamente em mim o desejo torvo e insensato de fazer contra ele alguma coisa má, odiosa.

A mulher seguira-me.

— Fica para o jantar, não é verdade? Não deve ficar sozinho hoje.

Como sabia que eu tinha medo do quarto vazio, do rangido dos degraus da escada, da recordação que eu ruminava? Sempre adivinhava tudo em mim, cada pensamento, embora não expresso, cada intenção má.

Dominou-me o temor, o medo de mim mesmo e do ódio que se agitava em mim. Quis recusar, mas fui covarde e não ousei dizer “não”.

Toda vida execrei o adultério, não por espírito de mesquinha moralidade, cordura e virtude, não tanto por ser um furto cometido na obscuridade, a apropriação de um corpo estranho, mas porque quase toda mulher, em tais ocasiões, trai o que de mais secreto existe no mundo; cada qual é uma Dalila que rouba àquele a quem trai sua intimidade mais humana, para lançá-la em pasto a um estranho... o segredo de sua força ou de sua debilidade. O que me parece uma traição, não é que as mulheres deem o próprio corpo, mas que quase sempre, para justificar-se, soergam o véu da intimidade do esposo e exponham, como no sonho, a uma curiosidade alheia, a um sorriso ironicamente satisfeito, o homem que disso nem suspeita.

Não é o fato de haver encontrado um refúgio, eu que estava desvairado por um desespero cego e furioso, nos beijos de sua esposa, feitos a princípio unicamente de compaixão e só depois cheios de ternura, pois o primeiro sentimento cedeu o lugar ao segundo com uma rapidez fatal; não é isso que julgo ainda hoje como a baixaza mais miserável de minha vida (isso se passou, com efeito, involuntariamente, e ambos nos precipitamos, sem consciência do que fazíamos, no abismo abrasador), e sim o ter-me deixado relatar, no travesseiro macio, confidências sobre o meu mestre, e haver permitido a essa mulher irritada trair a intimidade de seu matrimônio. Por que tolerei, sem repeli-la, que me confiasse que havia alguns anos não tinha comércio carnal com o esposo, e que se perdesse em alusões obscuras? Por que não lhe ordenei imperiosamente que silenciasse sobre o segredo mais pessoal da vida sexual de meu mestre? Mas desejava tão ardentemente conhecer o que ele me ocultava, tinha tamanha sede de sabê-lo culpado para comigo, para com ela, para com todos, que acolhi febrilmente a indignada confissão que me fez da negligência de que era objeto.

Havia nisso algo tão semelhante ao sentimento que eu próprio tinha de ser repellido! Sucedeu assim que ambos, por um ódio confuso e comum, fizemos alguma coisa que imitava os gestos do amor; mas enquanto os nossos corpos se procuravam e se penetravam, só pensávamos nele e só dele falávamos, sempre e sem cessar. Às vezes suas palavras me faziam mal, e eu tinha vergonha de permanecer ali ligado ao que abominava. Mas o corpo já não obedecia à vontade; abandonava-se selvagememente à sua volúpia e, num frêmito, beijei o lábio que traía o homem a quem mais estimava no mundo.

*

Na manhã seguinte fui ao quarto, com a língua amarga de desgosto e de vergonha. No minuto em que o calor de seu corpo deixou de perturbar-me os sentidos, tive consciência da espantosa realidade e da indignidade de minha traição. Nunca mais — senti-o imediatamente — poderei aparecer ante os olhos de meu mestre, nunca mais poderia apertar-lhe a mão: não fora a ele, e sim a mim mesmo, que despojara do meu mais precioso bem.

Agora só havia um recurso: a fuga. Febrilmente, arrumei todas as minhas coisas, reuni num monte todos os meus livros e paguei à senhoria. Ele não devia encontrar-me ali; eu também devia desaparecer misteriosamente e sem motivo, exatamente como ele fazia comigo.

Mas em meio aos movimentos apressados, minha mão estacou de súbito. Ouvira ranger a escada, um passo subia rápido os degraus, era o seu passo.

Sem dúvida eu me pusera lívido como um cadáver, pois, tão logo entrou, teve um grito de assombro:

— Que tens, meu filho? Estás doente?

Recuei. Evitei-o, curvando-me, no momento em que queria aproximar-se mais de mim para assistir-me.

— Que tens? — perguntou assustado. — Aconteceu alguma coisa ruim? Ou então... ainda estás zangado comigo?

Dirigi-me à janela. Não podia fitá-lo. Sua voz quente e compassiva abria em meu ser algo como uma ferida; prestes a desmaiar, sentia afluir em mim, cálido, muito cálido, ardente, devorador, um terrível surto de vergonha.

Mas ele também estava ali admirado, conturbado. Súbito (sua voz fez-se pequenina, hesitante), murmurou uma estranha pergunta:

— Alguém... te disse... alguma coisa a meu respeito?

Sem me voltar para ele, fiz um gesto negativo. Mas um pensamento inquieto parecia dominá-lo; repetiu com obstinação:

— Vamos... confessa... disseram-te alguma coisa a meu respeito?... Não importa quem, não indago quem.

De novo respondi que não. Ele estava ali desconcertado; súbito, pareceu notar as malas prontas, os livros prestes a ser embrulhados, e que precisamente sua chegada interrompera meus últimos preparativos de viagem. Adiantou-se comovido:

— Queres ir-te embora, Rolando, estou vendo... dize-me a verdade.

Dominei-me então.

— Tenho de partir... perdoe-me... mas não lhe posso explicar... escrever-lhe-ei.

Foi-me impossível dizer mais, tão estrangulada tinha a garganta, tanto me batia o coração a cada palavra. Ele ficou paralisado; depois, bruscamente, retomou-o a atitude fatigada.

— É melhor assim, Rolando... Sim, decerto mais vale isso... para ti e para todos nós. Mas antes de partires, quisera falar-te ainda uma vez. Vem às sete da noite, à hora do costume... Dir-nos-emos adeus, de homem para homem. Ninguém deve fugir diante de si mesmo: não há necessidade de caretas... seria pueril, indigno de nós... Depois, o que tenho a dizer-te não se escreve... Virás, então, não é verdade?

Limitei-me a acenar que sim. Meu olhar não ousava ainda deixar a janela. Mas já não via nada da claridade matinal: um véu espesso e sombrio interpusera-se entre mim e o universo.

Às sete horas, entrei pela última vez no querido gabinete; uma obscuridade precoce caía dos reposteiros: ao fundo brilhava apenas a pedra fluida das figuras de mármore, e os livros dormiam muito negros detrás dos vidros de reflexos nacarados. Secreto asilo de minhas lembranças, onde a palavra se tornara para mim magia e onde saboreara a embriaguez e o arrebatamento do espírito como em nenhum outro sítio, sempre te vejo, tal como eras nessa hora de adeus, e sempre revejo a pessoa venerada, que agora se arranca lentamente, lentamente do espaldar da poltrona e encaminha-se para mim como uma sombra. Só sua fronte alveja, como uma lâmpada de alabastro, na obscuridade, e sobre ela ondula, fumo flutuante, a cabeleira do ancião. Agora, erguida com dificuldade, surge a mão, vindo de baixo em busca da minha; já lhe reconheço os olhos que para mim se voltam com gravidade; e já o sinto tomar-me o braço docemente, conduzindo-me a uma cadeira.

— Senta-te, Rolando, falemos claramente. Somos homens e devemos ser sinceros. Não faço pressão sobre ti, mas não seria melhor que esta hora derradeira também criasse uma completa clareza entre nós? Dize-me por que queres ir-te embora. Estás zangado comigo por causa de uma ofensa insensata?

Acenei que não. Era-me insuportável a ideia de que ele, enganado e traído, quisesse tomar a si a culpa.

— Feri-te de algum outro modo, conscientemente ou não? Bem sei que às vezes sou esquisito. Irritei-te, atormentei-te contra a minha própria vontade. Nunca te agradeci bastante por todo o interesse que me dedicaste... Eu sei, eu sei, sempre o soube, mesmo nos minutos em que te maltratava. É essa a razão? Dize-o, Rolando, porque eu queria que nos despedíssemos lealmente um do outro...

De novo sacudi a cabeça, sem poder falar. Até então sua voz fora segura, agora começava a perturbar-se ligeiramente:

— Ou então... torno a perguntar... alguém te referiu qualquer coisa a meu respeito... alguma coisa que julgas vil... repugnante... alguma coisa que faz com que me desprezes?

— Não, não, não...

Esta negativa brotou como um soluço: “Eu, desprezá-lo! A ele, a ele!”

Sua voz impacientava-se:

— Que há então?... Que pode ser então?... Estás cansado de trabalhar?... Ou então é alguma outra coisa que te faz partir?... Uma mulher... é uma mulher?

Calei-me, e esse silêncio era feito de tal forma que nele foi sentida a confissão. O mestre inclinou-se mais perto de mim e murmurou baixinho, mas sem emoção e sem cólera:

— É uma mulher?... Minha mulher?

Continuei taciturno e ele compreendeu. Um tremor percorreu-me o corpo: agora, agora ia explodir, cair sobre mim, bater-me, castigar-me... E eu tinha quase vontade de que chicoteasse a mim, ladrão, a mim, traidor, que me expulsasse a pontapés, como a um cão sarnento, de sua casa profanada.

Mas, coisa estranha... continuou completamente silencioso... e dir-se-ia que o modo por que murmurou pensativamente, falando consigo: “Na verdade, eu devia ter pensado nisso”, quase exprimia um alívio.

Por duas vezes mediu com os seus passos o aposento. Depois estacou ante mim e me disse num tom que me pareceu quase de desprezo:

— E é isso... é isso que tomas tão a sério? Não te disse ela que é livre de fazer o que lhe agrada, de escolher quem lhe aprouver, que não tenho sobre ela direito

algun? Nenhum direito de proibir-lhe coisa alguma, do que aliás não tenho a menor vontade... E por que se constrangeria ela, por amor de quem e precisamente em relação a ti?.. És jovem, és límpido e belo... estavas perto de nós... Como não te teria ela amado, a ti... a ti, belo e jovem como és, como não te amaria? Eu...

De repente sua voz começou a tremer, e ele se inclinou para mim, tão perto que o seu hálito me aflorou o rosto. De novo senti o cálido manto de seus olhares, de novo senti essa estranha luz, como... como nesses raros e singulares instantes que ocorriam entre mim e ele... Aproximava-se cada vez mais.

E depois murmurou baixinho, seus lábios mal se moveram:

— Eu... eu... também te amo.

*

Teria eu tido um sobressalto? Tinham essas palavras provocado involuntariamente em mim um movimento de recuo, inspirado pelo espanto? Ignoro-o, mas de meu corpo devia ter partido um gesto de surpresa e evasão, pois ele cambaleou afastando-se, como alguém que é repellido. Uma sombra obscureceu-lhe o rosto.

— Desprezas-me, agora? — indagou num sussurro. — Agora te inspiro antipatia?

Por que não encontrei nenhuma palavra nesse instante? Por que me limitei a ficar ali, mudo, como que indiferente, embaraçado, entorpecido, ao invés de correr para esse homem cheio de amor e tirar-lhe a preocupação errônea? Mas a onda de todas as recordações veio arrebentar-se fragorosamente de encontro ao quebra-mar de meu eu. Como se a linguagem de todas essas mensagens incompreensíveis acabasse de ser repentinamente decifrada, compreendi então as coisas com uma terrível clareza, a ternura com que ele vinha a mim e sua brusca defesa; compreendi, cheio de perturbação, a tentativa que ele fizera durante a noite, e sua fuga tenaz ante minha paixão que subia para ele com entusiasmo. O amor, sempre o sentira nele, terno e tímido, ora transbordante, ora de novo entravado, por uma força onipotente; esse amor, sentira-o e gozara-o em cada raio que fugazmente caíra sobre mim. Entretanto, quando a palavra “amor” foi pronunciada por essa boca barbuda, com um acento de ternura sensual, passou-me de raspão nas têmporas um calafrio a um só tempo doce e medonho. E, malgrado a humildade e a compaixão que me abrasavam diante dele e por ele,

eu, rapaz perturbado, todo trêmulo e todo surpreso, não encontrei uma palavra para responder à sua paixão que me era revelada de improviso.

Ele estava sentado, aniquilado ante meu silêncio.

— Achas então isso tão absurdo, tão horrendo? — murmurou. — Também tu... não me perdoas, pois, também tu, diante de quem cerrei os lábios quase a ponto de sufocar... Tu, ante cujos olhos me ocultei mais que ante os olhos de nenhum outro?... Mais vale, porém, que o saibas agora; isto já não me oprime... pois minha medida estava repleta... Oh! estava mais que repleta... Mais vale acabar do que ser presa desse silêncio e dessa dissimulação.

Com que tristeza, com que ternura, com que confusão o dizia! Seu tom fremente penetrava até ao fundo de meu ser. Eu tinha vergonha de ficar tão frio, tão insensível e gelado em meu silêncio, ante esse homem de quem recebera mais do que de qualquer outro e que tão insensatamente se humilhava ante mim. Minha alma ardia com o desejo de dizer-lhe uma palavra de consolo, mas meu lábio fremente não me obedecia, e assim, embaraçado, fazia-me tão lamentavelmente pequeno e encolhia-me tanto na cadeira que, quase a contragosto, ele procurou animar-me:

— Mas não sejas assim, Rolando, tão atrozmente mudo... Domina-te, pois... É realmente tão terrível aos teus olhos? Inspiro-te tão grande vergonha?... Agora, está tudo terminado, disseste tudo... Despeçamo-nos ao menos bravamente, como convém a dois homens, a dois amigos.

Mas eu ainda não estava senhor de mim. Então ele me tocou o braço.

— Vem, Rolando, senta-te a meu lado... Estou melhor desde que sabes a coisa, desde que enfim a claridade reina entre nós... A princípio temia que adivinhasses como me és caro... Depois esperei que o sentisses por ti mesmo, simplesmente para me poupar esta confissão... Mas agora a coisa está feita, agora estou livre, agora posso falar-te como nunca falei a um ser humano. Porque me foste mais caro do que qualquer pessoa em todos estes anos, gostei de ti como de mais ninguém... Como ninguém, meu amigo, despertaste o fundo supremo de meu ser... Eis por que, à guisa de adeus, é mister que te conte a meu respeito mais do que sabe qualquer ser humano; senti, com efeito, durante todas essas horas, nitidamente, teu desejo mudo de interrogar-me... Só tu conhecerás toda a minha vida. Queres que te conte?

Nos meus olhos, perturbados e comovidos, viu que o queria.

— Aproxima-te, pois... vem para perto de mim. Não posso dizer tais coisas em voz alta.

Inclinei-me, com piedade; é o termo que convém. Mas, assim que me sentei em face dele, esperando e escutando, ergueu-se de novo.

— Não, assim não... Não debes fitar-me, senão... senão não poderia falar...

E com um gesto apagou a luz.

A obscuridade desceu sobre nós. Eu sentia que ele estava bem perto de mim, sentia-o por seu hálito que, pesado e semelhante a um estertor, se perdia, ao longo, no invisível. Súbito, uma voz se elevou entre nós, contando-me toda a sua vida.

*

Desde a noite em que esse homem, que eu sonharia entre todos, me abriu seu destino, como se abre uma concha dura, desde essa noite, que data de quarenta anos, tudo o que os nossos escritores e poetas nos contam de extraordinário em seus livros, e o que as peças de teatro dissimulam nos bastidores, como sendo demasiado trágico para a luz da cena, parece-me pueril e sem importância. É por indolência, covardia ou insuficiência de visão que todos se limitam a desenhar a zona superior e luminosa da vida, onde os sentidos representam aberta e legitimamente, enquanto embaixo, nos porões, nas cavernas profundas e nas cloacas do coração se agitam, lançando clarões fosforescentes, as bestas perigosas e verdadeiras da paixão, cobrindo-se e despedaçando-se na sombra, sob todas as formas do mais fantástico emaranhamento? Horroriza-o o bafo ardente e devorador dos instintos demoníacos, os vapores do sangue ardente? Temem sujar as mãos demasiado delicadas nas úlceras da humanidade, ou então seu olhar, habituado a claridades mais baças, é incapaz de conduzi-los até esses degraus escorregadios, perigosos e desagradáveis pela podridão? No entanto, o homem que sabe não sente alegria igual à que se encontra na sombra, calafrio tão poderoso como o que decorre do perigo, e, para ele, nenhum sofrimento é mais sagrado do que aquele que, por pudor, não ousa manifestar-se.

Ora, aqui, um homem se revelava a mim na mais completa nudez: aqui um homem dilacerava o âmago de seu ser, prestes a desnudar o coração palpitante, envenenado, consumido e supurante. Havia ali uma volúpia selvagem em martirizar-se voluntariamente, como os masoquistas, nessa confissão contida durante anos e anos. Só que tivera vergonha, quem se curvara e ocultara durante uma vida inteira podia com tal embriaguez transbordante descer à implacabilidade de semelhante confissão. Fragmento por fragmento, um homem arrancava a vida do peito e, nessa hora, eu, que ainda era quase uma criança,

percebi pela primeira vez, com olhos pasmados, as inconcebíveis profundidades do sentimento humano.

A princípio, sua voz vagou imaterial no espaço, como um fumo turvo oriundo da emoção, como uma alusão incerta a fatos secretos; sentia-se, entretanto, justamente pelo modo por que a paixão estava penosamente dominada, que ia desencadear-se furiosamente, assim como em certos compassos violentamente retardados e que precedem um ritmo veemente já se sente nos nervos o *furioso*. Mas em seguida começaram a flamejar imagens, erguendo-se a fremir acima da tempestade interior da paixão e tornando-se paulatinamente mais claras.

Vi a princípio um menino, um tímido menino metido consigo mesmo, que não ousa dizer palavra aos camaradas, mas que um desejo físico, confuso e imperioso atrai precisamente para os mais bonitos meninos da escola. Contudo, quando de uma aproximação demasiado terna, um deles o repeliu com irritação, um segundo zombou atirando-lhe à queima-roupa uma palavra de odiosa nitidez e, o que é pior ainda, ambos pregaram ao pelourinho, perante os camaradas, essa paixão contrária.

Imediatamente, uma unanimidade de mofa e humilhação excluiu, como um pestoso, o menino confuso da jovial camaradagem dos condiscípulos. Ir à escola tornou-se para ele um calvário cotidiano e, portador precoce do ferrete, viu suas noites perturbadas pelo desgosto de si mesmo. A criança repelida por suas iguais sente que sua paixão contra a natureza e que, todavia, só se definiu em sonhos, é uma loucura e um vício ignóbil.

A voz do narrador vacila, incerta. Um instante, parece que ameaça extinguir-se na escuridão. Mas um suspiro restitui-lhe a força, e, do negro turbilhão de fumo, saem agora flamejando novas imagens que se alinham como sombras e fantasmas. A criança tornou-se estudante em Berlim; pela primeira vez a cidade subterrânea permite a satisfação de sua tendência longamente dominada. Mas, como são poluídos pelo desgosto, envenenados pela angústia, esses encontros, onde se pisca o olho, nas esquinas sombrias, na obscuridade das estações e das pontes! Quão pobres são de prazer, sempre num arrepio, cheios de perigos atrozes, findando a maioria das vezes miseravelmente por extorsões e arrastando cada um deles ainda durante semanas, como uma lesma, viscosa esteira de glacial espanto! Caminho infernal entre a sombra e a luz: enquanto, durante o dia claro e laborioso, o crisol do espírito purifica o sábio, à noite sempre torna a mergulhar esse ser de paixão no monturo dos arrabaldes, na companhia de sujeitos equívocos, que a simples vista de um casco pontiagudo de policial basta para pôr em fuga, nas tavernas de pesadas exaltações, cuja porta desconfiada só

se abre a um sorriso convencional. E sua vontade deve pôr-se tensa como o aço, para ocultar essa duplicidade da vida cotidiana, para esquivar prudentemente ao olhar alheio esse segredo tão terrível como a cabeça de Medusa, conservando de dia irrepreensivelmente a atitude grave e digna de um professor, para percorrer em seguida, à noite, incógnito, o mundo subterrâneo dessas aventuras vergonhosas que se desenrolam à meia-luz das lanternas vacilantes. Incessantemente o pobre homem, presa de tortura, esforça-se por fazer entrar na ordem, com o chicote do domínio de si mesmo, essa paixão egressa do caminho natural, mas sempre de novo o instinto o arrasta ao tenebroso perigo. Dez, 12, 15 anos de lutas, alquebrando os nervos, contra a força magnética e invisível de uma inclinação incurável, prolongam-se numa convulsão única, fruição sem prazer, vergonha que sufoca; e pouco a pouco se cava esse olhar, obscurecido e timidamente escondido em si mesmo, que lhe é dado pelo medo de sua paixão.

Enfim, já tarde, depois de trinta anos, uma tentativa enérgica para repor o carro no caminho certo. Numa parenta, veio a conhecer sua futura esposa, uma moça que, obscuramente atraída para ele pelo que o seu ser tem de misterioso, chega a dedicar-lhe um amor sincero. Pela primeira vez o corpo de rapaz e o modo juvenil e petulante dessa mulher podem compensar-lhe algum tempo a paixão. Uma ligação rápida consegue triunfar de sua aversão pelo ser feminino; pela primeira vez sua paixão é vencida e, na esperança de dominar, graças a esse amor natural, a tendência pervertida, impaciente de acorrentar-se ao que, pela vez primeira, lhe dera um apoio contra essa atração interior que sobre ele exerce o perigo, desposa apressadamente — depois de lhe ter confessado tudo — a moça. Agora pensa que está fechada a senda que leva às zonas do horror. Durante algumas semanas, frui a serenidade; mas breve o novo excitante se mostra ineficaz, e o desejo frenético reassume tenazmente sua supremacia. E daí em diante a mulher decepcionada, e que também o decepcionou, só serve de anteparo aos olhos da sociedade, encobrendo a recidiva de sua inclinação.

De novo a estrada perigosa transpõe o limite da lei e da sociedade para descer às trevas do perigo.

E, tormento particular que se junta ao caos de sua alma, designam-lhe um cargo onde essa tendência se transforma em maldição. A companhia permanente dos rapazes é um dever oficial para o livre-docente da faculdade que em breve será professor titular; a tentação impele sempre para ele, ao alcance de seu hálito, uma nova floração de juventude, efebos de uma antiga palestra invisível no meio de um mundo regido pelos parágrafos da lei prussiana. E todos (nova maldição! novos riscos!) o estimam apaixonadamente, sem reconhecer a face de Eros por

trás da máscara do professor; são felizes quando, com um gesto de bonomia, sua mão, que treme secretamente, se pousa neles; prodigalizam seu entusiasmo a alguém que constantemente deve guardar-se deles. Tormentos de Tântalo: mostrar dureza em face de uma premente simpatia, num incessante combate com sua própria fraqueza, um combate que nunca termina! E sempre, quando se sentia prestes a sucumbir a uma tentação, fugia de repente! Eram as escapadas, cuja partida e regresso súbitos tanto me haviam perturbado; agora eu compreendia o que era essa terrível fuga diante de si mesmo, essa fuga no horror das sendas oblíquas e das zonas prostibulares. Dirigia-se então a uma cidade onde encontrava, em algum lugar afastado, tipos familiares, indivíduos de baixa condição, cujo contato enlameava — uma juventude dada à prostituição e que era inteiramente o contrário daquela cujo espírito lhe estava santamente devotado; mas esse desgosto, essa estrumeira, esse horror, esse mordente veneno da desilusão lhe eram necessários para que, em seguida, voltando para casa, no círculo confiado dos estudantes, pudesse de novo ser senhor de seus sentidos. Oh! que encontros, que figuras de fantasmas, e entretanto bem terrenas e malcheirosas, sua confissão evocou diante de mim!

Por que esse homem de alta intelectualidade, para quem a beleza das formas era uma necessidade inata, esse mestre de todos os sentimentos, que no seu espírito só conhecia a pureza, era obrigado a sofrer as supremas humilhações desta terra nas tavernas enfumaradas e escuras somente abertas aos iniciados? Conhecia as insolentes exigências dos jovens peraltas pintados que se requebram nos passeios, a familiaridade adocicada dos cabeleireiros excessivamente perfumados, o riso excitado e como que forçado dos efebos travestidos com roupas de mulher, a furiosa sede de dinheiro dos comediantes sem contrato, a grosseira ternura dos marujos mascadores de fumo, todas essas formas perversas, inquietas, invertidas e fantásticas, nas quais o sexo desvairado se procura e se reconhece, na margem mais torva das cidades. Sentira, nesses caminhos escorregadios, todas as humilhações, todas as vergonhas e todas as violências; várias vezes fora completamente roubado (demasiado fraco, demasiado nobre para chegar às vias de fato com um serviçal de estrebaria), voltara para casa sem relógio, sem sobretudo e, pior ainda, escarnecido pelo “camarada” embriagado do sujo hotel suburbano. Chantagistas tinham-lhe seguido o encalço; um deles o acompanhara por vários meses passo a passo, até a faculdade; sentara-se insolentemente na primeira fila de seus ouvintes e, com um sorriso canalha, fitava o professor conhecido de toda a cidade, o qual, tremendo sob as piscadelas confidenciais desses olhos, tinha extrema dificuldade em chegar ao fim da aula.

Uma vez (meu coração parou quando ele me contou esse fato) fora preso à meia-noite, pela polícia de Berlim, com toda uma malta, num *dancing* mal-afamado; com esse sorriso superior e irônico do subalterno que, uma vez na vida, pode fazer-se de importante às expensas de um intelectual, um agente de polícia, gordo e rubicundo, anotou na caderneta o nome e a profissão do pobre professor todo trêmulo, comunicando-lhe finalmente, a título de graça, que por essa vez estava solto, livre de qualquer sanção, mas que daí em diante seu nome constaria na lista especial. E assim como a roupa de um homem que esteve muito tempo sentado num lugar cheirando a álcool ruim acaba por conservar-lhe o odor, assim também sucedera que aqui, em sua própria cidade, puseram-se pouco a pouco a murmurar a seu respeito, sem saber de onde viera a revelação; pois, exatamente como outrora entre seus camaradas de classe, agora entre seus colegas as conversações e os cumprimentos tornavam-se cada vez mais frios, de um modo cada vez mais ostensivo, até que também essa atmosfera vítrea e transparente acabou por separar de toda a sociedade esse homem sempre solitário que era tratado como um estrangeiro. E até no retiro de sua casa, selvagemmente fechada, sentia-se ainda espiado e desmascarado.

Mas nunca esse coração torturado e angustiado conhecera o favor de uma amizade pura e nobre, a ternura de uma amizade viril situada além dos sentidos; sempre precisava repartir em dois seu sentimento, reservando uma parte às relações elevadas, feitas de doces aspirações, com os jovens companheiros intelectuais da faculdade, e a outra mergulhando nos bordéis onde ia procurar esses “camaradas” tenebrosos, dos quais no dia seguinte só se lembrava com arrepios. Nunca esse homem, que já começava a envelhecer, vira um afeto puro, um adolescente de alma generosa dar-se a ele, e, esgotado pelas decepções, com os nervos dilacerados por essa caça desesperada através dos matagais cheios de espinhos, pensava já com resignação que sua existência não era mais que uma ruína. Eis senão quando entrou um mancebo apaixonadamente em sua vida, oferecendo-se jovialmente, em suas palavras e em seu ser, ao professor envelhecido, dirigindo todo o seu ardor para o ancião que, vencido e sem compreender, estava assombrado do milagre que já não esperava — não se sentindo mais digno de uma dádiva tão pura e oferecida de modo tão ingênuo. Uma vez mais, viera a ele um mensageiro da juventude, uma figura bela com sentidos apaixonados, ardendo por ele de um fogo espiritual, mostrando-se ternamente ligado pelos laços de simpatia, tendo sede de sua amizade e inconsciente do perigo que corria.

Trazendo na alma cândida a flama de Eros, audaz e de nada suspeitando, como Parsifal, inclinava-se para a ferida envenenada, ignorando o encantamento e não sabendo que sua vida já trazia a cura; ele, tão longamente esperado durante toda uma vida, entrara na sua casa muito tarde, demasiado tarde, na hora em que o dia desfalece.

Durante a descrição dessa figura, a voz, também a voz, saía da treva. Uma luz parecia clareá-la; uma profunda ternura punha nela as asas da música, enquanto essa boca eloquente falava do mancebo, do tardio bem-amado. Eu tremia de emoção, de simpatia e de ventura, mas de repente meu coração sentiu como uma martelada. Esse moço ardoroso de que o meu mestre falava era... (o pudor invade-me as faces)... era eu. Via minha imagem ardente, envolta num tal resplendor de afeição inaudita, que seu reflexo bastava para abrasar-me a alma. Sim, era eu, reconhecia-me cada vez melhor, reconhecia minha maneira de ser solícita e entusiasta, esse desejo fanático de aproximar-me dele, esse êxtase apaixonado a que a intelectualidade não bastava; reconhecia-me, rapaz selvagem e louco, que, ignorando seu poder, mais uma vez reabrira nesse ser esgotado a fonte fecunda da criação e que ainda uma vez lhe acendera na alma a chama de Eros, que sua fadiga deixara apagar-se. Via agora com espanto o que fora para ele, eu, o moço tímido, cujo entusiasmo fremente ele estimava, como a mais santa surpresa de sua idade. E, estremecendo, percebia também as lutas que sua vontade devia ter sustentado por minha causa, pois precisamente não queria receber de mim, posto que me amava com um amor puro, nem zombaria nem brutal recusa; não queria sentir em mim o eriçar-se da carne ofendida; não queria entregar a seus sentidos, para um jogo lascivo, o último favor de um destino adverso. Eis por que opunha a meus esforços tão encarniçada resistência, ao mesmo tempo em que derramava sobre meu sentimento transbordante o jato brusco de uma glacial ironia; eis por que as expansões da sua amizade se mudavam subitamente em dureza fictícia, e eis por que refreava a ternura envolvente de sua mão. Era somente por minha causa que se constrangia a todos esses movimentos inamistosos destinados a esfriar-me o entusiasmo e a proteger a ele mesmo, e que durante semanas me perturbavam a alma. Agora eu compreendia com atroz clareza o que fora o selvagem caos dessa noite em que, noctâmbulo de seus sentidos onipotentes, ele subira a escada, para em seguida salvar-se a si mesmo e salvar nossa amizade, graças a uma palavra ofensiva. E a um só tempo fremente, comovido, agitado como se tivesse febre e todo feito compaixão, compreendi o quanto ele sofrera por minha causa e que heroísmo desenvolvera para dominar-se.

Essa voz na obscuridade, essa voz nas trevas, ah! como a sentia penetrar até a estrutura mais íntima de meu peito! Nela ressoava um timbre como eu jamais ouvira antes, e como nunca ouvi depois — um vindo de recessos que o destino dos homens médios não alcança. Um ser humano não podia falar assim a um ser humano senão uma única vez na vida, para calar-se em seguida para sempre, como se diz na lenda do cisne, que ao morrer pode, uma única vez, alçar até ao canto a rouquidão de seu grito. E eu acolhia em mim essa voz que subia cálida, inflamada e penetrante, acolhia-a em doloroso frêmito, como uma mulher recebe o homem em seu ser...

*

Subitamente, a voz calou-se e já não houve entre nós nada além da escuridão. Sabia que ele estava perto de mim. Só com mover a mão, estendendo-a, tocá-la. E eu sentia um poderoso desejo de socorrê-lo em seu sofrimento.

Mas ele fez um gesto, a luz vibrou. Vi erguer-se da poltrona uma figura cansada, envelhecida, atormentada; um ancião esgotado aproximou-se de mim.

— Adeus, Rolando... Nem mais uma palavra agora entre nós. Fizeste bem em vir... e é bom para nós dois que te retires... Adeus... e deixa-me... dar-te um beijo neste instante supremo.

Como sublevado por um poder mágico, inclinei-me para ele. A claridade confusa, que habitualmente era como que detida por uma névoa turva, brilhou-lhe agora nos olhos; uma chama ardente subia bruscamente neles. Atraíu-me a seu lado, seus lábios colaram-se avidamente aos meus, num gesto nervoso, e, numa espécie de convulsão fremente, conservou-me apertado de encontro a seu corpo.

Foi um beijo como eu nunca recebera de uma mulher, um beijo selvagem e desesperado como um grito de agonia. O tremor convulsivo de seu corpo passou ao meu. Sobressaltei-me presa de uma dupla sensação, estranha e ao mesmo tempo terrível: minha alma entregava-se a ele, e entretanto eu estava assombrado até ao âmago de meu ser pela repulsão que sentia em achar-me assim em contato com um homem — medonha confusão de sentimentos que fazia durar esse segundo, durante o qual eu já não me pertencia, a ponto de perder a noção do tempo.

Então, ele me soltou. Foi um abalo como quando um corpo se desarticula sob a ação da violência. Ele voltou-se penosamente e lançou-se na poltrona, dando-me as costas; durante alguns minutos seu corpo imóvel ficou direito, só tendo diante

de si o vácuo. Pouco a pouco, porém, sua cabeça tornou-se demasiado pesada; inclinou-se ligeiramente, cedendo à fadiga e ao esgotamento, e depois, como um grande peso que durante muito tempo oscilou em posição instável e que de repente tomba na profundidade, sua fronte inclinada caiu pesadamente na escrivaninha, com um som abafado e seco.

Apoderou-se de mim uma compaixão infinita. Aproximei-me involuntariamente; mas então seu dorso acabrunhado se endireitou convulsivamente ainda uma vez e, voltando-se para mim, soltou como que um gemido ameaçador, através das mãos crispadas com que cobrira o rosto:

— Vai-te embora... vai-te embora... Não... não te aproximes... pelo amor de Deus... pelo amor de nós dois... Agora, vai-te daqui... vai-te daqui.

*

Nunca mais tornei a vê-lo. Nunca recebi dele carta nem notícia. Seu livro nunca veio a lume, esqueceram-lhe o nome; ninguém se lembra dele, a não ser eu. Mas ainda hoje, como outrora o rapaz ignorante que eu era, sinto que a ninguém devo mais do que a esse homem, nem a meu pai, nem a minha mãe, antes dele, nem a minha mulher e a meus filhos, depois dele, e que a ninguém ame mais do que a ele.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Pedro Staite

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Luisa Suassuna

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Victor Burton

PRODUÇÃO DE EBOOK

[S2 Books](#)

[1] Tradução de Medeiros e Albuquerque.

[2] Tradução de Elias Davidovich.



*Marcel
Proust*

EM
BUSCA
DO
TEMPO
PERDIDO

Box Em busca do tempo perdido

Proust, Marcel 9788520941140

2472 páginas [Compre agora e leia](#)

Em busca do tempo perdido é uma das maiores criações da literatura mundial. Dividida em sete livros, a obra-prima de Marcel Proust foi publicada entre 1913 e 1927, e sua beleza e força vão se revelando cada vez mais impactantes com o correr dos anos. A presente edição da Nova Fronteira conta com a primorosa tradução de Fernando Py e é dividida em três partes. Uma obra monumental, que deixou marcas eternas na literatura.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson 9788520938188

136 páginas [Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



O que é arte?

Tolstói, Leon 9788520941188

248 páginas [Compre agora e leia](#)

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a polêmica visão de Leon Tolstoi. Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador. Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson 9788520938218

128 páginas [Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!" EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem 9788520941355

208 páginas [Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)